Os 77 Melhores Contos
Grimm
Íside M. Bonini
TRADUÇÃO
Ramirez
ILUSTRAÇÕES
Luciana Sandroni
INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO
EDITORA NOVA FRONTEIRA
RAMIREZ

Jacob e Wilhelm
Grimm

Grimm
Os 77 Melhores Contos

ISBN 9788520942598
1. Conto alemão. I. Grimm, Jacob Ludwig Karl. II. Sandroni, Luciana. III. Ramirez. IV. Bonini, Íside M. V. Título.
18-47697

CDD: 833
CDU: 821.112.2-3

Sumário

Volume I

Volume II

Grimm
Os 77 Melhores Contos
VOLUME I
Íside M. Bonini
TRADUÇÃO
Ramirez
ILUSTRAÇÕES
Luciana Sandroni
INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Introdução

Era uma vez dois irmãos, Jacob e Wilhelm, que moravam em terras distantes com os pais e adoravam ler e estudar. Um dia, porém, com a morte repentina do pai, a família caiu na miséria, e os dois saíram pelo mundo em busca de trabalho. A mãe deu a eles uma sacola com um lanche, moedas, e desejou boa sorte.

No caminho até a cidade, os irmãos entraram numa floresta, onde se perderam. Estavam ali aflitos quando, de repente, encontraram uma velha sentada num galho de uma árvore:

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Vamos para a cidade procurar trabalho, mas nos perdemos — disse Jacob.

— E o que vocês sabem fazer?

— Nada… Quer dizer, sabemos ler, estudar…

— Ah, que bom! — exclamou a velha, pulando do galho com muita agilidade. — Já tenho um trabalho para vocês. Quero que ouçam as histórias que o povo conta. São muito antigas, do tempo que os bichos falavam. Escrevam tudo e não mudem uma só vírgula! Depois tragam para mim o que escreveram e em troca lhes darei muitas moedas de ouro. A cidade é naquela direção — disse, apontando.

Os irmãos perceberam que aquele era um trabalho perfeito para eles. Então, correram atrás de camponeses, sapateiros, alfaiates, moleiros, lenhadores, caçadores, pastores de ovelhas, enfim, todos que tinham uma história bem antiga contada pela avó, que, por sua vez, tivesse ouvido da avó dela. Anotaram mais de duzentas histórias, cada uma mais mirabolante que a outra.

De volta à floresta, procuraram pela velha, mas ela tinha desaparecido, como por encanto.

— E agora? — perguntou Wilhelm.

— Vamos voltar para casa. — respondeu Jacob, jogando a papelada no chão.

De repente, uma raposa desceu de uma árvore e disse:

— Por que vocês não publicam um livro com essas histórias? Aposto que ficarão ricos!

Os dois, sem pestanejar, retornaram à cidade, e um editor se entusiasmou pelos contos:

— Isso aqui vai vender que nem banana, maçã e batata na feira!

Dito e feito: o livro fez um grande sucesso. Os dois voltaram para casa com a bolsa abarrotada de moedas de ouro. Foi a maior alegria. E até hoje os contos dos irmãos Grimm encantam crianças e adultos da Alemanha e de todos os países do mundo.

Depois de ler tantos contos de fadas, é irresistível iniciar a introdução a *Os 77 melhores contos de Grimm* desta maneira, contagiada por narrativas fantásticas. Foi uma viagem no tempo; senti como se estivesse numa aldeia medieval com sapateiros, alfaiates, lenhadores e caçadores enfrentando mil peripécias. Também mergulhei no interior da floresta densa, onde encontrei velhas feiticeiras e animais falantes. E entrei em castelos com reis, príncipes e princesas passando por muitos percalços. São histórias simples, com origem na Idade Média, contadas para adultos e crianças ao redor da fogueira, que falam de privações (fome, miséria), amadurecimento e, após muitas aventuras, o regresso do herói depois de ter vencido o mal (bruxa, ogro, gigante). Foram esses contos — alguns bem violentos — que, vejam só, originaram a literatura infantil.

Mas vamos sair da ficção e falar um pouco sobre a vida real dos dois escritores. Jacob e Wilhelm Grimm nasceram em Hanau, no estado de Hessen, na Alemanha, em 1785 e 1786. A mãe, Dorothea Grimm, teve nove filhos, porém somente seis sobreviveram. O pai, Philipp Wilhelm Grimm, era funcionário da Justiça. Com a sua morte, em 1796, a família ficou com sérios

problemas financeiros, e Jacob e Wilhelm foram morar com a tia na cidade de Kassel. Lá estudaram para ingressar no curso de Direito.

Na universidade, um professor notou a aptidão dos dois para a pesquisa e abriu as portas de sua biblioteca. Os irmãos se encantaram pelas obras do romantismo alemão, que venerava as lendas e os mitos populares. Começaram trabalhando como bibliotecários e se tornaram amigos dos escritores Achim von Arnim e Clemens Brentano — também envolvidos com a tradição oral alemã —, que indicaram algumas obras importantes com registros de narrativas da Idade Média, como o livro *Conto dos contos*, de histórias orais italianas recolhidas por Giambattista Basile, de 1634.

O amor pela língua alemã e pela literatura foi tanto que Jacob e Wilhelm abandonaram o Direito e se tornaram filólogos, estudiosos da gramática, professores universitários e pesquisadores do conto popular. Eles colecionaram muito material impresso até, finalmente, passarem para as fontes orais. Reuniam-se com amigos, e cada um contava histórias que ouvia na infância. Alguns empregados também colaboravam com mais contos, como é o caso de Katharina Dorothea Viehmann, camponesa, que narrou 37 contos e foi homenageada na introdução do livro *Contos de fadas para o lar e as crianças* (*Kinder-und Hausmärchen*), de 1815:

> *Tivemos uma boa oportunidade quando conhecemos uma camponesa da aldeia de Niederzwehren, perto de Kassel. Ela nos contou a maior parte dos mais belos contos do segundo volume. A senhora “Viehmännin” (…) guardava cuidadosamente, de memória, velhas lendas e costumava dizer que esse dom não é dado a todos e que há os que não conseguem conservar coerentemente as coisas para transmiti-las. Falava lentamente, com segurança e incrível vivacidade. A princípio, narrava as histórias com muita rapidez; depois, era só pedir que ela contava tudo devagar, de modo que se conseguia acompanhar escrevendo.*

Os contos dos irmãos Grimm fizeram grande sucesso na Alemanha e, mais tarde, foram traduzidos por toda a Europa. No século XX, as histórias foram adaptadas por Walt Disney e tornaram-se clássicos ainda mais populares — infelizmente com muitas adaptações, mas sem perder a magia.

Ler os seis volumes de *Contos e lendas dos Irmãos Grimm*, da antiga Edigraf, com tradução de Íside M. Bonini, foi uma experiência única. Muitas histórias são conhecidas das crianças, mas a maioria delas não. Essas me surpreenderam pelas narrativas sem fim e a quantidade de tarefas que o herói e a heroína precisam cumprir. Desse grupo, destaco alguns contos: *Os dois irmãos, Os dois companheiros de viagem, A alface mágica, Os quatro irmãos habilidosos*, *As três folhas da serpente*, *Os seis criados*, *O príncipe e a princesa* e *O pescador e sua esposa*. Outro grupo de histórias divertidas tem um tema bem recorrente: o do filho caçula menosprezado pela família, mas que, no final, vence os obstáculos e triunfa. Nele destaco *O homem que queria ter medo, O ganso de ouro, O grifo* e *As três penas*. Os "contos anedotas" também valem um registro: *O doutor Sabe-tudo*, *Margarida, a esperta*, *O camponesinho no céu* e *O alfaiate valente* são críticos e muito engraçados.

Um tema que chamou a atenção foi o das personagens femininas decididas e obstinadas, como em *O ouriço-do-mar,* em que a princesa, não querendo casar em hipótese alguma, resolve baixar um decreto: só se casará com o homem que se esconder tão bem que seja impossível descobri-lo. Os pretendentes descobertos serão degolados, e suas cabeças enfeitarão o muro do castelo. A princesa ainda proclama aos quatro ventos: "Assim viverei livre e feliz o resto da minha vida!" Que tal? Os contos de fadas sempre atuais… Também no mesmo clima, temos *Os doze caçadores*, em que a princesa se disfarça de homem para se aproximar do amado e salvá-lo de um feitiço.

Já os contos *Branca de Neve*, *Cinderela, Rapunzel, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho* e *João e Maria* formam um grupo de narrativas mais conhecidas do público. Mas aqui vale uma lembrança: estes são contos originais, cujos detalhes foram amenizados nas adaptações: aqui as irmãs da Cinderela são incentivadas pela mãe a cortar os dedos ou o calcanhar para que o sapatinho caiba em seus pés. E na versão dos Grimm não há fada madrinha…

E por que 77? O número 7 é bastante simbólico e recorrente em vários contos. Quando Branca de Neve completa sete anos, sua madrasta manda matá-la. Ela consegue fugir e encontra a casa dos sete anões. O número

também aparece nos contos *Os sete Corvos*, *O cravo*, *João, o felizardo*, entre outros. E assim pensamos nessa homenagem.

Agora é aproveitar esta bela edição e entrar na fantasia e no encantamento dos contos dos irmãos Grimm. Boa leitura!

— *Luciana Sandroni*

A pastorinha de gansos

Era uma vez uma velha rainha que enviuvara havia muito tempo, ficando apenas com uma filha de extrema beleza.

A menina foi crescendo e se tornou uma belíssima jovem, então foi prometida em casamento ao filho do rei de um reino distante. Quando chegou a época de se realizarem as bodas, ela teve que partir para o reino do noivo. A rainha viúva deu-lhe um riquíssimo enxoval que, além de muita roupa maravilhosa, incluía também uma grande quantidade de móveis finamente entalhados, joias raras, cristais finíssimos e uma infinidade de objetos de ouro e prata; em suma, deu-lhe tudo que convinha a uma princesa real, pois amava ternamente sua única filha. Para a longa viagem deu-lhe ainda uma aia, incumbida de acompanhá-la e entregá-la nas mãos do príncipe. No momento de partir, cada uma recebeu um cavalo, sendo que o da princesa se chamava Falante, porque sabia falar.

Na hora das despedidas, a rainha foi ao quarto; com uma faquinha de ouro cortou o dedo e deixou pingar três gotas de sangue num lencinho branco de rendas; em seguida, entregou o lenço à filha, recomendando-lhe:

— Minha querida filha, guarda isto com muito cuidado; será de grande auxílio na viagem.

Abraçaram-se e beijaram-se com grande tristeza; depois de guardar o lenço no decote do vestido, a princesa montou o cavalo e partiu. Após algumas horas de viagem, ela teve sede e pediu à aia:

— Apeia e vai buscar, com o copo que trouxeste para mim, um pouco de água daquele regato; estou com muita sede.

— Se tendes sede — respondeu a aia rispidamente —, desce do cavalo e vá beber no regato, pois não me agrada ser vossa criada.

Como estivesse realmente com muita sede, a princesa apeou, foi até ao regato e bebeu; não tendo tido a coragem de pedir o copo de ouro bebeu nas mãos, suspirando: “Ai, meu Deus!”

As três gotas de sangue do lencinho disseram:

— Ah, se tua mãe o soubesse, o coração dela se partiria de dor!

A princesa, porém, não disse nada; voltou humildemente a montar o cavalo e a viagem continuou. Cavalgaram muitos quilômetros. O dia estava quente e

o sol, abrasador; a princesa tornou a sentir sede e, ao chegar perto de outro regato, já esquecida da grosseria da aia, pediu-lhe outra vez que lhe fosse buscar um copo de água.

Mas a aia respondeu com desdém:

— Quer beber? Então apeia e vá beber. De hoje em diante você está proibida de me considerar sua criada.

A princesa desmontou do cavalo, debruçou-se junto do regato e bebeu com as mãos em concha, suspirando: “Ai, meu Deus!”

E as três gotas de sangue responderam:

— Ah, se tua mãe o soubesse, o coração dela se partiria de dor!

Estando ela assim debruçada sobre o regato, o lenço caiu dentro da água e foi levado correnteza abaixo. Porém, tão aflita e preocupada, não deu por isso. Mas a aia bem que viu e exultou; pois daí em diante a noiva estava em seu poder. Tendo perdido aquelas preciosas gotas de sangue, tornara-se sem forças e incapaz de qualquer autoridade. Quando a princesa fez menção de montar o cavalo, a aia se antecipou, lhe dizendo com altivez:

— Não, não. Falante agora me pertence; você ficará com o meu que é velho.

A pobre princesa teve de submeter-se. A aia ordenou-lhe ainda que despisse os ricos trajes reais e os substituísse pelos seus rústicos vestidos de simples criada, fazendo-a jurar, sob pena de morte, que do ocorrido não contaria nada a ninguém na corte de seu noivo.

Falante, porém, tudo vinha observando com grande atenção.

Depois disso, a aia montou no Falante e a noiva legítima no velho cavalo. Assim fizeram o resto da viagem.

Ao chegarem ao castelo real, foram recebidas com grandes manifestações de alegria; o noivo foi ao encontro das duas e ajudou a aia a descer do cavalo, certo de que fosse a sua noiva. Acompanhada de luzido cortejo, a criada entrou no castelo, enquanto a princesa ficou lá fora no pátio.

Mas o velho rei, pai do noivo, que estava à janela, viu a delicada e mimosa jovem parada no meio do pátio completamente esquecida. Impressionado pela sua graça e beleza, foi perguntar à falsa noiva quem era aquela criatura que trouxera consigo e deixara lá fora.

— Ah — disse a noiva —, é uma pobre moça que apanhei na estrada para me fazer companhia. É bom dar-lhe alguma ocupação para que não fique por aí vagabundando.

O rei não sabia que serviço lhe podia dar; finalmente, depois de pensar um

pouco, teve uma ideia.

— Tenho um rapazinho que pastoreia os meus gansos; ela poderia ajudá-lo!

Assim, a pobre princesa foi pastorear gansos junto com o rapazinho, que se chamava Conrado.

Alguns dias depois a embusteira disse ao noivo:

— Meu querido noivo, desejo pedir-lhe um favor todo especial.

— Será atendida com o maior prazer — respondeu o príncipe.

– Desejo que mande cortar a cabeça do cavalo em que vim montada, pois deu-me muitos aborrecimentos pelo caminho.

Na verdade, porém, ela estava com medo de que o cavalo revelasse os maus-tratos que dispensara à princesa. As coisas estavam a tal ponto que não foi possível ao príncipe deixar de atendê-la e o bom cavalo Falante teve de morrer.

A novidade espalhou-se e, ao ter conhecimento dela, a princesinha desmaiou. Então chamou, em segredo, o açougueiro que matara o cavalo e, cautelosamente, prometeu que lhe daria umas moedas de ouro se lhe prestasse um pequeno favor. Havia na cidade um portão com um grande arco de pedra, escuro, sob o qual ela tinha que passar, diariamente, com os gansos. Queria que o homem pregasse a cabeça do cavalo nesse arco a fim de ter a consolação de ver ainda algumas vezes o querido corcel.

Na manhã seguinte, muito cedo, a princesa e Conrado, tocando os gansos, passaram sob o arco de pedra e ela exclamou tristemente:

— Ó Falante, que aí estás pregado!

E a cabeça respondeu:

— Ó pequena Rainha que cuida
dos gansos de teu senhor.

Se tua mãe o soubesse,
o coração dela se partiria de dor!

Ela continuou, silenciosamente, o caminho para fora das muralhas da cidade, rumo ao campo onde os gansos iam pastar. Chegando a um belo relvado, a princesa sentou-se e soltou os maravilhosos cabelos dourados. Conrado ficou tão deslumbrado com o brilho dos cabelos dela que desejou arrancar alguns. A princesa, então, cantarolou:

— Sopra, sopra forte, amigo vento!
Carrega para além deste prado
o chapeuzinho de Conrado,
e não permitas que ele o alcance
antes de pronto o meu penteado!

No mesmo instante, levantou-se um forte vento, que levou para longe o chapeuzinho de Conrado, obrigando o pobre rapazinho a correr-lhe atrás pelo campo afora.

Quando, finalmente, voltou com o chapeuzinho, ela já tinha penteado os cabelos e prendido sob a touca, de modo que ele não conseguiu furtar nem um fio dos cobiçados cachos.

Então Conrado ficou muito zangado e não quis mais falar com ela; assim guardaram os gansos, em silêncio, até ao cair da noite; depois regressaram ao castelo.

Na manhã seguinte, tornando a passar sob o arco de pedra, a princesa suspirou e repetiu as palavras da véspera:

— Ó Falante, que aí estás pregado!

Falante respondeu:

— Ó pequena Rainha que cuidas
dos gansos de teu senhor.
Se tua mãe o soubesse,
o coração dela se partiria de dor!

No campo, ela sentou-se outra vez no relvado e pôs-se a pentear a os lindos cabelos dourados. O rapazinho correu para ela no intuito de roubar-lhe um cacho; mas ela, mais que depressa, repetiu o verso:

— Sopra, sopra forte, amigo vento!
Carrega para além deste prado
o chapeuzinho de Conrado,
e não permitas que ele o alcance
antes de pronto o meu penteado!

O vento soprou com força e carregou para longe o chapeuzinho de Conrado, que foi obrigado a correr para apanhá-lo. Quando voltou, a princesa já estava penteada e com a touca na cabeça; assim, nem desta vez pôde o rapazinho satisfazer o desejo de arrancar-lhe alguns fios de cabelo. Ficou muito zangado e deixou de falar com ela durante o resto do dia. Mas à noite, assim que chegaram ao castelo, Conrado foi ter com o rei, declarando:

— Não quero mais pastorear os gansos junto com essa moça.

— Por quê? — indagou o velho rei.

— Porque ela me aborrece o tempo todo!

O rei, então, exigiu que ele contasse direito o que se passava.

— Ora, todas as manhãs — disse Conrado —, quando passamos com os gansos sob o arco de pedra, ela fala com a cabeça de cavalo lá dependurada, dizendo:

— Ó Falante, que aí estás pregado!

E a cabeça lhe responde:

— Ó pequena Rainha que cuidas

dos gansos de teu senhor;
se tua mãe o soubesse,
o coração dela se partiria de dor!

Depois contou a história do vento que lhe arrancava o chapéu da cabeça e ele tinha que correr por todo o campo a fim de apanhá-lo.

O rei mandou que fossem, ainda no dia seguinte, levar os gansos ao prado; e, muito cedo, foi postar-se atrás do arco e ouviu a moça que falava à cabeça do cavalo. Depois seguiu-a ocultamente até ao prado e se escondeu atrás de uma moita. Com os próprios olhos viu a pastorinha sentar na relva e soltar a maravilhosa cabeleira que cintilava como ouro puro. E viu o rapaz aproximar-se e ela dizer depressa:

— Sopra, sopra forte, amigo vento!
Carrega para além deste prado
o chapeuzinho de Conrado,
e não permitas que ele o alcance
antes de pronto o meu penteado!

Mal a pastorinha acabou de dizer o verso uma forte lufada de vento carregou para longe o chapéu de Conrado, que saiu a correr para apanhá-lo. Enquanto isso, a moça penteou tranquilamente os formosos cachos de ouro, e o rei tudo observava com grande atenção.

Sem que fosse notado, o rei voltou para o castelo e, à noite, quando a pastorinha regressou, chamou-a para um canto e perguntou-lhe o que significava tudo aquilo.

— Não posso contar, Majestade, nem posso revelar a ninguém a minha mágoa. Jurei à luz do sol nunca dizer nada a ninguém. Se quebrar meu juramento, perderei a vida.

O rei insistiu com firmeza, mas não conseguiu arrancar-lhe mais uma só

palavra. Então lhe disse:

— Pois bem, já que não queres contar a mim o teu segredo, confia-o ao fogo da lareira.

Dito isto, virou-lhe as costas e foi-se embora.

Ao ficar sozinha, a moça debruçou-se sobre o fogo chorando e lamentando-se amargamente. Desabafou sua grande mágoa, dizendo:

— Eis-me aqui só e abandonada de todos! No entanto, sou uma princesa. Ao passo que uma perversa aia, que me forçou a trocar meus vestidos reais pelos dela, está usurpando meu lugar junto ao príncipe, meu noivo. E eu sou obrigada a pastorear gansos no prado e fazer os trabalhos mais grosseiros. Ah, se minha mãe o soubesse, o coração dela se partiria de dor!

O rei, que fingira afastar-se, estava postado atrás da lareira e ouviu toda a confissão da pobre moça. Voltou para o salão e mandou a pastorinha sair de junto a lareira. Depois deu ordens às camareiras para que a vestissem e a arrumassem como convinha a uma verdadeira princesa. Ela ficou tão linda que parecia um sonho.

O rei chamou o filho e o pôs ao par de tudo, revelando que ficara com a falsa noiva, uma simples aia, enquanto a verdadeira noiva ia pastorear gansos no prado.

O príncipe ficou deslumbrado ante a beleza e encanto da moça; mandou logo preparar um suntuoso banquete para festejar o encontro e convidar todos os amigos e parentes. O noivo sentou-se à cabeceira da mesa, tendo a princesa de um lado e a aia do outro. Esta última estava tão deslumbrada com a magnificência da princesa que não a reconheceu naqueles trajes fulgurantes.

Quando terminaram de comer e beber e os convivas estavam no auge da animação, o velho rei contou à aia, com grande habilidade, uma história bem semelhante à dela e perguntou:

— Que castigo achas que merece uma pessoa que assim trai o seu amo?

A falsa noiva, sem desconfiar de nada, respondeu:

— Acho que uma pessoa assim deveria ser desnudada e colocada dentro de um barril todo forrado de pontas de pregos, ao qual deveriam atrelar dois fogosos cavalos que o arrastassem pelas ruas da cidade até ela morrer.

— Essa criada perversa é você — disse o rei —, e acaba de proferir a sua própria condenação; assim será feito.

A sentença foi logo cumprida. Depois, o príncipe casou com a verdadeira princesa e ambos reinaram durante longos anos na mais completa felicidade.

Um-olhinho, Dois-olhinhos, Três-olhinhos

Era uma vez uma mulher que tinha três filhas. A mais velha chamava-se Um-olhinho, porque só tinha um olho no meio da testa; a segunda chamava-se Dois-olhinhos, porque tinha dois olhos, como todo mundo; e a terceira chamava-se Três-olhinhos, porque tinha três olhos: o terceiro estava no meio da testa.

Como Dois-olhinhos era igual ao resto da humanidade, a mãe e as irmãs detestavam-na. Por isso diziam:

— Você, com os seus dois olhos, não é nada diferente da gente vulgar! Nada tem em comum conosco!

Viviam a enxotá-la de um lado para outro aos empurrões; atiravam-lhe os piores vestidos e, para se alimentar, davam-lhe as sobras de comida; a infernizavam de mil maneiras.

Um belo dia, Dois-olhinhos tinha que levar as cabras para pastar, mas estava fraca de tanta fome porque as irmãs lhe haviam deixado pouquíssimas sobras para comer. Então sentou-se numa pedra no campo e começou a chorar, chorou tanto que as lágrimas escorrendo pelas suas faces e formaram dois riachos.

Enquanto estava assim chorando, viu uma mulher na sua frente, que lhe perguntou:

— Por que está chorando?

Dois-olhinhos respondeu:

— E não tenho razão para chorar? Só porque tenho dois olhos, como todo mundo, minha mãe e minhas irmãs me detestam, me empurram de um canto para outro, me atiram vestidos velhos e me dão apenas restos de comida para me alimentar. Hoje comi tão pouco que estou morrendo de fome.

A mulher, que era uma fada, então disse:

— Enxuga seus olhos, minha menina; vou lhe dizer uma coisa, para que não passe mais fome. Basta que diga à sua cabrinha:

— Minha cabrinha,
põe a mesinha!

E logo surgirá à sua frente uma mesinha ricamente posta, coberta com o que há de melhor no mundo, e ninguém te impedirá de comer até se fartar. Assim que se sentir satisfeita, diga:

— Minha cabrinha,
tira a mesinha!

E a mesinha desaparecerá.

Dito isto, a fada retirou-se e a mocinha ficou a pensar: “Vou experimentar já fazer o que ela disse, para ver se é verdade, pois estou morrendo de fome!” Dito e feito. Aproximou-se da cabra e disse:

— Minha cabrinha,
põe a mesinha!

Mal acabou de pronunciar essas palavras, surgiu a mesinha e, sobre a linda e alva toalha que a cobria, viu um talher e um prato, tudo de prata, e vários pratos deliciosos, bem quentinhos, como se tivessem saído do fogo.

Dois-olhinhos ajoelhou-se e rezou uma oração bem curta, pois a fome não permitia mais: “Senhor e Deus meu — disse ela —, que sejas o meu hóspede, agora e para sempre. Amém.” Em seguida, serviu-se e comeu com grande apetite. Depois de comer até dizer chega, repetiu as palavras que a fada lhe ensinou:

— Minha cabrinha,
tira a mesinha!

E a mesa, com tudo o que tinha em cima, desapareceu.

“Ah” — pensou ela muito feliz —, “essa é uma boa maneira de se cozinhar!”

À noitinha, quando regressou à casa levando a cabra, lá encontrou apenas um pratinho de barro, com um pingo de sobras deixadas pelas suas irmãs mas não tocou nele. No dia seguinte, tornou a levar a cabra a pastar, sem tocar nos restos que lhe deram para comer.

Ora, nas primeiras vezes isso não despertou a atenção das irmãs, mas, como o caso se repetisse, elas ficaram desconfiadas e disseram:

— Aí tem coisa! Dois-olhinhos não toca mais na comida que antes devorava. Decerto encontrou outra saída!

Para descobrir a verdade, Um-olhinho foi incumbida de segui-la ao campo e prestar bem atenção ao que ela fazia, e ver se alguém lhe dava comida e bebida.

Assim que a irmã se pôs a caminho, Um-olhinho se aproximou dizendo:

— Vou com você ao campo. Quero ver se cuida bem das cabras e as deixas pastar direito.

Dois-olhinhos percebeu a intenção da irmã e, uma vez no campo, levou a sua cabra para o meio de um capim muito alto e disse:

— Vem Um-olhinho, sente-se aqui. Eu te cantarei qualquer coisa.

Um-olhinho sentou-se, pois estava muito cansada pela caminhada que dera e pelo calor que fazia. A irmã então começou a cantarolar:

— Um-olhinho, está acordada?
Um-olhinho, está dormindo?

E ela, fechando o olho, adormeceu. Certificando-se de que a irmã dormia realmente e não poderia revelar nada, Dois-olhinhos chamou a cabra:

— Minha cabrinha,
põe a mesinha!

Comeu tudo o que quis, bebeu o que lhe apetecia, e tornou a dizer:

— Minha cabrinha,
tira a mesinha!

Imediatamente, desapareceu a mesa e tudo o que havia em cima dela. Em seguida despertou a irmã dizendo:

— Um-olhinho, você veio tomar conta das cabras e ver se pastam o bastante e acaba dormindo! Com você, elas poderiam se perder tranquilamente! Vem, levanta, vamos para casa.

Voltaram as duas para casa e também desta vez Dois-olhinhos deixou intacto o prato de comida. Um-olhinho não pôde explicar à mãe a razão por que a irmã não comia, e se desculpou dizendo:

— Eu nada vi, pois lá no campo me deu sono e eu dormi um pouco.

No dia seguinte, a mãe disse a Três-olhinhos:

— Vá você com a sua irmã e presta bem atenção se ela come alguma coisa ou se alguém lhe dá o que comer e beber.

Quando Dois-olhinhos saía com as cabras, Três-olhinhos disse-lhe:

— Vou com você. Quero ver se cuida bem das cabras e as deixa pastar bastante.

A irmã compreendeu a intenção dela e, chegando ao campo, levou a cabra para o meio do capim bem alto, depois disse:

— Sente-se aqui, Três-olhinhos, quero cantar alguma coisa para você.

Cansada pela caminhada e pelo calor, Três-olhinhos se sentou e a irmã começou a cantarolar o seu estribilho:

— Três-olhinhos, está acordada?

Mas em vez de cantar:

— Três-olhinhos, está dormindo?

Cantou distraidamente:

— Dois-olhinhos, está dormindo?

E foi cantando, distraidamente:

— Três-olhinhos, está acordada?
Dois-olhinhos, está dormindo?

Então, dois dos olhos da irmã se fecharam e dormiram, mas o terceiro ficou aberto, pois a canção não se dirigira a ele. Três-olhinhos, astuciosamente, o fechou como se estivesse dormindo realmente. Entretanto, com ele espiava e enxergava tudo. Quando a irmã pensou que ela estivesse perfeitamente adormecida, pronunciou as palavras conhecidas:

— Minha cabrinha,
põe a mesinha!

Surgiu a mesa e ela comeu e bebeu fartamente, depois fez desaparecer tudo, dizendo:

— Minha cabrinha,
tira a mesinha!

Três-olhinhos viu tudo. A outra se aproximou, a despertou e disse:

— Três-olhinhos, adormeceu? Como guarda bem as cabras! Vem, vamos para casa.

Chegando a casa, Dois-olhinhos não comeu nada, mas a irmã contou à mãe que uma cabra lhe servia a melhor comida, numa mesa magnífica.

A mãe, cheia de inveja e de ódio, gritou:

— Ah, quer passar melhor do que nós? Há de perder esse gosto!

Depois de dizer isso, foi buscar um facão de açougueiro e matou a cabra.

Dois-olhinhos saiu desesperada, foi sentar-se numa pedra no campo e desatou a chorar. Repentinamente surgiu à sua frente a fada, dizendo:

— Por que está chorando, Dois-olhinhos?

— E não tenho razão para chorar? Minha mãe matou a cabra que todos os dias me dava tão gostosos alimentos; agora voltarei a passar fome!

— Vou te dar um ótimo conselho — disse a fada. — Volta para casa, pede que te deem os intestinos da cabra e os enterre diante da porta. Será a sua felicidade.

Então desapareceu, e Dois-olhinhos foi para casa.

— Queridas irmãs — disse ela —, podem me dar alguma coisa da minha querida cabra?! Não exijo o melhor, quero apenas os intestinos.

As irmãs começaram a rir desse estranho pedido e disseram:

— Pode ficar com eles, já que não quer outra coisa!

À noite, quando estavam todas recolhidas, Dois-olhinhos pegou os intestinos da cabra e, ocultamente, os enterrou diante da porta de casa, tal como lhe aconselhou a fada.

No dia seguinte, quando despertaram, as irmãs, chegando à janela, viram uma árvore estupenda, maravilhosa, coberta de folhas de prata, no meio das quais balançavam lindas maçãs de ouro, tão lindas como certamente não existiam iguais no mundo. Mas não sabiam como havia surgido ali, durante a noite. Somente Dois-olhinhos compreendeu que a árvore surgira dos intestinos da cabra, enterrados justamente naquele lugar.

A mãe, então, disse a Um-olhinho:

— Minha filha, suba na árvore e colhe algumas frutas para nós.

Um-olhinho obedeceu, mas, quando ia colher uma fruta, os galhos fugiam das suas mãos. Por mais que tentasse, sempre que ia agarrar uma fruta, esta se afastava e não conseguiu apanhar nenhuma. Então a mãe disse à outra filha:

— Três-olhinhos, vai você. Com os teus três olhos poderá ver melhor que sua irmã.

Ela subiu, mas não teve melhor êxito. Por mais que olhasse e fizesse, as maçãs de ouro fugiam das suas mãos e nada conseguiu.

A mãe acabou por perder a paciência e subiu ela mesma na árvore, mas teve a mesma sorte das filhas. Então Dois-olhinhos se ofereceu para colher as frutas. As irmãs disseram, desdenhosamente:

— Você? Só com esses dois olhos?

Ela não se importou e subiu na árvore. As maçãs não se afastavam dela; ao contrário, vinham espontaneamente ao alcance de sua mão, de maneira que ela conseguiu encher o avental. A mãe as tomou todas e, em vez de a tratar melhor, como era sua obrigação, ela e as outras duas filhas, cheias de inveja, começaram a maltratá-la ainda mais.

Certo dia, se encontravam as três moças ao pé da árvore, quando viram se aproximar garboso cavaleiro.

— Depressa, Dois-olhinhos — exclamaram as outras —, corre, vá se esconder debaixo do barril, pois não queremos nos envergonhar por sua causa.

E, mais que depressa, empurraram a irmã, jogando-a em cima de um barril vazio, escondendo também as maçãs que haviam colhido.

O cavaleiro já estava bem próximo e as duas irmãs viram que ele era muito bonito. Parou ao pé da árvore e admirou os belos frutos de ouro, depois disse:

— A quem pertence esta bela árvore? Quem me der um galho dela, pode me pedir em troca o que quiser.

Um-olhinho e Três-olhinhos responderam que a árvore pertencia a elas e que de bom grado lhe dariam um galho. E as duas se esforçaram para apanhar um, porém, este sempre fugia das mãos, e, por mais que tentassem, nada conseguiram.

Então, o cavaleiro disse:

— É estranho que, pertencendo a vocês esta árvore, não possam arrancar um galho!

As duas moças continuaram insistindo que a árvore pertencia a elas realmente; mas, enquanto assim falavam, Dois-olhinhos empurrou para fora do barril as maçãs de ouro e estas rolaram até os pés do cavaleiro, porque se irritou ao ouvir as irmãs mentindo.

O cavaleiro ficou surpreendido ao ver aquelas maçãs rolando para junto dele e perguntou de onde vinham. Um-olhinho e Três-olhinhos responderam que tinham outra irmã mas que não podia aparecer porque só tinha dois olhos, como qualquer pessoa. O cavaleiro, porém, quis vê-la e gritou:

— Dois-olhinhos, apareça!

Muito contente e cheia de esperanças, ela saiu debaixo do barril, deixando o cavaleiro admirado com sua grande beleza. Este lhe perguntou:

— Você, Dois-olhinhos, com certeza pode me dar um galho dessa linda árvore!

— Posso, sim — respondeu ela —, porque essa árvore é minha.

Subiu agilmente tronco acima e, sem a menor dificuldade, apanhou um galho com as mais lindas folhas de prata, carregado de frutas de ouro, e o entregou ao moço, que perguntou:

— Que devo lhe dar, em troca disto?

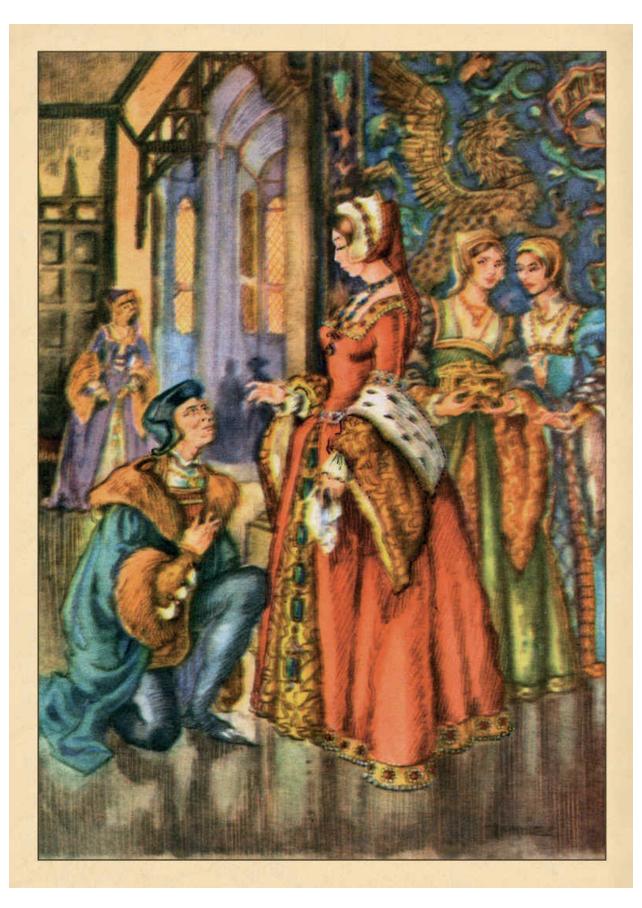
— Ah — respondeu Dois-olhinhos —, aqui passo fome o dia inteiro e sofro toda espécie de maus-tratos. Se quiser me levar embora, eu seria muito feliz.

O cavaleiro a colocou na sua sela e a levou para o castelo de seu pai. Lá, mandou que lhe dessem trajes suntuosos e a melhor alimentação. Apaixonado loucamente por ela, se casaram em meio a grandes festas e alegria.

Quando o cavaleiro levou Dois-olhinhos com ele, a sorte desta provocou ainda mais inveja das duas irmãs, que se consolaram, pensando: "Todavia, ainda nos resta a árvore maravilhosa e, embora não possamos colher seus lindos frutos, ela atrairá a atenção de todos, que virão até aqui para admirá-la. Quem sabe não teremos também uma feliz sorte?"

Mas, na manhã seguinte, viram desapontadas que a árvore tinha desaparecido, acabando assim com suas esperanças. E Dois-olhinhos, ao olhar para fora da janela, percebeu com grande alegria que a sua árvore a havia acompanhado e estava lá diante dela.

Dois-olhinhos viveu longamente, muito feliz, mas certo dia chegaram ao castelo duas mendigas pedindo esmola. Olhando para elas atentamente, Dois-olhinhos reconheceu suas irmãs, Um-olhinho e Três-olhinhos, entregues a tamanha miséria que eram obrigadas a mendigar de porta em porta.

Ela, porém, as acolheu amavelmente. E no castelo foram muito bem tratadas e assistidas, acabando por se arrependerem sinceramente de todo o mal causado à boa irmãzinha quando eram jovens.

A serpente branca

Há muitos e muitos anos, havia um rei famoso em todo o país pela sua sabedoria. Nada desconhecia e as notícias das coisas mais secretas pareciam chegar a ele pelo ar.

Esse rei tinha, porém, um hábito esquisito: todos os dias, quando terminava as refeições e ninguém mais estava presente, um criado muito fiel devia trazer-lhe ainda uma sopeira tampada. O próprio criado não sabia o que continha, ninguém sabia, pois o rei só a destapava quando estava sozinho.

Isso vinha acontecendo havia bastante tempo, até que um dia, não resistindo à curiosidade, o criado, ao levar de volta a sopeira, carregou-a para o quarto. Fechou cuidadosamente a porta, levantou a tampa e viu dentro da sopeira uma serpente branca. Logo teve vontade de prová-la e cortou um pedacinho, mas, assim que o pedacinho de serpente tocou sua língua, um estranho sussurro de vozinhas entrou pela janela. Ao se aproximar, percebeu que eram dois pardais conversando e contando tudo o que tinham visto nos campos e bosques. O pedaço de serpente que provara dera-lhe o poder de entender a linguagem dos animais.

Ora, aconteceu que, justamente nesse dia, desapareceu o mais bonito anel da rainha. As suspeitas do furto recaíram sobre o criado fiel, que tinha entrada em todos os aposentos do palácio. O rei chamou-o à sua presença e repreendeu-o severamente, ameaçando condená-lo como ladrão se até o dia seguinte não delatasse o verdadeiro autor do furto. De nada adiantaram os protestos de inocência; a posição dele era bastante difícil.

Amedrontado e aflito, dirigiu-se ao pátio, pensando numa maneira de sair daquela situação. Perto do riacho descansavam, tranquilamente, algumas patas, que alisavam suas penas com o bico e tagarelavam misteriosamente. O criado prestou atenção na conversa; cada qual contava onde estivera pela manhã e que ótimos quitutes havia encontrado. Uma delas, aborrecida, contou:

— Algo me pesa no estômago. Esta manhã estava com tanta fome que, sem querer, engoli um anel que estava debaixo da janela da rainha.

Imediatamente o criado pegou-a pelo pescoço e levou-a à cozinha, dizendo ao cozinheiro:

— Mata que esta está bem gorda.

O cozinheiro ergueu-a com a mão a fim de calcular o peso e disse:

— Realmente, esta não perdeu tempo em engordar e já está na hora de ser assada!

Cortou-lhe a cabeça, e, quando foi aberta, encontrou-se o anel da rainha em seu estômago. Assim, o criado pôde facilmente demonstrar sua inocência. O rei, então, querendo reparar a injustiça, autorizou-o a fazer um pedido e, ao mesmo tempo, ofereceu-lhe o mais alto cargo do reino.

O criado recusou tudo, pedindo somente um cavalo e dinheiro suficiente para viajar, pois tinha vontade de conhecer o mundo. O pedido foi atendido e ele pôs-se a caminho. Um dia, passando perto de uma lagoa, viu três peixes presos nos juncos e quase fora da água. Embora se diga que os peixes são mudos, ele ouviu distintamente que se lamentavam por terem de morrer tão tristes, e, como era de bom coração, desceu do cavalo e recolocou os três prisioneiros dentro da água. Eles voltaram a nadar alegremente e, pondo a cabeça para fora, disseram:

— Vamos nos lembrar de você e te recompensaremos por nos ter salvo!

Ele seguiu seu caminho e, pouco depois, pareceu-lhe ouvir uma voz sob os pés, saindo da areia. Deteve-se a escutar e ouviu o rei das formigas queixar-se:

— Ah, se os homens e seus cavalos descuidados não pisassem em cima de nós! Esse estúpido cavalo, com os pesados cascos, espezinhou sem piedade meu pobre povo!

Ele então desviou o cavalo para um caminho pedregoso e o rei das formigas disse-lhe:

— Vamos nos lembrar de você e te recompensar!

A estrada por onde seguia o levou a uma floresta. Lá viu dois corvos, pai e mãe, que estavam atirando para fora do ninho os filhotes!

— Fora — gritavam —, fora daqui seus preguiçosos. Não podemos mais alimentar-vos. Fora, já estais suficientemente crescidos para sustentar-vos sozinhos.

Os pobres filhotes caíam na terra, batendo as asas e gritando:

— Ai de nós, pobres infelizes! Temos de nos manter sozinhos e ainda nem sabemos voar! Não nos resta senão morrer de fome aqui!

O bom criado, então, desceu do cavalo, matou seu próprio animal com a espada e depois entregou-o aos filhotes dos corvos para que se alimentassem. Estes acorreram saltitando e, após terem comido à vontade, disseram:

— Vamos nos lembrar de você e recompensá-lo.

Agora não lhe restava outro recurso senão servir-se das próprias pernas. Anda e anda e nada, mas afinal chega a uma grande cidade. As ruas estavam tão apinhadas de gente que emitiam um barulho ensurdecedor. Nesse momento viu chegar um arauto a cavalo, anunciando que a filha do rei desejava casar-se, mas, quem aspirasse à mão dela, deveria antes executar uma tarefa extremamente difícil e se não o conseguisse seria morto. Muitos já haviam tentado e sacrificaram inutilmente a própria vida.

Quando o jovem viu a princesa, ficou tão fascinado com sua beleza que esqueceu todo e qualquer perigo e apresentou-se ao rei como pretendente.

Logo foi conduzido à beira-mar onde, em sua presença, atiraram um anel de ouro à água. O rei ordenou que o pescasse do fundo do mar, acrescentando:

— Se voltares à tona sem o anel, serás mergulhado de novo, até morreres afogado.

Todo mundo lastimava a sorte do belo jovem. Ele ficou sozinho junto ao mar, pensando no que fazer quando, de repente, viu surgirem três peixes que vinham nadando em sua direção — eram exatamente os mesmos que havia salvado durante sua viagem. O que vinha no meio trazia na boca uma concha, que depositou na areia, aos pés do jovem. Ele a pegou e, ao abri-la, encontrou dentro dela o anel de ouro.

Agradeceu aos peixes e, radiante de alegria, correu para levar o anel ao rei, esperando receber a prometida recompensa.

A orgulhosa princesa, quando soube que ele não tinha sangue real, desprezou-o, exigindo que realizasse outra tarefa. Descendo ao jardim, ela espalhou com as próprias mãos dez sacas de milho no meio da grama e disse:

— Se quiser casar comigo, terá que catar todo esse milho, sem que falte um só grão, até amanhã cedo, antes de o sol raiar.

O jovem sentou-se preocupado no jardim e meditava, sem atinar na maneira de levar a termo aquela difícil tarefa. Desanimado e triste, contava ser condenado à morte assim que amanhecesse. Mas, quando os primeiros raios do sol iluminaram o jardim, viu as dez sacas enfileiradas, todas cheias, sem faltar sequer um grãozinho de milho. O rei das formigas havia chegado durante a noite com milhões de súditos, e os insetozinhos, reconhecidos e zelosos, cataram todos os grãozinhos e encheram as dez sacas.

A princesa desceu ao jardim e, pessoalmente, constatou, com grande assombro, que o jovem cumprira o que lhe tinha sido imposto. Ainda assim,

não conseguiu vencer o orgulho que lhe tomava o coração.

— Embora tenha cumprido as duas tarefas — disse ela —, não casarei com você a não ser que me traga uma maçã da árvore da vida.

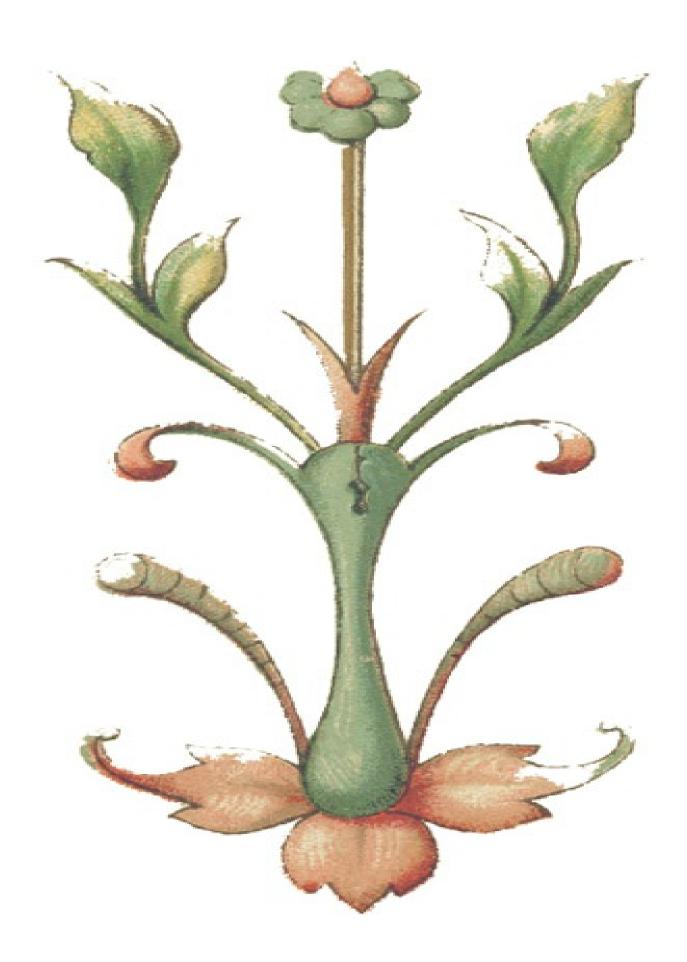
O jovem ignorava completamente onde se encontrava a tal árvore, contudo pôs-se a caminho disposto a andar enquanto lho permitissem as pernas, porém, sem esperança de encontrá-la.

Havia já percorrido três reinos quando, um dia, ao entardecer, chegou a uma floresta. Muito cansado, sentou-se debaixo de uma árvore, pensando em dormir ali. De repente, ouviu um barulho nos galhos e uma maçã de ouro caiu em sua mão. No mesmo instante, desceram voando três corvos e pousaram-lhe sobre os joelhos, dizendo:

— Somos os três pequenos corvos que livraste de morrer de fome. Agora já crescemos e soubemos que andavas à procura da maçã de ouro, senão terás que morrer. Então atravessamos o mar, voando até os confins do mundo, onde se encontra a árvore da vida, e de lá te trouxemos a maçã.

O jovem agradeceu muito e, radiante de alegria, retomou o caminho rumo ao palácio, levando a maçã à princesa.

Dividiram ao meio a maçã e comeram-na juntos. Assim o coração da princesa encheu-se de amor pelo jovem.

Casaram-se e viveram muito felizes até a velhice.

O enigma

Era uma vez um príncipe que, com vontade de conhecer o mundo, saiu de casa levando consigo apenas um criado muito fiel.

Um belo dia, entrou numa floresta e, quando anoiteceu, não conseguiu encontrar nenhuma estalagem, não sabendo portanto onde poderia pernoitar. Nesse momento avistou uma jovem que se dirigia para uma casinha e, ao se aproximar, viu que era muito bonita. Abordou-a e disse:

— Bela menina, eu e o meu criado poderíamos passar a noite na tua casinha?

— Ah, sim — respondeu ela com voz triste —, podeis muito bem, mas não o aconselho. Não entreis aqui!

— Por que não? — perguntou o príncipe.

— Porque a minha madrasta é dada a feitiçarias e nutre más intenções para com os estranhos — respondeu a moça.

Ele compreendeu que se encontrava na casa de uma bruxa, mas como estava escurecendo e era-lhe impossível prosseguir no seu caminho e também não sendo medroso, entrou assim mesmo. A velha estava sentada numa poltrona, perto do fogo, cozinhando qualquer coisa num caldeirão. Ao ver os forasteiros, fitou-os com os olhos vermelhos.

— Boa noite — disse com sua voz esganiçada, procurando ser amável —, acomodai-vos e descansai à vontade.

Assoprou nas brasas, atiçando o fogo. A moça advertiu-os para que fossem prudentes e não comessem nem bebessem nada, porque a velha usava substâncias nocivas. Eles dormiram tranquilamente até a manhã seguinte. Quando se preparavam para partir e o príncipe já estava a cavalo, a velha disse-lhes:

— Esperai um momento, quero dar-vos um copo de bom vinho, como despedida.

Enquanto foi buscá-lo, o príncipe foi-se embora e o criado, que ficara apertando os arreios, estava sozinho quando a bruxa voltou trazendo a bebida.

— Leva-a para teu amo — disse ela.

Nesse momento, porém, o copo caiu e quebrou-se. O veneno salpicou o cavalo e era tão poderoso que o animal tombou imediatamente morto. O criado dirigiu-se ao amo e contou-lhe o que acabava de suceder mas, não querendo abandonar a sela, voltou para buscá-la. Quando chegou junto ao cavalo morto, já tinha pousado nele um urubu, que o devorava.

— Quem sabe hoje encontraremos coisa melhor para comer! — pensou o criado.

Matou o urubu e levou-o. Vagaram pela floresta durante o dia todo, sem achar-lhe a saída. Ao anoitecer, encontraram uma taverna e entraram. O criado deu o urubu ao taverneiro, mandando que o preparasse para o jantar. Haviam, porém, caído num covil de assassinos, e durante a noite chegaram doze deles querendo matar os forasteiros para saqueá-los. Mas, antes de executar tal projeto, sentaram-se à mesa, e juntaram-se a eles o taverneiro e a bruxa. Todos juntos comeram uma terrina de sopa feita com carne picada do urubu.

Mal haviam engolido algumas colheradas, caíram mortos, porque a carne envenenada do cavalo tinha contaminado o urubu. Na casa não ficou mais ninguém, a não ser a filha do taverneiro, excelente moça, que não tomava parte naquelas atrocidades. Ela abriu todas as portas e mostrou aos forasteiros os tesouros lá acumulados. O príncipe, então, disse-lhe que podia ficar com tudo, ele nada queria para si. Depois, com o criado, continuou a jornada.

Após ter viajado muito, chegaram a uma cidade onde morava uma princesa muito bonita, mas muito orgulhosa.

A princesa mandara anunciar que se casaria com quem lhe apresentasse um enigma indecifrável. Se ela, porém, o decifrasse, mandaria decepar a cabeça

do pretendente. Três dias eram-lhe concedidos para refletir, mas, sendo extraordinariamente inteligente, resolvia sempre tudo antes do tempo estabelecido. Quando o príncipe chegou, nove pretendentes já haviam morrido. Este, diante da beleza da princesa, ficou tão fascinado que resolveu também arriscar a vida. Foi à sua presença e propôs-lhe o seguinte enigma:

— O que é um que não matou ninguém e contudo matou doze?

Ela não sabia o que era. Pensou, pensou e não conseguiu adivinhar. Consultou livros de enigmas mas sem resultado; enfim, não conseguiu mesmo desvendar o que era. Não sabendo mais para que santo apelar, combinou com a criada que ela se introduzisse furtivamente no quarto do príncipe para ouvir se ele dizia alguma coisa em sonho que pudesse desvendar o enigma.

Mas o criado espertalhão, que tudo ouvira, meteu-se na cama do amo e, quando a criada entrou, arrancou-lhe o manto que a envolvia e enxotou-a a pauladas.

Na noite seguinte, a princesa mandou a camareira, esperando que esta aguçasse bem os ouvidos e tivesse melhor sorte, mas o criado, de sobreaviso, arrancou dessa também o manto e enxotou-a a pauladas.

Na terceira noite, porém, o príncipe julgando-se seguro, foi deitar-se na cama. Nesse instante, viu chegar a princesa em pessoa, envolta num manto feito de névoa e postar-se ao seu lado.

Assim que o julgou dormindo e sonhando, a princesa dirigiu-lhe a palavra, contando que em sonho ele lhe respondesse como acontece a muitos. Mas o príncipe estava acordado, ouvia e entendia tudo perfeitamente.

— Um não matou ninguém: o que significa isso? — perguntou ela.

— Um urubu — respondeu ele — que comeu a carne envenenada de um cavalo e morreu.

— Contudo, matou doze. Como assim? — tornou a perguntar ela.

— São doze assassinos, que comeram a carne do urubu e morreram.

Uma vez decifrado o enigma, a princesa quis fugir, mas ele agarrou o manto e ela teve de abandonar em suas mãos.

Na manhã seguinte, a princesa anunciou que havia decifrado o enigma. Mandou chamar os doze juízes da corte e explicou-lhes. Mas o príncipe pediu para ser ouvido e disse:

— Ela entrou escondida no meu quarto durante a noite e, pensando que eu estivesse dormindo, me fez perguntas. Não fosse isso, nunca o teria decifrado.

— Traz-nos uma prova do que dizes — exigiram os juízes.

O criado então apareceu com os três mantos. Quando os juízes viram o manto feito de névoa que a princesa costumava usar exclamaram:

— Mandai bordá-lo de ouro e prata. Esse será o vosso manto de núpcias.

O doutor Sabe-tudo

Era uma vez um camponês chamado Camarão. Certo dia, ele levou um carro puxado por uma junta de bois, cheio de lenha, à cidade e vendeu-a a um doutor. Enquanto recebia o dinheiro, Camarão viu que o doutor estava sentado à mesa comendo e bebendo tão bem que, de todo o coração, desejou ser doutor também. Ficou um tempo ali parado olhando e, depois, perguntou se não seria possível que ele se tornasse doutor.

— Ah, é muito fácil! — disse o doutor.

— Que devo fazer? — perguntou o camponês.

— Em primeiro lugar, compre uma cartilha. Compre a que tem um galo na primeira folha. Em segundo lugar, venda o carro e os bois convertendo tudo em dinheiro. Em terceiro lugar, manda pintar uma placa com os seguintes dizeres: "Eu sou o doutor Sabe-tudo", e manda pregá-la no alto da tua porta.

O camponês fez tudo direitinho. Após ter "doutorado" um pouco, mas não muito, houve um assalto na casa de um ricaço. Este ouviu falar no doutor Sabe-tudo, que morava em certa aldeia e que, de acordo com o próprio nome, deveria saber também que fim levara o dinheiro. Sem mais demora, o ricaço mandou atrelar o carro, seguiu para a tal aldeia, informando-se se era ele o doutor Sabe-tudo.

— Sim, sou eu.

Nesse caso, tinha de acompanhá-lo a fim de encontrar o dinheiro roubado.

Sim, mas a Guida, sua mulher, tinha que ir junto. O ricaço consentiu, fê-los subir no carro e todos partiram. Quando chegaram ao solar, a mesa estava posta, então o ricaço convidou o doutor Sabe-tudo para jantar com ele. Sim, disse ele, mas também a Guida, sua mulher. E com ela foi sentar-se à mesa.

Ao aparecer o primeiro criado, trazendo uma linda bandeja cheia de quitutes, o camponês deu uma cotovelada na mulher dizendo:

— Guida, esse é o primeiro — referia-se ao primeiro prato.

Mas o criado julgou que ele dizia que este é o primeiro ladrão e, como de fato o era, assustou-se muito e lá fora disse aos seus colegas:

— O doutor sabe tudo, vamos acabar mal. Ele disse que eu era o primeiro.

O companheiro não queria entrar na sala, mas tinha que ir. Ao apresentar-se com o prato nas mãos, o camponês deu outra cotovelada na mulher

dizendo:

— Guida, esse é o segundo.

O criado começou a tremer de medo e tratou de sair logo. O mesmo aconteceu com o terceiro criado. O quarto criado teve de trazer uma travessa tampada. O ricaço, então, disse ao doutor que desse uma prova de sua arte adivinhando o que ela continha. Eram camarões. O camponês olhou para a travessa muito atrapalhado e, não sabendo como sair daquela enrascada, exclamou:

— Ah, pobre Camarão!

Ouvindo isso, o ricaço disse:

— Veja só, ele acertou. Então deve saber também onde está o dinheiro.

O criado, que estava morrendo de medo, fez um sinal ao camponês para que fosse no jardim um instante. Uma vez lá fora, os criados confessaram que os quatro juntos haviam roubado o dinheiro. Estavam dispostos a restituí-lo e dar-lhe uma grande quantia se ele não os denunciasse; caso contrário, seriam enforcados.

Levaram-no até onde estava escondido o dinheiro. Depois de concordar com tudo, o doutor voltou para a mesa, dizendo:

— Senhor, verei no meu livro onde está o dinheiro.

Mas o quinto criado se abaixou escondido num canto da lareira a fim de ouvir se o doutor sabia de mais alguma coisa. O doutor abriu a cartilha, a folheou um pouco, procurando o galo. E não o encontrando logo, disse:

— Sei que está aqui dentro, por que está se escondendo?!

O criado escondido na lareira julgou que se referisse a ele. Assustado, pulou para fora dizendo:

— Ah, esse homem sabe tudo.

O doutor Sabe-tudo mostrou ao ricaço o lugar onde se achava o dinheiro, sem dizer, porém, quem o havia roubado. Então recebeu de ambas as partes uma grande recompensa e, desse dia em diante, tornou-se famoso.

As três fiandeiras

Era uma vez uma moça muito preguiçosa, que não queria fiar. A mãe podia-lhe dizer o que quisesse, mas não conseguia convencer a filha. Certo dia, a mãe perdeu a paciência e, muito zangada, deu-lhe uma tremenda surra, e a moça desatou a chorar e a gritar. Passava, nesse momento, a rainha que, ao ouvir tais gritos, mandou parar a carruagem, entrou na casa e perguntou à mulher por que batia assim na filha, fazendo-a gritar tanto que dava para ouvir da rua. A mulher, com vergonha de revelar a preguiça da filha, acabou por dizer:

— Não consigo tirá-la da roda de fiar. Ela ficaria eternamente fiando, mas sou pobre e não posso comprar-lhe o linho necessário.

A rainha então propôs:

— Nada me agrada mais do que ouvir fiar, e nada me alegra tanto como o ruído da roda ao girar. Dá-me tua filha. Eu a levarei para o castelo, tenho lá enorme quantidade de linho e ela poderá fiar à vontade.

Contentíssima, a mãe deu o consentimento, e a rainha levou consigo a moça. Ao chegarem ao castelo, a rainha conduziu-a para cima e mostrou-lhe três salas repletas de cima a baixo do melhor linho.

— Fia-me este linho — disse —, e, quando tiveres terminado, te darei meu filho mais velho por marido. Não importa que seja pobre, a sua grande disposição é dote mais que suficiente.

A moça perturbou-se intimamente, porque mesmo vivendo trezentos anos, decididamente não poderia fiar aquele linho todo. Nem que ficasse sentada ali da manhã à noite.

Assim que ficou só, desandou a chorar e passou três dias sem mexer um dedo. No terceiro dia apareceu a rainha e, vendo que ainda nada tinha fiado, admirou-se. A moça, porém, desculpou-se, alegando que não pudera começar devido à grande tristeza por estar longe de casa e da mãe. A rainha acatou a desculpa, mas ao retirar-se recomendou:

— Amanhã deverás começar a trabalhar.

Ficando novamente só, a moça não sabia para que santo apelar e, desconsolada, foi debruçar-se à janela. Então viu três mulheres que se aproximavam. A primeira tinha um enorme pé chato; a segunda, o lábio inferior tão grosso que lhe pendia sobre o queixo; a terceira, um polegar descomunalmente grosso. Pararam em frente à janela, olharam para cima e viram a moça chorando. Perguntaram-lhe que é que a afligia assim. Ela confiou-lhes suas preocupações, e elas prontificaram-se a ajudá-la, dizendo:

— Se nos convidares para teu casamento, se não te envergonhares de nós, se nos chamares de primas e nos fizeres sentar à tua mesa, fiaremos todo o linho em pouco tempo.

— Ah, sim, de todo o coração! — respondeu a moça na maior alegria. — Entrai e começai imediatamente o trabalho.

Introduziu aquelas estranhas criaturas na primeira sala.Arranjou-lhes espaço, e elas se acomodaram, pondo-se logo a fiar. A primeira, puxava com o polegar o fio e fazia girar a roda; a segunda umedecia no lábio grosso; a terceira batia com o pé e, cada vez que batia, caía um monte de fio do mais finamente fiado.

Na presença da rainha, a moça escondia as três fiandeiras, mostrando-lhe, toda vez que aparecia, o monte de linho fiado, tanto assim que a rainha não se cansava de tecer-lhe os maiores elogios. Tendo esvaziado a primeira sala, passaram à segunda e depois à terceira, então, despediram-se, dizendo à moça:

— Não esqueças o que nos prometestes. Disso depende tua felicidade.

A moça mandou chamar a rainha e mostrou-lhe as três salas vazias e a grande quantidade de linho fiado. A rainha, então, providenciou tudo para

que se realizasse o casamento. O noivo estava felicíssimo por ter encontrado uma mulher tão habilidosa e diligente e era só elogios.

A noiva disse-lhe:

— Tenho três primas que foram muito boas para mim e não quero esquecê-las no dia da minha maior felicidade. Permita que as convide para a festa e que venham sentar-se à nossa mesa.

A rainha e o noivo responderam prontamente:

— Por que não haveríamos de permitir?

Assim, quando começou a festa, chegaram as três solteironas estranhamente vestidas, e a noiva recebeu-as gentilmente:

— Sejam bem-vindas, queridas primas!

— Nossa — exclamou o príncipe —, mas suas primas não se parecem nada com você!

Dirigindo-se então à que tinha o pé enorme, perguntou:

— Por que é que tens o pé assim tão chato?

— De tanto pisar, de tanto pisar — respondeu-lhe.

O noivo, então, foi à segunda e perguntou:

— Por que é que tens esse lábio tão caído?

— De tanto lamber — respondeu ela —, de tanto lamber.

Então, perguntou à terceira:

— E tu, por que é que tens esse polegar tão grosso?

— De tanto torcer fio — disse ela —, de tanto torcer fio.

Diante disso, o príncipe ficou horrorizado e disse:

— De hoje em diante, minha mulher nunca mais tocará numa roda de fiar.

E assim livrou a moça daquela maçada para o resto da vida.

João e Maria

Em frente a uma grande floresta morava um pobre lenhador com a mulher e dois filhinhos: João e Maria. Tinham pouco com que se alimentar e na cidade tudo estava caro, nem mesmo o pão de cada dia conseguiam mais comprar.

Numa dessas noites, o lenhador atormentado pelas preocupações não conseguia dormir e ficava se revirando inquieto na cama e, entre um suspiro e outro, perguntou à mulher, que era madrasta das crianças:

— Que será de nós? Como alimentaremos nossos filhinhos, se nada temos nem para nós?

— Escuta aqui, meu caro marido — respondeu ela —, amanhã cedo os levaremos para o meio da floresta. Lá acenderemos uma fogueira e lhes daremos um pedaço de pão para que se alimentem. Depois iremos para o nosso trabalho e os deixaremos lá sozinhos. Eles não conseguirão encontrar o caminho de casa e assim ficaremos livres deles.

— Não, mulher, não posso fazer isso. Se abandonar meus filhos sozinhos na floresta, não tardarão as feras a devorá-los, como poderei viver depois?

— És um tolo, isso sim. Teremos de morrer os quatro de fome e nada te resta se não aplainar as tábuas para os nossos caixões.

Contudo, não deu sossego ao pobre marido até ele concordar.

— Mas as pobres crianças causam-me uma pena imensa! — repetia ele.

As crianças, de tanta fome, também não conseguiam dormir. Por isso, ouviram tudo o que a madrasta dizia ao pai. Chorando copiosamente, Maria disse ao irmão:

— Estamos perdidos!

— Não se preocupe — respondeu João —, não tenha medo, eu sei o que fazer.

Assim que os velhos adormeceram, João levantou-se bem de mansinho, vestiu o paletó, abriu a porta da frente e saiu. A lua resplandecia e as pedras branquinhas cintilavam diante da casa. O menino as apanhou e meteu nos bolsos quantas pôde. Depois voltou para casa e disse a Maria:

— Fique tranquila, querida irmãzinha, e dorme sossegada. Deus não nos abandonará.

E deitou-se novamente.

Ao amanhecer, antes ainda do sol raiar, a mulher acordou as crianças, dizendo:

— Levantem-se, seus preguiçosos. Vamos catar lenha na floresta.

Deu um pedaço de pão a cada um e disse:

— Isto é para o almoço, mas não deveis comê-lo antes do meio-dia, se não nada mais tereis que comer depois.

Maria guardou o pão no avental pois João estava com os bolsos cheios de pedras. Em seguida, foram todos rumo à floresta. Tendo caminhado um certo trecho, João parou e voltou-se a olhar para a casa. Fez isso repetidas vezes, até que o pai, intrigado, lhe perguntou:

— Que tanto olhas, meu filho, e por que ficas sempre para trás? Vamos, apressa-te.

— Ah, papai — disse o menino —, estou olhando para o meu gatinho branco que, de cima do telhado, está acenando para mim.

— Tolo, não é o teu gato — interveio a mulher. — Não vês que é o sol da manhã brilhando na chaminé?

Mas João não olhava para gato nenhum, era apenas um pretexto para, todas as vezes, deixar cair no caminho uma das pedrinhas brilhantes que trazia no bolso.

Quando, finalmente, chegaram ao meio da floresta, disse-lhes o pai:

— Juntemos um pouco de lenha, meninos, vou acender uma fogueira para que não fiquem com frio.

João e Maria juntaram uma boa quantidade de gravetos e ramos secos, com os quais acenderam a fogueira. Assim que as chamas se elevaram, disse-lhes a mulher:

— Deitai-vos junto ao fogo, meninos, enquanto nós vamos rachar lenha. Quando terminarmos o nosso trabalho, viremos buscar-vos.

João e Maria sentaram-se perto do fogo e, ao meio-dia, cada qual comeu o seu pedaço de pão. Ouvindo os golpes do machado, julgaram que o pai estivesse ali por perto, mas não era o machado, era simplesmente um galho que ele havia amarrado a uma árvore seca e que batia sacudido pelo vento. Ficaram muito tempo sentados junto do fogo; depois, por conta do cansaço, adormeceram profundamente. Quando despertaram, já era noite avançada. Maria começou a chorar com medo.

— Como sairemos da floresta?

— Espera um pouco — disse-lhe João para consolá-la —, espera até surgir

a lua, aí encontraremos o caminho.

Não tardou, apareceu a lua resplandecente. João tomou a irmãzinha pela mão e juntos foram seguindo as pedrinhas, que brilhavam como moedas novas e lhes indicavam o caminho. Andaram a noite toda. Ao amanhecer, chegaram à casa do pai. Bateram à porta e, quando a mulher abriu, vendo os dois na sua frente, disse, muito zangada:

— Crianças preguiçosas, por que dormiram tanto na floresta? Até pensamos que não queriam mais voltar para casa.

O pai, ao contrário, alegrou-se ao vê-los, pois tinha remorso por tê-los abandonado lá sozinhos.

Assim passou certo tempo. Depois a miséria tornou a invadir a casa e, uma noite, quando estavam deitados, os meninos ouviram a madrasta dizer ao pai:

— Já comemos tudo o que havia em casa, só nos resta meio pão. É preciso levá-las embora. Desta vez, porém, para o fundo da floresta, para que não encontrem o caminho de volta. Não nos resta outra solução.

O homem sentiu o coração apertar e ia pensando: “Seria melhor dividir teu último pão com teus filhos”, e relutava em concordar. A mulher, porém, não queria dar-lhe ouvido e censurava-o asperamente. Mas como havia cedido da primeira vez, viu-se forçado a ceder novamente.

As crianças, que ainda estavam acordadas, ouviram toda a conversa. Assim que os velhos adormeceram, João levantou-se novamente para sair de mansinho, como da outra vez, para catar as pedrinhas lá fora, mas a madrasta havia trancado a porta. Entretanto, consolou a irmãzinha, dizendo-lhe:

— Não chores, Maria, dorme sossegada. O bom Deus vai nos ajudar.

Ao raiar do dia, na manhã seguinte, a madrasta tirou as crianças da cama. Cada um deles recebeu um pedaço de pão, ainda menor que da vez anterior. No caminho para a floresta, João esfarelou-o no bolso e, de quando em quando, parava a fim de, jeitosamente, deixar cair as migalhas.

— Que tanto olhas para trás, João, e por que te demoras? — perguntou o pai.

— Estou olhando para o meu pombinho que está a dizer-me adeus de cima do telhado.

— És um tolo — disse a mulher —, não vês então que não é o teu pombinho, mas sim o sol nascente, que brilha na chaminé?

Entretanto, o menino foi, pouco a pouco, marcando o caminho com as migalhas.

Dessa vez a madrasta levou as crianças ainda mais para o interior da

floresta, para um lugar onde jamais haviam estado. Acenderam, novamente, uma grande fogueira e ela disse-lhes:

— Ficai aqui, quietinhos, meninos. Quando estiverdes cansados, deitai-vos e dormi um pouco. Enquanto isso, nós iremos rachar lenha e, à tarde, ao terminar nosso trabalho, viremos buscar-vos.

Ao meio-dia, Maria repartiu seu pedaço de pão com o irmão. Depois adormeceram e anoiteceu, mas ninguém foi buscá-los. Acordaram quando a noite ia alta, e a menina começou a chorar. João consolou-a, dizendo:

— Espera até surgir a lua, aí então veremos as migalhas de pão que espalhei e por elas encontraremos o caminho de casa.

Quando surgiu a lua, levantaram-se, mas não encontraram mais nem uma só migalha. Os passarinhos, que andavam por toda parte, tinham comido todas. João então disse à Maria:

— Não tem importância, vamos encontrar o caminho de qualquer maneira.

Não encontraram o caminho e andaram toda a noite e mais um dia inteiro sem conseguir sair da floresta. Estavam com uma fome tremenda, pois só tinham comido algumas amoras, e tão cansados que as pernas não se aguentavam mais. Então, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Na manhã do terceiro dia, retornaram a procurar o caminho, mas cada vez se embrenhavam mais pela floresta e, se ninguém os ajudasse, certamente acabariam morrendo de fome.

Ao meio-dia, avistaram um lindo passarinho, branco como a neve, pousado num galho. Cantava tão lindamente que os meninos pararam para ouvi-lo. Quando acabou de cantar, saiu voando, e as crianças foram atrás dele. Assim chegaram a uma casinha onde o passarinho pousou no telhado. Aproximaram-se e viram que a casinha era feita de pão de ló e coberta de chocolate, com janelinhas de açúcar.

— Oba! — exclamou o menino satisfeito. — Podemos fazer uma excelente refeição. Eu comerei um pedaço do telhado e tu, Maria, podes comer um pedaço da janela: é doce.

João subiu na ponta dos pés, estendeu as mãos e arrancou um pedaço de telhado para provar. Maria começou a lamber os vidros da janela. Então, de dentro da casa, saiu uma vozinha estridente:

— Rapa, rapa, rapinha,
Quem rapa a minha casinha?

Os meninos responderam:

— O vento, sou eu,
O filho do céu.

E continuaram comendo, sem se perturbar. João, que achava o telhado delicioso, arrancou um belo pedaço e Maria arrancou um vidro inteiro, redondo. Sentou-se no chão e comeu-o deliciada.

Mas, de repente, abriu-se a porta e num passo trôpego saiu uma velha bem idosa, apoiada numa muleta. João e Maria assustaram-se de tal maneira que deixaram cair o que tinham nas mãos. A velhinha, porém, disse-lhes:

— Ah, meus queridos meninos, quem vos trouxe aqui? Entrai e ficai comigo, aqui nenhum mal vos acontecerá.

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Aí serviu-lhes uma deliciosa refeição, com leite e bolinhos, maçãs e nozes. Depois foram preparadas para eles duas lindas caminhas, muito limpas e alvas; João e Maria, muito cansados, deitaram-se, acreditando estar no céu.

A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças, por isso construiu a casinha de pão de ló. E, quando caía alguma criança em suas mãos, ela matava-a, cozinhava-a e comia-a, e esse era um dia de festa.

As bruxas, geralmente, não enxergam bem e têm os olhos vermelhos, mas são dotadas de um olfato muito agudo, como os animais, o que lhes permite sentir o cheio de uma criança de longe. Portanto, quando João e Maria se aproximaram da casa, ela riu, dizendo com os seus botões: “Estes caíram em meu poder, não me escaparão mais.”

Pela manhã, bem cedinho, antes que os meninos acordassem, levantou-se e foi espiá-los. Vendo-os bochechudos e coradinhos, a dormir como dois anjinhos, murmurou: “Que petisco delicioso vou ter!” E agarrando João, levou-o para um chiqueirinho, trancando-o dentro das grades de ferro. De nada lhe adiantou gritar e espernear.

Depois foi ter com Maria. Sacudiu a menina e gritou:

— Levanta-te, preguiçosa! Vai buscar água e prepara uma boa comidinha para teu irmão, que está preso no chiqueirinho e deve engordar. Pois, assim que estiver bem gordinho, quero comê-lo.

Maria começou a chorar copiosamente, mas seu pranto foi inútil e teve mesmo de fazer o que lhe ordenava a perversa bruxa.

Maria, então, preparava as refeições mais requintadas para o irmão, enquanto ela ficava só com as sobras. Cada manhã a velha ia até junto da grade e dizia:

— João, mostra-me teu dedinho, quero ver se está gordinho!

João, porém, mostrava-lhe sempre um ossinho e a velha, que não enxergava nem um palmo diante do nariz, julgava que fosse o dedo do menino e ficava muito admirada por ele nunca engordar. Passadas quatro semanas, visto que João continuava sempre magro, perdeu a paciência e resolveu não esperar mais.

— Vamos, Maria — ordenou —, traz água depressa. Gordo ou magro não importa, o matarei assim mesmo e amanhã o comerei.

Como chorou a pobre irmã ao ter de trazer a água! Como lhe corriam rios de lágrimas pelo rosto!

— Ah, Deus bondoso, ajuda-nos! — implorava ela. — Antes nos tivessem devorado as feras no meio da floresta! Pelo menos teríamos morrido juntos!

— Deixa de lamentações — gritou-lhe a velha —, elas de nada adiantam.

Pela manhã, bem cedinho, Maria teve de ir buscar água, encher o caldeirão e acender o fogo.

— Primeiro vamos assar o pão, já preparei a massa — disse a bruxa — e já acendi o forno.

Empurrou a pobre Maria para perto do forno do qual saíram grandes

labaredas.

— Entra lá dentro — disse a velha — e vê se já está bem quente para poder assar o pão.

Assim, pensava a bruxa, quando Maria entrasse lá dentro, fecharia a boca do forno e a deixaria assar para comê-la também. A menina, porém, adivinhando sua intenção, disse:

— Eu não sei como se faz! Como é que se entra?

— Tonta, estúpida — disse a velha —, a abertura é bastante grande, olha, até eu poderia entrar!

Assim dizendo, abeirou-se da boca do forno, aproximando a cabeça. Maria, então, com um forte empurrão a fez entrar no forno e fechou rapidamente a porta de ferro com o cadeado. Uh! Que berros horríveis soltava a bruxa! Maria, porém, saiu correndo e a velha acabou morrendo, miseravelmente queimada.

Chegando ao galinheiro, a menina abriu a portinhola, dizendo ao irmão:

— João, corre, estamos livres. A velha bruxa morreu.

João então saiu pulando, alegre como um passarinho, ao lhe abrirem a gaiola. Com que felicidade se abraçaram e se beijaram, rindo e dançando! Como nada mais tinham a temer, percorreram a casinha da bruxa e viram espalhadas pelos cantos grandes arcas cheias de pérolas e pedras preciosas.

— Estas são bem melhores do que as pedrinhas lá de casa! — disse João, enquanto ia enchendo os bolsos até não poder mais.

— Eu também vou levar! — disse Maria, e foi enchendo o avental.

— Agora vamo-nos embora daqui — disse o irmão —, temos que sair da floresta da bruxa.

Após terem andado durante algumas horas, chegaram à margem de um rio muito largo.

— Não vamos conseguir atravessá-lo — disse João —, não vejo nem uma ponte.

— Nem mesmo um barquinho — disse a irmã —, mas olha, aí vem uma pata. Se lhe pedirmos, ela certamente nos ajudará a atravessar:

— Patinha, patinha,

Aqui estão João e Maria,
Não podemos passar,
Queres nos levar?

A pata se aproximou da margem e João sentou nas suas costas, dizendo à irmã que também sentasse, bem juntinho dele. Mas Maria respondeu:

— Vai ficar muito pesado. É melhor que ela nos leve um de cada vez.

Assim fez a boa patinha. E quando felizmente chegaram ao outro lado, depois de caminharem bastante, a floresta foi-se tornando mais familiar até que finalmente viram a casa do pai. Correram em sua direção e, lá dentro, o abraçaram e o cobriram de beijos.

O pobre homem nunca mais tivera uma hora feliz desde que abandonara as crianças no meio da floresta. A mulher (para felicidade de todos) havia morrido. Então Maria sacudiu o avental, deixando rolar pelo chão as pedras preciosas. João acrescentou todo o conteúdo de seus bolsos.

Desde então, acabaram-se todos os sofrimentos e preocupações, e os três viveram felizes pelo resto da vida.

“Minha história acabou, um rato passou, quem o pegar poderá sua pele aproveitar.”

Branca de Neve

Uma vez, há muito, muito tempo, no meio do inverno, enquanto flocos de neve caíam do céu como fina plumagem, uma rainha, nobre e bela, estava ao pé de uma janela aberta, cuja moldura era de ébano. Bordava distraída e, de quando em quando, olhava os flocos caindo. Acabou espetando o dedo com a agulha e três gotinhas de sangue vermelho caíram na neve, produzindo um efeito tão lindo, o branco manchado de vermelho e realçado pela negra moldura da janela, que a rainha suspirou e disse para si mesma: “Quem me dera ter uma filha tão branca como a neve, os lábios vermelhos como o sangue e cabelos negros como o ébano!”

Algum tempo depois, teve uma filhinha cuja pele era tão branca como a neve, vermelha como o sangue e com cabelos negros como o ébano. Chamaram a menina de Branca de Neve, mas, quando a criança nasceu, a rainha faleceu.

Decorrido o ano de luto, o rei casou-se em segundas núpcias com uma princesa de grande beleza mas extremamente má e orgulhosa. Ela não podia suportar a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela.

Possuía um espelho mágico, no qual frequentemente se mirava e admirava. E, então, dizia:

RAMIREZ

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

O espelho respondia:

— É Vossa Realeza
a mulher mais bela
Desta redondeza.

Ela, então, sentia-se feliz porque sabia que o espelho só podia dizer a pura verdade.

No entanto, Branca de Neve crescia e aumentava em beleza e graça. Aos sete anos de idade era tão linda como a luz do dia e muito mais que a rainha. Um dia, a rainha, sua madrasta, consultou como de costume o espelho:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela

De toda a redondeza?

O espelho respondeu:

— Real senhora, sois aqui a mais bela,
Porém Branca de Neve
É de vós ainda mais bela!

A rainha estremeceu e ficou verde de inveja. E daí, então, cada vez que via Branca de Neve seu coração tinha verdadeiros sobressaltos de raiva. Sua inveja e seus ciúmes desenvolviam-se qual erva daninha, não lhe dando mais sossego, nem de dia nem de noite. Enfim, já não podendo mais, mandou chamar um caçador e disse-lhe:

— Leva essa menina para a floresta, não quero mais tornar a vê-la. Leva-a como puderes para a floresta, onde tens de matá-la. Traze-me, porém, o coração e o fígado como prova de sua morte.

O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, e, quando pegou o facão para enterrá-lo no coraçãozinho puro e inocente, ela desatou a chorar, implorando:

— Ah, querido caçador, deixa-me viver! Prometo ficar na floresta e nunca mais voltar ao castelo. Assim, quem te mandou matar-me nunca saberá que me poupaste a vida.

Era tão linda e meiga que o caçador, que era bom homem, apiedou-se dela e disse:

— Pois bem, então fuja, porque aqui você corre perigo!

Mas no fundo ele ia pensando: “Nada arrisco, pois os animais ferozes vão devorá-la em breve e a vontade da rainha será satisfeita sem que eu seja obrigado a suportar o peso de um crime.”

Justamente nesse momento passou correndo um veado. O caçador matou-o, tirou-lhe o coração e o fígado e levou-os à rainha como se fossem de Branca de Neve. O cozinheiro foi incumbido de prepará-los e assá-los. E, no seu rancor feroz, a rainha comeu-os com alegria desumana, certa de estar comendo o coração e o fígado de Branca de Neve.

Durante esse tempo a pobre menina, que ficara abandonada na floresta, vagava trêmula de medo, sem saber o que fazer. Tudo a assustava, o ruído da brisa, uma folha que caía, enfim, tudo produzia nela um terrível pavor. Ouvindo o uivar dos lobos, pôs-se a correr cheia de terror; os pezinhos delicados feriam-se nas pedras pontiagudas e estava toda arranhada pelos espinhos. Passou ao pé de muitos animais ferozes, mas estes não lhe fizeram mal algum. Enfim, à noitinha, cansada e ofegante, encontrou-se diante de uma linda casinha situada no meio de uma clareira. Entrou, mas não viu ninguém.

Contudo, a casa devia ser habitada, pois notou que tudo estava muito limpo e arrumadinho, dava gosto de se ver. Numa graciosa mesa coberta com uma toalha branca, com sete pratinhos, sete colherinhas, sete garfinhos, sete faquinhas e sete copinhos, tudo perfeitamente em ordem. No quarto ao lado, viu sete caminhas uma junto da outra, com seus lençóis muito brancos.

Branca de Neve, que morria de fome e sede, não resistiu e comeu um pouquinho do que estava servido em cada pratinho, mas, não querendo privar nem um só dono de seu alimento, tirou somente um bocadinho de cada e bebeu apenas um golinho do vinho de cada um.

Depois, não aguentando a canseira, foi deitar-se numa caminha, mas a primeira era curta demais, a segunda muito estreita, experimentando-as todas até que a sétima tinha a medida certa. Então, fez sua oração e logo adormeceu profundamente.

Ao anoitecer, chegaram os donos da casa. Eram os sete anões, que trabalhavam durante o dia na escavação de minério na montanha. Cada qual acendeu uma lanterninha e, quando a casa se iluminou, viram que alguém entrara em sua casa, porque não estava tudo na ordem perfeita conforme haviam deixado ao sair.

Sentaram-se à mesa, e, então, disse o primeiro:

— Quem mexeu na minha cadeirinha?
O segundo:
— Quem comeu do meu pratinho?
O terceiro:
— Quem tocou no meu pãozinho?
O quarto:
— Quem usou o meu garfinho?
O quinto:
— Quem tirou um pouco da minha verdurinha?
O sexto:
— Quem cortou com a minha faquinha?
E o sétimo:
— Quem bebeu do meu copinho?
Depois da refeição, foram para o quarto e notaram logo as caminhas amassadas. O primeiro reclamou:
— Quem deitou na minha caminha?
— E na minha? E na minha? — gritaram os outros, cada qual examinando a própria cama.
Enfim, o sétimo descobriu Branca de Neve dormindo a sono solto na sua caminha. Correram todos com suas lanterninhas e cheios de admiração exclamaram:
— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Que linda menina!
Ficaram tão admirados com ela que não quiseram acordá-la e deixaram-na dormir tranquilamente. O sétimo anão dormiu uma hora com cada um de seus companheiros. E assim passou a noite.
No dia seguinte, quando Branca de Neve acordou e se levantou, ficou muito assustada ao ver os sete anões. Mas eles sorriram-lhe e perguntaram com a maior amabilidade:
— Como te chamas?
— Chamo-me Branca de Neve — respondeu ela.
— Como vieste aqui à nossa casa?
Ela contou-lhes como sua madrasta mandara matá-la e como o caçador lhe permitira que vivesse na floresta. Após ter corrido o dia todo, chegara ali e, vendo a linda casinha, entrara para descansar um pouco. Os anões perguntaram-lhe:
— Queres ficar conosco? Aqui não te faltará nada, só tens que cuidar da casa, fazer nossa comida, lavar e passar nossa roupa, coser, tecer nossas

meias e manter tudo muito limpo e em ordem, mas, quando tiveres acabado o teu trabalho, serás a nossa rainha.

— Sim — disse a menina —, ficarei convosco de todo o coração!

E ficou morando com eles, procurando manter tudo sempre em ordem. Pela manhã, eles partiam para as cavernas em busca de ouro e minérios e, à noite, quando voltavam, todos jantavam juntos muito alegres. Como a menina ficava sozinha durante o dia, os anões advertiram-na:

— Toma cuidado com a tua madrasta. Não tardará a saber onde estás, por isso, durante nossa ausência, não deixes entrar ninguém aqui.

A rainha, entretanto, certa de ter comido o fígado e o coração de Branca de Neve, vivia despreocupada e pensava, satisfeita, que era novamente a primeira e mais bela mulher do reino. Certo dia, porém, foi consultar o espelho, certa de que lhe responderia não ter mais nenhuma rival em beldade.

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Imaginem a sua raiva quando o espelho lhe respondeu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,

é de vós mil vezes mais formosa!

A rainha ficou furiosa, pois sabia que o espelho não podia mentir. Percebeu, assim, que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava a viver. Novamente devorada pelo ciúme e pela inveja, só pensava numa maneira de fazer a menina desaparecer.

Pensou, pensou, pensou, depois pintou o rosto e disfarçou-se de velha vendedora de quinquilharias, completamente irreconhecível. Assim disfarçada, atravessou as sete montanhas e foi à casa dos sete anões. Chegando lá, bateu à porta e gritou:

— Belas coisas para vender, belas coisas. Quem quer comprar?

Branca de Neve, que estava no primeiro andar e se aborrecia por ficar sozinha todo o santo dia, abriu a janela e perguntou-lhe o que tinha para vender.

— Ah! Coisas lindíssimas — respondeu a velha —, olhe este fino e elegante cinto.

E mostrou um cinto de cetim cor-de-rosa, todo de seda colorida. “Posso deixar esta boa mulher. Posso deixar entrar sem perigo”, calculou Branca de Neve. Então desceu, puxou o ferrolho e comprou o cinto. Mas a velha disse-lhe:

— Tu não vai conseguir sozinha! Vem, desta vez eu te ajudarei a fazê-lo como se deve.

A menina se aproximou confiante na frente da velha, deixando que lhe abotoasse o cinto. Então a cruel inimiga, mais que depressa, apertou-o com tanta força que a menina perdeu a respiração e caiu desacordada no chão.

— Agora sim! — exclamou a rainha, muito contente. — Já foste a mais bela!

E fugiu rapidamente, voltando ao castelo.

Mas, felizmente, os anões, nesse dia, tendo terminado o trabalho mais cedo que de costume, voltaram logo para casa. E qual não foi seu susto ao verem a querida Branca de Neve estendida no chão, rígida como se estivesse morta! Ergueram-na e viram que o cinto apertava demais sua cinturinha. Logo o desabotoaram e ela começou a respirar levemente, e pouco a pouco voltou a

si e pôde contar o que aconteceu. Os anões disseram-lhe:

— Foste muito imprudente. Aquela velha não era senão a tua horrível madrasta. Portanto, no futuro, deves ter cuidado e não deixes entrar mais ninguém quando não estivermos em casa.

A rainha malvada, logo que chegou ao castelo, correu ao espelho, esperando, enfim, ouvi-lo proclamar a sua absoluta beleza, o que para ela soava mais deliciosamente que tudo, e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

E o espelho respondeu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,
é de vós mil vezes mais formosa!

A essas palavras, a rainha sentiu o sangue gelar nas suas veias. Empalideceu de inveja e, depois, torcendo-se de raiva, compreendeu que a rival ainda estava viva. Pensou novamente num meio de se livra dela, causa de seu rancor.

“Ah, desta vez hei de arranjar alguma coisa que será a tua ruína!” E, como entendia de bruxarias, pegou um belo pente cravejado de pérolas e o mergulhou num veneno feito por ela própria.

Depois, disfarçando-se de outro modo, dirigiu-se para a casa dos sete anões. Bateu à porta, gritando:

— Belas coisas para vender! Coisas bonitas e baratas. Quem quer comprar?

Branca de Neve abriu a janela e disse:

— Podeis seguir vosso caminho, boa mulher. Não posso abrir a porta para ninguém.

— Mas olhar, apenas, não te será proibido! — disse a velha. — Olha este pente cravejado de pérolas e digno de uma princesa. Pega nele e admira-o de perto, nada pagarás por isso!

Branca de Neve deixou-se tentar pelo brilho das pérolas. Depois de o ter examinado bem, quis comprá-lo e abriu a porta à velha, que lhe disse:

— Espera, vou ajudar-te a pôr o pente nos teus lindos e sedosos cabelos.

A pobre menina, sem suspeitar de nada, deixou-a entrar. A velha enterrou-lhe o pente com violência. Mal os dentes tocaram na pele, Branca de Neve caiu fulminada sob a ação do veneno.

— Eis-te enfim bem morta, Flor de Beleza! Agora tudo se acabou para ti! — exclamou a rainha, soltando uma gargalhada medonha e apressando-se a regressar ao castelo.

Por grande sorte da menina, já estava anoitecendo e os anões não tardaram a chegar. Quando viram Branca de Neve estendida no chão, desacordada, logo adivinharam nisso a mão da madrasta. Procuraram o que lhe poderia ter feito e encontraram o pente envenenado. Assim que o tiraram da cabeça, a menina voltou a si e pôde contar o que sucedera. Novamente pediram para que tomasse cuidado e não abrisse a porta a ninguém, dizendo:

— Foi ainda tua madrasta quem te pregou essa peça. É preciso que nos prometas que nunca mais abrirás a porta, seja lá a quem for.

Branca de Neve prometeu tudo o que os anões lhe pediram.

De volta ao castelo, a rainha correu até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Mas a resposta foi a mesma. O espelho repetiu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve. que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,
é de vós mil vezes mais formosa!

Ao ouvir tais palavras, ela teve um acesso de raiva e gritou:

— Hás de morrer, criatura miserável, ainda que isso custe minha própria vida!!

Levou vários dias consultando todos os livros de bruxaria. Finalmente fechou-se num quarto secreto, onde jamais entrava viva alma e aí preparou uma maçã envenenada. Por fora era mesmo tentadora, branca e vermelha, e com um perfume tão delicioso que despertava a gula de qualquer um, mas, quem provasse um pedacinho, teria morte infalível.

Tendo assim preparado a maçã, pintou o rosto e disfarçou-se de camponesa e como tal encaminhou-se, atravessando as sete montanhas e indo bater à casa dos sete anões. Branca de Neve saiu à janela e disse:

— Vá embora, boa mulher, não posso abrir a ninguém. Os sete anões me

proibiram.

— Não preciso entrar — respondeu a falsa camponesa —, podes ver as maçãs pela janela, se as quiseres comprar. Eu venderei minhas maçãs em outro lugar, mas quero dar-te esta de presente. Vê como ela é magnífica! Prova um pedacinho, estou certa de que a acharás deliciosa!

— Não, não — respondeu Branca de Neve —, não me atrevo a aceitar.

— Tem medo que esteja envenenada? — perguntou a mulher. — Olha, vou comer a metade da maçã e tu depois poderás comer o resto para veres que deliciosa é ela.

Cortou a maçã e pôs-se a comer a parte mais branca, pois a maçã havia sido habilmente preparada, de maneira que o veneno estava todo concentrado na parte vermelha. Branca de Neve, tranquilizada, olhava para a linda maçã e, quando viu a camponesa mastigar a sua metade, não resistiu, estendeu a mão e pegou a parte envenenada. Logo que deu a primeira mordida, caiu no chão, sem vida. Então a madrasta malvada contemplou-a com ar cruel. Depois, saltando e rindo com uma alegria tremenda, exclamou:

— Branca como a neve, rosada como o sangue e negra como o ébano! Eis-te, enfim, morta, morta, criatura atormentadora! Desta vez nem todos os anões do mundo poderão despertar-te!

Apressou-se a voltar ao castelo. Mal chegou, dirigiu-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Desta vez o espelho respondeu:

— De toda a redondeza, agora,
Real senhora,
sois vós a mais formosa!

Então seu coração tranquilizou-se, enfim, tanto quanto é possível a um coração invejoso e mau.

Os anões, regressando à noitinha, encontraram Branca de Neve estendida no chão, morta. Levantaram-na e procuraram, em vão, o que pudera causar-lhe a morte. Procuraram alguma coisa no vestido, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi inútil: a menina estava realmente morta.

Então, colocaram-na numa cama e choraram durante três dias. Depois pensaram em enterrá-la, porém ela conservava as cores frescas e rosadas como se estivesse dormindo. Eles então disseram:

— Não, não podemos enterrá-la.

Fabricaram um caixão de cristal para que fosse visível de todos os lados e gravaram na tampa, com letras de ouro, o seu nome e sua origem real. Colocaram-na dentro e levaram-na para o cume da montanha vizinha, onde ficou exposta, e cada um por sua vez ficava ao pé dela para protegê-la dos animais ferozes. Mas podiam dispensar-se disso. Os animais todos da floresta, mesmo os abutres, os lobos, os ursos, e as delicadas pombinhas, vinham chorar ao pé da inocente menina.

Muitos anos se passaram e Branca de Neve parecia estar dormindo, pois sua tez era ainda como a desejara a mãe: branca como a neve, rosada como o sangue e os longos cabelos negros como ébano. Não tinha o menor sinal de morte.

Um belo dia, um jovem príncipe, filho de um poderoso rei, tendo-se extraviado durante a caça na floresta, chegou à montanha onde Branca de Neve repousava. Viu-a e ficou deslumbrado com tanta beleza, leu o que estava gravado em letras de ouro e não a esqueceu mais.

Então perguntou aos anões:

— Dai-me esse caixão. Eu vos darei todos os meus tesouros para poder levá-lo ao meu castelo.

Mas os anões responderam:

— Não, não daremos a nossa querida filha nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe caiu em profunda tristeza e permaneceu extasiado na contemplação da beleza tão pura de Branca de Neve, e tornou a pedir aos anões:

— Por favor, deixem-me levá-la, já não posso mais viver sem tê-la diante de meus olhos. Quero dar-lhe as honras que só se prestam ao ser mais amado neste mundo.

Ao ouvirem essas palavras, e vendo a grande tristeza do príncipe, os anões compadeceram-se dele e deram-lhe Branca de Neve, certos de que ele não deixaria de colocá-la na sala de honra do seu castelo.

O príncipe mandou que seus empregados pegassem o caixão e o carregassem nos ombros. Aconteceu, porém, que um dos criados tropeçou numa raiz e, com o solavanco, saltou fora da sua garganta um pedaço de maçã que ela mordera mas não engolira. Então Branca de Neve despertou, respirou profundamente, abriu os olhos, levantou a tampa do caixão e sentou-se: estava viva.

— Meu Deus, onde estou? — exclamou ela.

O príncipe, radiante de alegria, disse-lhe:

— Estás comigo. Agora acabaram todos os teus tormentos. És para mim mais preciosa que tudo quanto há no mundo. Vamos ao castelo de meu pai, que é um grande e poderoso rei, e serás a minha esposa bem-amada.

Como o príncipe era encantador e muito gentil, Branca de Neve aceitou-lhe a mão. O rei, muito satisfeito com a escolha do filho, mandou preparar tudo para umas núpcias suntuosas. Para a festa, além dos anões, foi convidada também a má rainha que, ignorando quem era a noiva, vestiu os seus mais ricos trajes, para ofuscar todas as damas e donzelas. Depois de vestida, foi contemplar-se no espelho, certa de ouvir proclamada sua beleza triunfante. Perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela

De toda a redondeza?

Qual não foi seu espanto ao ouvi-lo responder:

— Real senhora, de todas aqui
sois a mais bela agora,
Mas a noiva do filho do rei,
é de vós mil vezes mais formosa!

A perversa mulher começou a gritar e ficou tão exasperada que não podia controlar-se e não queria mais ir à festa. Entretanto, como a inveja não lhe dava tréguas, sentiu curiosidade de ver a jovem rainha.

Quando fez a entrada no castelo, perante a corte reunida, Branca de Neve logo reconheceu sua madrasta e quase desmaiou de susto. A horrível mulher fitava-a como uma serpente. Mas sobre o braseiro já estavam prontos um par de sapatos de ferro, que haviam ficado a esquentar em ponto de brasa. Os anões apoderaram-se dela e, calçando-lhe à força aqueles sapatos quentes como fogo, obrigaram-na a dançar, a dançar, a dançar, até cair morta no chão.

Em seguida, realizou-se a festa com um esplendor jamais visto sobre a terra, e todos, grandes e pequenos, ficaram profundamente alegres.

O casamento do João

Era uma vez, um jovem camponês chamado João. Seu primo queria arranjar-lhe uma mulher rica e, para conseguir o que queria, mandou João sentar-se confortavelmente ao pé do fogo, onde crepitavam alegremente as chamas. Depois foi à cozinha buscar um caneco de leite e uma pilha de fatias de pão branco. Em seguida, pôs-lhe na mão um vintém brilhante novinho em folha e lhe disse:

— Escuta aqui, João, segura bem esta moeda na mão. O pão branco deves ensopá-la no leite e fica aí sentado bem quietinho até que eu volte.

— Está bem — disse João —, farei como dizes.

O casamenteiro vestiu umas calças remendadas e foi para a aldeia vizinha, à casa da filha de um camponês rico.

— Gentil donzela — disse ele —, não quereis casar com meu primo João? Tereis um marido muito esperto e sensato, que vos agradará muito.

O pai da moça, que era extremamente avarento, logo perguntou:

— Como está ele de finanças? Tem o que botar a ferver na panela?

— Meu caro amigo — respondeu o casamenteiro —, meu jovem primo não passa frio e não lhe falta uma boa sopa. Além disso, tem belas moedas na mão e não conta com menos bens do que eu — e batia as mãos nos remendos das calças. — Se quereis vir comigo agora mesmo, podereis ver confirmado o que digo.

O avarento não quis perder a oportunidade e respondeu:

— Pois bem, se as coisas são mesmo como dizeis, não me oponho a esse casamento.

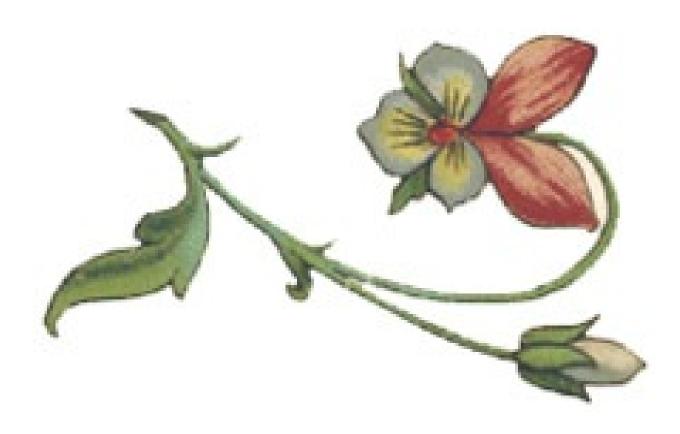
Então, no dia combinado, se realizou o casamento e, quando a recém-casada quis ir ao campo para ver as propriedades do marido, João tirou primeiro a roupa nova e vestiu o velho blusão remendado, dizendo:

— Não quero sujar meu terno novo.

Em seguida, dirigiram-se os dois para o campo. Quando aparecia ao longe uma plantação ou um vinhedo, ou então um belo campo lavrado, João apontava com o dedo e batia nos remendos do seu blusão, exclamando:

— Esta terra e a outra também são minhas. Olha aqui, meu bem!

E com isto queria dizer que a mulher não devia olhar só para os campos,

mas olhar também para a roupa a qual, essa sim, era verdadeiramente sua.

— Tu também foste ao casamento?

— Naturalmente, e eu estava bem elegante. Meu penteado era de neve, veio o sol e o derreteu. Meu vestido era de teia de aranha, passei por um espinheiro e ele se rasgou. Meus sapatos eram de vidro, tropecei numa pedra e eles fizeram clinc! e se espatifaram.

O lobo e o homem

Uma vez uma raposa contava a um lobo muitas histórias da força prodigiosa dos homens, dizendo que fera alguma podia resistir-lhes e era obrigada a empregar a astúcia para salvar-se deles. Ouvindo isso, o lobo declarou:

— Eu, porém, se conseguisse encontrar um, o atacaria sem medo.

— Se é assim, eu posso ajudar-te — disse a raposa. — Vem amanhã cedo à minha casa e te levarei até um.

O lobo chegou bem cedo à casa da raposa e esta levou-o ao caminho por onde costumava passar o caçador todos os dias. Primeiro passou um velho soldado aposentado e, então, o lobo perguntou:

— Aquele lá é um homem?

— Não — respondeu a raposa —, já foi.

Depois passou um rapazinho, que estava indo para a escola.

— Aquele lá é um homem?

— Ainda não, mas vai ser.

Por fim passou o caçador, com sua espingarda ao ombro e o facão preso na calça. Quando se aproximou, a raposa disse ao lobo:

— Vês aquele lá é um homem. A esse deves atacar, mas eu vou me meter na minha toca.

O lobo investiu contra o homem, que se lamentou:

— Que pena não ter balas na minha espingarda!

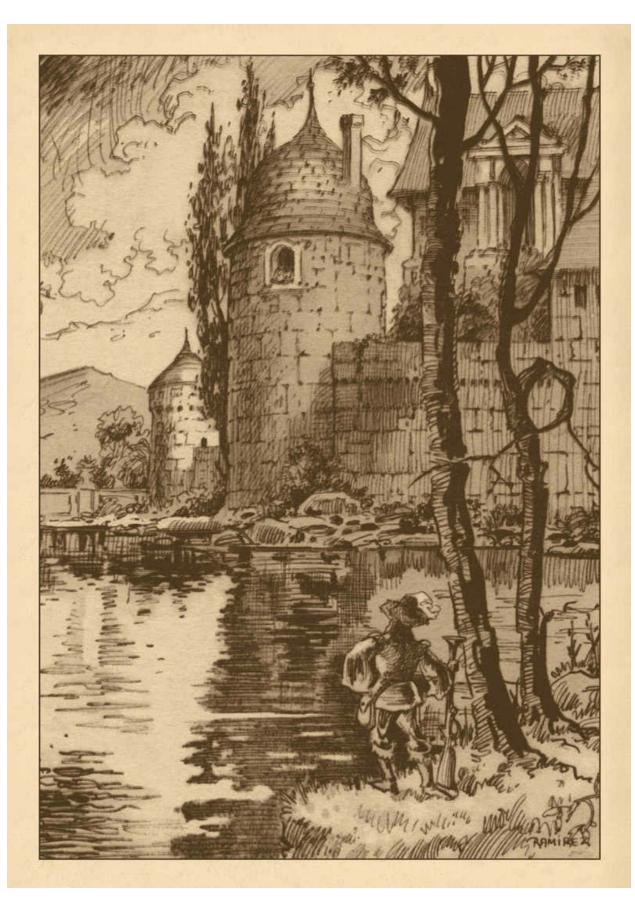
Assim mesmo, porém, fez pontaria e descarregou chumbinho contra a fera. O lobo fez uma careta mas continuou a investir ousadamente. Então o caçador descarregou o segundo cano. O lobo reprimiu a dor e avançou decididamente sobre o caçador, que, tirando o facão brilhante, fez vários cortes à direita e à esquerda, e o lobo, escorrendo sangue, fugiu uivando para a toca da raposa.

— Então, irmão lobo, como foi com o homem?

— Ah — respondeu o lobo —, não imaginei que fosse tal a sua força. Primeiro tirou do ombro uma bengala e soprando dentro dela me atirou no rosto algo que me doeu horrivelmente. Depois soprou novamente na bengala e recebi no focinho uma espécie de raio e granizo. E, quando estava quase em

cima dele, tirou do corpo um osso reluzente espancando-me tanto que por pouco não me deixou morto.

— Viu só como é, valentão?! — disse a raposa. — Atira tão longe o machado que não pode mais alcançá-lo!

RAMIREZ

A alface mágica

Era uma vez um jovem caçador que andava pela floresta à espreita de caça. Era um moço alegre e vivaz, com o coração cheio de bondade.

Andava ele distraído, assobiando tranquilamente, quando reparou, sentada sobre uma folha, uma velhinha muito feia, que lhe disse:

— Bom dia, meu bom caçador. Tu estás alegre e satisfeito, mas eu estou morrendo de fome e de sede. Dá-me uma esmolinha, por favor!

Ouvindo isso, o moço sentiu pena da velhinha, meteu a mão no bolso e deu-lhe o que trazia consigo. Em seguida, dispôs-se a continuar o seu caminho, mas a velhinha deteve-o, dizendo:

— Meu caro caçador, ouve o que te vou dizer. Quero dar-te um presente pela tua generosidade. Continua andando e daqui a pouco chegarás ao pé de uma grande árvore, sobre a qual verás nove pássaros brigando por causa de um manto, que seguram com os bicos. Aponta a tua espingarda e atira no meio deles. Eles deixarão cair a capa, e cairá morto também um dos pássaros. Apanha a capa, que é mágica. Quando a vestires e desejares estar num lugar qualquer, ela logo te transportará. Tira o coração do pássaro morto e engole-o inteiro. Assim, todas as manhãs ao despertares encontrarás uma moeda de ouro sob o travesseiro.

O caçador agradeceu gentilmente a velha, pensando consigo mesmo: “Belíssimas promessas! Ah, se realmente se realizassem!” E foi andando.

Não dera mais que cem passos e ouviu um piar estridente entre os galhos, bem em cima de sua cabeça. Ergueu os olhos e viu um bando de pássaros disputando entre si uma capa, puxando-o com os bicos, enquanto soltavam pios e se bicavam terrivelmente, querendo cada qual ficar com a capa para si.

— Ora veja! — exclamou o caçador. — Exatamente como descreveu a velha.

Tirou a espingarda do ombro, fez pontaria e disparou sobre o bando, do qual se espalharam as penas por todos os lados. Os pássaros imediatamente fugiram, piando assustados, mas um deles caiu morto, junto com a capa.

O caçador apanhou-os e, conforme lhe dissera a velha, estripou a ave e engoliu o coração, sem mastigar. Depois pegou a capa e foi-se embora,

voltando para casa.

Na manhã seguinte, assim que acordou, veio-lhe ao pensamento a promessa da velha e quis certificar-se da veracidade de suas palavras. Levantou o travesseiro e, realmente, lá estava uma moeda de ouro brilhando intensamente. No dia seguinte, encontrou outra e assim continuou em todas as manhãs. Depois de juntar uma bela pilha de moedas, o rapaz pensou: "Para que me serve tanto ouro se fico trancado aqui em casa? Quero sair por este mundo afora e ver outras terras."

Tendo resolvido isto, despediu-se dos pais, pegou a espingarda, um saco e partiu.

Depois de muito andar, deparou com uma grande floresta, atravessou-a e, chegando à extremidade oposta, viu surgir no meio da planície um magnífico castelo. Numa das janelas estavam debruçadas uma velha e uma linda moça, olhando para baixo. A velha, que era uma bruxa, disse à moça:

— Veja, lá vem saindo um rapaz da floresta. Ele traz um precioso tesouro no estômago: é o coração de um pássaro que faz com que ele encontre uma moeda de ouro todas as manhãs debaixo do travesseiro. Meu amor, nós temos que tomar esse coração dele.

Explicou direito as coisas à moça, ensinando-lhe o que deveria fazer e, encarando-a com olhar ameaçador, concluiu:

— Ai de ti se não me obedeceres!

Tendo-se aproximado do castelo, o caçador avistou a linda jovem e disse para si mesmo: "Andei tanto que estou bem cansado. Preciso dormir um pouco e pedir pousada nesse castelo. Dinheiro não me falta, tenho até demais." Mas a verdade era que seus olhos ficaram encantados com aquela bela moça.

Entrou no castelo, onde foi cordialmente recebido e hospedado com grande amabilidade. Não demorou muito e se apaixonou pela jovem, filha da bruxa, e de tal forma que já não pensava em mais nada, só via pelos olhos dela e fazia tudo o que ela lhe pedia. Então a velha, vendo como estavam as coisas, disse:

— Minha filha, agora temos que tomar o coração do pássaro. Verás, ele nem de leve se aperceberá e não sentirá nenhuma falta.

Prepararam uma infusão e, quando ficou pronta, a velha encheu um copo, dando-o à filha para que levasse. A moça disse-lhe:

— Toma isto, meu querido, à minha saúde!

Sem suspeitar de coisa alguma, o rapaz levou o copo à boca e bebeu tudo.

Assim que acabou de ingerir a infusão, vomitou o coração do pássaro. A moça pegou-o disfarçadamente e engoliu-o, pois a velha assim recomendara.

Daí por diante ele nunca mais encontrou a moeda de ouro sob o travesseiro, a qual passou a brilhar diariamente sob o travesseiro da moça, onde a velha ia buscá-la todas as manhãs. O rapaz estava tão perdidamente apaixonado que não pensava em mais nada além de poder ficar sempre ao lado dela. Então, a bruxa disse:

— O coração do pássaro já é nosso, agora temos também que lhe tirar a capa mágica.

A moça respondeu:

— Deixemos-lhe ao menos isso, já que perdeu a fortuna!

A velha, porém, zangou-se e gritou:

— Uma capa dessa espécie é coisa extraordinária, que muito raramente se encontra neste mundo. Quero possuí-la, custe o que custar.

Ensinou-lhe como devia agir, acrescentando que se não a obedecesse, viria a se arrepender amargamente.

A moça não tinha outra saída senão obedecer. Aproximou-se da janela e fitou o horizonte distante, fingindo uma grande tristeza. O rapaz então perguntou-lhe:

— Por que estás tão triste?

— Ah, meu tesouro — respondeu ela —, essa montanha que vês lá ao longe é a montanha de rubis. Toda ela está cheia dessas pedras maravilhosas. Queria tanto uma pedrinha dessas para mim e, sempre que olho para lá, fico muito triste. Mas quem é que pode ir buscá-las! Somente os pássaros que voam podem ir lá e nunca um homem!

— Se é apenas essa a tua tristeza — disse o caçador —, é muito fácil acabar com ela.

Tomou-a nos braços, sob a capa, e exprimiu o desejo de ser transportado para lá. Imediatamente os dois foram levados até o alto da montanha. As pedras preciosas cintilavam por toda parte, numa verdadeira alegria para os olhos. Os dois apressaram-se a apanhar as mais belas e atraentes, enchendo com elas os bolsos.

Entretanto, por arte mágica da bruxa, o caçador começou a sentir suas pálpebras pesarem, e então disse à moça:

— Vamos descansar um pouco. Vamos nos sentar aqui, estou tão cansado que não aguento mais.

Sentaram-se os dois. O rapaz reclinou a cabeça no colo dela e adormeceu.

Quando o viu profundamente adormecido, ela tirou-lhe a capa, recolheu todas as pedras e rubis e desejou encontrar-se logo em casa.

Ao despertar, o caçador viu que sua amada o havia enganado, abandonando-o sozinho naquela montanha selvagem.

— Meu Deus — exclamou, desolado —, quanta perversidade existe neste mundo!

Ficou profundamente abatido e amargurado, sem saber o que fazer. O pior é que a montanha pertencia a alguns terríveis gigantes que lá moravam e faziam as piores coisas. Não demorou muito, o rapaz avistou três deles, que se aproximavam a passos largos. Com medo, deitou-se, fingindo-se profundamente adormecido. Os gigantes chegaram perto dele e um lhe deu um tremendo pontapé, dizendo:

— Que espécie de verme é este que aí está?

Disse o segundo:

— Vamos esmagar o intruso!

Mas o terceiro, com todo o desprezo, opinou:

— Nem vale a pena! Vamos deixá-lo viver! Ele não conseguirá alimento por aqui e irá certamente até o alto, e aí as nuvens o carregarão.

Assim conversando, prosseguiram o caminho. Mas o caçador prestara bem atenção ao que tinham dito e, assim que eles se afastaram, levantou-se e subiu até o cume da montanha. De repente, baixou uma nuvem que o agarrou e o levou consigo. Durante algum tempo, ela andou vagueando pelo azul do céu, depois foi descendo até pousar numa grande horta, toda cercada de muros, e pousando suavemente entre as couves e outras hortaliças.

O caçador olhou ao redor e disse:

— Se tivesse ao menos alguma coisa para comer! Estou com tanta fome e não poderei continuar o meu caminho! Aqui, porém, não vejo peras, nem maçãs, nem outras frutas. Não há senão hortaliças.

Por falta de coisa melhor, comerei um pouco de alface. Não é lá muito saborosa, mas é fresca.

Escolheu uma bela alface e a comeu, mas, apenas engolira algumas folhas, sentiu uma estranha sensação e pareceu-lhe estar completamente mudado.

Cresceram-lhe quatro pernas, uma grande cabeça com duas orelhas compridas e, com imenso terror, viu que se transformara num asno. Todavia, continuava com muita fome e, graças à sua nova natureza, a alface se tornou para ele bem agradável e dela comeu fartamente. Chegando a outro canteiro, avistou uma espécie diferente de alface. Mal comeu algumas folhas, sentiu-se

novamente transformado, readquirindo o aspecto humano.

Então, tendo saciado a fome, o caçador deitou-se e dormiu tranquilamente. Na manhã seguinte, ao despertar, colheu um pé de alface boa e um pé de alface ruim, pensando: “Isto me servirá para recuperar as minhas coisas e castigar a perversidade daquelas duas.” Colocou os pés de alface no saco e, saltando o muro, dirigiu-se ao castelo de sua amada.

Durante dois dias andou perambulando, mas por fim encontrou-o. Disfarçou-se muito bem, de modo que nem mesmo sua mãe o teria reconhecido. Depois foi ao castelo e pediu pousada.

— Estou tão cansado que não posso mais prosseguir.

A bruxa perguntou-lhe:

— Quem sois e qual é vossa profissão?

— Sou um mensageiro do rei — disse o rapaz —, o qual me mandou em busca da melhor alface que existe no mundo. E tive a felicidade de encontrá-la. Veja, trago-a aqui. Mas o sol está tão quente que ameaça queimar a tenra folhagem. Não sei se poderei levá-la mais longe.

Ouvindo falar dessa melhor alface do mundo, a bruxa ficou com água na boca e disse:

— Meu caro mensageiro, deixa-me provar uma folhinha dessa maravilhosa alface, sim?

— Por que não? — respondeu ele. — Levo dois pés dela, posso perfeitamente dar-vos um.

Abriu o saco e tirou a alface ruim, oferecendo-a à velha. Esta não imaginou sequer que houvesse algum mal nela. Rápida, correu à cozinha e pessoalmente a temperou.

Assim que ficou pronta não teve paciência de esperar que fosse para a mesa, ali mesmo começou a comê-la. Comeu apenas algumas folhas e imediatamente perdeu o aspecto humano, transformou-se em asno e saiu a correr e a pinotear pelo quintal.

Neste instante, a criada entrou na cozinha, viu a salada pronta e foi levá-la para a mesa, mas, pelo caminho, cheia de gulodice, tirou uma folha e comeu-a. Neste momento, a alface também a transformou num asno e saiu a correr para o quintal, junto de sua patroa, deixando cair o prato de salada no chão.

Enquanto isso, o caçador estava ao lado da bela jovem e, vendo que ninguém aparecia com a famosa salada, a qual ela morria de vontade de provar, a moça disse:

— Quem sabe onde está a tal salada?

O caçador pensou: “Acho que já produziu o efeito desejado!” E, em voz alta, disse:

— Vou até à cozinha saber o que está acontecendo.

Quando chegou lá embaixo, viu as duas mulas correndo e saltando no quintal enquanto que o prato de alface estava largado no chão.

— Ótimo! — exclamou ele. — Aquelas duas já receberam a sua parte!

Apanhou as folhas que sobraram, arrumou-as direitinho no prato e levou-as à moça, dizendo:

— Eu mesmo trago esta delícia! Aqui está! Acho que não deveis esperar mais tempo.

Ela serviu-se avidamente e logo perdeu o aspecto humano, como as outras, e saiu a correr para o quintal, transformada em mula.

O caçador, então, tirou o disfarce para que elas o pudessem reconhecer. Depois desceu até o quintal e disse:

— Agora recebereis o prêmio por tanta maldade.

Amarrou as três com uma corda e arrastou-as consigo. Logo depois chegou a um moinho. Bateu à porta e o moleiro chegou à janela, perguntando o que desejava.

— Tenho aqui três jumentas indomáveis, das quais pretendo me desfazer. Se quiserdes ficar com elas, providenciar forragem e comida suficiente e tratá-las como quero eu, pagarei o que me pedires.

— Como não? — disse o moleiro — Como é que devo tratá-las?

Então o caçador disse que devia dar à jumenta mais velha — que era a bruxa — três pancadas por dia e uma ração de comida; à segunda — que era a criada — devia dar uma pancada e três rações por dia; e à terceira — que era a moça — nenhuma pancada e três rações de forragem, porque não suportava que a espancassem.

Em seguida voltou ao castelo e encontrou todas as suas coisas.

Alguns dias depois, apareceu o moleiro, dizendo que a mula velha, em consequência das três pancadas e uma só ração de comida por dia, havia morrido.

— As outras duas — continuou — ainda não morreram e continuo dando-lhes comida três vezes por dia, mas andam tão tristes que certamente não viverão muito.

O caçador, então, condoeu-se, esqueceu a sua raiva e disse ao moleiro que as trouxesse para o castelo. Quando chegaram, deu às duas algumas folhas de alface boa e imediatamente elas readquiriram o aspecto normal.

A linda moça caiu-lhe aos pés, soluçando, e disse-lhe:

— Meu amor, perdoa-me o mal que involuntariamente te causei. Fui obrigada por minha mãe mas arrependo-me sinceramente, porque te amo de todo o coração. A sua capa mágica está guardada no armário. Quanto ao coração do pássaro, tomarei qualquer coisa que me faça vomitá-lo.

O rapaz então mudou de ideia e exclamou:

— Podes ficar com ele, é a mesma coisa, porque serás a minha querida e fiel esposa.

Pouco depois, casaram-se e viveram extremamente felizes até o fim da vida.

Margarida, a esperta

Era uma vez uma cozinheira chamada Margarida, que possuía um par de sapatos vermelhos. Quando saía para passear com os tais sapatos, rodopiava para lá e para cá, muito satisfeita, dizendo com seus botões: “Estou muito bonita!” E, quando regressava para casa, de tão contente, bebia um bom gole de vinho e, como a bebida abria o apetite, provava dos melhores pratos até encher bem o estômago, dizendo: “A boa cozinheira deve saber que gosto tem a comida.”

Certo dia, disse-lhe o patrão:

— Margarida, hoje tenho um convidado para o jantar. Prepara da melhor maneira duas galinhas.

— Está bem, senhor, será feito — respondeu Margarida.

Matou as duas galinhas, depenou-as, limpou-as e, tendo-as temperado bem, pô-las para assar no espeto. As galinhas já estavam começando a dourar e a tostar, mas o convidado não aparecia. Então Margarida foi ter com o patrão e disse-lhe:

— Se a visita não vem, tenho de tirar as galinhas do fogo, mas é uma pena não as comer logo, enquanto estão no ponto.

O patrão respondeu:

— Vou correndo chamar a visita.

Assim que o patrão virou as costas, Margarida tirou do fogo os espetos com as galinhas e pensou:

— Ficar tanto tempo perto do fogo faz a gente suar e ficar com sede. Quem sabe lá quando chegam eles! Enquanto isso, dou um pulo até a adega e tomo um golinho de vinho.

Desceu depressa à adega e tomou um belo gole.

— Saúde, Margarida! — disse para si mesma. — Um gole chama outro e não é bom interromper.

Assim pensando, bebeu mais alguns goles. Depois voltou para a cozinha, recolocou as galinhas no fogo, untando-as bem com manteiga e girando alegremente o espeto. Os assados desprendiam um aroma tão delicado que ela pensou:

— Será que não está faltando alguma coisa? — Passou o dedo e lambeu-o

exclamando: — Como estão gostosas! É realmente um pecado não comê-las já.

Foi até a janela para ver se o patrão e o convidado vinham chegando, mas não achou ninguém, então voltou para perto dos assados.

— Ah, esta asa está queimando, é melhor comê-la.

Cortou a asa e comeu-a com gosto. Quando acabou de comer, pensou:

— Vou tirar a outra também, se não o patrão percebe que está faltando alguma coisa.

Depois de ter comido as duas asas, voltou à janela a fim de ver se o patrão vinha chegando, mas não o encontrou. Então, ocorreu-lhe a ideia:

— Talvez nem venham! Quem sabe se não foram jantar em qualquer estalagem!

Então, disse a si mesma:

— Vamos, Margarida, coragem. Já começaste uma. Toma mais um golinho e acaba de comê-las de uma vez, assim ficarás sossegada. Por que desperdiçar uma delícia destas?

Desceu novamente à adega, tomou um gole respeitável e depois comeu a galinha inteirinha, com a maior satisfação. Tendo comido a primeira e não vendo o patrão aparecer, Margarida contemplou a segunda, murmurando:

— Aonde vai uma deve também ir a outra, as duas têm o mesmo direito. Acho que, se eu tomar mais um gole, não poderá me fazer mal.

Tomou outro gole e devorou a segunda galinha.

Quando estava no melhor da festa, chegou o patrão todo aflito e anunciou:

— Depressa, Margarida, arruma tudo. A visita está chegando!

— Sim, senhor, já vou arrumar — respondeu Margarida.

O patrão foi para a sala ver se a mesa estava em ordem, pegou a faca de trinchar e pôs-se a afiá-la. Nesse momento, chegou o convidado, que bateu delicadamente à porta. Margarida correu para ver quem era e, dando com ele parado diante da porta, colocou um dedo sobre os lábios, dizendo cautelosamente:

— Psiu, psiu! Foge depressa, pois, se meu patrão te pegar, pobre de ti. Ele te convidou para jantar mas sua intenção é cortar-te as duas orelhas. Ouve como está afiando a faca!

O convidado, com efeito, ouviu o tinir da faca e, pensando que fosse verdade, disparou numa corrida louca escada abaixo. Margarida, sem perder um minuto, correu para o patrão, gritando:

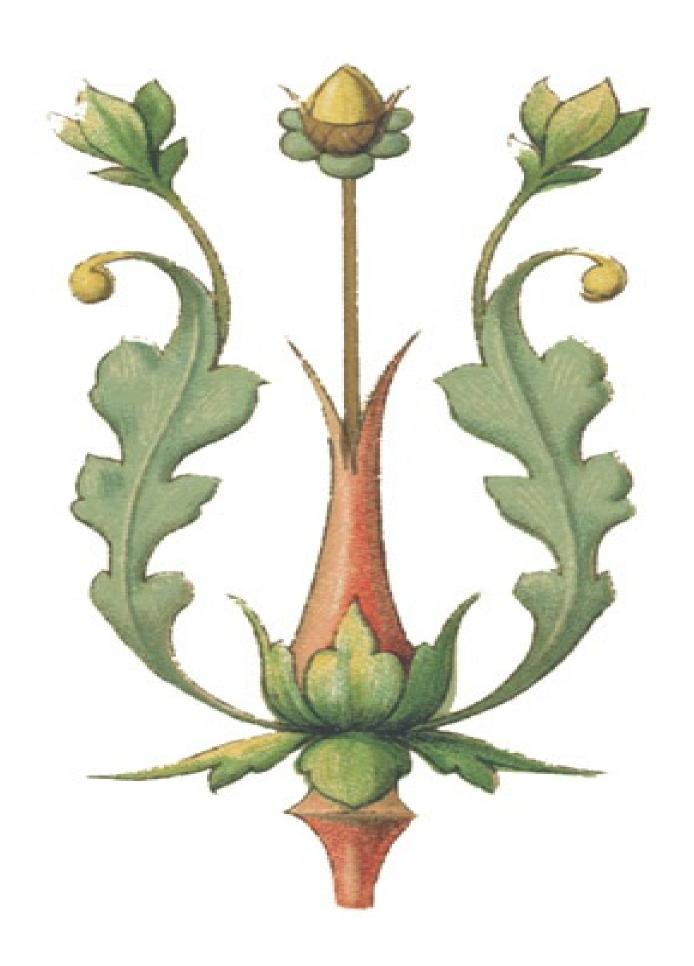
— Que belo convidado convidaste!

— Por que dizes isso, Margarida?

— Sim — disse ela —, passou a mão na travessa com as duas galinhas, que ia pôr na mesa, e saiu correndo.

— Muito bonito! — disse o patrão aflito por causa das galinhas. — Se ao menos me tivesse deixado uma para ter o que comer!

Pôs-se a gritar para que parasse, mas o convidado fingia não ouvir. Então saiu correndo atrás dele, com a faca na mão, gritando:

— Uma só, pelo menos! Uma só! — querendo dizer que lhe desse ao menos uma das galinhas, mas o convidado não compreendeu e pensou que ele estivesse reclamando uma orelha e corria cada vez mais, como se tivesse fogo atrás de si, e tratou de pôr a salvo as preciosas orelhas.

A raposa e o gato

Certa vez um gato encontrou a Raposa na floresta e pensou com seus botões: “Ela é muito sabida e esperta, e tem muita influência na sociedade.” Então, dirigiu-se a ela com toda a amabilidade:

— Bom dia, prezada senhora raposa! Como vai? Como está? Como passa com as coisas tão caras?

A raposa, cheia de empáfia, o olhou da cabeça aos pés, indecisa se devia ou não responder-lhe. Finalmente disse:

— Seu morto de fome, pega-ratos atrevido, que te deu na telha? Ousas perguntar-me como vou passando? Quem te ensinou isso? Dize-me, quantas artes conheces?

— Conheço apenas uma — respondeu com toda a modéstia o pobre gato.

— E que espécie de arte é essa? — perguntou a raposa.

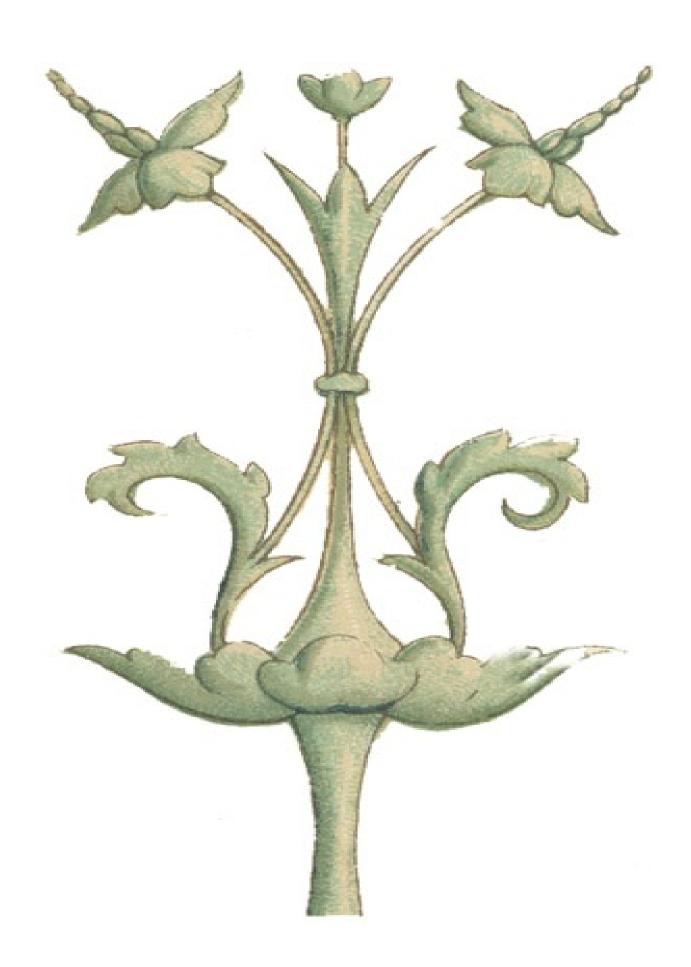
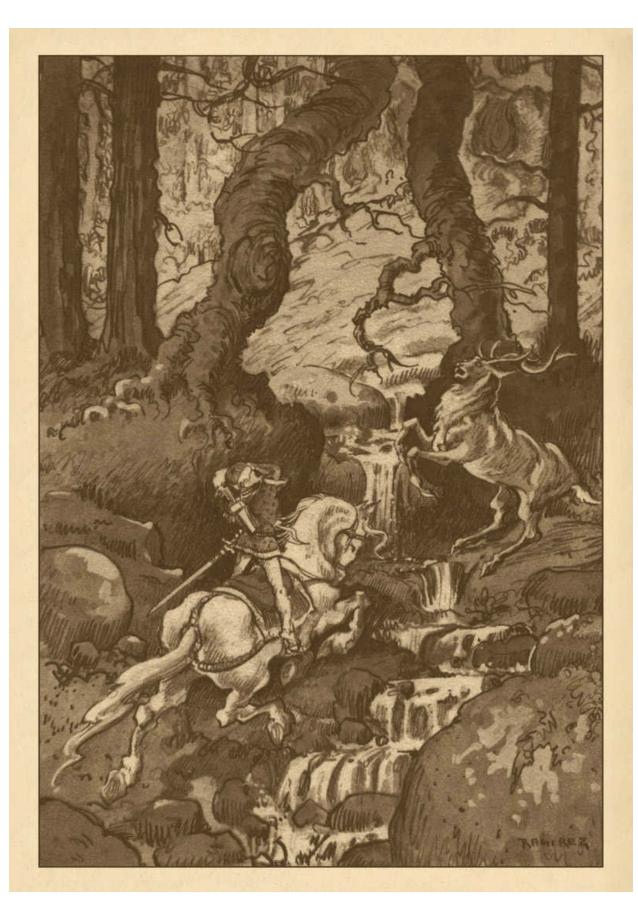
— Quando os cães me perseguem, sei subir numa árvore e ficar a salvo.

— É tudo o que sabes? — perguntou a raposa. — Pois eu possuo cem artes e ainda por cima possuo um saco cheio de astúcia. Você me dá pena! Vem comigo, eu te ensinarei como deves fazer para fugir dos cães.

Exatamente nesse momento chegou um caçador com quatro cães. O gato, mais que rapidamente, subiu numa árvore e aninhou-se no galho mais alto, ficando escondido pela folhagem, e de lá de cima gritava:

— Abra o saco, senhora raposa! Abra o saco!

Mas os cães já haviam agarrado a raposa e não a soltavam.

— Pobre senhora raposa! — ia gritando o gato — com todas as suas artes acabou caindo na armadilha. Se soubesse apenas uma como eu, teria salvo a vida!

O príncipe e a princesa

Era uma vez, um rei que tinha um filho e as estrelas diziam que aos dezesseis anos seria morto por uma corsa.

Quando o príncipe completou dezesseis anos, foi caçar na floresta junto com os seus caçadores, e na floresta separou-se deles, tendo avistado uma enorme corça, para a qual apontou a espingarda. Atirou mas não atingiu o alvo. A corsa correu sem parar, perseguida pelo príncipe. Depois de muito correr, o animal sumiu e, de repente, no lugar dele, apareceu um homem muito grande.

— Ainda bem que te apanhei — disse ele —, já gastei seis pares de patins de vidro sem nunca poder te pegar!

Assim dizendo, pegou o príncipe e levou-o para a outra margem de um enorme lago, onde havia um castelo. Lá, o príncipe teve que sentar-se à mesa com o homem e comer em sua companhia. No final da refeição, o homem, que era um rei, disse-lhe:

— Eu tenho três filhas. Tens que ficar acordado, em vigília uma noite junto da mais velha, desde as nove horas da noite às seis da manhã. Cada vez que soarem as horas, virei e te chamarei. Se não me responderes, amanhã cedo serás morto, mas se responderes todas as vezes que eu te chamar, terás minha filha por esposa.

Em seguida, o príncipe subiu para o quarto com a princesa. Na porta do quarto, havia uma estatueta de São Cristóvão e, ao passar por ela, a princesa disse-lhe:

— Meu pai virá às nove horas, e nas outras sucessivas, até bater três horas. Se, por acaso, ele chamar o príncipe, responde-lhe em seu lugar.

São Cristóvão acenou que sim com a cabeça, muito depressa. Depois, sempre mais devagar, até que parou de uma vez. O príncipe deitou-se perto da porta e dormiu tranquilamente. Todas as vezes que o rei chamou, São Cristóvão lhe respondeu, como se fosse o príncipe.

Na manhã seguinte o rei disse:

— Saíste muito bem desta prova, mas ainda não posso dar-te minha filha. Tens que ficar em vigília uma noite inteira junto da segunda filha. Depois disso verei se podes casar-te com a primeira. Mas virei chamar-te a todas as

horas e tu tens que me responder; caso contrário, perderás a vida.

Como na noite anterior, o príncipe subiu para o quarto, agora junto com a segunda princesa. Na porta do quarto, havia a estátua de São Cristóvão, ainda maior do que a primeira, e a princesa, ao passar por ela, disse-lhe:

— Se meu pai chamar o príncipe, responde por ele.

A estátua acenou com a cabeça, muito depressa. Depois, sempre mais devagar, até parar de todo. O príncipe deitou-se perto da porta e adormeceu.

Na manhã seguinte, veio o rei e disse-lhe:

— Realmente, saíste muito bem, mas ainda não posso dar-te a minha filha. Tens que velar ainda uma noite junto da terceira, depois verei se podes casar com a segunda. Mas eu virei cada vez que soarem as horas e te chamarei. Se não me responderes, teu sangue correrá.

O príncipe subiu com a moça para o quarto e lá havia outro São Cristóvão, muito maior que os de antes. Ao passar por ele, a princesa disse-lhe:

— Se meu pai chamar o príncipe, responde tu por ele.

São Cristóvão, grande como era, balançou a cabeça afirmativamente, muito ligeiro, depois mais devagar, até parar de todo. O príncipe deitou-se junto da porta e adormeceu. No dia seguinte, o rei disse-lhe:

— Na realidade, te comportaste muito bem, mas ainda não posso dar-te a minha filha. Eu possuo uma grande floresta. Se conseguires derrubá-la toda das seis horas da manhã até as seis da tarde do dia de hoje, verei o que posso fazer.

Em seguida, deu-lhe um machado de vidro, uma cunha de vidro e uma marreta também de vidro. Ao chegar à floresta, o príncipe deu o primeiro golpe com o machado e este se quebrou. Pegou a cunha e bateu com a marreta e logo ficou tudo reduzido a migalhas. O príncipe ficou desesperado, certo de que morreria. Sentou-se no chão e começou a chorar.

Ao meio-dia, o rei disse às filhas:

— É preciso que uma de vós, meninas, leve alguma coisa de comer ao rapaz.

— Não — responderam as duas mais velhas —, nós não levaremos nada. Que leve a que ele ficou de vigília por último.

Portanto, a princesa mais moça teve de ir à floresta e levar comida ao rapaz. Lá chegando, perguntou-lhe em que pé estavam as coisas.

— Oh — respondeu ele —, muito mal. — E mostrou-lhe os instrumentos quebrados.

Ela convidou-o a comer alguma coisa, mas o rapaz não aceitou.

— Não quero — disse ele —, sei que devo morrer, portanto, não quero comer mais nada.

A princesa insistiu tão amavelmente que o príncipe se aproximou e comeu. Depois ela disse:

— Deita-te aí. Eu farei cafuné para espantar esses tristes pensamentos.

O príncipe deitou-se e a moça começou a fazer-lhe cafuné. O rapaz, então, sentiu uma grande moleza e não tardou a adormecer. A princesa pegou no lenço, deu-lhe um nó na ponta e bateu com ele três vezes no chão, dizendo:

— Saiam para fora, meus pequenos operários!

Imediatamente, surgiu uma multidão de gnomos perguntando-lhe o que desejava.

— Dentro de três horas, quero que esta floresta esteja toda derrubada — disse ela — e a lenha amontoada.

Os gnomos espalharam-se por todos os lados, chamaram também todos os parentes para que os ajudassem, e quando deram três horas, estava tudo pronto. Foram até a princesa e comunicaram-lhe que haviam terminado o serviço. Ela então pegou novamente no lenço e, batendo com ele no chão, disse:

— Meus pequenos operários, voltem para suas casas.

E os gnomos todos desapareceram. Ela, então, despertou o príncipe, que ficou louco de alegria ao ver o trabalho feito.

— Quando baterem as seis horas, vem para casa — disse a moça.

O rapaz obedeceu, e lá o rei perguntou-lhe:

— Derrubou todas as árvores da floresta?

— Sim — disse o príncipe —, está pronto.

Foram jantar e na mesa o rei disse:

— Ainda não posso dar-te minha filha por esposa. Tens antes de prestar-me outro serviço. Tenho por aí um grande charco. É preciso que vás amanhã cedo limpá-lo bem, que fique brilhando como um espelho e que dentro dele haja toda espécie de peixes.

Na manhã seguinte, entregou-lhe uma pá e uma enxada de vidro, dizendo:

— Até as seis horas da tarde, o charco deve estar limpo e em ordem.

O príncipe encaminhou-se e, lá chegando, afundou a pá no lodo e esta se quebrou. Ele então tentou com a enxada, mas esta também se quebrou. Então, o rapaz ficou desesperado sabendo que teria de morrer.

Ao meio-dia voltou novamente a princesa mais moça, trazendo comida, e perguntou-lhe como ia o trabalho. O príncipe respondeu, desolado, que ia

muito mal e que isso lhe custaria a vida.

— Vem comer qualquer coisa — disse a moça —, depois mudarás de ideias.

Mas ele não queria comer nada, estava desesperado e só desejava morrer. A princesa, porém, o convenceu gentilmente a comer, e por fim ele aceitou. Quando acabou de comer, tornou a deitar-se para descansar um pouco e a princesa fez um cafuné na sua cabeça até ele dormir. Depois pegou no lenço, fez um nó no canto e bateu com ele três vezes no chão, dizendo:

— Saiam para fora, meus pequenos operários.

No mesmo instante, surgiram os gnomos, perguntando-lhe o que desejava. Ela disse:

— Quero que, dentro de três horas, limpem este charco e o deixem brilhando como um espelho e que dentro dele haja toda espécie de peixes.

Os gnomos chamaram todos os parentes em seu auxílio e, no prazo de duas horas, deram cabo do trabalho. Foram ter com a princesa e disseram-lhe:

— Já fizemos o que nos ordenaste.

A princesa pegou o lenço, bateu com ele três vezes no chão, dizendo:

— Meus pequenos operários, voltem todos para casa. — No mesmo instante os gnomos desapareceram.

Quando o príncipe acordou, o trabalho estava concluído e a princesa recomendou-lhe que às seis horas fosse para o castelo. Quando lá chegou, o rei perguntou-lhe:

— Então, o charco está pronto?

— Sim — disse o príncipe —, já está pronto.

Ao jantar, o rei disse-lhe:

— Na verdade, deixaste o charco em ordem, mas mesmo assim ainda não posso dar-te minha filha. É preciso que me faças outra coisa.

— Que devo fazer? — perguntou o rapaz.

— Eu tenho um morro que está todo coberto de espinheiros. Tens que arrancá-los todos e no alto do morro e construir um castelo, o mais lindo que possa existir, com tudo o que é necessário dentro dele.

Na manhã seguinte, o rei entregou-lhe uma foice e uma pua — um objeto pontudo — de vidro, dizendo:

— Quero que tudo fique pronto até as seis horas.

O rapaz foi ao morro, mas, ao dar o primeiro golpe com a foice, esta partiu-se em mil pedaços e a pua também voou em migalhas. Desesperado, ele sentou-se e ficou à espera da sua amada. Talvez viesse e, então, o tiraria

dessa situação.

Ao meio-dia, ela chegou, trazendo-lhe o almoço. Ele foi-lhe ao encontro e contou-lhe o que havia acontecido. Depois almoçou, deitou-se, deixou que lhe fizesse cafuné e logo dormiu.

A princesa então bateu com o nó de seu lenço no chão, dizendo:

— Saiam para fora, meus pequenos operários.

Logo surgiu a multidão de gnomos perguntando o que desejava. Ela disse-lhes:

— Dentro de três horas, quero que este morro esteja completamente limpo de todos os espinheiros, e lá no topo devem construir um castelo tão magnífico como nenhum outro, e dentro dele deve haver tudo o que é necessário.

Os gnomos convocaram todos os seus parentes e, ao fim de três horas, o trabalho ficou pronto. Depois foram comunicar à princesa, que, pegando no lenço, bateu três vezes no chão, dizendo:

— Meus pequenos operários, voltem para casa.

Num instante os gnomos desapareceram. Ao acordar, o príncipe viu que tudo estava pronto e ficou alegre como um passarinho. E, ao baterem seis horas, voltaram ambos para casa. O rei perguntou-lhe:

— Está pronto o castelo?

— Sim, majestade — respondeu o príncipe.

E à hora do jantar, quando estavam à mesa, o rei disse-lhe:

— Não posso dar-te minha filha mais moça em casamento enquanto não casarem as duas mais velhas.

O príncipe e a princesa ficaram desolados e não sabiam mais para que santo apelar. Assim, durante a noite, ele foi buscar a princesa em seu quarto e fugiram juntos. Mas não tardou muito e a princesa viu que o pai vinha atrás deles.

— Oh — disse ela —, que vamos fazer? Meu pai está nos perseguindo e nos quer agarrar! Escuta, vou te transformar numa roseira e eu serei uma rosa, assim estarei protegida entre os espinhos.

E os dois se transformaram em roseiral e rosa. E foi isso que o rei encontrou ao chegar, então tentou colher a rosa, mas os espinhos o feriam de tal modo que ele teve que voltar para casa sem nada. A esposa do rei perguntou-lhe por que não trouxera de volta a filha. Ele explicou que, quando ia alcançá-la, a perdera subitamente de vista, mas, tendo encontrado um roseiral com uma linda rosa, quis apanhá-la para trazê-la. A rainha então

disse-lhe:

— Devias ter trazido a rosa, que o roseiral viria junto.

O rei saiu disposto a apanhar a rosa. Enquanto isso, porém, os dois fugitivos já iam longe, e ele voltou a persegui-los. A filha, virando para trás e vendo o pai que já vinha perto, exclamou:

— Ah, que vamos fazer? Olha aqui, vou transformar-te numa igreja e eu serei o padre. Ficarei no púlpito fazendo o sermão.

E assim, quando o rei chegou, só viu a igreja e dentro dela, no púlpito, o padre que estava fazendo o sermão. O rei ouviu o que ele dizia e depois regressou para casa.

A rainha perguntou-lhe se desta vez trazia a filha e o marido respondeu-lhe:

— Seguia-a durante um longo trecho e, quando pensei que ia agarrá-la, deparei com uma igreja e nela um padre fazendo o sermão.

— Devias ter trazido o padre — disse a rainha —, e a igreja logo viria atrás. É inútil que te mande apanhá-los, não consegues nada. É preciso que vá eu mesma.

Assim, pois, a rainha saiu em perseguição dos fugitivos. Depois de andar um bom trecho, viu na estrada os dois que iam longe. A princesa, então, virou para trás e percebeu a mãe, que os vinha alcançando.

— Ai de nós, desta vez é minha própria mãe quem vem aí, que vamos fazer? Escuta, vou transformar-te num lago e eu me transformarei num peixe.

E a rainha, ao aproximar-se, não viu mais a filha, viu somente o lago e dentro dele um peixe saltando e espichando a cabecinha fora da água, muito alegre e feliz.

A rainha fez o possível para apanhar o peixe, mas foi em vão. Então enfureceu-se e bebeu toda a água do lago, pensando com isso apanhar o peixe. Infelizmente, porém, começou a sentir-se mal e a vomitar. Vomitou toda a água que tinha bebido e acabou dizendo:

— Vejo que não posso mesmo fazer nada.

Então, pediu-lhes que voltassem para casa, que ela não lhes faria nenhum mal. Os fugitivos resolveram ir com a rainha e esta entregou à filha três nozes, dizendo:

— Guarda-as com cuidado, elas te servirão nos momentos de angústia.

Depois, os dois jovens despediram-se da rainha e foram-se embora. Após dez horas de caminho, chegaram ao castelo do príncipe, perto do qual havia uma aldeia, e nessa aldeia o príncipe disse à princesa:

— Espera-me aqui, minha querida, vou ao castelo de meu pai e depois virei buscar-te com a carruagem e os criados.

No castelo, todo mundo ficou radiante ao ver de volta o príncipe. Ele então contou que havia deixado a noiva na aldeia e queria que fossem buscá-la com uma carruagem. Foi imediatamente atendido e muitos criados subiram à carruagem. No momento em que o príncipe ia subir também, sua mãe deu-lhe um beijo e com este beijo ele esqueceu tudo o que havia acontecido e o que estava para fazer.

A mãe aproveitou-se disso e mandou que desatrelassem os cavalos e voltassem todos para o castelo.

Entretanto, a princesa estava esperando na aldeia e espera, espera, espera, mas, vendo que ninguém ia buscá-la, julgou que o príncipe a havia esquecido. Não tendo com que viver, empregou-se no moinho, que pertencia ao castelo. Entre outras coisas, devia todos os dias lavar os talheres no rio.

Certo dia, a rainha, que já tinha arranjado outra noiva para o filho e cujas bodas estavam anunciadas para breve, foi passear perto do rio e viu a linda jovem lavando os talheres.

— Ah, que linda moça — disse ela —, como me agrada!

Perguntou a todos quem era, mas ninguém a conhecia.

A princesa serviu lealmente o moleiro durante muito tempo. No castelo, aguardava-se a chegada da outra noiva do príncipe, que morava longe dali. Quando finalmente esta chegou, começaram os preparativos para o casamento.

De toda parte vinha gente, convidada ou não, para assistir aos festejos e a moça pediu permissão ao moleiro para ir também. Ele consentiu. Então a moça se foi preparar e partiu uma das nozes que lhe dera a mãe, encontrando dentro dela um magnífico vestido. Vestiu-se, penteou-se e foi à igreja, postando-se perto do altar. Neste momento, chegaram os noivos e tomaram lugar nas cadeiras diante do altar. O padre já começara a cerimônia quando a noiva deu com a jovem ali do lado. Ela ficou de pé e declarou que não se casaria se não lhe dessem também um vestido igual ao daquela dama.

Voltaram todos para casa e mandaram perguntar à dama se queria vender aquele belo vestido. Ela respondeu que não queria vendê-lo, mas a noiva podia ganhá-lo, se quisesse. Bastava que lhe permitisse dormir uma noite na frente da porta do quarto do príncipe e ela lhe daria o vestido.

A noiva concordou, mas ordenou aos criados que dessem um sonífero ao noivo. A moça ficou na frente da porta e durante a noite toda lamentou-se,

dizendo que por amor a ele mandara derrubar a floresta, limpar o charco, construir o castelo. Depois, para salvá-lo, o transformara em roseiral, depois numa igreja e por fim num lago, e depois disso tudo, ele esquecia e casava-se com outra!

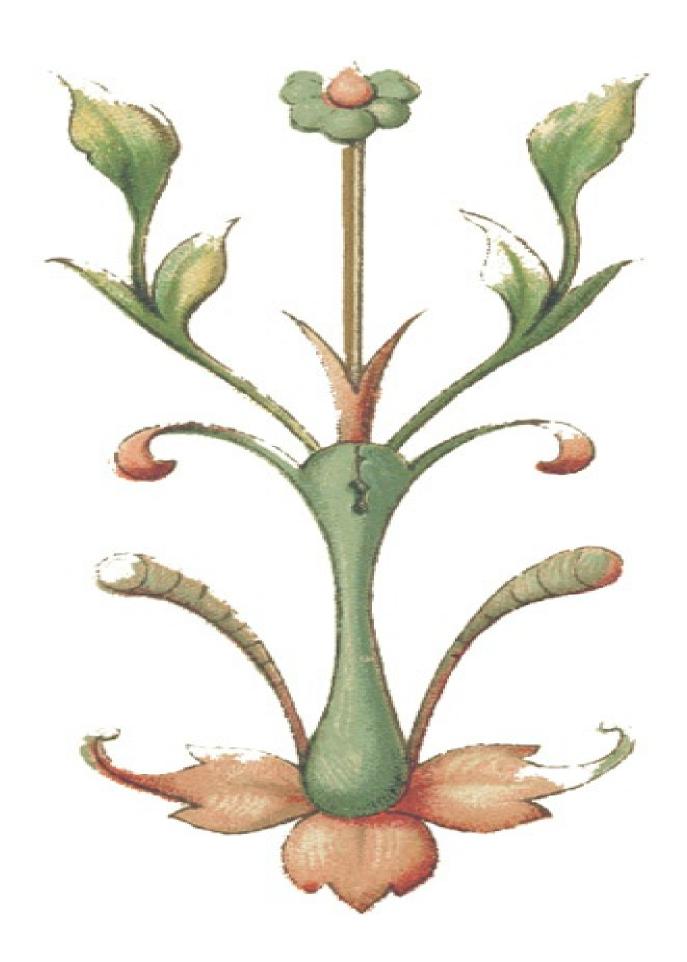
O príncipe, porém, sob o efeito do sonífero, nada ouviu, mas os criados, que permaneceram acordados, ouviram tudo, mas não sabiam o que aquilo significava.

Na manhã seguinte, a noiva vestiu o rico traje e foram todos para a igreja. A moça, entretanto, partiu a segunda noz e tirou dela um vestido ainda mais belo e suntuoso. Vestiu-o e foi para a igreja, postando-se no mesmo lugar da outra vez. Antes mesmo que começasse a cerimônia, a noiva viu-a e ficou louca de vontade de ter aquele vestido. Não quis ainda casar-se e mandou perguntar à dama se lhe vendia o vestido. A resposta foi igual à da vez anterior e, também nessa noite, a moça ficou na frente da porta do príncipe. Quando ficou só, começou a lamentar o que tinha feito por ele.

No entanto, o criado particular do príncipe, que fora encarregado de dar-lhe o sonífero, não gostava da noiva e estava penalizado pela moça. Resolveu jogar fora o líquido e assim o príncipe não dormiu e ouviu tudo o que a moça dizia. A princípio ficou muito triste, depois foi paulatinamente se lembrando de tudo o que havia esquecido e levantou-se para encontrar com ela, mas a mãe havia trancado a porta e ele foi obrigado a esperar até o dia seguinte.

Mal se levantou, foi correndo para junto da sua amada e contou-lhe o que se havia passado, dizendo-lhe que não lhe guardasse rancor por esse longo esquecimento involuntário.

A princesa então partiu a terceira noz e tirou dela outro vestido, ainda mais fulgurante que os anteriores. Vestiu-o e foi para a igreja com o seu noivo. Chegaram também muitas crianças, com flores, estendendo fitas de todas as cores à sua passagem. Depois veio o padre, que abençoou as núpcias e eles fizeram uma grande festa, enquanto que a outra noiva e a perversa mãe tiveram que arrumar as malas e ir-se embora.

E a quem por último esta história contou, a boca ainda não se lhe esfriou.

O lobo e a raposa

Certa vez um lobo tinha em sua companhia a raposa, e a coitada tinha que fazer tudo o que ele queria. Como era a mais fraca, ficaria muito alegre se pudesse livrar-se de tal patrão. Um dia, atravessando a floresta, o lobo disse-lhe:

— Pelo ruivo, me arranjas algo para comer, do contrário como você.

A raposa respondeu:

— Conheço por aqui uma fazenda na qual há um casal de ovelhinhas. Se desejas, podemos apanhar uma delas.

O lobo gostou da ideia e concordou. Foram até lá e a raposa furtou a ovelhinha, entregou-a ao lobo e afastou-se. O lobo devorou-a num abrir e fechar de olhos, mas não se satisfez. Queria comer também a outra e foi buscá-la, mas foi tão desastrado que a mãe da ovelhinha percebeu-o e desandou a berrar e a balir tão fortemente que os camponeses vieram correndo. Lá encontraram o lobo e o espancaram tanto que o pobre ficou arrasado. Mancando e uivando, conseguiu arrastar-se para junto da raposa.

— Puxa, que amiga você é?! — reclamou ele. — Eu quis apanhar o outro cordeirinho e vieram os camponeses, que me encheram de pancadas.

— E tu — respondeu a raposa —, por que és tão guloso?

No dia seguinte, voltaram ao campo e o lobo disse:

— Pelo ruivo, vê se me arranjas qualquer coisa para comer, do contrário como você.

— Conheço um sítio aqui por perto, cuja dona hoje à tarde vai fazer bolinhos. Se quiseres, podemos ir buscar alguns.

Foram até lá e a raposa, escondida, deu uma volta em torno da casa, tanto espiou e farejou que conseguiu descobrir o prato, furtou seis bolinhos e levou-os ao lobo.

— Eis aqui o que comer! — disse, e afastou-se para os seus afazeres.

O lobo engoliu os seis bolinhos de uma vez, dizendo:

— Só aumentou o meu apetite!

Dirigiu-se à casa, puxou o prato logo de uma vez. Este caiu e ficou em mil pedaços, fazendo um barulhão dos diabos. A mulher correu para ver o que acontecia e descobriu o lobo. Começou a gritar chamando mais gente que,

sem dó nem piedade, espancaram o lobo até mais não poder. Este, mancando das duas pernas, saiu gemendo e foi ter com a raposa.

— Que amiga você é?! — gritou choramingando. — Os camponeses pegaram-me e curtiram-me a pele sem dó nem piedade!

— Mas — respondeu a raposa — por que és tão guloso?

No terceiro dia, tendo saído juntos, o lobo arrastava-se com dificuldade. Assim mesmo disse:

— Pelo ruivo, vê se me arranjas qualquer coisa para comer, do contrário como você.

A raposa respondeu:

— Conheço por aqui um homem que matou uma vaca e guardou a carne salgada dentro de um barril, na adega. Vamos buscá-la.

— Sim — disse o lobo —, mas eu quero ir junto contigo para que me ajudes, do contrário não poderei fugir.

— Como quiseres! — disse a raposa.

Foi mostrando-lhe o caminho e as passagens escondidas que por fim os levaram à adega. Havia lá grande quantidade de carne, e o lobo, esfomeado, atirou-se imediatamente a ela, pensando: “Vou ficar aqui sem pressa!”

A raposa também comia a valer, mas não deixava de olhar em volta, correndo de quando em quando para o buraco pelo qual haviam entrado a ver se estava ainda bastante magra para passar. O lobo, intrigado, perguntou-lhe:

— Explica-me, cara raposa, por que é que corres de cá para lá e pulas para dentro e para fora?

— Tenho, naturalmente, de espiar se vem alguém! — respondeu a espertalhona. — Mas aconselho-te a não comer demais.

— Ora — disse o lobo —, não sairei daqui enquanto não esvaziar o barril.

Nesse instante, o camponês, que ouvira os saltos da raposa, desceu à adega. Assim que o viu, a raposa deu um pulo para fora do buraco. O lobo quis fazer o mesmo mas tanto se empanturrara que sua barriga estava muito grande e ficou lá entalado.

Então o camponês pegou um pau e bateu-lhe tanto que o matou. A raposa, porém, fugiu para a floresta, muito feliz por ter-se livrado finalmente daquele guloso.

O cravo

Era uma vez, uma rainha que, por vontade de Deus, não podia ter filhos.

Todas as manhãs, ela descia ao jardim e punha-se a rezar, pedindo a Deus que lhe concedesse um filho ou uma filha. Certa vez, estando ela a rezar, desceu um anjo do céu e lhe disse:

— Não te preocupe, hás de ter um filho com poderes mágicos.

Ela foi correndo contar a feliz nova ao rei, que ficou muito contente. O tempo passou e a rainha deu à luz um filho, que encheu a todos de grande alegria.

A rainha ia todas as manhãs com seu filhinho ao parque lavar-se numa fonte de águas cristalinas. Certo dia, quando o menino já estava bem crescidinho, ela estava sentada junto da fonte com ele no colo e, sem querer, adormeceu. Então, chegou o velho cozinheiro, que bem sabia da profecia feita pelo anjo, e raptou o menino. Depois pegou uma galinha, matou-a e salpicou de sangue o vestido e o avental da mãe, levando em seguida a criança para um lugar escondido, onde a entregou a uma ama de leite para que a amamentasse, e correu a contar ao rei que a rainha deixara as feras matarem o menino.

O rei, vendo o avental e o vestido da esposa manchados de sangue, acreditou na calúnia do cozinheiro. Enfureceu-se de tal maneira que mandou construir uma torre altíssima, na qual não podia penetrar um só raio de sol ou de luar. Mandou levar a rainha para lá e bloqueou a porta, condenando-a a sete anos de reclusão, sem comer nem beber, para que morresse de fome.

Mas o bom Deus, que velava por ela, enviou do céu dois anjos, em forma de pombas brancas, incumbidos de levar-lhe diariamente os alimentos necessários durante os sete anos.

O cozinheiro, no entanto, pensou consigo mesmo: "Esse menino com o dom de realizar todos os seus desejos pode me causar problemas." Resolveu, então, demitir-se do emprego. Saiu do castelo e pegou o menino que, já bastante crescido, sabia falar tudo direitinho.

— Meu menino — disse-lhe o cozinheiro —, pede de presente um castelo, com um belo jardim e todas as demais coisas necessárias.

Mal ele acabou de repetir aquelas palavras, eis que apareceu tudo, tal como desejou. Passado algum tempo, o cozinheiro tornou a dizer ao menino:

— Não é justo que fiques aqui tão sozinho, podes aborrecer-te. Deseja uma bela menina que venha fazer-te companhia.

O príncipe desejou e logo surgiu na sua frente uma linda menina, tão linda como pintor algum jamais conseguira pintar.

Assim, as duas crianças passavam o dia brincando juntas e muito se amavam. Enquanto isso, o velho cozinheiro distraia-se caçando, como um grande fidalgo. Ocorreu-lhe, porém, a ideia de que o príncipe poderia algum dia desejar ver seu pai e isso seria um grande problema para ele. Então chamou a menina para um lado e lhe disse:

— Esta noite, quando o menino estiver dormindo, vai até a cama dele e enfia uma faca em seu coração. Deves trazer-me depois o coração e a língua dele. Se não o fizeres, deverás morrer.

Após dizer isso, foi-se embora, mas, quando voltou no dia seguinte, ela não tinha executado sua ordem, protestando:

— Por que devo assassinar um inocente que nunca fez mal a ninguém?

O cozinheiro tornou a ordenar:

— Se não fizeres o que mandei, perderás a vida.

Assim que ele se foi, a menina mandou que lhe trouxessem uma gazela e que a matassem, tirou-lhe o coração e a língua e os colocou num prato, e, quando viu que o cozinheiro vinha chegando, disse ao menino:

— Vai deitar-te na cama e cobre-te bem a cabeça.

O malvado entrou e logo perguntou:

— Onde estão a língua e o coração do menino?

A menina apresentou-lhe o prato, mas o menino, atirando longe as cobertas, disse:

— Velho criminoso, por que é que me queres matar? Agora eu o seu castigo: vou te transformar num cão, com uma corrente de ouro em volta do pescoço, e terás que comer brasas incandescentes que façam sair labaredas da tua garganta.

Mal acabou de dizer isso, o velho transformou-se num cão de pelo arrepiado, com uma corrente de ouro em volta do pescoço. Os cozinheiros receberam ordens de trazer-lhe carvões incandescentes, que ele devorou, e as chamas saíram-lhe pela boca.

O príncipe ainda ficou lá durante algum tempo, mas pensava em sua mãe, ansioso por saber se ainda vivia. Por fim disse à menina:

— Quero voltar para minha terra. Se quiseres vir comigo, cuidarei de ti.

— Ah — respondeu ela —, é tão longe! Além disso, que vou fazer numa terra estranha, onde não conheço ninguém?

Percebendo que ela estava insegura e, ao mesmo tempo, não querendo se separar dela, o príncipe desejou que a menina se transformasse num belo cravo e assim levou-a no bolso.

Seguiu caminho, e o cão arrepiado foi obrigado a ir atrás correndo. Assim que chegou à sua pátria, o príncipe foi imediatamente procurar a torre onde estava sua mãe e, como ela fosse muito alta, teve de desejar uma escada que chegasse até o alto. Em seguida subiu pela escada, espiou para dentro da torre e gritou:

— Minha querida mãe, rainha, estás viva ainda ou estás morta?

Ela, julgando que fossem os anjos, respondeu:

— Terminei há pouco de comer, já estou satisfeita.

O príncipe então respondeu:

— Sou o teu amado filho, o filho que constava devorado pelas feras. Felizmente estou vivo e logo te salvarei.

Tornou a descer a escada e foi até o senhor seu pai, porém, pediu para o anunciarem como um caçador de outro reino, que desejava entrar para seu serviço. O rei disse que o aceitaria de bom grado, contando que fosse inteligente e conseguisse descobrir caça abundante, pois nessa região toda nunca houvera caça alguma. O pretenso caçador prometeu arranjar muita caça para a mesa real. Em seguida, mandou reunir todos os caçadores, mandando que o acompanhassem à floresta. Foram todos. Quando chegaram na floresta, mandou que formassem um grande círculo, com uma abertura numa das extremidades, colocou-se no centro dele e pôs-se a desejar o que queria. Imediatamente correram para dentro do círculo mais de duzentas cabeças de caça e os caçadores só tiveram o trabalho de matar todos esses animais, os quais foram carregados sobre sessenta carroças e levados ao rei que, pelo menos uma vez na vida, conseguiu ver um banquete na sua mesa após tantos anos de falta absoluta.

Muito satisfeito e feliz, o rei determinou que toda a corte participasse de um grande banquete a realizar-se no dia seguinte. Quando viu toda a sua gente reunida, o rei disse ao caçador:

— Graças à tua capacidade, estás convidado a sentar perto de mim na mesa.

— Real senhor — respondeu o moço —, agradeço muito a Vossa

Majestade, mas eu não passo de um aprendiz de caçador.

O rei, porém, insistiu muito:

— Tens que aceitar e sentar-te ao meu lado.

O rapaz foi obrigado a aceitar. Entretanto, enquanto estava lá em tão boa companhia lembrou-se de sua mamãe muito amada e desejou que pelo menos um dos presentes lembrasse da rainha e perguntasse como estaria passando lá na torre, se ainda estaria viva ou se já teria morrido de fome. Mal lhe ocorreu tal desejo, o marechal aventurou-se a perguntar:

— Majestade, nós aqui estamos todos muito alegres, mas como estará passando Sua Majestade a Rainha lá na sua torre? Estará ainda viva ou já morreu de fome?

— Não me faleis nela — respondeu o rei —, pois deixou que as feras devorassem o meu querido filho!

Então o caçador levantou-se e falou ao pai:

— Meu senhor e nobre pai, a rainha ainda está viva e eu sou o seu filho; não é verdade que tenha sido devorado pelas feras. Foi o malvado do cozinheiro quem me tirou do seu colo enquanto ela dormia, salpicando-lhe o vestido com sangue de galinha e levando-me para longe.

Dizendo isto, pegou o cão arrepiado que tinha a coleira de ouro e mostrou-o aos convivas, dizendo:

— Eis aqui o maldito!

Mandou a seguir que trouxessem carvões incandescentes e obrigou o cão a comê-los na presença de todos. E todos viram as labaredas saindo de sua boca. Depois, o jovem perguntou ao rei se queria ver aquele homem em seu verdadeiro aspecto e, tendo-o desejado, logo surgiu o cozinheiro com seu avental branco e o facão na cinta. O rei não hesitou e, cheio de ódio, deu ordens para que o atirassem numa escura masmorra. O caçador, então, prosseguiu:

— Meu ilustre pai, quereis ver também a jovem que cuidou de mim com imensa ternura e que depois foi obrigada a matar-me, embora não o tenha feito apesar de estar em jogo sua própria vida?

— Sim — disse o rei —, terei imenso prazer em vê-la.

— Meu nobre pai, vou mostrá-la sob a forma de uma linda flor.

Tirou o cravo do bolso e colocou-o sobre a mesa. O rei ficou extasiado, pois jamais tinha visto uma flor tão linda. O filho continuou:

— Agora quero mostrá-la na sua forma verdadeira.

Fez seu pedido e logo surgiu a maravilhosa jovem, tão bela como pintor

algum seria capaz de pintar igual.

O rei, então, ordenou a duas camareiras e dois criados que fossem à torre buscar a rainha e a trouxessem para o banquete real. Porém, quando chegou, a rainha não comeu nada e disse:

— O Senhor Deus, misericordioso e clemente, que me conservou a vida na torre logo me libertará.

Viveu mais três dias muito feliz, depois morreu como uma santa. As duas pombas brancas, que diariamente lhe haviam levado a comida na torre e que na realidade eram dois anjos do céu, acompanharam-na até a sepultura, onde pousaram.

O rei condenou o cozinheiro a morrer esquartejado. Todavia, consumido pelo sofrimento, não demorou muito a morrer.

O jovem príncipe casou com a linda moça que trouxe no bolso em forma de cravo e, se ainda continuam vivos, só Deus é que sabe.

Os seis criados

Há muitos e muitos anos, existiu uma velha rainha que era feiticeira e a filha dela era a moça mais bela do mundo.

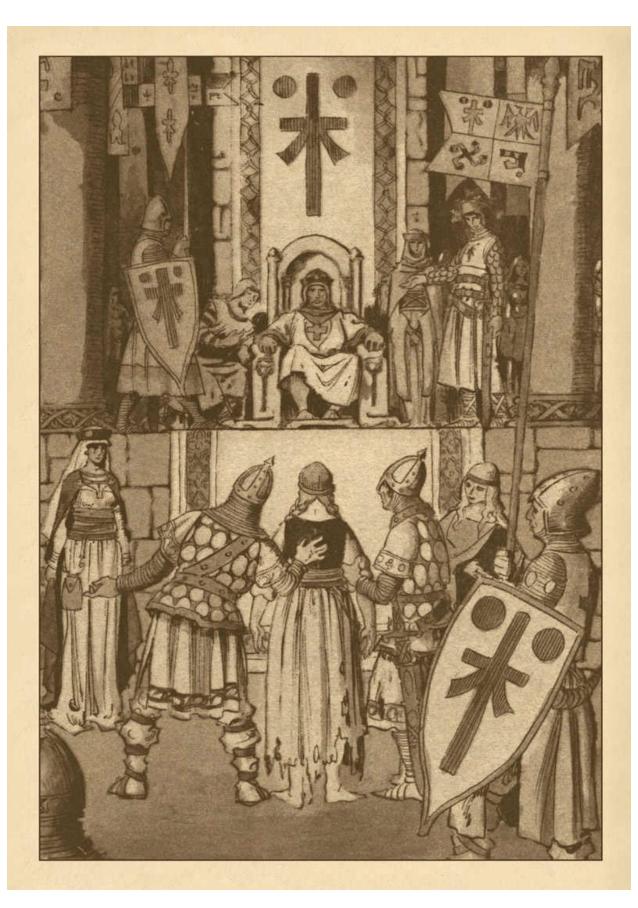
A velha rainha só se preocupava em atrair os homens para prejudicá-los. Ela informava a todo pretendente que aparecia que, se quisesse casar com a filha, devia antes decifrar uma adivinhação. Se não o conseguisse, teria de morrer.

Muitos jovens, seduzidos pela beleza deslumbrante da princesa, arriscavam-se, mas nenhum conseguia acertar a adivinhação imposta. Então, sem a menor piedade, fazia-os ajoelhar e, no mesmo instante, mandava decepar-lhes a cabeça.

Um belo príncipe, ouvindo falar na beleza radiante da princesa, disse ao rei seu pai:

— Deixai-me partir, meu pai. Quero obter a mão dessa princesa.

— Jamais! — respondeu o rei. — Se lá fores irás ao encontro da morte.

Não se conformando com isso, o moço adoeceu gravemente, ficando entre a vida e a morte durante sete anos, sem que médico algum pudesse curá-lo. Vendo que não tinha mais esperanças, o pai disse-lhe com profunda tristeza:

— Podes ir tentar a sorte. Não encontrando o que te possa curar, e se tens mesmo que morrer, que seja feita sua vontade.

Ouvindo essas palavras, o moço levantou-se completamente bom e, alguns dias depois, seguiu alegremente o caminho.

Atravessou a cavalo uma grande planície e, de longe, avistou enorme pilha de feno. Aproximando-se, observou que nada mais era do que a barriga de um homem deitado, a qual, a distância, parecia um montinho.

O gordalhão, quando viu o cavaleiro, levantou-se e disse:

— Se tendes necessidade de um criado, estou ao seu inteiro dispor.

— Que vou fazer com um homem tão desajeitado? — perguntou o príncipe.

— Ah, isto não quer dizer nada — disse o gordalhão —, se me espicho todo, sou três mil vezes mais gordo ainda.

— Se é assim, talvez me possas ser útil. Vem comigo — disse o príncipe.

O gordalhão acompanhou-o e, não demorou muito, encontraram um indivíduo deitado no chão, com o ouvido encostado no gramado.

— Que estás fazendo aí? — perguntou-lhe o príncipe.

O homem respondeu:

— Escuto.

— E que é que escutas tão atentamente?

— Estou justamente escutando o que vai pelo mundo, porque nada escapa ao meu ouvido. Chego a ouvir até as plantas crescerem.

Um tanto admirado, o príncipe perguntou-lhe:

— Dize-me, então: o que ouves na corte daquela velha rainha que tem uma filha maravilhosa?

O orelhudo respondeu:

— Ouço o som agudo da espada cortando a cabeça de um infeliz pretendente.

O príncipe, então, disse:

— Tu poderás ser-me útil, vem comigo.

E os três continuaram juntos o caminho. Pouco mais além, viram no chão dois pés e duas pernas enormes e não viram o resto. Depois de andar bastante, viram um tronco e finalmente a cabeça.

— Alô! — disse o príncipe. — Como és comprido!

— Isso não é nada — respondeu o outro —, se me estico bem, fico três mil vezes mais comprido ainda. Sou mais alto que a mais alta montanha do mundo. Se precisas de mim, te seguirei com muito gosto.

— Vem — disse o príncipe —, poderás ser-me útil.

E foram andando. Pouco depois encontraram um tal sentado à margem da estrada com os olhos vendados. O príncipe perguntou-lhe:

— Sofres da vista, que não suportas a luz?

— Não — respondeu o homem —, não posso tirar a venda, pois tamanha força possuem meus olhos que despedaçam qualquer coisa que olho. Se puder ser útil, estou à disposição.

— Vem comigo — disse o príncipe —, talvez me sejas útil.

E todos juntos continuaram andando. Mais adiante, encontraram um homem deitado ao sol abrasador, tremendo de frio como uma vara verde.

— Como é possível que sintas tanto frio, com um sol tão quente? — perguntou o príncipe.

— Ah, eu sou de natureza diferente da dos outros. Quanto mais calor, mais frio sinto e o gelo me penetra na medula dos ossos. Quanto mais frio, mais calor eu sinto. No meio do gelo, não aguento o calor e no meio do fogo, não aguento o frio.

— És um tipo interessante! — disse o príncipe. — Se queres servir-me, acompanha-me.

Continuaram juntos o caminho e, mais além, avistaram um homem que espichava imensamente o pescoço e olhava por cima das montanhas e bosques. Intrigado, o príncipe perguntou-lhe:

— Que estás olhando com tanto interesse?

O homem respondeu:

— A minha vista é tão aguda que alcança além das montanhas e vales, podendo ver o que se passa no mundo.

O príncipe então disse-lhe:

— Vem comigo. Faltava-me justamente um tipo como tu!

Assim, acompanhado pelos seis criados, o príncipe chegou à cidade habitada pela velha rainha. Apresentou-se diante dela, sem revelar a identidade, e declarou:

— Se me concedeis a mão de vossa filha, farei tudo o que mandar.

A rainha feiticeira alegrou-se por lhe ter caído nas garras um tão belo rapaz e disse-lhe:

— Três vezes eu te darei uma tarefa. Se de cada vez for até o fim conforme meu desejo, serás senhor e esposo de minha filha.

— Qual é a primeira? — perguntou o príncipe.

— Quero que me tragas o anel que deixei cair no fundo do mar Vermelho.

O príncipe foi ter com os criados e disse-lhes:

— A primeira tarefa não é nada fácil. Temos de pescar o anel que a rainha perdeu no mar Vermelho. O que devo fazer?

Então, Olhos-de-lince, o que tinha a vista aguda, falou:

— Quero antes ver onde está.

Foi olhar para as profundezas do mar e, depois, disse:

— Está lá no fundo, espetado na ponta de uma rocha.

O compridão levou todos até junto do mar e disse:

— Eu bem poderia pescá-lo, se pudesse vê-lo.

— Não seja essa a dificuldade! — disse o gordalhão.

E deitou-se com a boca na água. Bebeu toda a água do mar, deixando-o seco como um prado.

O compridão curvou-se um pouco e apanhou o anel. Cheio de alegria, o príncipe correu a entregá-lo à rainha. Ela ficou pasma e depois disse:

— Sim, é mesmo esse o anel. Realizou bem a primeira tarefa, agora tens a segunda. Olha, naquele campo, em frente ao meu castelo, há trezentos bois pastando, todos muito gordos. Tens de comê-los todos, inclusive o couro, os chifres e os ossos. E na adega há trezentos barris de vinho. Tens de beber tudo. Se sobrar um pelo que seja de um boi ou uma gotinha de vinho, perderás tua bela cabeça.

O príncipe perguntou:

— Não posso convidar alguns comensais? Sem uma boa companhia, não tem graça comer!

A velha sorriu ironicamente e disse:

— Se queres ter companhia, podes convidar um apenas, e não mais.

O príncipe foi ter com os criados e disse ao gordalhão:

— Hoje, convido-te a almoçar. Uma vez pelo menos, comerás até te fartares.

O gordalhão aceitou o convite e foi-se esticando sempre mais e comeu os trezentos bois sem deixar um pelo sequer, perguntando ainda se não havia mais nada para sobremesa. Para beber o vinho não teve necessidade de copo: bebeu-o todo mesmo pelos barris, lambendo a última gotinha que lhe caíra no dedo.

No final da refeição, o príncipe chamou a velha, mostrando-lhe que nada havia sobrado. A segunda tarefa estava concluída. Ela ficou muito admirada e disse:

— Ninguém jamais conseguiu fazer isso. Tens, porém, de realizar a

terceira.

Consigo mesma ia pensando: “Desta não me escaparás e não salvarás a tua cabeça.”

— Hoje à noite — disse ela —, levarei minha filha ao teu quarto. Tu tens de abraçá-la, mas não pegue no sono enquanto estais abraçados. Eu chegarei à meia-noite em ponto. Se ela não estiver em teus braços, estás perdido.

O príncipe refletiu: “Esta tarefa é muito fácil. É claro que ficarei com os olhos abertos.” Contudo, chamou os criados e lhes contou a exigência da velha, dizendo:

— Quem sabe lá que cilada se esconde atrás disto? É preciso ser prudente. Ficai de guarda à porta e prestai muita atenção para que a princesa não saia do quarto.

Ao anoitecer, chegou a velha com a filha, e empurrou esta para os braços do príncipe e saiu. O compridão deitou-se fazendo um círculo em volta deles e o gordalhão postou-se diante da porta, de maneira a não deixar sair ninguém.

Assim ficaram os dois abraçadinhos e a moça não dizia palavra. A lua, filtrando através da janela, iluminava-lhe o semblante e o príncipe pôde ver-lhe deslumbrante beleza. Ficava a olhar embevecido para ela, apaixonado e feliz, e seus olhos não cansavam de contemplá-la. Isso durou até as onze horas. Aí então a velha lançou um feitiço sobre todos eles, fazendo-os dormir. Imediatamente a moça desapareceu.

Eles dormiram até quinze para meia-noite, quando acabou o efeito do feitiço, e todos acordaram.

— Oh, que desgraça — exclamou o príncipe —, estou perdido, estou perdido!

Os fiéis criados também lamentaram-se, mas Ouvido-fino, que ouvia tudo de qualquer distância, disse:

— Calem-se! Quero ouvir.

Escutou um instante, depois exclamou:

— Ela está sentada num rochedo distante trezentas horas daqui, chorando a sua sina. Isso agora é contigo, compridão. Se te esticas todo, com dois passos chegarás até lá.

— Está bem — respondeu —, mas Olhos-de-raio, que destrói tudo o que vê, tem de me acompanhar para dar fim no rochedo.

Assim dizendo, carregou nas costas o homem dos olhos vendados e, num relâmpago, acharam-se diante do rochedo encantado. Imediatamente,

compridão tirou a venda do companheiro, e este, logo que olhou o rochedo, o quebrou em mil pedaços.

Compridão tomou a princesa nos braços e num instante levou-a ao castelo. Em seguida, rápido como um raio, voltou a buscar o companheiro. Antes que soassem as doze badaladas da meia-noite, estavam todos no castelo, alegres e felizes.

Ao último toque da meia-noite, chegou a velha, devagarinho, devagarinho, com um sorriso nos lábios, a significar:

— Ah, agora é meu. Não me escaparás! — disse, julgando que a filha estivesse no rochedo a trezentas horas dali.

Quando entrou no quarto e viu-a entre os braços do príncipe, ficou admirada e exclamou:

— Eis aí um que sabe mais do que eu!

Mas não tinha o que fazer e foi obrigada a conceder-lhe a mão da filha. Entretanto, sussurrou ao seu ouvido:

— Que humilhação para ti teres de obedecer a uma pessoa inferior! E não poderes escolher um marido digno de ti!

No fundo do coração, a princesa orgulhosa revoltou-se e encheu-se de ira. Então premeditou uma grande vingança.

No dia seguinte, ela mandou amontoar trezentas carroças de lenha, dizendo ao príncipe que, embora tivesse cumprido as três tarefas, ela só se casaria com ele se ficasse no meio daquela lenha e fosse capaz de resistir ao fogo.

Ela julgava que nenhum dos criados se deixaria queimar por ele. Por amor a ela, o príncipe se submeteria ao sacrifício e a deixaria livre de uma vez por todas. Mas os criados disseram:

— Todos nós já fizemos alguma coisa. Agora cumpre ao friorento, que sente frio no calor, socorrer o príncipe.

Colocaram-no no meio da lenha e atearam-lhe fogo. As labaredas subiram para o céu durante três dias, até queimar toda a lenha, e, quando a fogueira se apagou, o friorento estava lá no meio das cinzas tremendo como uma vara verde.

— Nunca sofri tanto frio na minha vida! — disse ele. — Se esta fogueira durasse mais um pouco, eu acabaria morrendo congelado.

Não havia mais escapatória. A bela princesa foi obrigada a casar-se com o jovem desconhecido. A caminho da igreja, a velha lamentou-se:

— Não posso suportar esta vergonha!

Mandou o exército ao seu encalço, com ordens de estraçalhar quem

encontrassem pela frente e trazer-lhe de volta a filha.

Mas Ouvido-fino, que ficara a escutar, ao ter conhecimento desta ordem secreta da velha, disse ao gordalhão:

— Que faremos?

Este não hesitou nem por um minuto. Vomitou atrás da carruagem dos noivos a água do mar que havia engolido, formando um grande lago onde os soldados se precipitaram e morreram afogados.

Ao saber disso, a feiticeira mandou os seus soldados, mas Ouvido-fino ouvira a ordem e, em seguida, o barulho das armas. Então tirou a venda dos olhos do companheiro e este com o olhar fulminou todos os inimigos, espatifando-os como se fossem de vidro.

Os noivos, então, puderam seguir adiante sem dificuldades e, quando receberam a bênção nupcial na igreja, os criados despediram-se deles, dizendo ao príncipe:

— Estão cumpridos os vossos desejos. Já não precisais de nós. Agora vamos pelo mundo em busca da felicidade.

Perto do castelo, havia uma aldeia e lá estava um guardador de porcos. Quando chegaram lá, o príncipe disse à mulher:

— Sabes quem sou? Não sou um príncipe, mas sim um criador de porcos. Aquele que aí está é meu pai. Nós devemos ajudá-lo no trabalho.

Desceram da carruagem diante de uma hospedaria e o príncipe segredou aos hospedeiros que, durante a noite, levassem os belos trajes da princesa e os escondessem.

Pela manhã, quando a princesa despertou, nada encontrou para vestir. Então a hospedeira deu-lhe um vestido velho e um par de meias de lã estragadas, com o ar de quem estava a fazer um grande favor, dizendo:

— Se não fosse pelo vosso marido, eu não vos daria nada.

A princesa acreditou realmente ter-se casado com um criador de porcos. Passou a ser criadora também, mas ia pensando: “Bem mereci tudo isto, por causa do meu orgulho e presunção!”

Essa situação durou oito dias e ela já não podia mais, porque estava com os pés tremendamente feridos. Ao fim de oito dias, apareceram uns desconhecidos, que lhe perguntaram se sabia quem era seu marido.

— Sei, sim — respondeu ela —, é um criador de porcos.

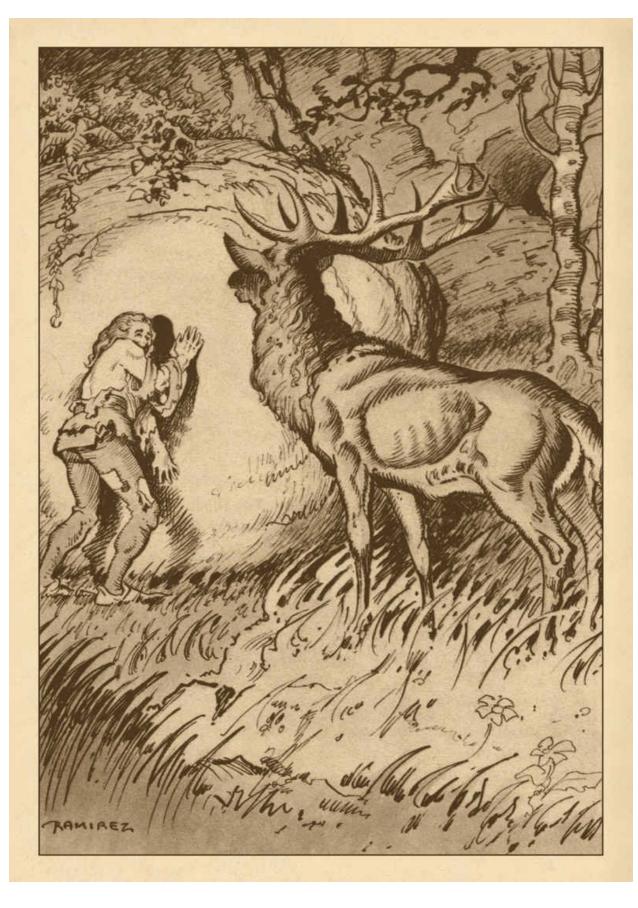
Os desconhecidos, então, disseram-lhe:

— Vem conosco, vamos para onde está teu marido.

E levaram-na para o castelo. Quando ela entrou no salão de honra, deu com

o marido ricamente arrumado com os trajes reais. Assim, de momento, não o reconheceu, até que o príncipe, tomando-a nos braços e beijando-a, lhe disse:

— Sofri muito por tua causa, por isso tiveste que sofrer um pouco por mim.

Depois disso, prepararam uma grandiosa festa para celebrar as núpcias, e quem esta história contou bem quisera ter estado lá.

*O esquife** *de vidro*

Nunca diga que um pobre alfaiate não pode ter sucesso na vida e, até mesmo, alcançar honrarias muito elevadas. Basta que ele encontre o caminho certo e, sobretudo, que tenha sorte para vencer como os outros.

Um jovem alfaiate, esperto, educado, gentil, resolveu um dia correr o mundo. Depois de muito andar, chegou a uma grande floresta e, não conhecendo o caminho, perdeu-se lá dentro. Caiu a noite e ele não teve outro remédio senão procurar abrigo naquela horrível solidão.

Teria, certamente, boa cama no musgo fofo, mas o terrível medo das feras não o deixava sossegado, e acabou por decidir-se a passar a noite em cima de uma árvore.

Escolheu um carvalho bem alto, subiu até a ponta do galho e agradeceu a Deus por ter trazido consigo o seu ferro de engomar; do contrário, o vento que soprava entre as copas das árvores o teria carregado para longe.

Depois de passar algumas horas na escuridão, batendo os dentes de medo, avistou não muito longe dali uma luzinha a brilhar. Ele calculou que se tratava de uma luz vinda de uma casa, onde certamente estaria bem melhor do que encarapitado no galho de árvore. Então desceu cautelosamente e dirigiu os passos na direção da luz.

Depois de andar um pouco, chegou diante de uma casinha feita de juncos e caniços entrelaçados. Bateu corajosamente à porta, que logo se abriu, e, à claridade da luz que se projetava para fora, viu um anão bem velhinho, vestido com uma roupa de várias cores.

— Quem sois e o que desejais? — perguntou o velhinho com voz estridente.

— Sou um pobre alfaiate — respondeu ele — que foi surpreendido pela noite em plena floresta. Venho pedir-vos a caridade de um abrigo até amanhã cedo na vossa cabana.

— Segue o teu caminho — respondeu grosseiramente o velho —, não quero amolações com vagabundos. Vai procurar abrigo noutro lugar.

Com isso, fez menção de retirar-se e fechar a porta, mas o alfaiate segurou-o pela manga e tão calorosamente suplicou, que o velho, que no fundo não era tão mau como se mostrava, acabou por comover-se e o recebeu. Deu-lhe

o que tinha para comer e, em seguida, indicou-lhe num canto uma boa cama, a fim de que descansasse até ao dia seguinte.

O alfaiate estava tão moído de cansaço que não teve necessidade de ser embalado. Ferrou no sono e dormiu gostosamente até o dia claro, e não teria pensado em levantar-se se não tivesse sido uma grande gritaria que vinha de fora e que o assustou. Ouvia-se, através das paredes finas da cabana, gritos e urros. Movido por um impulso de coragem, o alfaiate pulou da cama, vestiu-se depressa e correu para fora. Deparou-se com um estranho espetáculo: um grande touro, todo preto, lutando com um belo cervo. Investiam um contra o outro tão furiosamente que até estremecia a terra e os rugidos enchiam o espaço.

O alfaiate ficou um bom tempo olhando, sem poder imaginar qual dos dois sairia vitorioso. Por fim, o cervo enterrou os chifres no vente do touro, que soltou um espantoso mugido, estrebuchou e caiu estendido no chão. Com mais algumas valentes chifradas, o cervo deu fim dele.

O alfaiate, paralisado de espanto, assistira à luta sem fazer um gesto e estava ali parado quando, com uma rapidez incrível, o cervo correu para ele e, antes que tivesse tempo de fugir, sentiu-se preso entre seus chifres.

Passou-se bastante tempo antes que o alfaiate se refizesse do susto. O cervo, entretanto, corria a toda velocidade através de valos e arbustos, de montes e bosques, e o pobre alfaiate, meio morto de medo, segurava-se fortemente com as duas mãos nos chifres dele, completamente entregue ao seu destino. E a impressão que tinha era de estar voando.

Até que, por fim, o cervo se deteve diante da parede abrupta de uma rocha e o deixou cair suavemente ao chão. O alfaiate, mais morto que vivo, precisou de algum tempo para recuperar a razão. Quando, finalmente, voltou a si, o cervo, que ficara junto dele, deu violenta chifrada contra uma porta escondida na rocha, escancarando-a. Dessa abertura saíram línguas de fogo e densa fumaça, no meio da qual o cervo desapareceu.

O alfaiate ficou ali, sem saber o que fazer nem para que lado ir, pois queria sair daquele ermo e voltar novamente para o meio dos homens. Estava ele assim, indeciso, sem saber que resolução tomar, quando de dentro da rocha ressoou uma voz, dizendo-lhe:

— Entra, não tenhas medo, não te acontecerá mal nenhum.

Para dizer a verdade, ele hesitava em atender ao convite, mas, de repente, como que empurrado por força misteriosa, obedeceu à voz e, entrando por uma porta de ferro, foi dar a uma enorme sala, onde teto, paredes e

pavimentos eram todos feitos de pedras brilhantes e quadradas. Em cada uma dessas pedras havia gravados sinais para ele desconhecidos.

O alfaiate observou tudo muito admirado e já se dispunha a sair quando novamente ouviu a mesma voz dizer:

— Coloca-te bem em cima da pedra que está no centro da sala. Grande felicidade te está reservada.

A coragem do alfaiate tinha atingido tão elevado grau que ele obedeceu sem pestanejar. Sob os pés sentiu a pedra mover-se e afundar lentamente. E, quando ela se deteve, o alfaiate olhou em volta e viu-se numa sala tão ampla quanto a anterior.

Nesta sala, porém, havia muito mais o que observar e admirar. Nas paredes havia uma porção de vãos, nos quais estavam arrumados vasos de vidro transparente, cheios de um líquido colorido e de fumaça azulada. No pavimento, um em frente ao outro, estavam dois esquifes de vidro, que logo lhe despertaram a atenção. Aproximou-se de um deles e viu que havia ali um esplêndido castelo, tendo em volta diversas construções, cavalariças, celeiros e tudo o que faz parte de um rico castelo. Essas coisas todas eram muito minúsculas, mas trabalhadas com infinito primor e graça. Tudo parecia ter sido esculpido por mão de mestre, com a máxima perfeição.

Empolgado por aquelas raridades, ele não teria despregado o olhar delas se a voz não tornasse a ressoar, convidando-o desta vez a virar-se e contemplar também o outro esquife de vidro.

Impossível dizer até que ponto aumentou a sua admiração quando viu dentro dele uma jovem surpreendentemente bela! Parecia que ela estava adormecida, envolta em maravilhosos e longos cabelos dourados, como que num manto precioso! Tinha os olhos fechados, mas o colorido fresco do rosto e uma fita, que se movia com a respiração, indicavam que ela estava viva.

Com o coração a pulsar fortemente, o alfaiate ficou parado, contemplando embevecido a linda jovem quando repentinamente ela abriu os olhos. Ao vê-lo ali ao seu lado, ela estremeceu de doce enleio e exclamou:

— Céu misericordioso! A minha libertação está chegando! Depressa, depressa, ajuda-me a sair desta prisão. Se conseguires puxar o ferrolho que fecha este esquife, logo acabará o encanto.

Sem hesitar um minuto sequer, o alfaiate puxou o ferrolho. A moça levantou depressa a tampa de vidro e saiu do esquife, correndo para um canto da sala. Então, envolveu-se num rico manto e sentou-se numa pedra. Estendeu a mão ao alfaiate, que logo se aproximou, e, depois de beijá-lo nos

lábios, disse-lhe:

— Meu libertador tão longamente esperado! O céu misericordioso enviou-te para que pusesses fim aos meus sofrimentos. No mesmo dia em que estes terminarem, começará a tua felicidade, pois tu és o noivo que me foi destinado pelo céu. Serás muito amado, possuirás todos os bens terrenos e a tua vida decorrerá na mais suave felicidade. Agora senta-te aqui e ouve a minha história.

"Eu sou filha de um conde imensamente rico. Meus pais faleceram, deixando-me na mais tenra idade. No seu testamento, recomendaram-me a meu irmão mais velho, em cuja casa fui criada. Nós dois nos amávamos com grande ternura e combinávamos muito bem quanto aos gostos e quanto à maneira de pensar. Decidimos ambos nunca nos casar e viver juntos até que a morte nos separasse.

"Em nossa casa jamais faltava boa companhia: vizinhos e amigos vinham frequentemente visitar-nos, sendo todos recebidos com a maior cordialidade.

"Assim, pois, aconteceu que uma tarde chegou ao nosso castelo um cavaleiro desconhecido e, sob pretexto de que já não lhe era possível chegar nesse dia a próxima aldeia, pediu que lhe déssemos pousada por uma noite. O pedido foi por nós atendido com solícita cortesia e, durante o jantar, ele nos entreteve muito agradavelmente com muitas conversas e histórias. Meu irmão ficou tão encantado que o convidou a permanecer alguns dias conosco. Após breve hesitação, ele aceitou.

"Quando saímos da mesa já ia tarde a noite. Foi indicado um bom quarto ao hóspede e eu, cansada como estava, apressei-me em me deitar na minha confortável cama. Não tardei a adormecer, mas logo fui despertada por suavíssima música, cujo som eu não conseguia compreender de onde vinha. Quis apelar para a minha criada que dormia no quarto ao lado, mas, com grande espanto, senti que uma força misteriosa me impedia de falar. Como se um peso me comprimisse o peito, sentia-me literalmente impossibilitada de emitir o mais leve som.

"Neste momento, à pequena claridade da lâmpada de cabeceira, vi o cavaleiro entrar no meu quarto, que estava bem fechado por duas portas. Ele aproximou-se de mim e disse que, graças às forças mágicas de que dispunha, fizera ressoar aquela música deliciosa a fim de me despertar e agora vinha em pessoa com a intenção de oferecer-me o coração e obter a minha mão. Mas não lhe dei a honra de uma resposta, tão grande era a minha aversão por suas artes mágicas. Ele ficou algum tempo imóvel, aguardando. Eu, porém,

continuei calada. Então ele declarou muito irritado que se vingaria e acharia o meio de punir cruelmente o meu orgulho. Tendo dito estas palavras, retirou-se do quarto por onde viera.

"Inútil dizer que passei a noite em angústia tremenda. Só consegui cochilar um pouco ali pela madrugada. Quando despertei, corri depressa ao quarto de meu irmão para informá-lo do ocorrido, mas não o encontrei e o criado disse-me que tinha saído para caçar logo ao raiar do dia, em companhia do cavaleiro.

"Logo me veio um triste pressentimento. Vesti-me o mais depressa possível, mandei selar o cavalo e, acompanhada somente por um escudeiro, galopei velozmente para a floresta. O criado foi lançado fora da sela em consequência da queda do cavalo, e fraturou a perna, por isso não pôde mais me acompanhar. Então continuei galopando sem parar e, depois de alguns minutos, vi o cavaleiro aproximando-se de mim e trazendo um belo veado preso ao laço.

"Perguntei-lhe imediatamente onde havia deixado meu irmão e como havia apanhado aquele veado, de cujos olhos dolorosos escorriam lágrimas. Em vez de responder, o homem soltou uma gargalhada. Furiosa com aquela atitude, saquei da pistola e descarreguei-a à queima-roupa naquele monstro, mas a bala ricocheteou batendo em seu peito e veio atingir em cheio a cabeça do cavalo. Fui lançada ao chão. Nesse momento, o desconhecido murmurou algumas palavras e eu perdi completamente os sentidos.

"Quando voltei a mim, encontrei-me dentro de um esquife de vidro, nesta caverna subterrânea. O tratante apareceu ainda uma vez, contou-me que havia transformado meu irmão naquele cervo que levava preso ao laço, que havia reduzido a proporções minúsculas o meu castelo com todos os seus pertences, encerrando-o noutro esquife de vidro. Disse também que havia transformado os meus criados em fumaça e os havia aprisionado em vasos de vidro. Se eu me submetesse docilmente à sua vontade, faria facilmente voltar todas as coisas ao estado normal. Só teria de destapar os vasos para que tudo retomasse o verdadeiro aspecto. Mantive-me calada, tal como fizera da primeira vez. Ele, então, desapareceu, abandonando-me nesta prisão, onde fui acometida por sono profundo.

"Entre as imagens que em sonho via passar pela mente, havia também a consoladora imagem de um jovem que viria, sem tardar, libertar-me. E eis que hoje, ao abrir os olhos, deparei contigo e logo compreendi que meu sonho se tornava realidade! Ajuda-me a realizar todas as outras coisas

vislumbradas em sonho. Antes de mais nada, temos de colocar sobre aquela pedra larga o esquife de vidro que tem encerrado o meu castelo.”

Assim que a pedra recebeu o peso do esquife, ergueu-se com o alfaiate e a jovem e, pela abertura do teto, chegou à sala superior, onde facilmente conseguiram sair para fora. Então a jovem levantou a tampa e foi maravilhoso ver como o castelo, as casas e demais construções iam aumentando e readquirindo o verdadeiro tamanho.

Depois, os dois jovens voltaram ao interior da caverna e fizeram a pedra carregar para cima os vasos cheios de fumaça. Conforme eram destapados pela moça, a fumaça saía impetuosamente e se transformava em seres vivos, e assim ela reencontrou todos os criados e sua gente.

Mas a alegria atingiu o auge quando ela viu surgir o irmão que, tendo matado o cavaleiro sob a forma de touro, recuperara o verdadeiro aspecto e agora vinha ao seu encontro.

Cumprindo a promessa, ela, no mesmo dia, ao pé do altar, deu a mão ao alfaiate felizardo.

Nota

** Caixa em que se coloca o corpo de um morto para ser enterrado; caixão.*

João, o felizardo

João trabalhou durante sete anos para o seu patrão e, um dia, disse-lhe:

— Meu senhor, meu tempo de contrato esgotou-se, agora quero voltar para a casa de minha mãe.

O patrão respondeu:

— Você foi fiel e honesto. Tal serviço pede igual remuneração.

Deu-lhe uma barra de ouro grossa, quase como a sua cabeça. João pegou o lenço do bolso, embrulhou o pedaço de ouro, pô-lo às costas e meteu-se a caminho, rumo à casa da mãe. Ia andando sossegadamente pela estrada afora quando viu um cavaleiro alegre e pimpão, que vinha trotando sobre um belo cavalo.

— Ah — disse João em voz alta —, como há de ser bom andar montado num cavalo! Fica-se comodamente sentado como numa cadeira, não se tropeça nas pedras, não se gasta o calçado e se avança sem mesmo dar por isso.

O cavaleiro, que ouvira o que ele dizia, parou e gritou-lhe:

— Mas, João, por que andas a pé?

— Que remédio! — respondeu João. — Tenho este fardo pesado que devo levar para casa. É ouro, bem sei, mas pesa tanto que me esmaga o ombro e nem sequer posso levantar a cabeça.

— Queres saber uma coisa? — disse o cavaleiro. — Façamos uma troca! Eu te dou o cavalo e tu me dás o teu pedaço de ouro.

— Ah! De muito boa vontade — disse João —, mas terá que fazer força.

O cavaleiro desceu bem depressa, pegou na barra de ouro e ajudou João a montar no cavalo. Meteu-lhe as rédeas na mão, recomendando-lhe:

— Se quiseres que corra como o vento, basta fazer um estalinho com a língua e gritar: hop, hop!

João estava felicíssimo em cima do cavalo e partiu a trote largo. Ao fim de algum tempo teve a ideia de ir mais depressa. Deu um estalinho com a língua e gritou: upa, upa!

O cavalo, obediente, partiu a galope desenfreado e, num bater de olhos, João foi pelos ares, caindo dentro de um buraco à beira da estrada. O cavalo

teria continuado no galope se um camponês, que vinha em sentido contrário, conduzindo uma vaca, não o agarrasse pelas rédeas. João, todo dolorido, ficou de pé com dificuldade. Aborrecido, disse ao camponês:

— Que belo gosto montar a cavalo, sobretudo quando se topa com um animal como este, que tropeça e atira a gente pelos ares, fazendo quase quebrar o pescoço! Nunca mais tornarei a montar a cavalo. Por falar nisso, a tua vaquinha, sim, me agrada. Pode-se ir atrás dela muito sossegado e, além disso, tem-se leite, manteiga e queijo garantidos. Quanto não daria para ter uma vaca como essa!

— Ora — disse o camponês —, se te agrada tanto, poderemos trocar a minha vaca pelo teu cavalo.

João concordou todo feliz. O camponês saltou para cima do cavalo e partiu a galope. Tocando calmamente a vaca diante de si, João ia refletindo nas vantagens do negócio que acabava de realizar. "Contanto que eu tenha um pedaço de pão, e decerto não me há de faltar, posso comer também um pouco de manteiga e queijo. Quando tiver sede, tiro leite da minha vaca e bebo-o. Meu coraçãozinho, que podes desejar mais?"

Ao chegar a uma estalagem, parou e, julgando ter agora provisões para toda a vida, liquidou tranquilamente todo o farnel que levava para a viagem e, com os últimos vinténs que possuía, deliciou-se com um bom copo de cerveja. Em seguida, encaminhou-se rumo à aldeia de sua mãe, tocando a vaca diante de si.

Ao meio-dia, o calor tornou-se sufocante e João encontrava-se em pleno descampado, onde se demoraria ainda uma hora. Sentia tanto calor e sede que até a língua se pregava ao céu da boca. "Mas tenho um remédio", pensou. "Vou ordenhar a minha vaca e refrescar a garganta com o bom leite."

Amarrou a vaca a um pau e, por falta de coisa melhor, quis aparar o leite com seu boné de couro, mas, por mais que puxasse e espremesse, das tetas não saiu uma só gota de leite. Como não tinha jeito para lidar com a vaca, ela zangou-se e atirou-lhe tal coice na cabeça que o fez rolar a dez passos de distância, onde ficou estendido sem sentidos. Ali ficou um bom pedaço de tempo. Felizmente, porém, chegou um carniceiro empurrando um carrinho com um leitãozinho dentro.

— Que brincadeira sem graça! — disse ele, e ajudou João a levantar-se.

João contou-lhe tudo o que havia acontecido; o carniceiro ofereceu-lhe a sua garrafa, dizendo:

— Bebe um gole que logo ficará animado. Aquela vaca nunca mais dará

leite, já está velha e seca, boa, quando muito, para ser atrelada a uma carroça ou então para ser levada ao matadouro.

— Oh diabo — disse João puxando os cabelos desgrenhados —, quem diria uma coisa destas! Naturalmente, seria muito melhor matar o animal em casa! Quanta carne teríamos! Mas não gosto de carne de vaca, não a acho saborosa. Ah!, se fosse um leitãozinho igual a esse, então, sim, seria delicioso! Sem falar nas salsichas que daria!

— Escuta, João — disse o carniceiro —, por seres quem és e porque quero te ajudar, estou disposto a trocar o meu leitão pela tua vaca.

— Que Deus te recompense tanta bondade! — disse João.

Entregou-lhe a vaca e levou o leitão, segurando-o pela corda com que estava amarrado no carrinho.

João continuou o caminho pensando em como tudo lhe ia às mil maravilhas. Apenas tinha uma contrariedade e logo a solucionava. Nesse momento, aproximou-se um rapazinho, que levava debaixo do braço um belo pato branco, muito gordo. Cumprimentaram-se desejando um bom-dia e, conversa vai conversa vem, João contou-lhe as suas aventuras, gabando-se da boa sorte e das trocas sempre tão vantajosas. O rapazinho, então, contou que levava o pato à aldeia vizinha e que estava destinado a um banquete de batizado.

— Experimente o seu peso — disse, levantando-o pelas asas —, é pesado, não acha? Também, já faz dois meses que o venho engordando com o que há de melhor! Quem tiver a sorte de meter os dentes em semelhante assado, verá a banha escorrer-lhe pelos cantos da boca.

— É verdade — disse João levantando o pato com uma das mãos —, é um bonito animal. Mas, também, o meu leitão não é mau e tem o seu valor!

Entretanto, o rapaz olhava para todos os lados com certa precaução. Depois, abanando a cabeça, disse:

— Olha, a história do teu leitão não me cheira bem: acabam justamente de roubar do prefeito da aldeia por onde passei agora. Tenho palpite que deve ser esse que levas aí. Mandaram gente a procurá-lo por toda parte e seria uma coisa terrível se te apanhassem com ele. O mínimo que te aconteceria era ser metido numa prisão escura.

O pobre João ficou assustadíssimo e exclamou:

— Ah, Deus meu! Livrai-me desta desgraça! Tu que conheces a região melhor do que eu e sabes, portanto, onde esconder-te, leva o meu leitão e dá-me o teu pato.

— Arrisco-me muito com isso — disse o rapazinho —, mas, só para te livrar de apuros, vou fazer o que me pedes.

Pegou, então, na corda e bem depressa levou o leitãozinho, desaparecendo por um atalho. O honrado João, livre dessa preocupação, continuou a caminhar rumo a casa, levando o pato debaixo do braço e ia pensando:

— Calculando bem, saí ganhando na troca. Primeiro, a carne de pato é mais fina para assado e mais saborosa que a de leitão. E com toda esta banha terei gordura por uns bons três meses e, finalmente, com as belas penas brancas farei uma boa almofada, na qual dormirei sem que seja preciso embalar-me. Santo Deus, como minha mãe vai ficar contente com tão lindo animal!

Após ter atravessado a última aldeia, antes de chegar à sua, viu um amolador parado com a sua geringonça. A roda girava, girava e ele acompanhava-a cantando:

— Afio tesouras e rodo ligeiro;
e penduro a manta como sopra o vento…

João parou e ficou olhando o que ele estava fazendo, depois disse:

— Parece que tudo vai à medida dos teus desejos, visto que trabalhas tão alegremente!

— Oh, se vai — respondeu o outro. — Qualquer ofício manual é ouro em barra. Um bom amolador é um homem que, quando mete a mão no bolso, sempre encontra dinheiro. Mas onde compraste esse belo pato? Nunca vi tão bonito por aqui!

— Não o comprei, ganhei-o em troca de um leitãozinho.

— E o leitão?

— Ganhei-o em troca de uma vaca.

— E a vaca?

— Tive-a em troca de um cavalo.

— E o cavalo?

— Por aquele dei um pedaço de ouro do tamanho da minha cabeça.

— E o ouro?

— Era o pagamento que me deu meu patrão por sete anos de serviço.

— Vejo que sabes te defender muito bem neste mundo. Se agora chegares a ouvir todas as manhãs tinir dinheiro no bolso quando enfiares as calças, tua fortuna está feita.

— Sim, mas que devo fazer para isso? — perguntou João.

— Deves tornar-te amolador como eu. Para isso é preciso, primeiro, ter a pedra de amolar; o resto vem depois. Tenho aqui uma, na verdade está um pouco gasta, mas em troca desejo apenas que me dês o teu pato. Aceitas?

— Ainda perguntas? — respondeu João. — Se, como dizes, terei sempre dinheiro no bolso, serei o homem mais feliz do mundo. Que mais posso desejar?

Entregou ao amolador o pato e recebeu em troca a pedra de amolar e mais uma outra qualquer que apanhou no chão.

— Eis-te aqui mais esta bela pedra — disse o amolador —, é excelente para fazer uma bigorna e para endireitar pregos ou arranjar as ferramentas. Fica com ela e guarda-a com cuidado.

João pegou nas duas pedras e partiu muito alegre, os olhos brilhando de felicidade.

— Devo ter nascido com sorte — pensava ele —, pois tudo o que desejo se realiza!

No entanto, como estava caminhando desde manhã bem cedo, sentiu-se cansado. Além disso, a fome começava a atormentá-lo, pois já não tinha nada que comer, tendo devorado o farnel de uma só vez a fim de festejar a troca da vaca. Por fim, andava a custo e a cada instante era obrigado a descansar. As pedras pesavam tremendamente e lá consigo pensava quanto seria agradável não ter de as carregar, agora que estava tão cansado. Arrastando-se como uma lesma, conseguiu chegar até uma fonte, contente de poder refrescar a goela e descansar um pouco estendido na erva.

Não querendo estragar as pedras, colocou-as cuidadosamente à beira da fonte, bem perto dele. Depois sentou e foi abaixar-se para encher o boné de água, mas sem querer empurrou um pouquinho as pedras, que rolaram para dentro da água.

João, quando as viu desaparecer dentro da água, deu um pulo de alegria,

depois ajoelhou-se e agradeceu a Deus, com lágrimas nos olhos, por tê-lo atendido mais essa vez, livrando-o do pesado fardo sem que ele tivesse de se censurar.

— Não há ninguém neste mundo mais feliz do que eu! — exclamou.

De coração aliviado, livre de qualquer peso, saiu a correr e só parou quando chegou à casinha de sua mãe.

Cinderela

A esposa de um homem muito rico adoeceu gravemente. Sentindo que seu fim estava próximo, chamou a filha única ao pé da cama e disse-lhe:

— Querida filha, conserva-te sempre boa e piedosa, assim o bom Deus te ajudará e eu, do céu, velarei por ti e te protegerei sempre.

Pouco depois, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias rezar e chorar sobre o túmulo de sua mãe, sempre muito boa e piedosa.

Chegou o inverno, estendendo seu manto branco sobre a sepultura, mas, quando começou a primavera e o sol derreteu o manto branco de neve, o viúvo casou-se novamente.

A segunda mulher trazia consigo duas filhas, bonitas, mas de coração cruel e feio. Começaram, então, dias bem tristes para a pobre enteada.

— Essa estúpida, palerma — diziam as recém-chegadas —, acha que vai ficar na sala conosco? Quem come o pão tem de ganhá-lo! Fora daqui, faxineira!

Tomaram-lhe os belos vestidos, deram-lhe uma roupa cinzenta para vestir e um par de tamancos.

— Vejam só! Vejam como está enfeitada a rica princesa! — exclamavam rindo e zombando. Depois, empurraram-na para a cozinha.

Nesse local, tinha que arcar com os serviços mais pesados desde a manhã até a noite. Tinha de levantar-se de madrugada, trazer a água, acender o fogo, cozinhar e lavar a roupa. Ainda por cima, tinha de suportar todas as provocações que as maldosas irmãs não cessavam de fazer-lhe. Esparramavam ervilhas e lentilhas nas cinzas do fogão só para obrigá-la a catá-las uma a uma. À noite, após tamanha canseira, não dispunha de cama para deitar-se e era obrigada a dormir no borralho da lareira, razão por que vivia suja e cheia de cinzas. As outras, então, apelidaram-na de Cinderela.

Certa vez, tendo de ir a uma feira, o pai perguntou às duas enteadas o que desejavam que lhes trouxesse.

— Eu quero belos vestidos — disse a primeira.

— E eu, pérolas e pedras preciosas — disse a segunda.

— E tu, Cinderela, que desejas? — perguntou-lhe o pai.

— Papai, eu quero que apanhes e me tragas o primeiro galho que te roçar o chapéu quando voltares para casa.

O pai, então, comprou lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas para as duas enteadas, conforme lhe pediram. Ao regressar para casa, vinha cavalgando por entre algumas moitas e um galho de aveleira roçou-lhe o chapéu, derrubando-o. Quebrou, então, o ramo e levou-o consigo. Ao chegar em casa, distribuiu às enteadas os vestidos e as joias, e à Cinderela deu o ramo de aveleira.

Ela agradeceu muito, depois correu ao túmulo da mãe e plantou o ramo, chorando tanto que as lágrimas o regaram.

O ramo cresceu e tornou-se uma linda árvore. Cinderela rezava e chorava sobre a sepultura três vezes por dia e, em todas elas pousava na árvore um passarinho muito branco, o qual, quando ela formulava algum desejo, lhe jogava logo o que pedia.

Ora, aconteceu que o rei daria uma grande festa, que duraria três dias, e convidou quantas donzelas havia no reino a fim de que o filho escolhesse entre elas uma noiva. As duas irmãs, ouvindo que também participariam da festa, ficaram radiantes de alegria e maldosamente chamaram Cinderela, ordenando-lhe:

— Penteia-nos o cabelo, engraxa-nos os sapatos e verifica se as fivelas estão bem seguras, pois temos que ir à festa no castelo do rei.

Cinderela obedeceu com a mesma bondade de sempre, mas não podia conter as lágrimas pois também gostaria de ir ao baile, portanto, foi pedir à madrasta que lhe desse permissão para ir, mas esta exclamou:

— Tu! Cinderela! Mas se estás sempre tão suja e cheia de cinzas, como pretendes ir à festa? Não tens vestidos nem sapatos e queres ir dançar?

A moça, porém, voltou a insistir e a madrasta acabou dizendo:

— Despejei um prato de lentilhas na cinza. Se dentro de duas horas conseguires catá-las todas, poderás ir.

A menina dirigiu-se para a horta atrás da casa e aí chamou:

— Queridas pombinhas, e vós mansas rolinhas, e vós pássaros que voais pelo céu, vinde ajudar-me a catar as lentilhas.

— As boas no prato,
as ruins no papo.

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas, depois as rolinhas e, por fim, esvoaçando, entraram todos os passarinhos do céu, indo colocar-se todos juntos da cinza. As pombinhas acenaram que sim com as cabecinhas e puseram-se pic, pic, pic, pic, começaram a catar. Então, os outros imitaram-nas, e, pic, pic, pic, pic, recolheram no prato todos os grãozinhos melhores. Antes que tivesse decorrido uma hora, tinham terminado a tarefa e saíram voando por onde tinham vindo.

Cinderela, felicíssima, foi correndo levar o prato à madrasta, certa de poder ir ao baile, mas a madrasta disse-lhe:

— Não podes ir, Cinderela, não tens vestido e não sabes dançar. Todos zombariam de ti.

Cinderela desatou a chorar. Então, a madrasta disse-lhe:

— Se conseguires numa hora catar das cinzas dois pratos cheios de lentilhas irás também. — Pensou consigo mesma: “Não o conseguirá nunca!”

Depois que a madrasta despejou os dois pratos de lentilhas nas cinzas, a moça foi à horta atrás da casa e chamou:

— Queridas pombinhas, e vós mansas rolinhas, e vós pássaros que voais

pelo céu, vinde ajudar-me a catar as lentilhas.

— As boas no prato,
as ruins no papo.

E pela janela da cozinha entraram voando duas pombas brancas, depois as rolinhas e por fim, esvoaçando, todos os passarinhos do céu, indo colocar-se todos junto das cinzas. As pombinhas acenaram que sim com as cabecinhas e, pic, pic, pic, pic, começaram a catar. Os outros então imitaram-nas e, pic, pic, pic, pic, em breve recolheram os grãos melhores nos pratos. Em menos de meia hora estava terminada a tarefa e saíram voando pelo mesmo caminho por onde vieram. A moça, radiante de alegria, levou os pratos à madrasta, certa de que agora poderia ir à festa. Mas a madrasta disse-lhe:

— É tudo inútil, Cinderela. Não podes ir conosco, porque não tens vestidos e não sabes dançar. Tu nos envergonharias a todos.

Deu-lhe as costas e saiu apressadamente, acompanhada de suas orgulhosas filhas.

Tendo ficado só, Cinderela correu para o túmulo da mãe e sob a aveleira exclamou:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e
Cubra-me de ouro e prata!

O pássaro, então, que estava pousado na árvore, atirou-lhe um lindo vestido de ouro e prata e sapatinhos bordados de seda e prata. Com a maior rapidez, ela vestiu-se e foi à festa. Estava tão linda que as irmãs e a madrasta não a reconheceram e julgaram que fosse uma princesa desconhecida, assim trajada de ouro e prata.

Nem de longe pensaram em Cinderela, julgando-a em casa, em meio à sujeira, catando lentilhas da cinza. O filho do rei foi ao seu encontro e, tomando-a pela mão, dançou com ela a noite toda. Não quis dançar com nenhuma outra, não abandonou sua mão e, quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

— Não, esta é minha dama.

Cinderela dançou até bem tarde, depois quis ir-se embora, mas o príncipe disse:

— Vou acompanhar-te. — Isso porque desejava saber de onde vinha tão encantadora moça.

Ela, porém, conseguiu desvencilhar-se e pulou para o pombal. O príncipe esperou o pai dela chegar e contou-lhe que a linda desconhecida se meteu no pombal. O rei pensou: “Seria por acaso Cinderela?”, e mandou trazer um machado para derrubar o pombal, mas dentro dele não encontraram ninguém.

Quando as outras chegaram em casa, Cinderela já estava encolhida no borralho, metida nos seus farrapos sujos. Uma lamparina ardia fraca sobre a lareira.

Ela havia saído pelo lado de trás do pombal e, correndo, fora para a aveleira. Lá, tirou os ricos trajes e os deixou sobre o túmulo, onde o passarinho foi buscá-los. Depois, enfiando novamente sua imunda roupa parda, fora deitar-se nas cinzas do borralho.

No dia seguinte, tendo recomeçado a festa, os pais e as irmãs foram-se, deixando sozinha Cinderela. Esta voltou ao túmulo e de novo, sob a aveleira, disse:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e
Cubra-me de ouro e prata!

O pássaro, então, deixou cair um traje ainda mais bonito que o primeiro. E quando, assim enfeitada, apareceu no baile, todos ficaram completamente admirados pela sua beleza. O príncipe esperava que ela comparecesse e, vendo-a, tomou-a pela mão e dançou somente com ela. Quando alguém a convidava, ele dizia:

— Não, esta é minha dama.

Chegando a meia-noite ela foi-se embora. O príncipe seguiu-a para ver onde ela entrava, mas, com uma rapidez incrível, a moça fugiu para o jardim. Havia lá uma bela árvore muito alta da qual pendiam magníficas peras. Com a ligeireza de um esquilo, ela subiu na árvore, escondendo-se entre a galharia, e o príncipe não conseguiu ver por onde ela desaparecera. E quando viu o pai dela chegar, disse-lhe:

— A jovem desconhecida fugiu e subiu na pereira.

O pai ficou pensativo: “Seria Cinderela?” Então mandou que trouxessem o machado e cortassem a árvore, mas não havia ninguém lá em cima.

Quando as outras entraram na cozinha, viram Cinderela deitada como de costume nas cinzas do borralho. É que ela havia pulado pelo outro lado da árvore e, correndo, fora à sepultura. Deixara ao pássaro seus ricos trajes, sob a aveleira, e vestira rapidamente a suja roupa parda.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs se foram para a festa, Cinderela tornou a voltar à sepultura da mãe, dizendo à aveleira:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e
Cubra-me de ouro e prata!

E o pássaro prontamente atirou-lhe um vestido tão magnífico e reluzente como nunca tinha vestido, além dos sapatinhos que eram de ouro. Quando ela surgiu na festa, assim enfeitada, os convidados ficaram mudos de admiração.

O príncipe dançou somente com ela e, se alguém a convidava, dizia:

— Não, esta é minha dama.

À meia-noite, Cinderela teve de ir embora e o príncipe quis acompanhá-la, mas ela fugiu tão velozmente que não lhe foi possível segui-la. Entretanto, usando de astúcia, o príncipe mandara passar uma camada de piche na escada, de modo que, quando a moça fugiu, seu sapatinho esquerdo ficou grudado. Ele o apanhou: era um minúsculo sapatinho elegante e inteiro de ouro. Na manhã seguinte, foi à casa do pai das moças e disse:

— Só me casarei com a moça à qual servir este sapatinho de ouro.

As duas irmãs ficaram loucas de alegria, pois tinham o pé bastante pequeno. A mais velha, então, levou o sapato para o quarto e tentou calçá-lo diante da mãe, mas o dedo polegar não cabia dentro do pequeno sapatinho. Então a mãe deu-lhe uma faca e disse:

— Corta o dedo, minha filha. Quando fores rainha não terás mais que andar a pé.

A moça cortou o dedo, enfiou o pé no sapato, disfarçou a dor e foi ao encontro do príncipe. Este, então, levou-a no seu cavalo como noiva. Ao passarem perto da sepultura, duas pombinhas brancas, que estavam pousadas na aveleira, disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato há.
A verdadeira noiva
Ainda em casa está.

O príncipe, voltando-se, olhou para o pé da noiva e viu sangue escorrendo. Então virou o cavalo e reconduziu a falsa noiva para sua casa, dizendo que não era aquela, e mandou que a irmã calçasse o sapato. Ela foi para o quarto e conseguiu enfiar os dedos. O calcanhar, porém, era muito grosso e não podia

entrar. A mãe, então, deu-lhe uma faca e disse:

— Corta um pedaço do calcanhar, minha filha, pois, quando fores rainha, não precisarás mais andar a pé.

A moça cortou o pedaço do calcanhar, comprimiu o pé dentro do sapato, disfarçou a dor e foi ao encontro do príncipe. Este colocou-a sobre o cavalo como uma noiva e foi-se embora. Ao passar sob a aveleira, as duas pombinhas lá pousadas disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato há.
A verdadeira noiva
Ainda em casa está.

Ele, então, olhou para o pé e viu sangue escorrendo no sapato e nas meias brancas. Então voltou com o cavalo e reconduziu a falsa noiva para casa.

— Esta também não é a verdadeira — disse. — Não tendes outras filhas?

— Não — respondeu o homem. — Temos aí apenas uma pequena Cinderela franzina, filha da minha primeira mulher, mas essa de maneira alguma poderá ser a noiva.

O príncipe desejou vê-la e mandou que a chamassem, mas a madrasta respondeu:

— Ah, não, anda sempre tão suja que não pode apresentar-se!

O príncipe não se convenceu, quis absolutamente vê-la e tiveram, pois, de chamá-la. Cinderela primeiro lavou bem as mãos e o rosto e depois foi fazer uma reverência ao príncipe. Este apresentou-lhe o sapatinho de ouro, Cinderela sentou-se num banquinho, tirou do pé o pesado tamanco e com a maior facilidade calçou o sapatinho. Servia-lhe como uma luva. Quando ela se levantou, o príncipe olhou bem para o seu rosto e logo reconheceu a jovem com quem havia dançado.

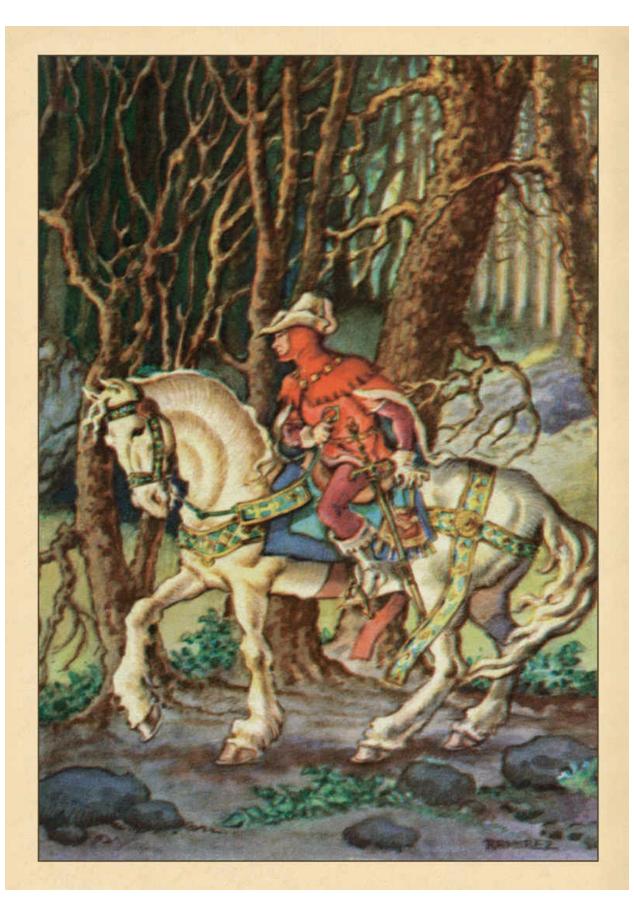
— É esta a verdadeira noiva! — exclamou ele satisfeito.

A madrasta e as irmãs, pálidas de espanto e de raiva, viram-no colocar Cinderela sobre o cavalo e levá-la para o palácio. Ao passarem junto da aveleira, as duas pombinhas brancas lá pousadas disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato não há.
A verdadeira noiva
Já contigo está!

Depois desceram voando e pousaram nos ombros de Cinderela, uma de cada lado.

No dia do casamento, as falsas irmãs, querendo compartilhar de sua sorte, acompanharam-na. A caminho da igreja, a mais velha colocou-se à direita da noiva, e a mais nova, à esquerda. As pombas, então, arrancaram um olho de cada uma. Quando saíram da igreja, a irmã mais velha colocou-se à esquerda da noiva, e a mais nova, à direita. As pombas então arrancaram de cada uma o outro olho.

Assim foram punidas, com a cegueira, para o resto da vida, por terem sido tão falsas e perversas.

Rapunzel

Era uma vez, um homem e uma mulher que há muito tempo desejavam, em vão, um filho. Finalmente, um belo dia, a mulher percebeu que Deus atendera suas orações e lhe satisfaria o desejo.

O casal tinha nos fundos da casa uma janelinha que dava para um belíssimo jardim, todo cultivado, cheio de esplêndidas flores e hortaliças, mas o jardim era cercado de um muro alto e ninguém ousava entrar nele porque pertencia a uma feiticeira de grande poder e muito temida.

Um dia, a mulher estava à janela, olhando para o jardim. Viu um canteiro todo plantado de belos rabanetes, tão viçosos e verdinhos que ela ficou com uma vontade enorme de comê-los. O desejo aumentava cada dia mais e, como sabia que os rabanetes estavam fora de seu alcance, começou a emagrecer, tornando-se pálida e abatida. O marido, vendo isso, alarmou-se e perguntou:

— Que tens, minha querida mulher?

— Se não conseguir comer alguns daqueles rabanetes que estão no jardim atrás de nossa casa, eu certamente morrerei! — respondeu ela.

O marido, que a amava ternamente, pensou: “Antes de deixar tua mulher morrer, é preferível que vás apanhar aqueles rabanetes. Custe o que custar.”

Assim, ao cair da noite, saltou o muro do jardim da feiticeira, colheu rapidamente um punhado de rabanetes e levou-os à mulher. Ela preparou uma salada e comeu avidamente. Tão deliciosos lhe pareceram que, no dia seguinte, seu desejo triplicou. A fim de acalmá-la, o marido disse que voltaria outra vez ao jardim. Ao cair da noite, portanto, saltou o muro e, quando punha os pés no jardim, ficou tremendamente assustado, dando com a feiticeira à sua frente.

— Como te atreves — disse ela, encarando-o ameaçadoramente — entrar no meu jardim e, como um ladrão vulgar, roubar meus rabanetes? Isto te sairá caro!

— Ah — respondeu o homem —, tenha piedade de mim! Fui obrigado a isso por uma necessidade extrema. Minha mulher viu da janela vossos belos rabanetes e sentiu tal desejo que acabaria morrendo se não pudesse comê-los.

A raiva da feiticeira abrandou e ela, então, disse:

— Se as coisas são como dizes, permitirei que leves todos os rabanetes que queiras, com uma condição, porém: tens que dar-me a criança que tua mulher vai ter. Ela terá o melhor tratamento e dela cuidarei como se fosse sua mãe.

O pobre homem, tremendo de medo, prometeu tudo o que ela exigia e, assim que a mulher deu à luz uma linda menina, logo apareceu a feiticeira, que lhe pôs o nome de Rapunzel e levou-a consigo.

Rapunzel tornou-se a mais bela criança que havia sob o sol. Quando completou doze anos, a feiticeira trancou-a numa torre no meio da floresta, que não tinha escada nem porta, apenas uma minúscula janelinha no alto, bem no alto. Sempre que a feiticeira queria entrar, punha-se debaixo da janela e gritava:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Rapunzel tinha longos cabelos, belíssimos, finos como fios de ouro! Quando ouvia a voz da feiticeira, soltava as tranças, prendia-as a um gancho da janela e estas caíam do comprimento de uns dez metros, e a feiticeira subia por elas como por uma escada.

Passaram-se alguns anos. Um dia, sucedeu que o filho do rei, cavalgando pela floresta, passou perto da torre. De repente, ouviu um canto tão lindo que parou para escutar. Era Rapunzel que, na sua solidão, matava o tempo cantando com sua linda voz.

O príncipe quis subir até onde ela estava, mas não encontrou nenhuma porta. Voltou para casa, mas aquele canto de tal maneira o havia comovido que voltava diariamente à floresta para ouvi-lo de novo.

Certo dia, encontrando-se oculto por uma árvore, viu a feiticeira aproximar-se e gritar:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Rapunzel soltou as tranças e a feiticeira subiu até ela.

— Se esta é a escada pela qual se sobe, também tentarei a sorte — disse o príncipe.

No dia seguinte, ao cair da noite, ele postou-se debaixo da torre e gritou:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Caíram até ele as tranças, pelas quais pôde subir.

Vendo-o entrar, Rapunzel assustou-se muito, pois jamais havia visto um homem, mas o filho do rei falou-lhe com grande doçura, contando-lhe que seu canto lhe penetrara no coração, comovendo-o profundamente e não lhe dando mais sossego. Queria muito conhecê-la.

Rapunzel, então, perdeu o medo e, quando ele lhe perguntou se o aceitaria como marido, vendo-o jovem e bonito, refletiu: “Certamente me amará mais do que a minha Senhora.” Então, colocando sua mão na dele, respondeu que sim, mas:

— Com grande prazer iria contigo, entretanto não sei como descer daqui. Sempre que vieres, traze uma meada de seda. Eu a trançarei e farei uma escada. Assim que ficar pronta, descerei e tu me levarás no teu cavalo.

Combinaram que ele viria todas as noites, pois, de dia, vinha sempre a

velha. A feiticeira de nada desconfiou, até que um dia Rapunzel perguntou-lhe:

—Senhora, por que demora tanto para subir? O jovem príncipe chega aqui num instante!

— Ah, menina fingida! — gritou a feiticeira. — Que ouço? Pensei ter-te afastado do mundo e, mesmo assim, me enganas?

Furibunda, agarrou os belos cabelos de Rapunzel, enrolou-o duas ou três vezes em torno da mão esquerda, com a direita apanhou uma tesoura e, zás-trás, cortou as ricas tranças, que rolaram ao chão. Foi tão cruel que, não satisfeita com isso, levou a pobre Rapunzel para um deserto, deixando-a viver ali em pranto e na maior miséria.

No mesmo dia em que expulsou Rapunzel, ao anoitecer, ela prendeu as tranças no gancho da janela e quando o príncipe chegou e gritou:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Deixou-as cair da janela. Quando o príncipe subiu, em vez de encontrar a amada, defrontou-se com a feiticeira, que o encarava com os olhos cheios de ódio.

— Ah — exclamou irônica —, vieste buscar tua amada! O lindo pássaro, porém, bateu as asas, deixou o ninho e não cantará mais. O gato levou-o e a ti te arrancará os olhos. Rapunzel está perdida para ti, nunca mais a verás.

O príncipe, fora de si pelo desgosto, saltou desesperado para fora da janela. Conseguiu salvar a vida, mas, tendo caído sobre um espinheiro, teve seus olhos furados pelos espinhos. Cego, passou a vagar pela floresta. Não se alimentava senão de raízes e frutas silvestres, chorando sem parar e lamentando a perda de sua querida noiva.

Vagou assim, miseravelmente, durante alguns anos. Por fim chegou ao

deserto onde vivia Rapunzel, na maior infelicidade, com seus dois gêmeos, um menino e uma menina, que tivera durante esse tempo. O príncipe ouviu uma voz que lhe pareceu bem sua conhecida. Deixou-se guiar por ela e, chegando a uma certa distância, Rapunzel reconheceu-o, e então correu para ele, abraçando-o e chorando ao mesmo tempo. Duas de suas lágrimas molharam os olhos dele, que então se iluminaram novamente, e ele voltou a enxergar como antes.

O príncipe levou Rapunzel e os filhos para o seu reino, sendo lá recebidos com grande alegria. E ali viveram alegres e tranquilos durante longos anos.

O vagamundo

Era uma vez, uma mulher que tinha um filho que desejava imensamente viajar e conhecer o mundo. A mãe, porém, disse-lhe:

— Como podes viajar? Somos pobres e não temos dinheiro algum que possas levar.

O filho insistiu, dizendo:

— Eu me arrumarei. Vou dizendo sempre: “Não muito, não muito, não muito.”

Assim, despedindo-se da mãe, foi-se embora. Perambulou durante algum tempo, dizendo sempre: “Não muito, não muito, não muito.”

Um belo dia, encontrou um grupo de pescadores trabalhando. Aproximou-se deles para ver o que faziam e disse:

— Deus vos ajude! Não muito, não muito, não muito.

— Por que dizes “não muito”, seu patife?

Os pescadores puxaram as redes nesse instante e viram que nada tinham pescado. Então, furiosos, bateram muito no rapaz, ao mesmo tempo que diziam:

— Vá rogar praga em outra freguesia!

— Que devo dizer, então? — perguntou o coitado do rapaz.

— Deves dizer: pega bastante, pega bastante!

Ele continuou a perambular mais algum tempo, sempre repetindo: “Pega bastante, pega bastante.” E assim, por acaso, passou junto de uma forca, justamente no momento em que estavam enforcando um bandido. Parou para olhar e disse:

— Bom dia! Pega bastante, pega bastante!

— O quê! Por que dizes isso: “pega bastante, pega bastante”, seu malandro? Já não chegam os patifes que existem no mundo, queres mais?

E agarrando-o, deram-lhe uma tremenda surra.

— Ai, ai! Que devo dizer, então? — choramingou o pobre rapaz.

— Deves dizer sempre: Deus tenha piedade de sua pobre alma!

O rapaz prosseguiu o caminho e ia repetindo: “Deus tenha piedade de sua pobre alma, Deus tenha piedade de sua pobre alma!” e chegou a uma cova onde um homem acabava de matar um cavalo. O rapaz ficou olhando e

depois disse:

— Bom dia! Deus tenha piedade de sua pobre alma! Deus tenha piedade de sua pobre alma!

— Que é que estás dizendo aí, seu maroto? — E, pegando no chicote, bateu-lhe tanto que o deixou cair atordoado no chão.

— Mas que devo dizer, então? — perguntou o infeliz.

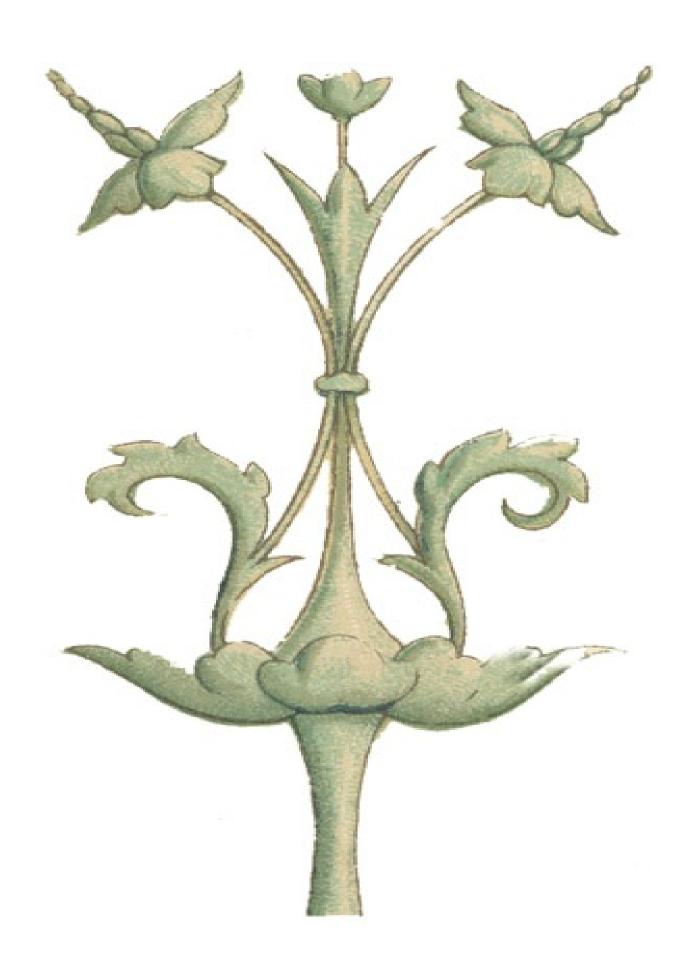
— Ora, deves dizer: tomara que caias num fosso, carniça!

Ele foi para diante, ia andando e repetia: “Tomara que caias num fosso, carniça!”

Neste momento, passou um carro cheio de gente. Olhando para ele, disse muito seriamente:

— Bom dia. Tomara que caias num fosso, carniça!

E o carro, subitamente, caiu dentro de um fosso fundo, com gente e tudo. Então o carroceiro pegou no chicote e espancou impiedosamente o pobre rapaz, até vê-lo escorrendo sangue e caído no chão.

Em vista disso, o coitado não viu outra solução senão voltar para a casa de sua mãe. E, nunca mais, durante toda a sua vida, teve vontade de viajar.

O fogão de ferro

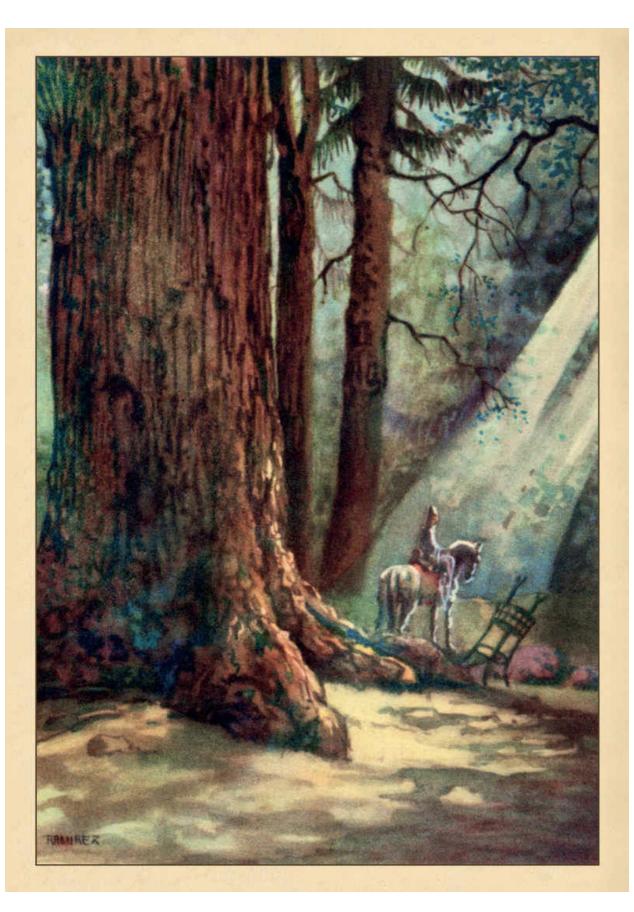
Nos tempos em que desejar alguma coisa era o bastante para vê-la realizada, houve um príncipe, encantado por uma velha bruxa que o condenara a permanecer dentro de um fogão, abandonado no meio de uma floresta. Passou longos anos ali, sem que ninguém o pudesse libertar. Certo dia, uma princesa se perdeu na floresta e não conseguia achar o caminho do reino de seu pai. Estava vagando havia nove dias, quando se aproximou de um fogão de ferro e ouviu sair dele uma voz perguntando:

— De onde vens e para onde vais?

— Perdi o caminho do reino de meu pai e não posso voltar para casa — respondeu ela.

Então a voz do fogão disse-lhe:

— Vou ajudar-te a voltar para casa em pouco tempo, se prometeres fazer o que te peço. Sou filho de um Rei muito mais poderoso do que teu pai e estou disposto a casar-me contigo.

Ela estremeceu de pavor, pensando: “Santo Deus, que vou fazer com um fogão de ferro?” Mas, ansiosa por voltar à casa paterna, ela prometeu o que ele quis. Então o príncipe lhe disse:

— Tens de voltar aqui trazendo uma faca para fazer um buraco no ferro.

Depois lhe deu um guia, que foi andando silenciosamente a seu lado e, em menos de duas horas, deixou-a no palácio do pai. No castelo, foi grande a alegria pela volta da princesa, e o velho rei abraçou-a e beijou-a cheio de contentamento. A princesa, no entanto, estava preocupada e aflita.

— Ah, meu pai — disse com tristeza —, que coisa estranha me aconteceu! Eu nunca teria achado o caminho para voltar se não tivesse encontrado um fogão de ferro, no meio da floresta, que me ajudou, dando-me o guia que me trouxe até aqui. Em troca disso, tive que prometer voltar lá e libertá-lo para casar com ele.

O rei ficou tão abalado que quase desmaiou, pois ela era sua filha única. Então, mandaram, em lugar dela, a filha do moleiro, que era uma moça muito bonita. Levaram-na até a floresta, deram-lhe uma faca e disseram-lhe para raspar o fogão até fazer um buraco. Durante vinte e quatro horas, a pobre moça ficou raspando e raspando o fogão, mas não conseguiu sequer tirar-lhe a mais leve camada. Ao clarear o dia, a voz do fogão gritou:

— Parece-me que aí fora já está claro.

— Está claro, sim — respondeu a moça —, e parece que estou ouvindo o rumor do moinho de meu pai.

— Tu, então, és filha de um moleiro? — disse a voz. — Pois volta para tua casa já e manda aqui a princesa.

A moça voltou e foi dizer ao rei que o fogão não queria saber dela e pedia que lhe mandassem a princesa. O rei ficou apavorado e a princesa desatou a chorar amargamente, mas havia no reino a filha de um criador de porcos, que era muito mais bonita do que a filha do moleiro. Ofereceram-lhe uma boa quantia de dinheiro para que fosse em lugar da princesa. Ela aceitou e foi até a floresta. Como a primeira, raspou o fogão durante vinte e quatro horas sem parar, mas não conseguiu fazer nele nem mesmo um pequeno arranhão. Ao clarear o dia, disse a voz do fogão:

— Parece-me que aí fora já está claro.

— Está claro, sim — respondeu a moça. — Acho que estou ouvindo o grunhido dos porcos de meu pai.

— Ah, tu és filha do criador de porcos? Volta já para casa e manda aqui a princesa. Dize-lhe que terá tudo quanto lhe prometi, mas, se não vier pessoalmente, seu reino todo se desmoronará, não restando pedra sobre pedra.

Quando lhe transmitiram essas palavras, a princesa pôs-se a chorar e a

soluçar desesperadamente, mas não havia outra solução senão cumprir a promessa. Portanto, despediu-se do pai, pegou uma faca e lá se foi para a floresta. Assim que chegou, começou a raspar o ferro, com pressa, para terminar logo aquele desagradável trabalho, e o ferro começou a ceder. Depois de duas horas, já havia feito no fogão um pequeno buraco. Espiou pelo buraquinho e avistou no interior do fogão um belíssimo jovem, que trajava um luxuoso manto, cintilante de ouro e pedras preciosas. Apaixonou-se instantaneamente por ele e, com afinco, se pôs a raspar e raspar, até que logo abriu um buraco suficientemente grande, por onde o príncipe pôde sair.

— Tu és minha e eu sou teu! — disse ele, sorrindo-lhe feliz. — Serás minha esposa, pois conseguiste livrar-me do encanto a que estava preso.

Em seguida, o jovem quis levá-la ao seu reino, mas a princesa pediu-lhe para voltar ainda uma vez à casa de seu pai para se despedir dele. O príncipe consentiu, recomendando-lhe, porém, que não falasse mais do que três palavras e voltasse imediatamente para junto dele. Ela chegou em casa e acabou falando muito mais do que três palavras e, no mesmo instante, o fogão de ferro desapareceu, sendo carregado para muito longe, além das montanhas de vidro e espadas aguçadas. Porém, sem o príncipe, que estava salvo e não mais devia ficar detido naquela prisão.

Tendo-se despedido do pai, a princesa pegou uma certa quantidade de moedas de ouro, não muitas, e voltou à floresta a fim de procurar o fogão de ferro, mas não o encontrou mais. Durante nove dias, ela o procurou e, então, apertando a fome e não tendo o que comer, pensou que iria morrer. Quando anoiteceu, ela subiu numa pequena árvore, com a intenção de passar lá a noite, pois tinha medo das feras que rondavam pela mata durante a escuridão. Pouco antes da meia-noite, avistou, bem longe, uma luzinha brilhando. Então pensou:

— Lá certamente encontrarei ajuda!

Desceu da árvore e encaminhou-se em direção à luz, rezando enquanto caminhava. Foi andando, andando e chegou a uma casinha cercada de plantas, com uma pilha de lenha diante da porta.

— Ah, onde vieste parar! — pensou ela, e espiou pela vidraça. Não viu ninguém, senão alguns sapos grandes e pequenos. Viu a mesa posta, com vinho e um assado tentador; os pratos e os copos eram de prata. Criou coragem e bateu na porta. A rainha dos sapos gritou:

— Donzela verde, pequenina,
perninha torta,
magra cadelinha,
abra depressa a porta
para ver quem está aí fora!

No mesmo instante, veio um sapinho e abriu a porta. Quando a princesa entrou, todos lhe deram as boas-vindas a convidaram para se sentar. Perguntaram-lhe de onde vinha e para onde ia. Ela contou-lhes tudo o que tinha acontecido e como, por ter dito mais do que as três palavras permitidas, o fogão tinha desaparecido junto com o príncipe. Agora andava à sua procura por montes e vales até o encontrar. Então a rainha dos sapos disse:

— Donzela verde, pequenina,
perninha torta,
magra cadelinha,
vai buscar depressa
minha caixa, atrás da porta.

O sapinho foi buscar a caixa atrás da porta, e entregou-a à velha rainha. Em seguida, serviram o jantar à princesa e depois levaram-na para uma linda cama, coberta de sedas e veludos, na qual ela se deitou e dormiu profundamente.

Ao raiar do dia, a princesa levantou-se, e a velha rainha tirou de sua grande

caixa três agulhas e as ofereceu para levar consigo, dizendo que lhe seriam úteis porque ela teria que atravessar uma montanha de vidro, três espadas afiadas e um rio muito largo. Se o conseguisse, encontraria o seu amado. Além das três agulhas bem grandes, deu-lhe também uma roda de arado e três nozes, que devia guardar com muito cuidado. E assim, munida desses objetos, a princesa se despediu e continuou o caminho. Chegando à montanha de vidro, que era muito lisa, ela empregou as agulhas para firmar os pés a cada passo que dava e assim conseguiu chegar ao topo.

Quando chegou ao outro lado da montanha, guardou cuidadosamente as agulhas num lugar seguro. Depois se deparou com as três espadas afiadas, então, servindo-se da roda de arado, rolou por cima ultrapassando-as. Por fim, chegou ao grande rio e, tendo atravessado, chegou a um grande e magnífico castelo. Ela entrou e pediu emprego, dizendo ser uma pobre moça sem ninguém, pois sabia que o príncipe estava lá. Foi aceita como auxiliar de cozinha, com um salário baixíssimo. O príncipe, entretanto, já tinha outra noiva e pretendia casar-se com ela, certo de que a sua primeira eleita morrera há muito tempo.

Uma tarde, tendo terminado os trabalhos, ela se lavou e se arrumou. Ao pôr as mãos no bolso, encontrou as três nozes que a velha rainha dos sapos lhe tinha dado. Partiu uma, com os dentes, para comê-la e viu, assombrada, que dentro havia um belíssimo vestido de noiva real. Ao saber disso, a noiva quis vê-lo e comprá-lo, dizendo que não era vestido para uma moça de cozinha. A princesa não quis vendê-lo, mas lhe daria, com uma condição: se lhe permitisse dormir uma noite perto do quarto do príncipe.

A noiva consentiu, fascinada pelo vestido maravilhoso, como não havia outro igual. Quando anoiteceu, ela disse ao noivo:

— Aquela tonta da criada quer dormir esta noite perto do teu quarto!

— Se achas que está bem, eu também acho! — respondeu ele. Ela, porém, lhe ofereceu um copo de vinho contendo um sonífero, em consequência do qual ele dormiu tão profundamente que a princesa não conseguiu acordá-lo. Ela chorou a noite toda, dizendo em voz alta:

— Eu te salvei na floresta e te livrei do fogão de ferro. Tenho procurado por ti e, para te encontrar, tive de atravessar uma montanha de vidro, três espadas afiadas e um rio muito largo, e agora não queres me ouvir!

Os criados, porém, que montavam guarda junto da porta, ouviram a princesa chorar e queixar-se a noite toda e, na manhã seguinte, foram contar ao príncipe o que tinham ouvido. Naquela mesma tarde, depois de terminadas

as tarefas diárias e depois de se lavar e arrumar, a princesa partiu a segunda noz e dentro havia outro vestido ainda mais lindo que o primeiro. Vendo-o, a noiva quis comprar esse também, mas a moça de cozinha não aceitou dinheiro. Tornou a impor a mesma condição da noite anterior, que foi igualmente aceita.

A noiva deu um novo sonífero ao príncipe, que o fez dormir profundamente e não ouvir nada. A princesa chorou e queixou-se a noite toda em voz alta:

— Eu te salvei na floresta e te livrei do fogão de ferro. Tenho procurado por ti e, para te encontrar, tive que atravessar uma montanha de vidro, três espadas afiadas e um rio muito largo, e agora não queres me ouvir!

E novamente os criados que montavam guarda junto da porta ouviram essas lamentações e foram contá-las ao príncipe no dia seguinte.

Na terceira noite, após ter-se lavado e arrumado, a pobre moça de cozinha partiu sua terceira noz, encontrando dentro um vestido ainda mais rico que os anteriores e todo bordado de puro ouro. Ao vê-lo, a noiva ficou deslumbrada e quis comprá-lo. A moça de cozinha lhe daria sob as mesmas condições das duas outras vezes. O príncipe, porém, já prevenido, em vez de beber o vinho, despejou-o pela janela e ficou prestando atenção. Logo que a princesa começou:

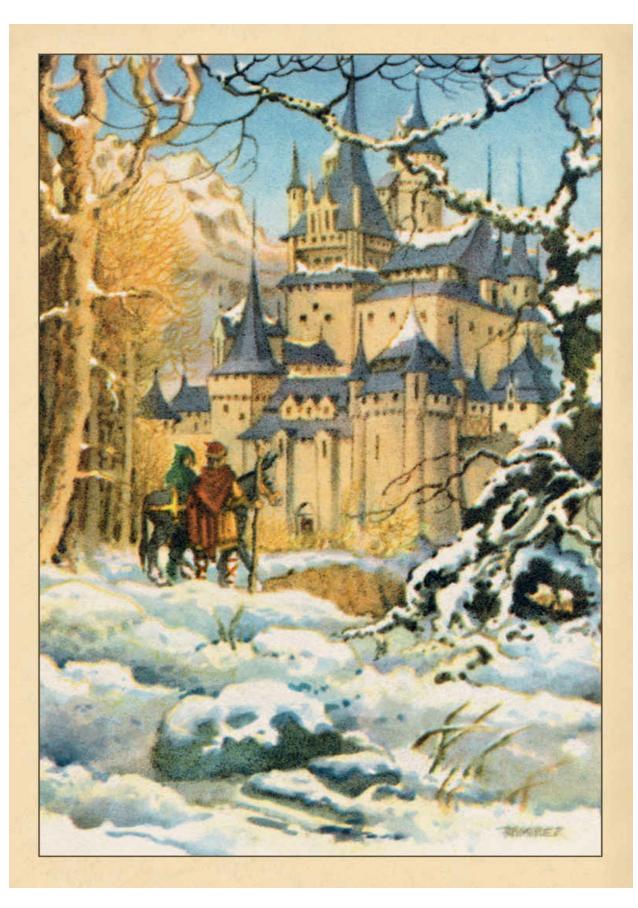
— Ai de mim, meu amor! Eu te salvei na floresta e te desencantei do fogão de ferro e tu o esqueceste!

Ouvindo isso, o príncipe saltou da cama, dizendo:

— Tu és a verdadeira noiva. Tu és minha e eu sou teu!

E, naquela mesma noite, entrou numa carruagem com a princesa, tirando antes os vestidos da falsa noiva para que esta não os pudesse seguir. Chegando ao grande rio, atravessaram-no num bote, depois atravessaram as espadas rolando sobre a roda de arado e, na montanha de vidro, serviram-se das três agulhas. Finalmente, chegaram à casinha dos sapos que, assim que entraram, instantaneamente se transformou num grande e maravilhoso castelo. Quebrado o encanto que lá pesava, todos os sapos retomaram aspecto primitivo de verdadeiros príncipes e princesas que eram.

Logo foi celebrado o casamento e o príncipe ficou com a princesa nesse castelo, pois era muito mais espaçoso do que o que pertencia ao pai dela. Entretanto, o velho rei vivia a se lamentar por ter de viver só e longe da filha. Então, eles foram buscá-lo para viverem juntos e assim ficaram com dois reinos e viveram muito felizes durante a vida inteira.

Um ratinho passou,
e a história acabou…

Uma andorinha que canta e pula

Era uma vez, um homem que devia fazer uma longa viagem. Ao se despedir de suas três filhas, perguntou-lhes o que queriam que lhes trouxesse. A mais velha pediu lindas pérolas, a segunda pediu grandes diamantes e a terceira disse apenas:

— Meu pai, quero uma andorinha que canta e pula.

O pai sorriu e respondeu:

— Está bem. Se conseguir achá-la, farei tudo para trazê-la.

Depois beijou as três moças e partiu.

Chegando o momento de regressar à casa, levava consigo as pérolas e os diamantes para as duas mais velhas, mas a tal andorinha, que cantava e pulava, para a mais moça, não conseguiu encontrar em parte alguma. Isso o aborrecia porque queria satisfazer a vontade da filha predileta.

O caminho que percorria devia passar por uma floresta, no meio da qual havia um suntuoso castelo e, perto do castelo, uma frondosa árvore. Nos galhos mais altos dessa árvore, ele viu uma andorinha cantando e pulando.

— Ah! Chegas em boa hora! — exclamou ele muito contente.

Chamou o criado e mandou que subisse na árvore e a apanhasse. Quando este se aproximava da árvore, eis que pulou para fora um leão, sacudindo a juba e rugindo a ponto de fazer estremecer as copas das árvores.

— Se alguém tentar roubar-me a andorinha que canta e pula, devoro-o — gritou ele.

— Perdão — disse o homem —, eu não sabia que o pássaro te pertencia. Quero reparar meu erro e pagar-te com ouro maciço o resgate pela minha vida.

O leão respondeu, indiferente:

— Nada poderá salvar-te se não prometeres entregar-me a primeira coisa que te vier ao encontro quando chegares em casa. Se me prometeres, te darei esse pássaro e também a vida.

O homem recusou esta proposta, dizendo:

— Essa primeira coisa bem poderia ser minha filha menor, que me tem mais amor do que as outras. Essa é quem sempre corre ao meu encontro quando volto para casa.

O criado, porém, que estava morto de medo, disse:

— Tendes certeza de que será mesmo vossa filha? Poderia ser um gato ou um cão!

O homem acabou por se convencer. Pegou a andorinha, prometeu ao leão tudo o que ele queria e pegou o caminho de casa. Quando ia entrando, a primeira coisa que viu foi a filha, a mais nova e predileta, que correu ao seu encontro abraçando-o e beijando-o muito feliz. Quando viu que o pai trazia a andorinha que canta e pula, não coube em si de alegria. Mas o pai não podia sentir alegria ao lembrar-se da promessa feita e, chorando tristemente, disse-lhe:

— Minha querida filhinha, esse pássaro custou-me muito caro. Fui obrigado a prometer ao leão feroz que te daria a ele em troca disso. Ah, se fores ter com ele, serás estraçalhada e devorada num minuto!

Contou-lhe detalhadamente tudo o que havia acontecido, acrescentando que ela não devia ser sacrificada em cumprimento de tal promessa. A moça, porém, confortou-o como pôde, dizendo:

— Meu querido pai, é preciso que se cumpra o que prometeste. Portanto, irei e farei tudo para amansar o leão e depois voltar novamente para casa sã e salva.

Na manhã seguinte, pediu que lhe indicassem o caminho. Despediu-se de todos e adentrou corajosamente na floresta.

O feroz animal, porém, era simplesmente um príncipe encantado. Durante o dia, assumia o aspecto de leão feroz e, igualmente, se transformavam em leões todos os seus servidores, mas, à noite, retomava o aspecto humano. A moça foi recebida com muita cortesia e introduzida no castelo. Quando chegou a noite, o leão voltou a ser o belo príncipe e, não tardou muito, os dois casaram-se, realizando uma festa magnífica.

Viviam eles completamente felizes, embora tivessem que dormir de dia e ficar acordados à noite, com toda a sua corte. Decorrido algum tempo, o marido disse:

— Haverá uma festa amanhã na casa de teu pai. Será celebrado o casamento de tua irmã mais velha. Se quiseres ir, poderei mandar meus leões acompanhar-te.

Ela aceitou, pois estava morrendo de saudade do pai. Assim, no dia seguinte, foi para lá acompanhada pelos leões. À sua chegada, todos ficaram muito felizes, pois acreditavam que ela tinha sido devorada pelo leão há muito tempo. Ela, porém, contou-lhes que belo marido possuía e como vivia

feliz. Passou com eles todo o tempo que durou a festa e, depois, regressou ao seu palácio na floresta.

Não demorou muito e a segunda irmã também se casou e a moça foi convidada para os festejos. Ela disse ao leão:

— Desta vez, não quero ir só, tens que me acompanhar.

O leão explicou-lhe que era muito perigoso para ele, porque, se o mais leve raio de luz o tocasse, ele se transformaria numa pomba e seria obrigado a andar durante sete anos com outras pombas.

— Ora — disse ela —, eu te protegerei e tudo farei para te manter distante da luz. Vem comigo!

O leão então concordou e foram, levando consigo o seu filhinho. A moça mandou preparar uma sala com paredes tão fechadas que não permitissem a passagem do menor raio de luz, para que o leão se instalasse quando acendessem as tochas nupciais. Mas, sendo a porta desta sala de madeira ainda verde, abriu-se nela uma frestinha que mal dava para perceber.

O casamento foi realizado com a máxima pompa, e, quando o cortejo regressou da igreja e passou diante da porta com suas velas e tochas acesas, um leve fio de luz penetrou pela fresta e bateu no príncipe que instantaneamente se transformou em pomba. Quando a moça foi encontrar com o marido, viu apenas uma pomba branca em seu lugar, a qual lhe disse com tristeza:

— Agora terei que voar mundo afora durante sete anos, mas, a cada sete passos, deixarei cair uma gota de sangue e uma pena branca. Isso te indicará meu caminho. Se o seguires, ainda poderás libertar-me.

Dito isto, saiu voando pela porta e ela o foi seguindo. A cada sete passos, caía no chão uma gota de sangue e uma pena branca pelas quais ela se orientava. Assim foi andando, sempre mais longe, vasto mundo afora, sem nunca olhar para lado algum e sem nunca descansar. Quando já estavam quase para findar os setes anos, ela ficou feliz, pensando que a libertação não estava longe. Mas infelizmente estava ainda bem distante!

Certo dia, porém, não viu cair uma gota de sangue nem uma pena e, erguendo os olhos para o alto, viu que a pomba havia desaparecido. “Os homens não poderão ajudá-lo”, pensou ela. Então, decidida, foi ter com o Sol, perguntando-lhe:

— Tu, que brilhas desde os mais altos cumes até as mais obscuras rachaduras, não viste passar voando uma pomba branca?

— Não, não vi — respondeu o Sol —, mas vou dar-te uma caixinha, que

abrirás quando estiveres em grande dificuldade.

A moça agradeceu cordialmente e continuou andando, até que anoiteceu e surgiu a Lua. Ela foi e perguntou-lhe:

— Tu, que brilha à noite inteira sobre os campos e florestas, não viste por acaso uma pomba branca voando?

— Não, não vi — disse a Lua —, mas vou dar-te um ovo. Quando estiveres em dificuldades, quebra-o, que ele te ajudará.

A moça agradeceu de coração à Lua e continuou andando até que se levantou o Vento da Noite soprando nela. Dirigiu-se a ele:

— Tu, que sopras por entre as árvores, não viste por acaso uma pomba branca voando?

— Não, não vi — respondeu o vento —, mas vou perguntar aos outros ventos, talvez a tenham visto.

Chegaram os ventos do Oriente e do Ocidente, que também não tinham visto nada, mas, quando o vento do Sul chegou, disse:

— Eu vi a pomba branca. Foi voando para o mar Vermelho e lá se transformará outra vez em leão. Os sete anos já se passaram, por isso o leão está combatendo com um dragão, o qual, na verdade, nada mais é do que uma princesa encantada.

Então o Vento da Noite disse à moça:

— Vou dar-te um conselho: vai até o mar Vermelho. Na margem direita, encontrarás muitas varas grossas, então conta-as, depois corta a décima primeira e com ela bate no dragão. Assim, o leão poderá vencê-lo e os dois voltarão a ter o aspecto humano. Em seguida, olha à tua volta e verás um Condor, que habita nas margens do mar Vermelho. Senta-te com teu marido nas suas costas e o Condor vos levará de volta para casa, do outro lado do mar. Aqui tens uma noz. Quando chegares ao meio do mar, deixa-a cair na água, ela brotará imediatamente, tornando-se uma grande árvore, sobre a qual o Condor descansará do seu voo, pois, se não tivesse onde descansar, não teria forças suficientes para levar-vos até a margem oposta. Presta atenção: se esqueceres de jogar a noz dentro do mar, o Condor vos deixará cair na água.

A moça seguiu à risca o conselho do Vento da Noite. Chegou onde estavam as varas, cortou a décima primeira, com ela bateu no dragão e assim o leão conseguiu vencer. Imediatamente, os dois se transformaram em seres humanos. Mas, assim que a princesa, que antes fora dragão, foi libertada do encanto, pegou no braço do príncipe e ambos sentaram nas costas do Condor, que os levou embora. A infeliz peregrina ficou lá abandonada: então sentou-

se numa pedra e chorou longamente. Por fim, reanimou-se um pouco e decidiu:

— Irei tão longe, até onde chega o vento e até que cante o galo. Lá tornarei a encontrar meu amado.

Caminhou e andou, andou, andou, até chegar ao castelo onde os dois estavam morando e soube que se apressavam a realizar as festas para o casamento deles. A moça, porém, disse:

— Deus não me abandonará, estou certa!

Então abriu a caixinha que lhe fora dada pelo Sol e viu dentro dela um vestido que brilhava justo como ele. Ela vestiu-o e dirigiu-se para o castelo. Lá, todos, até mesmo a noiva, olhavam para ela mudos de admiração. O vestido agradou tanto à noiva que esta foi perguntar à moça se o vendia.

— Não o darei por dinheiro nem por outros bens — respondeu a moça —, mas, se o quiseres, terás de pagá-lo com carne e sangue.

A noiva perguntou o que queria dizer com isso. Então a moça respondeu-lhe:

— Quero que me deixes dormir uma noite nos aposentos do príncipe.

A noiva relutou, mas, como desejava loucamente o vestido, concordou. Ordenou ao escudeiro do príncipe que lhe desse, ao deitar, um copo de vinho, dentro do qual havia um sonífero. Depois, quando o príncipe adormeceu, levaram a moça aos aposentos dele. Ela sentou-se ao pé da cama, dizendo:

— Eu te segui durante sete anos, fui ter com o Sol, com a Lua e com os quatro Ventos para saber onde estavas. Depois te ajudei a vencer o Dragão. Queres mesmo esquecer-me completamente?

O príncipe, porém, dormia tão profundamente que aquilo lhe parecia o sussurrar do vento entre os pinheiros. Ao raiar do dia, a moça foi levada para fora e obrigada a entregar o lindo vestido de ouro.

Não tendo sido feliz nessa primeira tentativa, ela foi, desolada, sentar-se num prado e começou a chorar. Estava assim mergulhada em tristeza quando se lembrou do ovo que lhe dera a Lua. Quebrou-o, e do seu interior saíram uma galinha e doze pintinhos, todos de ouro, que se puseram a correr de um lado para outro, bicando o que encontravam e, depois, voltaram a aninhar-se sob as asas maternas, não existindo no mundo coisa mais linda de se ver.

A moça levantou-se e os foi tocando para a frente. Neste momento, a noiva saiu à janela e viu os maravilhosos pintinhos. Ficou doida por eles e perguntou se não estavam à venda:

— Não os venderei por dinheiro nem por todos bens, mas se os quiseres

terás de pagá-los com carne e sangue — respondeu a moça. — Deixa-me dormir mais uma noite nos aposentos do príncipe.

A noiva concordou, pensando que faria o mesmo da noite anterior. Mas, quando o príncipe se recolheu aos seus aposentos, perguntou ao escudeiro o que era aquele murmúrio e aquele sussurro que ouvira de noite. Então, o escudeiro contou-lhe tudo: que ele havia dormido tão profundamente graças a um sonífero servido pela noiva, porque uma pobre moça lhe pedira para dormir no seu quarto. E disse que também nessa noite estava incumbido de dar-lhe de novo o sonífero. O príncipe então ordenou:

— Pode jogá-lo fora.

E, à noite, a moça foi novamente conduzida aos aposentos do príncipe. Mas, quando começou a lamentar-se e a contar suas tristes desventuras, o príncipe logo a reconheceu pela voz e pulou da cama, exclamando:

— Agora sim é que estou desencantado. Eu tinha a impressão de estar vivendo num sonho. A outra princesa me encantou para que eu te esquecesse. Felizmente Deus me livrou, em tempo, desse cruel engano e da estranha fascinação.

Fugiram escondidos do castelo durante a noite, pois temiam a cólera do pai da princesa, que também era feiticeiro. Em seguida, montaram nas costas do Condor e este os levou para além do mar Vermelho. No meio do mar, a moça deixou cair a noz, que fez aparecer uma grande árvore. O Condor descansou um pouco sobre os seus galhos e depois os levou para casa, onde encontraram o filho que tinha crescido bastante e se tornara um belíssimo jovem.

Desde então, não tiveram mais aborrecimentos e viveram alegres e felizes até o fim da vida.

Os seis cisnes

Certa vez, um rei caçava numa grande floresta e perseguia a caça com tal empenho que nenhum dos componentes da sua comitiva conseguia acompanhá-lo. Quando anoiteceu, o rei parou, olhou à sua volta e viu que tinha se perdido. Procurou um caminho para sair da floresta, mas não o encontrou. Neste instante, viu aproximar-se uma velha com a cabeça bamboleante. Era uma bruxa.

— Boa mulher — disse-lhe ele —, pode me indicar o caminho para sair da floresta?

— Ah, sim, Majestade — respondeu ela —, posso, naturalmente, mas com uma condição. Se não a cumprirdes, porém, nunca mais saireis da floresta e morrereis de fome.

— Qual é essa condição? — perguntou o rei.

— Tenho uma filha — disse a velha — tão bela como não há outra no mundo e bem merece ser vossa esposa. Se quiserdes torná-la Sua Majestade a rainha, vos ensinarei o caminho para sair da floresta.

Amedrontado, o rei consentiu e a velha levou-o à sua casinha. Ali, sentada perto do fogo, estava a filha, que recebeu o rei como se o estivesse esperando. Ele viu bem que ela era realmente bonita, mas não lhe agradou, e não conseguia olhá-la com simpatia. Após tê-la ajudado a montar em seu cavalo, a velha indicou-lhe o caminho e ele regressou ao castelo, onde se celebrou o casamento.

O rei era viúvo e tinha sete filhos da primeira mulher, seis rapazes e uma menina, os quais amava acima de tudo no mundo. Receando que a madrasta não os tratasse bem ou talvez lhes fizesse algum mal, levou-os para um castelo solitário, no meio de uma floresta.

O castelo era tão escondido e tão difícil encontrar-lhe o caminho que nem mesmo ele o teria encontrado, se uma feiticeira não lhe tivesse dado um novelo de linha de extraordinário poder: quando o jogava para a frente, ele desenrolava-se sozinho e indicava-lhe o caminho. Mas o rei ia tão frequentemente visitar os filhos, que suas ausências chamaram a atenção da rainha. Teve ela então a curiosidade de saber o que ele ia fazer sozinho na floresta.

Deu tanto dinheiro aos criados que estes traíram o rei, revelando o seu segredo, contando-lhe também a respeito do novelo, o único que podia indicar o caminho. Ela não sossegou enquanto não descobriu onde o rei o guardava. Depois fez algumas blusas de seda branca e, como tinha aprendido as magias da mãe, pôs nelas um feitiço. Um dia, enquanto o rei caçava, pegou as blusas e entrou na floresta, e então o novelo foi-lhe indicando o caminho. As crianças, vendo ao longe alguém chegando, pensaram que fosse o pai e correram-lhe ao encontro, radiantes de alegria. Ela jogou uma blusa em cima de cada um deles e assim que elas lhes tocaram o corpo, eis que se transformaram todos em cisnes e voaram pela floresta.

A rainha voltou para casa muito satisfeita, julgando ter-se livrado dos enteados, mas a menina não tinha corrido ao seu encontro com os irmãos e a respeito dela a madrasta nada sabia. No dia seguinte, o rei foi ver os filhos e encontrou somente a menina.

— Onde estão teus irmãos? — perguntou-lhe.

— Ah, querido pai — respondeu ela —, foram-se e deixaram-me sozinha.

E contou-lhe que da sua janela vira os irmãos voarem pela floresta sob forma de cisnes. Depois mostrou-lhe as penas que tinham deixado cair no pátio e que ela recolhera. O rei ficou muito aflito, mas não desconfiou que tão cruel ação tivesse sido cometida pela rainha, e, temendo que lhe roubassem também a filha, resolveu levá-la junto com ele. Mas ela tinha medo da madrasta e pediu ao pai que a deixasse ainda aquela noite no castelo da floresta.

A pobre menina pensava: “Não posso mais ficar aqui, quero ir à procura de meus irmãos.” E, quando escureceu, fugiu e entrou na floresta. Andou a noite toda e também o dia seguinte, sem nunca parar, até ficar exausta de cansaço. Então, avistou uma casinha, subiu e se deparou com um quarto, no qual havia seis caminhas, mas não ousou deitar-se em cima de uma. Deitou-se debaixo dela, no duro chão, para aí passar a noite. Ao pôr do sol ouviu um esvoaçar de asas e viu os seis cisnes entrarem voando pela janela. Eles pousaram no chão assoprando as penas uns dos outros até fazê-las cairem todas. E a pele de cisne saía-lhes como uma camisa. A menina olhou para eles e os reconheceu. Então, radiante de alegria, saiu debaixo da cama. Os irmãos ficaram muito felizes ao ver a irmãzinha, mas por pouco tempo.

— Aqui não podes ficar — disseram-lhe —, este é um esconderijo de ladrões. Se chegam e te descobrem, matam-te.

— Não podeis me defender? — perguntou a irmã.

— Não — responderam eles —, porque só podemos despir nossa pele de cisne durante quinze minutos cada noite e retomar nosso aspecto humano. Logo, porém, nos transformamos novamente.

— E não poderei vos libertar? — perguntou ela chorando.

— Oh, não — responderam —, as condições são muito pesadas. Durante seis anos não podes falar nem rir e também deverás coser para nós seis blusas de flor de estrela, uma espécie de margarida. Uma única palavra que saia de tua boca e todo o trabalho será perdido.

Quando disseram isso, os quinze minutos acabaram. Eles, então, voaram janela afora em forma de cisnes.

A menina, porém, tomou a resolução de libertá-los, mesmo a custa da própria vida. Saiu da casinha, foi ao meio da floresta e subiu numa árvore onde passou a noite. Na manhã seguinte, foi colher as flores e pôs-se a coser. Não podia falar com ninguém e não tinha vontade de rir, ficando aí sentada, completamente entretida no seu trabalho.

Havia já decorrido muito tempo, quando o rei daquele país foi caçar na floresta e caçadores passaram pela árvore na qual estava a menina. Chamaram-na e perguntaram:

— Quem és?

Ela não lhes respondeu.

— Desce daí — disseram eles —, não te faremos nenhum mal.

Ela balançou a cabeça. Como continuaram a importuná-la com perguntas, atirou-lhes sua correntinha de ouro, julgando assim satisfazê-los. Mas eles não desistiam. Ela atirou-lhes o seu cinto e, como isso também não bastasse, atirou as meias e, aos poucos, atirou tudo o que tinha no corpo até ficar só com a camisa. Mas os caçadores não ficaram contentes. Subiram na árvore, agarraram-na e conduziram-na à presença do rei, que perguntou:

— Quem és? Que fazes em cima da árvore?

Ela, porém, não respondeu. Ele perguntou em todos os idiomas que conhecia, mas ela manteve-se muda como um peixe. Todavia, era tão linda que seu coração ficou preso e apaixonou-se ardentemente por ela. Envolveu-a em seu manto, sentou-a no cavalo diante de si e levou-a para o castelo. Mandou que a vestissem com os mais ricos trajes, e ela, no esplendor de sua beleza, brilhava como a luz do dia, mas foi impossível fazê-la abrir a boca. À mesa, o rei fez ela sentar-se ao seu lado, e sua modéstia, seu jeito, lhe agradaram de tal maneira que declarou:

— Esta será a minha esposa e nenhuma outra no mundo!

Alguns dias depois eles se casaram.

O rei, porém, tinha uma mãe que era muito má. Descontente com o casamento, vivia caluniando a jovem rainha.

— Quem sabe de onde vem essa moça que não sabe falar! — dizia. — Ela não é digna de um rei.

Passado um ano, quando a rainha deu à luz o primeiro filho, a velha raptou-o e, enquanto ela dormia, sujou sua boca de sangue. Depois foi denunciá-la ao rei, acusando-a de ter comido o próprio filho. O rei não quis acreditar e não permitiu que se lhe tocasse um fio de cabelo.

Enquanto isso, a jovem continuava a coser as blusas sem prestar atenção a nada mais. Na segunda vez, teve novamente um belo menino e a terrível sogra usou o mesmo plano, mas o rei não conseguiu acreditar no que ela dizia.

— É muito boa e piedosa para fazer semelhante coisa. Se não fosse muda e pudesse defender-se, ela revelaria sua inocência.

Mas na terceira vez, quando a velha raptou o recém-nascido e acusou a rainha, a qual não abriu a boca para se defender, o rei forçosamente teve que entregá-la à justiça, que a condenou à fogueira.

Quando chegou o dia da execução, era exatamente a data em que terminava o prazo determinado de seis anos, durante os quais não podia falar nem rir. Ela acabava de libertar seus queridos irmãos do encantamento. As seis blusas estavam prontas, à última faltava apenas a manga esquerda. Ao ser levada à fogueira, levou-as consigo e de lá de cima da pilha de lenha, quando iam acender o fogo, ela olhou à sua volta e eis que viu seis cisnes chegarem voando pelo céu. Compreendeu que a libertação de todos estava próxima e seu coração pulou de alegria.

Agitando as asas, os cisnes desceram perto dela, de maneira que lhe foi possível atirar sobre eles as blusas. Assim que encostaram neles, caíram as peles de cisne e seus irmãos surgiram vivos e sãos. Só o mais moço, em vez do braço esquerdo, tinha uma asa nas costas. Muito contentes, abraçaram-se e beijaram-se. Depois a rainha dirigiu-se ao rei, que olhava atônito aquela cena, e disse-lhe:

— Meu querido esposo, agora posso falar e dizer-te que sou inocente e que fui injustamente condenada.

Revelou-lhe a trama cruel da velha, que lhe havia raptado as três crianças. Mandaram buscá-las e logo foram trazidas para grande alegria do rei. A sogra perversa foi amarrada ao poste, queimada viva e reduzida a cinzas.

Desde então, o rei, a rainha, as crianças e os seis irmãos viveram tranquilos e felizes durante muitos e muitos anos.

RAMIREZ

O rei sapo

Há muito tempo, quando os desejos ainda podiam ser realizados, houve um Rei cujas filhas eram muito bonitas. A caçula, sobretudo, era tão linda que até o sol, que já vira tantas e tantas coisas, se admirava quando projetava os raios naquele rosto encantador. Perto do castelo, havia uma floresta sombria, e lá, debaixo de uma frondosa árvore, existia uma fonte de águas cristalinas. Nos dias de muito calor, a princesinha refugiava-se nesse recanto e, sentada à margem da fonte, distraía-se brincando com uma bola de ouro, que atirava ao ar e apanhava agilmente entre as mãos. Era o seu jogo predileto.

Certo dia, porém, quando assim se divertia, a bola fugiu-lhe das mãos, rolando para dentro da água. A princesa, desapontada, a seguiu com o olhar, mas a bola sumiu na água da fonte, que era tão profunda que não se via o fundo. Desatou, então, a chorar inconsolavelmente. E eis que, em meio aos lamentos, ouviu uma voz perguntar-lhe:

— Que tens, linda princesinha? Qual a razão desse pranto desolado, que comove até as pedras?

Ela olhou para todos os lados a fim de descobrir de onde vinha aquela voz e deparou com um sapo, que estendia para fora da água a cabeça feia.

— Ah! És tu, velho sapo? — perguntou a princesa. — Estou chorando porque perdi minha bola de ouro, que desapareceu dentro da água.

— Ora, não chores mais! — afirmou o sapo. — Vou ajudar-te a recuperá-la. Mas que me darás em troca, se eu trouxer tua bola?

— Tudo o que quiseres, bondoso sapo. Eu te darei meus vestidos, minhas pérolas e minhas joias preciosas, até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça.

— Não preciso de nada disso, nem de vestidos, nem de joias, muito menos de sua coroa de ouro. Quero que goste de mim, que me deixe ser teu amigo e companheiro de brincadeiras. Quero que me deixe sentar contigo à mesa, comer no teu prato de ouro, beber no teu copo e dormir na tua cama. Se me prometer isto tudo, descerei ao fundo da fonte e trarei a bola de ouro — propôs o sapo.

— Claro! — respondeu ela. — Prometo tudo o que quiseres, contando que

me tragas a bola.

Pensava, porém, consigo mesma: “O que é que está pretendendo este sapo tolo, que vive na água coaxando com os outros sapos? Jamais poderá ser amigo de uma pessoa!”

Confiando, pois, na promessa que lhe fora feita, o sapo mergulhou, reaparecendo um pouco depois com a bola de ouro, que atirou delicadamente ao gramado. A princesinha, radiante de alegria por ter recuperado o lindo brinquedo, agarrou-o e correu para casa.

— Espera! Espera! — gritava o pobre sapo. — Leva-me contigo, pois não posso correr como tu!

De nada lhe valia, porém, gritar com todas as forças dos pulmões o aflito “quac, quac, quac”. A filha do Rei não lhe deu a menor atenção. Correu para o palácio, onde logo esqueceu o pobre bichinho e a promessa que lhe fizera no momento de dificuldade.

No dia seguinte, quando se achava tranquilamente à mesa com o Rei e toda a corte, justamente quando comia no seu prato de ouro, ouviu: “plisch, plasch, plisch, plasch”, alguém subia a escadaria de mármore, avançando até chegar diante da porta. Ali bateu, gritando:

— Filha mais nova do Rei, abre a porta!

Ela correu a ver quem assim a chamava. Então, ao abrir a porta, viu à sua frente o pobre sapo. Fechou-a rapidamente e voltou a sentar-se à mesa, com o coração aos pulos. O rei, que a observava, percebeu tudo e perguntou:

— Que tens, minha filha? Há por acaso algum gigante aí fora querendo levar-te?

— Ah! Não. Não é nenhum gigante, apenas um sapo horrível — respondeu, ainda pálida.

— E o que deseja de ti?

Um pouco constrangida, ela contou o que se passara:

— Meu paizinho querido, ontem, quando brincava com a bola de ouro junto à fonte, lá na floresta, ela caiu-me das mãos e rolou para dentro da fonte. Comecei a chorar e a lastimar-me, quando de repente vi surgir esse sapo feio que se ofereceu para auxiliar-me. Exigiu, porém, minha promessa de gostar dele, tomá-lo como amigo e companheiro de brincadeiras. Eu, ansiosa por reaver a bola, prometi tudo o que me pediu, certa de que ele jamais conseguisse viver fora da água. Ei-lo aí, agora, querendo entrar e ficar ao meu lado!

Entretanto, ouviu-se bater novamente à porta e a voz insistir:

— Filha mais nova do Rei,
abre-me a porta.
Não esqueças a promessa
que me fizeste tão depressa
junto à fonte da floresta,
Filha mais nova do Rei,
abre-me agora a porta!…

O Rei disse, então, à filha:

— Aquilo que prometeste deves cumprir. Vá e abra a porta!

A princesa não teve remédio senão obedecer. Quando abriu a porta, o sapo pulou rapidamente para dentro da sala e, juntinho dela, foi saltitando até sua cadeira. Uma vez ali, pediu:

— Levante-me, coloca-me à tua altura.

A princesa relutava contrariada, mas o Rei ordenou que obedecesse.

Assim que se viu sobre a cadeira, o sapo pediu para subir na mesa, dizendo:

— Puxe teu prato de ouro mais perto para que possamos comer juntos.

Muito a contragosto, a princesa fez o que o sapo pediu, mas, enquanto ele se deliciava com as finas iguarias, ela não conseguia engolir a comida que ficava atravessada na garganta. Por fim, ele disse:

— Comi muito bem, estou satisfeitíssimo. Sinto-me, porém, muito cansado. Leva-me para teu quarto, prepara tua cama de seda e vamos dormir.

Diante dessa nova exigência, a princesa não se conteve e começou a chorar. Sentia horror em tocar aquela pele gelada e nojenta do sapo e, mais ainda, ter de dormir com ele em sua linda cama com lençóis de seda. O Rei, porém, zangando-se, repreendeu-a:

— Não podes desprezar quem te ajudou no momento de aflição.

Não vendo outra alternativa, a princesa armou-se de coragem, agarrou com a ponta dos dedos o sapo repelente, carregou-o para o quarto, onde o atirou para um canto. Pouco depois, quando já estava deitada, viu-o aproximar-se saltitando:

— Estou cansado, quero dormir confortavelmente como tu. Levante-me,

deixa-me dormir junto de ti, senão chamarei teu pai.

A princesa, então, furiosa, agarrou-o e, com toda a força, atirou-o de encontro à parede.

— Cala a boca, sapo imundo, e me deixa em paz!

Mas, de repente, qual não foi sua surpresa: o sapo imundo transformou-se em um belo príncipe de olhos meigos e carinhosos. Contou-lhe, então, como havia sido encantado por uma bruxa má e que ninguém, senão ela, a princesa, tinha o poder de desencantá-lo.

Combinaram ainda que, no dia seguinte, partiriam para seu reino.

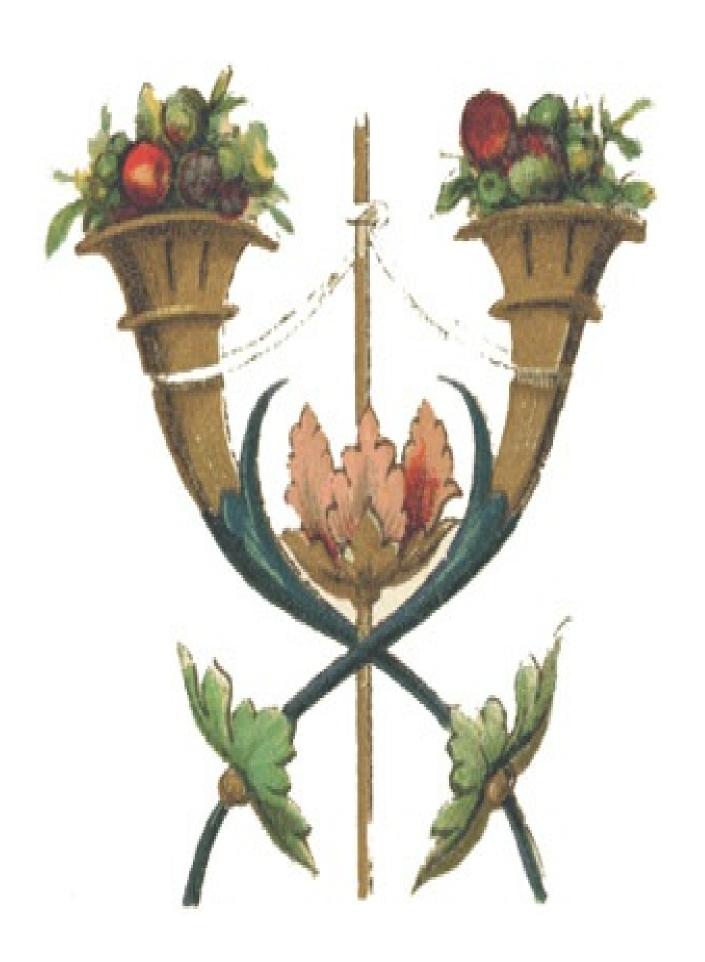
Em seguida, adormeceram. Pela manhã, quando o sol os despertou, chegou uma belíssima carruagem atrelada com oito esplêndidos cavalos brancos, de cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e correntes de ouro. Vinha, atrás, o fiel Henrique, escudeiro do jovem Rei.

O fiel Henrique ficara tão aflito quando seu amo fora transformado em sapo, que mandara colocar três aros de ferro em volta do próprio coração, para que este não arrebentasse de dor. Agora, porém, a carruagem ia levar o jovem Rei de volta ao reino. O fiel Henrique acomodou os dois jovens e sentou-se atrás da carruagem, cheio de alegria por ver o amo enfim liberto e feliz.

Quando haviam percorrido bom trecho de caminho, o príncipe ouviu um estalo, como se algo na carruagem se tivesse partido. Voltou-se e gritou:

— Henrique, a carruagem está quebrando!

— Não, meu Senhor, a carruagem não,
é apenas um aro do meu coração.
Ele estava imerso na aflição,
quando, em sapo transformado,
estavas na fonte, abandonado.

Duas vezes ainda, ouviu-se o estalo durante a viagem e, de cada vez, o príncipe julgou que se quebrava a carruagem. Mas Henrique tranquilizou-o explicando que apenas os aros se haviam quebrado, saltando-lhe do coração, pois que, agora, seu amo e senhor estava livre e feliz.

A donzela Malvina

Era uma vez um rei que tinha um único filho a quem muito queria bem. Um dia, este príncipe pediu em casamento a filha de outro rei muito poderoso, conhecida por todos como donzela Malvina, cuja beleza era fora do comum. Mas o pai da princesa, que já tinha prometido a filha a outro príncipe, recusou o pedido.

Os dois jovens, porém, amavam-se muito e não queriam ficar separados. Então a donzela Malvina disse ao pai:

— Não quero nem poderia casar-me com nenhum outro homem, pois amo este príncipe.

Diante desta atitude, o rei enfureceu-se e mandou construir uma torre escura, na qual nunca entrava o mais leve raio de sol ou de luar. Assim que ficou pronta, disse à filha:

— Ficarás presa nessa torre durante sete anos. No final, quero ver se não mudou de opinião.

Mandou levar para a torre alimentos e bebidas suficientes para sete anos. A princesa e sua criada foram para lá acompanhadas e, em seguida, muraram a porta, deixando-as assim isoladas do céu e da terra.

As pobres criaturas passavam o tempo no meio da escuridão, sem nunca saber quando clareava o dia ou quando caía a noite.

O príncipe, desolado, continuava perambulando em volta da torre, sempre chamando a noiva pelo seu nome, mas nenhum som exterior conseguia penetrar através daqueles muros espessos. Portanto, que mais podia fazer senão chorar e lastimar-se?

Enquanto isso, o tempo foi passando. Por fim, vendo que as provisões já estavam bem reduzidas, as duas infelizes compreenderam que os sete anos estavam para findar e julgaram que a hora de sua libertação já havia chegado, mas, por mais que apurassem o ouvido, não distinguiam nenhum ruído de martelos ou de pedras no muro. Parecia mesmo que o pai as havia esquecido completamente.

Notando que só lhes restava alimentação para uns dias apenas e prevendo um fim horrível, a donzela Malvina disse à sua companheira:

— Façamos uma tentativa, procuremos com toda a coragem fazer uma abertura na parede!

Decididas a fazer isso e munidas de faca de cortar pão, puseram-se a escavar e a furar o cimento. Quando uma estava cansada, a outra substituía-a e assim trabalhavam o tempo todo. Após longo e penoso trabalho, conseguiram remover uma pedra, depois outra e mais outra, até que, dentro de três dias, viram entrar naquelas trevas horrendas o primeiro e consolador raio de sol. Trabalharam com mais ardor, até que a abertura ficou bastante grande e elas conseguiram olhar para fora.

O céu estava de um azul límpido e maravilhoso, a brisa fresca acariciou-lhes suavemente as faces, mas, onde seus olhos pousavam, só viam desolação. O castelo do rei, seu pai, era um montão de ruínas, a cidade toda e as aldeias, até onde seus olhos podiam alcançar, estavam arrasadas, os campos todos queimados: não se via alma viva, tudo estava destruído e morto.

Alargaram mais a abertura, obtendo o tamanho suficiente para poderem sair. A camareira foi a primeira, seguida pela donzela Malvina. Mas para onde ir? O exército inimigo tinha devastado todo o reino, expulsado o rei e massacrado os habitantes, e elas não viam onde encontrar abrigo.

Então as duas seguiram em busca de outro país. Todavia, por todas as terras em que passavam não conseguiam encontrar acolhida ou alguma alma generosa que lhes desse um pedaço de pão. Tão grande era a fome, que tiveram de alimentar-se com um punhado de urtiga encontrada à margem da estrada.

Andaram, andaram, andaram, por fim chegaram a um reino desconhecido e

lá procuraram empregar-se como criadas, mas eram rejeitadas e não encontraram compaixão na alma daquela gente.

Finalmente, chegaram à capital do reino e dirigiram-se ao paço real. Também foram mandadas embora dali, mas o cozinheiro, vendo-as tão abatidas, teve pena e disse que podiam empregar-se como faxineiras e lavadeiras, sob suas ordens.

Aconteceu que o filho do rei, em cujo palácio estavam empregadas, era justamente o antigo noivo da donzela Malvina. Querendo que se casasse, o pai tinha-lhe arranjado uma noiva, tão feia de coração como de rosto. O dia do casamento já estava marcado e a noiva já havia chegado, mas, por causa da sua feiura, não ousava apresentar-se em público e permanecia fechada no quarto. A donzela Malvina fora encarregada de servi-la e levar-lhe a comida.

Ao chegar o dia em que o príncipe devia conduzir a noiva à igreja, ela sentiu-se tão envergonhada de aparecer e tão receosa de ser zombada pelo povo que disse à donzela Malvina:

— Escute, você está com sorte! Eu torci o pé e estou impossibilitada de me pôr a caminho da igreja. Tens, portanto, que vestir o meu traje nupcial e substituir-me. Honra maior do que esta não podias esperar!

Mas a donzela Malvina recusou a proposta, dizendo:

— Não quero honras que não me pertencem.

A outra ofereceu-lhe uma grande quantia de ouro. Tudo foi completamente inútil, não conseguia convencê-la. Por fim, ficou com raiva e disse-lhe com aspereza:

— Se não me obedeceres, arriscarás a vida, pois basta que eu diga uma só palavra para que tenhas a cabeça decepada.

Diante disto, a moça teve que obedecer. Vestiu os trajes suntuosos e se enfeitou com as joias da noiva.

E, quando se apresentou na sala do trono, os convidados ficaram extasiados ante sua grande beleza. E o rei disse ao filho:

— Aqui está a noiva que escolhi para ti. Leve-a ao altar.

Admirado, o noivo matutava: “É estranho, parece-se tanto com a minha donzela Malvina que até parece ser ela em pessoa. Infelizmente, porém, há tantos anos foi encerrada na torre que talvez já tenha morrido.” Ofereceu a mão à noiva e conduziu-a à igreja. Mas pelo caminho encontraram à margem da estrada um pé de urtiga e, então, a moça disse:

— Urtiga,
minha urtiga, coitadinha.
Que fazes aqui tão sozinha?
Certa vez por aqui passei,
morta de fome, e te devorei!

— Que estás dizendo? — perguntou-lhe o príncipe.

— Ah, nada! — respondeu ela. — Estava apenas lembrando a donzela Malvina.

O príncipe ficou admirado que ela a conhecesse, mas não disse nada. Quando chegaram ao pé da escadaria diante da igreja, ela disse:

— Ó degrauzinho, não vás te quebrar,
a verdadeira noiva não vês passar!

— Que disseste? — tornou a perguntar o noivo.

— Nada! — respondeu ela. — Estava só pensando na donzela Malvina.

— Tu conheces a donzela Malvina?

— Não, não! Como poderia conhecê-la? Apenas tenho ouvido falar nela.

Quando chegaram à porta da igreja, ela disse mais uma vez:

— Ó porta da igreja, não vás desabar!
a verdadeira noiva não vês passar.

— Mas que estás a dizer? — perguntou o noivo.

— Ah, estava apenas lembrando a donzela Malvina.

Antes de entrar na igreja, o príncipe tirou do bolso um magnífico e precioso colar, colocou-o no pescoço da noiva e apertou bem o fecho. Em seguida, dirigiram-se ao altar onde o padre uniu suas mãos e deu-lhes a bênção, tornando-os marido e mulher.

O príncipe e a noiva voltaram para casa, mas, durante todo o caminho, ela não abriu a boca para dizer uma palavra. Chegando ao castelo real, ela correu para o quarto da outra noiva e despiu as roupas nupciais. Tornou a vestir suas pobres roupas cinzentas, mas conservou no pescoço o colar que recebera do noivo.

À noite, a noiva devia ser conduzida ao quarto nupcial, mas tratou de cobrir o rosto com um véu a fim de que o noivo não lhe visse a feiura e não descobrisse a farsa. Assim que os criados se retiraram, o príncipe perguntou-lhe:

— Conta-me agora o que disseste ao pé da urtiga que encontramos à margem da estrada.

— Qual urtiga? — perguntou ela. — Eu não tenho o hábito de falar com urtigas!

— Se não o fizeste, então não és tu a verdadeira noiva! — disse o príncipe, mas ela tentou sair da embrulhada, dizendo:

— Minha criada preciso ver,
para que faça minha memória reviver!

Dirigiu-se ao quarto da donzela Malvina e perguntou-lhe asperamente:
— O que foi que disseste ao pé da urtiga?
— Disse-lhe simplesmente isto:

— Urtiga,
minha urtiga, coitadinha.
Que fazes aí tão sozinha?
Certa vez por aqui passei,
morta de fome, e te devorei!

A noiva voltou correndo para o quarto nupcial e disse ao príncipe:
— Agora lembro-me do que disse ao pé da urtiga! — E repetiu textualmente as palavras que acabara de ouvir.
— E ao pisar os degraus da igreja, que foi que disseste?
— Que degraus? — perguntou ela, admirada. — Eu não costumo falar com degraus!
— Se é assim, então não és tu a verdadeira noiva — repetiu ele, desconfiado.
Mas ela fez o mesmo que fizera antes:

— Minha criada preciso ver,
para que faça minha memória reviver!

Saiu correndo, foi ao quarto da criada e perguntou impaciente:
— Que é que disseste ao pisar os degraus da igreja?
— Eu disse apenas isto:

— Ó degrauzinho, não vás te quebrar,
a verdadeira noiva não vês passar!

— Ainda terás que pagar com a vida! — gritou-lhe a noiva, mas foi correndo para o quarto e disse ao príncipe:
— Só agora me lembrei o que disse ao pisar os degraus da igreja! — E repetiu as palavras ouvidas.
— Está bem, mas dize-me agora que foi que disseste ao passar pela porta da igreja?
— Que porta? Eu jamais falei com uma porta!
— Não? Então não és tu a verdadeira noiva!
Ela voltou a perguntar à donzela Malvina:
— Conta-me já, que foi que disseste na porta da igreja?
— Disse só isto:

— Ó porta da igreja, não vás desabar!
a verdadeira noiva não vês passar.

— Ordenarei que te cortem a cabeça! — esbravejou a noiva possessa de raiva. Mas saiu correndo e foi ter com o noivo, ao qual disse:

— Lembro-me agora do que disse à porta da igreja! — E repetiu as palavras da outra.

— E, diga-me, onde está o colar que coloquei no teu pescoço e que prendi com minhas próprias mãos ao entrarmos na igreja?

— Que colar? Nunca me deste colar nenhum.

— Não te lembras então do que eu te coloquei no seu pescoço? Se ignoras isto é porque não és a verdadeira noiva!

Assim dizendo, arrancou-lhe o véu do rosto e, ao dar com aquela monstruosa feiura, pulou para trás espantado e perguntou horrorizado:

— Como vieste aqui? Quem és tu?

— Eu sou a tua verdadeira noiva. Com medo de que o povo risse de mim, mandei a criada vestir minhas roupas e seguir para a igreja em meu lugar.

— E onde está agora essa moça? — perguntou o príncipe. — Quero vê-la! Vai buscá-la.

A noiva encaminhou-se depressa, mas disse aos criados que aquela faxineira era uma impostora, que a levassem ao fundo do quintal e lhe cortassem a cabeça.

Os criados pegaram a pobre moça e tentaram arrastá-la para o local do martírio, mas ela pôs-se a gritar com todas as forças e a pedir socorro. O príncipe ouviu aqueles gritos, saiu correndo do quarto e mandou que a soltassem imediatamente. Quando trouxeram luzes e ele pôde ver o colar de pérolas que colocara em seu pescoço na porta da igreja, exclamou radiante:

— Ah, tu é que és minha verdadeira noiva! A mesma que foi comigo à igreja. Vem comigo, vamos para os nossos aposentos.

Assim que ficaram sós, ele lhe disse:

— Quando íamos para a igreja, ouvi-te mencionar a donzela Malvina, que foi minha noiva. Se isto fosse possível, acreditaria tê-la agora na minha presença, tal a semelhança que tens com ela.

— Pois sou eu mesma a donzela Malvina. A mesma que por teu amor passou sete anos presa na torre escura. Passei muita fome e sede, e durante bastante tempo vivi na mais terrível miséria. Hoje, porém, o sol volta a brilhar para mim. Na igreja nós é que fomos unidos em matrimônio, portanto sou eu a tua verdadeira esposa.

Então abraçaram-se e beijaram-se, com a maior alegria, e foram imensamente felizes pelo resto da vida.

Ao passo que a perversa noiva feia foi decapitada.

A torre onde permanecera a donzela Malvina conservou-se intacta durante muitos anos e, quando as crianças iam brincar perto dela, costumavam cantar:

— Din, don din,
Na torre quem está?
Está uma princesa
que ninguém pode ver
e o muro romper
nem a pedra furar.
E agora quero ver
quem consegue me pegar!

O cordeirinho e o peixinho

Era uma vez um irmãozinho e uma irmãzinha que muito se amavam. Como a mão deles havia falecido, tinham uma madrasta que os detestava e que, às ocultas, lhes fazia todo o mal possível.

Um dia, os dois irmãozinhos estavam brincando com outras crianças num campo em frente da casa. Ao lado desse campo, havia uma lagoa que chegava até o pé da casa.

Ali, as crianças brincavam de pegador, cantando de vez em quando:

— Um, dois, deixa-me correr,
eu te darei ao meu passarinho.
Meu passarinho cortará o capinzinho,
Darei o capinzinho à cabrinha,
A cabrinha dará leitinho,
Darei o leitinho ao padeiro,
O padeiro dará pãozinho,
Darei o pãozinho ao gatinho,
O gatinho pegará o ratinho,
O ratinho pendurarei no fumeiro.
E eu vou segurar.

E, assim cantando, formavam uma roda e aquele em quem caía a palavra "segurar" tinha de sair correndo, e os outros o perseguiam e o seguravam.

Brincavam todos alegres e despreocupados, correndo uns atrás dos outros.

A madrasta, que estava à janela, observava-os e seu coração tremia de raiva por causa dos irmãozinhos. E, como era versada em feitiçarias, lançou um feitiço contra eles, transformando o irmãozinho num peixe e a irmãzinha num cordeirinho.

O peixinho nadava de cá para lá dentro da lagoa, mas estava muito triste. O cordeirinho andava de cá para lá no campo e também estava muito triste. Não comia nada, nem sequer tocava nos tenros fios de erva.

Assim se passou algum tempo. Certo dia, chegaram ao castelo algumas pessoas vindas de fora. A perversa madrasta pensou: “Eis uma ótima ocasião para livrar-me deles.” Então chamou o cozinheiro e disse-lhe:

— Vai ao campo, pega o cordeirinho e mata-o, depois prepara-o para a ceia pois não temos outra coisa a oferecer aos hóspedes.

O cozinheiro foi buscar o cordeirinho, levou-o para a cozinha e amarrou-lhe as perninhas. O pobre bichinho suportou tudo isso com a maior paciência. Porém, no momento em que o cozinheiro pegou no facão e se pôs a afiá-lo no cimento da soleira da porta, para cravar-lho no coração, o cordeirinho viu um peixinho nadando de cá para lá, bem em frente ao escoadouro da água, e olhando intensamente para ele.

Era o irmãozinho que, ao ver o cozinheiro agarrar o cordeirinho e levá-lo para a cozinha, seguiu-o dentro da lagoa, nadando até junto da casa. O cordeirinho então gritou-lhe:

— Ai, querido irmãozinho!
como me dói o coraçãozinho.
O cozinheiro está afiando o facão,
para me transpassar o coração.

O peixinho respondeu-lhe:

— Ó irmãzinha querida,
que aí no alto estás.
Quão grande é a minha dor, não sabes,
como ninguém dentro do lago o sabe.

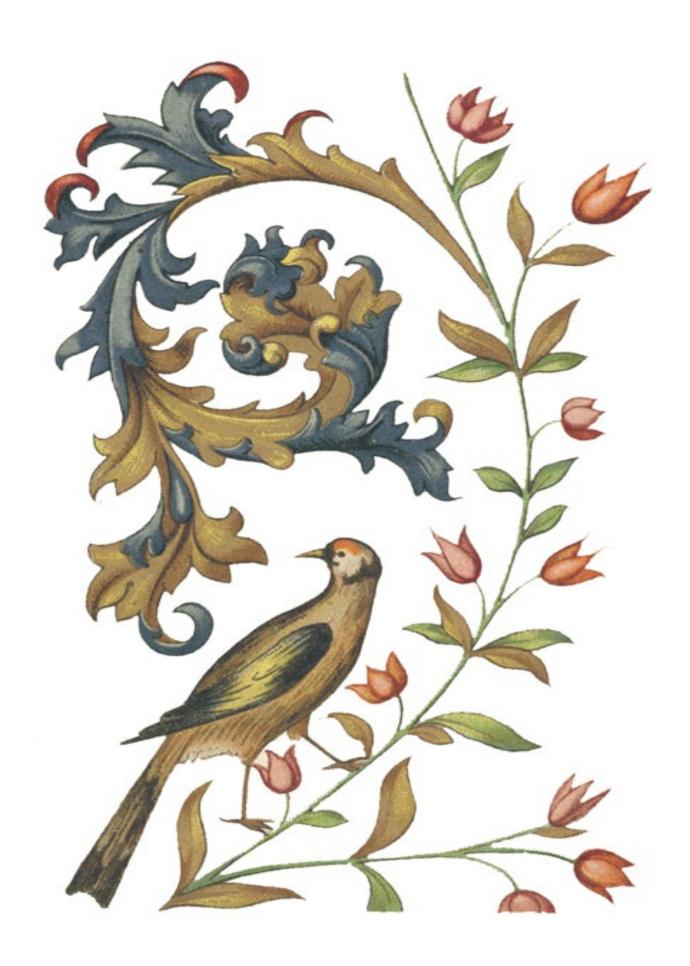
O cozinheiro, ouvindo o cordeirinho falar e ainda palavras tão tristes ao peixinho, espantou-se e logo desconfiou que não se tratava de um verdadeiro cordeirinho e sim de alguém encantado por obra da cruel madrasta. Então disse:

— Tranquiliza-te, meu pobre bichinho, eu não te matarei.

Foi buscar um outro animal qualquer no campo e cozinhou-o para os hóspedes. Em seguida, levou o cordeirinho para a casa de uma bondosa camponesa, contando-lhe tudo o que vira e ouvira.

Deu-se o caso que essa camponesa era justamente a que fora ama de leite da irmãzinha e não teve dificuldades em adivinhar quem era o pobre bichinho.

Pegou nele carinhosamente e levou-o à casa de uma bruxa que morava por perto. A bruxa fez uma benzedura sobre o cordeirinho e depois sobre o peixinho, e ambos readquiririam a forma humana.

Depois conduziu-os ao meio da floresta, onde havia uma linda casinha, e os dois irmãozinhos passaram a viver lá, sozinhos mas tranquilos e felizes.

A bola de cristal

Houve uma vez uma feiticeira que tinha três filhos, os quais se amavam extremosamente, mas a velha não confiava neles e vivia achando que eles pretendiam expropriá-la. Então transformou o mais velho numa águia, a qual tinha de viver nos píncaros rochosos e só às vezes era vista descrevendo grandes círculos no espaço, descendo e subindo com as largas asas abertas.

O segundo filho transformou numa baleia que vivia nas profundezas do mar, podendo ser vista só quando subia à tona, e de suas costas saía um repuxo de água que espirrava à grande altura. Foram concedidas aos dois apenas duas horas por dia, nas quais podiam retomar seu aspecto humano.

O terceiro filho, temendo que a mãe o transformasse também nalgum animal feroz, urso ou lobo, fugiu de casa às escondidas.

Ele ouvira contar que no castelo do Sol de Ouro havia uma princesa encantada, que aguardava a sua libertação, mas se alguém tentasse libertá-la arriscaria a vida. Vinte e três rapazes já haviam perecido deploravelmente. Ainda um podia apresentar-se e, depois desse, mais ninguém.

Sendo um rapaz destemido e arrojado, resolveu ele procurar o castelo do Sol de Ouro. Depois de andar muito tempo sem conseguir encontrá-lo, foi parar numa grande floresta. Tendo-se extraviado, não sabia como sair dela. De repente, avistou ao longe dois gigantes acenando-lhe com a mão e, quando se aproximou, disseram-lhe:

— Estamos brigando por causa de um chapéu. Queremos saber a quem de direito deve pertencer. Como somos os dois de igual força, nenhum pode vencer o outro. Os homens pequenos são mais inteligentes do que nós, por isso pedimos que tu decidas.

— Como é possível engalfinhar-se assim por causa de um simples chapéu? — perguntou ele.

— É que não conheces as propriedades que possui. Esse é um chapéu mágico. Quem o põe na cabeça, chega no mesmo instante a qualquer lugar que deseje.

— Dai-me um pouco esse chapéu! — disse o rapaz. — Vou andar até aquela distância e, quando vos chamar, correi os dois juntos. Quem chegar primeiro ganhará o chapéu.

Pegou o chapéu, botou-o na cabeça e foi andando, andando. Mas, pensando sempre na princesa, exalou um suspiro do fundo da alma e murmurou:

— Ah, quem me dera estar no castelo do Sol de Ouro!

Mal lhe saíram da boca essas palavras, eis que se achou no cume de uma montanha, bem em frente à porta do castelo.

Sem hesitar, adentrou o castelo e foi atravessando todos os aposentos até chegar a uma sala onde estava a princesa. Mas como se espantou ao vê-la! Tinha o rosto de uma cor cinzenta e cheio de rugas, os olhos torvos e os cabelos vermelhos. Sem se poder conter, exclamou:

— Então, sois vós a princesa cuja beleza é exaltada no mundo inteiro?

— Ah — respondeu ela —, esta não é a minha fisionomia real! Os olhos humanos só podem ver-me assim deformada, mas, se queres saber como sou de verdade, olha naquele espelho: ele não engana e te mostrará a minha verdadeira imagem.

Assim sendo, apresentou-lhe um espelho, e o rapaz, olhando para ele, viu refletida a imagem da mais linda moça que pudesse existir no mundo. E viu lágrimas de intenso sofrimento escorrendo-lhe pelas faces. Então perguntou:

— Que posso fazer para te libertar desse encanto? Dize, pois eu não temo coisa alguma.

A princesa disse-lhe:

— Quem conseguir apoderar-se da bola de cristal e apresentá-la ao feiticeiro anulará o seu poder e eu readquirirei o meu verdadeiro aspecto. — Mas acrescentou: — Muitos já encontraram a morte por tê-lo tentado! Lamento imensamente que tu, tão jovem, queiras expor-te a tão graves perigos.

— Nada poderá deter-me — respondeu o rapaz. — Dize-me, porém, que devo fazer para me apoderar da bola de cristal.

— Já vais saber tudo — disse a princesa. — Se quiseres descer a montanha onde está o castelo, lá embaixo, perto de um manancial, encontrarás um feroz bisão, com o qual terás de lutar. Se conseguires matá-lo sairá dele um pássaro de fogo, voando, o qual tem no corpo um ovo incandescente. Nesse ovo, no lugar da gema está a bola de cristal, mas o pássaro não deixa cair o ovo se não for violentamente obrigado a isto.Além disso, se o ovo cair no chão, quebra-se e incendeia tudo à sua volta, destruindo-se no fogo juntamente com a bola de cristal. De maneira que, nesse caso, todo o teu trabalho terá sido inútil.

O rapaz desceu até o manancial onde se encontrava o bisão, o qual o recebeu bufando e resfolegando, ameaçador. No mesmo instante, travou-se entre os dois uma tremenda luta e o rapaz conseguiu enterrar-lhe a espada no ventre, prostrando morta a terrível fera. Imediatamente saiu voando o pássaro de fogo, procurando elevar-se no espaço, mas a águia, que era o irmão do rapaz, chegou nesse momento através das nuvens, investiu contra o pássaro e com o bico adunco empurrou-o para o mar. A ave, vendo-se em perigo, deixou cair o ovo.

Mas o ovo não caiu no mar, caiu sobre uma choupana de pescadores situada na praia. Ao cair em cima dela, imediatamente se elevou uma nuvem de fumaça e ateou-se o fogo. Então se elevaram no mar ondas da altura de uma casa, despejaram-se sobre a choupana e extinguiram o fogo. Fora obra do outro irmão, transformado em baleia, que, vendo o fogo, sublevara as ondas.

Depois de extinto o incêndio, o rapaz foi em busca do ovo e, por grande sorte, o achou. Não tivera tempo de derreter-se, mas a casca incandescente, esfriada repentinamente pela água gelada, partira-se toda. Assim lhe foi possível extrair a bola de cristal.

Quando finalmente foi ter com o feiticeiro e exibiu a bola de cristal ao seu olhar, o bruxo disse-lhe:

— Meu poder está anulado. De hoje em diante serás o rei neste castelo do

Sol de Ouro. E tens poder também de restituir a teus irmãos a forma humana.

Então o rapaz correu para junto da princesa e, ao entrar na sala em que se achava, ela surgiu-lhe pela frente em todo o esplendor de sua radiosa beleza.

Cheios de alegria, trocaram as alianças que os devia unir e viveram na mais perfeita felicidade.

O burrinho

Era uma vez um rei e uma rainha muito ricos, que possuíam tudo o que desejavam, só não tinham filhos.

A rainha lamentava-se dia e noite, dizendo sempre: “Sou como uma terra seca, que não produz nada.”

Finalmente, o bom Deus realizou seu desejo e ela notou que teria um filho, e ficou muito contente. Mas quando a criança veio ao mundo, qual não foi o seu espanto ao ver que ela não tinha forma humana e sim a de um burrinho!

Então a rainha se lamentou ainda mais, dizendo que antes preferia não ter filho algum do que ter esse burrinho. Mandou que o jogassem na água para que os peixes o comessem, pois não queria mais vê-lo. O rei, porém, exclamou:

— Não, isso não! Ele será meu filho e meu herdeiro. Quando eu morrer, sentará no trono e será coroado rei.

Assim, pois, o burrinho foi criado. Conforme ia crescendo, cresciam-lhe simultaneamente as orelhas, compridas e direitas. Quanto ao mais, era de índole alegre, corria e brincava o dia todo e tinha uma especial inclinação para a música. Tanto assim que procurou um músico famoso em todo o reino e disse-lhe:

— Ensina-me a tua arte, quero aprender a tocar o alaúde tão bem como tu.

— Ah, caro principezinho — respondeu o músico —, vos será muito difícil tocar, vossos dedos não foram feitos para isso, são muito grossos, e temo que as cordas não resistam.

Contudo, de nada serviram as desculpas. O burrinho encasquetou que devia aprender a tocar alaúde e o músico teve de ensinar-lhe. Ele se empenhou tanto que acabou tocando tão bem ou melhor que seu mestre.

Um dia, o principezinho estava passeando muito pensativo pelo parque e chegou até onde jorrava uma fonte muito clara. Contemplou-se na água cristalina como espelho e viu refletir-se nela a imagem de um burrinho. Ficou tão amargurado com isso que resolveu sair e andar pelo mundo onde não fosse conhecido. Assim, acompanhado por um companheiro muito fiel, deixou o palácio e partiu.

Perambularam os dois de um lado para outro, até que chegaram a um reino

distante, governado por um velho rei, que tinha uma única filha, linda como um sonho. O burrinho, então, disse ao companheiro:

— Vamos ficar por aqui!

Chegou ao portão do castelo e bateu, gritando:

— Está aqui um hóspede. Abram, por favor, deixai-me entrar!

Mas, como ninguém viesse abrir-lhe o portão, ele sentou-se, tomou o alaúde e, com as patas dianteiras, pôs-se a tocar. Tocava tão maravilhosamente que o guardião do castelo arregalou os olhos de espanto e correu para contar ao rei:

— Majestade, está aí no portão um burrinho que toca alaúde tão bem como o melhor dos mestres.

— Manda-o entrar! — disse o rei.

Quando o burrinho chegou ao salão onde a corte estava reunida, todos desataram a rir vendo aquele estranho tocador de alaúde. Em seguida, mandaram que fosse jantar junto com os criados, mas ele protestou, dizendo:

— Não sou um burrinho qualquer, sou de origem nobre.

— Então, vai sentar-te com os soldados — disseram-lhe.

— Também não — respondeu ele. — Quero sentar-me ao lado do rei.

O velho rei achou divertida a sua pretensão e, rindo muito, disse-lhe:

— Pois, burrinho, seja feita a tua vontade. Vem cá para perto de mim.

Durante a refeição, o rei perguntou-lhe:

— O que achas da minha filha?

O burrinho volveu a cabeça para o lado e, após contemplá-la um pouco, disse:

— É tão linda, como nunca vi outra igual.

— Bem, bem — disse o rei se divertindo —, vai sentar-te um pouco ao lado dela.

— Com o maior prazer! — disse o burrinho.

Sentou-se perto da princesa, comeu e bebeu, delicadamente, comportando-se como verdadeiro fidalgo.

O nobre animalzinho passou bastante tempo na corte mas, por fim, pensou consigo mesmo: “O que me adianta isto tudo? Acho bem melhor voltar para a casa de meus pais!”

De cabeça curvada, foi apresentar-se ao rei para se despedir, mas este se afeiçoara muito a ele, então disse-lhe:

— Que tens, meu caro burrinho? Estás com uma cara tão desanimada…

— Quero ir-me embora — respondeu ele.

— Ah, fica aqui comigo. Terás de mim tudo o que queiras, não te vás. Queres algum ouro?

— Não! — respondeu o burrinho sacudindo a cabeça.

— Queres joias ou outros objetos preciosos?

— Não!

— Queres a metade do meu reino?

— Ah, não, não!

O rei, sem saber mais o que oferecer, perguntou por fim:

— Se a menos eu soubesse o que te faria feliz! Queres casar com minha filha?

— Ah, sim, sim! — exclamou o burrinho cheio de alegria. — Como seria feliz se ela fosse minha!

E logo voltou ao seu costumeiro bom humor, pois era justamente isso o que mais desejava.

Passados alguns dias, realizou-se no palácio a festa nupcial com a maior pompa deste mundo.

À noite, depois da festa, quando os noivos se retiraram para o quarto, o rei ficou muito curioso por saber se o burrinho se comportaria com a gentileza de sempre. Ordenou, pois, a um dos seus criados que se espiasse às escondidas o quarto para ver o que se passava.

O burrinho, logo que entrou no quarto, trancou bem a porta, examinou todos os cantos e, tendo-se certificado de que estava só com a noiva, tirou a pele de burro que o recobria todo, apresentando-se diante dela como um jovem belíssimo e de sangue real.

— Olha quem eu sou! — disse ele. — Certamente não sou menos digno e nobre do que tu.

A noiva, imensamente feliz, abraçou-o e beijou-o com grande ternura e passou a amá-lo ardentemente. Mas, assim que amanheceu, ele pulou da cama, vestiu novamente a pele de burro e ninguém podia imaginar quem se escondia dentro dela.

Pouco depois, chegou o rei.

— Olá! — exclamou. — O burrinho já se levantou! — E dirigindo-se à filha: — Estás muito triste por não teres um homem como os demais por esposo?

— Ah, não, meu querido pai! Amo meu esposo como se fosse o homem mais belo do mundo e hei de conservá-lo por toda a vida.

O rei ficou bastante admirado com essa resposta, mas o criado, que ficara

escondido no quarto, contou-lhe tudo o que vira. O rei, porém, disse:

— Nunca poderei acreditar numa coisa destas!

— Pois, então, ficai vós mesmo de guarda no quarto nesta próxima noite, assim tereis ocasião de ver com vossos próprios olhos. E sabeis que mais, Majestade? Aconselho-vos a furtar a pele e jogá-la no fogo, assim ele será obrigado a apresentar-se como realmente é.

— É uma excelente ideia! — disse o rei.

Naquela noite, enquanto o casal estava dormindo, o rei entrou furtivamente no quarto, aproximou-se pé ante pé do leito e, à claridade do luar, conseguiu ver ali adormecido um belo jovem. No chão, ao lado da cama, estava largada a horrível pele de burro. O rei apanhou-a, levou-a para fora, mandou acender um grande fogo e, em seguida, jogou-a no meio das chamas, ficando a olhar até que ela se consumisse toda, reduzindo-se a cinzas. Mas, curioso por saber qual seria a reação do rapaz, ficou de vigília a noite inteira, com o ouvido colado à porta do quarto.

Ao clarear do dia, o rapaz levantou-se e procurou a pele para vestir e não a encontrou. Então ficou apavorado e disse, com voz de tristeza e aflição:

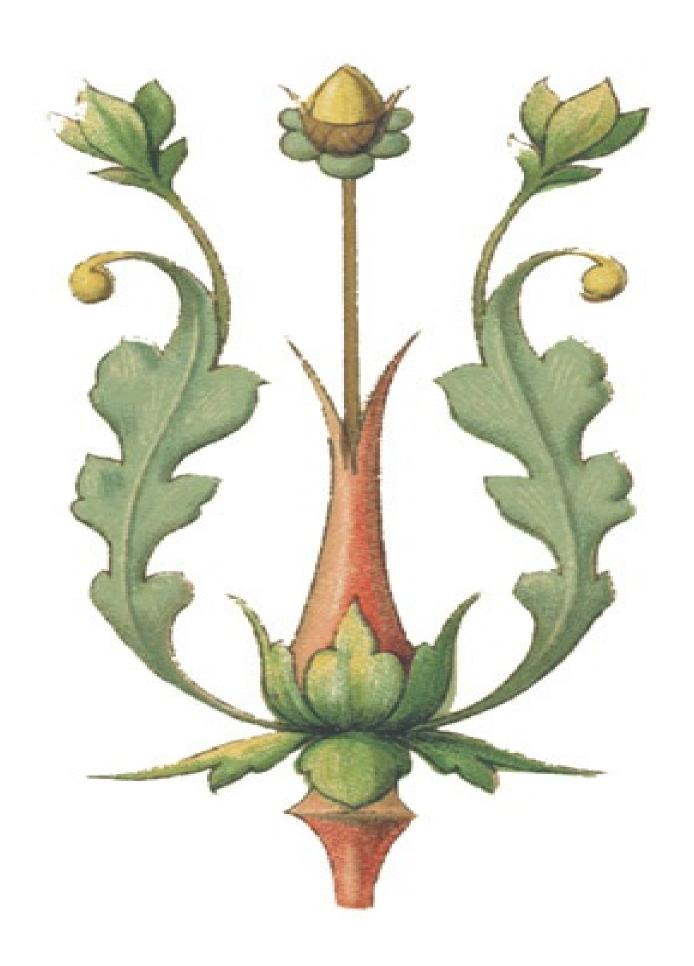
— Agora tenho que fugir daqui!

Mas, quando estava saindo do quarto, encontrou-se diante do rei, o qual lhe disse:

— Aonde vais com tanta pressa, meu filho? Que queres fazer? Fica aqui conosco, és um rapaz tão bonito! Agora não podes deixar-nos. Vou dar-te a metade do meu reino e, após a minha morte, o herdarás todo.

— Deus queira que tudo isto termine tão bem como começou! — respondeu o jovem. — Pois bem, ficarei convosco.

O velho rei entregou-lhe a metade do reino e, passados seis meses, quando ele veio a falecer, o príncipe herdou tudo.

Algum tempo depois, seu pai também faleceu e, como era seu único herdeiro, ficou com mais um reino e viveu magnificamente durante muitos anos.

A raposa e o cavalo

Era uma vez um camponês que possuía um cavalo que trabalhara sempre com a maior dedicação, mas o pobre animal ficara velho e imprestável, e o seu dono não queria mais alimentá-lo. Um belo dia, disse-lhe:

— Agora já não tens mais utilidade para mim. Eu, porém, gosto de ti. Se tiveres ainda força suficiente para me trazeres um leão, ficarei contigo. Mas, por enquanto, tens de ir-te embora e desocupar a cocheira! — Com isso, tocou-o para o pasto.

O cavalo ficou muito triste e encaminhou-se para a floresta, a fim de se abrigar do temporal, e lá encontrou a raposa, que lhe dirigiu a palavra:

— Por que é que andas assim, a esmo, triste, de cabeça baixa?

— Ah — respondeu o cavalo —, avareza e fidelidade não moram juntas! Meu patrão esqueceu os serviços que lhe prestei durante tantos anos e agora, porque não posso mais puxar o arado com a mesma rapidez, resolveu privar-me do alimento e enxotou-me de casa.

— Sem uma palavra de consolação? — perguntou a raposa.

— A consolação foi magra: disse-me que, se ainda tiver forças para lhe levar um leão, ficará comigo, pois bem sabe que não posso fazer tal coisa.

— Eu te ajudarei — disse a raposa —, basta que te deites esticado no chão sem te mexeres, como se estivesses morto.

O cavalo fez o que lhe sugeria a raposa. Enquanto isso ela foi ter com o leão, que tinha o antro aí perto, e disse-lhe:

— Perto daqui há um cavalo morto. Vem comigo e terás um farto almoço.

O leão seguia-a e, quando se aproximaram do cavalo, a raposa disse:

— Aqui não terás a necessária comodidade para comê-lo. Sabes de uma coisa? Vou amarrá-lo pelo rabo à tua perna, assim poderás arrastá-lo facilmente para a tua toca e lá o comerás tranquilamente.

O leão achou ótima a ideia. Então a raposa pegou o rabo do cavalo e com ele amarrou com força as patas traseiras do leão. Amarrou tão bem que não havia jeito de desamarrá-lo. Concluído o trabalho, deu uma pancadinha nas costas do cavalo, gritando:

— Upa, meu alazão. Puxa, puxa!

Então o cavalo de um salto, pôs-se de pé e foi arrastando o leão. Este começou a rugir tão espantosamente que estremeceu toda a floresta, assustando os pássaros que fugiam voando de seus ninhos. O cavalo não se importou e deixou-o rugir à vontade.

Embora com alguma dificuldade, foi puxando-o e arrastando-o pelos campos, até a porta da casa do seu amo.

Ao deparar com aquilo, o camponês disse ao cavalo:

— Podes ficar aqui comigo para sempre e nada te faltará.

Depois deu-lhe comida com fartura e tratou-o bem até ele morrer.

RAMIREZ

Os sapatos dançarinos

Era uma vez um rei que tinha doze filhas, uma mais linda que a outra. As princesas dormiam todas juntas num quarto, em camas enfileiradas. Todas as noites, quando iam dormir, o rei fechava a porta com cadeado, mas, pela manhã, quando ia abrir para que elas saíssem, o pai notava que os sapatos delas estavam gastos de tanto dançar, e ninguém conseguia saber o que se passava. Então, o rei declarou que quem descobrisse onde as princesas iam dançar durante a noite, poderia escolher uma delas para esposa e mais tarde herdaria o trono, mas o pretendente que nada descobrisse dentro de três dias e três noites seria condenado à morte.

Não demorou muito, apresentou-se um príncipe pedindo para tentar a prova. Foi muito bem acolhido e à noite conduziram-no a um quarto ao lado do das princesas, onde lhe haviam preparado uma boa cama. De lá ele devia prestar bem atenção para ver aonde iam dançar as princesas e, para que não pudessem fazer nada escondido, deixaram a porta do quarto aberta.

O príncipe, porém, cansado da viagem, caiu logo em sono profundo e, na manhã seguinte, ao despertar, verificou que as princesas tinham ido dançar.

O mesmo aconteceu na segunda e na terceira noite. No quarto dia foi decapitado sem dó nem piedade.

Depois desse príncipe, chegaram muitos outros pretendentes tentando superar a prova, mas todos pagaram com a vida.

Deu-se o caso, então, de um pobre soldado, que por ter sido ferido, e não podendo mais prestar serviço, ia andando pela estrada que conduzia à cidade desse rei. Em certo ponto, encontrou uma velhinha que lhe perguntou aonde ia.

— Eu mesmo não sei bem — disse o soldado e acrescentou brincando: — Muito me agradaria descobrir onde é que as princesas vão gastar os sapatos e assim tornar-me rei.

— Não é tão difícil assim! — disse a velha. — Se o quiseres saber, não deves beber o vinho que te será servido à noite e deves fingir que estás profundamente adormecido.

Em seguida, deu-lhe uma capa, dizendo:

— Vestindo isto, se tornará invisível e poderás seguir as princesas sem que

elas o saibam.

Tendo recebido as excelentes instruções, o soldado levou a coisa a sério. Armou-se de coragem e foi apresentar-se ao rei como candidato à prova. Foi bem recebido, como os anteriores, e deram-lhe trajes de príncipe para vestir.

À noite, quando chegou a hora de dormir, levaram-no para o quarto vizinho ao das princesas. No momento de deitar-se, aparece a princesa mais velha trazendo-lhe um copo cheio de vinho. Ele, porém, prevenira-se, amarrando uma esponja sob o queixo, na qual deixou escorrer o vinho. Dessa maneira, não bebeu uma gota sequer.

Depois deitou-se e, passados alguns instantes, pôs-se a roncar como um leão. Do quarto, as princesas ouviram o ronco, sem poder conter o riso. Então, a mais velha disse:

— Esse tolo bem poderia ter poupado sua vida.

Apressaram-se a abrir armários, gavetas e baús de onde tiravam maravilhosos vestidos. Arrumaram-se diante do espelho, pulando de alegria por poderem ir ao baile. A mais moça de todas, porém, o observou:

— Não sei, não! Vós vos alegrais tanto, mas eu estou com um pressentimento ruim. Acho que nos vai acontecer alguma desgraça!

— És uma boba que tens medo de tudo! — disse a mais velha. — Acaso esqueceste quantos príncipes já estiveram aqui inutilmente? A esse pobre soldado aí nem teria sido necessário o sonífero, pois esse plebeu já estava caindo de sono quando fui lá.

Assim que ficaram todas prontas espiaram o soldado para ver se realmente dormia. Este continuava roncando, e de olhos fechados, como se dormisse de verdade, então elas se sentiram seguras. A mais velha foi até a sua cama e deu uns tapinhas nela. Imediatamente a cama afundou-se e apareceu uma abertura. Desceram, uma após outra, as doze princesas, seguindo a mais velha, que ia na frente.

O soldado vira tudo sem se mexer e, sem hesitar, colocou a capa, descendo após a última. No meio da escada, ele pisou sem querer na cauda do vestido da caçula, que gritou de susto:

— Que é isso? Quem está me segurando pelo vestido?

— Não sejas tão boba — disse-lhe a mais velha —, certamente o prendeste em algum gancho!

E continuaram descendo até chegar a um caminho maravilhoso, ladeado de árvores, cujas folhas eram de prata cintilante.

O soldado pensou consigo mesmo: “Tens de levar uma prova.” E quebrou

um galho da árvore, provocando um forte estalo. A mais moça das princesas gritou outra vez:

— Está acontecendo alguma coisa. Não ouviram este barulho?

A mais velha respondeu:

— São salvas em sinal de alegria, porque dentro em breve serão libertados os nossos príncipes.

Depois chegaram a outro caminho ladeado de árvores, cujas folhas eram de ouro e, por fim, em um terceiro, onde as folhas eram todas do mais puro diamante. De cada árvore o soldado ia levando um galho, e, cada vez que o tirava, repetia-se o estalo, provocando arrepios na princesa mais moça, embora a mais velha sempre afirmasse que eram salvas e em sinal de alegria.

Andaram mais um pouco e chegaram à margem de um grande rio onde estavam atracados doze barcos. Dentro de cada um estava um belo príncipe esperando cada qual a sua princesa. Estas ocuparam os seus respectivos lugares e o soldado seguiu junto com a mais moça.

O príncipe, que ia remando, disse:

— Não sei por que o barquinho está mais pesado hoje. Tenho de remar com todas as minhas forças para seguir em frente.

— Não sei também por que hoje não me sinto bem — disse a princesa. — Deve ser por causa do calor!

Na margem oposta do rio havia um belíssimo castelo, todo iluminado, de onde se ouvia um som alegre de músicas, de tambores e de trombetas. Dirigiram-se todos para lá e cada príncipe dançou com a sua bem-amada. O soldado, invisível, também dançou. Se uma pegava no copo para beber, ele tomava todo o conteúdo, repetindo com todas as outras. A princesa mais moça ficava apavorada, mas a maior sempre lhe impunha silêncio.

Assim dançaram até as três horas da madrugada, quando os sapatos furaram de tanto dançar e elas não puderam mais continuar. Então os príncipes as levaram à outra margem do rio e, desta vez, o soldado sentou-se no barco da frente ao lado da mais velha. As princesas despediram-se dos príncipes, prometendo voltar na noite seguinte. Enquanto isso, o soldado correu na frente e, quando elas chegaram ao palácio, exaustas, o viram dormindo na cama e roncando tão alto que todo mundo podia ouvir.

— Desse aí não precisamos ter receio! — disseram elas.

Em seguida, despiram e guardaram os lindos vestidos, deixaram os sapatos debaixo da cama e deitaram-se.

Na manhã seguinte, o soldado não disse nada, decidindo assistir

novamente à festa que tanto lhe agradava, assim pôde ir com elas as três noites, e tudo se passou como da primeira vez. Na terceira noite, levou como prova uma taça. Quando chegou a hora em que devia apresentar-se para responder ao que lhe perguntassem, o soldado enfiou no bolso os três ramos e a taça, e foi ter com o rei. As doze princesas se esconderam atrás da porta para ouvir o que ele diria.

O rei perguntou-lhe:

— Aonde é que minhas filhas foram gastar os sapatos esta noite?

Ele respondeu prontamente:

— Estiveram dançando com doze príncipes, num castelo subterrâneo.

E contou direitinho tudo o que vira e o que acontecera, exibindo as provas que trazia no bolso. O rei mandou chamar as filhas e perguntou se era verdade o que dissera o soldado. Vendo-se descobertas, elas compreenderam que não podiam negar nada.

O rei perguntou ao soldado qual delas escolhia por esposa, mas ele respondeu:

— Eu já não sou muito moço. Fico com a mais velha.

No mesmo dia, celebrou-se o casamento, sendo-lhe prometido o trono quando o rei viesse a falecer.

Entretanto, os pobres príncipes foram novamente encantados, por tantos dias quantos haviam dançado com as princesas.

A lebre e o ouriço

Esta história, crianças, pode parecer falsa, contudo, podem acreditar. Toda a vez que a contava, meu avô dizia com muita seriedade:

— Deve ser verdade, meu filho, se não ninguém a contaria.

E a história era assim:

Era uma bela manhã de domingo, em pleno verão, quando as espigas estavam todas floridas, o sol brilhava no céu azul, a brisa matutina ondulava os campos. As cotovias cantavam, as abelhas zumbiam entre as espigas, e o povo, com roupas de domingo, se dirigia à igreja. Todas as pessoas e os animais estavam alegres, até mesmo o… ouriço-cacheiro.

O ouriço estava diante da porta da casa de braços cruzados, parado e apreciando o ar límpido da manhã. Cantarolava uma canção nem melhor nem pior do que costumava cantar um ouriço numa bela manhã de domingo.

Enquanto ele assim cantava, pensou repentinamente que, como sua mulher cuidava dos filhos, ele podia dar um passeio no campo para ver como estavam os nabos. Os nabos cresciam num campo bem próximo de casa e ele costumava ir com a família comê-los, por isso considerava-os seus.

Dito e feito. O ouriço fechou a porta e encaminhou-se para o campo.

Não estava muito longe de casa quando encontrou justamente a lebre que saía com as mesmas intenções, isto é, com o objetivo de “visitar” os repolhos.

Assim que avistou a lebre, o ouriço deu-lhe amavelmente um bom-dia.

Mas a lebre, que se achava muito importante, julgando-se de família nobre, era tremendamente presunçosa. Não correspondeu ao cumprimento e disse-lhe com um muxoxo de desprezo:

— Como é que tão cedo já andas pelo campo?

— Vim dar um passeio — disse o ouriço.

— Um passeio! — respondeu zombeteira a lebre. — Parece-me que poderias fazer coisa melhor com suas pernas.

Tal resposta ofendeu profundamente o ouriço, o qual aceitava tudo, mas não admitia que falassem de suas pernas, porque eram tortas por natureza.

— Imaginas, por acaso — retorquiu ele irritado —, que tuas pernas valem mais do que as minhas?

— Tenho certeza que sim! — respondeu a lebre.

— Pois vamos pôr isso à prova — desafiou o ouriço. — Aposto que, se fizéssemos uma corrida, eu sairia vencedor.

— Fazes-me rir, com essas tuas pernas tortas! — disse a lebre. — Mas se o queres, se tens tanta vontade, assim seja. Quanto vale a aposta?

— Uma moeda de ouro e uma garrafa de aguardente — respondeu o ouriço.

— Aceito! — respondeu a lebre. — E podemos fazer a prova imediatamente.

— Não, não há tanta pressa assim! — disse o ouriço. — Eu ainda não tomei café da manhã. Primeiro vou até minha casa comer alguma coisa e em meia hora estarei de volta.

A lebre concordou e o ouriço foi para casa. No caminho, dizia para si mesmo: "A lebre confia nas suas longas pernas, mas há de se ver comigo! É na verdade muito distinta, mas não passa de uma estúpida. Vai receber uma boa lição."

Ao chegar à casa, disse à sua mulher:

— Mulher, veste-te depressa. Precisas vir comigo ao campo.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Apostei com a lebre uma moeda de ouro e uma garrafa de aguardente. Vamos fazer uma corrida e tu tens que me ajudar.

— Ah, meu Deus! — criticou a mulher. — Ah, marido, tu certamente perdeste a cabeça. Estás louco? Como podes apostar corrida com a lebre?

— Isso é comigo. Não metas o nariz onde não é chamada. Vista-se e venha comigo!

Que podia fazer a mulher do ouriço? Teve de obedecer, querendo ou não.

Foram juntos pelo caminho até que o ouriço disse:

— Presta atenção ao que vou te dizer. Nós vamos correr naquele campo comprido. A lebre corre numa linha e eu na outra, partiremos lá de cima. Você só precisa se esconder aqui embaixo e, quando a lebre chegar, você só tem que gritar: Já estou aqui!

Quando chegaram ao ponto marcado, o ouriço indicou à mulher o lugar em que devia se esconder e subiu o campo. Lá em cima, encontrou a lebre.

— Podemos começar? — perguntou ela.

— Sem dúvida.

— Então, vamos lá!

E cada qual foi para a sua linha. A lebre contou: Um, dois, três! e partiu como um relâmpago. O ouriço correu mais ou menos três passos, depois

agachou-se e ficou quietinho.

Quando a lebre, em longas pernadas, chegou à outra extremidade do campo, a mulher do ouriço gritou-lhe:

— Já estou aqui!

A lebre, surpreendida e admirada, julgou ser o ouriço quem gritava, porque, como todos sabem, a mulher parece-se muito com ele. Mas ficou a pensar:

— Aqui tem coisa!

E gritou:

— Corramos outra vez em sentido inverso!

A lebre saiu correndo como um raio, a ponto de as orelhas parecerem estar prestes a descolar da cabeça. Enquanto isso, a mulher do ouriço ficou calmamente onde estava, e, quando a lebre atingiu o outro lado do campo, o ouriço gritou-lhe:

— Já estou aqui!

A lebre, completamente fora de si, gritou:

— Corramos outra vez!

— Concordo! — respondeu o ouriço. — Podemos continuar enquanto quiser.

Assim, a lebre correu setenta e três vezes e o ouriço ganhou em todas elas. Sempre que a lebre chegava a uma ou outra extremidade do campo, o ouriço ou a mulher gritava:

— Estou aqui!

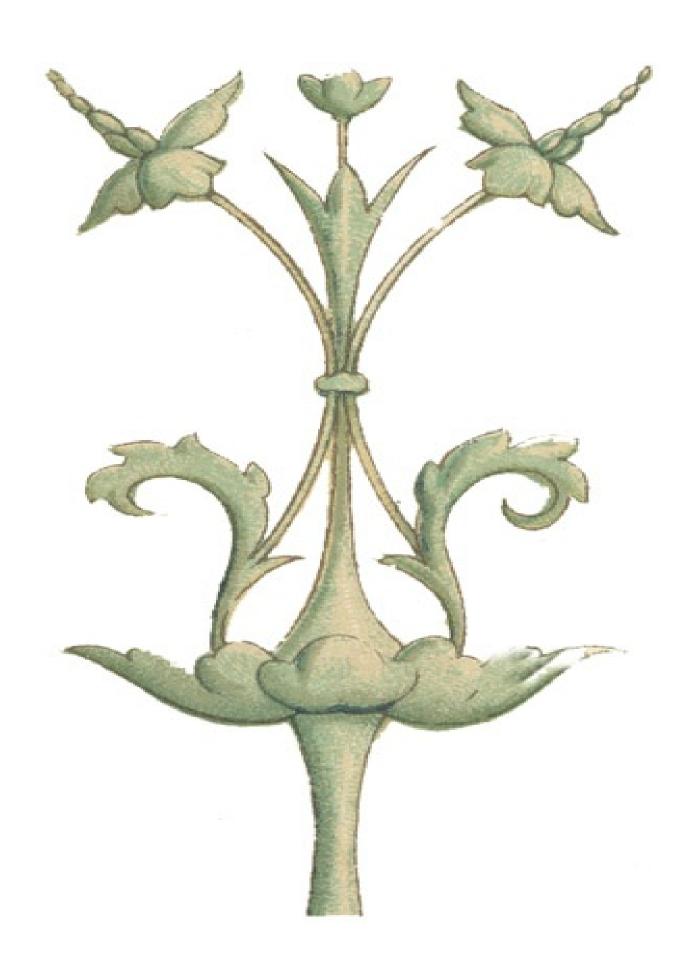
Na centésima vez, a lebre ainda não tinha vencido e estrebuchou: caiu dura no meio do campo.

O ouriço pegou a moeda de ouro e a garrafa de aguardente que ganhara com a sua astúcia. Chamou a mulher para que saísse do esconderijo e voltaram ambos para casa muito satisfeitos.

Se não morreram, certamente ainda estão vivos!

E assim foi que, no campo de nabos, o ouriço apostou corrida com a lebre e saiu vencedor. E desde esse dia, nenhuma lebre quis jamais apostar qualquer coisa com um ouriço.

A moral desta história é, em primeiro lugar, que ninguém, por mais importante que seja, deve zombar de quem quer que seja, nem mesmo de um ouriço.

Em segundo lugar, casar com um semelhante tem suas vantagens. Que o diga o ouriço-cacheiro!

O estranho pássaro

Era uma vez um feiticeiro que, sob forma de mendigo, ia de casa em casa pedir esmolas e raptava as moças bonitas. Ninguém sabia para onde as levava, porque todas desapareciam sem deixar pistas.

Um dia, apresentou-se à porta de um homem que tinha três filhas muito bonitas. Tinha o aspecto de um pobrezinho maltrapilho, com um saco às costas, como se fosse para guardar o que recebia. Pediu a caridade de um pouco de comida e, quando a filha mais velha chegou à porta para dar-lhe um pedaço de pão, ele empurrou-a com a mão e ela foi jogada, sem saber como, para dentro do saco. Em seguida, a passos apressados, ele partiu, levando-a consigo para sua casa no coração da floresta.

Lá tudo era pomposo e ele presenteou-a com tudo que ela queria, dizendo:

— Meu tesouro, aqui comigo passarás muito bem e poderás ter tudo o que desejares.

Depois de alguns dias, ele disse:

— Tenho de fazer uma viagem e preciso deixar-te sozinha por algum tempo. Aqui tens as chaves da casa, podes percorrê-la inteiramente e ver tudo o que há nela, menos, porém, o quarto que se abre com esta chavinha. Proíbo-te de lá entrares, sob pena de morte.

Deu-lhe, também, um ovo, dizendo-lhe:

— Toma muito cuidado com ele. Aconselho-te a trazê-lo sempre contigo para que não se perca, pois perdendo-o acontecerá uma grande desgraça.

Ela pegou as chaves e o ovo, prometendo fazer tudo direito, como lhe pedia. Quando ele partiu, a moça correu a inspecionar a casa de ponta a ponta, examinando tudo. Os aposentos reluziam de ouro e prata, e ela deslumbrada confessava jamais ter visto tanta riqueza. Por fim chegou diante da porta proibida. Quis passar direto, mas a curiosidade era tanta que não resistiu. Olhou para a chave, era uma chave comum, meteu-a na fechadura, fazendo-a girar devagarinho, e a porta escancarou-se. Mas o que ela viu ao entrar lá?

No meio do quarto havia uma grande bacia ensanguentada e, dentro dela, pedaços de cadáveres esquartejados! Ao lado havia uma mesa de madeira, em cima da qual estava um machado reluzente. Ao ver isso sentiu tal pavor que o

ovo lhe escapou da mão, indo cair dentro da bacia. Mais que depressa, apanhou-o; tentou limpar o sangue, mas em vão. Por mais que esfregasse e raspasse, o sangue voltava a aparecer, e não conseguiu limpá-lo.

Pouco depois, o feiticeiro regressou da viagem e a primeira coisa que fez foi pedir a chave e o ovo. Ela, tremendo como vara verde, os entregou. Vendo as manchas vermelhas no ovo, ele percebeu que havia entrado no quarto sangrento. Então disse:

— Entraste lá contra a minha vontade, agora voltarás a entrar contra tua vontade. Tua vida está no fim!

Atirou-a ao chão, arrastou-a até lá pelos cabelos, decapitou-a e esquartejou-a, deixando que o sangue escorresse pelo chão, depois jogou os pedaços dentro da bacia.

— Agora vou buscar a segunda — disse ele.

Transformou-se em mendigo e tornou a apresentar-se diante da porta, pedindo esmola. A segunda filha levou-lhe um pedaço de pão e dela também se apoderou com um simples toque da mão. E esta acabou como a irmã. Deixou-se vencer pela curiosidade, abriu o quarto sangrento para ver o que continha e, à volta do feiticeiro, teve de pagar sua curiosidade com a vida.

Ele então foi buscar a terceira, mas esta era prudente e esperta. Assim que o feiticeiro partiu, após ter-lhe entregue as chaves e o ovo, ela antes de mais nada guardou o ovo em lugar seguro e só depois visitou a casa de ponta a ponta, abrindo também a porta proibida.

Ah! O que viu lá dentro! As suas queridas irmãs esquartejadas e os pedaços dentro da bacia. Recolheu cuidadosamente todos os membros, juntando-os um por um, bem direitinho: cabeça, tronco, braços e pernas, os quais, uma vez recompostos, começaram a mover-se e reviver! Em instantes, as duas irmãs abriam os olhos ressuscitadas. Numa alegria imensa abraçaram-se e beijaram-se muito felizes.

Quando o feiticeiro regressou, pediu logo as chaves e o ovo. Não descobrindo nele sinal algum de sangue, disse:

— Você passou na prova, por isso serás minha esposa.

Porém, agora, ele já não tinha mais nenhum poder sobre a terceira irmã e devia fazer tudo o que ela quisesse. A jovem, então, respondeu:

— Está bem, mas antes tens de levar um cesto cheio de ouro a meus pais, mas deves carregá-lo tu mesmo nas costas. Enquanto isso, eu providenciarei tudo para a festa.

Depois correu para um quartinho onde havia escondido as irmãs e disse-

lhes:

— Chegou o momento de vocês se salvarem. Aquele malvado as levará para casa, mas, assim que chegarem, mandem-me socorro.

Mandou que entrassem no cesto e cobriu-as bem, espalhando por cima o ouro. Depois chamou o feiticeiro e disse:

— Agora leva o cesto, mas eu ficarei olhando da minha janela para ver se vai parar no caminho para descansar.

O feiticeiro colocou o cesto nas costas e pôs-se a caminho, mas pesava tanto que o suor lhe corria do rosto. Então sentou-se para descansar um pouco, mas uma das moças gritou de dentro do cesto:

— Estou olhando da minha janelinha e vejo que descansas. Vai andando, depressa!

Julgando que fosse a noiva quem assim falava, ele pôs-se a andar depressa. Quis sentar-se uma segunda vez, mas a moça gritou novamente:

— Estou olhando da minha janelinha e vejo que descansas. Vai andando, depressa!

Cada vez que parava, a moça gritava-lhe a mesma coisa e ele foi obrigado a ir adiante até que, gemendo e sem fôlego, conseguiu entregar o cesto com o ouro e com as duas moças na casa de seus pais.

Enquanto isso, a noiva preparava a festa de casamento e mandou convidar os amigos do feiticeiro. Depois pegou uma caveira com um riso irônico, enfeitou-a bem, colocou-lhe uma grinalda de flores e encostou-a à janelinha como se estivesse olhando para fora. Quando tudo ficou pronto, cortou um travesseiro e colou as penas no seu próprio corpo com mel, ficando assim parecida com um estranho pássaro que ninguém poderia reconhecer.

Saiu de casa e no caminho encontrou alguns convidados, que lhe perguntaram:

— De onde vens, estranho pássaro?
— De um ninho de plumas eu saio.
— Que faz lá a bela noivinha?
— De ponta a ponta varreu a casinha,
agora espera o noivo na janelinha.

Por fim encontrou o noivo, que voltava lentamente e que, como os outros, também perguntou:

— De onde vens, estranho pássaro?
— De um ninho de plumas eu saio.
— Que faz lá a bela noivinha?
— De ponta a ponta varreu a casinha,
agora espera o noivo na janelinha.

O noivo olhou para cima e viu a caveira toda enfeitada. Pensando que fosse a noiva, acenou-lhe amavelmente, mas logo que entrou em casa com os convidados, chegaram os parentes e irmãos da noiva, enviados em seu auxílio. Trancaram todas as portas para que ninguém fugisse e atearam fogo à casa, de modo que o feiticeiro e toda a sua turma acabaram queimados vivos dentro dela.

Os gnomos

Houve, uma vez, um sapateiro que, não por sua culpa, ficara tão pobre que só lhe restava couro para um único par de sapatos.

À noite, cortou o couro para fazer os sapatos no dia seguinte, e, como tinha a consciência tranquila, deitou-se na cama, encomendou-se ao bom Deus e dormiu sossegadamente.

Pela manhã, após recitar as orações, dirigiu-se à mesa para trabalhar, mas deparou com os sapatos já prontos. Ele admirou-se e não sabia o que pensar a este respeito. Pegou nas mãos os sapatos para observá-los mais de perto e viu que estavam perfeitos, não havia um único ponto errado. Eram, realmente, uma obra-prima.

Logo depois, chegou um comprador. Os sapatos lhe agradaram tanto, que pagou muito acima do preço. Com esse dinheiro, o sapateiro pôde comprar couro para dois pares de sapatos.

À noite, cortou o couro para fazê-los, com melhor disposição, no dia seguinte, mas não foi preciso. Quando se levantou pela manhã, os sapatos já estavam prontos, e não faltaram compradores que lhe deram tanto dinheiro que lhe permitiu comprar couro para quatro pares de sapatos.

De manhã cedo, ao levantar-se, encontrou prontos também esses. E assim prosseguiam as coisas: o que ele cortava à noite, encontrava feito de manhã. Dessa maneira, melhorou muito de situação e acabou ficando abastado.

Ora, aconteceu que uma noite, pouco antes do Natal, o sapateiro preparou e deixou cortados os sapatos. Antes, porém, de ir para a cama, disse à mulher:

— Que tal se ficássemos acordados esta noite para ver quem é que nos auxilia tão generosamente?

A mulher concordou alegremente e foi acender uma luz. Depois, esconderam-se atrás das roupas dependuradas nos cantos da sala e ficaram aguardando atentamente.

Ao dar meia-noite, chegaram dois graciosos gnomos completamente nuzinhos, sentaram-se à mesa de trabalho, pegaram o couro preparado e, com seus dedinhos ágeis, puseram-se a furar, a coser e a bater com tanta rapidez que o sapateiro não conseguia despregar os olhos de admiração.

Não pararam enquanto não ficou tudo pronto. Depois deixaram os sapatos acabadinhos sobre a mesa e, rápidos, saíram saltitando porta afora.

Na manhã seguinte, a mulher disse:

— Os gnomos nos enriqueceram, devemos demonstrar-lhes nossa gratidão. Eles andam por aí sem nada no corpo e devem ficar gelados de frio. Queres saber uma coisa? Vou coser para eles uma blusinha, um gibão, um colete e um par de calçõezinhos. Farei também um par de meias para cada um. Tu podes acrescentar os sapatinhos.

O marido respondeu:

— Alegro-me muito com tua ideia.

E à noite, quando tudo ficou pronto, colocaram os presentes no lugar do couro cortado e depois esconderam-se para ver que a reação dos gnomos.

À meia-noite, chegaram eles. Pulando, dirigiram-se à mesa para trabalhar, mas, em vez do couro, encontraram todas aquelas graciosas roupinhas. Primeiro admiraram-se muito, depois manifestaram grande alegria. Com uma rapidez incrível vestiram-se, alisaram as roupas no corpo e puseram-se a cantar:

— Nós somos rapazes elegantes e faceiros,

Para que sermos ainda sapateiros?

E divertiam-se dando cabriolas, dançando e pulando sobre os bancos e as cadeiras. Por fim, saíram, dançando, porta afora.

Desde então não mais voltaram, mas o sapateiro passou muito bem, enquanto viveu, e teve sempre muita sorte em tudo que empreendia.

SEGUNDO CONTO

Houve, uma vez, uma pobre criada, muito asseada e trabalhadeira. Todos os dias, varria a casa e jogava o lixo num monturo, em frente à porta.

Certa manhã, estava para começar o trabalho quando encontrou uma carta. Como não sabia ler, pôs a vassoura num canto e levou a carta à sua patroa. Era um convite dos gnomos para que servisse de madrinha a um menino.

A moça não sabia que fazer, mas como lhe haviam dito que essas coisas não podem ser negadas, ela consentiu. Então, os gnomos vieram buscá-la e a conduziram à caverna de uma montanha onde moravam.

Tudo lá era minúsculo mas gracioso e luxuoso até mais não poder. A gestante estava deitada numa cama de ébano incrustada de pérolas. As cobertas eram bordadas a ouro, o berço era de marfim e a banheira de ouro.

A moça serviu de madrinha, depois quis voltar para casa, mas os gnomos

instaram com ela para que ficasse mais três dias com eles. Ela ficou e passou os dias muito alegre, divertindo-se bastante, e os gnomos cobriraram-na de gentilezas.

Finalmente, decidiu voltar para casa. Os gnomos, então, encheram-lhe os bolsos de ouro e a reconduziram para fora da montanha.

Quando chegou à casa, quis retomar o trabalho, pegou na vassoura, que ainda estava no canto, e começou a varrer. Neste instante apareceram de dentro da casa algumas pessoas estranhas e perguntaram-lhe quem era e o que desejava.

Então ela compreendeu que ficara, não três dias como julgara, mas sim sete anos na caverna dos gnomos, e, durante esse tempo, seus antigos patrões haviam falecido.

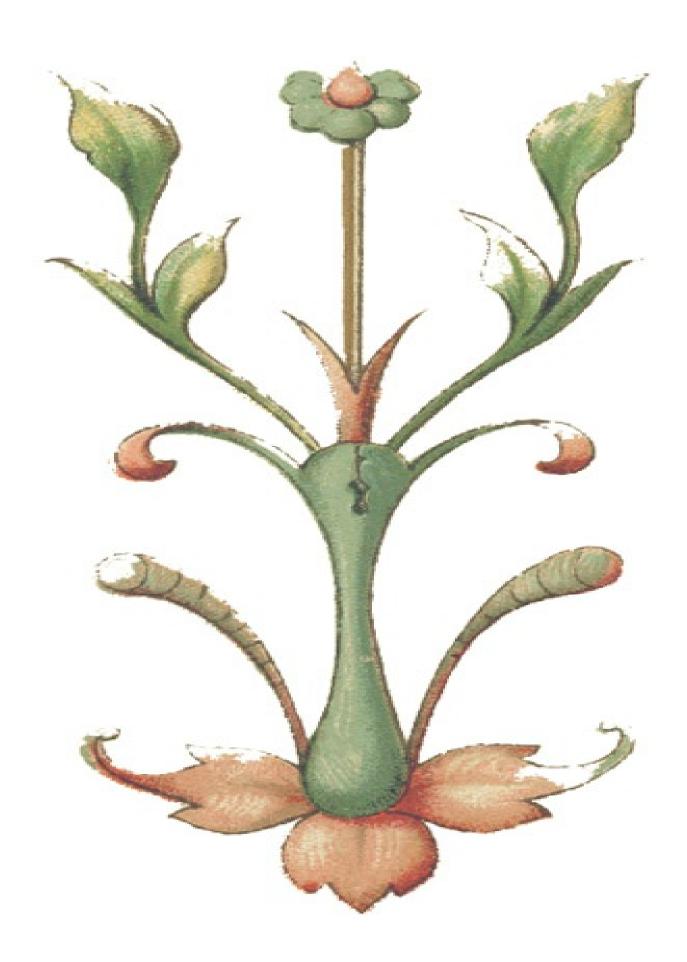
TERCEIRO CONTO

Os gnomos roubaram uma criança de uma mãe e no berço desta puseram um monstro que tinha uma cabeça enorme e dois olhos bovinos, e que não parava nunca de comer e de mamar. Desesperada, a pobre mãe foi pedir conselho à vizinha. Esta aconselhou-a a levar o monstrengo à cozinha e aí sentá-lo sobre o fogão, acender o fogo e fazer ferver água em duas cascas de ovo: assim o faria rir e, quando ele risse, tudo se acabaria.

A mulher fez o que lhe aconselhou a vizinha. Quando pôs no fogo as cascas de ovo cheias de água, disse o mostrengo:

— Bem velho eu sou,
como o mundo, meu povo,
mas nunca vi
cozinhar em casca de ovo!

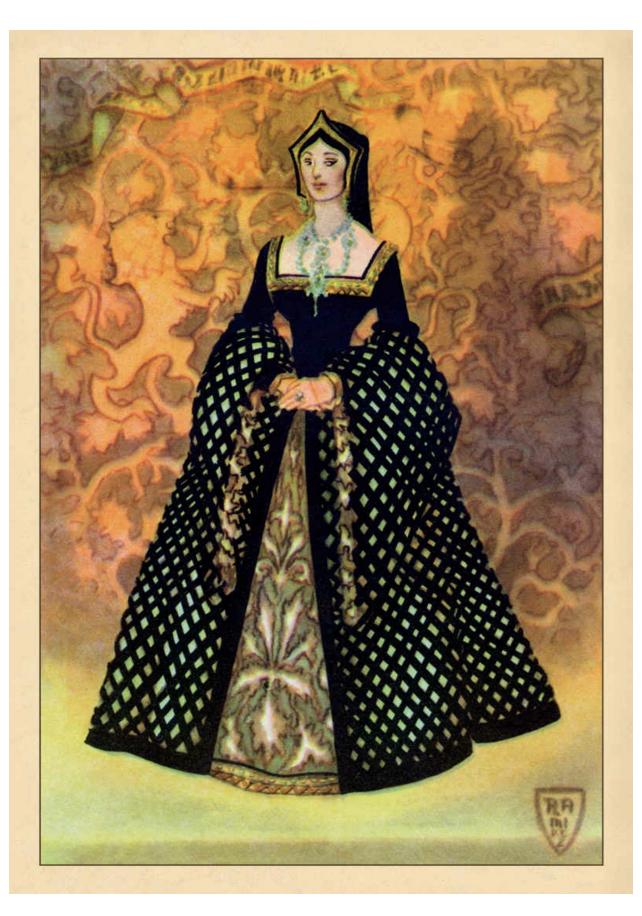
E caiu na gargalhada.

Enquanto estava rindo, surgiu um bando de gnomos trazendo a criança legítima. Puseram esta sobre o fogão e carregaram consigo o monstrengo.

O ouriço-do-mar

Era uma vez uma princesa que morava num castelo no qual havia uma torre altíssima e, sob a muralha que a coroava, havia uma sala com doze janelas que dominavam todo o horizonte.

Quando a princesa subia até lá, abraçava com o olhar todo o seu reino. Da primeira janela, enxergava mais do que os outros, da segunda um pouco mais, da terceira, com maior nitidez ainda e assim por diante, até a décima segunda, da qual se via tudo o que existia sobre a terra e debaixo dela. E nada, nada lhe passava despercebido.

A princesa era, porém, muito orgulhosa e não queria se casar com ninguém, para assim reinar sozinha. Portanto, um dia, publicou um decreto, anunciando que só se casaria com o homem que conseguisse esconder-se tão bem que lhe fosse impossível descobri-lo. Se alguém, no entanto, aceitasse a prova e fosse descoberto, sua cabeça seria cortada e exposta numa vara comprida.

Em frente do castelo já havia noventa e sete varas exibindo noventa e sete cabeças espetadas. Por isso, passou muito tempo sem que se apresentasse mais um pretendente. A princesa estava muito satisfeita e pensava: “Assim viverei livre e feliz o resto da minha vida!”

Eis que, um belo dia, apresentaram-se três irmãos, dizendo que desejavam tentar a sorte.

O mais velho achou que estaria bem seguro escondendo-se dentro de um forno de cal, mas ela o descobriu logo da primeira janela. Mandou que o tirassem do esconderijo e lhe cortassem a cabeça.

O segundo irmão escondeu-se muito bem dentro da adega do castelo, mas esse ela também descobriu da primeira janela e foi liquidado. Sua cabeça foi guarnecer a nonagésima nona vara.

Então, apresentou-se o mais moço dos três. Ele pediu à princesa que lhe concedesse um dia para refletir e que tivesse compaixão e lhe desse mais duas chances se acaso o descobrisse. Se também na terceira vez não obtivesse êxito, a vida não mais lhe interessaria. O moço era tão bonito e lhe suplicou tanto, que ela cedeu, dizendo:

— Concedo-te o que me pedes, mas sei que a sorte não te favorecerá.

No dia seguinte, o moço refletiu longamente onde se esconderia, mas nada lhe ocorreu. Desanimado, pegou a espingarda e foi caçar. Nesse momento, avistou um corvo, apontou-lhe a espingarda e já ia apertar o gatilho quando a ave gritou:

— Não atires. Eu te recompensarei!

O moço abaixou a espingarda e continuou a caminhar. Um pouco depois, chegou à beira de um lago e viu um enorme peixe que subira à tona e descansava à superfície da água. Apontou a espingarda e, quando ia atirar, o peixe gritou-lhe:

— Não atires. Eu te recompensarei!

Deixando o peixe mergulhar tranquilamente, o moço seguiu seu caminho e, logo mais adiante, encontrou uma raposa mancando de uma perna. Atirou nela, mas falhou. Então a raposa disse:

— Vem antes tirar-me o espinho que tenho no pé.

O moço obedeceu mas, depois, queria matá-la e tirar-lhe o couro. A raposa então falou:

— Deixa disso! Verás como te recompensarei!

O rapaz deixou-a em paz e, sendo já tarde, regressou à casa.

No dia seguinte, ele tinha que se esconder. Porém, por mais que quebrasse a cabeça, não conseguiu pensar em um lugar adequado. Foi dar uma volta pela floresta e lá encontrou o corvo.

— Poupei-te a vida — disse-lhe —, agora tens de me ensinar onde posso me esconder para que a princesa não me encontre.

O corvo inclinou a cabeça e meditou certo tempo, por fim gritou:

— Achei!

Pegou um ovo do ninho, partiu-o ao meio e trancou dentro o rapaz. Em seguida, tornou a grudar bem a casca, recolocou-o no lugar e acocorou-se em cima.

Quando a princesa se debruçou na primeira janela, não conseguiu descobrir o moço e não o avistou nem nas janelas seguintes. Já começava a se desesperar quando, da décima primeira janela, o descobriu. Mandou matar o corvo e apanhar o ovo. Depois partiu-o e fez sair o moço, dizendo-lhe:

— Agora você só tem mais duas chances.

No outro dia, o moço foi até a beira do lago, chamou o peixe e disse-lhe:

— Eu te poupei a vida. Agora tens que me ensinar onde devo me esconder para que a princesa não me descubra.

O peixe pensou um pouco e depois disse:

— Achei! Vou te esconder dentro da minha barriga!

Engoliu o moço, inteirinho, e mergulhou para o fundo do lago.

A princesa debruçou-se nas janelas e chegou até a décima primeira sem descobri-lo. Já começava a se desesperar quando finalmente o avistou da décima segunda. Então, mandou apanhar o peixe e arrancar o jovem de dentro dele.

Qualquer um pode muito bem imaginar com que cara ele ficou! Ela, porém, disse-lhe:

— Essa foi sua segunda chance, tua cabeça está destinada a figurar na centésima vara.

Chegando o último dia da prova, o rapaz ia andando pelo campo com o coração apertado e, de repente, encontrou-se com a raposa.

— Tu, que sabes todos os recantos da floresta, ajuda-me. Eu te poupei a vida, agora aconselha-me: onde devo esconder-me para que a princesa não possa me encontrar?

— Não é assim tão fácil! — respondeu a raposa pensativa. Por fim exclamou:

— Achei!

Conduziu o rapaz até a beira de uma fonte, mergulhou e saiu transformada em vendedor ambulante. O jovem teve de fazer o mesmo: mergulhou na fonte e saiu transformado em ouriço-do-mar.

O vendedor ambulante foi para a cidade, exibindo o gracioso animalzinho. Toda a gente corria para vê-lo, até mesmo a princesa, que gostou tanto dele

que o comprou, pagando-o muito bem. Antes de entregar à princesa o bichinho, o vendedor sussurrou-lhe rapidamente:

— Quando a princesa se debruçar à janela, coloque-se no meio das suas tranças.

E na hora da princesa ir à janela para descobrir o rapaz, ela foi passando de uma para outra até a décima primeira e nada viu. Chegando à décima segunda, também não o descobriu. Então, alarmada, furiosa mesmo, ela bateu a janela com tal violência que os vidros das doze janelas caíram em mil pedaços e o castelo inteiro estremeceu.

Desesperada para sair da torre, sentiu o bichinho emaranhado no seu cabelo. Furiosa, agarrou-o e atirou-o ao chão, gritando:

— Vai embora, desaparece da minha frente!

O bichinho saiu correndo e foi ter com o vendedor ambulante, e os dois mergulharam novamente na fonte, retomando seus verdadeiros aspectos. O rapaz agradeceu muito o serviço prestado pela raposa e disse:

— É preciso que se diga: o corvo e o peixe não tiveram competência para me esconder. Só tu possuis verdadeiramente a arte da malícia!

Em seguida, dirigiu-se ao castelo. A princesa já o esperava, conformada com seu destino. Pouco depois o casamento foi celebrado e ele passou a ser o rei e senhor de todo aquele reino.

O príncipe jamais contou à princesa onde tinha se escondido na terceira vez nem quem o havia auxiliado. Assim ela pensava que ele fizera tudo graças à sua própria sabedoria e respeitava-o muito, pensando sempre:

“Este é mais sabido do que eu!”

O pobre e o rico

Em tempos muito remotos, quando o bom Deus ainda andava pela terra entre os homens, certa tarde, após ter caminhado muito, sentiu-se cansado e a noite o surpreendeu antes que pudesse encontrar uma estalagem. Foi assim que, viu lá ao longe, na estrada, duas casas: uma grande e luxuosa, outra pequena e de aspecto mesquinho; uma se defrontava com a outra de cada lado da rua. Nosso Senhor, então, pensou: “Vou pernoitar na casa do rico, pois a ele não serei um peso.”

Dirigiu-se, pois, para a casa luxuosa e bateu na porta. O rico saiu à janela e perguntou ao viandante o que desejava. Nosso Senhor respondeu:

— Venho pedir-vos pousada para esta noite.

O rico olhou de cima a baixo o viandante e, como o bom Deus vestia-se com a máxima modéstia e não tinha aspecto de alguém com os bolsos recheados, julgou-o um mendigo. Balançou a cabeça em negativa, dizendo com altivez:

— Não posso hospedar-vos, meus aposentos estão cheios de ervas e sementes até o teto. Além disso, se tivesse de alojar todos os que vêm bater à minha porta, eu acabaria por ter de pegar num cajado e sair a mendigar. Ide procurar abrigo em outro lugar.

Assim dizendo, bateu a janela, deixando o bom Deus no meio da rua. Então, Nosso Senhor virou-lhe as costas e dirigiu-se à casinha modesta da frente. Bateu de leve na porta e imediatamente surgiu o pobre na janelinha. Depois, correu a abrir a porta, convidando o cansado viandante:

— Ficai aqui comigo esta noite — disse ele amavelmente —, já está muito escuro e não vos convém continuar o caminho.

Tal acolhida agradou visivelmente o bom Deus, que aceitou entrar na casinha. A mulher do pobre deu-lhe a mão, saudando-o gentilmente:

— Sede bem-vindo a esta casa — disse-lhe —, que estivesse à vontade. Infelizmente, não temos muito a oferecer, mas o pouco que temos oferecemos de todo o coração.

Foi, depressa, botar algumas batatas a cozer e, enquanto cozinhavam, ordenhou a cabra a fim de poder oferecer, também, um pouco de leite. Posta a mesa, Nosso Senhor sentou-se e comeu com eles, achando deliciosa aquela humilde refeição, porque tinha ao seu lado rostos alegres e gentis.

Após o jantar, na hora de dormir, a mulher chamou o marido para um canto, dizendo-lhe:

— Ouve, meu caro, esta noite iremos dormir no palheiro para que o pobre viandante possa deitar-se em nossa cama e repousar tranquilamente. Andou o dia todo, deve estar bem cansado!

— Com o maior prazer — disse o marido — vou oferecer-lhe nossa cama.

Dirigiu-se ao bom Deus pedindo-lhe que dormisse na cama do casal, desejando que repousasse bem. Nosso Senhor não queria privar o casal da cama, mas ambos insistiram tanto que, por fim, ele aceitou e deitou-se. Os dois, então, arrumaram um pouco de palha no chão e repousaram.

No dia seguinte, levantaram-se de madrugada e prepararam o café da manhã para o hóspede, da melhor maneira possível. Quando o sol brilhou, dardejando raios pela janela, Nosso Senhor levantou-se, tomou a refeição matinal com eles e preparou-se para seguir caminho. Na soleira da porta, voltou-se para eles, dizendo:

— Como sois tão bondosos e caridosos, desejai três coisas e eu vô-las concederei.

O pobre disse, humildemente:

— O que mais posso desejar se não a salvação eterna e que nós ambos, enquanto vivermos, tenhamos saúde e possamos ter sempre o pão de cada dia? Quanto à terceira coisa, realmente não saberia o que desejar!

O bom Deus, então, disse:

— Não desejas trocar esta casa velha por uma nova?

— Ah, sim — respondeu o pobre —, se isto fosse possível, ficaria bem contente.

Então, Nosso Senhor realizou aqueles três desejos. Transformou a casa velha em outra completamente nova, abençoou-os de novo e partiu.

O sol já ia alto quando o rico levantou-se da cama. Saiu à janela e viu do outro lado da rua, exatamente onde antes havia a feia choupana, uma linda casa nova, toda garrida com o telhado vermelho. Arregalou os olhos, chamou sua mulher e perguntou:

— Dize-me cá, que foi que aconteceu? Ontem à noite ainda estava ali a velha e mísera choupana e hoje vejo uma linda casa nova. Vai lá depressa, informa-te como isso aconteceu.

A mulher foi à casa do pobre e tanto especulou que o homem acabou contando:

— Ontem à noite chegou aqui um viandante pedindo abrigo até hoje. Pela manhã, ao despedir-se, fez questão de presentear-nos com três coisas: a salvação eterna da nossa alma e boa saúde durante a nossa vida, o pão de cada dia, e, finalmente, deu-nos também esta bela casa em troca da velha.

A mulher do homem rico voltou correndo para casa e contou tudo ao marido. Este disse:

— Eu deveria me enforcar! Ah, se o tivesse adivinhado! Esse viandante veio primeiro bater aqui, querendo pernoitar em nossa casa e eu, tolo, mandei-o embora.

— Depressa, anda — disse a mulher —, monta a cavalo e talvez ainda o alcances. Se os alcançares, deves pedir-lhe tu, também, três coisas.

O rico seguiu o conselho, que achou ótimo. Partiu a galope no cavalo e conseguiu alcançar o bom Deus. Falou-lhe com a maior amabilidade e cortesia, pedindo-lhe que não levasse a mal se não o havia recebido na noite anterior. Procurava a chave da porta e enquanto isso ele se fora à outra casa. Agora, pedia-lhe que, ao tornar a passar por aí, se hospedasse em sua casa.

— Sim — respondeu o bom Deus —, se voltar, aceitarei de bom grado o vosso convite.

Então, o rico perguntou se não poderia ele também exprimir três desejos, como fizera seu vizinho.

— Podeis, sim — disse Nosso Senhor —, mas não acho conveniente. É bem melhor não me pedir nada.

O rico retrucou que, de qualquer maneira, pediria alguma coisa que só lhe

favorecesse a felicidade, desde que tivesse a certeza de ser atendido.

Então, o bom Deus lhe disse:

— Volta para casa. Os três desejos que formulares serão realizados.

Tendo obtido o que desejava, o rico encaminhou-se de regresso à casa e ia refletindo no que devia desejar. Enquanto ia assim perdido em reflexões, deixou cair as rédeas e o cavalo pôs-se a pinotear, perturbando-lhe as ideias, de maneira que as não podia coordenar. Deu umas palmadinhas no pescoço do cavalo, dizendo:

— Quieta, Lisa, quieta!

Mas o cavalo empinou-se, levantando as patas dianteiras para o alto. O homem, então, irritou-se e gritou num assomo de impaciência:

— Minha vontade é que quebres o pescoço!

Nem mal acabou de o dizer, o cavalo caiu pesadamente ao chão. Estava morto e bem morto. Assim, realizara-se o primeiro desejo. Mas, sendo o homem extremamente avarento por natureza, não quis largar ali os arreios. Tirou-os do cavalo, colocou-os às costas e foi andando a pé. “Restam-me ainda dois desejos a formular”, cogitava ele a título de consolação. Assim, caminhando lentamente pela poeira da estrada com o sol abrasador do meio-dia, ficou acalorado e de mau humor. A sela pesava-lhe nas costas e ainda não lhe ocorrera qual seria o segundo desejo. “Mesmo que eu deseje todos os reinos e todos os tesouros da terra — pensava ele —, sempre me faltará alguma coisa, isto ou aquilo, já sei de antemão. Quero agir de maneira que nada mais tenha a desejar neste mundo”. Deu um grande suspiro e disse:

— Ah, se eu fosse aquele camponês da Baviera que também dispunha de três desejos! Esse fulano soube ajeitar as coisas. Primeiro desejou muita cerveja, depois tanta cerveja quanto pudesse beber e, finalmente, ainda um tonel de cerveja.

Em dados momentos, parecia-lhe ter encontrado o que queria, mas logo achava que era pouco. Nesse momento, ocorreu-lhe que a mulher, em casa, estava feliz e tranquila, sentada numa sala fresquinha, comendo com o melhor apetite. Tal lembrança o encheu de despeito e irrefletidamente disse:

— Bem gostaria de vê-la sentada nesta sela, sem poder descer, em vez de estar eu aqui carregando este peso às costas!

Nem bem lhe saíra da boca a última palavra e a sela desapareceu-lhe das costas. Ele percebeu que também o segundo desejo se realizara. Então, sentiu ainda mais calor e deitou a correr, pensando em recolher-se ao quarto, muito só, e lá cogitar algo bem grande para o seu terceiro desejo. Porém, quando

chegou em casa e abriu a porta, viu, no centro da sala, a mulher encarapitada sobre a sela, sem poder descer, a chorar e a gritar assustada.

Então, ele lhe disse…

— Acalma-te! Contanto que fiques aí sentada quietinha, pedirei para ti todos os tesouros do mundo.

Ela, porém, chamou-o de idiota, acrescentando:

— De que me servem todos os tesouros do mundo se fico grudada nesta sela? Desejaste que eu ficasse aqui, agora tens de me ajudar a sair.

Quisesse-o ou não, ele teve que exprimir o terceiro desejo, isto é, que a mulher pudesse descer e libertar-se da sela. O desejo foi imediatamente realizado.

Assim, de toda aquela história ele nada mais lucrou que aborrecimentos, canseira, injúrias e ainda por cima um cavalo perdido. O casal de pobres, porém, viveu feliz e sossegado em plena piedade até o bem-aventurado fim, quando já eram muito, muito velhos.

O alfaiatinho intrépido

Era uma vez uma princesa muito orgulhosa.Qualquer pretendente que se apresentasse, ela o submetia a adivinhar charadas e, se ele não adivinhasse, o botava para fora, ridicularizando-o sem piedade.

Certo dia, ela decretou que só se casaria com quem decifrasse um enigma proposto por ela. Qualquer pessoa poderia tentar solucioná-lo.

Por acaso, três alfaiates se encontraram. Os dois mais velhos pensavam que, como sabiam fazer tantos pontos tão complicados, haviam de saber também decifrar o enigma. O terceiro alfaiate parecia um tolo, incapaz de qualquer coisa, até mesmo de fazer o próprio ofício, mas confiava na sorte e achava que talvez ela lhe sorrisse. Porém, os mais velhos lhe advertiram:

— Fica em casa. Com o pouco juízo que tens, não conseguirá nada.

O pequeno alfaiate, todavia, não se perturbou e chegou mesmo a apostar a cabeça que se sairia muito bem. Portanto, foi mundo afora, como se o mundo fosse dele.

Finalmente, chegaram os três ao castelo e apresentaram-se à princesa para que lhes desse o enigma a decifrar. Eles eram exatamente as pessoas indicadas para isso, pois possuíam uma inteligência tão fina que podia ser enfiada numa agulha. A princesa disse-lhes:

— Tenho na cabeça cabelos de duas espécies. De que cor são eles?

— Se é só isso — disse o mais velho —, devem ser brancos e pretos.

— Errado! Responda o segundo — disse a princesa.

Então este respondeu:

— Se não for branco e preto, é castanho e ruço, da cor do casaco de meu pai.

— Erradíssimo! — exclamou a princesa. — Responda o terceiro. Vejo pelo jeito que esse acertará.

O pequeno alfaiate adiantou-se atrevidamente e disse:

— A princesa tem na cabeça um cabelo de prata e outro de ouro. São essas as duas cores.

Ao ouvir a resposta, a filha do rei empalideceu e quase desmaiou de susto, porque o rapaz acertara de verdade, enquanto ela estava plenamente convencida de que ninguém no mundo acertaria. Recompondo-se, disse ao

pobre alfaiatinho:

— Embora tenhas acertado, ainda não me conquistaste. Terás que fazer outra coisa. Lá embaixo, perto da estrebaria, há um urso, e tu deves dormir uma noite com ele. Amanhã, quando me levantar, se ainda estiveres vivo, então casarás comigo.

Pensava, por esse meio, livrar-se do importuno, porque o urso feroz nunca deixara ninguém sair vivo de lá e foram muitos os que lhe caíram nas garras. O pequeno alfaiate, porém, não se impressionou e disse muito satisfeito:

— Quem não arrisca não petisca!

Quando anoiteceu, o nosso jovem intrépido foi conduzido para o local onde estava o urso. Este, ao vê-lo, quis logo atirar-se sobre ele e dar-lhe as boas-vindas com as garras.

— Calma, calma! — disse o alfaiate. — Senão te acalmarei eu!

E muito sossegadamente, como se não temesse coisa alguma, tirou do bolso algumas nozes, partiu-as entre os dentes, comendo-lhes o miolo. Vendo isso, o urso ficou com desejo de comer nozes. Então o alfaiate procurou nos bolsos, tirou um punhado delas e deu-as ao urso. Porém, não eram nozes, eram pedras. O urso, muito guloso, meteu-as na boca, mas por mais que apertasse os dentes não conseguia parti-las. “Ah — pensava ele —, és mesmo um tolo! Nem sequer sabes partir nozes!” Chamou em seu auxílio o pequeno alfaiate:

— Por favor, parte-as para mim.

— Ora, vejam só! — disse o alfaiate. — Tens uma boca enorme e não podes sequer partir uma noz!

Pegou as pedras e, bem rapidamente, trocou-as por nozes, pondo uma na boca. Apertou os dentes e, crac, partiu-a pela metade.

— Vou tentar mais uma vez — disse o urso —, acho que agora aprendi.

O pequeno alfaiate deu-lhe novamente pedras, e o urso tornou a morder com todas as forças. Naturalmente, já sabem que não conseguiu parti-las.

O alfaiate, então, tirou um violino que trazia sob o casaco e pôs-se a tocar uma música. O urso não pôde conter-se e se pôs a dançar. Dançou bastante e, tomando gosto pela coisa, disse ao alfaiate:

— Escuta, é muito difícil tocar violino?

— Ora, é um brinquedo de criança. Olha, coloco aqui os dedos da mão esquerda, com a direita vou passando o arco e… tralalá, tralalá!

— Eu também gostaria de saber tocar assim — disse o urso. — Poderia dançar todas as vezes que tivesse vontade. Que achas? Podes me ensinar?

— Com todo o prazer— respondeu o alfaiate —, desde que tenhas vocação. Antes, porém, me deixe ver as tuas patas. Tens as unhas muito compridas, é preciso cortá-las um pouco.

O alfaiate foi buscar um torniquete, prendeu-lhe as patas e disse:

— Espere aí enquanto vou buscar a tesoura!

Deixou o urso rosnar à vontade, deitou-se calmamente sobre um molho de palhas que havia num canto e dormiu.

Durante a noite, ouvindo o urso ganindo daquele jeito, a princesa julgou que o fizesse de alegria por ter liquidado o pequeno alfaiate. Logo pela manhã, levantou-se alegre e feliz e foi espiar na estrebaria, e eis que viu lá o rapaz vivo e sem nenhum arranhão.

Diante disso, não pôde descumprir a promessa, pois a tinha feito publicamente e não ficava bem voltar atrás. O rei mandou vir uma carruagem e a princesa teve de se casar com o rapaz.

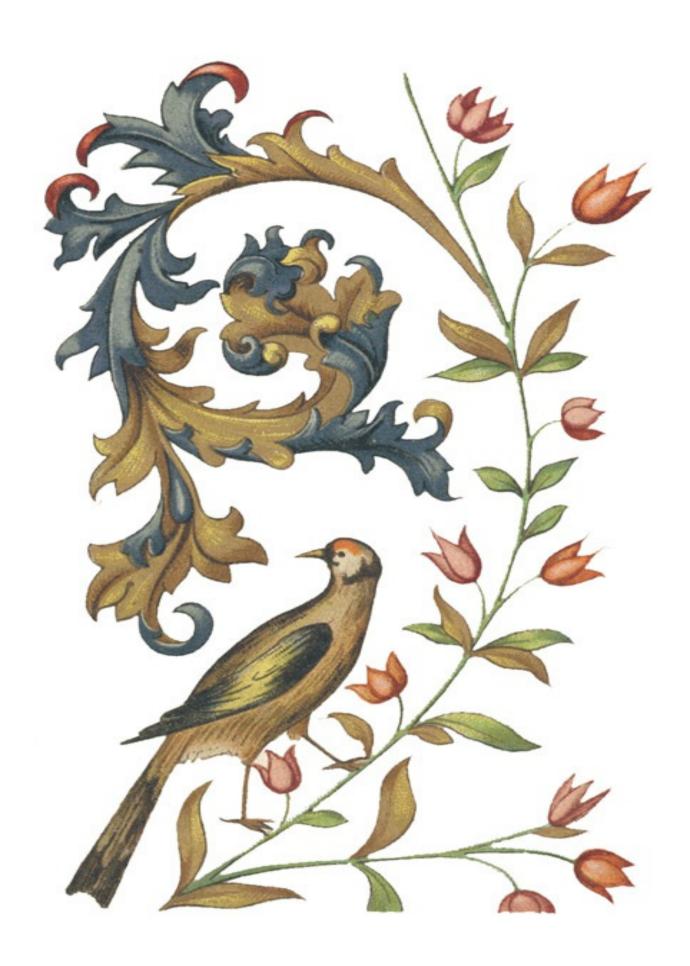
Quando estavam no caminho da igreja, os outros dois alfaiates, que tinham um coração perverso e se roíam de inveja pela felicidade do outro, foram à estrebaria e soltaram o urso. O animal enfurecido saiu correndo atrás da carruagem, e a princesa ouviu-o ganir e arreganhar os dentes. Muito assustada, gritou:

— Olha, aí vem o urso e quer agarrar-te!

O pequeno alfaiate mais que depressa gritou da janelinha:

— Estás vendo o torniquete? Se não fores embora imediatamente, ficas preso outra vez!

Vendo isso, o urso ficou muito assustado, e desatou a fugir.

O nosso pequeno alfaiate prosseguiu tranquilamente no caminho rumo à igreja, casou com a princesa e viveu com ela muitos anos, alegre como uma andorinha.

O ganso de ouro

Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais moço era tão tolo que todos o chamavam de João Bobo. Riam do pobre rapaz e o maltratavam o tempo todo.

Um belo dia, o filho mais velho resolveu cortar lenha na floresta. Antes de partir, a mãe deu-lhe uma deliciosa fritada de ovos e uma garrafa de vinho para que não ficasse com fome e com sede.

Muito satisfeito, o moço entrou floresta adentro e topou com um anãozinho que, após cumprimentá-lo, lhe disse:

— Queres dar-me um pedacinho da tua fritada e um golinho do teu vinho? Estou com tanta fome e tanta sede!

Mas o filho espertalhão respondeu:

— Se dou a ti a fritada e o vinho, nada sobra para mim. Sai do meu caminho!

Deixou o anãozinho e foi-se embora. Mais adiante um pouco, começou a cortar um galho, mas não tardou nada para que, errando o golpe, se ferisse com o machado num braço, tendo de voltar para casa para tratar o ferimento. Aquilo não passava de uma peça que lhe pregara o anãozinho.

Em seguida, o segundo filho quis ir à floresta. A ele também a mãe deu uma bela fritada de ovos e uma garrafa de bom vinho. Entrando na floresta, encontrou o tal anãozinho, que lhe pediu um pedaço de fritada e um gole de vinho, mas este filho também disse com o seu natural bom senso:

— O que der a ti fará falta a mim. Dá o fora, sai da minha frente.

Largou lá o anãozinho e foi para diante. Mas o castigo não se fez esperar: assim que deu alguns golpes numa árvore, feriu a perna com o machado e teve de ser levado para casa.

Então o menor dos três pediu que o deixassem ir:

— Meu pai, deixa-me ir essa vez à floresta cortar lenha!

— Teus irmãos já se feriram — respondeu-lhe o pai. — Agora queres ir tu, que não sabes fazer coisa alguma.

Mas João Bobo tanto insistiu que o pai acabou por dizer:

— Pois bem, vai! Assim aprenderás sozinho.

A mãe deu-lhe um pão assado nas brasas e uma garrafa de cerveja azeda.

Na floresta, ele também encontrou o anãozinho, que o cumprimentou e pediu:

— Dá-me um pedaço do teu pão e um gole da tua cerveja. Tenho tanta fome e tanta sede!

João Bobo respondeu:

— Eu tenho apenas um pão assado nas brasas e cerveja azeda. Se isto te agrada, senta-te aqui e come comigo.

Sentaram-se os dois no chão. Quando João tirou da sacola o pão, este se havia transformado em um bolo delicioso e a cerveja em vinho finíssimo. Comeram e beberam alegremente, depois o anãozinho disse:

— Como tens um coração excelente e repartes de boa vontade o que possuis, quero, por minha parte, que sejas feliz. Lá adiante, há uma velha árvore. Derruba-a e encontrarás algo nas suas raízes.

Assim dizendo, despediu-se e foi embora.

João Bobo derrubou a árvore. Quando ela tombou ao chão, ele encontrou entre as raízes um ganso com penas de ouro puro. Pegou-o e foi passar a noite numa hospedaria não muito longe dali.

O hospedeiro tinha três filhas, as quais, vendo aquele ganso, sentiram curiosidade de saber que pássaro estranho era aquele, e ficaram loucas de vontade de possuir uma de suas penas. A mais velha pensou: "Descobrirei um jeito para arrancar-lhe a pena."

Assim que João Bobo dormiu, a moça pegou o ganso pela asa, mas seus dedos ficaram presos ao ganso. Depois veio a segunda filha, que não pensava senão na pena de ouro. Porém, mal tocou na irmã, ficou também presa. Por fim chegou a terceira, com a mesma intenção. As outras duas logo lhe gritaram:

— Não chegue perto da gente, pelo amor de Deus!

Mas ela logo pensou: "Ora, se elas meteram-se nisso, por que não posso fazer o mesmo?" Aproximou-se correndo e, mal tocou na irmã, ficou presa. Assim tiveram de passar a noite grudadas ao ganso.

Na manhã seguinte, João Bobo pegou o ganso debaixo do braço e foi andando, sem se incomodar com as três moças, que tinham de segui-lo de um lado para outro, conforme lhe dava na telha. Chegando no meio do campo, encontraram o padre que, vendo aquela estranha procissão, disse:

— Ah! Onde já se viu isso! Mocinhas, vocês deviam ter vergonha. Correr pelo campo atrás desse rapaz! Acham isso certo?

Dizendo isso, agarrou a mão da mais moça, para puxá-la, mas, assim que esbarrou nela, ficou preso também e teve que correr atrás deles. Nesse

momento, passou o sacristão e viu o padre segurando a moça e correndo com elas. Espantado com aquilo, gritou:

— Senhor padre, aonde vai com tanta pressa? Não se esqueça que temos hoje mais um batizado!

Correu para ele, tentando segurá-lo pela manga da batina, mas também ficou grudado.

Iam todos os cinco assim, correndo como bobos um atrás do outro, quando surgiram dois camponeses com as enxadas no ombro. O padre pediu para que eles os libertassem daquilo, mas assim que os camponeses pegaram no sacristão, também ficaram presos. Agora eram sete a correr atrás do João Bobo.

Pouco depois, eles chegaram a uma cidade onde havia um rei que governava e a cuja filha ninguém jamais conseguira fazer rir. O rei, portanto, havia decretado que só a daria em casamento a quem conseguisse fazê-la rir.

Ao saber disso, João Bobo foi-se apresentar, levando consigo o ganso e toda a comitiva. Quando a princesa viu os sete grudados um no outro, correndo como bobos atrás do ganso, rompeu numa gargalhada sem fim.

Então João Bobo pediu-a em casamento, mas o rei não gostou daquele tipo de genro e criou uma série de dificuldades. Acabou dizendo que, antes de casar com a princesa, ele teria que trazer-lhe um homem capaz de beber todo o vinho da adega.

João Bobo lembrou-se logo do anãozinho, o qual certamente viria em seu auxílio. Foi à floresta, no lugar onde derrubara a árvore, e viu lá um homem sentado, com uma expressão desanimada. João Bobo perguntou-lhe o que o afligia tanto, e o homem respondeu:

— Tenho uma sede enorme e já bebi um barril cheio de vinho, mas continuo sedento.

— Eu te ajudarei a matar a sede — disse João Bobo. — Vem comigo e vai matar a tua sede.

Levou-o à adega do rei e o homem atirou-se rapidamente aos barris e bebeu, bebeu tanto que ficou com as bochechas vermelhas, e, antes que o dia acabasse, tinha terminado com todo o vinho da adega.

João Bobo voltou ao rei, exigindo a noiva, mas o rei se enfureceu ao pensar que esse tonto casaria com sua filha e, então, impôs novas condições. Antes de receber a princesa, teria de trazer-lhe um homem capaz de comer uma montanha de pão.

João Bobo não hesitou. Dirigiu-se logo à floresta e, no mesmo lugar,

encontrou um homem que estava apertando a calça com um cinto e, de mau humor, resmungava:

— Comi uma fornada inteira de pão, mas que adianta isso com a fome que mata? Meu estômago continua vazio e não tenho outro remédio senão apertar cada vez mais o cinto até morrer.

Muito contente com isso, João Bobo disse-lhe:

— Anda, vem comigo! Vai comer como nunca!

Levou-o à corte do rei. Este havia mandado buscar todo o trigo que existia no reino para fazer uma montanha de pão, mas o homem da floresta, colocando-se diante da imensa montanha, pôs-se a comer, a comer, a comer, e, antes de findar o dia, nada mais restava, nem mesmo uma migalha daquele pão todo.

João Bobo pediu pela terceira vez a mão da princesa, mas o rei encontrou outra desculpa. Ordenou que lhe trouxesse um navio que tanto andasse no mar como em terra.

— Se me apareceres num tal navio — disse o rei —, terás imediatamente a mão de minha filha.

João Bobo saiu correndo rumo à floresta e encontrou o velho anãozinho com quem repartira o bolo e o vinho. Este disse-lhe:

— Comi e bebi por ti, agora te darei também o navio. Faço isto porque foste bondoso comigo.

Então, deu-lhe o navio que tanto andava por mar como por terra e, quando o rei o viu, foi obrigado a lhe dar a mão da filha.

Pouco depois realizou-se o casamento, e, mais tarde, tendo morrido o rei, João Bobo herdou o trono e reinou longos anos junto com a esposa, muito felizes e contentes.

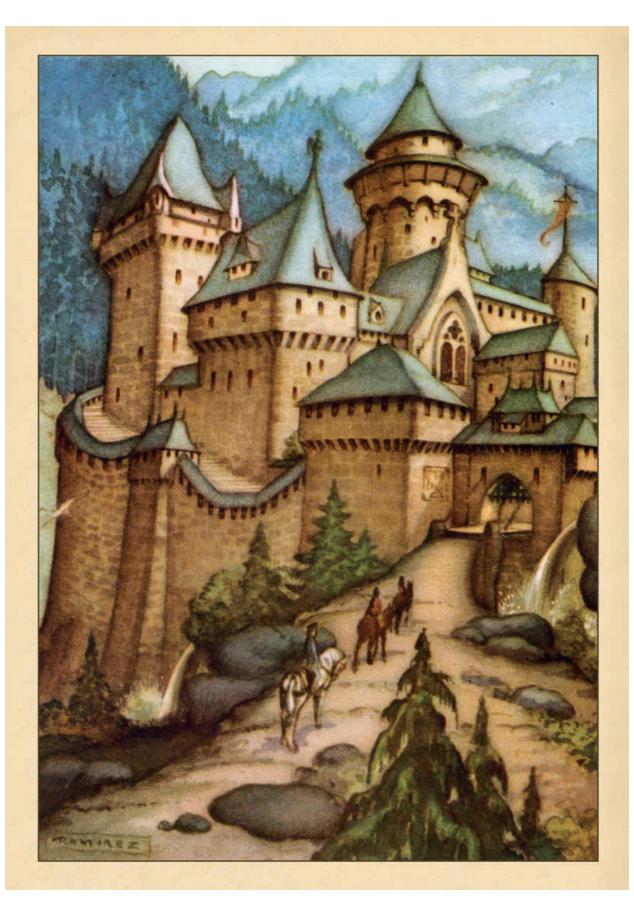
A rainha das abelhas

Era uma vez dois príncipes que saíram em busca de aventuras, mas acabaram caindo numa vida de festas e farras e já não se lembravam de voltar para casa. O irmão menor, a quem todos chamavam João Bobo, saiu à procura dos irmãos. Quando finalmente os encontrou, estes zombaram muito dele e perguntavam como o caçula pretendia vencer na vida, sendo tão tolo. Afinal, eles que eram bem mais espertos nada haviam conseguido.

No dia seguinte, os três seguiram caminho e chegaram a um lugar onde havia um enorme formigueiro. Os dois mais velhos queriam mexer no formigueiro para verem as formigas fugirem apavoradas levando os ovos, mas João Bobo não gostou da ideia:

— Deixem elas em paz! Não permito que vocês façam mal a elas.

Continuaram andando e chegaram a um lago, no qual viram muitas patas nadando. Os dois maiores queriam pegar um par delas para assar, mas João Bobo disse-lhes:

RAMIREZ

— Deixai em paz esses animais. Não vou deixar que vocês os matem.

Finalmente, chegaram a um lugar onde havia grande colmeia. O mel era tão abundante que escorria pelo tronco da árvore. Os dois irmãos queriam acender uma fogueira embaixo para sufocar as abelhas e assim ficar com o mel, mas João Bobo protestou:

— Deixem as abelhas em paz! Não permito que as queimem.

Por fim, chegaram a um castelo. Foram até os estábulos e só encontraram cavalos de pedra e não se via ninguém. Atravessaram todas as salas até a última do fundo, que tinha uma porta com três fechaduras. No meio da porta, havia um furo através do qual podiam ver o que havia no outro quarto. E viram um anãozinho sentado perto de uma mesa. Chamaram por ele uma, duas vezes, mas ele não ouviu. Chamaram-no pela terceira vez e então ele se levantou, abriu-as três fechaduras e, sem dizer uma palavra, os levou até uma mesa ricamente preparada e servida. Após terem comido e bebido muito bem, levou-os cada qual para o quarto de dormir.

Na manhã seguinte, o anãozinho foi até o mais velho, fez-lhe sinal e levou-o até uma lápide, na qual estavam escritas três tarefas para libertar o castelo.

A primeira dizia: recolher as mil pérolas da princesa que estavam perdidas na floresta até o pôr do sol. Se faltasse uma pérola, quem as procurou se transformaria em pedra.

O mais velho procurou durante o dia inteiro mas, na hora do sol se pôr, só havia encontrado cem pérolas e aconteceu o que estava escrito: transformou-se em pedra.

No dia seguinte, foi o do meio tentar a aventura, mas não teve melhor sorte que o primeiro: apenas conseguiu encontrar duzentas pérolas e, assim, também se transformou em pedra.

Por fim, chegou a vez de João Bobo, que foi procurar as pérolas no meio da floresta. Porém, era tão difícil encontrá-las e tão demorado! Acabou desanimando. Então sentou-se numa pedra e começou a chorar. Enquanto estava ali chorando, veio o rei das formigas, às quais ele salvara a vida, acompanhado de cinco mil formigas. Não demorou muito e os bichinhos cataram todas as pérolas, deixando-as amontoadas ali perto.

A segunda tarefa era encontrar a chave do quarto da princesa no fundo do lago. Quando João Bobo chegou junto do lago, as patas que ele salvara chegaram nadando e depois mergulharam e acharam chave. Mas a terceira tarefa era a mais difícil: as três princesas do reino dormiam e elas eram muito parecidas. Não tinham um fio de cabelo que as diferenciasse. Ele precisava

descobrir qual delas era a mais nova.

A única diferença era que, antes de dormirem, cada uma comeu um doce diferente. A mais velha comeu um torrão de açúcar, a segunda um pouco de melado e a terceira uma colherada de mel.

Então, veio a Rainha das Abelhas, com as companheiras, a quem João Bobo livrara da fogueira. Provou o doce dos lábios de cada uma e, por fim, parou naquela que havia comido o mel, assim o príncipe pôde reconhecer a princesa certa.

Com isso, acabou-se o encanto. Tudo e todos despertaram do sono em que estavam mergulhados e quem tinha virado pedra voltou ao aspecto normal.

João Bobo, então, casou-se com a princesa mais nova e, depois da morte do pai dela, tornou-se o rei daquele país. Os dois irmãos também casaram-se com as outras duas princesas e… acabou a história.

A guardadora de gansos da floresta

Era uma vez uma velha bem velhinha, que vivia com um bando de gansos num lugar deserto, no meio das montanhas, onde tinha uma linda casa em uma grande floresta, aonde, amparada por muletas, ia todas as manhãs.

Trabalhava lá horas a fio, com uma força extraordinária para a sua idade: cortava folhas verdes e legumes para os gansos, que gostavam muito disso. Colhia avelãs, pinhões e outros frutos selvagens, e carregava tudo para casa. Era de se supor que tal peso a esmagasse, porém ela carregava-o sem a menor dificuldade. Quando encontrava alguém, cumprimentava muito gentilmente:

— Bom dia, compadre. O dia hoje está bonito!

Naturalmente, todos se admiravam que levasse aquele peso enorme nas costas. Porém, na verdade, a maioria das pessoas tratava de se afastar o mais depressa possível. Os pais recomendavam aos filhos se afastarem do caminho dela, dizendo-lhes:

— Toma cuidado com aquela velha! É uma espertalhona, uma verdadeira bruxa.

Certa manhã, um belo rapaz, vestido como nobre, passou pela floresta. O sol resplandecia, os pássaros cantavam, uma doce brisa agitava as folhas das árvores, e ele caminhava alegre e feliz. Ainda não tinha encontrado ninguém, mas de repente avistou a velha que amarrava o saco onde pusera a comida dos gansos. Ao lado, estavam dois cestos cheios de maçãs e peras agrestes.

— Bom dia, senhora! — disse ele. — Acredita que pode levar toda essa carga?

— Assim é preciso, meu jovem — respondeu ela. — Os ricos não necessitam fazer tais coisas, mas os camponeses precisam trabalhar para ganhar o pão!

Como ele a observava compadecido, a velha perguntou:

— Queres ajudar-me? Tens as pernas fortes. Este saco pesado não te pesará mais que uma pluma. Não tens que ir muito longe. Minha casa fica no alto da colina, a uns quinze minutos daqui.

— Está bem — disse o rapaz rindo. — Na realidade, sou filho de um conde, mas quero provar-te que não são somente os camponeses que dão

duro.

— Se puder me ajudar, me darás grande satisfação — disse a velha —, porque hoje me sinto um pouco cansada. Aliás, na verdade, minha casa fica a uma hora daqui e não quinze minutos, como disse, mas isso que importa! É tão jovem! E pode levar também as maçãs e as peras.

O jovem, depois dessas palavras, fez uma careta, mas a velha não lhe deu tempo de mudar de ideia. Pôs o saco nas costas dele e pendurou os cestos em cada um dos seus braços.

— Vês? — disse ela. — Pesam como uma pluma.

— Ah, não, não são como plumas — disse ele. — Pesam terrivelmente. Eu diria que o saco está cheio de pedras e que esses frutos são de chumbo.

Sua vontade era de largar tudo no chão, mas a velha não lho permitiu.

— Veja só — disse ela zombando —, este belo rapaz não tem força para levar às costas o que eu, pobre velha decrépita, levo todos os dias. São todos iguais, estes filhos de nobres! Conhecem palavras bonitas, mas, quando se trata de cumpri-las, fogem. Por que ficas aí plantado como uma árvore? Vamos, levanta as pernas e ande, porque, fique sabendo, deste fardo agora não podes livrar-te.

Com efeito, o conde sentiu que o saco e os cestos estavam como que grudados ao corpo. Pôs-se a caminho. Enquanto andavam no plano, ainda resistiu; mas quando se tratou de subir a colina, não aguentou. O suor banhava-lhe o rosto, escorrendo pelas costas, quente e frio ao mesmo tempo.

— Senhora — disse ele —, não posso mais. Vou descansar um pouco.

— Nada disso! — respondeu a velha. — Quando chegarmos em casa, poderás descansar à vontade, mas por enquanto tens de ir em frente.

— És um tanto mal-educada, minha velha! — disse o rapaz, e quis de novo deitar ao chão o saco e os cestos. Porém, por mais que se sacudisse, se virasse, nada conseguiu. A velha ria a valer:

— Vamos, não te zangues, meu belo rapaz — disse ela —, a raiva torna-te feio. Estás vermelho como um tomate. Carrega o fardo com paciência, ao chegarmos em casa te darei uma boa recompensa.

O conde, embora mal-humorado e resmungando, acabou se conformando com a sorte e pôs-se a caminho. A velha parecia cada vez mais alegre e a carga, mais pesada. De repente, ela pulou em cima das costas dele, acomodando-se confortavelmente. Pesava, todavia, mais do que uma camponesa gorda. O rapaz sentia os joelhos dobrarem e quase caiu no chão. Penando, gemendo, teve de andar. Quando queria parar a fim de tomar

fôlego, a velha batia-lhe com a muleta nas canelas, gritando: — Arre! Vamos!

Sempre gemendo, ele subiu a colina e chegou à casa da velha, exatamente quando estava para tombar exausto. Quando já estavam chegando, os gansos que andavam por ali em volta, vendo a dona, correram-lhe ao encontro, batendo as asas, esticando o pescoção, abrindo o bico, em suma, fazendo um estardalhaço medonho. Atrás do bando vinha a guardadora de gansos, gorda e feia.

— Minha mãe — disse ela —, como demoraste hoje! Aconteceu alguma coisa?

— Não, minha filhinha, não me aconteceu nada — respondeu a velha —, pelo contrário, tive o prazer de encontrar este belo jovem, que teve a amabilidade de carregar meus sacos e cestos comigo em cima. O caminho não foi longo. Rimos e divertimo-nos o tempo todo.

Finalmente, a velha saltou para o chão, tirou-lhe o saco e os cestos, olhou para ele carinhosamente e disse:

— Agora, meu bom rapaz, podes sentar-te nesse banco e descansar. Mereceste bem a recompensa e não deixarás de tê-la. Quando a ti, minha pequena, vai para casa. És bela e o jovem conde pode apaixonar-se por ti!

O rapaz, apesar de arrasado e pouco disposto a rir, só a muito custo se conteve à ideia de apaixonar-se por aquele monstro, pensando consigo mesmo: “Uma joia dessas, mesmo que tivesse trinta anos menos, não conseguiria conquistar meu coração!”

A velha, depois de acariciar os gansos como se fossem seus filhos, entrou em casa com a filha. O conde deitou-se no banco que estava debaixo de uma árvore. O ar estava morno, suave e perfumado do cheiro de tomilho. Um campo verdejante estendia-se à toda a volta, salpicado de flores. Pouco distante, um riacho cristalino murmurava sob os raios do sol e os gansos brancos passeavam de um lado para outro, indo banhar-se nas águas do riacho.

— É muito bonito aqui! — disse o jovem —, mas estou tão cansado! Vou dormir um pouco, já não posso mais, tenho as pernas quebradas. Parecem desprender-se do corpo e para isso bastaria apenas uma rajada de vento, porque estão mesmo bambas.

Depois de ter dormido mais ou menos uma hora, a velha chegou e sacudiu-o.

— Levanta-te, é hora de partir para que possas chegar à próxima aldeia

antes de anoitecer. Dei-te muito trabalho, é verdade, mas não arrisque a vida. Não posso te hospedar aqui, porém te darei uma coisa que te compensará por tudo.

Entregou-lhe um pequeno estojo, feito de uma só esmeralda, acrescentando:

— Guarda-o com cuidado e serás feliz.

O conde aceitou o presente, pôs-se de pé e, com grande espanto, percebeu que não sentia o menor cansaço. Estava animado e bem-disposto. Agradeceu à velha, despediu-se dela e foi-se embora sem mesmo lançar um olhar à pobre guardadora de gansos. Já ia longe e ainda se ouvia a barulhada dos gansos.

O conde vagou durante três dias por aquela grande floresta até encontrar a saída, porém, acabou saindo pelo lado oposto.

Chegou a uma grande cidade e, sendo desconhecido de todos, o levaram à presença do rei e da rainha, que o receberam no meio da corte, sentados nos tronos.

Ajoelhou-se e ofereceu à rainha o estojo que lhe dera a velha. A rainha aceitou-o, pedindo ao jovem que se levantasse. Porém, mal viu o conteúdo do estojo, desmaiou. Por ordem do rei, os guardas seguraram o conde e o levaram para a prisão, mas logo o trouxeram, pois a rainha, que voltara a si, pediu a todos que se retirassem e a deixassem falar a sós com o jovem conde. Quando ficaram sozinhos, ela rompeu em pranto e disse:

— O que vi neste estojo despertou no meu coração um cruel desgosto. Ah, de que valem a riqueza e as honrarias que me circundam se todas as manhãs desperto em meio à ansiedade e ao sofrimento? Eu tinha três filhas, todas três lindas; a mais jovem, sobretudo, era tão linda que a achavam uma verdadeira maravilha. Sua pele tinha a cor da flor da macieira e os cabelos eram brilhantes como os raios do sol. Com o dom de uma fada, quando chorava, eram pérolas e pedras preciosas que caíam dos seus olhos. Quando completou quinze anos, o rei mandou chamar as três para o pé do trono, e quando apareceu perante a corte reunida, parecia que tinha surgido a aurora. Todos esticavam o pescoço para melhor admirá-las. O rei disse:

"'Minhas boas filhas, todos somos mortais, ninguém conhece o momento da morte. Por isso quero de antemão definir a parte do meu reino que pertencerá a cada uma de vocês quando eu morrer. Sei bem que todas me amam, mas quero saber qual a que tem por mim afeição mais terna. Essa terá uma parte maior do que as outras.'

“A mais velha disse:

“‘Meu pai, amo-vos como os bolos mais doces, mais açucarados.’

“A segunda disse:

“‘Eu vos amo como amo o meu vestido mais bonito.’

“A mais nova mantinha-se calada. Então o rei perguntou-lhe:

“‘E tu, meu tesouro, como é que me amas?’

“‘Não sei exprimir ao certo’ — respondeu ela. — ‘Adoro-o infinitamente, mas não posso comparar a nada o meu amor.’

“O pai, todavia, insistiu para que dissesse qualquer coisa. Por fim ela respondeu:

“‘As comidas mais finas e delicadas não me agradam sem sal. Portanto, amo-vos como ao sal.’

“Ao ouvir essas palavras, o rei, que era muito irritado, zangou-se terrivelmente e disse:

“‘Ah, faltas-me ao respeito! Já que preferes o sal a tudo, terás tanto sal quanto puderes levar. Meu reino será partilhado igualmente entre as tuas irmãs.’

“Depois, apesar das lágrimas e súplicas de todos os que cercavam, o rei fez prender às costas da pobre criança um saco de sal e mandou que a levassem para a floresta virgem que fica na fronteira do nosso reino. Quanto chorou a pobre pequena por ter que nos deixar! E chorou e lamentou-se durante todo o caminho, não por ter perdido a herança paterna, mas por ver-se separada dos pais e das irmãs, a quem muito amava. Trouxeram-me um cesto cheio de pérolas que caíram dos seus olhos.

“No dia seguinte, a fúria do rei acalmou-se e ele arrependeu-se amargamente de ter dado aquela ordem insensata. Mandou procurar a menina por toda a floresta, mas não descobriram nenhuma pista.

“Os lobos ou outros animais ferozes a devoraram? Essa ideia encheu meu coração de angústia e sofrimento. Prefiro pensar que tenha sido recolhida por alguma pessoa caridosa, e o que este estojo contém confirma-me essa suposição. Quando o abri, verifiquei que havia duas pérolas absolutamente iguais às que caíam dos olhos dela quando chorava! Nem sei como explicar a minha emoção ao vê-las. Dizei-me, por favor, como conseguiu essas pérolas?”

O conde lhe contou sua aventura com a velhinha que, segundo ele, podia bem ser uma bruxa, mas não vira a princesa e não ouvira falar nela.

Mesmo assim, a rainha decidiu procurar a velha para saber de onde vinham

aquelas pérolas que, quem sabe, poderiam ser a pista de onde estava a filha querida. O rei declarou que a acompanharia e, no dia seguinte, partiram para a floresta, levando o conde para lhes servir de guia.

Alguns dias depois, a velhinha estava sentada na sua casinha, na clareira da floresta, fiava, fazendo girar o tear. Escurecia, mas alguns gravetos acesos no fogão iluminavam bem o ambiente. De repente, ouviu-se um grande ruído. Eram os gansos que se recolhiam voltando do pasto e grasnando sem parar. Em seguida, entrou também a guardadora de gansos. Saudou a velha e pôs-se a fiar com a esperteza de uma moça. Ficaram assim por volta de uma hora a trabalhar sem trocar uma só palavra. De repente, ouviu-se um ruído na janela e apareceram dois olhos que pareciam de fogo: era uma velha coruja, que gritou três vezes:

— Uh, uh, uh!

— É o sinal — disse a velha. — É hora, minha filha, de ir para o seu trabalho.

A guardadora de gansos levantou-se e saiu sem dizer palavra. E para onde foi? Para uma fonte na entrada da floresta, onde havia três velhos carvalhos. A lua resplandecia em toda a sua claridade por cima das montanhas. Estava tão claro que se podia achar um alfinete no chão.

A guardadora de gansos sentou-se numa pedra, retirou sua máscara, se baixou e lavou o rosto na água. O que aconteceu então? Uma coisa igual nunca se vira! Em vez de uma simples camponesa, via-se agora uma jovem de beleza surpreendente. Tinha a cor da flor de macieira, os cabelos, dourados, brilhavam como o sol e os olhos cintilavam como as estrelas do firmamento.

Porém, a jovem estava muito triste. Sentou-se de novo e começou a chorar amargamente. As lágrimas rolaram pelo chão e, em vez de se perderem na terra, ficavam intactas e refletiam os raios da lua. Estava toda mergulhada na sua dor, e assim teria ficado quem sabe lá quanto tempo, se não fosse um forte ruído nos ramos dos carvalhos. Ela se assustou, estremecendo como um animal ao ouvir os tiros do caçador. Cobriu rapidamente o rosto com a máscara e fugiu a toda pressa. Justamente nesse momento uma nuvem negra escondeu a lua e ela pôde fugir e desaparecer na escuridão.

Chegou em casa trêmula como uma vara verde. A velha estava na soleira da porta e a jovem quis contar-lhe o medo que tivera de ser surpreendida por algum desconhecido. Mas a velha, sorrindo satisfeita, disse-lhe que já sabia o que se passara e levou-a para a sala, acendendo mais gravetos no fogo. Pegou

uma vassoura e pôs-se a varrer e a limpar o chão, enquanto dizia:

— Deve estar tudo limpo e arrumado.

A jovem, muito admirada, perguntou-lhe:

— Ah, mãezinha, por que está limpando a casa a esta hora?

— Sabes que horas são? — perguntou a velha.

— Quase meia-noite — respondeu a jovem.

— Então não te recordas que faz hoje justamente três anos que veio para cá nesta mesma hora? O teu tempo já terminou, agora não podemos mais ficar juntas. Temos que nos separar.

A jovem entristeceu-se e exclamou:

— Ah, querida mãezinha, vais abandonar-me, a mim que não tenho nem casa nem família? Para onde irei? Não te obedeci sempre, não fiz prontamente todos os trabalhos que me mandaste fazer? E os nossos pobres gansos, o que será feito deles? Ah, não me mandes embora!

A velha não quis revelar-lhe o que a aguardava. Disse simplesmente:

— Eu não posso mais continuar aqui. Antes de deixar esta casa quero que tudo fique limpinho e arrumado, portanto não interrompas o meu trabalho. Não tenha medo, encontrarás um outro teto para te abrigares e serás muito recompensada pelo carinho e pela dedicação que tiveste comigo.

— Mas dize-me ao menos o que acontecerá — perguntou ansiosa a jovem.

— Já te disse, não interrompas o meu trabalho. Não perguntes mais. Vai para o quarto, tira essa máscara monstruosa do rosto, veste o lindo traje de seda que vestia quando nos encontramos pela primeira vez na floresta. Depois espera que te chamem.

A jovem, muito comovida, obedeceu sem contestar.

Mas voltemos ao rei e à rainha que tinham deixado o palácio, com o jovem conde, em busca da velhinha na clareira da floresta.

No terceiro dia, o jovem se adiantou dos outros e não conseguiu encontrá-los. Depois de ter vagado algumas horas ao acaso chegou, quando já escurecia, na beira da floresta, avistando uma fonte cercada de três velhos carvalhos. Para se abrigar dos animais selvagens, se escondeu nos ramos dessas árvores, disposto a passar lá a noite.

Já estava instalado, quando, à luz da lua, viu uma pessoa, que reconheceu como sendo a guardadora de gansos, embora não trouxesse a vara na mão.

— Ah — disse ele —, eis aí a camponesa! Se encontrei uma bruxa, estou certo que a outra também não me escapará.

Preparava-se para descer da árvore e conversar com ela, mas se espantou

ao ver que ela retirava a máscara que lhe cobria o rosto e soltava os cabelos dourados. Era tão linda como jamais vira igual no mundo. Deslumbrado, avançou a cabeça por entre a folhagem para admirá-la melhor, mas, ao debruçar-se, os ramos estalaram e, como já contamos, a jovem colocou rapidamente o disfarce e fugiu assustada. E, devido à escuridão, desapareceu aos olhares do conde, sem deixar rastros.

Então desceu da árvore, decidido a segui-la e encontrar a casa. Após alguns momentos, avistou duas sombras que caminhavam pelo terreno e apressou-se para ir ao encontro delas. Eram o rei e a rainha que, tendo visto de longe a luz da casinha, para lá se dirigiam. O conde contou-lhes a maravilhosa aparição que acabara de ver junto da fonte e eles não duvidaram que fosse a filha querida. Transbordando de alegria, apressaram o passo e logo chegaram à casa. Os gansos estavam em roda com as cabeças debaixo das asas, dormindo profundamente. Aproximaram-se e, através dos vidros da janela, viram a velha, que se pusera a fiar depois de ter limpado tudo.

Sentada lá, silenciosamente, ela fiava, fiava, fazendo sim, sim, com a cabeça sem olhar para lado algum. Mas não viram a filha. Ficaram algum tempo olhando com atenção, depois a rainha, que ansiava por ver a filha, bateu levemente à janela. Parecia até que a velha estava os esperando. Levantou-se e, abrindo a porta, disse num tom amável:

— Entrem, sei muito bem quem são vocês!

Quando entraram, ela dirigiu-se ao rei, acrescentando:

— Poderia ter poupado o incômodo desta longa caminhada se há três anos não tivesse, por uma injustiça cruel, abandonado sua filha na floresta. Ela que é tão boa e tão encantadora! Isto não a prejudicou, mas foi preciso, durante todo este tempo, guardar os gansos, assim não aprendeu nada de mal e conservou toda a pureza e inocência do coração. Quanto a você, está suficientemente punido com a angústia e o tormento em que viveu durante esse tempo. Agora acabou-se o sofrimento.

Dirigiu-se até o quarto ao lado e chamou:

— Vem, minha filhinha!

Abriu-se a porta e a princesa surgiu vestida com os trajes da corte. Os cabelos brilhavam como ouro puro, os olhos pareciam dois diamantes, como um anjo do céu. Atirou-se nos braços da mãe, depois abraçou o pai, que chorava de alegria e arrependimento. Nesse instante, avistou o jovem conde ao lado deles e corou como uma framboesa se lembrando do desdém que ele lhe mostrara quando a julgava um monstro.

— Minha filha — disse o rei —, sinto muito ter dividido o meu reino com tuas irmãs mais velhas! Agora, que posso te dar?

— Não é preciso preocupar-se — disse a velha. — Eu recolhi todas as pérolas que ela derramou pensando em vós. São infinitamente mais preciosas do que as que se colhem no fundo do mar e valem bem mais que o vosso reino. Como recompensa dos três anos de trabalho e dedicação, dou-lhe a minha casinha. Embaixo dela, encontrareis um tesouro imenso.

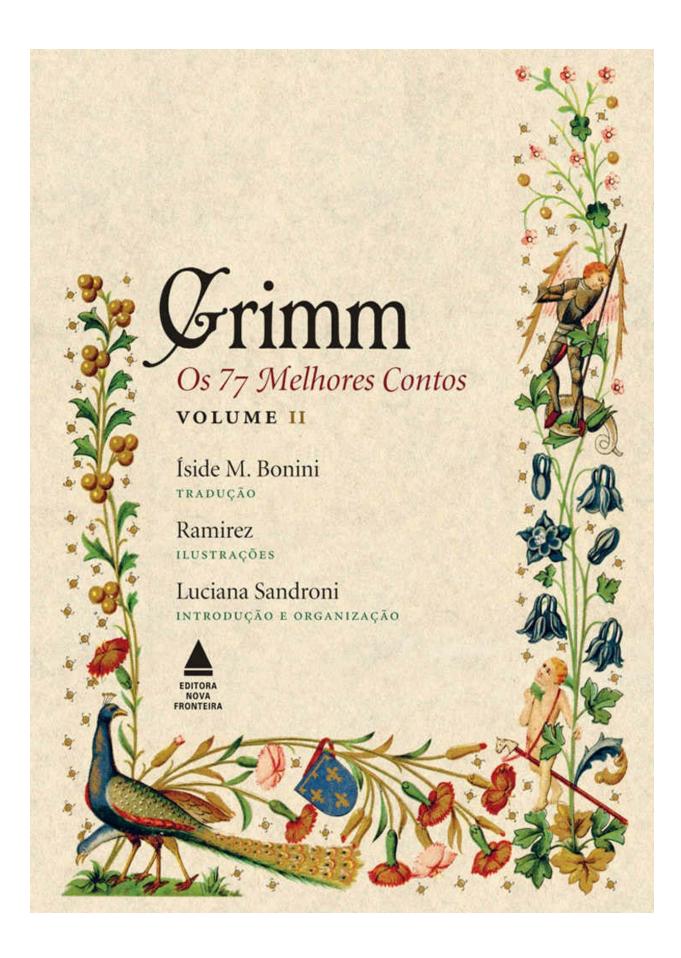
Depois de abraçar a princesa, a velha desapareceu como que por encanto.

Ouviu-se um leve estalo na parede e, quando olharam ao redor, viram que a casinha se transformara num magnífico palácio, com numerosos criados andando de um lado para outro e servindo uma mesa repleta de quitutes deliciosos.

A história não termina aqui, mas minha avó, que me contou, já tinha a memória falha e não se recordava do fim. Fiquei sabendo depois que a bela princesa casara com o jovem conde e que viveram muitos e muitos anos felizes no palácio dado pela velhinha. Quanto aos gansos, se eram todas jovens enfeitiçadas pela velha, nada sei com certeza. O que sei é que retomaram a forma humana e umas foram damas de companhia e outras criadas da princesa.

A velha não era uma bruxa, mas uma fada que só fazia o bem. Foi provavelmente ela a dar à princesa o dom de derramar pérolas em vez de lágrimas.

Hoje, isso não acontece mais, senão os pobres ficariam todos ricos!

Grimm
Os 77 Melhores Contos
VOLUME II
Íside M. Bonini
TRADUÇÃO
Ramirez
ILUSTRAÇÕES
Luciana Sandroni
INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

A sereia do lago

Era uma vez um moleiro que vivia muito feliz com a esposa. Tinham dinheiro e propriedades e a sua prosperidade aumentava de ano em ano.

Mas a desgraça, diz um velho ditado, vem sempre de noite. A sua fortuna, assim como tinha aumentado, voltou a diminuir de ano para ano e chegou o dia em que o moleiro só podia dizer que unicamente o moinho era seu. Ele vivia aflito e quando se deitava, após um dia inteiro de trabalho duro, não conseguia dormir e passava a noite rolando na cama, atormentado pelos desgostos.

Certa manhã, levantou-se antes do amanhecer e saiu de casa para respirar um pouco de ar fresco, imaginando com isso aliviar o coração.

Passeava ele junto à represa do moinho, já iluminado pelos primeiros raios de sol, quando ouviu um pequeno ruído no lago.

Voltou-se e, com grande surpresa, viu uma linda mulher que se elevava, lentamente, das águas.

Os seus longos cabelos, que ela segurava junto à nuca com as mãos delicadas, caíam ao longo dos ombros e cobriam-lhe como um manto de ouro o corpo esbelto, branco como a neve. Percebeu, imediatamente, que era a sereia do lago e, apavorado, não sabia se devia ficar ou fugir.

Mas ela chamou-o com voz doce e suave e perguntou-lhe por que motivo estava assim triste. O moleiro, que tinha emudecido pela surpresa, custou a responder, mas depois, ouvindo-a falar com tanta suavidade, animou-se e contou tudo, isto é, que antes vivia feliz na riqueza, mas agora tornara-se tão pobre que não sabia o que fazer.

— Tranquiliza-te, meu amigo — disse a sereia. — Farei-o ficar mais rico e mais feliz do que jamais foste em tua vida. Apenas exijo, em troca, que me dês o que acaba de nascer em tua casa.

— Que mais poderá ser senão um cãozinho ou um gatinho? — disse para si mesmo, e prometeu cumprir o que ela desejava.

A sereia tornou a mergulhar na água e ele voltou, apressado, para o moinho, cheio de alegria. Ainda não tinha chegado e já a criada saía da casa correndo ao seu encontro para lhe dar a boa-nova de que sua esposa tivera um

filho.

O moleiro paralisou-se como se ferido por um raio. Percebeu que a perversa sereia sabia muito bem o que ia acontecer e o enganara. Portanto, aproximou-se da esposa com a cabeça baixa, não podendo ocultar a angústia; a mulher, notando sua aflição, perguntou:

— Então, não te alegras por termos um menino tão lindo?

O pobre homem não teve remédio senão contar o que acontecera e a promessa maluca que fizera à sereia.

— De nada me servirá agora a riqueza e a prosperidade, se a troco delas tenho que perder meu filho! — acrescentou ele amargamente. — Mas que posso fazer?

Mesmo os parentes que vieram parabenizar o casal não achavam solução.

Entretanto, na casa do moleiro voltou a reinar a sorte e a prosperidade. Suas empresas davam os melhores resultados; parecia que as arcas, os cofres e as gavetas se enchiam sozinhas durante a noite. Não levou muito tempo a tornar-se mais rico do que antes. Mas ele não podia aproveitar a riqueza tranquilamente, porque a promessa feita à sereia lhe dilacerava o coração. Cada vez que passava junto do lago, estremecia, receando que ela viesse à superfície e lhe recordasse a dívida; nesse receio, não permitia nunca que o filho se aproximasse do lago, dizendo-lhe:

— Se puser a mão na água, uma mão misteriosa te agarrará e te puxará para dentro.

Entretanto, os anos foram passando e, como a sereia não aparecia, os moleiros tranquilizaram-se.

O menino cresceu e tornou-se um moço muito bonito e os pais o mandaram para a escola de um caçador a fim de aprender a caçar.

No final do aprendizado, quando se tornou caçador muito hábil, um nobre rico, que habitava na aldeia, o contratou.

Vivia na aldeia uma jovem muito gentil e virtuosa, por quem o rapaz se apaixonou; quando seu patrão soube, presenteou-o com uma linda casinha. Os jovens casaram-se e foram viver na casinha, alegres e felizes, amando-se com grande ternura.

Passado algum tempo, o caçador perseguia certo dia um cabrito montês que saiu da floresta e corria em pleno campo; ele perseguiu-o e disparou a espingarda, matando-o com um só tiro.

O rapaz não reparou que estava à beira do lago perigoso e, depois de ter cortado o animal, foi ali lavar as mãos ensanguentadas. Apenas as meteu na

água, logo surgiu a sereia, que o enlaçou sorridente com seus braços úmidos e o arrastou para o fundo do lago, tão rapidamente que as águas se fecharam bruscamente sobre ele.

Ao anoitecer, vendo que o caçador não regressava, a esposa ficou aflita. Saiu a procurá-lo e, como o marido várias vezes tinha lhe contado que precisava se prevenir contra as ciladas da sereia e que não se aventurava a aproximar-se da água, logo adivinhou o que acontecera. Foi correndo até ao lago e, quando viu a bolsa do caçador largada na margem, não duvidou mais da desgraça que a atingira.

Chorando e lastimando-se, torcia as mãos num gesto de grande desespero e chamava pelo nome o seu bem-amado, mas inutilmente. Correu para a outra margem do lago e tornou a chamá-lo, sem obter resposta alguma; censurou asperamente a sereia. O espelho das águas permanecia tranquilo, apenas refletindo a meia face da lua, em quarto crescente, que parecia mirá-la imóvel e misteriosa.

A desolada mulher não abandonou o lago. Em passos precipitados, sem descanso, continuava a contorná-lo, ora silenciosa, ora gritando desesperadamente, ora murmurando algumas orações.

Por fim, acabaram suas forças e ela caiu por terra, mergulhando em sono profundo. E teve um sonho:

Sonhou que subia, ansiosamente, por entre grandes maciços de rochas; gravetos e espinhos machucavam seus pés, a chuva batia-lhe no rosto e o vento agitava-lhe os longos cabelos.

Quando atingiu o alto da montanha, viu uma vista inteiramente diferente: o céu era azul, o ar tépido, o terreno descia em suave declive e, no meio de um campo verdejante e coberto de flores de todas as cores, havia uma cabana.

Dirigiu-se a ela e abriu a porta. Lá dentro, viu sentada uma velha de cabelos brancos, que lhe acenou amavelmente. Justamente nesse instante, a pobre mulher acordou.

Já raiara o dia e ela decidiu logo fazer o que sugeria o sonho.

Subiu penosamente a montanha e tudo se realizou conforme vira em sonho. A velha acolheu-a gentilmente, indicando-lhe uma cadeira e convidando-a a sentar-se.

— Aconteceu-te alguma desgraça, visto que vens até aqui, à minha pobre cabana solitária! — disse a velha.

A mulher contou-lhe, a chorar, a sua desgraça.

— Acalma-te — disse a velha —, eu te ajudarei. Eis aqui um pente de

ouro. Espera que surja a lua cheia, volta então ao lago, senta-te na margem e com este pente penteia teus longos cabelos. Apenas acabes de pentear-te, deixa o pente ali na margem e verás o que acontecerá.

A dedicada esposa regressou à casa, mas a espera até a lua cheia lhe parecia interminavelmente longa. Finalmente, apareceu no céu uma bola luminosa; então ela se dirigiu ao lago, sentou-se na margem e penteou os longos cabelos com o pente de ouro. Quando terminou, colocou-o no chão. Daí a instantes subiu um ruído das profundezas e levantou-se uma onda que rolou até a margem arrastando o pente consigo.

Depois que o pente afundou, abriu-se o espelho das águas, e delas emergiu a cabeça do caçador, que não pronunciou palavra, mas fitou a esposa com um olhar muito triste. No mesmo instante, chegou outra grande onda e cobriu a cabeça do caçador, que tornou a desaparecer.

As águas voltaram à calma anterior e a face da lua refletia-se nelas como em espelho de cristal.

A mulher foi embora desesperada, mas novo sonho lhe indicou outra vez a cabana da velha. Na manhã seguinte, pôs-se a caminho e foi desabafar com ela o seu desespero. Esta deu-lhe uma flauta de ouro, dizendo-lhe:

— Espera novamente que surja a lua cheia; depois, pega nesta flauta, senta-te à margem do lago, toca uma linda e terna melodia e, quando acabares, põe a flauta no chão e espera o que sucederá.

A mulher fez tudo exatamente como lhe ordenara a velha. Mal colocou a flauta no chão veio uma onda enorme e carregou consigo o instrumento.

Logo depois o espelho d’água se abria e aparecia não só a cabeça, mas todo o dorso do marido. Cheio de ansiedade, estendeu os braços à esposa para abraçá-la, mas uma segunda onda ergueu-se e arrastou-o para o fundo.

— Ah! — exclamou a infeliz mulher. — De que serve ver o meu bem-amado se logo o torno a perder?

Regressou à casa com o coração sangrando de dor e, pela terceira vez, o sonho lhe indicou a casinha da velha. Ela pôs-se a caminho e, ao chegar lá, a boa velha consolou-a como pôde. Dando-lhe uma roca de ouro, disse-lhe:

— Tua causa ainda não está perdida. Espera que apareça a lua cheia, então toma esta roca, senta-te à beira do lago e fia até encheres o fuso. Quando acabares, põe a roca perto da água e espera o que se deve passar.

A mulher seguiu, ponto por ponto, as instruções da boa velha.

Quando surgiu a lua cheia, levou a roca à margem do lago e fiou, rapidamente, até encher o fuso. Mas, assim que a roca foi posta no chão,

levantou-se uma onda enorme, que a arrastou para o fundo da água.

Imediatamente, como que impelido por um forte repuxo, emergiu primeiro a cabeça e depois o corpo todo do caçador. Com um salto, lançou-se para a margem, pegou a esposa pela mão e fugiram os dois.

Mal se haviam afastado alguns passos, todo o lago, fervendo, se levantou com um barulho assustador, esparramando-se pelo campo com uma violência tremenda.

Os fugitivos já viam a morte diante dos olhos, quando a mulher, no seu terror, pediu socorro à boa velha. No mesmo instante, os dois foram transformados, ela em sapo e ele em rã. A onda que os atingira não os pôde matar, mas separou-os e arrastou cada um para um lado.

Quando a água se retirou e ambos ficaram em terreno seco, retomaram a forma humana. Mas nenhum dos dois sabia o que era feito do outro, e viram-se entre estrangeiros que desconheciam a sua pátria. Altas montanhas e profundos vales os separavam.

Para ganharem a vida, ambos foram obrigados a cuidar de ovelhas. Durante muitos anos conduziram rebanhos através dos bosques e dos campos, com o coração cheio de tristeza e de saudade.

Certo dia, em que de novo sorria a primavera, saíram os dois com seus rebanhos e quis o destino que caminhassem um ao encontro do outro. O rapaz viu, no declive de uma montanha distante, um rebanho, e dirigiu suas ovelhas para lá. Juntos chegaram ao vale sem se reconhecer, porém ficaram bem satisfeitos por não estarem mais tão sós.

Desde esse dia eles cuidaram dos rebanhos um ao lado do outro; não falavam muito de si, mas se sentiam consolados.

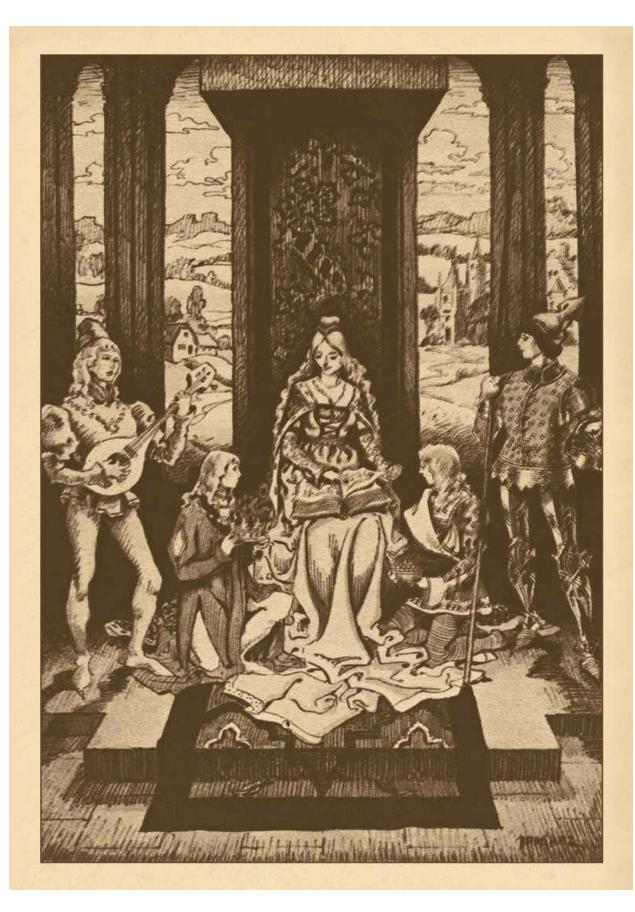
Certa noite, em que a lua cheia se exibia com todo o esplendor no vasto céu, e no silêncio do campo os rebanhos dormiam tranquilamente, o pastor tirou do saco uma flauta e tocou uma belíssima e triste melodia. Quando acabou, notou que a pastora chorava amargamente. Então, perguntou-lhe:

— Por que choras?

— Ah — soluçou ela —, foi uma noite em que a lua brilhava assim como hoje, que pela última vez toquei essa mesma melodia na minha flauta, e a cabeça do meu bem-amado apareceu à superfície da água.

O pastor fitou-a, atentamente, e foi como se lhe caísse uma venda dos olhos; reconheceu a sua querida esposa.

Ela, também, o olhou enquanto o luar batia em cheio no seu rosto e o reconheceu.

Então, abraçaram-se e beijaram-se carinhosamente e os dois apaixonados ficaram felizes ao ver-se novamente reunidos. Ainda mais sabendo que estavam completamente livres da cruel sereia!

Pele de Bicho[1]

Era uma vez um rei cuja esposa tinha os cabelos dourados como o ouro e era tão linda como não havia outra na terra.

Quis o céu que a nobre e bondosa rainha adoecesse sem que médico algum pudesse salvar-lhe a vida. Sentindo aproximar-se a última hora, chamou o esposo e recomendou:

— Depois de minha morte, se quiseres casar-te outra vez, não cases com mulher menos bonita do que eu; que tenha os cabelos dourados como os meus e seja muito mais prendada. Exijo tua promessa para morrer tranquila.

O rei prometeu tudo que ela quis. Pouco depois a rainha morreu, deixando-o louco de desespero e verdadeiramente inconsolável; sua dor era tão grande que não queria pensar em eventual casamento. Mas, decorrido algum tempo, os conselheiros reuniram-se e juntos foram pedir ao rei que tornasse a casar:

— O rei não pode reinar sozinho, é necessário que se case para que tenhamos a nossa rainha.

O rei não queria aceitar a sugestão e alegou a promessa que fizera à esposa; então os ministros da corte mandaram mensageiros por todos os lados a fim de descobrir uma mulher que fosse tão linda e prendada como a rainha falecida.

Mas ninguém conseguia encontrá-la em parte alguma; mesmo que a tivessem encontrado, nenhuma, por mais bela que fosse, tinha aqueles cabelos de ouro. Portanto, os mensageiros voltaram de mãos vazias.

O rei tinha uma filha, que era o retrato vivo da mãe e de belos cabelos de ouro. Já estava moça e, certo dia, reparando melhor nela, o rei viu que era igualzinha à falecida esposa e apaixonou-se perdidamente por ela. Então declarou aos seus conselheiros:

— Quero casar com minha filha; ela é o retrato vivo de minha falecida esposa e, por outro lado, já me convenci de que jamais encontrarei alguém que seja parecida com ela.

Ouvindo isso, os conselheiros ficaram horrorizados e disseram:

— Deus proíbe que o pai case com a filha; do pecado não pode sair bem nenhum e também o reino sofrerá e será arrastado à ruína.

A princesa quase desmaiou ao ouvir a horrível intenção do rei; ajoelhou-se

aos pés dele, esperando convencê-lo com suas súplicas e lágrimas. Mas o rei estava firme no louco projeto e nada o podia abalar. Então a princesa disse-lhe:

— Antes de consentir no teu desejo, quero que me dês três vestidos: um de ouro como o sol, um de prata como a lua e um cintilante como as estrelas; além disso, quero também um manto feito com peles de toda espécie de animais; cada animal de teu reino tem de fornecer um pedaço de pele.

Assim dizendo, pensava: "É impossível realizar tal desejo, mas com isso desvio meu pai de seu horrível propósito."

O rei, porém, não desanimou. Reuniu todas as moças mais hábeis do reino que tiveram de confeccionar os três vestidos: um de ouro como o sol, um de prata como a lua e um cintilante como as estrelas. Enquanto isso, os caçadores foram incumbidos de capturar todos os animais do reino e tirar um pedaço de pele de cada um, confeccionando-se assim o manto.

Finalmente, quando tudo ficou pronto, o rei mandou buscar o manto e exibiu-o à princesa, dizendo:

— Amanhã celebraremos o casamento.

Ao ver que não lhe restava nenhuma esperança de comover o coração paterno e mudar seus tristes pensamentos, a princesa resolveu fugir.

Durante a noite, enquanto todos dormiam, ela preparou-se e apanhou três de seus objetos mais preciosos: um anel deslumbrante, uma pequenina roca de ouro e um minúsculo fuso também de ouro. Meteu dentro de uma casca de noz os três vestidos, de sol, de lua e de estrelas, envolveu-se no manto de peles de bicho e com fuligem pintou o rosto e as mãos. Depois pediu proteção de Deus e saiu do palácio sem ser reconhecida.

Andou a noite inteira e muito mais ainda, até que por fim chegou a uma floresta. Sentindo-se muito cansada, meteu-se na toca de uma árvore e adormeceu.

Ao raiar do sol, ela ainda continuava dormindo a sono solto e assim foi até muito tarde. Justamente nesse dia, um rei, que era proprietário da floresta, foi caçar; quando os cães chegaram àquela árvore, puseram-se a latir e a saltar de um lado e do outro. O rei disse aos seus caçadores:

— Vejam que animal se esconde lá onde estão os cães.

Os caçadores obedeceram e, após terem verificado o que havia, voltaram para junto do rei dizendo:

— Naquela árvore há um estranho animal, como nunca vimos antes: sua pele é coberta de todas as espécies de pelo. Está lá deitado dormindo.

— Peguem-no vivo, amarrai-o bem à minha carruagem para ser transportado conosco à cidade.

Os caçadores foram e agarraram a jovem, que despertou aterrorizada e se pôs a gritar:

— Não me faças mal! Sou uma pobre criatura abandonada pelos pais; tende compaixão de mim, levem-me para o castelo!

Os caçadores então disseram:

— Pele de Bicho, tu serves bem para limpar a cozinha; vem conosco, teu serviço será varrer a cinza.

Meteram-na na carruagem e regressaram ao castelo real. Lá, deram-lhe para habitação um buraco embaixo da escada, triste e escuro, onde nunca penetrava o mais fraco raio de sol.

— Pele de Bicho, emaranhada e selvagem, passarás a dormir aqui.

Com isso, mandaram que fosse para a cozinha, com o encargo de carregar água e lenha, acender o fogo, depenar os frangos, limpar a verdura, varrer a cinza, em suma, fazer o trabalho mais pesado e penoso.

Assim, Pele de Bicho passou a viver de maneira mais obscura e miserável. Ah, linda princesa, o que te estará ainda reservado!

Passou-se muito tempo e, certo dia, enfeitaram todo o castelo; iam realizar uma grande festa para a qual haviam convidado meio mundo. A pobre criatura, saudosa dos bons tempos, pediu ao cozinheiro-chefe:

— Posso subir para ver a festa? Ficarei do lado de fora a espiar um pouquinho.

— Está bem — disse o mestre-cuca —, mas, dentro de meia hora, deves estar aqui para varrer a cinza.

Ela pegou a lanterna, entrou no horrível buraco, despiu o manto de peles, lavou a fuligem que lhe cobria o rosto e as mãos e toda a sua esplendorosa beleza reapareceu. Então abriu a casca de noz e tirou dela o vestido cujo tecido parecia feito de raios de sol, vestiu-se e enfeitou-se; depois foi à festa e todos, ao vê-la, abriam caminho, admirados diante de tamanha beleza. Ninguém a conhecia, mas não duvidavam que fosse alguma princesa desconhecida. O rei foi até ela, estendeu-lhe a mão e só quis dançar com ela, pensando consigo mesmo: “Criatura tão linda meus olhos ainda não viram.”

Terminada a dança, ela inclinou-se num gesto de graça encantadora; quando o rei voltou a si da admiração, ela havia desaparecido não se sabia por onde. Chamaram os guardas do castelo e interrogaram-nos, mas todos responderam não ter visto ninguém.

Ela correu rapidamente para o seu buraco e despiu a toda pressa o maravilhoso vestido, pintou o rosto e as mãos com fuligem e tornou a enfiar o manto de peles, voltando a ser a pobre Pele de Bicho. Quando entrou na cozinha para retomar seu trabalho, o cozinheiro disse-lhe:

— Deixa isso para amanhã; agora quero que prepares a sopa para o rei, pois também desejo dar uma espiadela lá em cima. Mas toma cuidado, não deixes cair nenhum fio de cabelo dentro, senão nunca mais terás nada para comer.

O cozinheiro saiu e Pele de Bicho preparou uma sopa para o rei; esmerou-se por fazê-la a mais deliciosa possível e, quando ficou pronta, correu ao seu "quarto" e trouxe o anel de ouro, colocando-o na vasilha em que era servida a sopa.

Quando o baile terminou, o rei ordenou que lhe servissem a sopa. Comeu-a e gostou tanto que declarou nunca ter comido outra melhor. Quando, porém, chegou ao fundo do prato, viu o anel de ouro e não conseguiu compreender como fora parar ali. Mandou chamar o cozinheiro. Este, ao receber o recado, ficou preocupado e disse a Pele de Bicho:

— Deixaste, certamente, cair um cabelo dentro da sopa; se assim for, terás o que mereces.

Apresentou-se diante do rei, cheio de temor. O rei perguntou-lhe quem havia preparado a sopa. O cozinheiro, mais que depressa, respondeu:

— Fui eu, majestade.

Mas o rei retrucou:

— Não é verdade; a sopa estava diferente e muito melhor que de costume.

O cozinheiro, então, foi obrigado a confessar:

— Realmente, majestade, não fui eu, mas foi Pele de Bicho quem a fez.

O rei ordenou:

— Vai chamar Pele de Bicho.

Assim que ela compareceu perante o rei, este perguntou-lhe:

— Quem és tu?

— Sou uma pobre criatura que não tem mais pai nem mãe — respondeu ela.

— E que fazes no meu castelo? — prosseguiu o rei.

— Eu não sirvo para coisa alguma — disse ela —, a não ser para que me atirem os sapatos na cabeça.

O rei tornou a perguntar:

— Quem te deu aquele lindo anel que estava dentro da sopa?

— Não sei de que anel se trata — respondeu ela.

Portanto, o rei nada pôde descobrir e mandou-a de volta para a cozinha.

Passado algum tempo, realizou-se no castelo uma outra festa e Pele de Bicho tornou a pedir ao cozinheiro que lhe permitisse dar uma espiada. Ele respondeu:

— Podes ir, mas deves voltar dentro de meia hora e fazer aquela sopa que tanto agrada ao rei.

Pele de Bicho correu ao seu buraco, limpou-se e lavou-se cuidadosamente, tirou da noz o lindo vestido prateado como o luar e vestiu-se, se enfeitando como da outra vez. Depois subiu as escadarias com o andar esbelto e gracioso de uma verdadeira princesa. O rei saiu-lhe ao encontro, cheio de alegria por tornar a vê-la. Também dessa vez não quis dançar com nenhuma outra dama, só com ela. Mas, assim que acabou a contradança, ela sumiu tão rapidamente que o rei não conseguiu ver por onde saíra.

Ela correu para o seu lugar secreto e, em breve, voltou a ser o animal peludo de sempre, depois correu à cozinha para preparar a sopa. Enquanto o cozinheiro estava lá em cima espiando a festa, ela foi buscar a pequenina roca de ouro e meteu-a dentro da vasilha da sopa.

Mais tarde um pouco, levaram a sopa ao rei que, como da primeira vez, comeu-a com grande satisfação, mandando depois chamar o cozinheiro. Este teve novamente de confessar ter sido preparada por Pele de Bicho, a qual, mais uma vez chamada, teve que comparecer à presença do rei e responder às suas perguntas. Respondeu como da outra vez; que só servia para que lhe atirassem os sapatos na cabeça, e que ignorava completamente tudo da roca de ouro encontrada na sopa.

Tudo parecia esquecido e Pele de Bicho continuava as tristes tarefas na cozinha. Eis que, um belo dia, o rei organizou outra festa, talvez com saudade da bela desconhecida. E foi tudo como das vezes anteriores. O cozinheiro, porém, disse:

— Pele de Bicho, tu deves ser uma bruxa; sempre encontras meio de pôr qualquer coisa na sopa, e fica tão boa que agrada ao rei mais do que a feita por mim.

A jovem implorou ao cozinheiro que a deixasse ir ver a festa; demoraria apenas o tempo estabelecido. O severo mestre-cuca não pôde recusar-lhe o que pedia, e ela correu ao seu “quarto”, lavou-se, penteou-se e colocou o vestido cintilante como as estrelas; depois dirigiu-se ao salão de festas. O rei, fascinado, também desta vez só quis dançar com ela, achando que ainda

estava mais bela.

Enquanto dançavam, sem que ela o percebesse, enfiou-lhe um anel no dedo. Havia previamente ordenado que a contradança demorasse um pouco mais. Acabando de dançar, tentou prendê-la, segurando-lhe a mão, mas ela desvencilhou-se e fugiu tão rapidamente que ele não pôde ver por onde saiu.

Pele de Bicho correu para o seu buraco; mas como tinha demorado mais que o tempo previsto, não pôde despir o lindo vestido; então cobriu-o com o manto de peles; estava tão apressada que, ao tingir-se com a fuligem, esqueceu um dedo, que ficou branquinho. Correu para a cozinha, preparou a sopa do rei e antes que fosse servida, deitou dentro da vasilha o minúsculo fuso de ouro.

O rei, ao encontrar o fuso, mandou chamar Pele de Bicho. Ela apresentou-se como sempre, mas não reparou no dedinho que ficara branco; o rei, porém, viu-o e viu também o anel que enfiara nele durante a dança. Então agarrou-lhe a mão e segurou-a firmemente; quando ela tentou fugir, o horrível manto de peles abriu-se um pouco, mostrando uma nesga do vestido cintilante. O rei, com um gesto rápido, arrancou-lhe o manto e, no mesmo instante, rolaram como uma cascata seus cabelos de ouro e ela surgiu magnífica em todo o esplendor, que já não podia mais esconder.

Então lavou a fuligem que lhe cobria o rosto e as mãos e apareceu tal qual era: a criatura mais linda que jamais se vira no mundo. O rei, comovido, disse-lhe:

— Serás a minha esposa muito amada; nunca mais nos separaremos.

Ela aceitou e depois de alguns dias realizaram-se as núpcias. E eles viveram felizes por muitos e muitos anos.

Nota

1 *Versão do célebre conto de Perrault, “Pele de Asno”.*

A filha esperta do camponês

Era uma vez um camponês que não possuía nem um pedaço de terra, apenas uma casa muito pobre e uma filha que um dia disse ao pai:

— Deveríamos pedir ao rei que nos desse um pedaço de terra.

O rei, ao saber que eram tão pobres, deu-lhes uma terra cheia de mato. Pai e filha capinaram aquela pobre terra com a ideia de semear algum trigo e hortaliças. Quando já estavam quase acabando o trabalho, acharam um pequeno pilão de ouro maciço enterrado.

— Minha filha — disse o pai —, como o nosso rei foi tão generoso conosco e nos deu esta terra, acho que deveríamos dar-lhe este pilão como prova de reconhecimento.

A filha foi totalmente contra:

— Meu pai, se lhe levarmos o pilão, ele vai querer também a mão de pilão e teremos de procurá-la; então acho melhor não falar nada.

O pai, entretanto, não lhe deu ouvidos. Embrulhou o pilãozinho e foi levá-lo ao rei, contando-lhe que o tinham encontrado no meio da terra e que queriam lhe dar. O rei aceitou o pilão, mas perguntou se não haviam achado mais nada.

— Não, majestade — respondeu o camponês.

O rei disse-lhe:

— É preciso trazer, também, a mão de pilão.

O camponês respondeu que não conseguiram encontrá-la, mas foi o mesmo que falar com uma porta. O rei não aceitou aquela explicação e mandou que o trancassem na prisão até que tivessem encontrado o tal objeto. Diariamente, os guardas levavam ao camponês pão e água, que é o que dão nas prisões, e sempre o ouviam lamentar-se e exclamar:

— Ah, se eu tivesse escutado a minha filha!

Tanto ouviram essa exclamação que foram contar ao rei, repetindo o que sempre dizia o prisioneiro: “Ah, se eu tivesse escutado a minha filha!” E contaram também que ele não comia nem bebia nada.

O rei, então, mandou buscar o prisioneiro e perguntou-lhe por que era que vivia a repetir: “Ah, se eu tivesse escutado a minha filha!”

— Que foi que tua filha disse?

— Majestade, ela disse-me que não trouxesse o pilãozinho, senão teria que achar também a mão de pilão.

— Tens uma filha bem inteligente, manda que venha me ver.

Assim a moça teve de comparecer à presença do rei, o qual lhe perguntou se realmente era tão esperta e inteligente. Logo em seguida ele disse que lhe daria um enigma para resolver; se o conseguisse decifrar, ele se casaria com ela.

A moça logo respondeu que o decifraria; então o rei disse:

— Você terá que vir até aqui nem vestida, nem nua; nem montada a cavalo, nem de carroça; nem na rua, nem fora dela, se conseguires fazer isso, casarei contigo.

A moça foi para a casa e lá tirou a roupa, e assim não estava vestida. Envolveu-se numa rede de pescar e assim não estava nua. Pegou emprestado um burro e amarrou as pontas da rede no rabo para que ele a puxasse, e assim não estava montada e nem de carroça. E, no final, fez o burro andar num barranco de maneira que só o seu dedão tocava o chão e assim não estava nem na estrada nem fora dela.

Quando o rei a viu chegar daquela maneira disse-lhe que havia acertado completamente. Mandou soltar o pai dela e, em seguida, se casou com a moça, confiando à camponesa todo seu patrimônio.

Depois de alguns anos, um dia em que o rei passava em revista suas tropas, aconteceu que alguns camponeses que vendiam lenha pararam suas carroças em frente ao castelo. Alguns eram puxados por bois e, outros, por cavalos. Entre eles havia um camponês que tinha dois cavalos e uma égua com um potrinho recém-nascido, o qual saiu de perto da mãe e correu para ficar entre dois bois que puxavam outra carroça. Os camponeses começaram a discutir e a brigar aos berros. O dono dos bois queria para si o potrinho, dizendo que era cria dos bois; o outro insistia dizendo que o potrinho lhe pertencia e que era cria da égua. A briga foi levada ao rei e este decidiu que o potrinho devia ficar no lugar que escolheu; assim ficou pertencendo ao dono dos bois, embora isso não fosse justo. O outro camponês foi-se embora chorando e lastimando-se por ter perdido o potrinho.

Mas ele ouvira dizer que a rainha era muito inteligente, além de boa e compreensiva, por ser também de origem camponesa; dirigiu-se a ela pedindo que o ajudasse a recuperar o seu potrinho. Ela respondeu:

— Eu te ajudarei. Se me prometer não me trair, te ensinarei o que tens a fazer. Amanhã cedo, quando o rei for assistir à parada, fique no meio da rua

pela qual ele deve passar, pega uma rede de pesca e finge estar pescando: a jogando e a puxando, como se realmente estivesse cheia de peixes.

Ensinou-lhe, também, as respostas que devia dar se o rei fizesse muitas perguntas.

Na manhã seguinte, lá estava o camponês pescando em lugar seco. Passando por ali, o rei o viu e mandou um guarda perguntar o que fazia aquele maluco.

— Estou pescando.

O guarda perguntou-lhe que pretendia pescar em plena rua, onde não havia água.

— Ora — respondeu o camponês —, se dois bois podem parir um potrinho, eu também posso pescar onde não há água.

O guarda foi transmitir essa resposta ao rei, o qual mandou chamar o camponês e lhe disse que sabia que aquela ideia não tinha saído da cachola dele; e perguntou quem lhe tinha sugerido. Exigiu que o confessasse logo. Mas o camponês não queria trair a rainha e repetia: “É ideia minha, é ideia minha.”

Então, colocaram-no sobre um monte de palha e bateram tanto que o coitado acabou confessando que fora a rainha.

À tarde, chegando em casa, o rei foi conversar com a rainha:

— Por que você agiu dessa maneira? Não te quero mais por esposa; está tudo terminado entre nós. Volta para a tua casinha, de onde vieste.

Todavia, permitiu que ela levasse consigo a coisa mais cara e preciosa que possuía e essa seria a sua gratificação.

— Sim, meu querido esposo — disse ela —, farei o que mandas.

Lançou-se ao pescoço do rei abraçando-o e beijando-o muito, dizendo que desejava despedir-se dele. Mandou que servissem uma bebida qualquer para brindar à saúde do rei e, disfarçadamente, colocou no copo dele um sonífero que o fez cair em sono profundo. Vendo-o adormecido, a rainha mandou que lhe trouxessem um belo lençol de linho, no qual envolveu o rei; em seguida, ordenou aos criados que o levassem para a carruagem e ela mesma a conduziu até sua casa.

Chegando lá, ela deitou-o na própria cama onde ele dormiu um dia e uma noite. Quando acordou, olhou espantado em volta, exclamando:

— Meu Deus, onde estou?

Chamou os criados, mas não havia nenhum. Por fim chegou a esposa, que entre um sorriso e outro, disse-lhe:

— Meu caro senhor, destes-me ordem de trazer comigo o que eu mais gostava e me era mais precioso; ora, nada no mundo me é mais caro e precioso do que você!

O rei ficou tão comovido que os olhos se encheram de lágrimas.

— Minha querida esposa, tu és minha e eu sou teu, e nada nos separará.

Voltaram ao palácio e o rei quis que se celebrasse um segundo casamento. E até hoje vivem lá muito felizes!

Os doze caçadores

Era uma vez um príncipe que estava noivo e amava loucamente a noiva. Certo dia, estando muito feliz ao lado dela, recebeu a notícia de que seu pai estava gravemente doente, no fim da vida, e desejava vê-lo antes de morrer. Então, o príncipe disse à princesa amada:

— Tenho de partir e deixar-te, mas aqui tens o meu anel como lembrança. Quando eu assumir o trono, virei buscar-te e te levarei para minha casa.

Em seguida, montou a cavalo e foi para o seu reino; quando lá chegou, encontrou o pai moribundo, que ainda pôde dizer:

— Meu filho querido, quis ver-te ainda antes de morrer para que me prometas casar de acordo com minha vontade.

Indicou-lhe certa princesa, filha de um rei amigo, dizendo que essa deveria ser sua esposa. O príncipe estava tão aflito que, sem pensar no que fazia, disse:

— Sim, meu querido pai, o vosso desejo será realizado.

Então o rei, já tranquilizado, fechou os olhos e morreu.

Passado o tempo oficial de luto, o príncipe foi coroado e subiu ao trono; lembrou-se do que havia prometido ao pai e tratou de cumprir a promessa. Mandou seu representante pedir a mão da princesa, a qual lhe foi concedida.

RAMIREZ

Quando a primeira noiva soube o que se passou, ficou tão magoada com a infidelidade do noivo que quase morreu de tristeza. O pai, vendo-a nesse abatimento, perguntou-lhe:

— Minha filha, por que estás tão triste? Se desejas alguma coisa é só falar que a terás.

Ela refletiu um momento, depois disse:

— Querido pai, eu desejo ter onze donzelas que se pareçam exatamente comigo, tanto de rosto como de estatura.

— Se for possível encontrá-las — disse o pai —, teu desejo será satisfeito.

Mandou um emissário de confiança procurar pela região toda, até que foram encontradas onze jovens exatamente semelhantes à sua filha, tanto de rosto como de estatura.

Foram conduzidas à presença da princesa, que mandou confeccionar doze trajes de caçador, todos perfeitamente iguais. A filha do rei mandou que as moças vestissem os trajes e, ela mesma, vestiu o décimo segundo. Depois despediu-se do pai e partiu com as onze companheiras. Cavalgaram muito tempo, até chegarem ao castelo do noivo infiel que ela ainda amava muito.

Apresentou-se ao jovem rei e perguntou se não precisava de caçadores; eles eram doze ao todo, não quereria o rei contratá-los? O rei olhou para ela enquanto falava, mas não a reconheceu; achou, entretanto, que aqueles doze jovens eram valentes. Gostou deles e admitiu-os de boa vontade. Desde então ficaram sendo os doze caçadores reais.

O rei, porém, tinha um leão do qual não se separava e que era animal mágico: ele conhecia todas as coisas, as mais ocultas e secretas, e certa noite, chegou-se ao rei e disse-lhe:

— Acreditas mesmo ter adquirido doze caçadores?

— Naturalmente! — disse o rei. — São doze caçadores.

— Está enganado — respondeu o leão. — São doze donzelas.

— Oh, não! — exclamou o rei. — Não é possível! Como podes provar isso?

— É muito fácil — respondeu o leão. — Manda espalhar um pouco de ervilhas na tua antecâmara e logo o verás. Os homens têm o passo mais firme; se caminham sobre as ervilhas nenhuma sai do lugar; mas as moças quando andam esperneiam, rebolam-se, saltitam e esparramarão as ervilhas de cá e de lá.

O rei achou o conselho interessante e decidiu espalhar as ervilhas.

Havia, entretanto, um criado que simpatizava com os doze caçadores e

sempre os protegia; quando ouviu a sugestão dada ao rei, foi correndo contar-lhes tudo:

— O leão quer provar ao rei que vocês são mulheres e não homens.

A princesa agradeceu muito o aviso; depois disse às donzelas:

— Caminhem com passo bem firme sobre as ervilhas.

Assim, quando, na manhã seguinte, o rei mandou chamar os doze caçadores e todos se apresentaram na antecâmara, caminhando sobre as ervilhas com passo tão firme e seguro que nenhuma saiu do lugar, o rei, ao ficar só com o leão, disse:

— Tu me enganaste, o andar delas é exatamente igual ao dos homens.

O leão respondeu:

— Foram prevenidas que seriam postas à prova e souberam dominar-se perfeitamente. Mas ordena que tragam para aqui doze rocas de fiar; elas se aproximarão desses objetos com muita simpatia, coisa que nenhum homem sentiria.

O rei aprovou este segundo conselho e mandou trazer as doze rocas de fiar.

O criado, porém, que protegia os caçadores, foi correndo contar o que estavam tramando. Quando ficaram sozinhas, a princesa disse às suas donzelas:

— Ao entrar lá não olhem para as rocas.

Na manhã seguinte, então, o rei mandou chamar os caçadores; estes atravessaram a antecâmara com perfeita naturalidade, sem lançar sequer um olhar para as rocas. Então, o rei disse ao leão:

— Mais uma vez me enganaste, são homens de verdade; nem sequer olharam para as rocas.

— Sim — respondeu o leão —, elas estavam prevenidas que seriam submetidas a esta prova, por isso disfarçaram muito bem.

Mesmo assim, o rei não quis mais acreditar no que dizia o leão.

Chegando o dia de uma caçada, os caçadores seguiam de perto o rei, o qual gostava cada vez mais deles. Eis que, durante uma das grandes caçadas, foi anunciado que estava para chegar a noiva do rei.

A princesa, ao receber tal notícia, sentiu tamanha tristeza que pensou morrer ali mesmo, caindo desacordada no chão. O rei, temendo que tivesse acontecido alguma desgraça ao seu querido caçador, correu em auxílio dele e começou por lhe tirar a luva. Muito espantado, viu o anel que ele tinha dado à primeira noiva; então, olhou atentamente o rosto dela e a reconheceu.

Qual não foi a sua emoção! Inclinou-se e beijou o rosto querido e, quando

ela abriu-os olhos, disse-lhe:

— Tu és minha noiva, eu sou teu para sempre; ninguém no mundo poderá mudar isto.

Mandou, imediatamente, um mensageiro ao encontro da outra pedindo-lhe que voltasse para casa, pois ele já tinha noiva e… quem acha a chave velha, não necessita mais da nova.

Dias depois, o casamento foi realizado com grande esplendor e alegria. O leão, felizmente, reconquistou a amizade do rei, porque havia realmente dito a verdade.

O avô e seu neto

Era uma vez um velho, tão velho que já não enxergava bem, os ouvidos estavam quase surdos e os joelhos trêmulos. Era com grande dificuldade que conseguia segurar a colher e sempre derramava a sopa na toalha, deixando-a, também, escorrer pela boca.

O filho e a nora sentiam nojo ao ver isso, e assim ficou resolvido que o velho avô iria sentar-se atrás do fogão. Davam-lhe a sopa numa tigela de barro, mas não muita. O velho olhava com grande tristeza para a mesa e seus olhos enchiam-se de lágrimas.

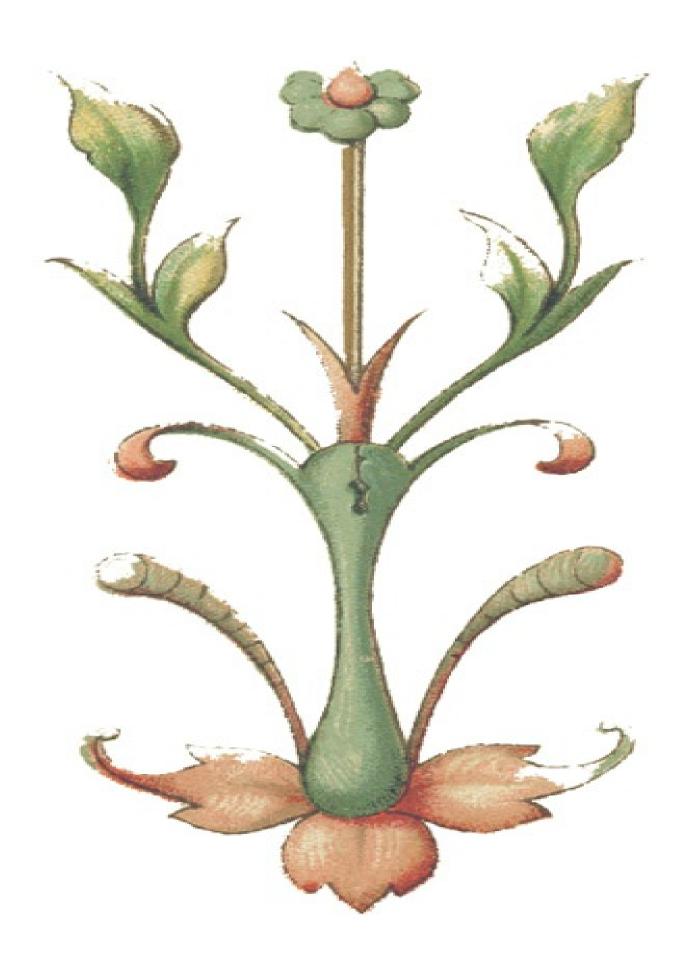
Certa vez, suas mãos trêmulas não conseguiram segurar nem mesmo a tigela, que caiu no chão, espatifando-se.

A nora brigou muito com ele, mas o avô suspirou e não disse nada. Então ela comprou uma gamela de madeira bem barata e grosseira e ele passou a tomar a sopa na gamela.

Quando estavam todos sentados na sala, o netinho, de quatro anos de idade, juntava pedaços de madeira no chão.

— Que estás fazendo, meu filhinho? — perguntou-lhe o pai.

— Estou fazendo uma gamela — respondeu o menino —, para dar de comer a mamãe e papai quando eu for grande.

Então os pais olharam um para o outro silenciosamente, depois começaram a chorar. Levantaram-se e foram buscar o velho para se sentar à mesa com todos. Daí por diante serviram-no sempre na mesa com eles, nunca mais se importando que deixasse cair sopa na toalha.

O Pequeno Polegar

Numa noite fria, um camponês estava sentado junto da lareira, conversando com a esposa que fiava ali do lado dele:

— Como é triste não ter filhos! Nossa casa é tão silenciosa, ao passo que nas outras há tanto barulho e alegria!

— É verdade — respondeu a esposa, suspirando —, mesmo que tivéssemos um único filho, nem que fosse do tamanho deste polegar, eu já me sentiria feliz, e o amaríamos de todo o coração.

Ora, aconteceu que a mulher começou a sentir-se indisposta e, passados setes meses, deu à luz um menino, perfeito, mas do tamanho de um polegar. Então, o chamaram de: Pequeno Polegar.

Os pais alimentavam-no o melhor possível, mas o menino não cresceu; ficou do mesmo tamanho que tinha ao nascer. Contudo, ele tinha um olhar muito inteligente e, bem cedo, revelou-se uma criança vivaz e esperta, sabendo sair-se bem em tudo que fazia.

Um dia, o camponês estava se aprontando para ir à floresta rachar lenha; então disse para si mesmo:

— Como gostaria que alguém fosse me buscar com a carroça para trazer a lenha!

— Ah, pai — exclamou o Pequeno Polegar —, eu irei! Fica sossegado, levarei a carroça e chegarei lá na hora certa.

O homem riu e disse:

— Como isso é possível? Tu és muito pequeno para segurar as rédeas e guiar um cavalo!

— Não faz mal, pai. Se a mamãe o atrelar, eu me sento na orelha do cavalo e lhe digo como e aonde deve ir.

— Está bem! — respondeu o camponês. — Por uma vez, podemos experimentar.

Quando estava na hora, a mãe atrelou o cavalo, sentou Polegar numa de suas orelhas e o pequenino ia-lhe gritando como e aonde devia ir.

O cavalo andava direito como se fosse guiado por um cocheiro e a carroça seguia o caminho certo para a floresta. Eis que, justamente numa curva, quando o pequeno gritava ao cavalo para virar à esquerda, passaram por ali

dois forasteiros.

— Meu Deus! — disse um deles. — Que é isso? Aí vai uma carroça e o cocheiro que grita para o cavalo é invisível!

— Isso não é normal — disse o outro —, vamos seguir a carroça e ver aonde vai parar.

A carroça entrou direto na floresta e foi até a lenha rachada. Quando Polegar viu o pai, gritou-lhe:

— Estou aqui, papai! Trouxe a carroça, viste? Agora vem me pegar.

O pai segurou o cavalo com a mão esquerda e, com a direita, tirou o filhinho de sua orelha; todo satisfeito, o menino foi sentar-se num galho.

Quando os dois forasteiros viram o Pequeno Polegar, ficaram tão admirados que não sabiam o que dizer. Então, um deles chamou o outro de lado e disse:

— Escuta, aquele pimpolho poderia fazer a nossa fortuna se o exibíssemos cobrando a entrada numa grande cidade. Vamos comprá-lo!

Aproximaram-se do camponês e disseram-lhe:

— Vende-nos esse anãozinho, nós o trataremos bem e ele se sentirá feliz conosco.

— Não! — respondeu o pai. — Ele é a raiz do meu coração, jamais o venderia, nem por todo o ouro do mundo.

Mas o Pequeno Polegar, ouvindo esse negócio, subiu pelas dobras da roupa do pai, sentou-se no seu ombro e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Papai, podes vender-me; eu saberei voltar para casa.

Assim, depois de muito discutir, o pai deu-o aos homens em troca de muitas moedas de ouro.

— Onde você quer ficar? — perguntou um dos homens.

— Na aba do teu chapéu, aí eu poderei passear à vontade e admirar toda a região sem perigo de cair.

Fizeram-lhe a vontade. Polegar despediu-se do pai, e, em seguida, foram andando. Andaram até o escurecer; aí o pequeno disse:

— Põe-me no chão um pouquinho; estou precisando.

— Podes ficar aí mesmo — disse o homem —, não tem problema. Os passarinhos de vez em quando também deixam cair alguma coisa na cabeça da gente!

— Não é isso — insistiu o Pequeno Polegar —, desce-me depressa!

O homem tirou o chapéu e pôs o pequeno num campo à margem da estrada. O pequeno, então, meteu-se por entre as moitas, saltitando de cá para

lá e, de repente, resvalou para dentro de um buraco de rato, o que justamente estava procurando.

— Boa noite, senhores! Podeis continuar vosso caminho sem mim! — gritou-lhes o pequenino brincalhão.

Os dois homens correram e reviraram o buraco com um pau, mais foi trabalho perdido. Polegar ia escorregando sempre mais para o fundo e, como logo desceu a noite, escura como breu, os homens tiveram de partir, cheios de raiva e com a bolsa vazia. Quando Polegar se certificou de que os homens tinham ido embora, saiu do buraco.

— É perigoso andar pelos campos no escuro! — disse. — A gente pode quebrar o pescoço ou uma perna!

Por sorte sua, encontrou um caramujo:

— Graças a Deus! — disse ele. — Aqui poderei passar a noite em segurança! — E meteu-se dentro dele.

Pouco depois, já ia adormecendo, quando ouviu passar dois homens, um dos quais dizia:

— Como faremos para tirar o ouro e a prata do padre rico?

— Eu poderei ensinar — gritou o Pequeno Polegar.

— O que é isso? — disse assustado um dos ladrões. — Ouvi alguém falar!

Pararam e escutaram; então Polegar repetiu.

— Levem-me com vocês, eu vos ajudarei.

— Mas onde estás?

— Procurem no chão e prestem atenção de onde sai a minha voz.

Finalmente, depois de muito procurar, os ladrões encontraram-no e o apanharam.

— Tu, tiquinho de gente, como podes nos ajudar?! — disseram eles.

— Escutem — disse o pequeno —, eu entrarei pela grade da janela no quarto do padre e vos entregarei o que quiserem.

— Está bem! — disseram os ladrões. — Vamos ver para que serves.

Quando chegaram à casa paroquial, Polegar insinuou-se pelas grades e entrou no quarto; uma vez dentro, começou a gritar com todas as forças de seus pulmões:

— Querem tudo o que há aqui?

Os ladrões alarmaram-se e disseram:

— Fala baixo, não acordes ninguém!

Mas Polegar fingiu não ter compreendido e gritou outra vez:

— Que querem? Querem tudo o que há aqui?

A cozinheira, que dormia no quarto ao lado, ouviu, sentou-se na cama e ficou escutando. Assustadíssimos, os ladrões fugiram; tendo corrido até bastante longe, criaram coragem e pensaram: “Aquele tiquinho de gente está brincando!” Então voltaram e sussurraram-lhe através da grade:

— Deixa de brincadeira e passa-nos qualquer coisa.

Polegar então gritou mais alto ainda:

— Darei tudo, mas estendei as mãos aqui para dentro.

A empregada, que estava ali do lado, ouviu-o nitidamente; então pulou da cama e, tropeçando, foi até ao quarto. Os ladrões fugiram correndo como se tivessem o diabo aos calcanhares. A mulher, não vendo nada, foi acender uma vela para enxergar melhor; porém, Polegar escapuliu para o paiol de feno. Após ter vasculhado inutilmente todos os cantos, a empregada voltou novamente para a cama, julgando ter sonhado de olhos abertos.

Polegar, subindo pelas hastes de feno, encontrara um excelente lugar para dormir. Tencionava descansar até o dia seguinte e depois regressar à casa dos pais. Mas aguardavam-no outras aventuras! Sim, o mundo está cheio de complicações e de peripécias!

De madrugada, a criada levantou-se para dar comida aos animais. Dirigiu-se em primeiro lugar ao paiol e apanhou uma grande braçada de feno, justamente aquele onde se encontrava Polegar dormindo. Este dormia tão profundamente que não percebeu nada e foi acordar somente na boca da vaca, que o pegara junto com o feno.

— Deus meu! — exclamou ele. — Como fui cair dentro do pilão?!

Logo, porém, deu-se conta do lugar em que estava. E quanta atenção lhe foi necessária para desviar-se dos dentes a fim de não ser triturado! Mas acabou escorregando para dentro do estômago da vaca.

— Esqueceram de colocar janelas neste quartinho — disse —, e não entra sequer um raio de sol; além disso ninguém traz uma vela!

O apartamento não lhe agradava absolutamente; mas o pior era que, pela porta, continuava a entrar sempre mais feno, e o espaço restringia-se cada vez mais. Por fim, amedrontado, gritou com toda a força:

— Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

A empregada, que estava justamente tirando leite da vaca, ouviu a voz falar e não viu ninguém; reconheceu a mesma voz que ouvira durante a noite e assustou-se tanto que escorregou do banquinho e entornou todo o leite. Correu para casa gritando ao patrão:

— Meu Deus, padre, a vaca falou!

— Quê? Enlouqueceste?

Contudo, foi pessoalmente ao estábulo ver o que se passava. Mal havia posto o pé lá dentro, Polegar tornou a gritar:

— Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

O padre, então, também assustou-se e julgou que havia entrado um espírito do mal na vaca. Mandou logo matá-la. Uma vez abatida, pegaram o estômago e atiraram no lixo.

Com grande dificuldade, Polegar conseguiu abrir caminho e avançar; mas, justamente quando ia pondo a cabeça para fora, sobreveio-lhe outra desgraça. Um lobo esfomeado, que ia passando por ali, agarrou o estômago da vaca e engoliu-o todo de uma só vez.

Polegar não desanimou. “Talvez o lobo me dê atenção”, pensou, e gritou-lhe de dentro da barriga:

— Meu caro lobo, eu sei onde poderás encontrar uma comida deliciosa.

— Onde? — perguntou o lobo.

— Numa casa assim e assim... — E descreveu com detalhes a casa do pai. — Tens que entrar pelo cano do esgoto e aí encontrarás bolo, linguiça e toucinho à vontade.

O lobo não pensou duas vezes; durante a noite entrou pelo tal cano, chegou na despensa e lá comeu até fartar-se.

Quando ficou satisfeito, quis sair, mas tinha engordado tanto que não conseguiu voltar pelo mesmo caminho. Era justamente com isso que Polegar contava; e desandou a fazer um barulhão na barriga do lobo, batendo os pés e vociferando o mais que podia.

— Fica quieto! — disse-lhe o lobo. — Vai acordar todo mundo!

— Como é?! — respondeu Polegar. — Você comeu à vontade e eu não posso me divertir?!

E voltou a gritar com todas as forças. Por fim o pai e a mãe acordaram, correram à despensa e espiaram por uma fresta. Vendo que era o lobo, precipitaram-se, um com o machado e o outro com a foice.

— Fica atrás de mim — disse o marido —, se não o matar com a primeira machadada, tu corta-lhe a barriga com a foice.

Ouvindo a voz do pai, Polegar gritou:

— Querido papai, eu estou aqui, dentro da barriga do lobo!

— Deus seja louvado! — gritaram os pais muito contentes. — O nosso querido filhinho voltou.

Mandou a mulher guardar a foice para não machucar o pequeno Polegar;

depois, erguendo o machado, desferiu um terrível golpe na cabeça do lobo, que caiu morto no chão. Em seguida, munidos de uma faca e de uma tesoura, cortaram-lhe a barriga e tiraram o pequeno para fora.

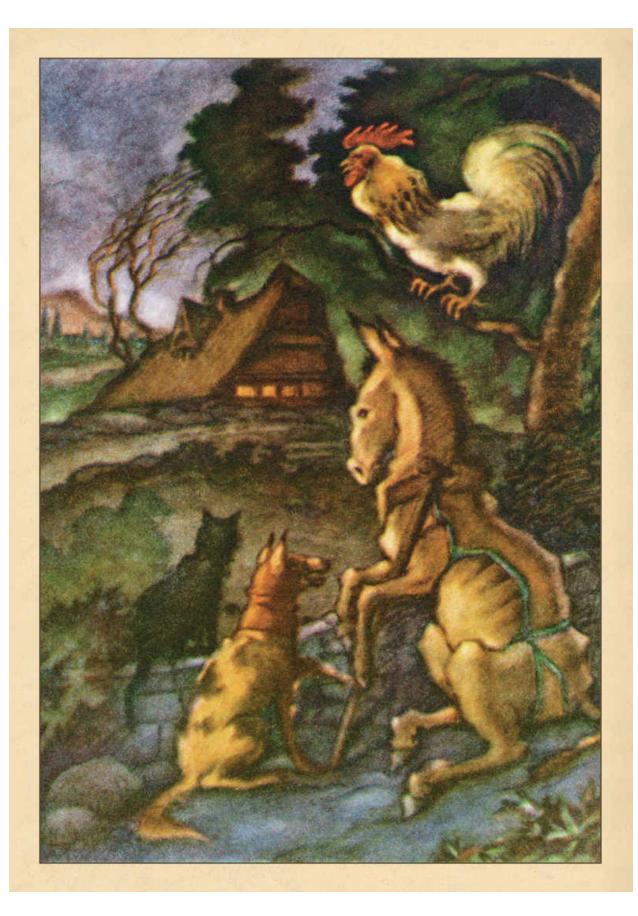
— Ah — disse o pai —, como estivemos aflitos por tua causa!

— Sim, pai, andei muito por esse mundo; agora, graças a Deus, respiro novamente ar puro.

— Mas onde estiveste?

— Oh, estive num buraco de ratos, no estômago de uma vaca e na barriga de um lobo. Agora quero ficar para sempre com meus queridos pais!

— E nós não te venderemos nunca mais, nem por todo o ouro do mundo — disseram os pais, abraçando e beijando carinhosamente o filhinho querido.

Depois deram-lhe de comer e beber e tiveram de mandar fazer novas roupas para ele, porque as que vestia tinham se estragado completamente durante a viagem.

Os músicos de Bremen

Era uma vez um homem que tinha um burro, o qual, durante longos anos, tinha carregado os sacos de farinha ao moinho, mas, por fim, não tinha mais forças e, dia após dia, se sentia cansado para o trabalho.

O patrão, então, resolveu não dar mais a ração para que morresse; mas o burro percebeu em tempo as más intenções do dono e decidiu fugir, tomando a estrada de Bremen. Lá, pensava ele, teria possibilidade de ingressar como músico na banda da cidade. Depois de caminhar um bom trecho, encontrou um cão de caça deitado na estrada, ofegante como se tivesse corrido muito.

— Por que estás tão ofegante, meu caro? — perguntou-lhe o burro.

— Ah — respondeu o cão tristonho —, como já estou velho, cada dia mais fraco e não consigo mais caçar, meu patrão decidiu matar-me. Então fugi, mas agora que farei para ganhar o pão de cada dia?

— Queres saber de uma coisa? — disse o burro. — Eu vou para Bremen, onde serei músico. Vem comigo também, e vamos entrar na banda. Eu toco violão e tu bates os tambores.

A proposta agradou ao cão; então continuaram o caminho juntos. Depois de andar um bom trecho, encontraram, à margem da estrada, um gato com a cara desanimada como em dia de chuva.

— Por que essa cara, bichano? — perguntou-lhe o burro.

— Como é possível ficar alegre quando se está com a corda no pescoço? — rosnou o gato. — Como já estou velho e meus dentes não estão mais afiados como antes, preferindo, além disso, ficar tranquilamente roncando junto do fogo em vez de correr atrás dos ratos, minha patroa tentou afogar-me. Consegui escapulir, é verdade, mas agora surge a complicação: aonde irei?

— Vem conosco para Bremen; como sabes cantar serenatas, poderás entrar na banda!

O gato achou a ideia excelente e foi com eles. Pouco depois, os três fugitivos passaram diante de um terreiro e viram um galo, empoleirado no portão, cantando desesperadamente.

— Cantas a ponto de fazer estourar os tímpanos da gente; que te aconteceu? — perguntou-lhe o burro.

— Amanhã é domingo e minha patroa, impiedosamente, disse à cozinheira que deseja fazer uma canja comigo; assim, hoje à noite, ela vai me cortar o pescoço. Então canto até não poder mais.

— Deixa disso, Crista Vermelha — disse o burro. — Fazes melhor vindo conosco, que vamos a Bremen. Tens uma bela voz e, se juntando a nós, poderemos formar um quarteto.

O galo interessou-se pela proposta e aceitou. Os quatro, então, puseram-se a caminho.

Mas não podiam chegar a Bremen num dia; portanto, quando já estava escurecendo, chegaram a uma floresta e ali resolveram passar a noite. O burro e o cão deitaram-se debaixo de uma árvore muito alta; o gato e o galo subiram nos galhos. O galo voou até ao galho mais alto por lhe parecer mais seguro. Antes de adormecer, porém, correu os olhos em todas as direções e pareceu-lhe ver ao longe uma luz brilhando. Então gritou aos companheiros que, não muito longe dali, devia encontrar-se alguma casa, pois estava vendo uma luz a brilhar.

— Então vamos até lá — disse o burro —, porque aqui não está muito bom.

O cão, por seu lado, pensava que um osso com alguma carne viria a calhar. Seguiram, então, em direção à luz; não demorou muito, viram-na brilhar mais claramente e cada vez mais perto, até que descobriram uma casa muito iluminada, mas que não passava de um covil de ladrões. O burro, que era o mais alto, aproximou-se da janela e espiou dentro.

— O que vê? — perguntou o galo.

— Não acredito no que vejo! — respondeu o burro. — Uma mesa posta, cheia dos melhores pratos e, sentados em volta dela, um bando de ladrões se fartando!

— Ah! Viria a calhar para nós — disse o galo.

— Ah, se estivéssemos lá dentro! — tornou o burro.

Então os quatro animais reuniram-se em conselho para estudar a maneira de enxotar os ladrões; finalmente, chegaram a uma conclusão. O burro teve de apoiar as patas dianteiras no parapeito da janela; o cão saltou em cima das costas do burro; o gato subiu no cão, e o galo, com um grande voo, foi pousar na cabeça do gato. Em seguida, todos juntos começaram a fazer o maior barulho: o burro zurrava com toda a força de seus pulmões; o cão latia furiosamente; o gato miava de causar medo e o galo cantou sonoramente. Com essa algazarra toda, pularam para dentro da janela e foram cair no meio

da sala, quebrando os vidros.

Os ladrões pularam das cadeiras; julgando que um fantasma vinha entrando, cegos pelo terror, fugiram em carreira desabalada para a floresta. Os quatro companheiros, então, sentaram em volta da mesa e avançaram no que tinha sobrado, comendo tanto como se não tivessem comido há quatro semanas.

Quando terminaram de comer, os quatro músicos apagaram as luzes e procuraram um lugar confortável para dormir, cada qual de acordo com a própria natureza. O burro foi para o pátio e deitou-se num monte de palha, o cão deitou-se atrás da porta dos fundos, o gato enrolou-se perto do fogão e o galo empoleirou-se no telhado. Sentindo-se muito cansados pela longa caminhada, adormeceram logo.

Depois da meia-noite, os ladrões viram de longe que na casa não brilhava mais luz alguma e tudo parecia mergulhado na calma e no silêncio. Então, o chefe da quadrilha disse:

— Fomos tolos, não deveríamos ter-nos deixado espantar.

Resolveu mandar um de seus homens espiar a casa.

O homem foi; encontrando tudo calmo, dirigiu-se à cozinha para acender uma vela; aí viu no fogão os olhos brilhantes do gato e, confundindo-os com brasas, pegou um galho e enfiou-o neles para acender. Mas o gato não gostou da brincadeira e pulou na cara dele arranhando-o todo. Assustadíssimo, o homem tratou de fugir pela porta dos fundos, mas o cão, deitado na soleira, deu um salto e mordeu-lhe a perna; quis fugir pelo pátio, mas, ao passar correndo perto do monte de palha, o burro deu-lhe um solene coice com a pata traseira, e o galo, que tinha acordado com todo esse tumulto, pôs-se a berrar freneticamente do alto do telhado: Có-có-có-ri-có!

O ladrão, meio morto de susto, saiu a correr até ficar sem fôlego e foi contar ao chefe o que lhe acontecera.

— Lá na casa tem uma bruxa medonha, que me soprou cinza em cima e me arranhou todo o rosto com as garras afiadas. Na soleira da porta está sentado um homem, que me feriu a perna com sua faca. No pátio, então, há um monstro que me agrediu com uma tora de madeira, enquanto que, em cima do telhado, estava o juiz, a gritar: “Tragam-me esse bandido aqui!” Então tratei de me salvar e nem sei como consegui chegar até aqui!

Desde esse dia, os ladrões nunca mais se arriscaram a entrar na casa, o que foi ótimo para os quatro músicos de Bremen, que nela se instalaram, vivendo tão bem que nunca mais quiseram sair de lá.

O alfaiate valente

Numa bela manhã de verão, um alfaiate, sentado junto à mesa, diante da janela, trabalhava com afinco e bem-humorado. Descendo a rua vinha uma camponesa anunciando em voz alta:

— Geleia boa! Geleia boa!

Essas palavras soaram-lhe agradavelmente aos ouvidos; pondo a cabecinha delicada para fora da janela, chamou-a.

— Suba até aqui, boa mulher, que venderá a sua mercadoria.

A mulher subiu com o pesado cesto os três andares e bateu à porta do alfaiate e ali teve que destapar todos os seus potes. Ele examinou-os um por um, erguendo-os contra a luz e metendo-lhes dentro o nariz. Por fim, disse:

— Sua geleia parece-me boa! Pese-me cinquenta gramas, boa mulher; mesmo se forem cem não faz mal.

A mulher, que contava vender toda a mercadoria, deu-lhe quanto pedia, mas foi-se mal-humorada e resmungando.

— Agora, que Deus abençoe a minha geleia — exclamou o pequeno alfaiate —, para que me dê força e vigor.

Tirou pão do armário, cortou uma fatia e passou nela a geleia.

— Deve ser deliciosa — disse —, mas antes de dar uma dentada tenho de acabar este paletó.

Pôs o pão de lado e retomou o trabalho, com tamanha alegria que os pontos lhe saíam cada vez mais compridos. Entretanto, o cheiro doce de geleia atingiu uma multidão de moscas, que, atraídas, desceram em massa.

— Ora, ora! — reclamou o alfaiate, enxotando as intrusas. — Quem as convidou?

As moscas, porém, que não compreendiam a linguagem dele, não se deixavam enxotar e voltavam sempre em maior número. Por fim, impaciente, ele apanhou um pano e zás-trás, sem a menor piedade, foi batendo e gritando:

— Esperem, que vou mostrar para vocês!

Quando parou de bater e retirou o pano, contou não menos de sete moscas que jaziam ali mortas, espichando para o ar as perninhas secas.

— Sou tão valente assim? — disse, admirando o próprio valor. — É preciso que toda a aldeia o saiba.

Num piscar de olhos, o pequeno alfaiate cortou um cinto, costurou-o e bordou nele as seguintes palavras em letras graúdas: “Matei sete num golpe só.”

— Qual o quê, aldeia! — prosseguiu monologando. — É preciso que o mundo todo o saiba!

De tanta alegria, saltava-lhe o coração.

O pequeno alfaiate pôs o cinto à cintura e decidiu correr mundo, achando que a modesta alfaiataria era pequena demais para conter tanta valentia. Antes de partir, remexeu a casa toda a fim de certificar-se se não havia nada para levar; encontrou apenas um queijo velho, que meteu no bolso. Diante da porta de casa, viu um pássaro enrolado numa moita; esse também foi fazer companhia ao queijo.

Em seguida, pôs valentemente os pés na estrada mas, sendo ágil e leve, não sentia canseira. A estrada ia dar a uma montanha e, quando escalou a ponta mais alta, se deparou com um gigante sentado, a olhar distraidamente de um lado para outro. O intrépido alfaiate aproximou-se dele e disse:

— Bom dia, companheiro, estás aí sentado a contemplar quão vasto é o mundo, não é? Eu estou apenas no início de minha jornada e quero experimentar minhas forças; queres vir comigo?

O gigante olhou para ele com desprezo e disse:

— Pequeno idiota!

— É verdade! — replicou o alfaiate, abrindo o paletó e mostrando o cinto. — Aqui podes ler que espécie de homem sou eu.

“Matei sete num golpe só”, leu o gigante. Pensou tratar-se de sete homens mortos pelo alfaiate e passou a ter um pouco mais de respeito por aquele homenzinho. Antes, porém, quis pô-lo à prova: pegou uma pedra na mão e apertou-a tanto que gotejou água.

— Faz o mesmo agora — disse —, se é que tens força.

— Só isso? — disse o pequeno alfaiate. — Para homem como eu, isso não passa de brincadeira.

Abaixou-se, fingindo pegar uma pedra e disfarçadamente tirou o queijo do bolso; depois espremeu-o, fazendo escorrer o caldo.

— Que tal? Isso é muito melhor, não achas?

O gigante não soube que responder, mas ainda assim não acreditava naquele homenzinho.

Então apanhou do chão uma pedra e lançou-a tão alto que o olhar não podia segui-la.

— Faz o mesmo agora, anãozinho!

— Bem lançada! — exclamou o alfaiate. — Mas a pedra caiu no chão; eu vou atirar uma que não voltará mais, verás.

Meteu a mão no bolso, pegou o pássaro e lançou-o para o ar. Feliz por estar novamente livre, o pássaro subiu, subiu e, voando sempre, desapareceu.

— Que tal, companheiro? — perguntou ironicamente o alfaiate.

— Atirar sabes muito bem — disse o gigante —, mas vamos ver se és capaz de carregar um bom peso.

Levou o alfaiatezinho para junto de um grande carvalho abatido e abandonado no chão.

— Se és bastante forte, ajuda-me a carregar este carvalho para fora da floresta.

— Com muito gosto — disse o alfaiate —, põe o tronco nos ombros, enquanto eu me encarrego da copa com os galhos, que é a parte mais pesada.

O gigante pôs o tronco no ombro e o alfaiate acomodou-se, tranquilamente, num galho. Como o gigante não podia virar-se, teve de carregar a árvore com todo o peso e mais o peso do alfaiate por acréscimo. Este, bem instalado, ia alegríssimo assobiando uma canção:

“Três alfaiates cavalgam fora do portão…”

Como se carregar árvores fosse brincadeira de criança para ele.

Após ter carregado todo o peso durante o longo trajeto, o gigante, não aguentando mais, gritou:

— Escuta, preciso largar a árvore.

O alfaiate, com toda a agilidade, saltou e segurou a árvore com os dois braços como se realmente a tivesse carregado até ali, e disse:

— És tão grande e não podes carregar uma árvore!

Continuaram andando e, passando por uma cerejeira, o gigante puxou a copa, que estava carregada de frutas maduras, e entregou-a às mãos do alfaiate para que comesse. Mas o pequeno alfaiate era fraco demais para segurá-la e, quando o gigante a soltou, a árvore voltou para o lugar, jogando o pobrezinho para o ar. Caiu são e salvo, mas o gigante, surpreendido, perguntou-lhe:

— Como é isso? Não tens força para segurar aquela copa?

— Força é que não me falta — respondeu o alfaiate. — Achas que isto é coisa para um que matou sete de um só golpe? Saltei por cima da árvore porque os caçadores estão atirando nas moitas. Salta tu também, se és capaz!

O gigante experimentou, mas não conseguiu saltar por cima da árvore,

ficando enroscado nos galhos, e assim a vantagem continuou sendo do alfaiate.

— Já que é tão valente — disse o gigante —, vem à nossa caverna e passe a noite conosco.

O pequeno alfaiate seguiu-o de boa vontade. Chegando na caverna, encontraram outros gigantes sentados junto do fogo; cada um deles comia um carneiro assado.

O pequeno alfaiate voltou o olhar à sua volta, pensando: “Isto aqui é bem maior que a minha alfaiataria!” O gigante lhe mostrou uma cama, dizendo que podia deitar-se e dormir sossegado. Mas a cama era grande demais para o pequeno alfaiate; por isso não se deitou, preferindo ficar num cantinho, escondido.

Quando deu meia-noite, o gigante, pensando que ele estivesse dormindo profundamente, levantou-se, pegou uma tranca pesada de ferro e deu um tremendo golpe na cama, certo de ter dado cabo daquele gafanhoto. Ao amanhecer, os gigantes foram para a floresta, completamente esquecidos do pequeno alfaiate. Mas eis que de repente surge ele, feliz e brincalhão. Os gigantes, espantados, com medo que os matasse a todos, fugiram correndo.

O pequeno alfaiate foi andando, seguindo sempre o rumo que lhe apontava o nariz. Andou, andou, e foi parar no pátio de um palácio real e ali, morto de cansaço, deixou-se cair no gramado, onde adormeceu profundamente. Enquanto estava dormindo, a seu redor foi-se juntando gente; descobriram o cinto e leram: “Matei sete num golpe só.”

— O que deve querer esse guerreiro aqui, em tempo de paz? — perguntavam entre si. — Deve ser, certamente, muito poderoso!

Foram comunicar o fato ao rei, comentando que, em caso de guerra, ele seria homem útil e importante, por isso não se devia, de jeito nenhum, deixá-lo partir. Agradou ao rei tal conselho; mandou, então, um dos guardas aonde se achava o pequeno alfaiate para, assim que acordasse, convidá-lo a ingressar no exército real. O emissário deteve-se junto ao dorminhoco, esperou que se espreguiçasse e abrisse bem os olhos, depois comunicou-lhe a proposta.

— Exatamente para isso que estou aqui — disse o alfaiate. — Estou pronto para entrar no exército do rei.

Assim foi recebido com todas as honras e foi-lhe destinado um alojamento especial.

Os guerreiros, porém, enciumados, ficaram com raiva do alfaiate e

preferiam que estivesse a mil quilômetros dali.

— Como acabará isto? — diziam uns aos outros. — Se provocarmos briga, ele liquida sete de um só golpe; então não poderemos com ele.

Decidiram ir todos juntos à presença do rei e pedir demissão.

— Não fomos feitos — diziam eles — para ficar junto de um homem que mata sete de um só golpe.

O rei entristeceu-se com a ideia de perder todos os homens por causa de um só e desejou que o alfaiate nunca tivesse aparecido; ficaria bem contente se pudesse livrar-se dele. Mas não ousava despedi-lo, com receio de que o assassinasse juntamente com todo o povo para depois se apoderar do trono. Refletiu longamente, até que por fim encontrou uma solução. Mandou dizer ao pequeno alfaiate que, como era tão grande herói, desejava fazer-lhe uma proposta.

Numa determinada floresta do reino havia dois poderosos gigantes que vinham causando graves danos com seus roubos, crimes e incêndios. Ninguém conseguia aproximar-se deles sem arriscar a vida. Se o herói conseguisse dominá-los e matá-los, lhe daria a filha única por esposa e metade do reino como dote; cem dos mais corajosos cavaleiros o acompanhariam para auxiliá-lo.

O pequeno alfaiate pensou com seus botões: “Para um homem como tu, seria uma coisa maravilhosa. Uma linda princesa e metade de um reino são coisas que não se oferecem todos os dias!” Então respondeu:

— Está bem, dominarei e matarei os gigantes. Não preciso do auxílio dos cem cavaleiros; quem mata sete de um só golpe não pode temer dois.

O alfaiate tomou o caminho, seguido pelos cem cavaleiros. Quando chegou na beira da floresta, disse à comitiva:

— Podem ficar esperando aqui. Com os gigantes, eu me arranjarei sozinho.

Depois embrenhou-se pela floresta adentro, olhando à direita e à esquerda. Não tardou muito, descobriu os dois gigantes que dormiam deitados debaixo de uma árvore e roncavam tanto que os galhos tremiam. O pequeno alfaiate, com a máxima rapidez, encheu os bolsos de pedras e agilmente subiu na árvore. Chegando no meio da copa, deixou-se escorregar por um galho até ficar bem por cima dos dorminhocos e dali foi deixando cair pedra por pedra sobre o peito de um dos gigantes. Durante algum tempo este nada sentiu, mas por fim acordou e, dando com o cotovelo no companheiro, disse-lhe:

— Por que me bateu?

— Estás sonhando? — respondeu o outro. — Eu não te bati!

Deitaram-se novamente e voltaram a dormir. O pequeno alfaiate então atirou uma pedra no segundo gigante.

— O que é isso? — gritou ele sobressaltado. — Por que me atirou pedras?

— Não estou te atirando coisa nenhuma — resmungou o primeiro.

Discutiram um pouco, mas, como estavam muito cansados, acalmaram-se e tornaram a fechar os olhos. O pequeno alfaiate recomeçou o jogo, escolheu a maior pedra e atirou-a com toda força no peito do primeiro gigante.

— Isso já é demais! — rugiu ele.

Levantou-se furioso e empurrou o companheiro contra a árvore, que estremeceu toda. O colega pagou com igual moeda. Completamente enfurecidos, arrancavam as árvores, batendo-se com elas, e tanto brigaram, tanto se espancaram que acabaram caindo mortos os dois. Então o pequeno alfaiate pulou da árvore, dizendo:

— Que sorte a minha não terem arrancado a árvore onde eu estava! Senão teria que pular de uma para outra como um esquilo!

Ele ergueu a espada, desferiu alguns golpes certeiros no peito de cada um deles; depois foi correndo contar aos cavaleiros:

— Está feito; despachei os dois, mas foi duro. Naquele espaço apertado eles se viram obrigados a arrancar as árvores para se defenderem. O que adianta isso quando aparece um como eu, que mata sete num golpe só?!

— E não estais ferido? — perguntaram admirados os cavaleiros.

— É difícil me derrubarem — pilheriou o alfaiate. — Nem um cabelo sequer me tocaram.

Os cavaleiros não podiam acreditar, por isso adentraram na floresta e lá se depararam com os dois gigantes nadando em sangue e, em toda a volta, jaziam as árvores arrancadas.

O pequeno alfaiate exigiu do rei a prometida recompensa, mas o rei, arrependido da promessa, pensou noutro meio para desvencilhar-se do indesejado herói.

— Antes de receber minha filha e metade do meu reino — disse-lhe —, tens de fazer outra façanha. Anda pela floresta um grande unicórnio, fazendo estragos terríveis; tens de pegá-lo.

— Ora, um unicórnio me assusta muito menos que dois gigantes. Sete num golpe só é o que serve para mim!

Muniu-se de corda e machado e dirigiu-se para a floresta, ordenando, mais uma vez, que a escolta o aguardasse do lado de fora. Não teve de procurar muito; o unicórnio logo apareceu, avançando diretamente contra o alfaiate

com o firme propósito de atacá-lo, sem muitas cerimônias.

— Devagar! Devagar! — disse ele. — Não é preciso tanta pressa!

Ficou firme, esperando até que o animal estivesse bem perto e, quando o viu chegar decidido, saltou agilmente para trás da árvore. O unicórnio arremessou-se contra o tronco com todas as forças e enfiou o chifre tão solidamente que não conseguiu retirá-lo e ali ficou preso.

— Apanhei o passarinho! — disse o alfaiate, saindo de trás da árvore.

Laçou o unicórnio pelo pescoço com a corda, cortou-lhe o chifre com o machado e, estando tudo pronto, saiu puxando o animal, que foi entregar ao rei.

Porém, o rei não se deu por vencido e não quis dar-lhe a recompensa prometida; exigiu outro ato de bravura. Antes de realizar o casamento, o alfaiate devia capturar um javali que vinha causando grandes estragos na floresta; para isso teria o auxílio dos caçadores.

— Com a maior boa vontade — disse ele. — Isso não passa de uma brincadeira de criança.

Não quis levar os caçadores para a floresta, o que muito os alegrou, pois o javali era um terror.

Quando o javali avistou o alfaiate, correu para ele arreganhando os dentes e, com a boca cheia de espuma, tentou jogá-lo no chão. Mas, ágil e esperto, o herói pulou para dentro de uma capela que havia perto, e, de um salto, saiu pela janela.

O javali entrara atrás dele na capela, mas o alfaiate, com máxima rapidez, deu volta e fechou a porta, prendendo a fera enfurecida, a qual, por ser muito grande, não podia saltar pela janela como fizera o alfaiate. Este chamou os caçadores para que vissem com os próprios olhos o prisioneiro. Depois foi ao rei que, querendo ou não, se viu obrigado a cumprir a promessa feita e dar-lhe a filha e mais a metade do reino.

Se pudesse adivinhar que não era nenhum herói aquele homem, mas um simples alfaiate, teria ficado infinitamente mais aborrecido. As celebrações, todavia, foram realizadas com grande pompa, mas com pouca alegria, e um simples alfaiate virou um rei.

Decorrido algum tempo, a rainha ouviu certa noite o marido dizer em sonho:

— Menino, anda, costura o gibão e remenda-me as calças, se não queres que te dê com o metro nas orelhas.

Ela, então, percebeu de onde tinha saído aquele jovem senhor, e, na manhã

seguinte, foi queixar-se ao rei seu pai, pedindo-lhe que a livrasse daquele tipo, que mais não era do que um pobre alfaiate. O rei confortou-a dizendo:

— Na próxima noite, deixa aberta a porta do quarto de dormir; do lado de fora, estarão postados os meus criados. Assim que ele estiver dormindo, entrarão; depois, bem amarrado, eles o levarão para um navio que o conduzirá para muito longe.

A jovem rainha ficou muito satisfeita, mas o escudeiro do jovem rei, que tudo ouvira, sendo-lhe muito afeiçoado, revelou-lhe toda a conspiração.

— Tomarei minhas providências — disse o pequeno alfaiate.

À noite foi deitar-se com a esposa como de costume. Esta, quando o supôs adormecido, levantou-se de mansinho e abriu a porta; depois voltou a deitar-se. O pequeno alfaiate, que fingia dormir, começou a gritar:

— Menino, costura o gibão e remenda-me as calças, se não te darei com o metro nas orelhas! Matei sete de um só golpe, matei dois gigantes, capturei um unicórnio e um javali; devo então ter medo daqueles que estão aí fora, à porta do meu quarto?

Ao ouvirem o alfaiate falar assim, os guardas ficaram apavorados e saíram correndo, como se perseguidos por uma legião de fantasmas. E ninguém mais ousou se aproximar dele.

E foi assim que o pequeno alfaiate ficou sendo rei por toda a vida.

As três folhas da serpente

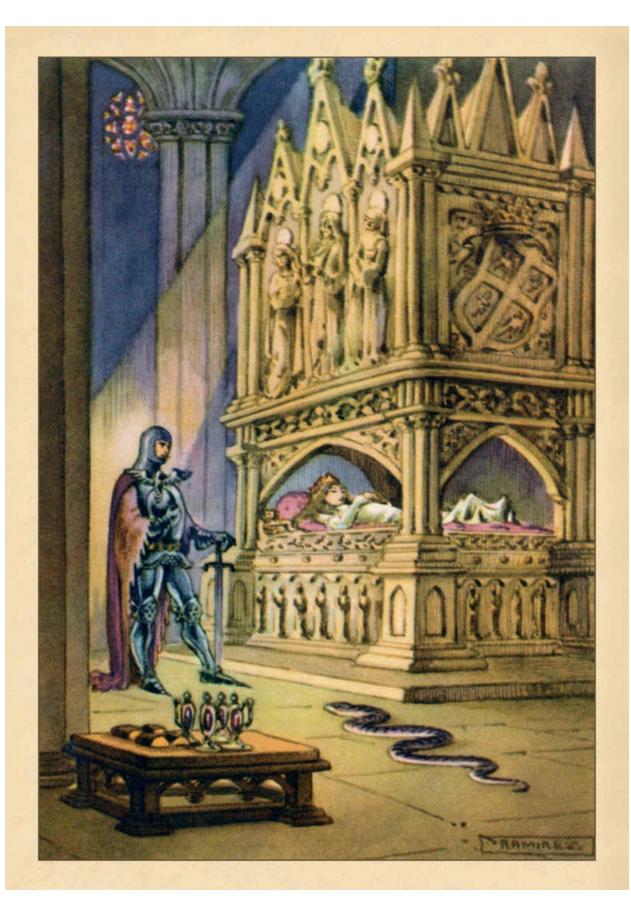
Era uma vez um homem muito pobre que não podia mais sustentar o filho único. Este, então, disse ao pai:

— Meu querido pai, tens tão pouco para viver e eu sou um peso para ti. Quero ir embora e tratar de ganhar o pão de cada dia.

O pai deu-lhe a bênção, despedindo-se dele com grande tristeza.

Naquele tempo, um rei importante estava na guerra; o jovem entrou ao seu serviço, acompanhando-o ao campo de luta. Quando chegaram à frente do inimigo, travou-se uma grande batalha; o perigo era assustador; as balas caíam de todos os lados e os companheiros eram terrivelmente mortos. Tendo caído também o comandante, os outros tentaram fugir, mas o jovem se colocou à frente deles e incentivou-os, exclamando:

— Não vamos abandonar nossa pátria! Vamos em frente!

Os outros, então, seguiram-no; ele atacou o inimigo e derrotou-o. Quando o rei soube que só a ele devia a vitória, elevou-o a grande dignidade, deu-lhe tesouros e nomeou-o primeiro-ministro de seu reino.

O rei tinha uma filha belíssima, mas muito esquisita. Ela tinha jurado que só aceitaria por esposo aquele que lhe prometesse, caso ela morresse primeiro, ser enterrado vivo junto com seu corpo.

— Se me amar realmente — dizia ela —, de que lhe adiantará viver sem mim?

Em compensação, prometia também fazer o mesmo se ele morresse primeiro, descer à sepultura junto com o marido. Esse estranho juramento sempre desanimava os pretendentes; mas o jovem ficou tão fascinado com a beleza dela que não deu importância a tal esquisitice e pediu-a assim mesmo em casamento.

— Sabes, porém, o que deves prometer? — perguntou-lhe o rei.

— Sei — respondeu o jovem. — Se a princesa morrer antes de mim, terei de descer com ela à sepultura. Mas o meu amor é tão grande que o risco não me causa receio algum.

Assim, tendo o consentimento do rei, realizaram-se as núpcias com grande esplendor.

Durante algum tempo, os jovens viveram alegres e felizes. Entretanto, aconteceu que a rainha ficou gravemente enferma e nenhum médico conseguiu salvá-la.

Diante da falecida esposa, o jovem rei lembrou-se da promessa feita e ficou horrorizado por ter de se enterrar vivo, mas não tinha outra alternativa. O rei dera ordens para que todas as portas fossem vigiadas; assim não foi possível fugir ao próprio destino. Portanto, no dia do enterro o jovem foi levado para a cripta real. Uma vez lá dentro, fecharam e trancaram a porta.

Perto do caixão havia uma mesa e, em cima dela, quatro velas acesas, quatro pães e quatro garrafas de vinho. Quando terminasse essa provisão, ele teria de morrer à míngua. Cheio de angústia e muito abatido, o jovem comia, diariamente, apenas um pedaço do pão e tomava um gole do vinho. Via, contudo, a morte aproximar-se inevitavelmente. Enquanto se achava assim pensativo, olhando para o nada, viu uma serpente sair rastejando do canto da cripta e se aproximar do cadáver. Julgando que fosse mordê-la, tirou a espada, dizendo:

— Enquanto eu viver, ninguém tocará na rainha! — E cortou o réptil em três pedaços.

Nisso apareceu uma segunda serpente, que vinha rastejando do canto da cripta, mas, quando viu a companheira morta e em pedaços, retirou-se voltando logo depois com três folhas verdes na boca. Pegou os três pedaços

da serpente morta, juntou-os direito e sobre cada um dos cortes colocou uma folha. Os pedaços uniram-se novamente, a serpente moveu-se e voltou a viver, e, em seguida, fugiu com a companheira.

As folhas ficaram caídas no chão e o jovem, que assistira àquilo tudo, perguntou-se se o poder mágico que continham, tendo ressuscitado a serpente, não poderia aplicar-se também a um ser humano. Recolheu então as folhas, colocou uma sobre a boca e as outras duas sobre os olhos da esposa falecida. Mal acabou de colocá-las, o sangue voltou a circular nas veias, dando-lhe natural colorido ao rosto. Ela respirou, abriu os olhos e perguntou:

— Oh, meu Deus, onde estou?

— Estás comigo, minha querida esposa — respondeu o jovem.

Em seguida, contou-lhe tudo o que tinha acontecido e a maneira pela qual havia voltado a viver. Depois, deu-lhe um pedaço de pão e um pouco de vinho e, assim que ela se reanimou, levantou-se e ambos foram bater à porta, esmurrando-a e gritando tão alto que os guardas ouviram e logo foram chamar o rei. Este em pessoa desceu à cripta e abriu a porta, encontrando os dois vivos, saudáveis como nunca; radiantes de alegria abraçaram-se felizes por terem superado aquele sofrimento.

O jovem rei pegou as três folhas e deu-as ao seu criado, dizendo:

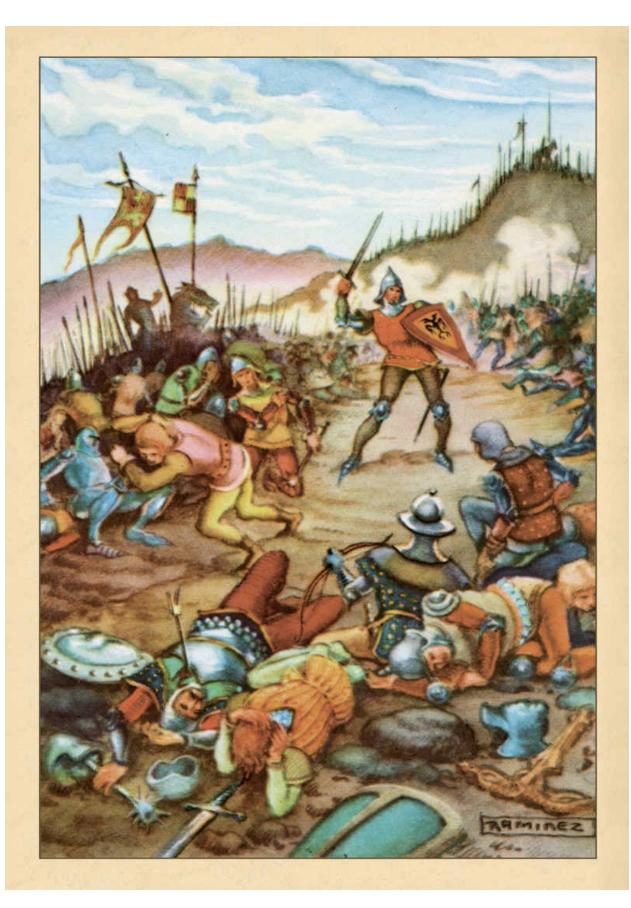
— Guarde-as com cuidado e as leve sempre contigo; quem sabe se ainda servirão a alguém!

Porém, depois de ter voltado à vida, a mulher mudara completamente; parecia que perdera todo o amor pelo marido. Depois de algum tempo, o jovem rei quis fazer uma visita ao velho pai; ao embarcarem no navio, a rainha esqueceu o grande amor e a dedicação que ele sempre lhe demonstrara, a ponto de tê-la salvo da morte, e se apaixonou pelo comandante.

Certo dia, enquanto o rei estava dormindo, a rainha chamou o comandante e mandou que pegasse o marido pelos pés, enquanto ela segurava-o pela cabeça, e atiraram-no ao mar. Consumado o crime, ela disse:

— Agora voltemos para casa. Diremos que ele morreu durante a viagem. Eu falarei bem de você ao meu pai e ele consentirá em nosso casamento. Assim ficarás sendo tu o herdeiro da coroa.

Mas o fiel criado, que viu tudo, foi escondido pegar um bote salva-vidas e desceu ao mar. Nele foi vagando à procura de seu senhor, deixando os traidores prosseguirem tranquilamente a viagem. Assim que achou o corpo, colocou-lhe nos olhos e na boca as três folhas verdes, as quais lhe

devolveram a vida.

Juntos, então, puseram-se a remar dia e noite, com todas as forças, e o bote voava por sobre as ondas com tamanha velocidade que chegaram antes dos outros à presença do rei. Este, vendo-os regressar sozinhos, muito se admirou e perguntou qual o motivo. Ao ter conhecimento da crueldade da filha, exclamou:

— Custa-me crer que tenha agido assim cruelmente, porém a verdade logo virá à luz.

Mandou que entrassem num quarto secreto e ficassem ocultos de todos. Não tardou muito e chegou o navio. A cruel princesa apresentou-se ao pai fingindo estar muito aflita. Ele perguntou-lhe, então:

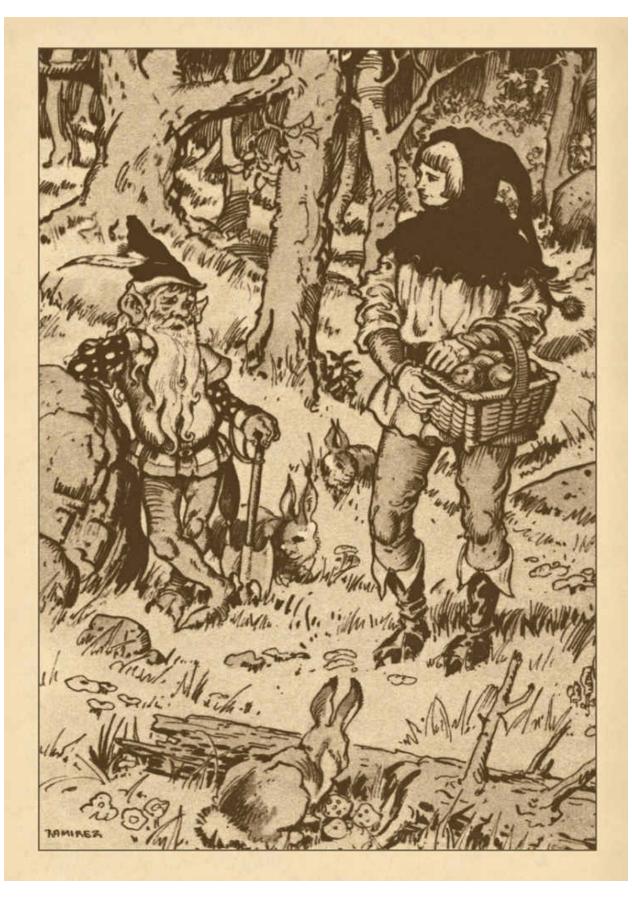
— Por que voltas sozinha? Onde está teu marido?

— Ah, meu querido pai — respondeu ela —, volto em grande luto; meu marido adoeceu repentinamente durante a viagem e faleceu. Se este bom comandante não me socorresse, não sei que teria sido de mim. Ele assistiu-lhe a morte e pode contar tudo.

— Eu vou fazer o morto voltar a viver — disse o rei.

Ele abriu a porta do quarto secreto e fez os dois saírem. Ao ver o marido, a princesa recebeu um choque tão grande como se lhe tivesse caído um raio aos pés. Caiu de joelhos implorando perdão, mas o rei gritou-lhe:

— Para ti não pode haver perdão! Ele concordou em morrer contigo; te devolveu a vida e tu o assassinaste enquanto dormia. Deves, então, receber o justo castigo!

Conduziram-na, juntamente com o cúmplice, para um velho navio com muitos furos e os lançaram ao mar, onde não demorou muito e naufragou.

O grifo[2]

ra uma vez um rei muito poderoso.

Ele não tinha filhos homens, só uma filha que vivia doente e médico nenhum conseguia curá-la. Um dia, alguém previu que a princesa só se curaria se comesse uma maçã. Então o rei fez anunciar por todo o reino que, aquele que trouxesse a maçã que a curasse, casaria com ela e mais tarde seria seu sucessor.

A notícia chegou até uma aldeiazinha onde vivia um pobre camponês que tinha três filhos. Chamando o filho mais velho, disse-lhe:

— Pega uma cesta e vai ao pomar colher as maçãs mais vermelhas e perfumadas e leva-as ao castelo. Talvez a princesa coma, recupere a saúde e você se case com ela.

O rapaz fez o que dizia o pai; em seguida, saiu pela estrada afora rumo à cidade. Tendo andado um bom trecho, encontrou um anão que lhe perguntou o que levava no cesto. O rapaz, que se chamava Elias, respondeu:

— Levo patas de rãs.

— Muito bem — respondeu o anão —, assim é e assim ficará sendo. — E foi-se embora.

Elias continuou o caminho e, por fim, chegou ao castelo, fazendo anunciar que trazia maçãs que curariam a princesa se as comesse. O rei ficou contentíssimo e fez entrar o rapaz. Mas vejam só! Quando Elias abriu o cesto, em vez de maçãs só se viu um montão de patas de rãs, que ainda esperneavam. O rei ficou furioso e mandou que os criados o enxotassem o quanto antes do castelo. Chegando em casa, Elias contou ao pai o que se passara. Então o velho disse ao segundo filho, que se chamava Simão:

— Colhe tu um cesto de maçãs e vê se tens mais sorte que teu irmão.

Simão obedeceu, e, quando ia pela estrada, encontrou-se também com o anão, que lhe perguntou o que levava no cesto. Em tom de ironia, Simão respondeu:

— Levo pelos de porco.

O anão disse-lhe:

— Muito bem, assim é e assim ficará sendo.

Quando Simão chegou ao castelo e se apresentou, a sentinela não queria

deixá-lo entrar, dizendo que já haviam sido enganados por um outro. Mas Simão insistiu, afirmando que trazia as melhores maçãs, que certamente curariam a princesa. Por fim, levaram-no à presença do rei. Mas, quando abriu o cesto, viu-se dentro dele um punhado de pelos de porco. O rei enfureceu-se de tal forma que mandou expulsar o rapaz a chicotadas.

Chegando em casa, Simão contou a triste aventura ao pai. Então veio o mais moço dos filhos, que se chamava João, e que todos tratavam com pouco caso por o acharem um tanto bobo, e pediu ao pai para levar ao castelo o cesto de maçãs.

— Sim! — disse o pai com certo desprezo. — És realmente muito indicado! Se teus irmãos que são mais espertos não o conseguiram, como é que um tolo como tu o conseguirá?

Mas João não parava de insistir.

— Deixa-me ir, pai. Deixa-me ir!

— Santo Deus, fica quieto, seu desmiolado! — respondeu o pai sem paciência. — Devias procurar se esforçar para ser um pouco mais esperto! — E com isso deu-lhe as costas.

João não se conformava e, puxando-o pelo paletó, tornou a pedir:

— Eu quero ir! Deixa-me ir, pai.

— Pois bem, vai e não me amola! — respondeu com impaciência o pai.

O rapaz deu pulos e não cabia em si de alegria.

— Calma, não vai ficar maluco agora! Cada dia fica mais estúpido! — explodiu o pai, muito irritado.

Mas João não se importou com isso, e também não perdeu a alegria. Entretanto, como já estivesse anoitecendo, resolveu esperar até a manhã seguinte e foi-se deitar. Mas não conseguia dormir; virava-se de um lado e de outro. Quando, por fim, conseguiu pegar no sono, sonhou com lindas donzelas, com castelos magníficos, com pilhas de ouro e prata e outras coisas belas.

Logo ao romper do dia, foi colher as maçãs e pôs-se a caminho. Encontrou-se também com o anão velhinho, que lhe perguntou o que levava no cesto. João respondeu que levava maçãs para curar a princesa.

— Muito bem — respondeu o anão —, assim é e assim ficará sendo.

Ao chegar ao castelo, porém, as sentinelas não queriam de modo algum deixá-lo passar, porque já tinham vindo outros alegando que traziam maçãs, e um trazia patas de rãs, enquanto o outro apresentou pelos de porco. Mas João não se deu por vencido. Jurou, afirmou que não trazia nada dessas coisas e

sim lindas maçãs, as mais belas que existiam em todo o reino. Falou com tanto desembaraço e franqueza que a sentinela se convenceu de que não estava mentindo e o deixou entrar.

E não se arrependeu, pois, quando o rapaz retirou a tampa do cesto, na presença do rei, viram surgir belíssimas maçãs douradas e que espalhavam perfume delicioso. O rei alegrou-se muito vendo-as e mandou logo levá-las à filha. Depois ficou esperando ansioso pelo efeito produzido. Não demorou muito, chegou a resposta. E sabe quem a trouxe? Foi a própria princesa.

Assim que provara uma daquelas maravilhosas maçãs, recuperou a saúde de imediato e, muito contente, saltou da cama, sã e vigorosa.

Impossível descrever a felicidade do rei.

Agora, porém, que via a filha curada, não mais queria dá-la ao pobre camponês. Não sabendo como livrar-se dele, disse-lhe que, antes de receber a princesa por esposa, teria de fazer um barco que andasse tão bem por terra como por mar.

O pobre João aceitou a condição, meio decepcionado. Voltou para casa e contou ao pai tudo o que se passara. O pai resolveu, então, mandar o filho mais velho, Elias, à floresta para escolher a madeira e fazer o barco.

Elias estava lá trabalhando com afinco e assobiando uma canção, quando, ao meio-dia, o sol a pino, aproximou-se dele o anão e perguntou o que estava fazendo. Elias, mal-educado como sempre, respondeu:

— Catando galhos.

— Bem — disse o anão —, assim é e assim ficará sendo.

No fim do dia, certo de ter construído o barco, Elias quis subir nele, então viu com espanto que só tinha galhos ali.

No dia seguinte, Simão foi à floresta com a mesma incumbência, mas aconteceu-lhe tudo exatamente como ao irmão. No terceiro, chegou a vez de João. Chegando à floresta, começou a trabalhar com tamanho afinco que as marteladas se ouviam longe; cantando e assobiando alegremente, ia construindo o barco. Ao meio-dia, quando o sol estava bem a prumo no céu, apareceu o anão perguntando o que estava fazendo.

— Tenho de fazer um barco que tanto ande por terra como por mar — respondeu ele. — Se o conseguir, eu me casarei com a filha do rei.

— Bem — disse o anão —, assim é e assim ficará sendo.

No fim do dia, João terminara o barco exatamente como o rei queria; meteu-se dentro dele e pôs-se a remar para a cidade. E o barco deslizava tão velozmente como se impulsionado pelo vento na água. O rei viu-o de longe

chegar com o barco, mas continuou a relutar em dar-lhe a filha e, como pretexto, disse-lhe que devia submeter-se a outra prova.

— Deves cuidar, durante um dia, das cem lebres da princesa. Se faltar uma só esta noite — disse o rei —, perdes o direito à mão de minha filha.

E lá se foi o pobre João, no dia seguinte, levar as cem lebres ao pasto, vigiando bem para que não lhe escapasse nem uma. Pouco depois veio uma das cozinheiras do castelo e pediu para levar uma das lebres, pois, tendo recebido visitas, queriam que a preparasse para o jantar. João compreendeu muito bem que isso não passava de uma cilada e se recusou a entregar a lebre; o rei podia, se quisesse, oferecer a lebre no dia seguinte às suas visitas. Mas a criada continuava a insistir e, por fim, acabaram brigando; na sua exaltação, João disse que só entregaria a lebre se a princesa em pessoa fosse buscá-la. A criada foi e contou à princesa. Nesse tempo, apareceu o anão e perguntou ao rapaz o que estava fazendo ali.

— Ah — respondeu ele —, tenho de guardar as cem lebres da princesa e não deixar escapar nem uma; só assim poderei casar com a filha do rei e herdar o trono.

— Pois bem — disse o anão —, eis aqui um apito; se alguma delas fugir, só tens de apitar e ela voltará imediatamente.

Pouco depois, chegou a princesa e João lhe deu uma lebre. Mas ela não havia andado cem passos ainda, o jovem tocou o apito e a lebre pulou do avental e, com alguns saltos, foi juntar-se às companheiras. Ao anoitecer, João tornou a apitar, reuniu todas elas e conduziu-as ao castelo.

O rei ficou muito admirado ao ver que o rapaz conseguira guardar as cem lebres sem deixar escapar nem uma; ainda assim, porém, não queria dar-lhe a filha. Então, propôs-lhe, como última condição, uma coisa que julgava humanamente impossível de se obter. Queria que lhe trouxesse uma pena do rabo do grifo.

João logo se pôs a caminho, seguindo sempre em frente sem medo. Pela tardinha, chegou a um castelo e pediu para passar aquela noite, pois nesse tempo ainda não existiam hospedarias nem albergues. O proprietário do castelo recebeu-o com muito agrado e perguntou para onde ia.

— Vou em busca do grifo — respondeu o rapaz.

— Ah, vais procurar o grifo! Dizem que esse animal sabe tudo quanto se passa no mundo; queres fazer o favor de perguntar-lhe onde se poderá encontrar a única chave que abre o cofre onde guardamos todo o nosso dinheiro? Há tempo que a perdemos!

— Perguntarei com todo o gosto — disse João.

Retomou o caminho logo pela manhã e, ao anoitecer, chegou a outro castelo e ali também pediu para dormir. Quando os donos souberam que ele ia à procura do grifo, pediram-lhe que perguntasse o que poderia curar sua única filha, que estava doente e nenhum remédio dava resultado.

João prometeu que o faria de muito boa vontade e de novo se pôs a caminho. Dentro em pouco, chegou à margem de um rio largo e profundo, sobre o qual não se via ponte alguma. Nisto viu chegar um enorme e musculoso remador com um barco, que tinha o encargo de transportar as pessoas para a outra margem. O homem perguntou-lhe aonde ia.

— Vou em busca do grifo — disse João.

Então o homem pediu-lhe para perguntar ao grifo porque era que tinha sempre e sempre de transportar gente de uma a outra margem, sem nunca descansar.

João prometeu fazê-lo. O homem transportou-o para o outro lado e ele continuou o caminho. Depois de andar um bom trecho, chegou, finalmente, à casa do grifo, que estava ausente no momento, encontrando-se lá apenas sua esposa. Esta perguntou ao rapaz o que desejava.

Então ele contou-lhe tudo: tinha que levar uma pena do rabo do grifo para o rei; e tinha que saber onde estava a chave do cofre do castelo, perdida há muitos anos; e precisava saber também o que poderia curar a filha dos donos de um outro castelo; e, finalmente, conheceu um barqueiro que queria saber o que devia fazer para ficar livre de transportar as pessoas sem nunca descansar.

A esposa, então, disse-lhe:

— Meu bom amigo, nenhum humano pode falar com o grifo; ele os detesta e devora todos quanto encontra. Como és um bom rapaz, vou ajudar-te. Vai para debaixo da cama e à noite, quando o grifo estiver dormindo, estica o braço e arranca-lhe uma pena do rabo; quanto às perguntas, eu as farei e tu ouvirás as respostas.

João seguiu os conselhos e escondeu-se debaixo da cama. Pela tardinha, ouviu-se um grande ruído e bater de asas; era o grifo que voltava e, assim que entrou no quarto, disse:

— Esposa, estou sentindo cheiro de carne humana.

— Tens razão — disse a mulher —, hoje esteve um rapaz aqui, mas já se foi embora.

O grifo contentou-se com essa resposta. Mais ou menos à meia-noite,

quando ele roncava sonoramente, João, com muito cuidado, arrancou-lhe uma pena do rabo. O grifo deu um pulo na cama e gritou:

— Esposa, continuo sentindo cheiro de carne humana e parece-me que alguém me puxou o rabo.

— Ora, ora — disse a mulher —, com certeza sonhaste; eu te contei que esteve aqui um rapaz, mas que logo se foi. Ele contou-me uma porção de coisas! Disse-me que num castelo distante, perderam a chave do cofre e não conseguem mais encontrá-la!

— Que tonto! — resmungou o grifo. — A chave está no depósito de lenha, atrás da porta, embaixo de uma pilha.

— Depois contou-me que noutro castelo há uma moça muito doente e ninguém conhece algum remédio capaz de curá-la.

— Que tolos! — respondeu ele. — Debaixo da escada que vai à adega, há um rato que fez o ninho com os cabelos dela; se conseguir os cabelos de volta, ela ficará curada.

— E, sabes, disse-me ainda que aqui por perto há um rio no qual se encontra um barqueiro que transporta a gente para a outra margem; ele gostaria de saber o que deve fazer para se livrar desse trabalho.

— Que estúpido! — disse o grifo. — Se uma vez largasse alguém no meio do rio, nunca mais teria de transportar ninguém.

Pela manhã, o grifo levantou-se e saiu para os seus afazeres. Então João deixou o esconderijo, segurando a pena arrancada; além disso ouvira e guardara na memória todas as respostas do grifo e, depois de agradecer e se despedir gentilmente da mulher, João seguiu de volta para o reino.

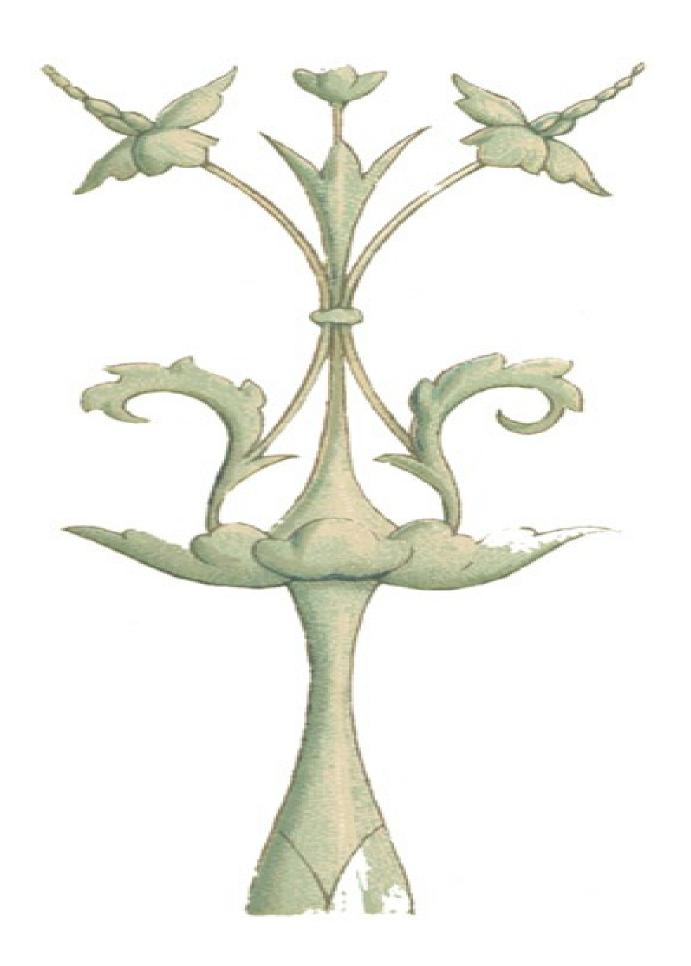
Tendo chegado à margem do rio, fez-se transportar para o outro lado; depois disse ao homem que, quando viesse alguém, o largasse no meio do rio, assim nunca mais teria de transportar ninguém. O homem agradeceu-lhe muito e perguntou-lhe se queria ser transportado ainda uma vez de um lado para outro, mas João não aceitou, dizendo que preferia poupar-lhe aquele trabalho, depois seguiu adiante.

Ao chegar ao castelo onde estava a jovem doente, carregou-a nas costas, porque ela não podia andar, e levou-a à adega. Descobriu o ninho do rato debaixo da escada e entregou-lhe. Pegando os cabelos, ela ficou imediatamente curada e saiu correndo na frente dele pela escada acima, alegre e feliz como nunca. Os pais, radiantes de felicidade, presentearam Joãozinho com uma grande quantidade de ouro, prata e pedras preciosas, dizendo que levasse tudo quanto quisesse.

Ao chegar no castelo seguinte, o rapaz foi diretamente ao depósito de lenha e, atrás da porta, sob uma grande pilha de lenha, encontrou a chave do cofre, que entregou ao dono. Este se alegrou imensamente e deu-lhe tanto ouro quanto lhe era possível carregar, além de muitas outras coisas: vacas, ovelhas, cabras, enfim, tudo o que ele quis.

Assim, quando João chegou ao castelo do rei, pai de sua noiva, com toda aquela riqueza e ainda por cima a pena do grifo, o rei perguntou-lhe onde tinha conseguido tudo aquilo.

O jovem disse-lhe que o grifo dava tudo o que se queria. Então o rei pensou que seria muito bom possuir tanta coisa e resolveu conhecer, ele mesmo, o grifo.

Pegou logo o caminho e, quando chegou ao rio, o barqueiro transportou-o no barco, mas, quando estavam no meio do rio, pegou o rei e largou-o dentro da água e foi-se embora, deixando que morresse afogado! Alguns dias depois, João se casou com a princesa e tornou-se um rei muito querido naquele país.

Nota

2 *Animal mitológico que tem corpo de leão com cabeça e asas de águia.*

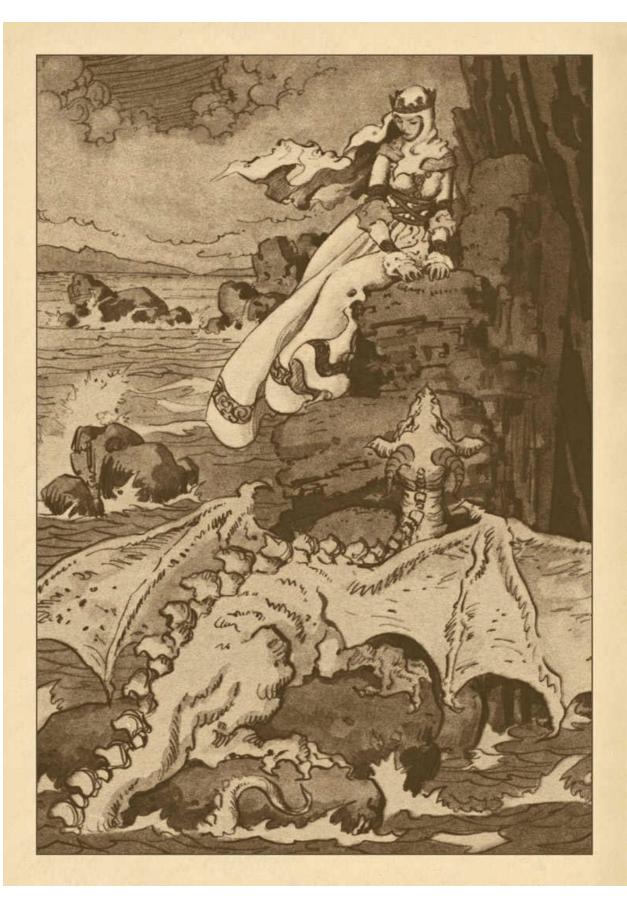
Os quatro irmãos habilidosos

Era uma vez um homem muito pobre que tinha quatro filhos; quando já estavam crescidos, disse-lhes:

— Meus caros filhos, já é hora de cuidarem de suas vidas; sigam pelo mundo afora. Não tenho nada para dar; portanto, viajem para algum país estrangeiro e aprendam um trabalho para viverem honestamente.

Os quatro irmãos despediram-se do pai e, juntos, saíram da cidade. Andaram algumas horas e chegaram a uma encruzilhada de onde partiam quatro estradas opostas. Então, Pedro, que era o mais velho, disse aos irmãos:

— Agora é melhor separarmo-nos; cada qual irá para um lado tentar fortuna: daqui a quatro anos, no mesmo dia e na mesma hora de hoje, devemos nos encontrar neste mesmo lugar.

Cada qual seguiu por um caminho. O mais velho logo encontrou um homem, que lhe perguntou aonde ia e o que queria fazer.

— Estou à procura de um trabalho— respondeu o moço.

— Pois bem — disse o homem —, vem comigo e aprenderás o ofício de ladrão.

— Não, não — respondeu Pedro. — Essa é uma profissão pouco honrada e, no final, acaba-se pendurado na forca.

— Oh — respondeu o outro —, não tenha medo da forca; eu te ensinarei somente como deves fazer para roubar os objetos mais escondidos e ninguém poderá te pegar.

Pedro acreditou e, nessa escola, tornou-se logo tão hábil na arte de roubar que nada mais estava em segurança perto dele.

O segundo, que se chamava João, também encontrou um homem no seu caminho, que lhe perguntou para onde ia e o que desejava aprender.

— Vou à procura de um ofício, mas ainda não sei qual.

— Então vem comigo e aprenderás a ser um bom astrônomo. Não há coisa melhor; nada ficará oculto para ti.

João aceitou e seguiu o mestre. Após algum tempo, tornou-se um astrônomo perfeito e, quando aprendeu tudo, quis continuar a viagem. O mestre deu-lhe de presente de um telescópio, dizendo:

— Com este aparelho poderás ver tudo o que ocorre na Terra e no Céu.

O terceiro irmão, chamado José, aprendeu o ofício de caçador. O professor lhe ensinou tudo o que se relacionava com a arte de caçar, e ele se tornou um caçador perfeito. Quando terminou o aprendizado, despediu-se do mestre e este presenteou-o com uma espingarda, dizendo:

— Esta espingarda nunca falha. Com ela acertarás qualquer alvo.

Miguel, o mais moço dos quatro irmãos, por sua vez, encontrou um homem que lhe fez as mesmas perguntas, e lhe sugeriu:

— Não gostarias de aprender o ofício de alfaiate?

— Não é do meu agrado — respondeu o rapaz. — Não me entusiasma a ideia de ficar o dia inteiro curvado com uma agulha na mão!

— Qual nada! — respondeu o homem. — Isto é o que pensas. Comigo aprenderás uma arte muito diversa. Uma arte digna e muito apreciada, mesmo honrosa!

O rapaz convenceu-se; seguiu o mestre e acabou por se tornar um alfaiate de primeira ordem e muito hábil. No final do aprendizado, despediu-se e o mestre presenteou-o com uma agulha, dizendo:

— Com esta agulha, podes costurar seja lá o que for. Quer seja mole como um ovo ou duro como o aço, a emenda ficará tão perfeita que ninguém a

poderá reparar.

Finalmente, os quatro anos se passaram e, no dia marcado, os quatro irmãos encontraram-se no lugar combinado. Cheios de alegria, abraçaram-se e beijaram-se, dirigindo-se depois para a casa do pai. Este ficou radiante ao tornar a vê-los.

— Que bom vento vos trouxe novamente à casa? — disse, muito satisfeito.

Os filhos contaram-lhe, então, todas as peripécias ocorridas com eles e a espécie de ofício que tinham aprendido. Estavam justamente sentados à sombra de uma frondosa árvore que havia em frente de casa, e o pai, querendo ter certeza sobre o que diziam, propôs:

— Desejo pôr à prova a vossa habilidade. Lá em cima, no topo da árvore, entre dois galhos, há um ninho de pintassilgos. Diga-me, meu filho — disse o pai dirigindo-se ao astrônomo —, quantos ovos há dentro dele?

João pegou na luneta, dirigiu-a para a árvore e disse no fim de alguns segundos:

— Há cinco.

— Tu — disse o pai ao mais velho —, vais retirar os ovos, mas sem incomodar o pássaro que lá está chocando.

O ladrão subiu pela árvore e, sem incomodar o pássaro, que nada percebeu, retirou os cinco ovos que estava chocando e trouxe-os para o pai, que os colocou sobre a mesa, um em cada ângulo e o quinto no centro. Dirigindo-se ao terceiro filho, disse:

— Quanto a ti, tens de os furar pelo meio, com um só tiro.

O caçador apontou a espingarda e furou os ovos exatamente como lhe pedia o pai, acertando todos cinco com um só tiro. (Com certeza ele possuía aquela espécie de pólvora que dobra as esquinas!)

— Agora a tua vez, Miguel — disse o pai. — Com tua famosa agulha tens de costurar as cascas dos ovos e os passarinhos que estão dentro de maneira que o tiro não os prejudique.

O alfaiate pegou a agulha e costurou tudo como exigia o pai. Quando terminou, Pedro tornou a ir pôr os ovos no ninho tão de leve que o pássaro não percebeu e continuou a chocar; alguns dias depois os filhotes saíram da casca como se não tivessem sido furados.

— Muito bem — disse o pai —, só posso fazer os melhores elogios. Aproveitastes bem o vosso tempo, aprendendo com perfeição. Não sei para quem darei o prêmio de vencedor; veremos isso quando tiverem oportunidade de empregar a vossa arte.

Algum tempo depois, o país estava todo em alvoroço porque a filha do rei tinha sido raptada por um dragão. O rei, muito aflito, mandou anunciar que aquele que a trouxesse de volta, casaria com ela e, mais tarde, herdaria o trono.

— Eis uma ótima ocasião para nós — disseram os quatro irmãos. — Procuremos juntos salvar a princesa.

— Vou saber já onde ela se encontra — disse o astrônomo.

Foi buscar a luneta e, olhando em todos os sentidos, disse:

— Estou vendo-a. Está sentada sobre um rochedo, no meio do mar, distante daqui muitas léguas. O terrível dragão está montando guarda junto dela.

Apresentaram-se ao rei e pediram-lhe um navio; assim que o conseguiram, navegaram em direção ao rochedo. A princesa continuava lá sentada e o terrível animal, deitado ao lado dela, dormia com a cabeça no seu colo. O caçador disse:

— Nessa posição em que se encontra, não posso atirar, pois mataria também a princesa.

— Deixe isto por minha conta — disse o ladrão.

Ele saltou para terra, e, sorrateiro, retirou a princesa, tão habilmente e com tanta destreza que o monstro não percebeu e continuou roncando.

Radiantes de alegria, carregaram-na correndo para o navio e fugiram.

Mas o dragão, despertando pouco depois e não vendo mais a princesa, saiu a persegui-los, rugindo furiosamente pelo céu. Quando já pairava por cima do navio e ia avançar sobre os fugitivos, o caçador apontou-lhe a espingarda e atingiu-o em pleno coração. O monstro despencou, fazendo um barulho enorme; mas era tão grande que ao cair despedaçou completamente o navio.

Felizmente, eles conseguiram agarrar-se a algumas tábuas e ficaram flutuando no vasto mar. O perigo era imenso, mas o alfaiate, sem perder tempo, pegou a agulha mágica e, num piscar de olhos, costurou solidamente os destroços do navio, e recolheu nele toda a ferragem, cosendo-a muito bem nos respectivos lugares. Executou o trabalho com tanta habilidade que logo o navio ficou em condições de navegar e assim puderam voltar para casa.

Ao ver a querida filha, o rei ficou louco de alegria e disse aos quatro irmãos:

— Cumprirei a promessa. Um dos quatro se casará com ela, mas qual será devem decidi-lo entre vós.

Então começou entre eles uma tremenda briga, porque cada qual tinha as

suas pretensões. O astrônomo dizia:

— Se eu não tivesse descoberto com a minha luneta onde se encontrava a princesa, todas as vossas artes seriam inúteis, portanto sou eu que devo casar com a princesa.

— De que serviria saber onde ela estava — protestou o ladrão —, se eu não a tivesse salvado do dragão? Portanto, ela é minha.

O caçador, por sua vez, dizia:

— Qual nada! O monstro teria devorado vós todos e mais a princesa, se o tiro de minha espingarda não o tivesse matado, por isso me casarei com ela.

— E se eu, com a minha agulha mágica, não tivesse reconstruído o navio, teriam todos se afogado, portanto ela tem de ser minha esposa.

A discussão já ia longe, quando o rei interveio.

— Na verdade, todos têm igual direito à mão de minha filha e, como ela não poderá casar com os quatro, nenhum a terá. Em compensação dou a metade do meu reino para que o dividam entre vós.

Essa decisão agradou plenamente os irmãos, que exclamaram:

— É bem melhor assim do que vivermos brigando!

Assim, cada qual instalou-se nos seus ricos domínios, vivendo muito felizes. O pai ia, alternadamente, passar três meses em companhia de cada um dos filhos, ficando todos satisfeitos, enquanto o bom Deus o permitiu.

Jorinda e Jorindo

Era uma vez, no meio de uma floresta, um enorme e antigo castelo, no qual morava, completamente só, uma velha bruxa muito poderosa. Durante o dia, ela transformava-se em gata ou em coruja, mas à noite retomava a forma humana.

A velha tinha o poder de atrair os animais silvestres e os pássaros, depois matava-os e os fazia refogados ou assados. Se alguém, por acaso, se aproximasse do castelo, a cem passos de distância ficava feito estátua, sem poder mover-se enquanto ela não o fosse libertar. E se, por acaso, uma jovem entrasse naquele círculo, a bruxa logo a transformava em pássaro, prendia numa gaiola e carregava para determinada sala do castelo. Lá dentro já havia sete mil dessas gaiolas com pássaros raros.

Vivia nas proximidades uma donzela chamada Jorinda, que era mais linda que todas as outras. Ela e um belíssimo jovem chamado Jorindo estavam noivos. O dia do casamento fora marcado para muito breve e os dois viviam radiantes. A felicidade deles só era completa quando podiam estar um ao lado do outro.

Certo dia, como queriam conversar e trocar confidências mais à vontade, foram dar um passeio na floresta.

— Toma cuidado, Jorinda — disse o noivo —, não te aproximes muito do castelo.

Era uma tarde esplêndida; o sol brilhava por entre os galhos das árvores, iluminando o verde-escuro da floresta. Sobre a velha faia, uma meiga rolinha arrulhava melancolicamente.

De quando em quando Jorinda sentava-se onde batia o sol e começava a chorar e a lastimar-se; Jorindo também fazia o mesmo. Sentiam-se ambos tão angustiados como se fossem morrer naquela hora. Estavam perdidos e olhavam amedrontados para todos os lados sem conseguir encontrar o caminho de volta. O sol já ia se escondendo por trás da montanha e o jovem continuava a procurar uma saída. Nisso avistou, por entre grandes moitas, os muros do antigo castelo. Estremeceu, tomado de angústia mortal. Jorinda, por seu lado, cantava tristemente:

— Meu pássaro de coleira vermelha,
canta triste, sua triste sina.
Canta a morte de sua pombinha:
Ai que triste canto, tris… piu, piu, piu.

Jorindo olhou para ela e viu que tinha se transformado num rouxinol e cantava piu, piu, piu. Uma coruja de olhos brilhantes como brasas voou três vezes em torno dela e três vezes gritou: “Chu, uuu, uuu.”

Jorindo não podia mover-se, estava como que petrificado, sem poder chorar, nem falar, nem mexer as mãos ou os pés. Agora o sol já tinha se posto, e a coruja voou para um arbusto e logo depois apareceu uma velha encurvada, amarela e muito magra, com os grandes olhos vermelhos e o nariz adunco, cuja ponta lhe tocava o queixo. Resmungou alguma coisa, agarrou o pássaro e levou-o consigo. Jorindo não podia pronunciar uma palavra sequer, nem fazer um gesto qualquer, e o rouxinol desapareceu. Por fim a mulher voltou e disse com sua voz cavernosa:

— Eu te saúdo, Zaquiel;
quando a lua redonda brilhar nas folhas,
solta-o, Zaquiel, naquela horinha.

E Jorindo, depois dessas palavras, ficou livre. Caiu aos pés da velha, suplicando-lhe que lhe devolvesse a querida Jorinda, mas ela, implacável, respondeu-lhe que nunca mais a teria e com isso deu-lhe as costas e foi-se

embora. Ele chorou, gritou, implorou, mas em vão.

— Ah! Que será de mim!

Jorindo caminhou até uma aldeia desconhecida e lá passou a ser pastor de ovelhas.

Dirigia-se, frequentemente, aos arredores do castelo, sem contudo aproximar-se muito. Finalmente, certa noite sonhou que achara uma flor vermelha como o sangue, a qual tinha no meio dos pistilos uma belíssima pérola muito grande. Colheu a flor e dirigiu-se ao castelo. Tudo o que ele tocava com a flor logo se libertava do encanto e, no sonho, assim salvou sua querida Jorinda.

Pela manhã, quando despertou, decidiu encontrar essa flor e começou a procurá-la por entre vales e montanhas. Procurou durante nove dias e, no último dia, de manhã bem cedo, encontrou a flor vermelha como sangue. No meio dela estava uma gota de orvalho, grande e linda como a mais esplêndida pérola.

Dia e noite foi levando a flor, até chegar ao castelo.

Radiante de alegria, Jorindo tocou a porta com a flor e ela abriu-se automaticamente. Então foi entrando. Atravessou o pátio atento a tudo, a fim de descobrir de onde vinha aquele imenso cantar de pássaros. Por fim descobriu. Encaminhou-se para aquela direção e encontrou a sala onde estava a velha bruxa alimentando os pássaros presos nas sete mil gaiolas.

Quando a velha o viu, ficou louca de ódio e começou a insultá-lo, cuspindo-lhe na cara fel e veneno, mas, a dois passos de distância dele, ficou paralisada.

Jorindo não se perturbou, continuou a procurar entre as gaiolas; entre tantas centenas, porém, como poderia descobrir a sua Jorinda?

Enquanto estava assim procurando, percebeu que a velha pegou uma gaiola com um pássaro dentro e ia tratando de escapulir. Imediatamente ele pulou para junto dela e com a flor tocou a gaiola e também a velha que, com esse toque, perdeu todo o poder de encantamento.

E Jorinda estava lá na sua frente, bela como sempre fora. Jorindo tomou-a nos braços, com imensa alegria.

Também os outros pássaros, todos, graças ao toque da maravilhosa flor, recuperaram a forma humana de lindas jovens. Depois disso, ele regressou para casa com a querida Jorinda e viveram muitos e muitos anos, alegres e felizes.

O pescador e sua esposa

Era uma vez um pescador e sua esposa, que moravam num casebre miserável perto do mar. O pescador passava os dias com o anzol pescando, pescando e… pescando.

Certa vez, estava sentado pescando e olhava para o mar liso, calmo, transparente, que permitia ver até bem longe a areia no fundo. Pescava pouco, porém; o necessário apenas para não morrer de fome. Jogou o anzol na água e este foi afundando mais e mais; quando puxou a linha, vinha preso um grande linguado. O linguado então disse:

— Escute, pescador, te imploro que me deixes viver. Eu não sou um linguado de verdade, sou um príncipe encantado. Joga-me na água, por favor, e deixa-me ir, sim?

— Está bem — respondeu o pescador —, não precisas falar tanto. Um linguado falante não se vê a toda hora! Te deixarei partir.

Assim dizendo, jogou-o novamente dentro da água límpida e transparente. O peixe mergulhou, deixando um rastro de sangue. O pescador, regressando ao casebre, foi conversar com a esposa.

— Então, marido — perguntou ela —, não pescaste nada hoje?

— Pesquei apenas um linguado, que disse ser um príncipe encantado, e soltei-o novamente no mar — respondeu o marido.

— E não lhe pediste nada?

— Eu não! O que iria pedir-lhe? — respondeu o homem.

— Ah — lastimou-se a mulher —, é bem desagradável viver sempre neste casebre caindo aos pedaços! Cheira mal a ponto de enjoar! Bem podias ter pedido uma casinha arejada. Volta para junto do mar e chama-o; dize-lhe que desejamos uma casinha, que ele certamente nos dará.

— Mas por que devo voltar para perto do mar?

— Como és tolo — disse a mulher. — Você o pescou e o soltou, certamente agora te dará tudo o que pedires. Vai, vai e o procura.

O pescador não tinha vontade de voltar para junto do mar, mas não queria contrariar a esposa e por isso acabou indo. Quando chegou, o mar já não estava liso como antes, tinha agora uma cor verde-clara e amarelada. Ele parou um pouco, depois disse:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!
Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

Então o peixe veio nadando até ele e disse:

— O que ela quer então?

— Ah — suspirou o homem —, eu te pesquei e te libertei. Ela diz que eu devia ter te pedido alguma coisa. Ela não quer mais morar naquele casebre e deseja mudar-se para uma casinha arejada.

— Volta para casa — respondeu o linguado —, pois já a tem.

O pescador voltou e a esposa já não estava no mísero casebre; estava em

uma casinha arejada, sentada no banco em frente à porta. Ela pegou-o pela mão e levou-o para dentro.

— Entra, vê como tudo agora é melhor.

Entraram. Na casa havia uma sala de espera, uma outra linda sala, um belo dormitório com uma bonita cama, uma cozinha e uma despensa com todos os pertences bem arrumadinhos: utensílios de alumínio, de cobre, enfim, tudo o que era necessário. Atrás da casa havia o terreiro com galinhas e patos, e mais uma bela horta com hortaliças e um pomar cheio de árvores frutíferas.

— Então — perguntou a mulher —, tudo isso não é mesmo bonito?

— Sim — respondeu ele —, agora estamos bem e podemos viver felizes.

— Pensaremos nisso depois — respondeu a mulher.

Depois jantaram e foram dormir.

Passadas algumas semanas, um belo dia, a esposa disse ao marido:

— Escuta, meu marido, esta casa é muito pequena, o terreiro e o jardim também são pequenos! O linguado bem podia ter nos dado uma casa maior. Eu gostaria de morar num grande castelo de pedras! Vai à beira do mar e diga que eu quero um castelo.

— Ah, mulher, esta casa é tão boa, por que devemos ir morar num castelo?

— Eu quero mudar-me — disse ela. — Vai e pede ao peixe. Ele nos dará.

— Não, mulher, ele já nos deu a casa, não quero voltar a incomodá-lo, poderia zangar-se.

— Ora, vai — insistiu ela —, quero que vá; ele pode muito bem fazer mais um favor e o fará com prazer.

O pobre pescador não queria ir, e pensava com os seus botões: “Não é direito, não é direito.” Mas, apesar de tudo, acabou indo.

Quando chegou à beira do mar, a água estava cinzenta e encrespada, não mais verde e amarela como antes, mas estava ainda calma. Ele disse:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!
Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

— Então, o que quer ela? — respondeu o peixe, aparecendo.

— Ah, agora quer morar num grande castelo de pedra.

— Podes ir, ela já está à porta — disse o peixe.

O pescador pensou que ia voltar para sua casinha, mas, lá chegando, se deparou com um castelo, todo de pedra, majestoso, e sua esposa à porta. Ela pegou-o pela mão e disse:

— Entremos.

Entraram ambos. No castelo havia um grande pátio com o pavimento de mármore em forma de estrelas; grande número de criados abria as portas que davam para um salão enorme, todo atapetado e de cujas paredes pendiam riquíssimas tapeçarias; as cadeiras e as mesas eram douradas e do teto pendiam lustres de cristal; os espelhos também eram de cristal. Em todos os quartos, viam-se móveis e tapetes maravilhosos.

A mesa estava posta com pratos finos, e vinhos deliciosos enchiam as taças cintilantes.

Atrás do castelo, encontrava-se o pátio com as cavalariças e magníficas carruagens. Um vasto jardim todo florido das mais belas e raras flores, um pomar cheio de árvores frutíferas e um parque de um quilômetro de extensão, onde havia um moinho, além de antílopes e lebres, enfim, tudo o que se poderia desejar.

— Então — disse a esposa —, não achas tudo isso bem melhor?

— Sim — respondeu o marido —, agora estamos bem e podemos viver satisfeitos.

— Pensaremos nisso mais tarde. Por ora, vamos dormir.

Na manhã seguinte, a mulher despertou muito cedo, sentou-se na cama e ficou a contemplar a bela cidade lá adiante e a vastidão de terras em redor. Despertou o marido, dando-lhe uma cotovelada, e disse:

— Acorda, marido, olha lá fora da janela. Não achas que poderíamos ser os reis desta terra?

— Para quê? Eu não quero ser o rei.

— Está bem, mas eu quero. Vai até a beira do mar e diga ao linguado que desejo ser a rainha.

— Mas por quê, mulher, por que queres ser a rainha? Não posso pedir-lhe isso!

— Por que não? Vai, marido, e bem depressa, eu quero ser a rainha.

O homem relutou um pouco e depois encaminhou-se para a praia muito perturbado com a pretensão da esposa. “Não está certo, não está certo”,

falava consigo mesmo. E, muito sem jeito, chegou à beira do mar, o qual estava escuro e agitado, e do fundo subia um cheiro podre. O pescador parou e disse:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!
Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

— O que ainda quer tua mulher? — perguntou o peixe.

— Ah — disse o pescador —, agora ela quer tornar-se a rainha!

— Bem, volta para casa que ela já é a rainha — disse o peixe.

O homem, então, voltou para casa. Quando chegou ao castelo este tinha se tornado muito maior, ostentando uma grande torre e portões esplendidamente decorados; diante da porta havia sentinelas e inúmeros soldados com trombetas e tambores. Ao entrar, viu que tudo lá dentro era de ouro e mármore; as colchas de veludo, enfeitadas com pompons de ouro, e ricas tapeçarias. Abriram-se as portas do salão onde estava reunida toda a corte. A mulher, sentada em elevado trono de ouro e diamantes, trazia na cabeça uma coroa e na mão o cetro também do mais fino ouro, enfeitado com pedras preciosas. Ao seu lado havia seis fileiras de damas de honra, de tamanhos diferentes que formavam uma escada. Ele parou diante da esposa e disse:

— Bem, minha esposa, agora és rainha.

— Sim — respondeu ela —, agora sou rainha.

O pescador ficou olhando para ela e, depois de um tempo, disse:

— É ótimo que sejas rainha! Agora não queremos mais nada.

— Oh, não, marido — disse ela —, não posso deixar de pensar: por que, ao invés de rainha, não devo ser imperatriz? Vai ao linguado, vai depressa e dize-lhe que quero ser imperatriz.

— Mas, mulher — disse o pobre pescador —, ele não pode fazer-te imperatriz; não posso pedir isso a ele. Imperatriz só existe uma em todo o império. Não irei, não; é uma loucura.

— Como! — gritou a mulher. — Eu sou a rainha, tu és meu marido e não queres ir? Vai já e já; se ele pode fazer uma rainha, pode, igualmente, fazer uma imperatriz. Eu quero ser imperatriz, vai depressa.

O homem não teve remédio senão obedecer. No caminho sentia-se remoer pela angústia, receando que o linguado se zangasse, e envergonhava-se por aborrecê-lo. “Não, isso não está certo, não está certo”, pensava. “Imperatriz é ousadia de mais; o peixe vai ficar uma fera.”

Contudo foi à beira do mar, que estava ainda escuro e grosso e começou a agitar-se desde as profundezas de onde subiam uma infinidade de bolhas; um forte vento soprava, fazendo-o se perturbar. O homem ficou horrorizado, parou com certo receio e disse:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!
Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

— E o que mais ela quer? — perguntou o peixe.

— Ah, meu linguado — falou o homem —, minha esposa agora quer ser imperatriz!

— Bem, vai — disse-lhe o peixe —, ela já é imperatriz.

O pescador foi-se. Ao chegar no castelo viu que era todo de mármore reluzente, adornado de estátuas de alabastro e frisos de ouro. Diante da porta marchavam soldados tocando trombetas e tímpanos e tambores. Dentro do castelo, aglomeravam-se, como lacaios, barões, condes e duques; os criados abriram-lhe a porta que era de ouro puro, e, ao entrar, viu a esposa sentada

num trono feito de um só bloco de ouro e muito alto. Ela ostentava na cabeça uma rica e enorme coroa de ouro, cravejada de brilhantes e rubis; numa das mãos tinha o cetro e na outra o globo imperial; a seu lado montavam guarda os soldados em duas filas, um mais alto que o outro, desde um anão do tamanho de um dedo mindinho, até um gigante alto três quilômetros. Diante dela estavam numerosos príncipes e duques. O marido passou entre eles e, aproximando-se da esposa, disse-lhe:

— Mulher, agora és imperatriz!

— Sim — respondeu ela —, imperatriz.

Ele, então, pôs-se a contemplá-la durante certo tempo e falou:

— Ah, mulher, que bela coisa seres imperatriz!

— Oh, marido — disse ela —, não fiques aí olhando feito bobo. Sou imperatriz, mas vai dizer ao linguado que quero tornar-me papisa.

— Minha cara esposa, tu estás louca! Não podes tornar-se Papa, pois só existe um em toda a cristandade; o linguado não pode fazer isso!

— Quem pode fazer uma imperatriz, pode também fazer uma papisa. Vai depressa, quero tornar-me papisa hoje mesmo.

— Não, mulher — respondeu ele —, não posso pedir isso, não é possível, é muita loucura! O linguado não pode fazer um Papa.

— Deixa de conversas — gritou a mulher. — Se pode fazer uma imperatriz, tem de poder também fazer uma papisa. Vai correndo, eu sou imperatriz e tu és meu marido. Vais ou não vais?

O homem não sabia o que devia fazer, mas ela gritou tanto que ele não teve remédio senão obedecer.

O pobre homem estava morrendo de medo, exausto, abatido, o queixo e as pernas tremiam e os joelhos vacilavam. Soprava um frio vendaval que varria as nuvens e via tudo escurecendo como ao chegar da noite; as folhas caíam das árvores e a água subia, bramindo e espraiando-se com estrondo. De longe avistaram-se os navios oscilando sobre as ondas, em grande perigo e clamando por socorro. O céu, no centro, estava ainda um pouco azul, mas, no horizonte, subia um vermelhão como prenúncio de tempestade. Ele deteve-se na margem, contraído, cheio de terror, e disse:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!
Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

— O quê! Tua mulher ainda quer mais? — perguntou o peixe.

— Ai de mim — respondeu o homem —, ela agora quer ser papisa.

— Está bem, vai para casa — disse o linguado —, ela já é papisa.

O pescador então voltou para casa, em lá chegando viu tudo transformado numa enorme igreja, circundada de esplêndidos palácios. Abriu passagem por entre o povo e entrou. Lá dentro estava tudo iluminado por milhares e milhares de luzes e a mulher, toda vestida de ouro, estava sentada num trono ainda mais alto que o anterior e trazia na cabeça três grandes coroas de ouro. Ao redor dela, havia uma multidão de padres e, de ambos os lados do trono, viam-se duas fileiras de velas sendo a maior do tamanho de uma torre e a menor uma simples velinha de cozinha. Todos os reis e rainhas ajoelhavam-se diante dela e beijavam-lhe a sandália.

— Mulher — disse o marido —, então agora és papisa?

— Sim — respondeu ela —, agora sou papisa.

Ele ficou parado olhando o rosto dela e era como se fitasse o sol resplandecente. Depois disse:

— Mulher, como ficas bem assim feito papisa!

Ela, porém, mantinha-se rígida como um tronco, sem mover um dedo sequer. Ele então continuou:

— Deves estar contente agora; és papisa! Acho que não poderás ser mais nada.

— Isto é o que veremos! — respondeu ela.

À noite foram deitar-se. Ela não estava contente, a ambição não a deixava dormir e pensava no que ainda poderia ser.

O marido dormiu tranquilo, um sono profundo, pois tendo andado o dia inteiro, sentia-se muito cansado. A mulher, porém, não conseguia pegar no sono e passou a noite revolvendo-se na cama, pensando o que poderia ser ainda, mas não lhe ocorria coisa alguma.

Com isso despontou a aurora e, quando ela viu o dia raiar, sentou-se na cama e pela janela olhou lá embaixo o sol brilhando na planície. Pensou consigo mesma: “Ah, bem que eu poderia fazer surgir o sol e a lua.”

— Marido — chamou, dando-lhe uma cotovelada nas costelas —, acorda. Vai depressa ao linguado e dize-lhe que quero ser como o bom Deus.

O marido estava ainda meio adormecido, mas assustou-se de tal maneira que caiu da cama. Pensou ter ouvido mal, esfregou os olhos e perguntou:

— Que disseste, minha esposa?

— Ah, se não puder mandar no sol e na lua, não terei descanso. Ficar só olhando é coisa que não posso suportar e não terei mais uma hora de paz se não conseguir isso.

Olhou para o marido com uma cara tão zangada que ele estremeceu.

— Vai correndo! — gritou ela. — Diga ao linguado que quero ser como o bom Deus.

— Oh, mulher — disse ele caindo de joelhos a seus pés —, o linguado não pode fazer isso! Pode fazer uma imperatriz e uma papisa, mas não Deus; caia em ti, suplico-te, e contenta-te em permanecer papisa.

Ela então enfureceu-se, pôs-se a arrancar os cabelos desgrenhados e a rasgar a camisola. Como ele a olhasse espantado, ela lhe deu uma bofetada e um pontapé, gritando:

— Não suporto mais isso, não o suporto e não te tolero mais! Vais ou não vais?

Ele vestiu-se, calçou rapidamente os sapatos e saiu correndo como um doido.

Lá fora rugia furiosamente a tempestade e ele mal podia andar. Desabavam as casas e as árvores eram arrancadas, estremeciam as montanhas, blocos de rochas rolavam para o mar e o céu estava completamente escuro, cortado por relâmpagos e trovões. O mar crescia, formando ondas tão escuras e altas como torres de igreja, coroadas de espuma branca. Dentro do barulho ensurdecedor, o homem gritou e quase não podia ouvir as próprias palavras:

— Ó linguado, sai do mar,
Vem logo me escutar!

Não se cala minha mulher,
O que eu quero ela já não quer.

— Então, o que ela quer mais? — perguntou o peixe.

— Ah — respondeu desolado o homem —, ela agora quer ser como o bom Deus.

— Podes ir — disse o peixe —, ela já retornou ao seu mísero casebre.

Ele voltou para junto dela, no antigo casebre feio e sujo, e lá continuam até hoje.

O espírito na garrafa

Era uma vez um pobre lenhador que trabalhava de sol a sol. Assim, conseguiu economizar um pouco de dinheiro e, chamando o filho, disse-lhe:

— Tu és meu único filho, o dinheiro que economizei com o amargo suor do meu rosto, quero utilizá-lo na tua instrução. Se aprenderes tudo bem, poderás manter-me na velhice, quando meus membros estiverem endurecidos e eu for obrigado a ficar em casa, sem nada poder fazer.

O jovem foi para a universidade, onde permaneceu algum tempo, aprendendo com grande aplicação, merecendo a admiração e os elogios dos mestres. Porém, como o pouco dinheiro do pai acabou-se, ele teve que voltar para casa.

— Ah! — lastimou-se o pai. — Não tenho mais nada que possa dar-te e, nestes tempos ruins como andam, nem posso ganhar um só centavo além do pão de cada dia.

— Não te aborreças, meu querido pai — respondeu o filho. — Se esta é a vontade de Deus, certamente será para o meu bem e eu me conformarei.

Quando o pai se preparava a ir à floresta cortar lenha para vender e assim ganhar alguma coisa, o filho disse-lhe:

— Quero ir contigo e ajudar-te.

— Será muito duro para ti, meu filho, que não estás acostumado com trabalho pesado. Não aguentarás. Além disso, só possuo um machado e não tenho dinheiro para comprar outro.

— Vai à casa do vizinho — respondeu o filho — e pede-lhe um machado emprestado até eu ganhar o suficiente para comprar outro para mim.

O pai foi ao vizinho e pediu-lhe emprestado um machado, e assim, na manhã seguinte, logo de madrugada, saíram os dois a caminho da floresta. O filho, alegre e desembaraçado, ajudou bem o pai. Quando o sol estava a pique, disse o velho:

— Vamos sentar um pouco para lanchar, depois continuamos com mais vigor.

O filho recebeu um pedaço de pão e disse:

— Descansa um pouco, meu pai. Eu não estou cansado e prefiro dar um

passeio pela floresta à procura de ninhos.

— Ó, meu filho — respondeu o pai —, para que queres perambular pela floresta? Ficarás cansado e depois não terás força para erguer o braço. Fica aqui e senta-te perto de mim.

O filho, porém, não lhe deu ouvidos e foi para a floresta, comendo alegremente o pedaço de pão e olhando por entre os galhos para ver se descobria algum ninho. Andando sem rumo, foi longe e chegou ao pé de um carvalho enorme, assustador, que deveria ter muitos séculos de existência, pois o tronco não poderia ser abraçado por cinco homens. Ficou contemplando a árvore, pensando: "Muitos pássaros, certamente, fizeram ninhos lá em cima." Nisso, pareceu-lhe ouvir uma voz abafada a gritar:

— Solte-me daqui! Solte-me daqui!

Olhou para todos os lados, mas não viu coisa alguma, parecendo-lhe que a voz saía de dentro do chão. Então perguntou alto:

— Onde estás? Quem chama assim?

A voz respondeu:

— Estou aqui no chão, entre as raízes do carvalho. Ajuda-me a sair, ajuda-me a sair.

O estudante pôs-se ativamente a cavar a terra debaixo da árvore, procurando entre as raízes, até que, por fim, numa pequena cavidade, descobriu uma garrafa. Erguendo-a e olhando-a contra a luz, ele distinguiu dentro dela uma coisinha em forma de rã, que pulava para cima e para baixo.

— Solta-me daqui, solta-me daqui! — gritou novamente. E o estudante, sem pensar em maldade alguma, destapou a garrafa.

No mesmo instante, saiu de dentro dela um espírito, que começou a crescer, e cresceu tão rapidamente que, em poucos minutos apenas, ergueu-se diante do estudante como um horrendo gigante do tamanho da metade do carvalho.

— Sabes tu o que vai te acontecer por ter me salvado? — gritou com uma voz horripilante.

— Não — respondeu o estudante, sem nenhum medo —, como poderia saber?

— Pois então digo-te já — berrou o espírito. — Tenho que torcer-te o pescoço.

— Devias ter-me dito isso antes — respondeu o estudante. — Eu teria deixado que ficasses lá dentro. Mas a minha cabeça ficará firme no pescoço, pois alguém mais tem que dar uma opinião.

— Qual alguém ou ninguém — rugiu o espírito —, terás o que mereces. Achas que foi por misericórdia que fiquei preso tanto tempo? Não, foi por castigo. Eu sou o poderosíssimo Mercúrio. Quem me soltar tenho que quebrar o pescoço.

— Devagar, devagar! — respondeu o estudante. — Não tenhas tanta pressa! Antes de mais nada, preciso saber se realmente estavas naquela garrafa e se és na verdade um espírito. Se conseguires entrar e sair novamente, acreditarei. Então poderás fazer de mim o que quiseres.

— É a coisa mais fácil deste mundo — disse o espírito, cheio de vaidade e orgulho.

Encolhendo-se mais e mais, tornou-se fininho e pequenino como fora antes, conseguindo passar facilmente pelo gargalo da garrafa. Mal entrou, o estudante tapou bem depressa a garrafa com a rolha e atirou-a outra vez para dentro do buraco, entre as raízes do carvalho. Assim o espírito foi enganado.

O estudante já voltava para junto do pai quando ouviu o espírito implorar lamentosamente:

— Solta-me daqui, solta-me daqui!

— Nada, nada — respondeu o estudante. — Nessa não cairei de novo.

— Se me soltares — disse o espírito —, eu te darei o suficiente para que vivas folgadamente pelo resto da vida.

— Não, não — respondeu o estudante. — Vais enganar-me como da primeira vez.

— Estás dando um pontapé na sorte! — retrucou o espírito. — Não te farei mal algum e, ainda por cima, te recompensarei muito bem.

O estudante refletiu: “Vou arriscar, talvez cumpra a palavra e não me faça mal.” Destapou novamente a garrafa e o espírito saiu como da outra vez e se foi encompridando e aumentando até voltar a ser o enorme gigante.

— Agora receberás a recompensa — disse o espírito, dando ao estudante um pano velho, dizendo: — Se tocas com uma das pontas deste pano qualquer ferida, ela sarará imediatamente. Se com a outra ponta tocares ferro ou aço, logo esse objeto vai virar prata.

— Está bem — disse o estudante —, mas antes tenho de experimentar.

E, aproximando-se de uma árvore, fez um corte na casca com o machado, depois aplicou em cima o pano para ver o resultado. Imediatamente a casca se uniu, ficando tal como estava antes.

— Olha! — disse o estudante. — Realmente é como dizes. Agora podemos separar-nos.

O espírito agradeceu por ter-lhe dado a liberdade e o estudante também agradeceu pelo seu presente e voltou para junto do pai.

— Estiveste passeando até agora, não? — disse o pai. — Até esqueceste o trabalho! Eu bem sabia que não farias coisa alguma!

— Não fique chateado, meu pai. Vou recuperar o tempo perdido.

— Sim, sim — disse o pai, irritado —, quero só ver!

— Cuidado, meu pai. Vou derrubar aquela árvore ali, que ficará em pedaços.

Esfregou o pano no machado e, em seguida, deu uma machadada no tronco. Mas como o machado se havia transformado em prata, a lâmina entortou.

— Oh, meu pai, vê que espécie de machado me deste. Entortou completamente ao primeiro golpe!

Assustado com aquilo, pois o machado não era seu, o pai exclamou:

— Ah, meu filho, que fizeste! Agora tenho de pagar o machado e não sei como vai ser. Grande lucro me deu o teu trabalho!

— Não te zangues, meu pai. Eu pagarei logo o machado.

— Sim, seu tolo — falou o pai —, com que vais pagá-lo se não tens senão o que te dou? Pura fantasia de estudante tens na cabeça. Quanto a rachar lenha, nada entendes!

Passados alguns instantes, o estudante disse ao pai:

— Meu pai, eu não posso mais trabalhar. Vamos parar por hoje.

— O que estás dizendo? Achas que quero ficar de bolso vazio como você? Se quiseres, podes voltar para casa, mas eu continuarei aqui trabalhando.

— É a primeira vez que venho à floresta e não conheço ainda o caminho, não posso voltar sozinho. Vem comigo?

Mais calmo, o pai deixou-se convencer pela maneira gentil do filho e acabou por voltar com ele para casa. E disse-lhe:

— Vende o machado estragado e vê o que consegue por ele. O que faltar terei que ganhar com o trabalho para compensar o nosso vizinho.

O filho dirigiu-se então à cidade, levando o machado a um ourives que, depois de o medir e pesar cuidadosamente, disse:

— Vale quatrocentas moedas, mas não tenho tanto dinheiro.

— Não faz mal — disse o estudante —, pode me dar o que tiver. Confio na vossa honestidade para me pagar o resto depois.

O ourives deu-lhe trezentas moedas. O estudante voltou para casa e disse ao pai:

— Já tenho o dinheiro. Vai perguntar ao vizinho quanto quer pelo machado.

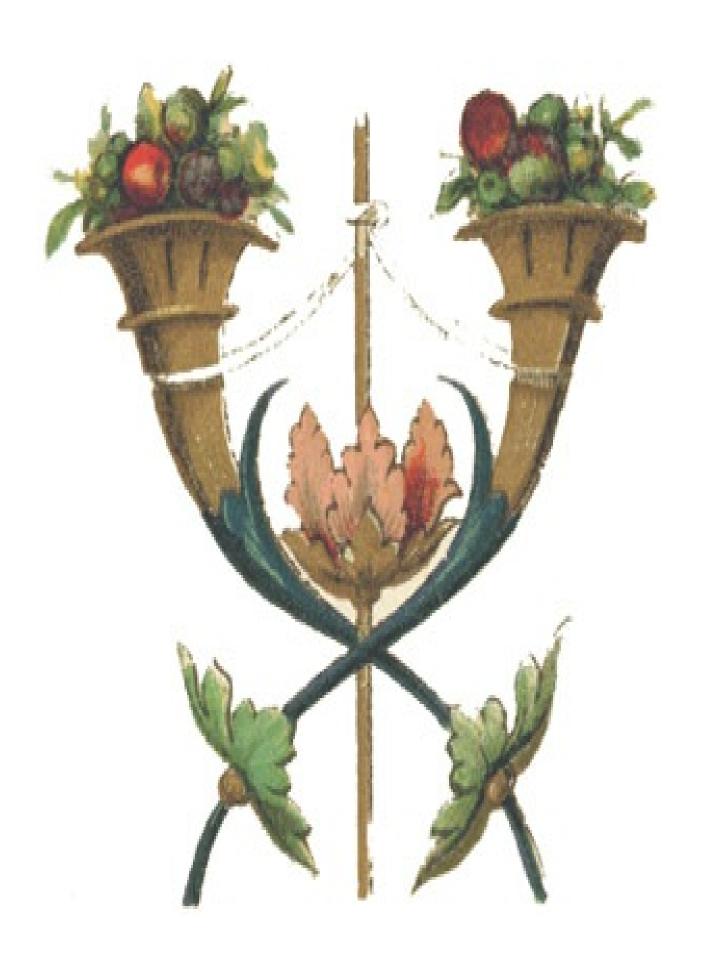
— Eu já sei — respondeu o pai. — Uma moeda e meia.

— Dá-lhe, então, três moedas. É o dobro do que vale e acho que é mais do que suficiente. Olha quanto dinheiro tenho!

Ele entregou ao pai as trezentas moedas, dizendo:

— Não te faltará mais nada e poderás viver confortavelmente.

— Santo Deus! — exclamou o pai, admirado. — Onde arranjaste todo esse dinheiro?

O filho, então, contou o que lhe tinha acontecido e, com o resto do dinheiro, voltou para a universidade e continuou a estudar, aprendendo tudo quanto havia para aprender. Mais tarde, como podia curar todas as feridas com o pedaço de trapo, tornou-se o médico mais famoso do mundo inteiro.

Os sete corvos

Era uma vez um homem que tinha sete filhos e, por mais que desejasse, nem uma filha. Finalmente, certo dia a esposa deu à luz uma menina. Foi grande a alegria de ambos, mas a menina nasceu tão franzina e tão pequena que tiveram de batizá-la às pressas.

O pai mandou que um dos rapazes fosse depressa buscar água na fonte para o batismo; os outros seis foram junto e, como cada qual queria ser o primeiro a encher a moringa, esta caiu na água e afundou. Confusos, sem saber o que fazer e temendo voltar para casa, ficaram lá parados. O pai, vendo que demoravam, impacientou-se:

— Aposto que aqueles traquinas estão lá brincando e esqueceram-se da água!

E com medo de que a menina morresse sem batismo, gritou indignado:

— Tomara que se transformem todos em corvos!

Mal acabou de pronunciar essas palavras, ouviu sobre a cabeça um rufar de asas e viu sete corvos pretos como carvão alçarem voo e desaparecerem.

Era tarde demais para retirar a maldição dita numa hora de raiva. Mas, embora desolado com a perda dos sete filhos, procurava consolar-se com a menina, que foi se fortalecendo e se tornando cada dia mais bonita.

A menina não soube, durante muito tempo, que tivera irmãos, porque os pais tinham o cuidado de não falar deles. Certo dia, porém, ouviu os vizinhos comentarem que ela era de fato muito linda, mas não deixava de ser a causa da desgraça de seus sete irmãos. Ouvindo isso, a menina ficou profundamente triste e perguntou aos pais se já tivera irmãos e o que fora feito deles.

Os pais, então, não puderam mais esconder a verdade e contaram-lhe tudo, dizendo que fora um desígnio do Céu e que seu nascimento não fora mais que inocente pretexto.

A menina, porém, vivia amargurada com a ideia de ter sido culpada e achava que devia fazer de tudo para libertar os irmãos. Não teve mais sossego e, um belo dia, saiu escondida de casa e foi pelo mundo afora, decidida a libertá-los, custasse o que custasse. Mas levou um anelzinho ganho dos pais como lembrança, um pão para matar a fome, uma moringa de água para saciar a sede e uma cadeirinha para descansar.

Andou, andou, andou sempre para a frente, longe, longe, até ao fim do mundo. Chegou onde estava o Sol, mas ele era muito quente e assustador e gostava de devorar crianças. Então fugiu depressa e foi aonde estava a Lua, mas esta era muito fria, severa e má. Vendo a menina, disse:

— Sinto cheiro, sinto cheiro de carne humana!

A menina fugiu, correndo o mais rapidamente possível, e foi onde estavam as estrelas, que a receberam gentilmente e com muito carinho. Estavam todas sentadas, cada qual em seu banquinho, mas a estrela da manhã levantou-se e, dando-lhe um ossinho de galinha, disse:

— Sem este ossinho não conseguirás abrir a porta da montanha de vidro, onde se encontram teus irmãos.

A menina aceitou o ossinho, embrulhou-o bem em um lenço e foi andando até chegar à montanha de vidro. Ao chegar lá, viu que o portão estava fechado, então procurou o ossinho para abri-lo, mas, infelizmente, o lenço estava vazio: tinha perdido o presente das boas estrelas.

O que fazer? Queria a todo o custo salvar os irmãos e não encontrava a chave para entrar na montanha de vidro. Então a irmãzinha bondosa pegou uma faca, cortou o dedo mindinho, introduziu-o na fechadura e, com grande facilidade, conseguiu abrir o portão. Quando entrou, veio um anão ao seu encontro e perguntou-lhe:

— Que procuras aqui, minha filha?

— Procuro meus irmãos, os sete corvos.

— Os senhores corvos não estão em casa, mas, se quiseres esperar até que voltem, entra e fica à vontade.

Depois o anãozinho serviu o jantar dos corvos em sete pratos e sete copos. A irmãzinha provou um pouco de cada prato e bebeu um gole de cada copo. No último copo deixou cair o anel que trazia consigo.

Repentinamente, ouviu-se no ar um rufar de asas e um uns gritos de ave. O anão disse:

— Os senhores corvos estão chegando!

Chegaram, com efeito, e queriam comer e beber, então cada qual procurou o seu prato e o seu copo, e logo exclamaram, um após outro:

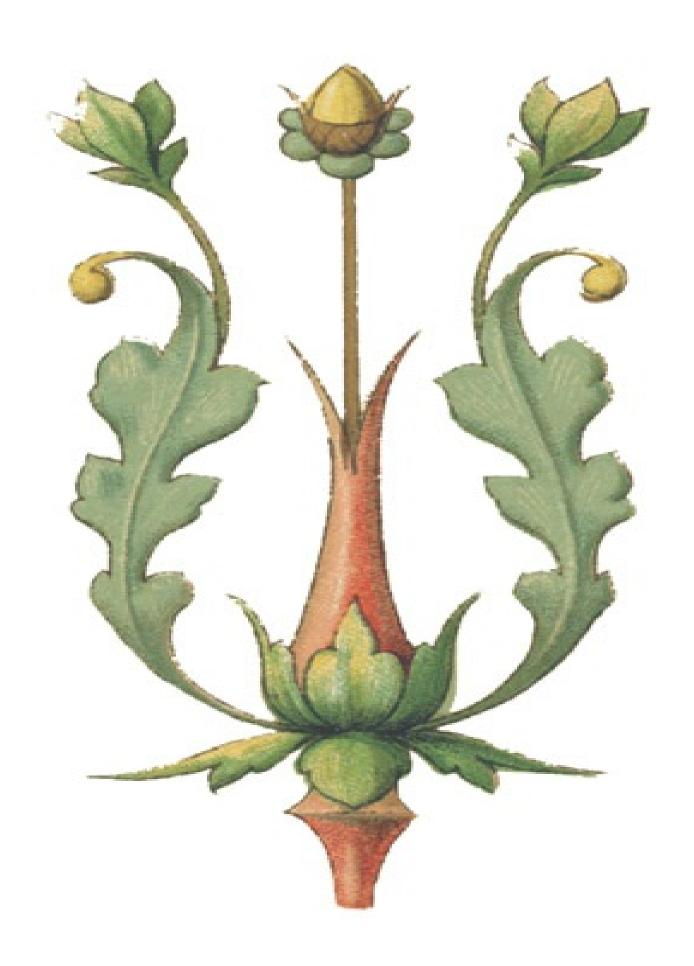
— Quem comeu do meu prato?

— Quem bebeu do meu copo? Vejo que foi boca humana!

Quando o sétimo foi beber, ao esvaziar o copo, caiu-lhe na boca o anel. Pegou-o e reconheceu que era um anel de seus pais. Então exclamou:

— Tomara que nossa irmãzinha esteja aqui! Assim ficaremos livres.

Ao ouvir essas palavras, a menina, que estava escondida atrás da porta, apareceu, e os corvos imediatamente voltaram à forma humana.

Então, abraçaram-na e beijaram-na, muito contentes; depois, cheios de felicidade, voltaram todos para casa.

O homem que queria ter medo

Era uma vez um pai que tinha dois filhos; o mais velho era muito esperto e inteligente, sabendo sempre sair das dificuldades, e o mais novo, porém, era tapado como uma porta, não compreendia nem aprendia nada e as pessoas, vendo-o tão bobo, diziam:

— Coitado do pai, que peso para ele!

Se havia um trabalho a fazer, encarregavam sempre o mais velho, mas, se o pai o mandava buscar qualquer coisa ao anoitecer, ou mesmo de noite, pelo caminho que passava em frente ao cemitério, o mais velho então respondia:

— Ah, meu pai, por que não te lembraste disso mais cedo? Tenho medo de passar à noite por aquele caminho! Tremo que nem vara verde.

Ou então, quando nas noites de inverno ao pé da lareira alguém contava essas histórias medonhas que fazem arrepiar a pele, os ouvintes repetiam frequentemente:

— Ai que medo, estou todo arrepiado!

O mais novo, metido lá no seu canto, ouvia essa exclamação e não conseguia compreender o que significava: “Todos dizem, e meu irmão também, estou a tremer de medo, estou todo arrepiado, e só eu nunca tremo e não fico arrepiado. Acho que é porque sou muito bobo, como dizem eles! Deve ser uma arte muito difícil essa de tremer, eu não entendo patavina!”

Um belo dia, o pai chamou-o e disse-lhe:

— Escuta aqui, tu estás sempre metido pelos cantos. Já estás crescido e forte, é mais do que tempo que aprendas a ganhar a tua vida. Olha teu irmão como é ativo. Contigo, porém, não tenho mais esperanças, serás sempre um tapado.

— Sim, meu pai — respondeu ele. — Aliás, há uma coisa que gostaria muito de aprender. Seria tremer, ou ficar arrepiado, pois não tenho a menor ideia do que isso significa.

O irmão mais velho, ouvindo-o falar assim, soltou uma gargalhada e disse:

— Ai meu Deus, como é tolo meu irmão! Nunca prestará para nada!

O pai suspirou desanimado, depois disse:

— Tremer! Isso aprenderás por tua conta, mas não é com isso que se ganha a vida.

Algum tempo depois, receberam a visita do sacristão. O pai lhe contou seus problemas, dizendo que o filho mais novo era um inútil, que não sabia e não aprendia a fazer coisa alguma.

— Imagine só, ao perguntar-lhe que profissão pretendia aprender, me disse que queria aprender a se arrepiar!

— Ah, se é só isso — disse o sacristão —, eu me encarrego dele. Mande-o por algum tempo à minha casa.

O pai ficou muito satisfeito com a resposta, pensando com seus botões: “Ele ficará mais esperto.” E o caçula passou a viver na casa do amigo sacristão, onde foi encarregado de tocar o sino da igreja. Decorridos alguns dias, o sacristão foi acordá-lo à meia-noite, ordenando-lhe que subisse à torre e tocasse o sino, pensando consigo mesmo: “Agora aprenderás a tremer e a ficar arrepiado.” Em seguida saiu correndo na frente e foi esconder-se no campanário.

Quando o rapaz chegou lá em cima e quis pegar na corda do sino, viu na escada uma figura toda branca iluminada pelos raios da lua que penetravam por uma fresta da torre.

— Quem está aí? — gritou ele, mas a figura não respondeu nem se mexeu.
— Responde — disse ele — ou então vai-te embora. Não tens nada para fazer aqui à noite.

Mas o sacristão, envolto num lençol, não se mexia. Queria que o rapaz acreditasse que ele era um fantasma. O rapaz então gritou pela segunda vez:

— Que queres aqui? Fala, se és homem honrado, senão atiro-te pela escada abaixo.

O sacristão pensou: “Ele não vai se atrever a fazer isso!” E continuou imóvel como se fosse de pedra. O rapaz gritou pela terceira vez, mas em vão. Então, empurrou o fantasma com toda a força e o atirou escada abaixo, fazendo-o rolar uns dez degraus, até parar e perder os sentidos. Aí o rapaz tocou o sino, voltou para casa, meteu-se na cama sem pronunciar uma palavra e dormiu.

A esposa do sacristão, que estava a par da história, esperou longamente o marido. Não o vendo voltar teve medo e foi acordar o rapaz, perguntando:

— Não sabes onde está meu marido? Subiu à torre antes de ti e ainda não apareceu.

— Não sei dele, mas vi lá em cima um indivíduo todo de branco. Como não me disse quem era nem se mexia, achei que fosse um ladrão e atirei-o escada abaixo. Será que era ele?!

A mulher correu para lá e encontrou o sacristão estendido no chão, com uma perna quebrada e lamentando-se muito. Levou-o para a cama e saiu correndo para a casa do pai do rapaz, gritando muito aflita:

— Ah, que desgraça, e o culpado é vosso filho. Atirou meu marido pela escada abaixo, onde quebrou a perna. Não quero mais esse estúpido na minha casa!

O pai, muito assustado, foi correndo à casa do sacristão para dar uma bronca no filho e acabou dizendo:

— Você só faz besteira! Parece coisa do diabo!

— Meu pai, escutai-me. Eu não tenho culpa alguma. Ele estava no topo da escada, sem dizer nada, como quem ia aprontar. Eu não sabia quem era, três vezes perguntei-lhe o que desejava e quem era. Ele não se mexeu, então atirei-o pela escada abaixo.

— Ah — disse o pai —, tu me dás só desgostos, sai da minha frente, não quero te ver nunca mais!

— Sim, meu pai, assim que amanhecer, vou-me embora. Talvez saindo pelo mundo afora eu aprenda essa coisa de me arrepiar e assim terei também um trabalho que me permita viver.

— Aprende o que quiseres — respondeu o pai —, pouco me importa. Tome cinquenta moedas e vá por esse mundo afora, mas proíbo-te de dizeres de onde vens e quem é teu pai, para que eu não tenha que passar vergonha.

— Está bem, pai, farei como quiser. Se não tem outra coisa a pedir, conseguirei lembrar-me disso.

Ao romper o dia, meteu no bolso as cinquenta moedas e foi caminhando pela estrada real, falando sozinho:

— Ah, se eu aprendesse a me arrepiar! Ah, se eu aprendesse a me arrepiar…

Nesse momento passou um homem por ele, que o ouviu resmungar. Foram andando juntos até que viram uma árvore onde na véspera tinham sido enforcados sete ladrões.

— Veja — disse o homem —, aquela ali é a árvore na qual estão sete homens que celebraram o casamento da filha do cordeiro e agora estão aprendendo a voar. Passe uma noite sentado debaixo dela e podes estar certo que ficarás sabendo o que é se arrepiar.

— Se é só isso — disse o rapaz —, darei conta do recado. Se aprender assim com tanta facilidade o que é me arrepiar, te darei as minhas cinquenta moedas. Vem amanhã bem cedo buscá-las.

O rapaz foi sentar-se debaixo da árvore da forca e esperou, sossegadamente, pela noite. Como sentisse frio, foi apanhar lenha e acendeu um bom fogo. Por volta da meia-noite, soprava um vento tão gelado que, apesar de estar ao pé do fogo, não conseguia aquecer-se. Os enforcados, empurrados pelo vento, oscilavam batendo um de encontro ao outro. Vendo isso, o rapaz pensou: “Eu, que estou ao pé do fogo, tenho o nariz gelado. Em que estado estarão esses pobres-diabos aí no alto!”

E, como tinha bom coração, apoiou a escada na árvore, subiu, pegou um depois do outro e trouxe os sete para baixo. Em seguida, atiçou bem o fogo e colocou-os em volta para que se aquecessem. Eles, porém, não se mexiam, mesmo depois das chamas pegarem em suas roupas, então gritou-lhes:

— Tomem cuidado, senão penduro vocês novamente lá em cima!

Mas os mortos não o ouviram nem se mexeram, deixando os farrapos queimarem à vontade. Então, zangado, disse:

— Se não prestarem atenção, tanto pior! Vou pendurar vocês novamente lá em cima. Não quero ser queimado também.

E tornou a pendurá-los, um de cada vez, na mesma ordem em que estavam. Em seguida, deitou-se junto do fogo e dormiu sossegadamente até o outro dia. Pela manhã, chegou o homem da véspera pedindo as cinquenta moedas e lhe perguntou:

— Aprendeu, finalmente, a se arrepiar?

— Não, como queres que o saiba? Esses palermas lá em cima não abriram a boca para me ensinar, e são tão bobos que quase deixaram queimar os pobres farrapos que estão vestindo.

O homem, que contava certo com aquele dinheiro, foi-se embora resmungando:

— Nunca vi, na minha vida, tipo igual.

O rapaz também foi embora por outro lado e não parava de repetir: “Ah, se eu aprendesse a me arrepiar! Ah, se eu aprendesse a me arrepiar…” Um carroceiro que por ali passava, ouviu-o e disse:

— Olá, quem és tu?

— Não sei.

— De onde vens?

— Não sei.

— Quem é teu pai?

— Não posso dizer.

O carroceiro continuou:

— O que é que você fica resmungando sem parar?
— Ah, que eu queria aprender a me arrepiar, e não encontro ninguém que me ensine.
— Deixa essa bobagem para lá — disse o carroceiro. — Vem comigo e te darei um lugar para ficar.
O rapaz seguiu o carroceiro e chegaram a uma hospedaria onde queriam passar a noite. Ao entrar, o rapaz repetiu, sem querer:
— Ah, se eu aprendesse a me arrepiar!
O hospedeiro ouviu-o e disse-lhe, rindo:
— Se queres ficar arrepiado não podes encontrar melhor lugar do que este.
— Fecha essa boca, homem! — interveio a mulher. — Muitos já perderam a vida! Seria uma grande pena que os lindos olhos desse rapaz tão simpático não tornassem a ver a luz do dia!
Mas o rapaz gritou:
— Por mais difícil que seja, quero aprender de uma vez por todas. Por isso é que saí de casa e ando pelo mundo.
E tanto insistiu com o hospedeiro que ele, por fim, contou-lhe que havia ali por perto um castelo encantado, onde aprenderia muito bem a tremer quem lá passasse três noites. O rei prometera a filha em casamento a quem ousasse arriscar a vida. Ela era a mais linda princesa que aparecera neste mundo. Além disso, no castelo existiam escondidos grandes tesouros guardados pelos maus espíritos, e um pobre poderia tornar-se ricaço. Muitos corajosos haviam entrado no castelo, mas nenhum saíra com vida.
No dia seguinte, o rapaz foi até o rei e disse-lhe:
— Majestade, gostaria de passar três noites no castelo.
O rei olhou-o um momento e seu jeito confiante e simpático agradou-lhe. Então disse-lhe:
— Podes levar contigo três objetos, mas nada que esteja vivo.
— Muito bem, peço somente uma pedra para acender o fogo, um torno e uma banca de carpinteiro com seu facão.
O rei mandou levar tudo isso ao castelo. Ao anoitecer, o rapaz lá se instalou e começou por acender um bom fogo na grande sala. Colocou o facão ao lado da banca de carpinteiro e sentou-se sobre o torno.
— Ah, se eu aprendesse a me arrepiar! — murmurava consigo mesmo. — Mas acho que não vai ser aqui…
Por volta da meia-noite, pôs-se a atiçar o fogo, assoprando para que pegasse bem. Enquanto estava assim entretido, ouviu num canto vozes

gritando:

— Miau, miau, que frio!

— Seus tolos, por que essa gritaria? Se estão com frio, aproximem-se do fogo!

Imediatamente, dois enormes gatos pretos se aproximaram de um salto, parando ao seu lado. Olhavam para ele com ar feroz, os olhos parecendo soltar chamas. Depois de terem se aquecido, disseram:

— Meu caro, gostaríamos de jogar baralho para matar o tempo, que achas?

— Boa ideia! — respondeu ele. — Mas deixem primeiro ver as patas.

Os gatos mostraram as garras.

— Vejam só, que compridas! Terei que cortar suas unhas primeiro.

Pegando-os pelo pescoço, colocou-os sobre a banca e cortou as patas deles no torno.

— Pensando bem, não tenho mais vontade de jogar com vocês — disse, e matou os dois animais e atirou-os pela janela na água do fosso do castelo.

Tendo liquidado os dois, foi sentar-se novamente perto do fogo e mal havia sentado e de todos os cantos e mesmo da chaminé saiu uma quantidade de gatos pretos e também cães pretos, com coleiras de ferro. Havia tantos e tantos que ele já não sabia onde pôr os pés. Aqueles horríveis animais faziam um barulho danado, gritavam como loucos, pisoteavam o fogo e atiravam por todos os lados as toras acesas, fazendo de tudo para apagá-las. Durante alguns minutos divertiu-se vendo aquela confusão, mas, quando viu que as coisas iam longe demais, pegou na faca e gritou:

— Vamos parar com isso, seus patifes!

E foi para cima deles com o facão, matando muitos e atirando os outros dentro do fosso. Depois avivou o fogo soprando nas brasas e o acendeu outra vez. Sentiu então um peso nas pálpebras e resolveu dormir. Olhando ao redor, descobriu uma cama no fundo da sala.

— É justamente o que preciso — disse ele.

Deitou-se para tirar uma soneca, mas, quando ia fechar os olhos, a cama começou a andar sozinha e saiu a passear pelos corredores do castelo.

— Ótimo! — disse o rapaz. — Vai mais depressa!

Então a cama pôs-se a correr pelas escadas, para cima e para baixo, como se fosse uma carruagem puxada por seis cavalos, precipitando-se através das salas, desde a adega até o sótão. As portas abriam-se quando ela passava e depois fechavam-se fazendo muito barulho. De repente, a cama virou de pernas para o ar e caiu em cima dele como uma montanha. Farto daquilo, o

rapaz atirou para longe os cobertores e os travesseiros e disse:

— Eu não quero mais passear!

Voltou, tranquilamente, para junto do fogo, onde dormiu em paz até o dia seguinte. Pela manhã, veio o rei e, vendo o rapaz deitado no chão, achou que os fantasmas o tivessem matado.

— Que pena! Tão belo e valente rapaz!

Mas o rapaz ouviu, levantou-se e disse-lhe:

— Ah, ainda não!

O rei, maravilhado e muito contente, perguntou-lhe o que havia acontecido, e como andavam as coisas.

— Muito bem, diverti-me bastante. Uma noite já passou, espero que as outras passem da mesma maneira.

E voltou para a hospedaria. Vendo-o vivo e são, o hospedeiro arregalou os olhos, muito admirado.

— Não contava te ver outra vez! Aprendeu, finalmente, o que é ficar arrepiado?

— Oh, não! — respondeu o rapaz. — É tudo inútil, não encontro quem me ensine.

Voltou, na segunda noite, para o castelo. Foi sentar-se perto do fogo, repetindo a eterna canção: “Ah, se eu aprendesse a me arrepiar! Ah, se eu aprendesse a me arrepiar…”

Um pouco antes da meia-noite ouviu um ruído cada vez mais forte seguido de um breve silêncio, mas logo depois caiu pela chaminé metade de um homem gritando horrivelmente.

— Olá — disse o rapaz —, ainda falta a metade deste homem. Assim como está é muito pouco.

Então o barulho recomeçou e o resto do corpo chegou pelo mesmo caminho.

— Espera aí — disse ele —, vou atiçar o fogo para que possa se aquecer.

Atiçou o fogo e, quando se voltou, as duas partes tinham-se colado e uma pessoa horrível estava sentada na sua banca, fitando-o com ar feroz.

— Não, não — disse o rapaz —, não foi esse o nosso trato. A banca é minha.

O homem não queria lhe devolver o lugar, mas o rapaz empurrou-o com força e voltou a se sentar. Então começaram a cair pela chaminé outras metades de homens, que logo se juntavam, formando uma porção deles. Foram buscar num canto nove tíbias humanas e, com duas caveiras em lugar

de bolas, puseram-se a jogar bilhar. O rapaz, que gostava muito desse jogo, pediu para entrar na partida:

— Posso jogar também?

— Sim, contanto que tenhas dinheiro — respondeu um deles.

— Dinheiro tenho bastante, mas parece-me que as bolas não estão muito redondas.

Ele pegou as caveiras, colocou-as na banca de carpinteiro e deu-lhes uma forma perfeitamente redonda.

— Assim rolam melhor — disse ele —, agora vamos, tratemos de nos divertir.

Jogaram e o rapaz perdeu algum dinheiro, mas ao dar meia-noite, desapareceu tudo num instante. O rapaz deitou-se no chão, sossegadamente, e dormiu até o dia seguinte. Pela manhã, o rei apareceu querendo saber o que se passara.

— Como correram as coisas desta vez?

— Tudo muito bem. Joguei bilhar com eles e perdi algum dinheiro.

— E não se arrepiou diante deles?

— Que nada! Diverti-me bastante. O que me aborrece é justamente não conseguir me arrepiar.

Na terceira noite, foi novamente sentar-se na banca, sempre lamentando-se por não aprender a se arrepiar.

Ia alta a noite quando chegaram seis homens enormes trazendo um caixão.

— Olá — disse o rapaz —, talvez seja o meu primo que nunca vi e que morreu há alguns dias.

Foi até onde estava o caixão e levantou a tampa; dentro havia um defunto.

— É o meu primo — disse. Tocou-lhe o rosto, mas estava frio como gelo. — Espera aí, vou tratar de aquecer-te.

Voltou para junto do fogo, aqueceu as mãos e veio esfregar o rosto do cadáver, que, porém, continuou frio como gelo.

Então o rapaz tirou-o de dentro do caixão, levou-o para perto do fogo e, deitando-o ao colo, esfregou-lhe com força os braços para que o sangue voltasse a circular, mas sem resultado. Lembrou-se, então, de uma coisa:

— Se duas pessoas se deitam juntas na cama, logo se aquecem.

Levou o cadáver para a cama, deitou-se ao lado e teve o cuidado de cobrir-se muito bem com o cobertor. Decorrido um pouco de tempo, com efeito, o defunto aqueceu um pouco e mexeu os braços e as pernas.

— Viu, meu primo, como te esquentei bem? Agora agradece-me.

O defunto, porém, disse-lhe:

— Eu vou estrangular-te já. — Sentou-se na cama e avançou as mãos para agarrar o rapaz pelo pescoço.

— Como! — exclamou o rapaz. — É assim que você me agradece? Vamos, volte já para o teu caixão.

Agarrou-o com força, atirou-o lá dentro e fechou bem a tampa. Os seis homens chegaram e levaram embora o caixão.

— Não sei como farei para me arrepiar. Aqui é que não vai ser…

Nisso apareceu um homem, muito maior e de aspecto mais terrível que os outros. Era muito velho e tinha uma longa barba branca.

— Anãozinho — foi gritando ele —, vou-te ensinar a tremer e ficar arrepiado, pois vou matar-te.

— Calma, calma — disse o rapaz —, não tenha tanta pressa! Para que me mates é preciso que me pegue!

— Vou te pegar! — disse o velho.

— Devagar, devagar. Sou tão forte como tu, talvez até mais!

— É o que vamos ver — disse o homem. — Se fores mais forte do que eu, deixo-te em paz. Vem, vamos experimentar.

O velho, então, o levou por corredores sombrios até uma bigorna. Pegando então num pesado martelo de ferreiro, bateu sobre ela e enterrou-a pela terra adentro.

— Pois eu faço coisa melhor — disse o rapaz.

E, pegando num machado, aproximou-se de outra bigorna. O velho ficou ao seu lado para ver, então o rapaz segurou firme o machado e deu um tal golpe que partiu a bigorna pelo meio e prendeu a barba do velho, juntamente com o machado.

— Agora tenho-te em meu poder — disse o rapaz — e vou matar-te.

Agarrou uma barra de ferro e pôs-se a espancar o velho que, preso pela barba como estava, não podia defender-se. O velho começou a gemer, pedindo-lhe que parasse, e prometeu dar-lhe enormes tesouros se o deixasse ir. O rapaz retirou o machado e o deixou livre, então o velho conduziu-o a um subterrâneo e mostrou-lhe três grandes caixas cheias de ouro e pedras preciosas, dizendo:

— Destas três caixas, uma é para os pobres, outra é para o rei e a terceira é para ti.

Entretanto, quando deu meia-noite, o velho desapareceu e o rapaz ficou no escuro.

— Tenho que sair daqui assim mesmo.

Foi tateando até à sala e, uma vez lá, deitou-se perto do fogo e dormiu tranquilamente até o dia seguinte. Pela manhã, chegou o rei com seus acompanhantes e perguntou:

— Acho que agora conseguiu aprender a se arrepiar!

— Não — respondeu o rapaz —, nada aprendi. Esteve aqui um primo meu que tinha morrido, depois veio um velho de barbas brancas muito compridas, que me mostrou várias caixas de dinheiro lá embaixo, mas a me arrepiar, isso não me ensinaram.

— Você conseguiu quebrar o encanto — disse o rei — que há tantos anos assombrava este castelo. Em recompensa, casarás com minha filha, a herdeira do trono.

— Tudo isso está muito bom, mas eu queria mesmo era aprender a me arrepiar.

Foram buscar no subterrâneo o imenso tesouro e celebraram o casamento. E mesmo que o jovem rei amasse muito a esposa e estivesse bem satisfeito, continuava a resmungar:

— Ah, se eu aprendesse a me arrepiar…

A princesa acabou por zangar-se e contou o caso à sua criada, que era muito esperta.

— Deixe isso por minha conta — disse ela. — Ele vai aprender a tremer e a ter arrepios.

Então a criada foi até ao riacho e mandou pegar um balde d’água com centenas de peixinhos. Durante a noite, quando o jovem rei estava dormindo, a princesa levantou a coberta e despejou-lhe em cima o balde de água fria com os peixinhos, que saltaram e escorregaram pelo corpo do rapaz. Então ele acordou muito assustado e, ao sentir os peixes escorrendo-lhe pelo corpo, gritou:

— Ai que arrepio, que arrepio! Obrigado, minha esposa, agora já sei o que é ter um arrepio!

Rumpelstichen

Era uma vez um moleiro que era muito pobre e tinha uma filha muito bonita. Certa vez, encontrou com o rei e, para dar-se importância, disse-lhe:

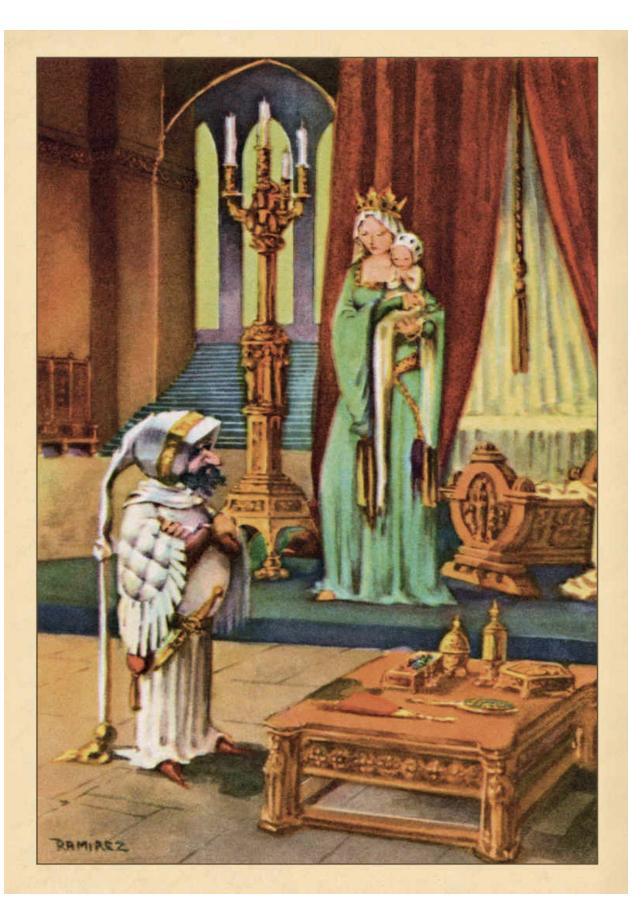
— Eu tenho uma filha capaz de fiar e transformar em ouro a simples palha.

O rei, arregalando os olhos, pensou consigo mesmo “Esse é um negócio excelente para mim!”, pois ele era um poço de ambição e nada era suficiente. Então, disse ao moleiro:

— Se é verdade o que dizes, traga sua filha amanhã ao palácio. Quero submetê-la a uma prova.

No dia seguinte, a moça foi apresentada ao rei, o qual a conduziu a uma sala cheia de palha até o teto, tendo lá uma roca de fiar num canto.

— Senta-te aí ao pé dessa roca de fiar — disse o rei. — Já que sabes transformar a palha em ouro, comece a trabalhar e, se até amanhã cedo não me tiveres produzido todo esse ouro, serás condenada à morte.

Trancou a sala e foi-se embora sem mais uma palavra. A pobre ficou só, na maior aflição deste mundo, pois nunca imaginara que se pudesse transformar palha em ouro, e sua aflição aumentando cada vez mais, começou a chorar desconsoladamente. Nisso a porta rangeu e apareceu um gnomo muito atrevido, dizendo:

— Boa noite, linda moleira. Por que estás chorando assim?

— Ai de mim — soluçou ela —, o rei mandou-me transformar toda esta palha em ouro e eu não sei fazê-lo.

— Hum! — disse o gnomo, sorrindo brejeiro. — Que me dás se eu fiar tudo como o rei deseja?

— Oh, meu amigo — respondeu ela —, dou-te o meu colar.

O gnomo tomou o colar, examinou-o detidamente, guardou-o no bolso e, em seguida, sentou-se à roca: zum… zum… zum…, fazia a roda, que girou três vezes, enchendo o fuso de fios de ouro. Fez girar mais três vezes: zum… zum… zum… e este outro fuso também logo ficou cheio. E assim trabalhou até que, pela madrugada, tinha desaparecido a palha, só ficando os fusos cheios de fios de ouro.

Quando, ao nascer do sol, o rei foi à sala ver se suas ordens haviam sido cumpridas, ficou extasiado ao ver todo aquele ouro. Mas não se contentou; de coração ambicioso, queria ainda mais. Levou a moça para outra sala, ainda maior, que estava cheia de palha até ao teto, e tornou a ordenar-lhe que fiasse aquilo tudo durante a noite, se tinha amor à vida.

A pobre moça não sabia para que santo apelar e desatou outra vez num choro amargurado, mas eis que novamente a porta rangeu e o gnomo tornou a aparecer, perguntando:

— Mais palha para fiar? Que me dás agora se eu fizer o mesmo trabalho de ontem?

— Dou-lhe este anel que trago no dedo.

O gnomo tomou o anel, examinou-o bem e depois recomeçou o zumbido da roda. Ao raiar do dia, toda aquela palha estava transformada em fios de ouro puro e brilhante.

O rei, muito cedo, foi ver o trabalho e sentiu uma grande alegria vendo aquela pilha de ouro. Sua ambição, porém, era desmedida. Levou a moça para uma terceira sala, maior que as outras, tão cheia de palha que só ficara um cantinho para a roca de fiar.

— Aí tens a palha que deves fiar durante esta noite. Se o conseguires, me casarei contigo.

“Embora seja filha de um simples moleiro”, pensava consigo mesmo o rei, “uma esposa mais rica não encontrarei no mundo todo!”

Assim que ficou só, a moça esperou que aparecesse o gnomo, e este não tardou.

— Hum! Temos mais serviço hoje? O que me dás se eu te fiar toda esta

palha?

— Não tenho mais nada — disse ela tristemente —, já te dei tudo quanto tinha comigo.

— Nesse caso, promete-me que me darás teu primeiro filho quando fores rainha.

A moça pensou: “Quem sabe lá se me tornarei rainha algum dia!” E, para sair daquele apuro, prometeu ao gnomo tudo o que ele quis. No mesmo instante, o gnomo se pôs a fiar e, em pouco tempo, transformou toda a palha em ouro.

Quando pela manhã bem cedo o rei chegou e viu tudo executado conforme seu desejo, ficou radiante de alegria e, cumprindo o que prometera, casou-se com a filha do moleiro, que assim se tornou rainha.

Decorrido um ano, a rainha teve um filho lindo. Estava tão feliz que já não se lembrava da promessa feita ao gnomo, mas este não se esquecera. Ele entrou no quarto da rainha e disse-lhe:

— Por três vezes ajudei-te! Agora dá-me o que me prometeste.

A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino para que lhe deixasse aquele amor de criança, mas o gnomo, implacável, disse:

— Não, não. Prefiro uma criaturinha viva a todos os tesouros do mundo.

Então a rainha desatou a chorar e a lastimar-se de causar dó. O gnomo, com pena de sua grande dor, disse-lhe:

— Está bem! Concedo-te três dias de prazo. Se antes de vencer este prazo conseguires adivinhar meu nome, poderás ficar com a criança.

A rainha encheu-se de esperança, e passou a noite inteira pensando em todos os nomes que conhecia ou que ouvira mencionar. Além disso, enviou vários mensageiros que percorressem o reino todo e perguntassem os nomes de todos.

No dia seguinte, o gnomo apareceu e ela foi dizendo os nomes que sabia, a começar por Gaspar, Melchior, Baltazar, Benjamim, Jeremias e todos os que lhe ocorriam no momento, mas a cada um o gnomo exclamava:

— Não! Não é esse o meu nome!

No segundo dia, a rainha mandou perguntar o nome de todas as pessoas da vizinhança e repetiu ao gnomo os mais incomuns e estranhos.

— Seu nome é Leite de Galinha? Costela de Carneiro? Unha de Boi ou Osso de Baleia?

Mas a resposta do gnomo não variava:

— Não! Não é esse o meu nome!

No terceiro dia, chegou o mensageiro e disse-lhe:

— Percorri todo o reino e não descobri nenhum nome novo. Mas, passando ao pé de uma montanha, justamente na curva onde a raposa e a lebre se dizem boa-noite, avistei uma casinha muito pequenina. Diante da casinha havia uma fogueira em volta da qual estava um gnomo muito estranho a dançar e pular com uma perna só. E estava cantando:

— Hoje faço o pão, amanhã a cerveja;
a melhor é minha.
Depois de amanhã ganho o filho da rainha.
Que bom que ninguém sabe bem
que meu nome é Rumpelstichen!

Podem bem imaginar a alegria da rainha ao ouvir essa história; decorou-a e quando, pouco depois, a porta rangeu e apareceu o gnomo a perguntar:

— Então, minha Rainha, já descobriste o meu nome?

A rainha, para disfarçar, começou por dizer:

— Chamas-te Conrado?

— Não.

— Não te chamas, por acaso, Rumpelstichen?

Ao ouvir seu nome, o gnomo ficou assombrado, depois teve um acesso de cólera e berrou:

— Foi o diabo quem te contou, foi o diabo quem te contou!

E bateu o pé no chão com tanta força que rompeu o assoalho e afundou até a cintura. Ele, então, desesperado, agarrou o pé esquerdo com as duas mãos e puxou tanto que acabou se rasgando ao meio. E depois desapareceu.

Desde esse dia, a rainha viveu tranquilamente com o seu filhinho.

A água da vida

Era uma vez um rei muito poderoso que vivia feliz e tranquilo em seu reino. Um dia adoeceu gravemente e ninguém tinha esperanças de que escapasse. Ele tinha três filhos, os quais estavam muito tristes vendo que o estado do pai piorava a cada dia.

Certo dia, eles estavam no jardim do castelo a chorar e, de repente, viram surgir à sua frente um velho com um ar misterioso, que indagou a causa de tamanha tristeza. Disseram-lhe que estavam aflitos porque o pai estava gravemente doente e os médicos já não tinham esperanças.

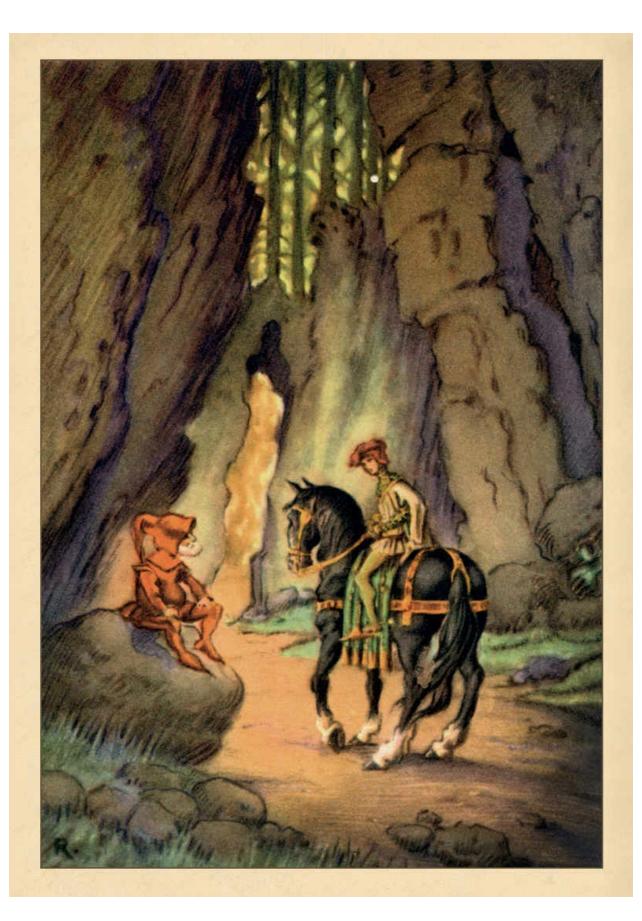
O velho, então, disse-lhes:

— Eu conheço um remédio muito eficaz, que poderá curá-lo. É a famosa Água da Vida. Mas é muito difícil consegui-la.

O filho mais velho disse:

— Eu a encontrarei, custe o que custar.

Dirigiu-se, imediatamente, aos aposentos do rei, disse-lhe o que se passara e pediu permissão para ir em busca dessa água, a única coisa que poderia salvá-lo.

— Não — disse o rei —, sei bem que essa água maravilhosa existe, mas há tantos perigos a vencer antes de chegar à fonte, que prefiro morrer a ver um filho meu correndo esses riscos.

O príncipe, porém, insistiu tanto que o pai acabou por consentir. Em seu íntimo, o príncipe ia pensando: “Se conseguir a água, serei o filho predileto e assim herdarei o trono.”

Partiu, então, na direção indicada pelo velho. Após alguns dias de viagem, ao atravessar uma floresta, viu um anão mal-vestido, que o chamou, perguntando:

— Aonde vais com tanta pressa?

— Que tens tu com isso, homenzinho ridículo? — respondeu altivamente o príncipe, sem deter o cavalo. — Não é da tua conta.

O anãozinho enfureceu-se e rogou-lhe uma praga. Pouco mais adiante, o príncipe viu-se entalado entre dois barrancos. Quanto mais andava, mais se estreitava o caminho, até que não pôde mais avançar, nem recuar, nem voltar o cavalo, nem descer. Ficou ali aprisionado, sofrendo fome e sede, mas não morreu.

O rei aguardou sua volta durante muitos dias, mas em vão. O segundo filho, julgando que o irmão tivesse morrido, ficou contentíssimo, pois assim seria ele o herdeiro do trono.

Foi até o pai e pediu-lhe permissão para ir em busca da Água da Vida. O rei respondeu o mesmo que havia respondido ao primeiro, mas por fim, diante da insistência do rapaz, acabou cedendo. O segundo príncipe, então, montou a cavalo e seguiu pelo mesmo caminho. Após alguns dias, quando atravessava a floresta, surgiu-lhe o anão mal-vestido, que lhe dirigiu a mesma pergunta:

— Para onde vais com tanta pressa?

— Ah, seu homenzinho nojento! Sai da minha frente se não queres que te pise com o meu cavalo.

O anão afastou-se e rogou-lhe a mesma praga que ao primeiro. Assim, o príncipe acabou entalado nos barrancos como o outro irmão, sem poder avançar, recuar ou fazer qualquer movimento, sendo assim castigados os dois orgulhosos.

Passados muitos dias e vendo que os irmãos não voltavam, o filho mais moço foi pedir licença ao pai para ir buscar a Água da Vida. O rei não queria consentir, mas, diante das insistências reiteradas do moço, foi obrigado a ceder. O jovem príncipe montou em seu belo cavalo e partiu. Quando encontrou o anão na floresta, que lhe perguntou aonde ia com tanta pressa, o jovem, que era delicado e amável, deteve o cavalo, dizendo:

— Vou em busca da Água da Vida, o único remédio que pode salvar meu

pobre pai, que está à morte.

— Sabes onde a encontrar? — perguntou o anão.

— Não — respondeu o príncipe.

— Pois bem. Já que foi tão educado comigo — disse o anão —, vou indicar-te o caminho que deves tomar. Ao sair da floresta não vá pela montanha, siga pela frente, depois vire à esquerda e segue até encontrares uma encruzilhada, então segue ainda à esquerda. Depois de dois dias, encontrarás diante de ti um castelo encantado: é no pátio desse castelo que se acha a fonte da Água da Vida. O castelo está fechado por um grande portão de ferro maciço, mas basta tocá-lo três vezes com esta varinha que te dou para que se abra. Assim que entrares verás dois leões enormes prestes a saltarem sobre ti para te devorar. Dê para eles estes dois bolos para acalmá-los, aí corre ao parque do castelo e vai buscar a Água da Vida antes que soem as doze badaladas, senão o portão fecha-se e tu ficarás lá preso.

O príncipe agradeceu gentilmente ao anão, pegou a varinha e os dois bolos e se pôs a caminho. E conforme as suas indicações, chegou diante do castelo. Com a varinha mágica bateu três vezes no imenso portão e este abriu-se. Ao entrar, os dois leões se jogaram contra ele de bocas escancaradas, mas os bolos os acalmaram e assim não sofreu mal algum. Antes de ir até a fonte da Água da Vida, o príncipe não resistiu à tentação de ver o que havia no interior do castelo cujas portas estavam abertas; subiu a escadaria e entrou. Viu uma série de salões grandes e luxuosíssimos. No primeiro deles viu uma multidão de fidalgos e criados dormindo profundamente. Sobre uma mesa avistou uma espada e um saquinho de trigo, então teve um pressentimento que esses objetos lhe poderiam ser úteis e levou-os consigo.

Passando de um salão para outro, no último deu com uma princesa de beleza deslumbrante, a qual se levantou e lhe disse que, tendo ele conseguido entrar no castelo, destruíra o encanto que pesava sobre ela e todos os súditos do seu reino, mas o efeito do encantamento só terminaria mais tarde.

— Dentro de um ano — disse ela —, se voltares aqui, serás meu esposo.

Depois indicou-lhe onde estava a fonte da Água da Vida e despediu-se dele, recomendando-lhe que se apressasse para poder sair do castelo antes de o relógio da torre bater as doze badaladas do meio-dia, porque nesse momento exato os portões se fechariam.

O príncipe percorreu em sentido inverso os numerosos salões por onde passara, até que num deles viu uma belíssima cama com lençóis muito brancos e, como estivesse cansadíssimo da longa caminhada, sentiu-se

tentado a descansar um pouco, deitou-se e adormeceu. Felizmente mexeu-se e sua espada caiu no chão fazendo barulho e o despertando em tempo, pois perdendo a hora ficaria prisioneiro no castelo.

Levantou-se depressa, pois faltava apenas um minuto para o meio-dia e mal teve tempo de correr ao parque, encher um frasco com a preciosa água e fugir.

Ao passar pelos batentes da entrada, soou o relógio dando meio-dia, e o portão fechou-se com estrondo e tão rapidamente que ainda pegou o salto da bota do príncipe, arrancando-lhe uma espora.

O príncipe estava no auge da felicidade por ter conseguido a água milagrosa que salvaria a vida do seu amado pai, e ansioso por chegar ao palácio pulou sobre a sela e partiu a galope. Na floresta, encontrou o anão no mesmo lugar, o qual, ao ver a espada e o saquinho de trigo, lhe disse:

— Fizeste bem em guardar esse precioso tesouro! Com essa espada poderás sozinho vencer os exércitos mais numerosos, e com o trigo desse saquinho terás todo o pão que quiseres durante toda vida.

Mesmo encantado por conhecer os dons maravilhosos da espada e do saquinho, o príncipe estava, contudo, muito preocupado com a ideia da desgraça dos irmãos, perguntou ao anão se não poderia fazer algo por eles.

— Posso — respondeu o anão —, ambos estão perto daqui, entalados entre barrancos muito apertados. Amaldiçoei-os por causa do seu orgulho e arrogância.

O príncipe rogou, encarecidamente, que lhes perdoasse e os libertasse, e tanto insistiu que o anão cedeu às suas súplicas.

— Mas advirto-te que te arrependerás — disse o anão. — Não confie neles, os dois têm coração mau. Liberto-os apenas porque você está pedindo.

Assim dizendo, o anão fez os barrancos se afastarem, libertando os príncipes. Pouco depois, os irmãos se reencontraram. Muito feliz por os tornar a ver, o mais novo logo lhes contou as suas aventuras e disse-lhes que daí a um ano voltaria novamente ao castelo para casar com a maravilhosa princesa e reinar com ela sobre um grande país.

Depois os três seguiram o caminho de regresso para casa. Passaram por um reino que estava arruinado pela fome e pela guerra, estando o rei já desesperado sem poder salvar o povo. O bom príncipe então confiou ao rei o saco de trigo e a espada mágica, e com esses objetos o rei conseguiu derrotar os exércitos invasores e encher todos os celeiros, até o forro, do precioso cereal. O príncipe tornou a receber a espada e o saquinho e os três irmãos

continuaram a viagem. Para encurtar caminho e rever mais depressa o pai, resolveram tomar um navio.

Durante a travessia, os dois irmãos mais velhos, devorados de ciúmes, começaram a conspirar contra o mais novo:

— Nosso irmão conseguiu a Água da Vida e nós não. Com isso nosso pai o fará herdeiro único do trono, que deveria ser nosso.

Então arquitetaram um plano contra o mais novo. De noite, quando ele dormia a sono solto, roubaram-lhe o frasco e substituíram a Água da Vida por outra salgada. Tentaram também roubar-lhe a espada e o saquinho de trigo, mas, quando tentaram pegá-los, os objetos desapareceram de repente.

Quando chegaram em casa, o jovem correu para o pai e apresentou-lhe o frasco para que bebesse e logo ficasse bom. O rei mal engoliu alguns goles daquela água salgada, achou o gosto horrível e piorou um pouco. Estava ele se lamentando quando chegaram os dois filhos mais velhos e acusaram o irmão de tentar envenenar o pai. Eles, porém, traziam-lhe a verdadeira Água da Vida e lhe ofereceram. O rei apenas bebeu alguns goles, e pôde logo levantar-se do leito, cheio de vida e de saúde, como nos tempos de sua juventude. O pobre príncipe, expulso da presença do pai, entregou-se à maior tristeza. Os dois mais velhos, rindo a valer, disseram-lhe:

— Pobre tolo! Tu tiveste todo o trabalho e conseguiste encontrar a Água da Vida, mas nós que a demos para o nosso pai. Devias ser mais esperto e manter os olhos abertos. Enquanto dormias a bordo, trocamos o frasco por outro de água salgada. E poderíamos, se quiséssemos, ter-te atirado ao mar para nos livrarmos de ti, mas tivemos pena. Nem pense em contar a verdade a nosso pai, que não te acreditaria. Se disseres uma só palavra, não nos escaparás, perderás a vida. Também não penses em casar com a princesa daqui a um ano, ela pertencerá a um de nós dois.

O rei estava muito zangado com o filho mais moço, julgando que o tivesse querido envenenar. Convocou, portanto, os seus ministros e conselheiros e submeteu-lhes o caso. Foram todos de opinião que o príncipe merecia a morte e o rei decidiu que fosse morto secretamente por um tiro. Um dia, o jovem foi caçar, e, sem suspeitar de nada, um dos criados do rei foi encarregado de o acompanhar e matá-lo na floresta. Quando chegaram ao lugar destinado, o criado, que era o primeiro caçador do rei, estava com um ar tão triste que o príncipe indagou a razão daquilo:

— Que tens, caro caçador?

— Não posso falar, mas quero dizer tudo — respondeu o caçador.

— Diz então o que há, nada temas.
— Estou aqui por ordem do rei e devo matar-te.
O príncipe sobressaltou-se, mas disse:
— Meu amigo, deixa-me viver. Te darei meus belos trajes em recompensa e tu me darás os teus, que são mais pobres.
— Claro! — disse o caçador.
— É preciso que o rei julgue que executaste as suas ordens — disse o príncipe —, senão a sua raiva recairá sobre ti. Vestirei essas roupas feias e tu levarás as minhas como prova de que me mataste. Em seguida, abandonarei para sempre este reino.
Assim fizeram.
Pouco tempo depois, o rei viu chegar uma comitiva riquíssima do rei vizinho, encarregada de entregar ao bom príncipe os mais ricos presentes em agradecimento por ter ele salvo o reino da fome e da invasão do inimigo. Diante disso, o rei começou a refletir:
— Meu filho seria inocente? — E comunicou aos que o serviam: — Como me arrependo de o ter mandado matar! Ah, se ainda estivesse vivo!
Então, encorajado por essas palavras, o caçador revelou a verdade. Disse ao rei que o bom príncipe estava com vida, mas em lugar ignorado. Imediatamente o rei mandou um arauto proclamar em todo o país que considerava o filho inocente e que desejava imensamente que ele voltasse para casa. Mas a notícia não chegou ao príncipe, que encontrara seu amigo anão, que lhe dera ouro suficiente para viver como um filho de rei.
Nesse meio-tempo, a princesa do castelo encantado, que ele livrara da maldição, mandara construir uma avenida com chapas de ouro maciço e pedras preciosas, a qual conduzia diretamente ao castelo, explicando aos seus vassalos:
— O filho do rei que será meu esposo não tardará a chegar. Virá a galope bem pelo meio da avenida. Mas se outros pretendentes vierem cavalgando à beira da estrada, expulsem-nos a chicotadas.
Com efeito, um ano depois de o jovem príncipe ter entrado no castelo, o irmão mais velho achou que podia apresentar-se como sendo o salvador e receber a princesa como esposa. Ao atravessar o portão e vendo aquela avenida calçada no meio de ouro e pedrarias, não quis que o cavalo estragasse com as patas tanta riqueza, que ele já considerava sua, e fez o animal passar pelo lado de fora. Mas quando chegou diante do portão do castelo, dizendo que era o noivo da princesa, todos riram e depois o

colocaram para fora a chicotadas.

Pouco tempo depois, veio também o segundo príncipe e, quando chegou à entrada do castelo, vendo todo aquele ouro e joias, pensou que seria um pecado arruiná-los. Deixou, portanto, o cavalo galopar pelo lado esquerdo e apresentou-se como sendo o noivo da princesa. Teve a mesma sorte que o irmão mais velho: foi posto para fora a chicotadas.

Estava justamente terminado o ano estabelecido e o terceiro príncipe resolveu deixar a floresta para encontrar sua amada e ao seu lado esquecer suas mágoas.

Seguiu o caminho, só pensando na felicidade de tornar a ver a linda princesa. Ia tão distraído que nem sequer viu que a estrada estava toda coberta de pedras preciosas. Deixou o cavalo galopar pelo meio da avenida e, quando chegou diante do portão do castelo, este foi-lhe aberto. Soaram alegres trompas e trombetas e uma multidão de fidalgos saiu para recebê-lo. Dentro em pouco, apareceu a princesa, deslumbrante, que o acolheu cheia de felicidade, declarando a todos que ele era seu salvador e senhor daquele reino. E as núpcias foram imediatamente realizadas em meio a esplêndidas festas.

Depois de terminadas as festas, que duraram muitos dias, ela contou-lhe que seu pai o havia proclamado inocente e desejava vê-lo de novo.

Acompanhado da rainha, sua esposa, ele foi ter com o pai e contou-lhe tudo quanto se passara: como fora traído pelos irmãos e como estes o obrigaram a calar-se.

O rei, extremamente irritado com eles, mandou que seus arqueiros os trouxessem à sua presença a fim de receberem o castigo merecido, mas, vendo suas maldades descobertas, eles tinham tomado um barco tentando fugir para terras longínquas. Não o conseguiram. Sobreveio uma tremenda tempestade, que tragou o navio, e eles morreram miseravelmente.

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma graciosa menina de quem todos gostavam, principalmente a sua avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, como lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

— Vem cá, Chapeuzinho Vermelho. Aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva tudo para a vovó. Ela está doente e fraca e com isso ficará boa. Vá antes que o sol esquente muito e, quando for, comporta-te direito. Não saias do caminho, senão cais e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada. Quando entrar em seu quarto, não se esqueças de dizer "bom-dia, vovó", em vez de bisbilhotar pelos cantos.

— Farei tudo direitinho — disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se.

A avó morava à beira da floresta, a uma meia hora da aldeia. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo. Não sabendo, porém, que animal malvado ele era, não sentiu medo.

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho — disse o lobo, todo dengoso.

— Muito obrigada.

— Aonde vais assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou à casa da vovó.

— E que levas aí nesse cestinho?

— Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se alimentar.

— Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?

— Mora na floresta, a uns quinze minutos daqui, debaixo de três grandes carvalhos. A casa está cercada de nogueiras, acho que você conhece.

Enquanto isso, o lobo ia pensando: "Esta meninazinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó. Devo agir com esperteza para pegar as duas." Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e depois disse:

— Olha, Chapeuzinho Vermelho, que lindas flores! Por que não olhas ao

redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto dos pássaros! Andas tão séria como se fosses para a escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: “Se levar para a vovó um ramos de flores, ela certamente ficará contente. É tão cedo ainda que chegarei bem a tempo.” Saiu da estrada e entrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e assim ia avançando cada vez mais pela floresta adentro.

Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó e bateu na porta.

— Quem está batendo? — perguntou a avó.

— Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, trago vinho e bolo. Abra a porta, vovó.

— Levanta a tranca — disse-lhe a avó. — Estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou a tranca, escancarou a porta e, sem dizer palavra, correu para a cama da avó e a engoliu. Depois, vestiu a roupa e a touca dela, deitou-se na cama e fechou a cortina.

Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho ficara correndo de um lado para outro colhendo flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela. Lá chegando, se espantou ao ver a porta escancarada. Entrou na sala e teve uma impressão tão esquisita que pensou: “Meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com a vovó!” Então disse alto:

— Bom dia, vovó! — Mas ninguém respondeu.

Aproximou-se da cama e abriu a cortina: a avó estava deitada, com a touca caída no rosto, e tinha um aspecto muito esquisito.

— Vovó, que orelhas tão grandes você tem!

— São para te ouvir melhor.

— Vovó, que olhos tão grandes você tem!

— São para te ver melhor.

— Vovó, que mãos enormes você tem!

— São para te pegar melhor.

— Vovó, que boca enorme você tem!

— É para te comer melhor!

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar bem alto. Justamente nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou: “Como a velha ronca! É melhor dar uma olhadela e ver se está se sentindo mal.”

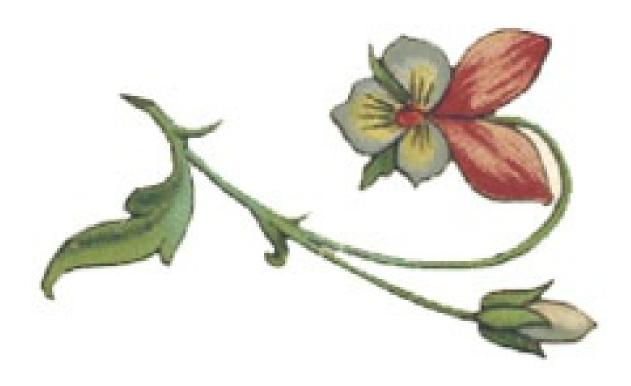
Entrou no quarto e aproximou-se da cama. Ao ver o lobo, disse:

— Seu tratante! Há muito tempo venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la, então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

— Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. Chapeuzinho Vermelho correu para buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que ele levou um tombo e morreu.

Os três ficaram muito felizes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho e logo sentiu-se mais animada, e enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia para si mesma: “Nunca mais vou sair do caminho e entrar na floresta quando a mamãe me proibir!”

Contam também que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando novamente um bolo para a avó e outro lobo surgiu à sua frente e tentou tirá-la do caminho. Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguiu a estrada bem direitinho, contando à avó que tinha encontrado o lobo, que a cumprimentara, mas olhando-a com uma cara faminta.

— Se não estivéssemos na estrada pública, certamente teria me devorado!

— Entra depressa — disse a vovó. — Fechemos bem a porta para que ele não entre aqui!

Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

— Abre, vovó, sou Chapeuzinho Vermelho, venho trazer-te o bolo.

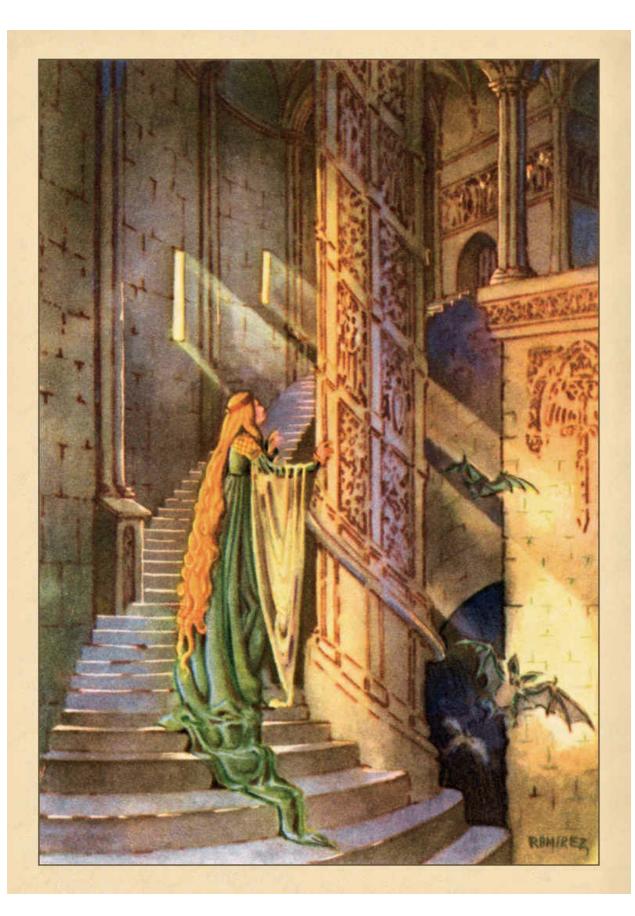
Mas as duas ficaram bem quietinhas, sem dizer palavra, e não abriram. Então o lobo pôs-se a rondar a casa e, por fim, pulou em cima do telhado e ficou esperando que Chapeuzinho Vermelho, à tarde, retomasse o caminho de volta para sua casa, aí então ele a seguiria para comê-la no escuro.

A vovó, porém, percebeu o que a fera estava tramando.

Lembrou-se de que na frente da casa havia uma gamela de pedra, e disse à menina:

— Chapeuzinho, vai buscar o balde da água em que cozinhei ontem as salsichas e traz aqui, para esta gamela.

Chapeuzinho Vermelho foi buscar a água e encheu a gamela. Então o cheiro de salsicha subiu ao nariz do lobo, que se pôs a farejar e a espiar para baixo de onde vinha. Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado, indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado.

Assim, Chapeuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fez o menor mal.

A Bela Adormecida

Era uma vez um rei e uma rainha que diariamente diziam: “Ah, se tivéssemos um filho!” Mas a rainha nunca engravidava. Certo dia, ela estava tomando banho quando, de repente, da água pula uma rã, dizendo-lhe:

— Teu desejo se realizará: em menos de um ano terás uma menina.

A profecia da rã confirmou-se e a rainha teve uma menina tão linda que o rei não cabia em si de alegria e organizou uma esplêndida festa. Não só convidou os parentes, amigos e conhecidos, como também as fadas, para que fossem protetoras e boas com a recém-nascida. No reino, havia treze fadas, mas ele só tinha doze pratos de ouro para o banquete, portanto, uma delas não foi convidada.

A festa foi realizada com o maior esplendor e, quando estava para terminar, as fadas concederam à menina dons maravilhosos. A primeira lhe desejou: “virtude!” A segunda: “beleza!” A terceira: “riqueza!” E assim por diante, com tudo o que se possa desejar no mundo. Depois que onze fadas haviam dito os seus votos, repentinamente chegou a décima terceira. Queria vingar-se por não ter sido convidada para a festa e, sem olhar e sem cumprimentar ninguém, disse em voz alta:

— Aos quinze anos, a princesa espetará o dedo com um fuso e cairá morta.

Sem acrescentar mais nada, virou as costas e saiu da sala.

Entre o espanto geral, a décima segunda fada, que ainda não tinha desejado um dom, se aproximou, e, como não podia anular a maldição, apenas abrandá-la, disse:

— A princesa não morrerá, mas cairá em sono profundo, que durará cem anos.

O rei, que desejava a todo custo preservar a filhinha querida de tal desventura, deu ordens para que se queimassem todos os fusos existentes no reino.

Os demais dons das fadas confirmaram-se; a menina era tão linda, amável, gentil e inteligente que era impossível olhar para ela sem admirá-la e querer-lhe bem. Eis que, justamente no dia em que completou quinze anos, estando o rei e a rainha ausentes, ela ficou sozinha no castelo. Passeou, então, por toda parte, percorreu à vontade todos os aposentos e, por fim, foi dar em uma

antiga torre. Subiu por uma escada estreita em caracol e chegou diante de uma porta. Na fechadura, estava uma chave enferrujada e, quando a girou, a porta abriu-se, deixando ver um pequeno quarto, onde uma velha, sentada diante de sua roca, fiava o linho com o fuso.

— Boa tarde, senhora — disse a princesa —, que estás fazendo?

— Estou fiando — disse a velha, acenando-lhe com a cabeça.

— O que é isso que gira tão engraçado? — perguntou a menina, e pegou o fuso para experimentar se sabia manejá-lo. Mas, apenas tocando nele, realizou-se a maldição da fada e ela espetou o dedo.

No mesmo instante em que sentiu a picada, caiu na cama que ali estava e mergulhou em sono profundo. Esse sono se estendeu por todo o castelo: o rei e a rainha, regressando nesse momento, adormeceram na sala, assim como toda a corte.

Dormiam os cavalos na estrebaria, os cães no terreiro, os pombos no telhado, as moscas na parede. Até o fogo, que flamejava na lareira, apagou-se e adormeceu. O assado cessou de cozinhar e o cozinheiro, que tentava agarrar pelos cabelos um ajudante, também adormeceu nessa posição. O vento paralisou-se e, nas árvores diante do castelo, não se mexeu mais nenhuma folha.

Em volta do castelo cresceu, então, uma sebe de espinhos, que cada ano se tornava mais alta e acabou por circundá-lo e cobri-lo todo, de maneira que não se via mais nada dele, nem mesmo a bandeira da mais alta torre. Na região, espalhou-se a lenda da Bela Adormecida. De vez em quando, aparecia algum príncipe tentando atravessar o espinheiro para entrar no castelo, mas não conseguia, pois o espinheiro impedia-os como se tivessem mãos e os segurassem. Assim os jovens ficavam emaranhados e, não podendo desvencilhar-se, acabavam morrendo.

Muitos anos depois, chegou à região um príncipe e ouviu um velho falar no espinheiro, dizendo que atrás dele havia um castelo onde uma belíssima princesa dormia há cem anos, e com ela dormiam o rei, a rainha e toda a corte. O príncipe já ouvira seu avô contar que muitos príncipes haviam tentado atravessar o espinheiro, mas que ficaram emaranhados e acabaram morrendo de maneira horrível. Então, o príncipe disse:

— Eu não tenho medo. Abrirei uma brecha no espinheiro e chegarei onde se encontra a Bela Adormecida.

Não deu atenção ao bom velho, que tentou, por todos os meios, dissuadi-lo da aventura. E, justamente, se completaram os cem anos, tendo chegado o dia

em que a Bela Adormecida devia despertar.

Quando o príncipe se aproximou do espinheiro, viu que estava todo coberto de grandes e belíssimas flores que espontaneamente se separaram para deixá-lo passar, fechando-se depois às suas costas. No pátio do castelo se deparou com cavalos e cães de caça malhados, dormindo, deitados no chão. No telhado viu os pombos com a cabecinha debaixo da asa, também dormindo. No interior do castelo, viu as moscas dormindo, grudadas na parede; na cozinha, o cozinheiro na mesma atitude de braço erguido e a criada sentada diante da galinha que estava depenando. Continuou andando e na sala viu toda a corte dormindo e, recostados no trono, o rei e a rainha adormecidos também. O silêncio era tão completo que ele ouvia sua própria respiração. Finalmente, chegou à velha torre e abriu a porta do quarto onde dormia a princesa.

Ela estava deitada e era tão linda que o príncipe não conseguia despregar os olhos; inclinou-se e deu-lhe um beijo. Com aquele beijo, a Bela Adormecida abriu os olhos, despertou e o olhou sorrindo com doçura. Ele tomou-a pela mão e juntos desceram à sala. Então o rei, a rainha e toda a corte despertaram também, olhando-se pasmados uns aos outros.

Os cavalos no pátio levantaram-se e relincharam; os cães de caça espreguiçaram-se agitando os rabos; os pombos no telhado tiraram a cabecinha de sob as asas, olharam em volta e saíram voando para os campos; as moscas voltaram a esvoaçar; o fogo na cozinha reavivou-se, tornou a crepitar e continuou a cozinhar a comida; o cozinheiro deu o safanão no ajudante, fazendo-o gritar, e a criada acabou de depenar a galinha.

Alguns dias depois, celebraram o casamento do príncipe com a Bela Adormecida, que viveram muito felizes até o fim de suas vidas.

Os gnomos

Era uma vez um rei muito rico, que tinha três filhas. Todos os dias elas iam passear no jardim do castelo. O rei gostava muito de árvores raras e entre elas possuía uma macieira pela qual tinha predileção. Tanto gostava dela que ninguém podia tocá-la e, se alguém ousasse comer uma de suas maçãs, ele rogava-lhe praga para que afundasse pela terra adentro.

Quando chegou o outono, as maçãs amadureceram, ficando vermelhas como sangue. As três jovens iam, diariamente, debaixo da macieira com a esperança de que o vento tivesse derrubado alguma maçã, mas em vão. Nunca encontravam nada, embora estivesse tão carregada que os galhos pendiam até ao chão.

A mais moça das três vivia com água na boca e um dia, não resistindo mais, disse às irmãs:

— Nosso pai nos ama demais para que sua maldição recaia sobre nós. Acho que só fará isso com os estranhos.

Assim dizendo, a jovem colheu uma esplêndida maçã e, dirigindo-se às irmãs, disse-lhes:

— Ah, queridas irmãzinhas, provem um pedaço! Em toda minha vida jamais comi uma fruta tão gostosa.

As outras, também gulosas, deram uma mordida na maçã e, imediatamente, as três afundaram pela terra adentro, desaparecendo para muito longe, onde não se ouvia o galo cantar, e ninguém ficou sabendo.

Ao meio-dia, o rei chamou-as para almoçar. Procurou-as por toda parte e não as encontrou. Muito aborrecido com o desaparecimento delas, mandou anunciar por todo o reino que quem encontrasse as três princesas receberia uma delas por esposa.

Foi um alvoroço geral; muitos jovens partiram de seus lares, fazendo o impossível para encontrá-las, pois as princesas eram muito queridas pelos seus dotes de bondade, gentileza e beleza. Entre os candidatos, estavam também três caçadores e, após oito dias de busca incessante, chegaram num enorme castelo no qual havia salões maravilhosos. Num desses salões, viram uma rica mesa posta, coberta de iguarias doces, tão quentes que ainda saía fumaça. Porém, em todo o castelo, nada se ouvia, nem se via ninguém.

Aguardaram ainda o meio-dia e as iguarias continuavam sempre quentes; por fim, apertando a fome, resolveram sentar-se à mesa e comer. Depois, decidiram permanecer no castelo e tirar a sorte para que um ficasse de plantão enquanto os outros iam à procura das princesas. Assim fizeram e, por sorte, coube ao mais velho ficar de guarda.

Logo no dia seguinte, os dois mais moços saíram à procura das princesas, enquanto o mais velho ficava em casa. Quando deu meio-dia, ele viu chegar um gnomo, o qual lhe pediu um pedaço de pão. O caçador pegou e cortou uma grande fatia de pão, dando-a ao gnomo, que a deixou cair no chão. O gnomo pediu-lhe, por favor, que a apanhasse. O caçador obedeceu e abaixou-se para pegar a fatia, nisso o gnomo agarrou-o pelos cabelos e encheu-o de pancada.

No dia seguinte, foi a vez do segundo caçador ficar em casa e não teve melhor sorte. Ao anoitecer, quando os outros regressaram, o mais velho perguntou:

— Que tal? Como andaram as coisas?

— Ah, da pior maneira possível — respondeu o outro.

Um confiou ao outro suas dificuldades, mas nada disseram ao mais moço. Não o suportavam e tratavam-no sempre de João Bobo, justamente porque era muito simples.

No terceiro dia, João Bobo ficou em casa e os outros foram-se. Ao meio-dia, chegou o gnomo e pediu-lhe um pedaço de pão. O rapaz deu-lhe o pão e o gnomo deixou-o cair, pedindo-lhe que o apanhasse, então João Bobo respondeu:

— Como assim! Não podes apanhá-lo tu mesmo? Se não queres ter trabalho para ganhar teu pão, também não mereces comê-lo.

O gnomo ficou furioso e exigiu que ele o apanhasse; mas o moço, sem perder tempo, agarrou o gnomo e surrou-o sem piedade. O gnomo gritava como um louco:

— Chega, chega! Larga-me, eu te contarei onde estão as princesas.

Ouvindo isso, o moço largou-o e o gnomo contou-lhe que havia mais de mil gnomos por aí e que moravam debaixo da terra. Disse-lhe que o seguisse e ele lhe mostraria onde estavam as princesas. Mostrou-lhe um poço muito fundo, mas sem água dentro. O gnomo sabia que seus irmãos não eram sinceros e não tinham boas intenções para com ele, portanto, se quisesse libertar as princesas, tinha que agir sozinho. Os dois mais velhos desejavam muito encontrar as princesas, mas não queriam ter muito trabalho, nem

amolações. O gnomo deu-lhe, então, todas as instruções.

Antes de mais nada, precisava de um grande cesto e tinha que sentar-se nele com o facão de caça e uma campainha, depois descer ao fundo do poço; lá encontraria três quartos, e dentro de cada um deles estava uma princesa guardada por um dragão enorme com muitas cabeças, que ele teria que cortar todas. Após ter dito tudo isso, o gnomo desapareceu.

Ao anoitecer, os outros dois regressaram e perguntaram-lhe como tinham corrido as coisas.

— Ah, foi tudo bem! Não vi ninguém até o meio-dia, quando apareceu um gnomo que me pediu um pedaço de pão.

Em seguida, contou o que aconteceu e que lá pelas tantas pegara o gnomo e dera-lhe tamanha surra que este acabara por lhe revelar onde se encontravam as princesas.

Os outros dois caçadores ficaram verdes e amarelos de raiva. Mas, na manhã seguinte, foram juntos até onde se achava o poço e lá tiraram a sorte para ver quem desceria primeiro. O mais velho venceu e entrou no cesto com o facão e a campainha, dizendo:

— Quando eu tocar a campainha, puxem-me para cima.

Mal acabava de descer, ouviu-se a campainha tocando furiosamente, então puxaram-no depressa para cima. Em seguida, foi o segundo, que procedeu da mesma forma, e, finalmente, chegou a vez do terceiro. Ele entrou no cesto e desceu até o fundo do poço. Com o facão de caça na mão, ficou diante de uma porta, escutando, e ouviu o dragão roncando bem alto. Com muito cuidado, abriu a porta e entrou no quarto, onde viu a princesa mais velha com o dragão de nove cabeças. O rapaz, então, agarrou a faca e, com alguns vigorosos golpes bem dados, decepou as nove cabeças.

A princesa levantou-se de um pulo, atirou-se aos braços dele, beijando-o e abraçando-o com grande alegria, e em seguida tirou um colar de ouro vermelho e o colocou no pescoço do caçador. Esse foi à outra porta e lá viu a segunda princesa, com um outro dragão, de sete cabeças; não teve dificuldades em libertar essa também. Depois, foi ao quarto onde estava a mais moça, com mais um dragão, de quatro cabeças. E fez o mesmo que fizera aos outros.

A alegria das três irmãs era indizível, nunca acabavam de se abraçar e beijar e fazer mil perguntas. Então João Bobo agitou, com força, a campainha e assim que os irmãos lhe mandaram o cesto fez subir as princesas, uma de cada vez. Mas, quando chegou a vez dele, lembrou-se da advertência do

gnomo a respeito das más intenções dos irmãos. Então apanhou uma grande pedra e colocou-a dentro do cesto e, quando este ia subindo e já estava na metade do carrinho, os cruéis irmãos cortaram a corda e o cesto despencou com o peso da pedra.

Os dois malvados, julgando que João Bobo tivesse morrido, fugiram mais que depressa com as três princesas, obrigando-as a prometer que diriam ao pai terem sido salvas por eles dois. Chegando ao castelo, pediram as princesas em casamento.

Enquanto isso, João Bobo perambulava sozinho e tristonho por entre os quartos onde matara os dragões, pensando que ali teria que acabar sua pobre vida. Deu com os olhos numa flauta pendurada na parede e, muito admirado, perguntou:

— Que fazes aí pendurada nessa parede? Aqui ninguém tem vontade de tocar flauta!

Depois olhou as cabeças dos dragões e disse:

— Nem vocês podem me ajudar!

E continuou passeando de um lado para outro até o pavimento tornar-se liso. Cansado, teve uma ideia; tirou a flauta da parede e começou a tocar qualquer coisa. Nisso viu chegar uma quantidade enorme de gnomos. Cada nota que saía da flauta chamava mais outros, e chegaram tantos que ele não os poderia contar.

Perguntaram-lhe o que desejava, e ele respondeu que queria regressar à terra e ver a luz do dia. Então os gnomos, todos juntos, cada um pegando num fio de cabelo do jovem, saíram voando com ele até a superfície.

Uma vez fora do poço, João Bobo foi direto ao castelo, onde faziam os preparativos para o casamento da princesa mais velha, e partiu logo ao salão em que se achava o rei com as três filhas. Estas, ao vê-lo, ficaram tão assustadas que uma delas desmaiou. Diante disso, o rei enfureceu-se e mandou prendê-lo, julgando que ele estava ali para fazer algum mal às jovens. Mas quando a princesa recobrou os sentidos, logo pediu ao rei que o pusesse em liberdade. O pai quis saber a razão de tudo aquilo, elas porém disseram que não podiam falar. Achando inútil insistir, o pai disse que poderiam contar o segredo para o fogo; em seguida, retirou-se e ficou atrás da lareira, e de lá ouviu tudo o que elas disseram.

Então mandou chamar os dois irmãos perversos e condenou-os à morte. A filha mais moça casou-se com João Bobo e viveu muito feliz.

Os três passarinhos

Há mais de mil anos, havia muitos reis e um deles morava no Monte Agudo. Esse rei gostava muito de caçar e, certa vez, ao sair do castelo com os caçadores, viu ao pé da montanha três moças com algumas vacas. Elas, ao verem o rei com a ilustre corte, comentaram:

— Olá! Olá, se não casar com aquele lá, não casarei com mais ninguém! — disse a mais velha, apontando para o rei.

A segunda moça respondeu, indicando o que vinha à direita do rei:

— Olá, olá, se não casar com aquele, não casarei com mais ninguém!

Então a terceira moça apontou para o que vinha à esquerda do rei e disse:

— Olá, olá, se não casar com aquele, não casarei com mais ninguém!

Os dois ao lado do rei eram seus ministros.

O rei ouviu tudo o que as moças disseram e então, ao voltar da caça, mandou chamar as três e perguntou-lhes o que haviam dito no dia anterior quando estavam ao pé da montanha. Naturalmente, elas não queriam repeti-lo, então o rei perguntou à primeira se queria casar-se com ele. Ela, sem pensar, respondeu que sim e também suas irmãs casaram com os dois ministros, pois eram todas belíssimas, principalmente a rainha, que possuía cabelos tão louros como o linho.

Entretanto, as duas irmãs mais moças não tiveram filhos. Tendo que viajar, o rei mandou que ambas fizessem companhia à rainha, que esperava um filho, enquanto ele estivesse fora.

Pouco depois, a rainha deu à luz um belo menino, que nasceu com uma estrela vermelha na testa. Invejando a sorte da rainha, as duas irmãs combinaram entre si de lançar o menino no rio, e nisso um passarinho alçou voo e cantou:

— Pronto para a morte,
Oh, que triste sorte,
Vai entre os lírios em paz,
meu belo rapaz!

Ouvindo aquilo, as duas irmãs se espantaram e fugiram. Assim que o rei voltou, elas contaram-lhe que a rainha tivera um cãozinho em vez de um menino. O rei disse com calma:

— O que Deus faz está bem feito.

Mas, à margem do rio, habitava um pescador, que retirou da água o menino ainda vivo e, como sua esposa não tinha filhos, resolveram criá-lo.

Passado um ano, o rei teve que fazer outra viagem e nesse meio-tempo a rainha deu à luz outro menino. As irmãs malvadas pegaram o bebê e também o jogaram no rio. Nisso, outro passarinho alçou voo e cantou:

— Pronto para a morte,

Oh, que triste sorte,
Vai entre os lírios em paz,
meu belo rapaz!

Na volta do rei, as irmãs apressaram-se a contar-lhe que a rainha dera à luz um gato. O rei, então, respondeu:

— O que Deus faz está bem feito.

O pescador também recolheu esse menininho e criou-o junto com o outro.

O rei teve de fazer nova viagem e desta vez a rainha deu à luz uma linda menina que, infelizmente, teve o mesmo destino dos meninos. Mas um passarinho voou nesse instante, cantando:

— Pronta para a morte,
Oh, que triste sina;
Vai para o berço de rosas,
ó minha linda menina!

E, quando o rei voltou de sua viagem, as cunhadas disseram que a rainha dera à luz uma gata. Então ele enfureceu-se e mandou jogar a rainha numa masmorra, onde ficou muitos anos.

Enquanto isso, as crianças foram crescendo belas e fortes. Certo dia, o mais velho quis ir pescar junto com outros meninos, mas estes não quiseram e responderam-lhe:

— Vá embora! Não queremos um filho abandonado em nossa companhia.

Profundamente chocado, o menino foi até o pescador e perguntou-lhe se era verdade o que ouvira daqueles meninos. O pescador contou-lhe, então, como o havia retirado da água. Diante dessa revelação, o menino disse que queria procurar seu verdadeiro pai. O pescador tentou convencê-lo a mudar de ideia, pedindo-lhe que ficasse com eles, mas o menino não o atendeu e foi-se embora.

Caminhou dias e dias, até que, por fim, chegou à margem de um grande rio, onde avistou uma velha pescando.

— Bom dia, senhora! — disse o rapaz.

— Muito obrigada! — respondeu ela.

— Parece-me que levarás muito tempo até pescar um peixe!

— E tu terás de procurar muito até encontrar teu pai! Como farás para atravessar este rio? — perguntou ela.

Então a velha pegou-o nas costas e o levou para a outra margem e o rapaz continuou a procurar seu pai durante muito tempo ainda.

Depois de um ano, o segundo menino também partiu em busca do irmão, chegou à margem do rio e aconteceu tudo igual. Em casa, portanto, ficara somente a menina, a qual, não se conformando com a ausência dos irmãos, resolveu, depois de um ano de espera, ir à procura deles. Chegando à margem do rio, avistou a velha e disse-lhe:

— Bom dia, senhora!

— Muito obrigada!

— Deus vos ajude a pescar bastante!

Ouvindo essas palavras gentis, a velha atravessou a menina para a outra margem do rio e deu-lhe uma varinha, dizendo-lhe:

— Segue sempre por este caminho, minha filha, e, ao passares perto de um enorme cão preto, continua andando silenciosamente, sem rir e sem olhar para ele. Mais adiante, encontrarás um castelo; deixa cair esta varinha na soleira da porta, em seguida vai sempre em frente, atravessa-o e sai pelo lado de trás. Lá encontrarás um velho poço, dentro do qual cresceu uma grande árvore, onde verás dependurada uma gaiola com um pássaro dentro. Pega essa gaiola, tira do poço um copo de água e volta pelo mesmo caminho já percorrido. Na soleira da porta, torna a pegar a varinha e, quando passares perto do cão preto, bate-lhe no focinho, e depois volte aqui.

A menina encontrou tudo exatamente como lhe dissera a velha e, quando ia voltando do castelo, no caminho encontrou os dois irmãos que haviam percorrido meio mundo. Reuniram-se os três e foram até onde se achava o

cão preto deitado no meio da rua. A menina bateu-lhe no focinho e ele, imediatamente, transformou-se num belo príncipe, o qual acompanhou os irmãos até o rio.

A velha ainda estava lá e alegrou-se muito por vê-los todos juntos. Transportou-os para a outra margem, depois foi-se embora também, pois já se havia quebrado o seu encanto. Os moços dirigiram-se todos à casa do pescador, alegres e felizes por estarem novamente reunidos e lá dependuraram a gaiola, com o pássaro dentro, numa parede da casa.

O segundo rapaz, porém, não conseguia ficar sossegado dentro de casa, então pegou o arco e saiu a caçar. Depois de andar de um lado para outro, sentiu-se cansado. Sentou-se no chão, tirou do bolso a sua flautinha e tocou uma melodia. O rei, que estava caçando ali por perto, ouviu e aproximou-se do jovem.

— Quem te deu licença de caçar por estas bandas?

— Ninguém! — respondeu o rapaz.

— Quem és tu?

— Sou filho do pescador.

— Mas o pescador não tem filhos!

— Se não acreditas, vem comigo.

O rei acompanhou-o à casa do pescador, fez-lhe muitas perguntas e ele contou o que sabia. Nisso o passarinho preso na gaiola pôs-se a cantar:

— A pobre mãe solitária,
trancada está na prisão.
Ó rei, sangue de heróis;
estes três são filhos teus.
As irmãs invejosas,
n'água os atiraram ansiosas,
cada um por sua vez;
mas nenhum se afogou,
pois o bom pescador os salvou!

Todos que estavam ali presentes ficaram horrorizados com a história contada pelo pássaro, então o rei levou os filhos, o pássaro e o pescador para o castelo. Mandou buscar a esposa na prisão, que apareceu muito doente e enfraquecida. A filha mais que depressa deu-lhe para beber a água trazida do poço e ela recuperou, rapidamente, as forças e a saúde.

Depois o rei condenou as duas cunhadas, que acabaram a triste vida na fogueira.

E a filha do rei casou-se com o belo príncipe, vivendo todos muito felizes durante longos anos.

Nariz de Palmo e Meio

Mestre Gaspar era um homenzinho magro e irrequieto, que não tinha um instante de sossego.

O rosto, do qual se destacava um nariz comprido e arrebitado, era pálido e marcado de varíola. Os cabelos, grisalhos e desgrenhados. Os olhos pequenos, agitados, sempre em movimento, lançavam chispas para a direita e para a esquerda.

Observava tudo, criticava tudo, sabia tudo mais do que os outros e sempre tinha razão.

Quando andava pelas ruas, agitava os braços como se fossem remos e com tanto ardor que um dia esbarrou numa moça que levava um balde de água na cabeça e atirou-o pelos ares, tão alto que tanto ele como a pobre moça ficaram completamente molhados.

— Cabeça de vento! — gritou ele, sacudindo-se. — Não podias ver que eu vinha atrás de ti?

Ele era sapateiro de profissão e ao coser puxava o linhol com tal violência que esmurrava fortemente aquele que não se mantivesse a respeitável distância.

Nenhum aprendiz se demorava mais de um mês a seu serviço, porque sempre encontrava o que censurar e criticar em todo sapato, por mais perfeito que fosse. Ora achava os pontos das costuras desiguais, ora achava que um sapato era maior que o outro, ou um salto mais alto que o outro, ou o couro não estava suficientemente batido.

— Espera aí — dizia esbravejando com o aprendiz —, vou te mostrar como se amacia a pele!

Ia buscar a correia atrás da porta e dava nas costas do rapaz uns bons golpes.

Para ele todos eram preguiçosos, vadios, embora ele próprio não produzisse grande coisa, pois não podia ficar dois minutos quieto no mesmo lugar, entregue ao trabalho.

Se a esposa levantava cedo e acendia o fogo, ele saltava logo da cama e corria descalço para a cozinha, gritando:

— Queres queimar a casa? Fazes um fogaréu que chega para assar um boi! Ou pensas que a lenha não custa dinheiro?

Se as criadas, ao lavarem a roupa, riam em volta do tanque, contando as novidades, o sr. Nariz de Palmo e Meio punha-se a gritar, dizendo:

— Vejam só as patas lá grasnando. Com o falatório esquecem o trabalho! E por que usam o sabão fresco? É desperdício vergonhoso, além de escandalosa preguiça. Querem poupar as mãos, por isso não esfregam a roupa!

Alguém estava construindo uma casa em frente à sua, e ele saiu à janela e começou a resmungar:

— Vejam só, estão usando novamente areia vermelha, que nunca secará! Nunca terão saúde naquela casa. E vejam, vejam como os pedreiros colocam tortas aquelas pedras! A argamassa também não serve, cascalho é melhor, e não areia. Eu ainda verei essa casa desabar sobre a cabeça de seus moradores!

Voltou a sentar-se, deu mais alguns pontos no trabalho, mas logo pulou novamente, tirou o avental de couro e murmurou:

— É preciso que eu vá dizer a essa gente que ponha a mão na consciência!

Saiu e topou com os carpinteiros.

— O que é isso? — gritou-lhes. — Não usa direito o prumo, não vê que as vigas estão tortas? Tudo desabará de um momento para outro.

Tomou o martelo da mão de um carpinteiro e quis mostrar-lhe como se devia bater, mas nisso ele viu entrar uma carroça carregada de barro e lançou fora o martelo e correu para o carroceiro que vinha ao lado da carroça.

— Estás louco? — gritou-lhe. — Onde já se viu atrelar cavalos novos a uma carroça tão carregada? Os pobres animais cairão mortos pelo caminho!

O carroceiro não lhe respondeu, nem lhe deu a menor atenção, então, cheio de raiva, Nariz de Palmo e Meio voltou correndo para a sua loja. Estava para sentar-se e retomar o trabalho quando o aprendiz lhe apresentou um sapato.

— O que é isso agora? — exclamou furibundo. — Já não te disse para não recortar tanto os sapatos? Quem quererá comprar semelhante calçado, que não é mais que uma palmilha? Quero que as minhas ordens sejam cumpridas à risca, ouviste?

— Senhor mestre — respondeu o aprendiz —, pode bem ser que esse calçado não sirva, mas foi você mesmo quem o cortou e começou. Quando há pouco o senhor levantou-se para sair, deixou-o cair e nada mais fiz que pegá-lo. Um anjo do céu, com certeza, não conseguiria satisfazer-lhe, senhor mestre!

Certa noite, o sr. Nariz de Palmo e Meio sonhou que tinha morrido e estava a caminho do paraíso. Ao chegar à porta, bateu com força.

— Muito admiro que não tenham uma sineta nesta porta. De tanto bater, a gente quase quebra os dedos!

São Pedro veio abrir para ver quem batia tanto.

— Ah, és tu, mestre? — disse ele. — Podes entrar, mas vou logo avisando que aqui deves perder o teu feio costume e não podes criticar coisa alguma do que vês no céu. Caso contrário, te sairás mal.

— Poderia ter economizado o sermão! — replicou Nariz de Palmo e Meio. — Conheço as conveniências, e graças a Deus aqui tudo é perfeito, não é como na terra.

Entrou, portanto, e começou a percorrer as vastas regiões do céu. Olhava para todos os lados, observava tudo e, de vez em quando, balançava a cabeça, resmungando qualquer coisa entre dentes.

Nisso, viu dois anjos carregando uma trave grossa. Mas os anjos, em vez de a levarem no sentido do comprimento, levavam-na atravessada.

— Mas já se viu tamanha besteira? — resmungou para si mesmo. Sr. Nariz de Palmo e Meio, contudo, conseguiu ficar calado e tranquilo, pensando: “De resto, tanto faz carregá-la direita como atravessada, dá sempre no mesmo, contanto que chegue ao seu destino! E, na verdade, vejo que não batem em lugar nenhum.”

Pouco mais adiante, avistou dois anjos que apanhavam água de uma fonte com um barril, e ao mesmo tempo notou que o barril estava furado e a água escapava por todos os lados. Produziam, assim, a chuva para regar a terra.

— Com mil demônios!… — exclamou ele, mas felizmente se conteve a tempo e refletiu: “Talvez se divirtam com isso. Se têm prazer, que façam coisas inúteis, sobretudo aqui no céu, onde eu vejo que reina somente a preguiça.”

Mais à frente, viu uma carroça atolada num profundo buraco.

— Não é de se admirar — disse ele ao carroceiro que estava próximo. — Como é possível guiar assim, tão estupidamente? O que é o que tem nessa carroça?

— Desejos piedosos — respondeu o carroceiro. — Não consegui vir pelo caminho certo, mas felizmente consegui empurrar até aqui a carroça, onde não me deixarão sem auxílio.

Com efeito, veio um anjo que atrelou dois cavalos à frente da carroça.

— Muito bem! — pensou Nariz de Palmo e Meio. — Mas dois cavalos não bastarão. É preciso pelo menos quatro.

Chegou outro anjo com mais dois cavalos, mas, em vez de os atrelar na

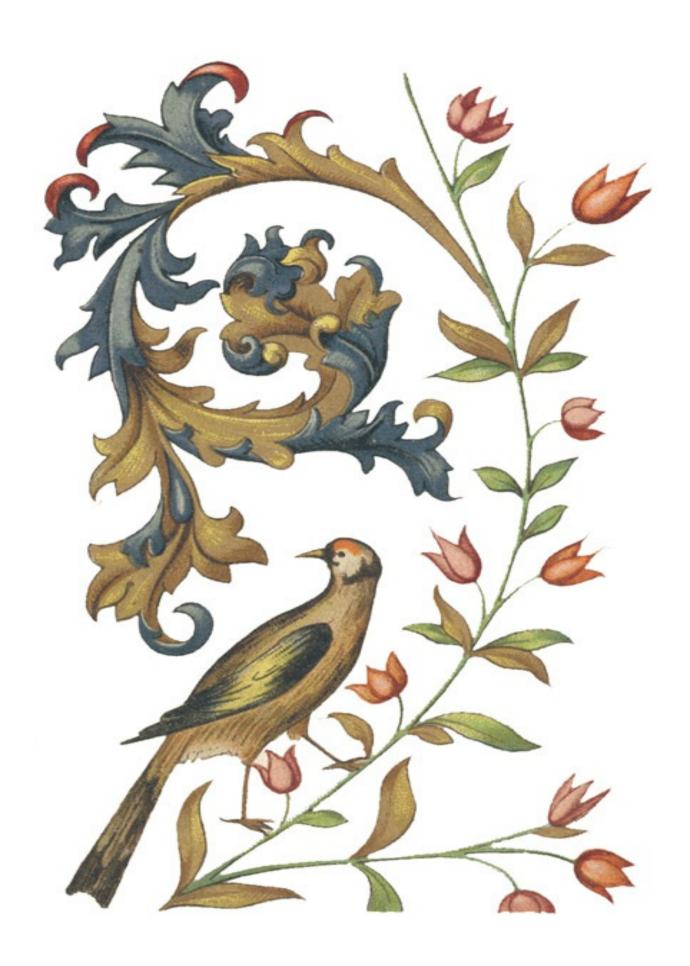
frente, atrelou-os atrás. Isso era demais; o sr. Nariz de Palmo e Meio não pôde conter-se e bradou:

— Oh, seu tolo, que estás fazendo? Desde que o mundo é mundo, nunca se viu desatolar um carro dessa maneira! Mas, orgulhosos e presunçosos como são, julgam saber tudo melhor que os outros.

Ia continuar a cantilena, mas um habitante do céu agarrou-o pelo colete e lançou-o para fora com força irresistível. Ao transpor a porta, o nosso mestre ainda teve tempo de volver a cabeça para o lado da carroça e viu que ela estava sendo arrebatada aos ares por quatro cavalos alados.

Justamente nesse momento, Nariz de Palmo e Meio acordou.

— É claro que no céu as coisas não se passam como aqui na terra. E muitas coisas podem ser perdoadas, mas quem poderia com santa paciência ver atrelarem cavalos na frente e atrás da carroça ao mesmo tempo? É certo que tinham asas, mas quem poderia adivinhar? De qualquer maneira, é também uma rematadíssima asneira dar um par de asas a cavalos que já têm quatro patas! Não acham?

"Bem, bem; é preciso que me levante, senão nesta casa fazem tudo de pernas para o ar. A minha única felicidade é que não morri de verdade!…"

Henrique, o Preguiçoso

Era uma vez um rapaz muito preguiçoso chamado Henrique. Seu trabalho era só levar a cabra para pastar, porém, à noite, começava a se lamentar:

— Meu trabalho é muito cansativo! Todos os dias ter de levar ao pasto esta cabra, um dia, depois outro, até o fim do outono. Se ao menos a gente pudesse dormir! Mas é preciso manter os olhos bem abertos para não deixar que ela estrague os tenros arbustos, que não entre em algum jardim e também que não fuja. Como é possível ter um pouco de paz e apreciar a vida?

Um dia, sentou-se num canto, muito concentrado, e pensou como faria para ficar livre daquele peso. Meditou longamente, mas em vão. De repente, porém, teve uma ideia.

— Ah, já sei o que farei! — exclamou. — Caso-me com a gorda Rina. Ela também possui uma cabra, e junto com a dela poderá levar a minha, assim livro-me do trabalho.

Decidido isto, Henrique levantou-se, pôs em movimento as pobres pernas cansadas e atravessou a rua, pois era apenas essa a distância que o separava da casa dos pais da gorda Rina. E pediu-lhes a mão da virtuosa e prestativa filha. Os pais não perderam tempo a pensar.

— Deus os fez e agora os junta! — disseram, e deram o consentimento.

Assim, então, a gorda Rina tornou-se a esposa de Henrique e teve que levar ao pasto as duas cabras.

Henrique folgava o dia todo e só tinha que descansar da sua grande preguiça. Uma vez ou outra ele dava uma chegada ao pasto, dizendo:

— Faço isto só para dar valor ao descanso, se não a gente acaba por não apreciá-lo o bastante.

Acontece, porém, que a gorda Rina não era menos preguiçosa que ele. E, um belo dia, disse:

— Querido Henrique, para que amarguramos nossa vida sem necessidade e desperdiçamos os melhores anos de nossa mocidade? Estas duas cabras, que com seus irritantes sinos nos despertam todas as manhãs no melhor do sono, não achas melhor dá-las ao nosso vizinho, em troca de uma colmeia? Poderemos colocar a colmeia no fundo do quintal, em lugar bem ensolarado,

e não teremos preocupações com ela. Não é preciso vigiar as abelhas nem levá-las a pastar, elas voam por conta própria e sozinhas encontram o caminho de volta para casa. Além disso, produzem mel sem nos dar a menor amolação!

— Boa ideia, esposa! — respondeu Henrique. — Acho que a tua proposta deve ser levada a efeito imediatamente. Além disso, o mel é muito mais saboroso e nutritivo do que o leite de cabra e pode ser conservado muito mais tempo.

O vizinho deu de bom grado uma colmeia em troca das duas cabras. As laboriosas abelhas voavam de cá e de lá desde manhã cedo até a noite, e em pouco tempo encheram a colmeia de belíssimos favos dourados. Portanto, quando chegou o outono, Henrique pôde colher um pote bem cheio de mel.

Resolveram guardar o pote numa estante pregada bem em cima da cama, no quarto, e, com receio de que os ratos pudessem achá-lo, Rina muniu-se de uma vara e colocou-a ao lado da cama para tê-la à mão, sem ter necessidade de levantar-se nem ter o incômodo de sair da cama para enxotar os prováveis intrusos.

O preguiçoso Henrique não gostava nunca de levantar-se antes do meio-dia e costumava dizer:

— Quem levanta cedo desperdiça o que é bom.

Uma bela manhã, quando o dia já estava bem claro e ele ainda repousava na cama macia, descansando do longo sono, disse à esposa:

— As mulheres gostam do que é doce e tu vives lambiscando o mel. Antes que acabes com ele tu sozinha, é melhor vendê-lo e comprar uma gansa com um gansinho.

— Mas antes vamos ter um filho para tomar conta deles! — disse a mulher. — Achas, por acaso, que devo aborrecer-me com os gansinhos e gastar minhas forças com eles?

— E tu achas que o menino cuidaria dos gansos? — respondeu Henrique. — Hoje em dia, os filhos já não obedecem a ninguém, só fazem o que lhes dá na veneta, porque se julgam mais sabidos do que os pais, justamente como aquele criado que foi procurar a vaca tresmalhada e correu atrás dos melros.

— Ah — respondeu Rina —, pobre dele se não fizer o que eu mandar! Pegarei num pau e lhe curtirei a pele com pancadas! Olha, Henrique — gritou ela, exaltada, e pegou a vara que trouxera para enxotar os ratos —, olha, vê como lhe darei uma surra!

Assim dizendo, ergueu o braço para sacudir a vara, mas, infelizmente,

bateu no pote de mel que estava em cima da trave. O pote bateu na parede e, caindo, despedaçou-se. O delicioso mel esparramou-se todo pelo chão.

— Lá se foram a gansa e o gansinho — disse Henrique —, agora não teremos mais que cuidar deles. Sorte que o pote não me caiu na cabeça, temos mesmo de nos alegrar com isso!

E, vendo um pouco de mel num caco do pote, Henrique estendeu a mão, apanhou-o e disse muito contente:

— Aproveitemos este restinho, mulher. Depois descansaremos um pouco deste grande susto que levamos. Que importa se nos levantarmos um pouco mais tarde do que de costume? O dia é sempre bastante comprido!

— Sim — respondeu Rina —, e chegaremos sempre a tempo. Sabes, uma vez a lesma foi convidada a um casamento, ela pôs-se a caminho, mas só chegou no dia do batizado. Ao chegar diante da casa, aconteceu, porém, de cair da cerca e então exclamou: “Maldita a minha pressa!”

O velho Sultão

Um camponês possuía um cachorro muito fiel, chamado Sultão, que tinha ficado velho e perdera todos os dentes, de modo que não podia pegar mais nada. Um dia, estava o camponês com sua esposa à porta de casa e dizia:

— Amanhã vou matar o velho Sultão, pois já não serve para nada.

A mulher, que tinha pena do animal tão fiel, disse:

— Ele nos serviu honestamente durante muitos anos! Bem poderíamos sustentá-lo caridosamente.

— Qual o quê — volveu o homem —, tu estás louca! Não tem mais um dente sequer na boca e não há ladrão que o tema. Se nos serviu, em compensação teve também ótimos petiscos.

O pobre cão, que estava deitado ao sol, ali perto, ouviu tudo e ficou triste ao saber que o dia seguinte seria o seu último. Tinha ele um bom amigo, o lobo. À noite, foi às escondidas visitá-lo na floresta e com ele lamentou o destino que o aguardava.

— Escuta, compadre — disse-lhe o lobo —, não desanimes, eu te ajudarei a livrar-te desta. Tenho uma ideia. Amanhã cedo, teu patrão e a esposa vão apanhar feno e levam com eles o filho. Enquanto trabalham, deixam sempre a criança à sombra, atrás da cerca; deita-te perto dele como se montasses guarda, e eu então sairei da floresta e o roubarei. Tu me corres logo ao encalço, como se quisesses salvá-lo. Eu o deixarei cair e tu o levarás aos pais que ficarão muito gratos a você e nenhum mal lhe farão: ao contrário, voltarás a ser estimado e não te deixarão faltar mais nada.

O projeto agradou ao cão, que fez tal e qual o lobo lhe disse. Vendo o lobo correndo pelo campo com a criança na boca, o homem pôs-se a gritar, mas daí a pouco quando o velho Sultão o trouxe de volta, disse, muito feliz, acariciando-o:

— Não terás um só pelo torcido, e te sustentarei enquanto viveres.

Depois disse à esposa:

— Vai já para casa e prepara um bom mingau para o velho Sultão, a fim de que não precise mastigar, e traz o meu travesseiro, que vou lhe dar para que durma nele.

Desde esse momento, o velho Sultão passou tão bem que não poderia desejar mais nada. Pouco depois, o lobo foi visitá-lo e alegrou-se ao ver que tudo lhe correra às mil maravilhas.

— Porém, compadre — disse o lobo —, se eu, por acaso, furtar uma bela ovelha de teu patrão, você fingirá que nada viu? Hoje em dia é difícil ganhar a vida!

— Não contes com isso — respondeu o cão. — Permanecerei sempre fiel ao meu patrão, portanto não farei concessões.

O lobo julgou que o cão não falava seriamente e, durante a noite, aproximou-se sorrateiramente para furtar a ovelha. Mas o camponês, que já sabia das intenções do lobo, ficou espreitando-o e atirou. O lobo foi obrigado a safar-se, mas gritou ao cão:

— Espera, falso amigo, vai me pagar!

Na manhã seguinte, o lobo enviou o javali para convidar o cão à floresta para resolver a questão. O velho Sultão não conseguiu encontrar outro padrinho senão um pobre gato só com três pernas. Quando saíram juntos, o pobre gato caminhava mancando e, pela dor, erguia alto a cauda.

O lobo e o seu padrinho já se encontravam no local, mas quando viram chegar o adversário julgaram que vinha armado de espada, que era, na verdade, a cauda do gato. Enquanto o pobre animalzinho saltitava com três pernas, o lobo e seu padrinho pensavam que, toda vez que se abaixava e levantava, apanhava uma pedra para atirar neles. Então os dois ficaram com medo, e o javali escondeu-se entre a folhagem e o lobo subiu numa árvore.

Aproximando-se, o cão e o gato surpreenderam-se de não encontrar ninguém. Mas o javali não pudera esconder-se completamente e as orelhas apareciam por cima da folhagem. Enquanto o gato olhava à sua volta com desconfiança, o javali agitou as orelhas. O gato então, confundindo-o com um rato, lançou-se sobre ele mordendo-o com força. Então o javali deu um salto e fugiu berrando:

— Ali, em cima da árvore, está o culpado!

O cão e o gato ergueram os olhos e avistaram o lobo, que se envergonhou de ter sentido tanto medo e aceitou o tratado de paz com o cão.

O lobo e os sete cabritinhos

Era uma vez uma cabra que tinha sete cabritinhos e os amava como uma boa mãe pode amar os filhos. Um dia, precisando ir ao bosque para buscar comida para o jantar, chamou os sete e disse:

— Queridos pequenos, preciso ir ao bosque. Tomem cuidado com o lobo. Se ele entrar aqui, comerá todos com uma única mordida. Aquele danado costuma disfarçar-se, mas vocês logo o reconhecerão pela voz rouca e pelas patas.

Os cabritinhos responderam:

— Pode ir sossegada, querida mamãe, ficaremos bem atentos.

Com um balido, a cabra saiu confiante.

Pouco depois, alguém bateu à porta, gritando:

— Abram, queridos pequenos, está aqui vossa mãezinha que trouxe um presente para cada um!

Mas os cabritinhos perceberam, pela voz rouca, que era o lobo.

— Não abrimos nada — disseram —, não é a nossa mãe. Ela tem uma voz suave, a tua é rouca. Tu és o lobo!

Então o lobo foi embora, comprou um grande pedaço de argila, comeu-o e, assim, a voz dele tornou-se mais suave. Em seguida, voltou a bater à porta, dizendo:

— Abram, queridos pequenos, está aqui vossa mãezinha que trouxe um presente para cada um!

Mas ele tinha apoiado a pata negra na janela, e os pequenos viram-na e gritaram:

— Não abrimos, nossa mãe não tem as patas negras como tu, tu és o lobo.

O lobo, então, correu até o padeiro e lhe disse:

— Machuquei a pata, passe em cima um pouco de massa?

Depois disso, correu até o moleiro e disse:

— Espalha um pouco de farinha de trigo na minha pata.

O moleiro pensou “Este lobo está tentando enganar alguém”, e recusou-se a atendê-lo. O lobo, porém, ameaçou-o:

— Se não o fizeres, devoro-te!

O moleiro, assustado, jogou a farinha na pata do lobo.

O malandro foi, pela terceira vez, bater à porta dos cabritinhos, dizendo:

— Abram, pequenos, vossa querida mãezinha voltou do bosque e trouxe um presente para cada um!

Os cabritinhos gritaram:

— Mostre primeiro a tua pata para que saibamos se és realmente nossa mãe.

O lobo colocou a pata sobre a janela e quando viram que era branca, acreditaram no que dizia e abriram a porta. Mas foi o lobo que entrou. Os cabritinhos, amedrontados, trataram de se esconder. O primeiro escondeu-se debaixo da mesa, o segundo meteu-se embaixo da cama, o terceiro correu para dentro do forno, o quarto foi para a cozinha, o quinto fechou-se no armário, o sexto dentro da pia e o sétimo na caixa do relógio de parede. Mas o lobo encontrou-os quase todos e não fez cerimônias: engoliu-os um após outro. O último, porém, que estava dentro da caixa do relógio, não foi descoberto. Uma vez satisfeito, o lobo saiu, foi deitar-se sob uma árvore e pegou no sono.

Não tardou muito e a cabra regressou do bosque.

Ah, e o que ela viu! A porta da casa escancarada, mesa, cadeiras, bancos, tudo de pernas para o ar. A pia em pedaços, as cobertas e os travesseiros arrancados da cama. Procurou logo os filhinhos, não conseguindo encontrá-los em parte alguma. Chamou-os pelo nome, um após outro, mas ninguém respondeu. Ao chamar por fim o menor de todos, uma vozinha gritou:

— Querida mãezinha, estou aqui, dentro da caixa do relógio.

Ela tirou-o de lá e o pequeno contou-lhe que o lobo tinha devorado todos os outros. Imaginem o quanto a cabra chorou pelos seus pequeninos!

Saiu de casa desesperada, sem saber o que fazer, e o cabritinho menor foi atrás. Chegando ao prado, viram o lobo deitado debaixo da árvore, roncando de tal maneira que fazia estremecer os galhos. Ela olhou atentamente, de um e de outro lado, e notou que algo se mexia dentro da sua barriga enorme.

— Ah! Deus meu — suspirou ela —, estarão ainda vivos os meus pobres pequenos que o lobo devorou?

Mandou o cabritinho menor ir correndo em casa apanhar a tesoura, linha e agulha também. Então ela abriu a barriga do lobo, e ao primeiro corte um cabritinho pôs a cabeça para fora e, conforme ia cortando mais, um por um foram saltando, todos os seis, vivos e sem dentadas, pois o malvado, na pressa, os engolira inteiros, sem mastigar.

Que alegria sentiram! Abraçaram a mãe, pulando felizes como nunca. Mas

a cabra lhes disse:

— Vão depressa procurar algumas pedras para encher a barriga deste danado antes que ele desperte.

Os cabritinhos, então, saíram correndo e dali a pouco voltaram com as pedras, que meteram na barriga do lobo. A cabra, muito rapidamente, costurou a pele dele, que nem chegou a perceber.

Finalmente, tendo dormido bastante, o lobo levantou-se e, como as pedras que tinha no estômago lhe provocassem uma grande sede, foi à fonte para beber, mas, ao andar e mexer-se, as pedras chocavam-se na barriga, fazendo um certo ruído. Ele então começou a gritar:

— Dentro da pança,
que é que salta e pula?
Cabritos não são;
parece pedra miúda!

Chegando à fonte, debruçou-se para beber, entretanto, o peso das pedras arrastou-o para dentro da água, onde acabou se afogando.

Vendo isso, os sete cabritinhos saíram correndo e gritando:

— O lobo morreu! O lobo morreu!

Então, dançaram alegremente com a mãe em volta da fonte.

Os dois companheiros de viagem

As montanhas não se encontram, mas os homens, bons ou ruins, acabam sempre se encontrando neste mundo. Assim, certo dia, encontraram-se um sapateiro e um alfaiate que corriam mundo, e combinaram de fazer a viagem juntos.

O alfaiate era um belo rapaz, sempre alegre e de bom humor. Ao ver aproximar-se o sapateiro e reconhecendo-lhe a profissão pela maleta que trazia, pôs-se a cantarolar, em tom de brincadeira, uma canção um tanto impertinente:

— Acaba antes a costura,
puxa com força o barbante,
espalha o pez de cá e de lá,
bate e rebate; o sapato pronto está.

O sapateiro, porém, que não gostava de gracejos, torceu o nariz, ficando com uma cara como se tivesse bebido vinagre. Chegou mesmo a fazer menção de pular no pescoço do alfaiate, mas este disse-lhe rindo e oferecendo-lhe sua bebida:

— Ah, amigo, não tive intenção de ofender-te. Toma um trago!

O sapateiro bebeu um grande trago, o rosto se tranquilizou e, ao devolver a bebida ao alfaiate, disse:

— Obrigado! Falam tanto da bebida, mas não se fala da grande sede. Vamos viajar juntos?

— De boa vontade — respondeu o alfaiate —, contanto que também te

agrade a escolha de uma cidade grande onde não nos falte trabalho.

— É justamente essa a minha intenção — disse o sapateiro —, pois nas pequenas povoações não se ganha nada e nos campos não há que fazer, porque a maioria das pessoas anda descalça.

Tendo combinado, puseram-se a caminho e juntos foram andando pela neve como fazem as doninhas. Ambos tinham tempo de sobra, mas faltava comida. Em todas as cidades por que passavam, percorriam as ruas e visitavam os mestres de seus respectivos ofícios em busca de emprego; o alfaiate, sempre alegre e brincalhão, e de rosto simpático e corado, conseguia facilmente trabalho. Tinha tanta sorte, em toda parte, que até as filhas dos patrões, quando ele se despedia, desejavam-lhe boa viagem, acompanhavam-no até a porta e davam-lhe um beijo.

Ao encontrar-se com o sapateiro, verificava que sua bolsa estava sempre melhor provida que a dele, que vivia a resmungar. O sapateiro todas as vezes torcia o nariz e dizia com despeito:

— A sorte sorri sempre aos mais malandros.

O alfaiate, porém, sempre bem-humorado, ria do companheiro e com ele repartia tudo o que lhe davam. Assim que no bolso lhe tiniam algumas moedas, fazia questão de pagar as refeições e tão alegre ficava que batia o punho na mesa fazendo dançar os copos. Tinha grande prazer em gastar com o amigo, ao qual sempre dizia:

— Rapidamente ganho e rapidamente gasto.

Depois de terem viajado algum tempo, chegaram a uma grande floresta pela qual passava a estrada que conduzia à capital do reino. A estrada se dividia em dois atalhos: um deles levava sete dias a percorrer para chegar à cidade, e outro apenas dois, mas eles ignoravam qual fosse o mais curto. Sentaram-se à sombra de um carvalho a fim de combinar qual a quantidade de pão que deviam levar. O sapateiro, que era muito precavido, disse:

— Devemos ser previdentes. Eu, por mim, levarei pão para sete dias.

— O quê?! — exclamou o alfaiate. — Carregar nas costas pão para sete dias, como se fosse uma besta de carga? Sem poder sequer olhar para os lados? Eu não! Tenho confiança em Deus e não me preocupo com coisa alguma. O dinheiro que tenho no bolso tanto vale no inverno como no verão. Além disso, se fizer calor, o pão fica seco, duro e, ainda por cima, cria mofo. Por que não havemos de topar com o caminho mais curto? Não confias na sorte? Pão para dois dias é suficiente.

Diante disso, cada qual comprou seu pão, e, depois, entraram na floresta,

andando ao acaso.

Lá reinava profundo silêncio, tal como numa igreja. Não se ouvia sequer um sopro de vento, nem o murmúrio de um riacho, nem o canto de uma ave. E por entre os galhos frondosos, não penetrava sequer um raio de sol. O sapateiro não dizia palavra, caminhando com dificuldade devido ao peso da carga de pão, que lhe fazia escorrer o suor pelo rosto sombrio e aborrecido, ao passo que o alfaiate seguia alegremente, correndo de cá para lá, assobiando ou cantando, ao mesmo tempo que pensava: “O bom Deus, no céu, deve estar bem satisfeito por me ver tão alegre.”

Assim se passaram os dois primeiros dias, sem maiores novidades. Mas, no terceiro dia, estavam bem longe de avistar o fim da floresta e o alfaiate já tinha comido todo o pão; seu bom humor começou a diminuir. Contudo, não perdeu a coragem, entregou-se à vontade de Deus e à sua sorte. À noite, no terceiro dia, deitou-se debaixo de uma árvore, pois sentia tanta fome que não podia prosseguir mais e levantou-se no dia seguinte com mais fome ainda. O mesmo aconteceu no quarto dia e, enquanto o sapateiro tomava a refeição sentado no tronco de uma árvore, o pobre alfaiate não tinha outro remédio senão ficar olhando com água na boca.

Se, porventura, se atrevia a pedir um pedacinho de pão, o companheiro sorria com ironia, dizendo:

— Sempre andaste muito alegre! Agora é bom que conheças a desgraça a fim de saber o que é o mau humor. Os pássaros que muito cantam pela manhã, à tarde são devorados pelo gavião!

Era realmente impiedoso.

Na manhã do quinto dia, o pobre alfaiate já não tinha forças para se levantar e estava em tal estado de fraqueza que não podia pronunciar nem uma palavra. As faces estavam pálidas e cavadas e os olhos avermelhados, então o malvado sapateiro disse-lhe:

— Hoje te darei um pedaço de pão, mas em troca te arrancarei o olho direito.

O pobre alfaiate, que tinha grande amor à vida, não viu outra solução. Chorou pela última vez com os dois olhos, depois entregou-se ao carrasco. Este, que tinha um coração de pedra, tomou de uma faca bem afiada e com a ponta vazou-lhe o olho direito.

O alfaiate lembrou-se, então, do que sempre lhe dizia a mãe quando o via lambiscando na sala de jantar: “Comer o que se pode e sofrer o que se deve.”

Depois de comer aquele pão, pago a tão caro preço, levantou-se e retomou

o caminho. Tratou de esquecer a sua desgraça e consolava-se pensando que, mesmo com um olho só, ainda podia enxergar bastante.

No sexto dia, porém, a fome voltou a atormentá-lo. Ao cair da tarde, deixou-se ficar ao pé de uma árvore, e na manhã do sétimo dia a fraqueza impediu-o de se levantar. Ali prostrado, via a morte lhe rondando. O horrível sapateiro disse-lhe então:

— Tenho piedade de ti, por isso vou dar-te outro pedaço de pão, mas não de graça. Terás de deixar-me arrancar o olho que ainda te resta.

O infeliz alfaiate, reconhecendo, embora tardiamente, a sua imprudência e leviandade, pediu perdão a Deus de todo o coração, dizendo:

— Faz o que quiseres, eu sofrerei o que me cabe sofrer. Mas lembra-te disto: Deus não paga só aos sábados, e o dia virá em que terás de prestar contas a Ele pelo mal que me fazes, sem que eu tenha merecido. Nos dias felizes, partilhei contigo tudo o que possuía. Bem sabes que meu ofício é alinhavar ponto por ponto; quando não tiver mais os olhos e não puder mais costurar, serei obrigado a andar por aí pedindo esmola. Peço-te pelo menos esta graça: quando estiver cego, não me abandones aqui sozinho, pois eu morrerei de fome.

Mas o sapateiro, que há muito havia expulsado Deus do coração, tomou a faca e vazou-lhe também o olho esquerdo. Depois deu-lhe um pedaço de pão e uma vara para se apoiar e conduziu-o atrás de si.

Ao pôr do sol, saíram da floresta; no campo que se estendia diante dela, estava levantada uma forca. O sapateiro conduziu o cego para junto do patíbulo e, abandonando-o ali, continuou a viagem sozinho. Exausto pela canseira, pela dor e pela fome, o infeliz adormeceu e passou a noite em sono profundo.

Ao romper do dia despertou, sem saber onde se encontrava. Da forca pendiam os corpos de dois malfeitores e na cabeça de cada um deles tinha um corvo. Um dos enforcados disse:

— Irmão, estás acordado?

— Sim, estou acordado — respondeu o outro.

— Escuta — tornou o primeiro —, quero dizer-te uma coisa: o orvalho que caiu esta noite sobre nossos corpos e da forca pode restituir a vista aos cegos que nele banham os olhos.

Ouvindo isso, o alfaiate pegou o lenço que trazia no bolso e esfregou-o na erva até ficar bem embebido de orvalho, em seguida passou nos olhos. Imediatamente, realizou-se o que dissera o enforcado, e voltou a enxergar!

Dali a instantes, ele viu o sol surgir de trás das montanhas e, diante dele, na vasta planície, via erguer-se a grande cidade real, com suas esplêndidas portas e um monte de igrejas, ostentando cúpulas e cruzes brilhantes. Com imensa alegria, pôde distinguir cada folha das árvores e seguir com a vista o voo das aves e as danças complicadas das moscas. Tirou uma agulha da bolsa e experimentou enfiá-la; vendo que o conseguia tão perfeitamente como antes, o coração pulou de alegria. Lançou-se de joelhos, agradeceu a Deus pela graça recebida e fez a oração matinal, sem esquecer de pedir pelos pobres enforcados que ali balançavam, impelidos pelo vento, como se fossem badalos de sinos. Depois, pôs a trouxa nos ombros e, tendo esquecido todos os seus pesares, seguiu o caminho cantando e assobiando. O primeiro ser vivo que encontrou foi um potro baio que pulava livremente pela vasta campina. Segurou-o pelas crinas e ia montá-lo para se dirigir à cidade, mas o potro lhe pediu que o deixasse:

— Sou ainda muito novo — disse-lhe —, e mesmo um alfaiate magro como tu me quebraria a espinha. Deixa-me correr, até que fique mais forte! Talvez um dia ainda te recompense.

— Pois corre à vontade — disse o alfaiate —, bem vejo que não passas de um pequeno saltador.

Depois deu-lhe uma pancadinha no dorso e o potro, de tanta alegria, começou a saltar e a correr pelo campo.

Entretanto, o alfaiate, que não comera nada desde a véspera, sentia as imperiosas reclamações do estômago.

— É verdade que o sol me enche os olhos, mas não tenho pão para a boca — murmurou ele. — A primeira coisa comestível que aparecer, atiro-me a ela.

Dizendo isso, viu uma cegonha passeando pelo campo.

— Para, para — gritou ele, e agarrou-a por uma pata. — Não sei se a tua carne é comível, mas a fome não me permite escolher. Tenho pois de cortar-te a cabeça e assar-te.

— Não faças tal coisa — disse ela —, sou uma ave sagrada,[3] útil aos homens e ninguém me faz mal. Poupa-me a vida que, em outra ocasião, ainda te recompensarei.

— Está bem, tia pernalta, podes ir sossegada — disse o alfaiate.

A cegonha alçou voo e afastou-se lentamente.

— Qual será o fim disto? — lastimava-se ele. — Minha fome aumenta sempre mais e meu estômago se torna cada vez mais fundo. O que me cair

nas mãos agora está perdido.

No mesmo instante viu dois patinhos nadando num lago.

— Chegaram bem na hora! — exclamou, e agarrando um deles ia torcer-lhe o pescoço.

Mas uma velha pata, que estava escondida entre os juncos, pôs-se a gritar e, correndo para ele de bico aberto, suplicou-lhe chorando que poupasse os filhotinhos.

— Pensa na dor de tua mãe, se alguém te agarrasse e te desse cabo da vida! — disse a velha pata.

— Tranquiliza-te — disse o bom alfaiate —, aí tens os teus filhinhos.

E os recolocou na água.

Ao voltar-se, viu uma grande árvore oca até ao meio e um enxame de abelhas silvestres entrando e saindo dela.

— Eis a recompensa pela minha boa ação! — disse ele. — Vou restaurar minhas forças com o mel.

Mas apareceu a rainha das abelhas, que o ameaçou, dizendo:

— Se tocas no meu povo e destróis o meu ninho, nós todas te cobriremos de ferroadas, como se tivesses no corpo mil agulhas em brasa. Se, pelo contrário, nos deixares em paz e seguires o caminho, um dia talvez te ajudemos.

O alfaiate viu que não havia nada a fazer ali, e foi-se, falando sozinho:

— Três pratos vazios e no quarto… coisa nenhuma, o que significa uma triste refeição.

Foi se arrastando como pôde, louco de fome, até a cidade. Quando lá chegou, soavam justamente as doze badaladas do meio-dia. Na estalagem, já estava pronto o almoço e ele só teve trabalho de sentar-se à mesa. Quando terminou de comer fartamente, disse:

— Agora vamos ao trabalho.

Percorreu a cidade à procura de emprego e não tardou a encontrar um em condições que lhe convinham. Como sabia o ofício com perfeição, não demorou muito a tornar-se conhecido e todos queriam um terno novo, feito por ele. Sua fama crescia de dia a dia.

— Na minha arte já não posso fazer maior progresso — dizia —, assim mesmo as coisas me vão de bem para melhor.

Enfim, o rei, ao tomar conhecimento da fama dele, nomeou-o alfaiate da corte.

Mas vejam como são as coisas deste mundo! No mesmo dia em que foi

nomeado pelo rei, o sapateiro, seu antigo companheiro de viagem, também foi nomeado sapateiro da corte. E quando este viu o antigo camarada com os dois olhos perfeitos, sentiu a consciência pesada e ficou atormentado.

— Antes que ele se vingue de mim — disse consigo mesmo —, tenho que abrir-lhe a cova.

Mas quem abre uma cova para outro, sempre acaba caindo nela. Uma tarde, depois de terminado o seu trabalho, foi secretamente procurar o rei e disse-lhe:

— Majestade, o alfaiate é um homem presunçoso e disse que será capaz de encontrar a coroa de ouro, perdida há tanto tempo.

— Alegra-me saber isto — disse o rei, e, na manhã seguinte, fez o alfaiate comparecer à sua presença e ordenou-lhe que lhe trouxesse a coroa de ouro, ou deixasse a cidade para sempre.

— Ah — pensou o alfaiate —, só malandros é que prometem o que não podem cumprir. Se esse resmungão do rei exige de mim o que homem nenhum pode fazer, não esperarei até amanhã e vou tratando de sumir hoje mesmo.

Aprontou a trouxa e partiu. Mas, mal saíra da cidade, sentiu um grande pesar de ter que abandonar sua sorte e deixar o local onde tudo lhe corria tão bem.

Continuou andando e chegou ao lago onde tinha encontrado os patos. Lá estava justamente a velha pata, a quem ele tinha poupado os filhos, à beira da água, alisando as penas com o bico. Ela logo o reconheceu e perguntou-lhe a razão de sua tristeza e por que andava de cabeça baixa.

— Não te admirarás desta minha aflição quando souberes o que me aconteceu — respondeu o alfaiate, e contou-lhe a triste aventura.

— Se é apenas por isso — disse a pata —, deixa tudo conosco, que te vamos ajudar. A coroa caiu no fundo deste lago, não teremos dificuldade em pescá-la. Enquanto isso, estende o teu lenço aí na margem para guardá-la.

Em seguida, a pata mergulhou na água com os doze filhos e, no fim de cinco minutos, voltava à tona nadando no meio da coroa, que sustentava com as asas, enquanto que os doze filhos, nadando em volta, com os bicos debaixo da água, ajudavam a transportá-la. Assim chegaram à beira do lago e puseram a coroa sobre o lenço. Nem podes imaginar como era maravilhosa! Brilhava ao sol, como um milhão de rubis. O alfaiate amarrou as quatro pontas do lenço e levou a preciosa coroa ao rei que, imensamente feliz pelo achado, lhe deu de presente uma maravilhosa corrente de ouro.

Quando o sapateiro viu que o golpe falhara, pensou logo noutro. Dirigiu-se ao rei, dizendo-lhe:

— Majestade, o alfaiate está mais presunçoso ainda: agora anda vangloriando-se de que pode reproduzir em cera todo o palácio real, com tudo o que contém por dentro e por fora, móveis e tudo o mais.

O rei mandou chamar o alfaiate e ordenou-lhe que reproduzisse em cera todo o palácio, com tudo o que continha dentro e fora. Ao mesmo tempo o advertiu de que, se esquecesse um só prego da parede, mandaria prendê-lo numa masmorra subterrânea pelo resto da vida. O alfaiate pensou:

— Ai de mim! Vamos de mal a pior. Pessoa alguma pode aguentar isto.

Arrumou novamente a trouxa e partiu.

Quando chegou ao pé da árvore oca, sentou-se muito triste, de cabeça baixa. As abelhas voavam em redor dele e a rainha, aproximando-se, perguntou se estava com torcicolo para ficar nessa posição.

— Não — respondeu o alfaiate —, tenho um mal pior a aborrecer-me.

E contou-lhe a absurda exigência do rei, acrescentando que fazer tal coisa lhe era totalmente impossível.

As abelhas puseram-se a zumbir e murmurar entre si, e a rainha disse-lhe:

— Vai para casa e volte amanhã a esta mesma hora trazendo um lenço bem grande. Verás que tudo correrá bem.

O jovem voltou para casa e as abelhas voaram para o palácio, entrando pelas janelas abertas e penetrando em todos os cantos, examinando tudo minuciosamente; depois retiraram-se apressadas e reproduziram em cera o palácio, com tanta rapidez que se podia vê-lo crescer.

À noite, já estava concluído e, quando o alfaiate chegou, na manhã seguinte, o suntuoso edifício estava a aguardá-lo, completo, sem que lhe faltasse um prego nas paredes, nem uma telha no telhado. Além disso, era todo branquinho como a neve e exalava suave perfume de mel.

O alfaiate envolveu-o cuidadosamente no lenço e levou-o ao rei, que não podia se conter de admiração. Mandou colocar aquela preciosidade no salão nobre do castelo e recompensou o alfaiate, dando-lhe uma esplêndida casa de pedras de cantaria.

Mas o sapateiro não se deu por vencido; pensou num outro plano e, dirigindo-se ao rei, disse-lhe:

— Majestade, chegou aos ouvidos do alfaiate que não jorra mais água do chafariz que está no pátio do palácio e agora anda se vangloriando de que ele pode fazer jorrar um repuxo, no mesmo lugar, da altura de um homem e

límpido como cristal.

O rei convenceu-se facilmente, à vista dos casos anteriores, e mandou chamar o alfaiate, ordenando-lhe:

— Se amanhã não houver um jorro d’água da altura de um homem e límpido como o cristal no pátio do meu palácio, conforme tu mesmo te vangloriaste de criar, nesse mesmo pátio o carrasco te cortará a cabeça.

O pobre alfaiate não perdeu tempo em pensar e, sem demora, caminhou até as portas da cidade e, como desta vez se tratava da sua vida, as lágrimas corriam-lhe em abundância pelas faces.

Caminhava triste e desolado, quando se lhe aproximou o potro ao qual tinha concedido a liberdade e que se tornara um belo cavalo alazão.

— Chegou a ocasião de retribuir a tua boa ação — disse ele. — Conheço a causa da tua aflição, porém encontraremos remédio. Salta-me na garupa sem receio, pois agora já posso carregar dois como tu, sem me fazer mal.

O alfaiate reanimou-se, saltou na garupa do cavalo, que galopou velozmente para a cidade e entrou direto no pátio do palácio real. Deu três voltas ao redor dele, rápido como o relâmpago, e na terceira parou de repente. No mesmo instante ouviu-se um medonho ruído, um estrondo enorme. Um grande torrão de terra saltou violentamente, como uma bomba, por cima do palácio, e no mesmo lugar jorrou um repuxo da altura de um homem a cavalo e a água cintilava límpida como cristal; nela se refletiam dançando os raios do sol.

Vendo isto, o rei levantou-se no auge da admiração, desceu até ao pátio e abraçou comovido o alfaiate, diante de todo o mundo.

Mas o repouso do pobre rapaz não foi de longa duração.

O rei tinha muitas filhas, cada uma mais bela que a outra, e nenhum filho homem. Então o perverso sapateiro foi pela quarta vez ter com o rei e disse-lhe:

— Majestade, o alfaiate continua mais presunçoso do que nunca. Agora anda se gabando de que, se quiser, pode fazer vir do céu um filho para Vossa Majestade.

O rei mandou chamar o alfaiate e disse-lhe:

— Se, dentro de nove dias, fizer vir do céu um filho para mim, eu te darei minha filha mais velha em casamento.

— A recompensa é certamente tentadora! — pensou alto o alfaiate. — Porém as cerejas estão muito altas e, se eu subir na árvore, o galho quebra-se e caio com ele.

Foi para casa, sentou-se junto da mesa com as pernas cruzadas e pôs-se a refletir sobre o que devia fazer.

— Isto decididamente não vai dar certo! — exclamou por fim. — Aqui não posso viver em paz, tenho de ir embora.

Arrumou a trouxa e apressou-se em deixar a cidade. Ao atravessar a campina, viu sua velha amiga cegonha passeando filosoficamente para cá e para lá, detendo-se de vez em quando para contemplar alguma rã que acabava por engolir. Quando avistou o alfaiate, aproximou-se dele.

— Vejo que trazes a trouxa nas costas. Por que deixas a cidade?

O alfaiate contou as exigências do rei e lastimou amargamente sua triste sorte.

— Não se chateie por tão pouco — disse a cegonha —, sei o que fazer. Há tanto tempo que trago meninos do céu à cidade que posso pescar um principezinho dentro do poço. Volta para casa e fica tranquilo. Daqui a nove dias, vai ao palácio e espera por mim.

O alfaiate foi para casa e, no dia combinado, dirigiu-se ao castelo. Passados alguns instantes, chegou a cegonha num voo rápido e bateu na janela. Ao abri-la, a cegonha avançou pelo pavimento liso e brilhante de mármore. Tinha no bico um menininho lindo como um anjo, que estendia graciosamente as mãozinhas para a rainha. A cegonha pôs a criança em seu colo e a rainha não parava de beijá-lo e apertá-lo ao peito, louca de alegria.

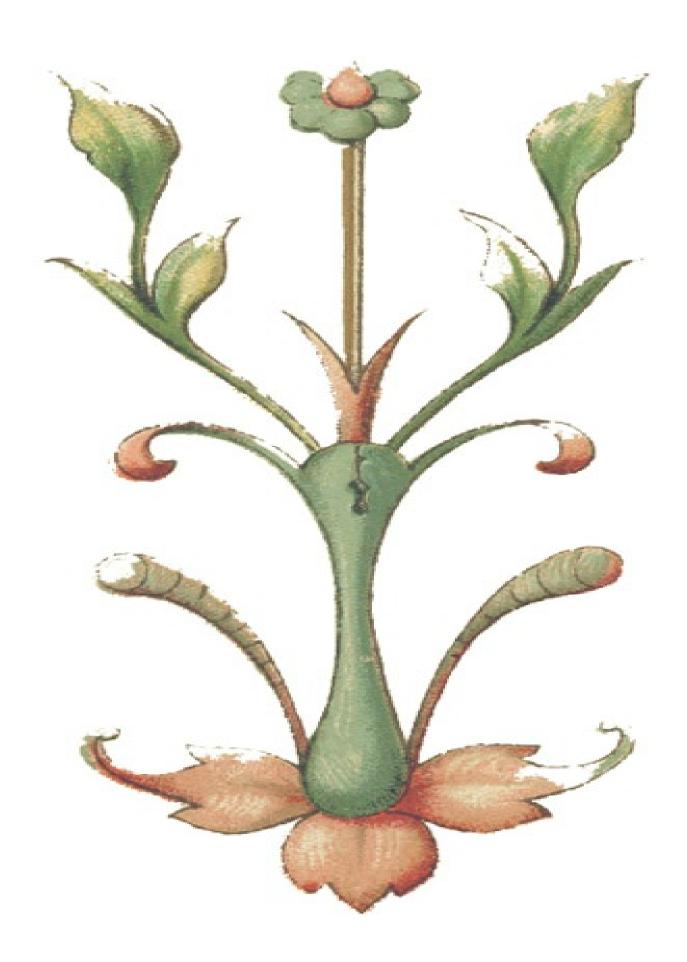
Antes de partir, a cegonha pegou uma sacola que trazia nas costas e entregou-a à rainha. Estava cheia de doces coloridos, que foram distribuídos às princesinhas. A mais velha, porém, não ganhou confeitos, mas ganhou o alegre e bom alfaiate como marido.

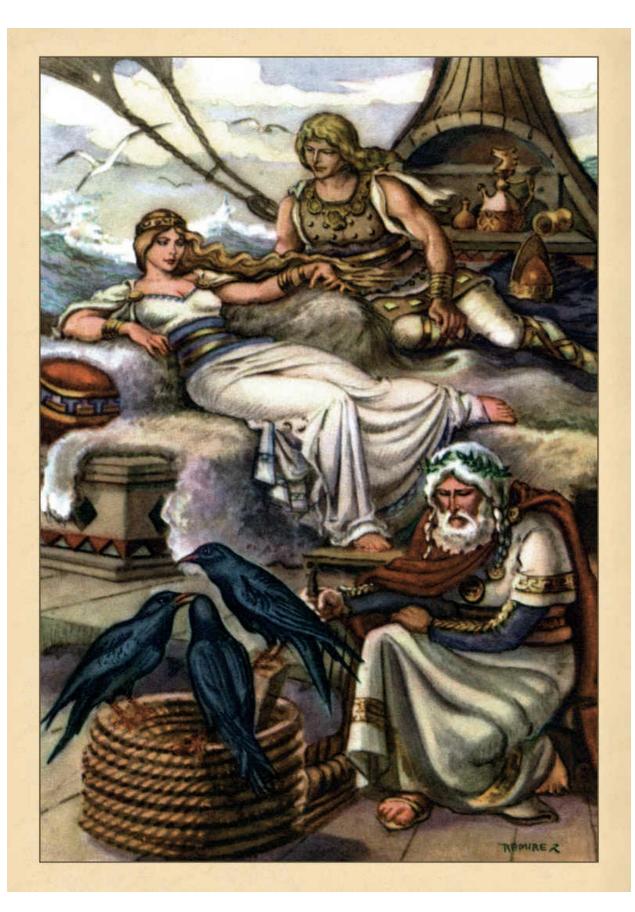
— Ah, foi como se tivesse tirado a sorte grande na loteria — exclamava ele cheio de alegria. — Minha mãe estava com a razão quando dizia que com fé em Deus e um pouco de sorte a gente consegue tudo.

O sapateiro foi obrigado a fazer-lhe os sapatos para o casamento, depois expulsaram-no da cidade, com proibição formal de nunca mais entrar nela.

No caminho da floresta, chegou ao lugar onde estava a forca. Abatido pelo calor, pela raiva e pela inveja, deitou-se no chão e adormeceu.

Quando estava dormindo, os dois corvos que estavam pousados nas cabeças dos enforcados aproveitaram a ocasião e arrancaram-lhe os olhos.

Como um louco, o desgraçado correu através da floresta, onde naturalmente morreu de fome, pois desde esse dia, nunca mais ninguém o viu nem ouvir falar nele.

Nota

3 *Na Alemanha acredita-se que a cegonha é sagrada.*

O fiel João

ra uma vez um rei que estava muito doente e pensou:

“Este será o meu leito de morte!”

Então disse aos que o cercavam:

— Chamem o meu fiel João.

O fiel João era o seu criado predileto, assim chamado porque, durante toda a vida, fora-lhe extremamente fiel. Portanto, quando se aproximou do leito onde estava o rei, este lhe disse:

— Meu fidelíssimo João, sinto que me estou aproximando do fim. Nada me preocupa, a não ser o futuro de meu filho. É um rapaz ainda inexperiente e, se não me prometeres ensinar-lhe tudo e orientá-lo no que deve saber, assim como ser para ele um pai adotivo, não poderei fechar os olhos em paz.

— Não o abandonarei nunca — respondeu o fiel João — e prometo servi-lo com toda a lealdade, mesmo que isso me custe a vida.

— Agora morro contente e em paz — exclamou o velho rei, e acrescentou: — Depois da minha morte, deves mostrar-lhe todo o castelo, os aposentos, as salas e os subterrâneos todos e os tesouros. Exceto, porém, o último quarto do corredor comprido, onde está escondido o retrato da princesa do Telhado de Ouro, pois, se vir aquele retrato, ficará loucamente apaixonado por ela, cairá num longo desmaio e por sua causa correrá grandes perigos, dos quais eu te peço que o livres e o preserves.

Assim que o fiel João acabou de apertar, ainda uma vez, a mão do velho rei, este silenciou, reclinou a cabeça no travesseiro e morreu.

O velho rei foi enterrado e, passados alguns dias, o fiel João expôs ao príncipe o que lhe havia prometido pouco antes de sua morte, acrescentando:

— Cumprirei a minha promessa. Serei fiel como o fui para com ele, mesmo que isso me custe a vida.

Transcorrido o período do luto, o fiel João disse-lhe:

— Já é hora de conhecer as riquezas que herdaste. Vamos, vou mostrar-te o castelo de teu pai.

Conduziu-o por toda parte, de cima até embaixo, mostrando-lhe os aposentos com o imenso tesouro, evitando porém uma determinada porta: a do quarto onde se achava o retrato perigoso. Este estava colocado de maneira

que, ao abrir-se a porta, era logo visto, e era tão maravilhoso que parecia vivo, tão lindo, tão delicado que nada no mundo podia ser mais bonito. O jovem rei notou que o fiel João passava sempre sem parar diante daquela única porta e, curiosamente, perguntou:

— E essa porta, por que não abres nunca?

— Lá dentro tem uma coisa que te assustaria — respondeu o criado.

O jovem rei, porém, insistiu:

— Já visitei todo o castelo, agora quero saber o que há lá dentro.

E foi-se encaminhando, decidido a forçar a porta. O fiel João o segurou, suplicando:

— Prometi a teu pai, momentos antes de sua morte, que jamais verias o que lá se encontra, porque isso seria causa de grandes desgraças para ti e para mim.

— Não, não — replicou o jovem rei —, a minha desgraça será ignorar o que há lá dentro, pois não terei mais sossego enquanto não conseguir ver com meus próprios olhos. Não sairei daqui enquanto não abrires essa porta.

Vendo que nada adiantava impedir o jovem rei, o fiel João, com o coração apertado de angústia, procurou no grande molho a chave indicada. Tendo aberto a porta, entrou em primeiro lugar, pensando assim encobrir com seu corpo a tela, a fim de que o rei não a visse. Nada adiantou, porém, porque o rei, erguendo-se nas pontas dos pés, olhou por cima de seu ombro e conseguiu vê-la.

Mal avistou o retrato da belíssima jovem, resplandecente de ouro e diamantes, e desmaiou. O fiel João carregou-o para a cama, enquanto pensava, cheio de aflição: “Que desgraça! Senhor Deus, que acontecerá agora?” Procurou reanimá-lo, dando-lhe uns goles de vinho, e assim que o rei recuperou os sentidos, suas primeiras palavras foram:

— Ah! De quem é aquele retrato maravilhoso?

— É da princesa do Telhado de Ouro — respondeu o fiel João.

— Meu amor por ela é tão grande que, se todas as folhas das árvores fossem línguas, ainda não bastariam para dizer tudo que sinto. Arriscarei, sem dúvida, minha vida para conquistá-la. E tu, meu fiel João, deves ajudar-me.

O pobre criado refletiu longamente na maneira certa de agir, pois era muito difícil chegar à presença da princesa. Após muito pensar, descobriu um meio que lhe pareceu bom e disse ao rei.

— Tudo o que está em volta dela é de ouro: mesas, cadeiras, baixelas,

copos, vasilhas, enfim, todos os utensílios de uso doméstico são de ouro. Aqui em teu castelo há cinco toneladas de ouro. Chame os ourives da corte e mande transformarem esse ouro em toda espécie de vasos e objetos ornamentais: pássaros, feras e animais exóticos, pois isso agradará a princesa. Vamos nos apresentar a ela oferecendo essas coisas todas e tentaremos a sorte.

O rei convocou todos os ourives e estes passaram a trabalhar dia e noite até aprontar aqueles esplêndidos objetos. Uma vez tudo pronto, foi carregado para um navio. O fiel João disfarçou-se de mercador e o rei teve de fazer o mesmo para não ser reconhecido. Em seguida zarparam, navegando longos dias até chegarem à cidade onde morava a princesa do Telhado de Ouro.

O fiel João aconselhou o rei que permanecesse no navio esperando.

— Talvez eu traga comigo a princesa — disse ele —, portanto, providencia para que tudo esteja em ordem. Manda expor todos os objetos de ouro e enfeitar com capricho o navio.

Juntou, depois, diversos objetos de ouro no avental, desceu à terra e dirigiu-se diretamente ao palácio real. Chegando ao pátio, viu uma linda moça tirando água da fonte com dois baldes de ouro. Quando ela se voltou, carregando a água cristalina, se deparou com o desconhecido e perguntou-lhe quem era.

— Sou um mercador — respondeu ele, abrindo o avental e mostrando o que trazia.

— Ah! Que lindos objetos de ouro! — exclamou a moça.

Descansou os baldes no chão e pôs-se a examiná-los um por um.

— A princesa vai querer vê-los — disse ela. — Gosta tanto de objetos de ouro que certamente os comprará todos.

Tomando-lhe a mão, conduziu-o até aos aposentos superiores, que eram os da princesa. Quando esta viu a esplêndida mercadoria, disse, encantada:

— Está tudo tão bem-feito que desejo comprar todos os objetos.

O fiel João, porém, disse-lhe:

— Eu sou apenas o criado de um rico mercador. O que tenho aqui nada é em comparação ao que meu amo tem no seu navio. O que de mais artístico e precioso já se tenha feito em ouro, ele tem lá.

Ela pediu que lhe trouxessem tudo, mas o fiel João respondeu:

— Para isso seriam necessários muitos dias, tal a quantidade de objetos. Seriam necessárias também muitas salas para expô-los, e este palácio, parece-me, não tem espaço suficiente.

Atiçou assim a curiosidade da princesa, então ela concordou em ir até ao navio.

— Leva-me, quero ver pessoalmente os tesouros que teu amo tem a bordo.

Radiante de felicidade, o fiel João conduziu-a a bordo do navio e quando o rei a viu achou que era ainda mais bela do que no retrato; seu coração ameaçava saltar-lhe do peito de tanta alegria. O rei recebeu-a e acompanhou-a ao interior do navio. O fiel João, então, ordenou que o navio zarpasse depressa.

— A toda vela, faça com que o navio voe como um pássaro no ar! — disse ele.

Entretanto, o rei ia mostrando à princesa, um por um, os maravilhosos objetos de ouro: pratos, copos, vasilhas, pássaros, feras e monstros, valorizando as formas e o fino acabamento. Passaram, assim, muitas horas vendo aquelas obras de arte. E ela estava tão alegre que nem sequer percebera que o navio estava em movimento. Tendo examinado o último objeto, agradeceu ao mercador, querendo voltar para casa, mas, chegando ao tombadilho, viu que o navio corria a toda vela rumo ao mar alto, distante da costa.

— Ah — gritou apavorada —, enganaram-me! Fui raptada por um mercador, prefiro morrer!

O rei, então, pegando-lhe a mão disse:

— Não sou um mercador, sou um rei de nascimento não inferior ao teu. Se usei de astúcia para te raptar, fiz por excesso de amor. Quando vi pela primeira vez teu retrato, a emoção me fez desmaiar.

Ouvindo essas palavras, a princesa do Telhado de Ouro sentiu-se confortada e de tal maneira seu coração se prendeu ao jovem, que consentiu em se tornar sua esposa.

O navio continuava em alto mar e o fiel João, sentado à proa, divertia-se tocando seu instrumento. Então viu, de repente, três corvos esvoaçando, que pousaram ao seu lado. Parou de tocar, a fim de ouvir o que grasnavam, pois tinha o dom de entender a sua linguagem. Um deles grasnou:

— Vejam, o jovem rei vai levando para casa a princesa do Telhado de Ouro!

— Sim — respondeu o segundo —, mas ela ainda não lhe pertence!

— Pertence, sim — replicou o terceiro —, ela está aqui no navio com ele.

Então o primeiro corvo tornou a grasnar:

— Que adianta? Quando desembarcarem, um cavalo alazão vai aparecer e

o rei tentará montá-lo. Se o conseguir, o cavalo fugirá com ele, voando, e nunca mais ele voltará a ver sua princesa.

— E não há salvação? — perguntou o segundo corvo.

— Sim, se um outro se antecipar e montar rapidamente no cavalo, pegar a arma que está no coldre e matá-lo... só assim o rei estará salvo. Mas quem é que está a par disso? Se, por acaso, alguém o soubesse e prevenisse o rei, suas pernas, dos pés aos joelhos, se transformariam em pedra, quando contasse.

O segundo corvo falou:

— Eu sei mais coisas. Mesmo que matem o cavalo, o jovem rei não conservará a noiva, pois, ao chegarem ao castelo, encontrarão numa sala um manto nupcial que lhes parecerá tecido de ouro e prata, mas que em vez disso é tecido de enxofre e de piche. Se o rei o vestir, se queimará até à medula dos ossos.

O terceiro corvo perguntou:

— E não há salvação?

— Oh, sim — respondeu o segundo —, se alguém, tendo calçado luvas, agarrar depressa o manto e o atirar ao fogo, o jovem rei estará salvo. Mas que adianta se ninguém sabe disso? E se o soubesse e prevenisse o rei, se transformaria em pedra desde os joelhos até ao coração.

O terceiro corvo, por sua vez, falou:

— Eu ainda sei mais: mesmo que queimem o manto, ainda assim o jovem rei não terá a noiva, pois, após o casamento, quando começar o baile e a jovem rainha for dançar, ficará repentinamente pálida e cairá como se estivesse morta. E se alguém não a socorrer depressa e não sugar três gotas de sangue de seu seio direito, cuspindo-as em seguida, ela morrerá. Mas se alguém souber disso e o revelar ao rei, se transformará em pedra desde a cabeça até às pontas dos pés.

No final da conversa, os corvos levantaram voo e sumiram. O fiel João, que tudo ouvira e entendera, tornou-se desde então tristonho e calado. Se não contasse o que sabia ao seu amo, tudo daria errado para o rei. Por outro lado, se lhe revelasse tudo, seria a própria vida que sacrificaria. Por fim resolveu-se: “Devo salvar meu senhor, mesmo que isso me custe a vida.”

Quando, portanto, desembarcaram, aconteceu exatamente o que havia predito o corvo: apareceu um belo cavalo alazão.

— Muito bem — exclamou o rei —, este cavalo me levará ao castelo! — E fez menção de montá-lo.

O fiel João, porém, mais que depressa saltou na sela, tirou a arma do coldre e, num instante, abateu o cavalo. Os outros acompanhantes do rei, que não simpatizavam com o fiel João, exclamaram indignados:

— Que absurdo! Matar um animal tão belo! Tão apropriado para levar nosso rei ao castelo!

O rei, porém, disse:

— Calem-se, deixem-no fazer o que achar conveniente. Sendo o meu fiel João, deve ter motivos para agir assim.

Foram todos para o castelo, e na sala viram o lindo manto nupcial, que parecia tecido de ouro e prata. O jovem rei quis logo vesti-lo, mas o fiel João, com um gesto rápido, afastou-o e, de mãos enluvadas, agarrou o manto e o lançou ao fogo, que o consumiu imediatamente.

Os acompanhantes do rei tornaram a protestar contra esse atrevimento:

— Vejam só! Ousa queimar até o manto nupcial do rei!

Mas o rei tornou a interrompê-los:

— Calem-se! Deve haver um motivo sério para isso, deixem que faça o que deseja, ele é o meu fiel João.

Celebrou-se o casamento com grandes festejos. Chegando a hora do baile, a noiva também quis dançar. O fiel João, atento às menores coisas, não deixava de observar o rosto dela. De repente, viu-a empalidecer e cair como se estivesse morta. Aproximou-se dela, tomou-a nos braços e carregou-a para o quarto. Deitou a princesa na cama e, ajoelhando-se ali do lado, sugou as três gostas de sangue do seio direito dela e cuspiu-as. Com isso ela imediatamente recuperou os sentidos e voltou a respirar normalmente.

O rei, porém, que a tudo assistia sem compreender as atitudes do fiel João, ficou furioso e ordenou:

— Prendam-no já! Levem-no para a prisão.

Na manhã seguinte, o fiel João foi julgado e condenado à morte. Levaram-no para a forca, mas, no momento de ser executado, de pé sobre o estrado, resolveu falar.

— Antes de morrer, todos os condenados têm direito de falar. Terei eu também esse direito?

— Sim, sim — concordou o rei.

Então, o fiel João revelou a verdade.

— Estou sendo injustamente condenado, sempre te fui fiel.

E narrou, detalhadamente, a conversa dos corvos, que ouvira quando estavam a bordo, em alto mar. Fizera o que fizera só para salvar o rei, seu

senhor. Então, muito comovido, o rei exclamou:

— Oh, meu fiel João, perdoa-me! Perdoa-me! Soltem-no imediatamente.

Porém, assim que acabara de pronunciar as últimas palavras, o fiel João caiu inanimado, transformado em uma estátua de pedra.

A rainha e o rei entristeceram-se profundamente, e o rei, em prantos, lamentava-se:

— Ah! Como recompensei mal tanta fidelidade!

Deu ordens para que a estátua fosse colocada em seu próprio quarto, ao lado da cama. Cada vez que seu olhar caía sobre ela, desatava a chorar, lamentando-se:

— Ah! Se me fosse possível te devolver a vida, meu caro, meu fiel João!

Passado algum tempo, a rainha deu à luz dois meninos gêmeos, os quais cresceram saudáveis e bonitos e eram a sua maior alegria. Uma ocasião, enquanto a rainha se encontrava na igreja e os dois meninos brincavam junto do pai, este se virou entristecido para a estátua, suspirando:

— Se pudesse te devolver a vida, meu fiel João!

Então viu a pedra animar-se e falar:

— Sim, você pode me devolver a vida, a custa, porém, do que você mais ama.

Assombrado com essa revelação, o rei exclamou:

— Por ti darei qualquer coisa!

A pedra então continuou:

— Pois bem. Se, com tuas próprias mãos, cortares a cabeça de teus dois filhos e me esfregar com seu sangue, eu recuperarei a vida.

O rei ficou horrorizado com a ideia de ter que matar seus filhos tão amados, mas lembrou-se daquela fidelidade sem igual que lhe dedicara o fiel João, a ponto de morrer para salvá-lo, e não esperou mais: sacou a espada e cortou a cabeça dos filhos. Depois esfregou com o sangue deles a estátua de pedra e esta logo voltou à vida. Via na sua frente o seu fiel João.

— A tua lealdade — disse-lhe João — não pode ficar sem recompensa.

Então, pegando as cabeças dos meninos, recolocou-as sobre os troncos, passou o sangue no corte deles e, imediatamente, os meninos voltaram a saltar e a brincar como se nada tivesse acontecido.

O rei ficou radiante de alegria. Quando viu a rainha, escondeu o fiel João e os meninos dentro de um armário. Assim que ela entrou, perguntou-lhe:

— Foste à igreja rezar?

— Sim — respondeu ela —, mas não cessei de pensar no fiel João. Por

nossa causa ele morreu!

Então o rei perguntou:

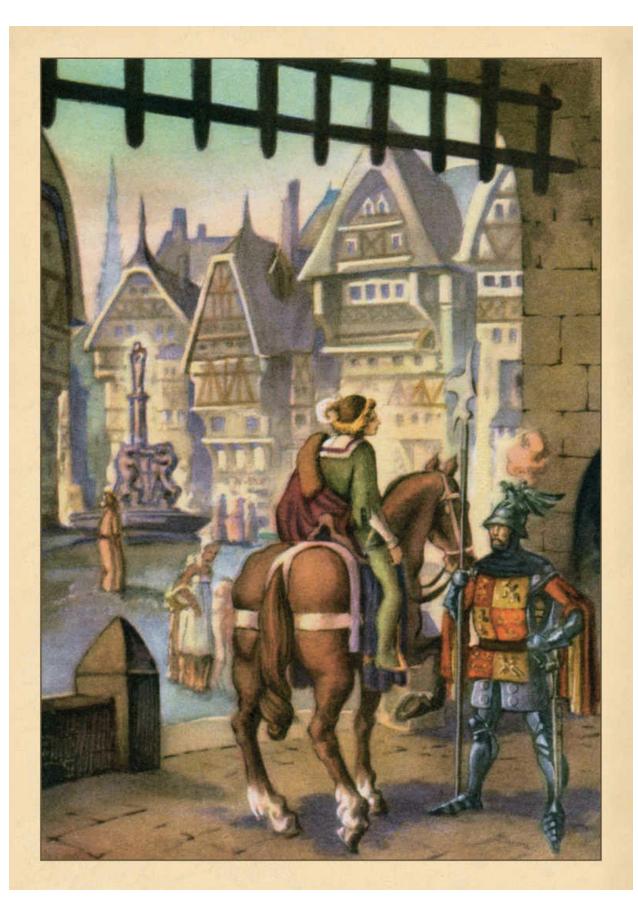
— Minha querida esposa, nós poderíamos lhe devolver a vida, mas à custa da vida de nossos filhos. Achas que devemos sacrificá-los?

A rainha empalideceu, sentindo o sangue gelar nas veias. Contudo, disse:

— Pela incomparável fidelidade que nos dedicou, acho que devemos isso a ele.

O rei ficou muito feliz por ver que a rainha concordava com ele, e abriu o armário e fez sair as crianças e o fiel João.

— Graças a Deus, aqui está ele desencantado e temos também os nossos filhos.

Depois contou-lhe tudo o que tinha ocorrido. E, a partir de então, viveram todos juntos, alegres e felizes, até o fim da vida.

Os três cabelos de ouro do Diabo

Era uma vez uma mulher muito pobre, que deu à luz um menino e, como este nascera com o manto da sorte, previram que aos catorze anos se casaria com a filha do rei. Passado um tempo, o rei foi àquela aldeia disfarçado; quando perguntou à gente do lugar pelas novidades locais, logo lhe responderam:

— Nasceu, nestes dias, um menino com o manto da sorte. Quem nasce com esse manto será muito feliz e, faça o que fizer, tudo lhe sairá bem. Previram, também, que aos catorze anos se casará com a filha do rei.

Ouvindo isso, o rei, que era de mau coração, ficou indignado, principalmente por causa da profecia. Foi procurar os pais da criança e, demonstrando bondade, disse-lhes:

— Pobre gente, dai-me o vosso menino, eu tomarei conta dele.

A princípio, os pais recusaram-se, mas, como o desconhecido lhes oferecia grande soma de dinheiro, pensaram: "É um filho da sorte, como tal, tudo lhe correrá bem." Assim acabaram concordando e deram-lhe o filho.

O rei colocou-o dentro de uma caixa, montou a cavalo e pôs-se a caminho. Ao chegar a um rio, atirou a caixa, dizendo:

— Assim livro minha filha desse pretendente indesejado.

A caixa, porém, não afundou. Ficou flutuando como um barquinho e nem uma só gota de água entrou nela. Foi boiando uns dois quilômetros além da capital do reino, chegando assim a um moinho em cuja roda ficou presa. Por sorte, encontrava-se lá, no momento, o ajudante do moleiro que, vendo-a, a puxou para fora com um gancho, pensando encontrar dentro dela algum tesouro. Mas, quando a abriu, encontrou simplesmente um belo menino, risonho e vivaz. Levou-o para o casal de moleiros, que, não tendo filhos, alegraram-se muito, dizendo:

— Este é um presente de Deus!

Acolheram o bebê, trataram-no com todo o carinho e ele cresceu feliz.

Ora, aconteceu que um dia, durante forte tempestade, o rei teve de se abrigar no moinho, e vendo o menino perguntou aos moleiros se era filho deles.

— Não, é nosso filho adotivo que há catorze anos apareceu dentro de uma

caixa que ficou presa à roda do moinho, e nosso ajudante retirou-a da água.

O rei, então, concluiu que não podia ser outro senão o filho da sorte, atirado por ele dentro do rio. Dirigindo-se aos moleiros disse:

— Boa gente, não poderia esse menino levar uma carta à sua majestade a rainha? Eu lhe darei como recompensa duas moedas de ouro.

— Será feito o que vossa majestade ordena — responderam os moleiros.

Disseram ao menino que se aprontasse. O rei, então, escreveu à rainha uma carta com a seguinte ordem: “Assim que o rapaz, portador desta carta, chegar aí, quero que o matem e o enterrem; faça-se tudo antes da minha volta.”

O rapaz pôs-se a caminho, levando a carta, mas extraviou-se e, à noite, foi dar em uma grande floresta. Em meio à escuridão, avistou uma luz; caminhou em sua direção e chegou a uma pequena casa, onde viu uma senhora idosa sentada, sozinha, junto do fogo. Esta, ao ver o rapaz, assustou-se e perguntou:

— De onde vens? E para onde vais?

— Venho do moinho — respondeu ele — e vou levar uma carta a sua majestade a rainha. Mas, tendo perdido o caminho, pensei em passar a noite aqui.

— Pobre rapaz — disse a velha —, veio parar num esconderijo de bandidos. Quando chegarem e te virem, certamente te matarão.

— Venha quem quiser — respondeu o rapaz —, eu não tenho medo de ninguém. Estou tão cansado que não posso continuar a viagem.

Deitou-se sobre um banco e logo adormeceu. Não tardou muito chegaram os bandidos e, zangados, perguntaram quem era aquele desconhecido ali deitado.

— Oh — disse a velha —, é um inocente menino, que se perdeu na floresta. Recolhi-o por compaixão, pois vai levando uma carta a sua majestade a rainha.

Curiosos, os bandidos abriram a carta para ler o que continha, e ao ver que era uma ordem para matar e enterrar o rapaz assim que chegasse ao palácio, aqueles corações malvados tiveram pena dele. O chefe da quadrilha, então, rasgou a carta, escrevendo uma outra, na qual dizia que o rapaz, logo após a chegada, devia imediatamente casar-se com a princesa. Deixaram-no dormir sossegadamente até pela manhã. Quando acordou, deram-lhe a carta e ensinaram-lhe o caminho certo.

Ao receber a carta, a rainha prontamente preparou o casamento. Mandou que se organizasse uma esplêndida festa e a princesa casou com o filho da sorte. Como era um rapaz bonito e gentil, sentiu-se alegre e feliz a seu lado.

Passado algum tempo, o rei voltou ao castelo e verificou que se realizara a previsão: o filho da sorte casara-se com a princesa, sua filha.
— Como pôde acontecer isto? — perguntou. — Na minha carta dei ordens completamente diferentes.
A rainha, então, mostrou-lhe a carta recebida para que ele mesmo visse o que dizia. O rei leu-a e percebeu que tinha sido trocada. Perguntou ao rapaz o que acontecera e por que trouxera a carta trocada.
— Eu nada sei — respondeu o rapaz —, talvez tenha sido trocada enquanto dormia lá na floresta.
— Não te sairás tão facilmente desta — exclamou o rei, enfurecido. — Se quiser ficar com minha filha, terá de trazer-me do inferno os três cabelos de ouro do Diabo. Quando me trouxeres o que exijo, então poderás ficar com minha filha.
Com isto, o rei pensava que se livraria, de uma vez por todas, do rapaz. Mas o filho da sorte disse-lhe:
— Está bem, irei ao inferno buscar os cabelos de ouro, pois não tenho medo do Diabo.
Despediu-se de todos e iniciou a longa caminhada. A estrada por onde seguia conduziu-o a uma grande cidade cercada de muralhas, e chegando à porta, a sentinela perguntou-lhe qual era seu ofício e o que sabia.
— Sei tudo — respondeu o filho da sorte.
— Diga-nos, então, por favor, por que é que secou o chafariz da praça do mercado, que antes jorrava vinho e agora nem mais água jorra.
— Sabereis quando eu voltar — respondeu o rapaz.
Continuou andando e chegou à porta de outra grande cidade. Ali, também, a sentinela perguntou-lhe qual era o seu ofício e o que sabia.
— Sei tudo — respondeu ele.
— Diga-nos, então, por favor, por que é que certa árvore de nossa cidade, que sempre dava maçãs de ouro, agora nem folhas dá mais?
— Sabereis quando eu voltar.
Seguiu seu caminho. Foi andando até a margem de um rio muito largo, que devia atravessar. O barqueiro perguntou-lhe qual era o seu ofício e o que sabia.
— Sei tudo — respondeu outra vez.
— Então diga-me, por favor, por que é que devo sempre ficar atravessando as pessoas de um lado para outro sem nunca parar para descansar?
— Saberás quando eu voltar.

Depois de atravessar o rio, encontrou a entrada do inferno. Tudo lá dentro era negro e cheio de fuligem. O Diabo não estava em casa, estava apenas sua avó, sentada numa grande poltrona. E não tinha aparência de má.

— Que desejas? — perguntou-lhe.

— Desejo os três cabelos de ouro do Diabo — respondeu ele. — Se não os conseguir, não poderei ficar com minha esposa.

— Está pedindo muito! — disse ela. — Se o Diabo te encontrar aqui, ele vai te matar. Mas como tenho pena de ti, verei se posso ajudar-te.

Transformou-o numa formiga e disse-lhe:

— Agora esconde-te nas dobras da minha saia, aí estarás seguro.

— Muito bem — exclamou o rapaz. — Mas há também três coisas que gostaria de saber: primeiro, por que é que secou um chafariz do qual costumava jorrar vinho e agora nem mesmo água jorra; segundo, por que é que uma macieira, que sempre dava maçãs de ouro, agora nem folhas mais dá; terceiro, por que é que um barqueiro deve sempre transportar as pessoas sem nunca parar.

— Essas são perguntas muito difíceis — respondeu a velha —, mas fica quietinho e presta bem atenção ao que o Diabo diz quando eu lhe arrancar os cabelos de ouro.

Quando anoiteceu, o Diabo voltou para casa. Mal entrou pela porta, percebeu algo no ar.

— Sinto cheiro de carne humana. Há algo estranho aqui!

Revistou todos os cantos, mas não conseguiu encontrar nada. A avó então deu-lhe uma bronca:

— Agora mesmo acabei de varrer e arrumar a casa, e tu, mal chegas, já te pões a fazer desordens. Andas sempre sentindo cheiro de carne humana! Vamos, senta-te e come o teu jantar!

Quando terminou de comer e beber, o Diabo sentiu cansaço e se deitou no colo da avó, pedindo-lhe que lhe fizesse cafuné. Não demorou muito e ferrou no sono, roncando tranquilamente. Então a velha pegou um cabelo de ouro, arrancou-o e guardou-o de lado.

— Ai! Ai! Ai! — gritou o Diabo. — Que é que está fazendo?

— Ah, tive um pesadelo — respondeu a avó — e sem querer agarrei e puxei teus cabelos.

— O que sonhaste? — perguntou o Diabo.

— Sonhei que um chafariz, do qual sempre jorrava vinho, secou, e nem mais água jorra. Por que será?

— Ah, se o soubessem! — disse o Diabo. — Há no chafariz um sapo, debaixo de uma pedra. Se o matarem voltará a jorrar vinho.

A avó recomeçou a fazer-lhe cafuné; ele adormeceu de novo, roncando de fazer estremecer os vidros. Ela, então, arrancou-lhe o segundo cabelo.

— Ai! Ai! Ai! — gritou zangado. — Mas que está fazendo?

— Não te zangues — respondeu ela —, fiz isto em sonho.

— E que sonhastes mais? — perguntou o Diabo.

— Sonhei que havia, num reino, uma árvore que dava maçãs de ouro e agora nem folhas dá mais. Por que será?

— Oh, se o soubessem! — respondeu o Diabo. — Há um rato que lhe está roendo a raiz, e se o matarem, voltará a produzir maçãs de ouro, mas se o deixarem lá, ela secará para sempre.

A avó voltou a fazer-lhe cafuné, até que ele adormeceu e começou a roncar. Então, agarrou o terceiro cabelo de ouro e arrancou-o. O diabo levantou-se de um pulo, gritando que não aguentava mais aquilo, mas ela conseguiu acalmá-lo novamente e disse:

— Que culpa tenho de ter maus sonhos?

— Que é que sonhaste ainda? — perguntou, com certa curiosidade, o Diabo.

— Sonhei que um barqueiro queixava-se de ter sempre de ir e vir, sem nunca descansar. Por que será?

— Ah, o tolo! — respondeu o Diabo. — Quando alguém quiser atravessar o rio, ele deve lhe entregar os remos, assim o outro ficará sendo o barqueiro e ele poderá descansar.

Tendo arrancado os três cabelos de ouro e obtido resposta para as três perguntas, a avó deixou o velho Satanás dormir sossegado até a manhã do dia seguinte.

Assim que ele saiu de casa, a velha tirou a formiga das dobras de sua saia, devolvendo-lhe o aspecto humano.

— Aqui tens os três cabelos de ouro — disse —, e certamente ouviste as respostas do Diabo às tuas três perguntas.

— Ouvi, sim — disse o rapaz —, e as gravei na memória.

— Bem, agora não precisas de mais nada — disse a velha. — Podes, portanto, seguir teu caminho.

O rapaz agradeceu contentíssimo à velha por tê-lo tirado das dificuldades e deixou o inferno, muito feliz por ter corrido tudo bem.

Quando chegou à margem do rio e encontrou o barqueiro, disse-lhe:

— Leva-me primeiro para o outro lado, depois eu te direi o que deves fazer para descansar.

Quando chegaram à outra margem, deu-lhe o conselho do Diabo:

— Quando vier alguém e quiser atravessar o rio, dá-lhe os remos e vá embora.

Tomou seu caminho até chegar à cidade onde estava a macieira, e ali também a sentinela aguardava a resposta. O rapaz disse-lhe então o que ouvira do Diabo:

— Matai o rato que está roendo as raízes da árvore e ela tornará a dar maçãs de ouro.

A sentinela agradeceu e presenteou-o com dois jumentos carregados de ouro. Por fim, chegou à cidade do chafariz seco. Repetiu à sentinela o que ouvira do Diabo:

— Há um sapo debaixo de uma pedra, no fundo do chafariz. É preciso encontrá-lo e matá-lo para que torne a jorrar vinho em abundância.

A sentinela agradeceu e deu-lhe outros dois jumentos carregados de ouro.

Finalmente, o filho da sorte chegou ao castelo e sua esposa ficou muito feliz por vê-lo e ouvi-lo contar como tudo lhe correra bem. Depois, foi entregar ao rei o que este exigira: os três cabelos de ouro do Diabo. Vendo, porém, os quatro jumentos carregados de ouro, o rei alegrou-se muito e disse:

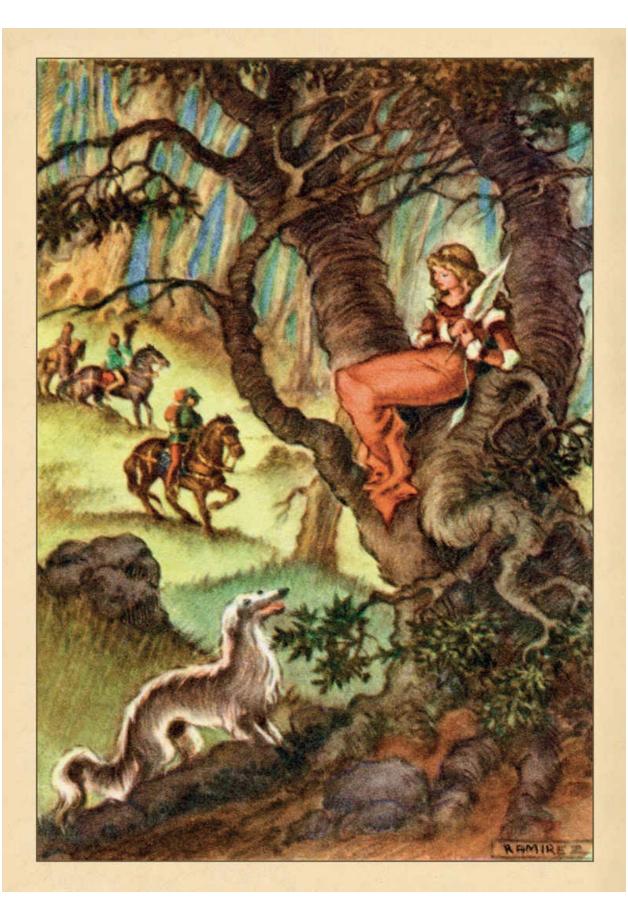
— Agora que foram cumpridas todas as condições, podes ficar com minha filha. Mas, diga-me, querido genro, de onde vem todo esse ouro? Esse imenso tesouro?

— Atravessei um rio — respondeu o rapaz — e encontrei-o na areia do outro lado.

— Posso ir buscar um pouco para mim também? — perguntou o rei.

— Quando quiser — respondeu ele. — No rio há um barqueiro, é só pedir que ele o transportará para a outra margem e ali poderá encher quantos sacos quiser.

Cheio de ambição, o rei pôs-se, imediatamente, a caminho. Quando chegou ao rio, pediu ao barqueiro que o transportasse para a outra margem. O barqueiro encostou o barco no ancoradouro e mandou que se sentasse. Ao chegar à margem oposta, o barqueiro entregou-lhe os remos, pulou fora do barco e desapareceu.

E, com isso, o rei teve de ser o barqueiro, em punição de seus atos. E dizem que continua lá, atravessando as pessoas de um lado para outro!

Os doze irmãos

Era uma vez um rei e uma rainha, cuja vida era perfeita. Tinham doze filhos, todos rapazes. Certo dia, o rei disse à rainha:

— Logo mais, quando tiveres o décimo terceiro filho, se for uma menina, os doze rapazes deverão morrer, a fim de que a menina tenha riqueza bem grande e o reino não seja repartido.

Mandou preparar doze caixões e mandou guardá-los num quarto trancado, cuja chave entregou à rainha, ordenando-lhe que guardasse absoluto segredo.

A pobre mãe passava os dias na maior tristeza. O filho menor, Benjamim, que estava sempre ao seu lado, perguntou-lhe:

— Querida mãe, por que está tão triste?

— Não posso te dizer, meu amor! — respondeu a rainha.

Mas o menino não lhe deu sossego enquanto ela não contou. Então, ela levou-o ao quarto, abriu a porta e mostrou-lhe os doze caixões.

— Meu querido Benjamim — disse ela —, estes caixões foram encomendados por teu pai. São para ti e para teus irmãos, porque, se eu tiver uma filha, todos vocês deverão morrer e ser sepultados aqui.

Dizia isso chorando muito. O filho porém consolou-a:

— Não chores, mãe, nós todos fugiremos daqui.

Ela, então, aconselhou-o:

— Vai com teus onze irmãos para a floresta e um fique sempre de guarda em cima da árvore mais alta que encontrardes, observando a torre do castelo. Se nascer um menino, levantarei uma bandeira branca, em sinal de que podereis voltar, mas se nascer uma menina, erguerei uma bandeira vermelha, para fugirem o mais depressa possível para bem longe. Que o bom Deus vos proteja. Levantarei todas as noites para rezar por vós, para que no inverno tenham um bom fogo para aquecer-vos e no verão não se enfraqueçam.

Após terem recebido sua bênção, os filhos seguiram para a floresta. Cada um, por sua vez, montava guarda sentado num galho do carvalho mais alto e dali observava a torre do castelo. No décimo primeiro dia chegou o turno de Benjamim; ele, então, viu exposta uma bandeira vermelha, cor de sangue, anunciando que todos deveriam morrer. Quando os irmãos receberam a notícia, ficaram irritados e disseram:

— Por causa de uma mulher estamos condenados a morrer! Juremos todos vingança; juremos que, onde encontrarmos uma menina, faremos correr seu sangue!

Adentraram cada vez mais na floresta. Justamente na parte mais densa, que era mais escura, encontraram uma casa minúscula, que estava vazia. Então combinaram:

— Vamos morar aqui, e tu, Benjamim, que és o menor e o mais tolo, não sairás. Ficarás cuidando dos afazeres, enquanto nós providenciaremos o necessário para comer.

Saíam todos, percorrendo a floresta, caçando lebres, corças e pássaros. Enfim, toda espécie de animais bons para comer. Ao voltar entregavam tudo ao irmão, Benjamim, que devia prepará-los, e com isso matavam a fome. Viveram juntos nessa casinha durante dez anos, que não lhes pareceram longos.

Entretanto, a menina que nascera da rainha também havia crescido; tinha um bondoso coração, um rosto muito bonito e uma estrela de ouro a brilhar-lhe na testa.

Certo dia, quando lavavam roupa, viu doze camisas de homens e perguntou à mãe:

— De quem são estas doze camisas? Não são muito pequenas para o papai?

Então a mãe, com o coração cortado de angústia, disse-lhe:

— Querida filhinha, são de teus doze irmãos.

— Onde estão os meus doze irmãos? — perguntou ainda a menina. — Nunca ouvi falar neles!

— Só Deus sabe por onde andam — respondeu a mãe. — Foram-se, por esse mundo afora.

Tomando a menina pela mão, conduziu-a ao quarto trancado, abriu a porta e mostrou-lhe os caixões.

— Eles eram destinados aos teus irmãos; mas os meninos fugiram, às escondidas, antes que tu nascesses.

Contou-lhe, assim, tudo o que tinha acontecido. A menina, então, disse:

— Querida mãe, não chores mais. Irei procurar meus irmãos.

Pegando as doze camisas, seguiu o caminho e não tardou a embrenhar-se na grande floresta. Andou o dia inteiro e, ao anoitecer, chegou à casinha encantada. Entrou e aí encontrou um rapazinho, que lhe perguntou:

— De onde vens, e para onde vais?

O rapazinho ficou admiradíssimo ao ver uma menina tão bela, trajando vestimentas reais e tendo além disso uma estrela de ouro na testa. Ela gentilmente respondeu:

— Sou uma princesa e ando à procura de meus doze irmãos; irei até onde chega o azul do céu, contanto que os encontre.

Assim dizendo, mostrou-lhe as doze camisas. Então Benjamim reconheceu que ela era sua irmã.

— Eu sou Benjamim — disse-lhe —, o menor de teus irmãos.

Foi tamanha a alegria que ambos desataram a chorar, abraçando-se e beijando-se com grande ternura. Depois, Benjamim lhe disse:

— Querida irmã, temos que vencer uma grave dificuldade. Todos nós juramos que, se encontrássemos uma menina, ela deveria morrer, porque foi uma menina a causa de sermos obrigados a abandonar nosso lar e nosso reino.

— Está bem — disse ela —, morrerei satisfeita, se com isso puder devolver a felicidade a meus irmãos.

— Não, não — respondeu o irmão —, tu não deves morrer. Se esconda aqui nesse tanque até chegarem os outros e deixa tudo por minha conta.

A menina obedeceu. Quando anoiteceu, os irmãos voltaram da caça e encontraram, como sempre, a refeição pronta. Sentaram-se à mesa, perguntando:

— Que há de novo?

— Não sabeis coisa alguma? — perguntou-lhes Benjamim.

— Não, nada sabemos — responderam os outros.

— Pois bem — disse Benjamim —, vós estivestes na floresta, eu não saí de casa, entretanto, sei mais que todos.

— Então conta-nos o que sabes — exclamaram a uma só voz.

— Devem prometer-me — disse Benjamim — que a primeira menina que encontrarem será poupada.

— Está bem — responderam todos —, será poupada, mas conta logo.

Benjamim, então, contou:

— Nossa irmã está aqui.

Assim dizendo, suspendeu a tina e fez sair a princesa com os trajes reais e a estrela de ouro na testa: era tão linda, tão meiga e delicada que todos se alegraram em vê-la. Depois abraçaram-na e beijaram-na de todo o coração.

A menina ficou morando com eles. Ficava em casa com Benjamim, ajudando-o nos afazeres domésticos. Os onze irmãos iam para a floresta

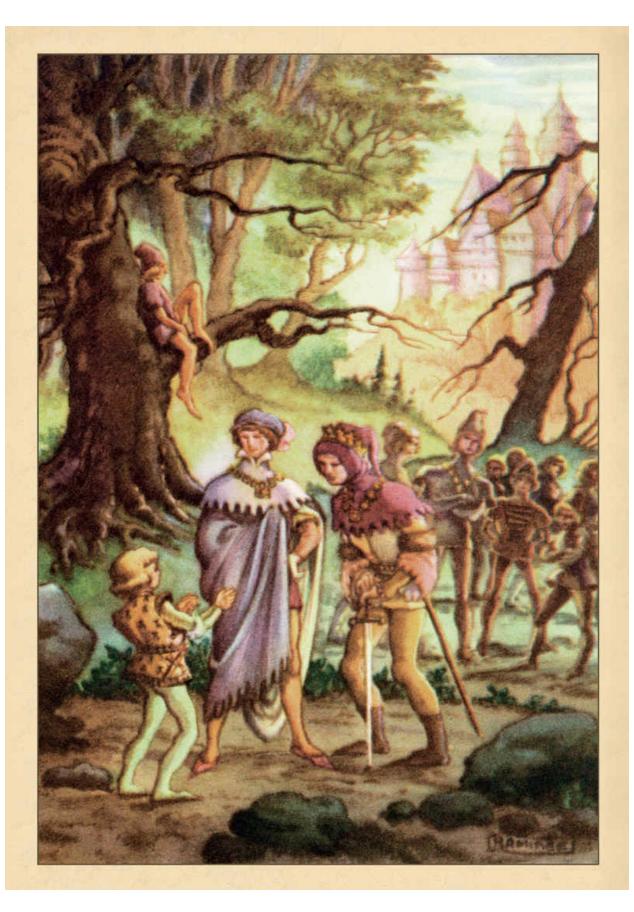
caçar, enquanto a irmã e Benjamim cuidavam de preparar a refeição. Ela catava lenha para cozinhar e ervas que serviam de verdura. Punha as panelas no fogo de modo que a refeição estivesse sempre pronta quando chegassem os onze irmãos. Além disso, mantinha em ordem a casa, arrumava as camas com roupas sempre muito brancas, e os irmãos viviam satisfeitos e em perfeita harmonia com ela.

Assim decorreu algum tempo. Os dois que ficavam em casa preparavam deliciosos quitutes e quando se reuniam todos à mesa comiam e bebiam muito felizes. Mas, perto da casinha encantada havia um minúsculo jardim. Nele doze lírios. Um belo dia, querendo ser agradável aos irmãos, ela colheu os doze lírios para dar aos irmãos durante o jantar.

Mal acabou, porém, de colher as flores, eis que os doze irmãos se transformaram em doze corvos e saíram voando para a floresta, desaparecendo também a casinha e o jardim. A pobre menina viu-se sozinha na floresta e, ao olhar ao redor, notou uma velha ali perto.

— Que fizeste, minha filha? — disse a velha. — Por que tocaste nas doze flores? Eram teus irmãos! Agora eles transformaram-se para sempre em corvos.

A menina, chorando muito, perguntou:

— Não há meio algum de os salvar?

— Não — respondeu a velha. — Aliás há um único meio no mundo; mas é uma coisa tão difícil que não conseguirás fazê-la para salvá-los. Tem que ficar muda durante sete anos, sem falar nem rir.

A menina disse de si para si: “Tenho certeza de que conseguirei libertar meus irmãos.”

Foi à procura de uma árvore bem alta, subiu nela e acomodou-se. Lá em cima, passava o tempo fiando, e não falava nem ria.

Ora, aconteceu que um rei muito poderoso foi caçar na floresta. Ele tinha um belo cão de caça que correu justamente em direção à árvore onde se encontrava a menina e pôs-se a latir a ganir, olhando para cima. O rei então aproximou-se e descobriu a linda princesa com a estrela de ouro na testa. Ficou tão fascinado com a sua beleza que ali mesmo lhe perguntou se queria tornar-se sua esposa. Ela não respondeu, porque não podia, mas acenou ligeiramente com a cabeça. Subindo na árvore, o rei tomou-a nos braços e carregou-a para o seu cavalo, levando-a depois ao palácio.

O casamento se realizou com grande esplendor e alegria, mas a noiva não falava nem ria. Mesmo assim, viveram alguns anos muitos felizes. Não tardou, porém, que a mãe do rei, mulher muito maldosa, começasse a inventar calúnias contra a jovem rainha, dizendo ao filho:

— Essa mulher não passa de uma mendiga; quem pode saber que intrigas perversas estará tramando em segredo! Se é muda e não pode falar, poderia pelo menos rir, mas quem não ri é porque tem a consciência pesada.

O rei, a princípio, não lhe deu atenção, deixando-a falar. A velha, porém, tanto insistiu que por fim conseguiu convencer o rei, levando-o a condenar à morte a querida esposa.

No pátio do castelo, acenderam uma grande fogueira, na qual ela devia ser queimada. O rei, debruçado à janela, olhava para aquilo com os olhos rasos de lágrimas porque amava muito a mulher.

Quando ela já estava amarrada ao poste e o fogo começava a queimar as suas roupas, chegou ao fim o último minuto dos sete anos de silêncio. Ouviu-se, então, no espaço um forte ruflar de asas e logo chegaram em fila doze corvos, os quais assim que pousaram no chão voltaram a transformar-se nos doze irmãos salvos por ela. Com a maior rapidez, apagaram o fogo, soltaram a querida irmã, abraçaram-na e beijaram-na, cheios de alegria.

Agora que já podia abrir a boca e falar contou tudo ao rei, explicando assim porque estivera muda e não podia rir.

Grande foi a sua alegria ao perceber a inocência da esposa, e desde esse dia

viveram todos juntos, na mais perfeita harmonia, até o fim da vida.

Quanto à sogra perversa, foi julgada, colocada num tonel cheio de óleo fervendo e de serpentes venenosas, onde acabou morrendo de morte horrível.

Os dois irmãos

Era uma vez dois irmãos, um rico e outro pobre. O rico era ourives e tinha coração perverso; o pobre sustentava-se como podia, fazendo vassouras, e era bom e honesto.

O pobre tinha dois filhos gêmeos que se assemelhavam como duas gotas de água. Os meninos frequentavam a casa do tio rico e, de quando em quando, recebiam algum resto de comida.

Certo dia, o vassoureiro foi à floresta catar alguns gravetos e avistou um pássaro todo de ouro, tão lindo como nunca vira igual em toda a vida. Pegou uma pedra e atirou nele, conseguindo acertar, mas caiu somente uma pena e o pássaro fugiu voando. O homem catou a pena e levou-a ao irmão, que a examinou e disse:

— É ouro puro. — E pagou por ela muito bem.

No dia seguinte, o vassoureiro subiu numa bétula por ela para cortar alguns galhos. Eis que saiu voando da árvore aquele mesmo pássaro do dia anterior. Resolveu procurar por ali e encontrou um ninho com um ovo de ouro dentro. Pegou o ovo e foi levá-lo ao irmão que o examinou e tornou a dizer:

— É ouro puro — e deu-lhe o equivalente em bom dinheiro.

Por fim, o ourives disse ao irmão:

— Eu gostaria muito de possuir esse pássaro.

O vassoureiro foi pela terceira vez à floresta e tornou a ver o pássaro pousado num galho da árvore. Atirou-lhe uma pedra e atingiu-o em cheio, depois apanhou-o e levou-o ao irmão que lhe deu uma bela pilha de moedas de ouro. “Agora poderei viver tranquilamente”, pensou o vassoureiro e, muito satisfeito, voltou para a casa.

O ourives era muito esperto e sabia muito bem que tipo de pássaro era aquele. Chamou a mulher e recomendou-lhe:

— Quero que me asses este pássaro de ouro; mas toma cuidado para que não se perca nem um pedacinho. Quero comê-lo todo, inteirinho.

O pássaro realmente não era comum. Era de uma espécie tão maravilhosa que, quem tivesse a sorte de comer o fígado e o coração dele, encontraria todas as manhãs, debaixo do travesseiro, uma moeda de ouro.

A mulher temperou bem o pássaro, enfiou-o no espeto e o pôs a assar no fogo. Tendo ainda outras coisas a fazer, deixou-o assando e saiu da cozinha. Justamente nesse momento, chegaram correndo os dois meninos; invadiram a cozinha e vendo o espeto puseram-se a virá-lo diversas vezes. Nisso caíram dois pedacinhos do assado dentro da panela; então, um disse ao outro:

— Esses dois pedacinhos aí podemos muito bem comer… Eu estou morrendo de fome! Ninguém vai sentir falta deles! — e comeram.

Quase no mesmo instante, surgiu a mulher e, notando que estavam mastigando qualquer coisa, perguntou-lhes:

— O que estivestes comendo?

— Dois pedacinhos do pássaro que tinham caído dentro da panela — responderam os meninos.

— Ah, meu Deus! Eram o fígado e o coração! — exclamou a mulher apavorada.

E, para que o marido não notasse a falta, ela mais que depressa matou um pintinho, tirou-lhe o fígado e o coração e colocou-os dentro do pássaro de ouro. Quando este ficou pronto e bem assadinho, serviu ao ourives, que comeu tudo, sem deixar sequer uma migalha. Mas, na manhã seguinte, ao passar a mão debaixo do travesseiro, na certeza de encontrar a moeda de ouro, não encontrou coisa alguma.

Os dois meninos nem imaginavam que a felicidade lhes caíra nas mãos! Na manhã seguinte, após terem comido os pedacinhos do pássaro, ao levantar da cama, viram alguma coisa rolar para o chão tilintando. Procuraram e acharam

duas moedas de ouro, e correndo foram levá-las ao pai, que disse, muito admirado:

— Como isso aconteceu?

Mas quando, na outra manhã, assim como nas manhãs seguintes, eles encontraram sempre duas moedas, o homem foi falar com o irmão e contou-lhe aquela estranha história. O ourives logo percebeu o que tinha acontecido e que os meninos haviam comido o coração e o fígado do pássaro de ouro. Então, como era muito invejoso e mau, quis vingar-se deles e disse ao pai:

— Os teus filhos têm parte com o Diabo! Não fique com aquele ouro e bote para fora de casa essas duas crianças, porque o Diabo já tomou conta delas! E você será o próximo!

O pobre homem temia muito o Diabo, por isso, embora lhe doesse o coração, achou melhor levar as duas crianças para a floresta e as deixou lá.

Os dois meninos caminharam pela floresta procurando o caminho de casa, mas não o encontraram, se perdendo sempre mais. Por fim, encontraram um caçador, que lhes perguntou:

— Quem sois, meninos?

— Somos os filhos do vassoureiro — responderam.

Contaram-lhe que o pai não podia ficar mais com eles em casa porque todas as manhãs ao levantarem-se achavam debaixo do travesseiro uma moeda de ouro cada um.

— Bem — disse o caçador —, não vejo nada de mal nisso! Contanto, porém, que continuem sendo honestos e não se tornem preguiçosos.

O bom homem levou-os para casa e disse:

— Agora serei o pai de vocês.

Com ele aprenderam a caçar e mais outras coisas. E as moedas de ouro, que todos os dias achavam debaixo do travesseiro, o caçador ia guardando para qualquer necessidade futura.

Quando se tornaram adultos, o pai adotivo levou-os à floresta e disse:

— Hoje quero ver se vocês já estão prontos para caçar sozinhos.

Os rapazes postaram-se ao lado dele e aguardaram bastante tempo, mas nenhuma caça aparecia. Nisso o caçador ergueu os olhos e viu um grupo de gansos do mato que voavam em forma de um triângulo, então disse a um dos gêmeos:

— Atire em um de cada ângulo.

O rapaz assim fez e essa foi sua prova de tiro. Pouco depois surgiu outro bando de gansos do mato dispostos em forma de um número dois. O caçador

mandou o segundo gêmeo atirar e matar um de cada ângulo e esse também superou brilhantemente a prova. Diante disso, o pai adotivo disse-lhes:

— Parabéns, meus filhos, são caçadores formados!

Depois os dois irmãos entraram um pouco mais na floresta e lá trocaram ideias, chegando a um acordo. À noite, na hora do jantar, disseram ao pai adotivo:

— Não tocaremos na comida e não provaremos sequer um pedaço se não atenderes ao nosso pedido.

— Qual é esse pedido? — perguntou ele.

— Agora que terminamos o nosso aprendizado — disseram eles —, é necessário também que conheçamos o mundo e queremos que nos deixe partir.

O velho, com sincera alegria, disse-lhes:

— Vocês falam como autênticos caçadores; vosso desejo é também o meu. Podem ir e sejam muito felizes.

Assim, sentaram-se à mesa, comeram e beberam juntos, com a maior satisfação.

No dia estabelecido, o pai adotivo presenteou cada um dos rapazes com uma bela espingarda e um cão de caça; e deixou que levassem quanto quisessem do ouro economizado. Depois acompanhou-os por um bom trecho e, ao despedir-se, deu-lhes um facão brilhante, dizendo:

— Se por acaso vocês se separarem, finquem este facão num tronco de árvore; assim, ao voltar, um ficará sabendo como está o outro; porque o lado do facão que estiver na direção em que foi o irmão ausente ficará enferrujado se ele morrer, mas permanecerá brilhante se ele estiver vivo.

Os irmãos agradeceram, despediram-se e seguiram juntos o caminho. Andaram muito e foram parar numa floresta tão vasta que não puderam atravessá-la num só dia. Portanto, tiveram de passar a noite lá mesmo e comeram tudo o que traziam no saco. Mas não conseguiram sair nem no dia seguinte, nem no outro; e tendo acabado suas provisões, um deles disse:

— Temos de matar qualquer coisa se não quisermos morrer de fome.

Carregou a espingarda e correu os olhos em redor. Nisso viu aproximar-se aos saltos uma velha lebre; apontou-lhe a arma pronto para atirar, mas a lebre gritou:

— Meu bom caçador, deixa-me viver.
Dois filhotes meus vou te trazer!

Assim dizendo, pulou para dentro da mata e trouxe os dois filhotes. Os bichinhos, porém, brincavam tão alegres e eram tão engraçadinhos, que os caçadores não tiveram coragem de os matar. Ficaram com eles, que desde então os acompanhavam por toda parte. Pouco depois surgiu uma raposa; os caçadores preparavam-se para atirar quando ela gritou:

— Meu bom caçador, deixa-me viver.
Dois filhotes meus vou te trazer!

E trouxe-lhes duas raposinhas. Também estas os caçadores não tiveram coragem de matar; deixaram que fizessem companhia às lebrezinhas e os quatro juntos acompanharam os caçadores. Não demorou muito, saltou do mato um lobo; os caçadores apontaram-lhe a espingarda, mas o lobo gritou:

— Meu bom caçador, deixa-me viver.
Dois filhotes meus vou te trazer!

Os caçadores juntaram mais estes aos outros quatro e todos os seguiram. Depois apareceu um urso; como tinha ainda muita vontade de perambular por este mundo, disse:

— Meu bom caçador, deixa-me viver.
Dois filhotes meus vou te trazer!

E os dois ursinhos foram juntar-se aos outros animais que agora eram oito ao todo. E sabem quem chegou por fim? Um leão, sacudindo a vasta juba. Mas os caçadores não se impressionaram e apontaram-lhe a espingarda; o leão também gritou:

— Meu bom caçador, deixa-me viver.
Dois filhotes meus vou te trazer!

Ele trouxe os seus filhotes e assim os caçadores ficaram com dois leões, dois lobos, dois ursos, duas raposas e duas lebres, que os seguiam por toda parte, sempre prontos a servi-los. Com isso tudo, porém, não tinham matado a fome; então chamaram as raposinhas e disseram:

— Escutem aqui, vocês tem que descobrir qualquer coisa para comer, já

que são tão espertas e astuciosas, pois estamos com fome!

— Há uma aldeia, não muito distante daqui, onde fomos algumas vezes arranjar bons frangos. Nós vos ensinaremos o caminho — disseram elas.

Dirigiram-se à aldeia e lá compraram o que necessitavam e providenciaram, também, comida para os animais. Depois prosseguiram o caminho. As raposas conheciam toda a região, onde havia muitos galinheiros, e assim iam indicando o melhor caminho aos caçadores.

Assim caminharam por certo tempo, mas em parte alguma puderam encontrar serviço para os dois juntos, então resolveram:

— Não há outra solução, temos mesmo de nos separar.

Repartiram os animais de maneira que cada um deles ficou com um leão, um urso, uma raposa e uma lebre. Em seguida, despediram-se, prometendo-se um amor fraterno eterno e fincaram num tronco de árvore o facão que lhes havia dado o pai adotivo. Depois um seguiu para oriente e outro para ocidente.

O irmão menor chegou com seus animais a uma cidade de luto. Entrou numa hospedaria e perguntou ao dono se podia alojar também os animais. O dono cedeu-lhes um estábulo, em cuja parede havia um buraco, assim a lebre pôde sair e colher uma bela couve-flor, a raposa comeu uma galinha e depois, não satisfeita, comeu também o galo. Porém o lobo, o urso e o leão eram muito grandes e não passavam pelo buraco, então o dono da hospedaria mandou que os levassem a um campo, onde encontraram uma vaca espichada na grama e eles também puderam fartar-se de comida. Só depois de ter providenciado tudo para os animais é que o caçador perguntou ao hospedeiro por que motivo a cidade estava de luto.

— É porque amanhã a filha única do nosso rei deverá morrer — respondeu ele.

— Está tão doente assim?

— Não, não — respondeu o hospedeiro —, está sadia e formosa, mas deve morrer.

— E por que isso? — perguntou curioso o caçador.

— Lá em frente da cidade há uma montanha onde mora o dragão, o qual todos os anos exige uma donzela. Se não a tiver arruinará o país inteiro. Já foram sacrificadas todas as donzelas e agora só resta a princesa, e não há outro remédio, ela deve ser entregue amanhã mesmo.

— Mas por que não matam o dragão? — perguntou o caçador.

— Ah — respondeu o hospedeiro —, inúmeros cavaleiros já tentaram

matá-lo, mas todos pagaram com a vida a própria temeridade. O rei chegou a prometer que dará a filha por esposa a quem matar o dragão e ainda por cima o tornará herdeiro do trono.

O caçador ficou calado, mas na manhã seguinte juntou os animais e foram todos à montanha do dragão. Chegando ao alto, viram uma igreja. Sobre o altar havia três taças cheias e, ao lado, a seguinte inscrição: "Quem beber o conteúdo destas três taças, se tornará o homem mais forte do mundo e poderá manejar a espada que está enterrada perto da soleira da porta."

O caçador não quis beber. Saiu e foi procurar a espada enterrada, mas não conseguiu arrancá-la do lugar. Então bebeu o conteúdo das taças e tornou-se tão forte que pôde arrancar a espada e manejá-la com a maior facilidade.

Tendo chegado a hora de entregar a princesa ao dragão, ela vinha acompanhada do pai, do marechal da corte e de todos os cortesãos. De longe ela avistou o caçador no alto da montanha e julgou que fosse o dragão esperando-a. Cheia de terror, ela não queria subir; mas, sabendo que a cidade inteira seria sacrificada se não o fizesse, teve de fazê-lo. O rei e o séquito voltaram para casa muito tristes, deixando o marechal encarregado de observar tudo a certa distância.

Quando a princesa chegou no alto da montanha, não encontrou o dragão, mas sim o jovem caçador. Este animou-a, prometendo salvá-la, conduziu-a para dentro da igreja e fechou a porta. Pouco depois, em meio a grande estrondo, surgiu o dragão de sete cabeças. Ao ver o caçador, perguntou, surpreendido:

— Que estás fazendo aqui na minha montanha?

— Vim para combater com você — respondeu o caçador.

— Sim? Mais de um cavaleiro já deixou a vida aqui, agora farei o mesmo contigo — disse o dragão. E então começou a expelir fogo pelas sete gargantas.

O fogo devia incendiar o capim seco e assim sufocar com as chamas e a fumaça o caçador. Os animais, porém, o ajudaram rapidamente e apagaram o fogo com as patas. Então o monstro investiu contra o caçador, mas este ruidosamente brandiu a espada e cortou-lhe três cabeças. Aí é que o dragão se enfureceu! Empinou-se todo, vomitando chamas e tentando lançar-se contra o caçador. Este tornou a brandir a espada cortando-lhe outras três cabeças. O monstro estava quase desfalecido, mas mesmo assim, tentou nova investida contra o inimigo que, reunindo suas últimas forças, lhe cortou a cauda. Vendo-o já incapaz de sustentar a luta chamou os animais para que

terminassem de o despedaçar. No final da luta, o caçador abriu a porta da igreja e se deparou com a princesa estirada no chão: durante a luta ela havia desmaiado de pavor e de angústia. Ele tomou-a nos braços e levou-a para fora; assim que recuperou os sentidos e abriu os olhos, mostrou-lhe o dragão despedaçado, lhe dizendo que estava completamente livre. Radiante de felicidade, a princesa disse-lhe:

— Tu serás meu esposo bem-amado, porque meu pai assim o prometeu a quem vencesse o dragão.

Depois tirou do pescoço um colar feito de corais e distribuiu uma volta para cada um dos animais como recompensa, cabendo ao leão o fecho, que era de ouro. O lenço, porém, com suas iniciais bordadas, deu-o ao caçador que, cortando as línguas das sete cabeças do dragão, embrulhou-as nele e guardou tudo cuidadosamente.

Feito isso, sentindo-se muito cansado pela luta e pelo fogo, disse à princesa:

— Ambos estamos cansados, vamos dormir um pouco!

Ela concordou e foram deitar-se no chão; o caçador chamou o leão e disse:

— Fica aqui vigiando para que ninguém venha perturbar o nosso sono.

E os dois jovens adormeceram. O leão deitou-se ao lado deles para vigiá-los, mas a luta o havia cansado também. Então, chamou o urso e disse:

— Deita-te perto de mim. Preciso dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, chama-me.

O urso deitou-se perto dele e, como estivesse também cansado, chamou o lobo e disse:

— Deita-te perto de mim. Preciso dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, chama-me.

O lobo deitou-se perto dele e, como estivesse também cansado, chamou a raposa e disse:

— Deita-te perto de mim. Preciso dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, chama-me.

A raposa deitou-se ao lado dele, mas ela também estava cansada, por isso chamou a lebre e disse:

— Deita-te perto de mim. Preciso dormir um pouco. Se acontecer alguma coisa, chama-me.

A lebre deitou-se ao lado, mas, coitadinha, ela também estava cansada e não tinha mais a quem chamar para ficar de guarda e como os outros adormeceu. Assim, todos dormiam: a princesa, o caçador, o leão, o urso, o

lobo, a raposa e a lebre, a sono solto.

Entretanto o marechal, que ficara de longe observando o que se passava, não vendo o dragão voar pelos ares carregando a princesa e vendo tudo quieto na montanha, encheu-se de coragem e subiu até lá para verificar as coisas. Então se deparou com o dragão em mil pedaços no chão e, não muito distante, a princesa com o caçador e todos os animais mergulhados em profundo sono. Sendo ele um indivíduo perverso e invejoso, tirou a espada e cortou a cabeça do caçador; depois pegou na princesa e desceu depressa a montanha. Esta, acordando, sobressaltou-se cheia de medo, mas o marechal disse-lhe:

— Estás nas minhas mãos. Deves dizer que fui eu quem matou o dragão.

— Não posso dizer isso — respondeu ela —, porque foi um caçador com os seus animais que o fizeram.

O marechal brandiu a espada ameaçando matá-la ali mesmo se não lhe obedecesse, e dessa maneira forçou-a a prometer o que ele queria. Depois conduziu-a ao rei, que ao tornar a ver a filha querida sã e salva quando a julgava devorada pelo dragão ficou radiante de alegria. O marechal disse:

— Matei o dragão e libertei a princesa e todo o reino. Agora exijo que ela seja minha esposa, conforme tua promessa.

O rei perguntou à jovem:

— É verdade o que ele afirma?

A princesa respondeu:

— Deve ser verdade, mas me casarei só daqui a um ano e um dia.

Tinha a esperança de saber, durante esse tempo, alguma coisa a respeito do caçador.

Entretanto, na montanha do dragão, os animais continuavam dormindo ao lado do caçador morto, quando chegou uma enorme abelha e foi pousar no nariz da lebre, que enxotou-a com a patinha e continuou dormindo. A abelha voltou outra vez e a lebre de novo a enxotou, sempre dormindo. Ela voltou pela terceira vez e deu-lhe uma ferroada no nariz, despertando-a.

Uma vez acordada, a lebre despertou a raposa, a raposa despertou o lobo, o lobo despertou o urso e o urso despertou o leão. Quando o leão despertou e viu que a jovem havia desaparecido e seu senhor estava morto ali no chão, começou a rugir terrivelmente.

— Quem foi que fez isso? Urso, por que não me acordaste?

O urso perguntou ao lobo:

— Lobo, por que não me acordaste?

O lobo perguntou à raposa:

— Raposa, por que não me acordaste?

A raposa perguntou à lebre:

— Lebre, por que não me acordaste?

E como a lebre não soubesse o que responder, a culpa recaiu inteiramente sobre ela. Os outros todos queriam matá-la, mas ela suplicou:

— Não me mateis, por favor! Eu devolverei a vida ao nosso senhor. Conheço uma montanha na qual cresce uma raiz que, pondo-a apenas na boca, cura qualquer mal e qualquer ferida. Só que essa montanha fica a duzentas horas daqui!

O leão, porém, disse:

— Deves ir e voltar em vinte e quatro horas, e trazer essa raiz.

A lebre saiu correndo com toda a velocidade possível e dentro de vinte e quatro horas estava de volta com a raiz. O leão uniu a cabeça do caçador ao tronco e a lebre esfregou-lhe a raiz na boca. Imediatamente tudo se ajustou. O coração voltou a pulsar e ele voltou a viver. Mas quando despertou e não viu a princesa, o caçador ficou muito triste e pensou: "Abandonou-me enquanto eu dormia, decerto para se livrar de mim."

Na sua aflição, o leão havia colocado a cabeça do caçador ao contrário e este, mergulhado em tristes pensamentos, não se deu conta. Somente ao meio-dia, quando quis comer alguma coisa, percebeu que a cabeça estava em posição errada, isto é, que o rosto estava voltado para o lado de trás. Como não chegasse a compreender a razão disso, perguntou aos animais o que lhe havia acontecido durante o sono.

O leão contou-lhe que, vencidos pelo cansaço, eles também tinham caído no sono e, ao despertarem, deram com ele morto e a cabeça cortada. A lebre fora correndo buscar a raiz da vida e ele, com a pressa de curá-lo, lhe havia colocado a cabeça ao contrário, mas iria já reparar o engano. Arrancou-lhe novamente a cabeça virou-a para o lado certo e a lebre tornou a fixá-la com a raiz.

O caçador, porém, estava muito triste. Andava pelo mundo afora fazendo os animais dançarem para o povo.

Passado um ano, acabou chegando novamente naquela cidade onde havia libertado a princesa das garras do dragão e, desta vez, se deparou com a cidade toda enfeitada de vermelho. Perguntou ao hospedeiro:

— O que significa isto? Há um ano exatamente, encontrei a cidade de luto e hoje vejo-a toda de vermelho. O que está acontecendo?

O hospedeiro respondeu:

— É que no ano passado a filha do nosso rei estava para ser entregue ao dragão. O marechal, porém, matou o dragão num combate horrível e vai receber a recompensa; amanhã ele se casará com a princesa. Portanto, se há um ano a cidade estava de luto, hoje está adornada de vermelho em sinal de alegria.

No dia seguinte, o dia em que se devia realizar o casamento, quando foi almoçar o caçador disse ao hospedeiro:

— Acredita, senhor hospedeiro, que ainda hoje comerei aqui em sua casa o pão que é servido na mesa do rei?

— Sim — disse o hospedeiro —, mas seria capaz também de apostar cem moedas de ouro, que isso não acontecerá.

O caçador topou a aposta, oferecendo a sua bolsa contendo igual quantidade de moedas. Depois chamou a lebre e disse-lhe:

— Vai, meu caro pula-pula, e traze-me um pouco do pão servido na mesa do rei.

Sendo o menor do grupo, o animal não pôde passar o encargo aos outros e teve de ir, mas ia pensando com temor: “Ao verem-me correndo tão sozinha pelas ruas, os cães do açougueiro certamente me perseguirão.” E não se enganou. Aconteceu justamente o que temia: os cães saíram a persegui-la, loucos de vontade de arrancar-lhe a bela pelúcia. Mas o bichinho, em menos tempo do que se pensa, pulou para dentro da guarita de um soldado sem que este o percebesse. Chegaram os cães procurando e farejando. O soldado, porém, que não era para brincadeiras, desandou a espancá-los com a coronha do trabuco, fazendo-os fugir aos berros. Ao certificar-se que o perigo tinha passado, a lebre saiu e correu para o castelo, onde foi meter-se debaixo da cadeira da princesa e cuidadosamente lhe arranhou o pé.

— Sai daí! — disse a princesa, achando que fosse o seu cãozinho.

Mas a lebre não queria ser confundida e arranhou-lhe o pé pela segunda vez.

— Sai daí! — repetiu a princesa, sempre na sua suposição.

Mas a lebre não queria ser confundida e arranhou-lhe o pé pela terceira vez. Então a princesa baixou os olhos e, pela coleirinha, reconheceu a lebre. Pegou-a nos braços e levou-a para o quarto, lá perguntou:

— Lebre querida, que desejas?

A lebre respondeu:

— Meu senhor, aquele que matou o dragão, está aqui e mandou-me pedir

um pão daquele servido na mesa do rei.

Radiante de alegria, a princesa mandou chamar o padeiro e ordenou-lhe que lhe trouxesse um dos pães servidos na mesa do rei. A lebre, então, disse:

— O padeiro tem de levá-lo para mim, assim os cachorros não me farão nada pelo caminho.

O padeiro levou-a até à porta da hospedaria; aí a lebre levantou-se nas patas traseiras e com as dianteiras pegou o pão e levou-o correndo ao amo, que disse:

— Vê, senhor hospedeiro? Aqui está o pão. As cem moedas de ouro são minhas!

O hospedeiro ficou admiradíssimo, enquanto que o caçador ia dizendo:

— Sim, senhor, já tenho o pão; agora, porém, desejo também o assado que é servido ao rei.

— Gostaria de saber como o conseguirá! — disse o hospedeiro, mas não ousou mais apostar.

O caçador chamou a raposa e disse-lhe:

— Minha raposinha ruiva, vai buscar-me um pedaço do assado que é servido na mesa do rei.

Pelo Ruivo, que era muito sabida, saiu andando com cautela, sem dar na vista, conseguindo passar despercebida pelos cães. Chegando ao castelo, meteu-se debaixo da cadeira da princesa e arranhou-lhe levemente o pé; ela abaixou os olhos e, pela coleira, reconheceu a raposa. Levou-a para o quarto e perguntou:

— Querida raposinha, que desejas?

A raposa respondeu:

— Meu senhor, aquele que matou o dragão, está aqui e manda-me pedir um pouco do assado que é servido na mesa do rei.

A princesa mandou chamar o cozinheiro e ordenou que trouxesse um pedaço do assado da mesa do rei e fosse com a raposa levá-lo à hospedaria, mas esta pegou o prato, com a cauda enxotou as moscas pousadas na carne e, em seguida, levou-o ao caçador, que disse:

— Vê, senhor hospedeiro? Já temos pão e carne. Agora quero também a verdura que é servida ao rei.

Chamou o lobo e disse-lhe:

— Querido lobo, vai buscar-me um pouco de verdura, daquela preparada para o rei.

O lobo, que não tinha medo de ninguém, deu uma corrida ao castelo e

entrando na sala onde se encontrava a princesa puxou-lhe o vestido, chamando sua atenção. Esta logo o reconheceu pela coleira, levou-o ao quarto e perguntou:

— Querido lobo, que desejas?

O lobo respondeu:

— Meu senhor, aquele que matou o dragão, está aqui e manda-me pedir um pouco de verdura, daquela servida ao rei.

Ela mandou chamar o cozinheiro, ordenou que arranjasse um pouco da verdura servida ao rei e a levasse até à porta da hospedaria; depois o lobo pegou o prato e levou-o ao caçador, que disse:

— Vê, senhor hospedeiro? Aqui temos pão, carne e verdura, mas agora desejo também a sobremesa feita para o rei.

Chamou o urso e disse-lhe:

— Querido urso, bem sei que gostas de lambiscar alguma guloseima: vai ao castelo buscar um doce, dos que são servidos ao rei.

O urso saiu trotando para o castelo e todo mundo o evitava. Ao chegar no portão os soldados apontaram suas armas, tentando impedir-lhe a entrada do castelo. O urso então ficou de pé nas patas traseiras e com suas patas enormes distribuiu uns bons sopapos à direita e à esquerda, fazendo os guardas ficarem de pernas para o ar. Depois foi diretamente onde se encontrava a princesa, deteve-se atrás dela rosnando a fim de chamar-lhe a atenção. Ela voltou-se, reconheceu o urso pela coleira e levou-o ao quarto, perguntando:

— Querido urso, que desejas?

— Meu amo, aquele que matou o dragão, está aqui e manda-me pedir um doce dos que são servidos ao rei.

Ela chamou o doceiro, ordenou que desse ao urso um doce da mesa do rei e o levasse até à hospedaria. O urso lambeu os confeitos que tinham caído, depois ergueu-se nas patas traseiras, pegou o prato e levou-o ao seu amo, que disse:

— Vê, senhor hospedeiro? Já temos pão, carne, verdura e sobremesa, mas também quero um pouco de vinho que o rei bebe.

Chamou o leão e disse:

— Querido leão, sei que um golinho te agrada bastante; vai ao castelo buscar um pouco do vinho que o rei bebe.

O leão atravessou majestosamente as ruas e o povo fugia dele. Quando chegou ao portão, os soldados queriam atirar nele, mas bastou um simples rugido para pô-los todos em fuga. Aí foi à sala do trono e com a cauda bateu

à porta. Saiu a princesa que ao vê-lo quase desmaiou de susto, mas, reconhecendo-o pelo fecho de ouro do seu colar, chamou-o para o quarto e perguntou:

— Querido leão, que desejas?

— Meu amo, aquele que matou o dragão, está aqui e manda-me pedir um pouco daquele vinho que o rei bebe.

Ela mandou chamar o copeiro e ordenou-lhe que desse ao leão um pouco do vinho especial do rei, mas o leão disse:

— É melhor eu descer junto para ver se me dá realmente o certo.

Desceu com o copeiro. Chegando à adega, este quis lhe dar o vinho que serviam aos criados. O leão, porém, disse-lhe:

— Alto lá! Antes quero prová-lo.

Encheu uma panela bem grande, bebeu de um trago e disse:

— Não, este não é bom.

O copeiro lançou-lhe um olhar de esguelha e foi buscar do barril que se servia ao marechal.

— Alto lá! — disse o leão. — Quero prová-lo antes.

Encheu novamente a panela e bebeu de um trago.

— Este já é melhor, mas ainda não é do que eu quero.

Então o copeiro irritou-se e disse:

— O que pode entender de vinhos este animal estupido?

O estúpido animal deu-lhe um pescoção que o fez rolar ao chão ridiculamente. Levantando-se, o copeiro, sem mais conversa, levou-o a uma pequena adega separada, onde guardavam o vinho destinado unicamente ao rei. O leão encheu a panela e provou-o, dizendo:

— Este é do bom — e ordenou ao copeiro que lhe enchesse seis garrafas.

Depois subiram, mas, ao sair da adega para o ar livre, o leão cambaleava um pouco, e assim o copeiro teve de levar o vinho até à hospedaria. Lá chegando, o leão pegou a alça do cestinho na boca e foi levá-lo ao seu senhor, que disse:

— Vê, senhor hospedeiro? Já tenho tudo, pão, carne, verdura, sobremesa e vinho, exatamente igual ao rei; agora posso almoçar, juntamente com os meus animais.

Sentou-se à mesa, comeu e bebeu, dando de tudo aos seus animais; e sentia-se muito feliz porque tinha a certeza de que a filha do rei ainda o amava. Quando terminou de comer, disse:

— Senhor hospedeiro, comi e bebi exatamente como rei. Agora vou ao

castelo e me casarei com a princesa.
O hospedeiro atônito perguntou:
— Como é possível? Pois ela já tem noivo e o casamento vai realizar-se hoje mesmo!
O caçador tirou do bolso o lenço que recebera da princesa na montanha do dragão e, mostrando as sete línguas embrulhadas nele, disse:
— Isto vai me ajudar!
O hospedeiro olhou para o lenço e exclamou:
— Poderei acreditar em tudo, mas não nisso. Aposto todos os meus bens como não o conseguirá.
O caçador colocou sobre a mesa a sua bolsa contendo mil moedas de ouro, dizendo:
— E eu aposto isso contra os seus bens.
Enquanto isso, à mesa real, durante o banquete, o rei perguntou à sua filha:
— O que queriam de ti todos aqueles animais que vi entrar e sair do castelo?
Ela respondeu:
— Por ora não posso contar; mande buscar o dono deles e te direi tudo.
O rei mandou um criado à hospedaria convidar o caçador. O criado chegou lá justamente no momento em que faziam a aposta.
— Está vendo, senhor hospedeiro? O rei manda o criado convidar-me. Eu, porém, não irei ainda.
Dirigindo-se ao criado, disse-lhe:
— Peço que o rei me mande trajes reais, uma carruagem com seis cavalos e criados à minha disposição.
Quando foi transmitido esse recado ao rei, ele perguntou à filha:
— Que devo fazer?
— Mande buscá-lo como deseja — disse ela — e fará bem.
O rei então enviou-lhe os trajes reais, a carruagem puxada por seis cavalos e os criados para o servir. Vendo-os chegar, o caçador disse:
— Vê, senhor hospedeiro? Eles vêm buscar-me conforme pedi.
Depois vestiu os trajes reais, pegou o lenço contendo as línguas do dragão e foi encontra o rei. O rei, vendo que o rapaz chegava, perguntou à filha:
— Como devo recebê-lo?
— Vá ao seu encontro — respondeu ela — e fará bem.
O rei foi recebê-lo e o convidou a entrar com todos os animais. Fez o rapaz sentar-se perto dele e da filha. O marechal, que na qualidade de noivo estava

sentado no outro lado, não o reconheceu. Justamente nesse momento foram expostas as sete cabeças do dragão e o rei falou:

— Foi o marechal quem as cortou, por isso hoje dou-lhe minha filha por esposa.

O caçador levantou-se, abriu as sete bocas e disse:

— Onde estão as sete línguas do dragão?

O marechal perturbou-se todo, empalideceu e não soube o que responder. Tremendo de medo, acabou por dizer:

— Os dragões não têm línguas.

O caçador respondeu:

— Os mentirosos é que não deveriam tê-la, mas as línguas dos dragões são os troféus do vencedor.

Assim dizendo, desembrulhou o lenço, tirando as sete línguas, depois colocou em cada boca a sua própria e todas se ajustaram perfeitamente bem. Em seguida mostrou à princesa o lenço com as iniciais bordadas que lhe dera na montanha e perguntou-lhe a quem ela o tinha dado. Ela respondeu, sem hesitar:

— Dei-o a quem matou o dragão.

O caçador chamou todos os animais e tirou a coleira de cada um. Do leão tirou o fecho de ouro e mostrou-os à princesa, perguntando de quem eram. Ela respondeu logo:

— São meus. Reparti meu colar entre os animais que ajudaram a vencer o dragão.

O caçador, então, disse:

— Enquanto eu estava dormindo, exausto pela luta travada com o dragão, o marechal aproveitou para cortar-me a cabeça. Depois levou consigo a princesa e, mentindo, afirmou ter matado o dragão. E posso provar que mentiu, pois as sete línguas, o lenço e o colar estão comigo.

Em seguida, narrou detalhadamente a história, contando como os animais o haviam curado do ferimento com uma raiz milagrosa, depois foi andando com eles de cidade em cidade durante um ano e por fim acabara voltando ali e por intermédio do hospedeiro viera a saber da traição do marechal. O rei então perguntou à filha:

— É verdade o que esse homem diz? Que matou o dragão?

— Sim, é verdade — respondeu ela. — Agora posso revelar a infâmia do marechal. Agora que essa mentira veio à luz e não por meu intermédio, pois ele tinha me exigido a promessa de silenciar. Foi por isso que pedi uma

demora de um ano e um dia para celebrar o casamento.

O rei mandou chamar doze conselheiros para que julgassem o marechal e eles sentenciaram que este devia ser esquartejado por duas juntas de bois. Assim o marechal foi executado e o rei deu a filha ao caçador e ao mesmo tempo nomeou-o vice-rei do país. O casamento foi celebrado com grandes festas e o jovem vice-rei mandou buscar seu pai legítimo e seu pai adotivo e os encheu de tesouros. Não esqueceu também o hospedeiro, mandou chamá-lo e disse:

— Vê, senhor hospedeiro, casei-me com a princesa! Todos os vossos bens pertencem-me!

— Sim — disse o hospedeiro —, acho perfeitamente justo.

Mas o jovem vice-rei disse:

— Eu, porém, desisto da aposta. Deixo-vos os vossos bens e ainda por cima dou-vos as mil moedas de ouro.

O jovem vice-rei e a jovem vice-rainha viviam muito felizes e contentes. Ele ia com frequência à caça, seu divertimento preferido, e os animais o acompanhavam sempre.

Porém, existia perto dali uma floresta, que diziam ser encantada. Se alguém entrasse lá, dificilmente conseguiria sair. O jovem vice-rei, entretanto, morria de vontade de caçar naquela floresta e não deu paz ao velho rei enquanto não obteve permissão para ir. Finalmente teve a permissão, montou um belo cavalo e saiu acompanhado por numeroso séquito e quando chegou à floresta avistou uma bela corça branca como a neve. Então disse:

— Esperai-me aqui até eu voltar. Vou caçar aquele belo animal.

Perseguiu o animal pela floresta adentro, acompanhado tão somente pelos seus animais. O séquito ficou à sua espera até ao cair da tarde. Depois, vendo que ele não voltava, regressou ao castelo e os cortesãos contaram à vice-rainha que ele tinha se perdido na floresta encantada em perseguição da bela corça branca e, até àquela hora, não tinha voltado.

A vice-rainha ficou muito apreensiva e preocupada. Entretanto, o jovem rei continuou a galopar atrás da corça sem conseguir alcançá-la. Quando pensava que a tinha ao alcance do tiro via que ela já ia correndo longe, e assim foi indo até que ela desapareceu completamente. Então, percebendo que tinha se embrenhado até o fundo da floresta, tocou sua trompa de caça, mas não obteve resposta.

Caiu a noite, e por aquele dia não poderia voltar à casa. Então, desceu do

cavalo, acendeu uma fogueira debaixo de uma árvore, disposto a passar ali a noite. Estando junto do fogo, tendo os animais deitados perto dele, pareceu-lhe ouvir uma voz humana. Olhou para um lado e para outro, mas não descobriu ninguém. Dali a pouco ouviu distintamente um gemido que vinha do alto. Ergueu os olhos e viu uma velha sentada num galho da árvore, choramingando:

— Ui, ui, que frio faz aqui!

— Desce — disse-lhe ele — e vem aquecer-te junto do fogo, se tens frio!

— Não, os teus bichos me morderão — replicou ela.

— Não te farão nada, senhora, desce daí.

— Vou jogar-te daqui esta varinha, toca com ela o dorso dos animais e eles não me morderão.

Jogou-lhe a varinha, o moço mal tocou o dorso dos animais e no mesmo instante todos quedaram imobilizados e petrificados. A bruxa já não tinha medo, desceu da árvore e tocou o moço também com a varinha; este logo se transformou em pedra. Então, rindo sinistramente, arrastou todos para dentro de um fosso onde se achavam muitas outras pedras da mesma espécie.

E o jovem rei nada de voltar para casa. O medo e a apreensão da rainha aumentavam cada vez mais.

Deu-se o caso que justamente quando ocorriam essas coisas, chegou ao reino o outro irmão, o qual, na separação, seguira para o oriente.

Tinha procurado emprego em toda parte e, não conseguindo encontrar nada, passou a vagar de cidade em cidade, fazendo os animais dançarem em praças públicas. Um belo dia lembrou-se do irmão e foi verificar o facão espetado na árvore da encruzilhada a fim de saber como estava passando. Viu que do lado que pertencia ao irmão a lâmina estava metade enferrujada e metade brilhante. Muito assustado, pensou: “Deve ter acontecido alguma desgraça a meu irmão. Quem sabe se ainda o poderei salvar, pois a lâmina continua metade sem ferrugem.”

Seguiu com os animais para ocidente e, chegando à cidade, uma sentinela lhe perguntou se queria que fosse avisar a vice-rainha de sua volta, pois ela fazia dias se encontrava na maior aflição por causa de sua ausência e receava que tivesse perecido na floresta encantada.

A sentinela acreditava realmente que esse era o jovem vice-rei em pessoa, tal era a semelhança entre os dois irmãos; além disso, este também vinha acompanhado com os mesmos animais e isso confirmava a suposição.

O moço logo percebeu que se tratava do irmão e pensou: “Acho melhor

fingir que sou ele, assim poderei descobrir mais facilmente o jeito de salvá-lo." Deixou-se acompanhar pela sentinela até ao palácio, onde foi recebido com grande alegria.

A vice-rainha, acreditando que tinha o marido em sua presença, perguntou-lhe por que demorou tanto a voltar. Ele respondeu-lhe:

— Perdi-me na floresta, por isso não consegui voltar antes.

À noite, conduziram-no ao quarto da vice-rainha, mas quando deitou na cama, colocou entre ambos uma espada de dois gumes. Ela não entendeu a razão disso, mas não ousou fazer perguntas.

O moço passou alguns dias no castelo, informando-se de tudo acerca do irmão e da floresta encantada. Por fim disse:

— Quero ir outra vez caçar na floresta.

O rei e a jovem vice-rainha tentaram dissuadi-lo, mas ele insistiu e acabou indo, fazendo-se acompanhar de numeroso séquito. Ao chegar lá, repetiu-se tudo o que havia acontecido ao irmão. Viu a corça branca e disse aos seus homens:

— Esperai-me aqui até eu voltar. Quero caçar aquele belo animal.

Entrou na floresta, seguido de seus animais. Mas não conseguiu apanhar a corça e embrenhou-se tão profundamente que foi obrigado a passar a noite lá. Acendeu uma fogueira debaixo de uma árvore e ouviu um gemido vindo do alto.

— Ui, ui, que frio faz aqui!

— Se tens frio, senhora, desce e vem aquecer-te junto do fogo.

Ela respondeu-lhe:

— Não, os teus animais me morderão.

— Não te farão nada — retorquiu ele.

Ela, então, gritou:

— Vou jogar-te esta varinha, toca com ela o dorso dos animais e eles não me morderão.

Mas o caçador desconfiou de suas palavras.

— Não tocarei nos meus animais. Desce já, se não irei buscar-te.

— Que pensas? — gritou ela. — Tu não me podes fazer nada!

— Se não desceres, atiro! — disse ele.

— Podes atirar, não tenho medo das tuas balas.

Ele atirou, mas a bruxa nem se feriu. Soltou uma estridente gargalhada e gritou:

— Nunca me acertarás!

O caçador porém era sabido. Arrancou do blusão três botões de prata e com eles carregou a espingarda, porque sabia que a arte da bruxa não podia contra a prata; depois atirou e ela despencou da árvore aos berros. Ele pôs um pé em cima dela e disse:

— Velha bruxa, se não confessares imediatamente onde está meu irmão, agarro-te com estas mãos e te jogo na fogueira.

Aterrorizada, ela pediu misericórdia:

— Ele está num fosso, com todos os animais transformado em pedra.

O moço obrigou-a a levá-lo até o fosso e lá, ameaçando-a, disse:

— Velha, devolve a vida a meu irmão e a todos os que estão aí dentro, se não queres ir parar na fogueira.

Ela pegou da varinha mágica e bateu nas pedras. Então o jovem rei e os animais ressuscitaram, assim como as outras pessoas: mercadores, artesãos e pastores, que se levantaram e, depois de agradecer o seu libertador, regressaram às próprias casas.

Os dois gêmeos se abraçaram e beijaram-se comovidos. Em seguida, pegaram a velha bruxa, amarraram-na e jogaram-na dentro da fogueira. Assim que ela ficou reduzida a cinzas, a floresta clareou-se e ficou tão luminosa que se podia ver o castelo a uma distância de três horas.

Os dois irmãos voltaram para casa juntos e pelo caminho cada qual contou as próprias aventuras. Quando o mais novo contou que era vice-rei da região, o outro disse:

— Eu logo o percebi, porque, quando cheguei às portas da cidade, confundiram-me contigo e me trataram com todas as honras reais. A jovem vice-rainha também acreditou que eu fosse seu marido, por isso tive de comer ao lado dela e dormir na sua cama.

Ao ouvir isso, o irmão, enciumado e enraivecido, desembainhou a espada e degolou o outro. Quando, porém, o viu morto e seu sangue rubro escorrendo, arrependeu-se amargamente.

— Meu irmão salvou-me a vida — chorava e lastimava-se ele —, e eu, em troca disso, matei-o.

A lebre ouviu os lamentos dolorosos, e então ofereceu-se para ir buscar a raiz milagrosa. Saiu correndo, velozmente, e voltou ainda a tempo, com a raiz. O morto ressuscitou e não percebeu o ferimento. Depois continuaram o caminho e o mais novo disse:

— Tu tens a minha aparência, vestes como eu trajes reais, e teus animais seguem-te como os meus a mim. Vamos entrar por portas opostas e chegar

juntos à presença do rei.

Separaram-se e apresentaram-se ao mesmo tempo às sentinelas de uma e da outra porta para que fossem anunciar a volta do jovem vice-rei com seus animais.

— Mas como é possível isso? — exclamou o rei. — As portas são muito distantes uma da outra.

Entretanto, os dois irmãos entraram ao mesmo tempo, de lados opostos, na sala do castelo. O rei então perguntou à sua filha:

— Diga-me, qual dos dois é teu marido? São tão parecidos que não consigo distingui-los.

Ela, confusa, não sabia o que responder. Lembrou-se então do colar que havia dado aos animais, olhou bem e viu o fecho de ouro num dos leões, então exclamou:

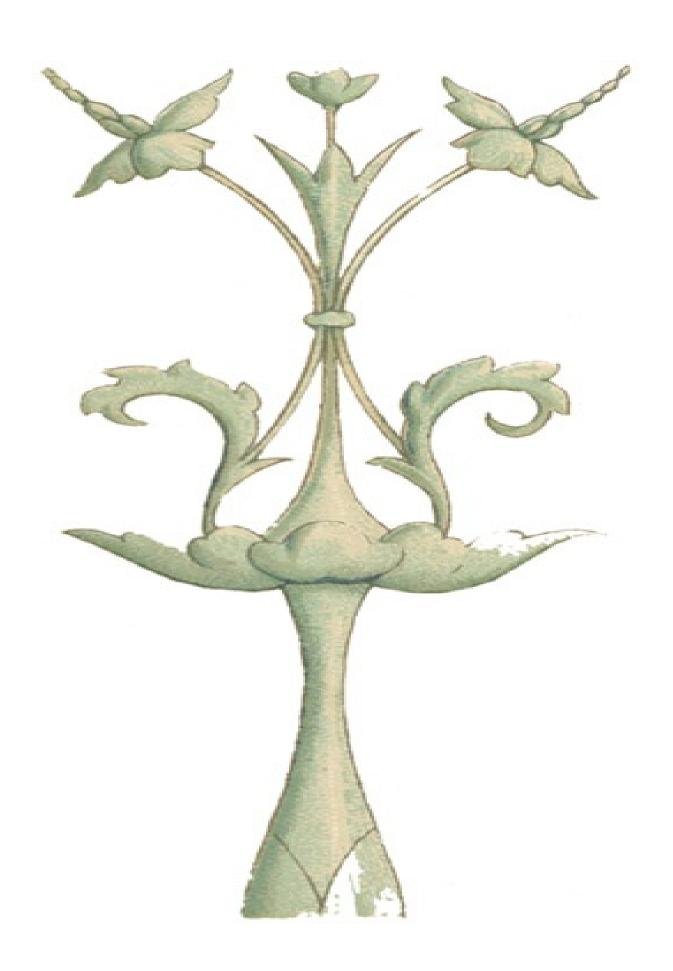
— Aquele a quem este leão seguir, é o meu marido.

O jovem vice-rei pôs-se a rir e disse:

— Sim, esse é o teu marido verdadeiro.

Depois sentaram-se todos juntos à mesa, comeram, beberam e divertiram-se alegremente. À noite, quando foram deitar-se, à rainha perguntou ao jovem vice-rei:

— Por que, nas noites passadas, colocaste sempre uma espada de dois gumes entre nós? Pensei que quisesses matar-me!

Então, o jovem rei compreendeu como o irmão lhe fora fiel.

O fuso, a lançadeira[4] e a agulha

Era uma vez uma moça que perdeu os pais ainda criança. Sua madrinha, que era muito boa, morava sozinha em uma pequena casa humilde da aldeia e lá passava a vida fiando, tecendo e cosendo. A velha trouxe para junto de si a pobre criança abandonada, ensinou-a a trabalhar e educou-a para viver com amor no coração.

Quando a jovem chegou aos quinze anos, a madrinha caiu doente e chamando-a junto da cama disse-lhe:

— Minha querida filha, sinto que meu fim se aproximar. Deixo-te a casinha, que te abrigará do vento e da chuva. Deixo-te também o meu fuso, a minha lançadeira e a minha agulha a fim de que possas ganhar honestamente o pão de cada dia.

Depois colocou a mão sobre a cabeça da moça e abençoou-a, dizendo:

— Conserva sempre Deus no teu coração e serás feliz.

Em seguida seus olhos se fecharam. Quando a levaram para o cemitério a afilhada acompanhou o enterro e chorando muito prestou-lhe as últimas homenagens.

Desde esse dia a moça viveu sozinha na pequena casa, dedicando-se a fiar, a tecer e a coser com grande dedicação. Todo o seu trabalho tinha as bênçãos da boa velha.

Parecia até que o linho se multiplicava naquela casa, pois à medida que tecia uma peça de pano ou um tapete, ou então que fazia uma camisa, logo se apresentava um comprador que as pagava generosamente, de modo que ela não só estava livre de preocupações, mas ainda podia ajudar os pobres.

Por esse tempo, o filho do rei percorria o país à procura de uma esposa. Não podia escolher uma pobre e não queria uma rica.

— Casarei com aquela que for, ao mesmo tempo, a mais pobre e a mais rica — dizia ele.

Chegando casualmente à aldeia em que habitava a moça, perguntou aos moradores quem era a moça mais pobre e a mais rica do lugar.

Em primeiro lugar lhe mostraram a mais rica. Quanto à mais pobre, era a jovem que habitava na casinha isolada, no extremo da aldeia.

Quando o príncipe passou pela rua principal, a mais rica estava sentada à porta de sua residência, muito bem-vestida e enfeitada. Assim que o viu aproximar-se foi-lhe ao encontro, fazendo uma graciosa reverência.

O príncipe olhou para ela, fez uma inclinação de cabeça e, sem dizer palavra, continuou o caminho. Chegou à casa da jovem pobre. Esta não estava à porta para ver o príncipe, mas sim dentro de sua casinha. O filho do rei fez deter o cavalo e através da janela cheia de sol viu a moça sentada diante da roca, fiando ativamente.

Ela ergueu os olhos e ao perceber o príncipe olhando para dentro da casa corou e baixando os olhos muito confusa continuou a trabalhar. Não é possível saber-se se o fio dessa vez saiu bem igual, mas ela continuou assim mesmo, até que o príncipe se afastou.

Assim que ele se foi, correu a abrir a janela, murmurando: “Como faz calor nesta sala!” e seguiu com o olhar enquanto pôde ver ainda as plumas brancas do seu chapéu.

Depois, voltou novamente para o seu lugar e continuou a fiar. Nisto, veio-lhe à memória o estribilho de uma canção que a velha às vezes cantava quando estava trabalhando, e ela pôs-se a cantá-la à meia-voz:

— Fuso, meu fuso, anda apressado,
Traz para casa o meu bem-amado…

E o que aconteceu? Imediatamente o fuso saltou-lhe das mãos e saiu para a rua. Ela se levantou espantada e seguiu-o com a vista. Viu que ele corria pelos campos, dançando alegremente, deixando atrás de si um reluzente fio de ouro. A moça acabou o perdendo de vista e, não tendo mais o fuso, ela pegou na lançadeira e se pôs a tecer.

O fuso, sempre bailando, continuou a corrida sempre para mais longe e justamente quando o fio estava a acabar ele alcançou o príncipe.

— O que vejo?! — exclamou o príncipe admirado. — Certamente este fuso quer-me conduzir a algum lugar!

Voltou o cavalo e seguiu o fio de ouro.

Entretanto, a moça continuava o trabalho e cantava:

— Tece, minha lançadeira, a roupa fininha,
e traze meu bem-amado a esta casinha…

Imediatamente a lançadeira fugiu-lhe das mãos e saiu pela porta. Mas no limiar desta começou a tecer um tapete tão fino e maravilhoso como nunca se vira igual no mundo.

As barras eram bordadas de rosas e lírios e ao centro, num fundo de ouro, destacavam-se árvores verdes, entre as quais pulavam lebres, coelhos, veados e cabritos monteses. No alto dos galhos empoleiravam-se aves multicores, às

quais só faltava cantar. A lançadeira continuava a correr de lá para cá e a obra avançava maravilhosamente.

Como a lançadeira tinha fugido, a moça começou a costurar com a agulha na mão e a cantar:

— Agulha, linda agulhinha,
Para o bem-amado, arruma a casinha…

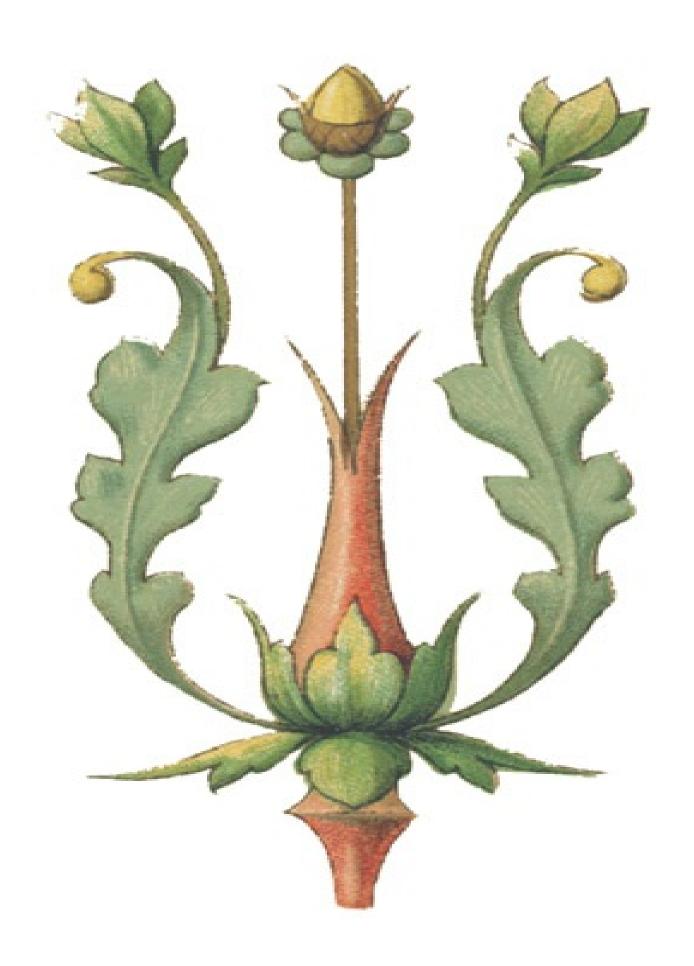
Mal o disse, a agulha escapou-lhe dos dedos e saiu a correr pela casa, veloz como um raio.

E era como se estivessem a trabalhar inúmeros fantasmas; a casa ficou logo arrumadinha. A mesa e os bancos cobriram-se de belos panos verdes, as cadeiras cobriram-se de veludo e nas janelas pendiam cortinas de seda.

Logo que a agulha deu o último ponto, a moça avistou pela janela as plumas brancas do chapéu do príncipe, conduzido até ali pelo fio de ouro. Ele entrou na casa, passando sobre o tapete e ao entrar na sala viu a jovem vestida com roupas humildes, mas tão brilhante como uma rosa na roseira.

— Tu és, realmente, a mais pobre e a mais rica! — disse-lhe o príncipe. — Vem comigo e serás minha esposa.

Sem dizer nada ela estendeu-lhe a mão gentilmente. Ele, então, curvou-se e beijou-a. Depois, levou-a para o castelo, onde se celebrou o casamento com grande brilho e esplendor.

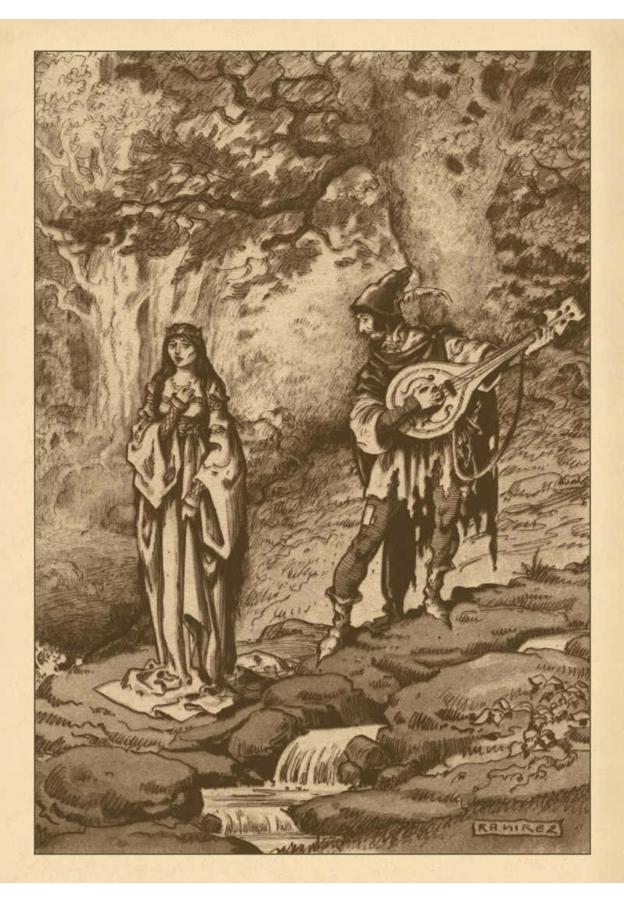
O fuso, a lançadeira e a agulha foram preciosamente conservados no tesouro real e tratados com todas as honras.

Nota

4 *Peça do tear que faz passar os fios pela trama.*

O rei Barba de Tordo[5]

Era uma vez um rei que tinha uma filha de uma beleza extraordinária, mas tão orgulhosa que pretendente algum lhe parecia digno dela. Rejeitava-os todos, um após outro e ainda por cima ria da cara deles.

Certo dia, o rei organizou uma grande festa e convidou todos os homens que desejassem casar das regiões vizinhas às mais distantes. Foram colocados todos em fila, de acordo com as próprias categorias e nobreza: primeiro os reis, depois os duques, os príncipes, os condes, os barões e, por fim, os simples fidalgos. Em seguida, fizeram a princesa passar em revista a fila dos candidatos, mas ela criticou um por um, em todos encontrando defeitos. Um era muito gordo:

— Que pipa! — dizia. O outro muito comprido: — Comprido e fino não dá destino! — O terceiro era muito pequeno: — Gordo e baixo graça não acho. — O quarto era pálido: — A morte pálida! — O quinto muito corado: — Peru de roda. — O sexto não era muito direito: — Lenha verde secada atrás do forno. — e assim por diante. Colocava defeitos em todos, mas especialmente divertiu-se a rir de um bom rei que estava na primeira fila, o qual tinha o queixo um tanto torto.

— Ah — exclamou, rindo a valer —, esse tem o queixo igual ao bico de um tordo.

E daí por diante, o pobre rei ficou com o apelido de Barba de Tordo. Mas o velho rei, ao ver a filha caçoar do próximo e desprezar todos os pretendentes lá reunidos, se enfureceu, e jurou que a obrigaria a casar-se com o primeiro mendigo que aparecesse à sua porta.

Decorridos alguns dias, um músico de rua parou sob a janela, cantando para ganhar uma esmola. Ouvindo-o, o rei disse:

— Mandai-o entrar.

O músico entrou, vestido de trapos imundos, cantou na presença do rei e da filha e, quando terminou, pediu-lhes uma esmola. O rei disse-lhe:

— Tua canção agradou-me tanto que vou dar-te minha filha em casamento.

A princesa ficou horrorizada, mas o rei disse:

— Jurei que te daria ao primeiro mendigo que aparecesse e cumprirei meu juramento.

De nada valeram os protestos e as lágrimas. Foram chamar o padre e ela teve de casar-se com o músico. Depois do casamento, o rei disse-lhe:

— Não é lógico que a mulher de um mendigo fique morando no palácio real, portanto, deves seguir teu marido.

O mendigo saiu levando-a pela mão, e assim ela teve de caminhar a pé, ao lado dele. Chegaram a uma grande floresta e então ela perguntou:

— A quem pertence esta bela floresta?
— Pertence ao rei Barba de Tordo.
Se o tivesses escolhido, pertenceria a ti.
— Ah! como fui tola, meu bem,
Porque não quis o Rei
Que Barba de Tordo tem!

Depois atravessaram um belo prado verdejante e ela novamente perguntou:

— A quem pertence este belo prado?
— Pertence ao rei Barba de Tordo.
Se o tivesses escolhido, pertenceria a ti.
— Ah! como fui tola, meu bem,
Porque não quis o Rei
Que Barba de Tordo tem!

Mais tarde chegaram a uma grande cidade e ela perguntou mais, uma vez:

— A quem pertence esta grande e bela cidade?
— Pertence ao Rei Barba de Tordo.
Se o tivesses escolhido, pertenceria a ti.
— Ah! como fui tola, meu bem,
Porque não quis o Rei
Que Barba de Tordo tem!

O músico então disse:
— Não me agrada nada ouvir suas lamentações! Achas que não sou digno

de ti?

Finalmente chegaram a uma pobre casinha pequenina e ela disse:

— Ah! meu Deus, que casinha pequenina
A quem pertence a pobrezinha?

O músico respondeu:

— É a minha casa e a tua, aqui residiremos juntos.

A porta era tão baixa que para entrar a princesa teve de curvar-se.

— Onde estão os criados? — perguntou ela.

— Criados?! — respondeu o mendigo. — Você que cuidará da casa. Acende logo o fogo, põe água para ferver e prepara o jantar! Eu estou muito cansado e quase morto de fome.

Mas a princesa não sabia acender o fogo, e nem serviço algum de cozinha, e o mendigo teve de ajudá-la se queria ter algo para comer. Depois de engolir a mísera comida, foram deitar-se. Na manhã seguinte, logo cedo, ele tirou-a da cama para que arrumasse a casa. E assim viveram, pobre e honestamente, vários dias até acabar a comida. Então, o marido disse:

— Mulher, não podemos continuar assim, sem ganhar dinheiro. Tu deves tecer cestos.

Ela saiu para cortar juncos e começou a tecê-los, mas os juncos muito duros feriam-lhe as mãos delicadas.

— Vejo que isso não vai dar certo — disse o homem. — É melhor que fies! Talvez consigas fazer algo.

Ela sentou-se e tentou fiar, mas o fio duro cortou-lhe logo os dedos finos até escorrer sangue.

— Vês — disse o marido —, não sabes fazer coisa alguma, contigo fiz mau negócio. Vou tentar o comércio de panelas e potes de barro: tu poderás vendê-los no mercado.

“Ah!” pensou ela “se alguém do meu reino me vir no mercado, sentada vendendo panelas, como irá rir de mim!”

Mas não tinha remédio, ela foi obrigada a ir, se não quisesse morrer de fome. Da primeira vez, tudo correu bem. Porque era muito bonita a gente que ia ao mercado comprava satisfeita a mercadoria e pagava o que exigia. Muitos, aliás, davam-lhe o dinheiro e não levavam objeto algum. Com o lucro obtido viveram até que se acabou. Depois o homem adquiriu novo estoque de pratos. Ela foi ao mercado, sentou-se num canto e expôs a mercadoria. De repente, porém, chegou um soldado bêbado, atirando o cavalo no meio da louça e quebrando tudo em mil pedaços. Ela desatou a chorar e na sua aflição não sabia o que fazer.

— Ah, que será de mim! — exclamava entre lágrimas. — Que dirá meu marido?

Correu para casa e contou-lhe o que aconteceu.

— Mas, quem é que vai sentar-se no canto do mercado com louça de barro! — disse ele. — Deixa de choro, pois já vi que não serves para nada. Por isso estive no castelo do nosso rei e perguntei se não precisavam de uma criada para a cozinha. Prometeram-me te aceitar, em troca terás a comida.

Assim a princesa tornou-se criada de cozinha. Era obrigada a ajudar o cozinheiro e a fazer todo o trabalho mais pesado. Em cada bolso, trazia uma panelinha para levar os restos de comida para casa e era com o que viviam.

Ora, aconteceu que iam celebrar o casamento do filho primogênito do rei e a pobre mulher subiu pela escadaria e foi até a porta do salão para ver o casamento. Quando se acenderam as luzes e os convidados entraram, um era mais bonito que o outro; em meio a tanto luxo e esplendor ela pensava, tristemente, no seu destino e amaldiçoava o orgulho e a arrogância que a haviam humilhado e lançado naquela miséria.

De quando em quando os criados atiravam-lhe alguma migalha dos salgadinhos que iam levando de um lado para outro, e cujo perfume chegava ao seu nariz. Ela apanhava-as e guardava-as nas panelinhas para levá-las para casa. De repente, entrou o príncipe, todo vestido de seda e veludo, com lindas correntes de ouro em volta do pescoço. Quando viu a linda mulher ali parada na porta, pegou-lhe a mão querendo dançar com ela, mas ela recusou espantada, pois reconhecera nele o rei Barba de Tordo, o pretendente que havia repelido. Mas sua recusa foi inútil, ele atraiu-a para dentro da sala. Nisso rompeu-se o cordão que prendia os bolsos e caíram todas as panelinhas, esparramando-se a sopa e os restos de comida pelo chão. À vista

disso, caíram todos na gargalhada, zombando dela. Ela sentiu tal vergonha que desejou estar a mil léguas de distância. Saiu correndo para a porta, tentando fugir dali, mas um homem alcançou-a na escadaria e a fez voltar novamente para a sala. Ela olhou para ele e viu que era novamente o rei Barba de Tordo, o qual gentilmente lhe disse:

— Nada temas, eu e o músico que morava contigo no pequeno casebre somos a mesma pessoa. Por amor a ti disfarcei-me assim, e sou, também, o soldado que quebrou a tua louça. Tudo isto foi um plano para acabar com o teu orgulho e punir a arrogância com que me desprezaste.

Chorando amargamente ela disse:

— Eu fui injusta e má, portanto não sou digna de ser sua esposa.

Mas ele respondeu:

— Os maus dias já acabaram. Agora vamos celebrar o nosso casamento!

Vieram, então, as criadas e a vestiram com os mais preciosos trajes. Depois chegou o pai com toda a corte, a fim de apresentar-lhe congratulações pelo casamento com o rei Barba de Tordo e só então começou a verdadeira festa.

Nota

5 *Pássaro comum na Europa.*

O nabo

Era uma vez dois irmãos que serviam ambos como soldados. Um era bastante rico e o outro muito pobre. O pobre, para sair da miséria, tirou o uniforme e tornou-se camponês.

Lavrou e capinou bem o seu pedaço de terra e nela semeou alguns nabos. A semente germinou e brotou viçosa, mas um pé de nabo cresceu mais que os outros, tão grande e exuberante como nunca se vira. Aumentava a olhos vistos e não parava de crescer. Estava tão alto que se poderia chamá-lo o rei dos nabos, porque desse tamanho nunca se vira e jamais se verá.

Por fim, tornou-se tão grande que por si só enchia todo o carro, e para puxá-lo era necessária uma junta de bois. O camponês não sabia o que fazer com ele, e não podia imaginar se aquilo seria a sua sorte ou desgraça. E consigo mesmo raciocinava: “Se o venderes, quanto poderás ganhar? Comê-lo também é tolice, pois os nabos pequenos fazem o mesmo proveito; o melhor que tens a fazer é dá-lo de presente ao rei.”

Se bem pensou, melhor o fez. Carregou o nabo no carro, atrelou a junta de bois, levou-o ao castelo e deu-o de presente ao rei.

— O que é isto? — disse o rei admirado. — Já vi muitas coisas esquisitas, mas um monstro desta espécie nunca me foi dado ver. De que qualidade de semente terá ele nascido? Ou então é um milagre que acontece somente a ti por seres sortudo?

— Ah, não, Majestade! Não sou absolutamente sortudo. Não passo de um pobre soldado que, não aguentando a miséria em que estava, pendurou o uniforme no cabide e se tornou agricultor. Aliás, tenho um irmão que é muito rico. Esse, Majestade, vós o conheceis. Eu, porém, por ser muito pobre, sou ignorado por todos.

O rei sentiu pena dele e disse-lhe:

— Pois bem, vou tirar-te da miséria. Eu te darei tantas coisas que ficarás tão rico quanto teu irmão.

Então deu ao camponês um montão de moedas de ouro, deu-lhe campos, pomares e rebanhos, tornando-o tão rico que a fortuna do irmão não podia comparar-se à sua.

Quando o irmão veio a saber o que lhe rendera um único nabo, morreu de

inveja e começou a pensar num meio de conseguir também igual sorte. Na sua pretensão, porém, achou que devia fazer as coisas com maior esperteza. Então apresentou ao rei muito ouro e belos cavalos, não duvidando que receberia em troca presente bem maior, pois, se o irmão havia obtido tanto por um simples nabo, quanto não conseguiria ele por todas essas coisas tão preciosas?

O rei aceitou o presente. Mas disse-lhe que, em troca, não via coisa melhor e mais rara para dar-lhe do que o fabuloso nabo. Assim o rico foi obrigado a carregar no carro o nabo gigantesco de seu irmão e levá-lo para casa como presente do rei.

Em casa, não sabia em quem despejar a sua ira e despeito. Tão raivoso estava que foi assaltado por maus pensamentos e concebeu um triste projeto. Resolveu matar o irmão. Para levar a efeito esse plano, pagou alguns bandidos, mandando que ficassem de vigia em determinado lugar. Depois foi à casa do irmão e disse-lhe:

— Meu caro irmão, eu sei de um lugar onde há um tesouro oculto; vamos juntos cavar a terra para retirá-lo e depois repartiremos tudo entre nós dois.

O irmão concordou, longe de suspeitar de qualquer armadilha, prontificou-se a acompanhá-lo. Saíram de casa e quando já estavam longe, os bandidos o pegaram e, depois de o amarrar fortemente, pretendiam enforcá-lo no galho de uma grande árvore. Já se preparavam para fazê-lo quando ecoou ao longe um som de galope de cavalo. Os malvados, tomados de susto, meteram a presa dentro de um saco e içaram-no até ao galho da árvore; em seguida, fugiram a toda pressa.

Lá em cima onde se achava, o pobre homem tanto fez e mexeu que conseguiu abrir um buraco no saco. Pondo a cabeça para fora, viu que o cavaleiro não era senão um jovem estudante boêmio, o qual, montado no cavalo, vinha pela estrada, cantando alegremente a sua canção. O homem lá de cima, ao vê-lo passar, gritou:

— Seja bem-vindo! E bons olhos te vejam.

O estudante olhou para todos os lados, sem atinar de onde vinha aquela voz; enfim, perguntou alto:

— Quem me está chamando?

Do alto da árvore, o outro respondeu:

— Ergue os olhos! Estou aqui no alto, dentro do saco da sabedoria. Em curto espaço de tempo, aprendi aqui tais coisas que comparando-se a elas o que se ensina em todas as escolas não passa de ninharia. Daqui a pouco terei

aprendido tudo o que quiser. Então descerei e serei o homem mais sábio do mundo. Já conheço as constelações e os signos do céu, o soprar dos ventos, a areia do mar, a cura das enfermidades, a virtude das ervas, dos pássaros e das plantas. Se estivesses aqui dentro, tu também sentirias os aromas maravilhosos que se desprendem deste saco da ciência!

Ouvindo tais coisas, o estudante ficou maravilhado e disse:

— Bendita seja a hora em que te encontrei! Não poderia subir também e entrar no saco da sabedoria?

Como que a contragosto, o de lá de cima respondeu:

— Pedindo e rogando, poderás subir um pouquinho, mas tens de esperar ainda uma hora, pois falta-me ainda aprender uma coisa.

Depois de esperar certo tempo, o estudante cansou-se e pediu que o deixasse entrar no saco, porque sua sede de saber era muito grande. Então o de cima fingiu concordar.

— Para que eu possa sair da casa da sabedoria, tens de soltar a corda e descer o saco; assim, saindo eu, entrarás tu.

O estudante soltou a corda, desamarrou o saco e libertou o homem, dizendo:

— Anda depressa; agora, suspende-me.

E estava para entrar de pé no saco.

— Alto lá! — disse o outro. — Assim não vai.

Agarrou-o pela cabeça, meteu-o dentro de pernas para o ar, amarrou bem a boca do saco e com a corda içou o faminto discípulo da sabedoria. Deixou que balançasse um pouco no ar, depois disse:

— Como estás, companheiro? Acho que já começas a sentir como vem a sabedoria. É uma ótima experiência, verás! Fica aí quietinho até que te tornes mais esperto.

Em seguida, montou no cavalo do estudante e foi-se embora.

Porém, uma hora mais tarde, mandou alguém para tirar o estudante de lá e entregar-lhe o cavalo.

As três penas

Era uma vez um rei que tinha três filhos. Os dois primeiros eram sabidos e inteligentes, mas o terceiro era muito calado e simplório, tanto assim que era conhecido como João Bobo.

O rei estava já velho e adoentado e temendo um fim próximo achou que devia escolher qual dos três príncipes deveria subir ao trono depois de sua morte. Chamou os filhos e disse:

— Meus filhos, estou velho e doente. Quero garantir a sucessão ao trono. Viajem pelo mundo e aquele que me trouxer o mais fino e bonito tapete será o herdeiro do trono.

E, querendo evitar qualquer desavença entre eles, conduziu-os em frente ao castelo e soprou três penas para o ar, dizendo:

— Cada qual deve seguir o voo de uma dessas penas.

A primeira pena voou para oriente, a segunda para ocidente e a terceira voou um pouco para frente, mas caiu por ali mesmo. E assim um dos filhos seguiu para oriente, o outro para ocidente, rindo de João Bobo, que não tinha direção alguma a tomar e devia ficar ali mesmo, onde caíra a terceira pena.

Muito triste com sua pouca sorte, João Bobo sentou-se no chão, muito melancólico e, de repente, notou que perto da pena havia uma porta de alçapão; ergueu a tampa e viu que dava para uma escada. Desceu por essa escada e chegou diante de uma outra porta, na qual bateu três pancadinhas. Imediatamente soou uma voz, dizendo:

— Donzela verde e pequenina:
Vai depressa abrir a porta.
Deixa-me ver logo,
se quem está lá,
é o cãozinho Perna Torta!

Abriu-se a porta e João Bobo entrou. Ele viu a Rainha Rã, velha e gorda, sentada e em volta dela numerosas rãs pequeninas. A rainha perguntou ao príncipe o que desejava.

Ele respondeu:

— Estou à procura do mais belo e fino tapete do mundo.

A rainha chamou uma donzelinha e disse:

— Donzela verde e pequenina,
levanta-te sem demora
e vai depressa, bem depressa,
buscar minha caixa agora.

A rãzinha foi buscar a caixa, a rainha abriu-a e tirou de dentro dela um magnífico tapete, tão fino como não havia igual no mundo e deu-o a João Bobo. Este agradeceu o presente e tornou a subir pela mesma escada.

Enquanto isso, os dois irmãos maiores achavam que o caçula jamais conseguiria encontrar algo que prestasse e disseram:

— Para que preocuparmo-nos tanto a procurar!

Resolveram tomar à força um simples xale da primeira pastorinha que encontraram e levaram-no ao rei. Nisso chegou também João Bobo, com um precioso tapete. Quando o rei viu os três, não pôde deixar de encantar-se com a beleza do tapete do filho mais novo e exclamou:

— É de toda justiça que o trono pertença ao mais moço, pois foi ele quem trouxe o tapete mais fino e mais bonito.

Mas os filhos mais velhos protestaram e não deram sossego ao rei, dizendo:

— Meu pai, é um verdadeiro absurdo entregar a direção do reino a um bobo como nosso irmão. Pedimos que nos dê outra tarefa.

O pai, então, disse:

— Aquele que me trouxer o mais belo anel, esse será o herdeiro da coroa.

Levou novamente os filhos diante do castelo e soprou as três penas para o ar, dizendo que deviam segui-las. Os dois maiores, como da outra vez, foram um para oriente, outro para ocidente, enquanto que a pena de João Bobo, voando em frente, foi cair outra vez perto do alçapão. Ele, que já conhecia o caminho, desceu a escada, foi até a Rainha Rã, pedindo-lhe que o ajudasse a descobrir o mais belo anel do mundo. A rainha mandou buscar a caixa, de onde tirou um anel maravilhoso, todo cravejado de pedras preciosas, tão lindo que nenhum ourives seria capaz de fazer igual.

Entregou-o a João Bobo, dizendo:

— Eis aqui o anel mais belo, não encontrarás igual no mundo.

Os irmãos mais velhos seguiram rindo de João Bobo, certos de que o pobre iria procurar um simples anel de ouro e nem se preocuparam em procurar o que deviam levar. Simplesmente arrancaram um anel de uma velha carruagem e levaram ao rei. Quando chegaram ao palácio, chegou também João Bobo e os três, a um só tempo, apresentaram os anéis trazidos. O rei examinou-os e disse:

— Não há dúvida; o anel do mais jovem é o mais belo, portanto, o trono pertence-lhe.

Os mais velhos, porém, não se conformaram e tanto atormentaram o pai que este propôs uma terceira condição.

— Aquele que trouxer para casa a noiva mais linda, esse será o herdeiro do trono.

E, novamente, soprou para o ar as três penas, que voaram como das outras vezes. João Bobo foi pela terceira vez procurar a Rainha Rã, à qual disse:

— Tenho de levar para o palácio a noiva mais bela do mundo. Ajuda-me a encontrá-la.

— Ah! — disse a rainha. — Logo a mais bela do mundo! Ela não está aqui agora! Para qualquer outro seria dificílimo, mas para ti conseguiremos a noiva mais linda do mundo!

Deu-lhe em seguida uma cenoura oca, à qual estavam atrelados seis camundongos. João Bobo, muito desapontado e sem saber o que significava aquilo, disse:

— Que farei com isso?

A rainha respondeu:

— Pega uma das minhas rãzinhas verdes e ponha-a dentro da cenoura.

Ele pegou, ao acaso, uma dentre as que estavam do lado da rainha,

colocou-a dentro da cenoura amarela e imediatamente viu-a transformar-se na mais formosa dama do mundo, ao mesmo tempo que a cenoura se transformava num coche maravilhoso e os seis camundongos em seis belíssimos cavalos brancos. E lá se foi João Bobo na carruagem, na maior correria para o palácio, radiante de felicidade.

Logo chegaram também os irmãos que, não se dando ao trabalho de procurar uma noiva bonita, vinham acompanhados de duas simples camponesas encontradas ao acaso.

O rei, vendo as três moças, disse:

— O mais jovem continua em primeiro lugar, é a ele que cabe o trono.

Mas os filhos mais velhos não concordaram e continuavam a atordoar os ouvidos do pai com queixas e protestos.

— Não podemos permitir que João Bobo seja o rei!

E exigiram que fosse dada a preferência àquele cuja mulher pudesse saltar por dentro de um arco pendurado no teto, no centro da sala, pensando com seus botões:

"As camponesas estão habituadas a exercícios fortes e conseguirão facilmente, ao passo que um salto tão grande poderá matar a frágil donzela."

O rei concordou e tudo foi preparado para essa última e decisiva prova. Primeiro saltou uma das camponesas, mas tão desajeitada que caiu e quebrou o nariz. Depois saltou a outra e estatelou-se no chão partindo braços e pernas. Por fim, chegou a vez da linda donzela que viera com João Bobo. Com graça extrema e com a agilidade elegante de uma gazela, saltou através do arco com rara perfeição, sem quebrar coisa nenhuma.

E o rei disse:

— Agora chega de provas; o trono cabe de direito ao mais jovem. Está decidido.

Não demorou muito e o rei faleceu, então João Bobo subiu ao trono junto com a mais linda rainha do mundo. Foram muito felizes e tiveram muitos filhos, sendo o reino governado com grande prudência e sabedoria.

O camponesinho no céu

Era uma vez um pobre camponês, muito bondoso que ficou gravemente doente e morreu. Ele então foi para o Céu.

Na mesma época, morreu também um nobre muito rico que por sua vez também foi para o Céu.

São Pedro chegou com as chaves, abriu a porta e fez entrar o nobre. Ao que parece, não vira o pobre camponês e tornou a fechar a porta. E do lado de fora o camponês ouvia as grandes comemorações de alegria que se dirigiam ao nobre, acompanhadas com cantos e música.

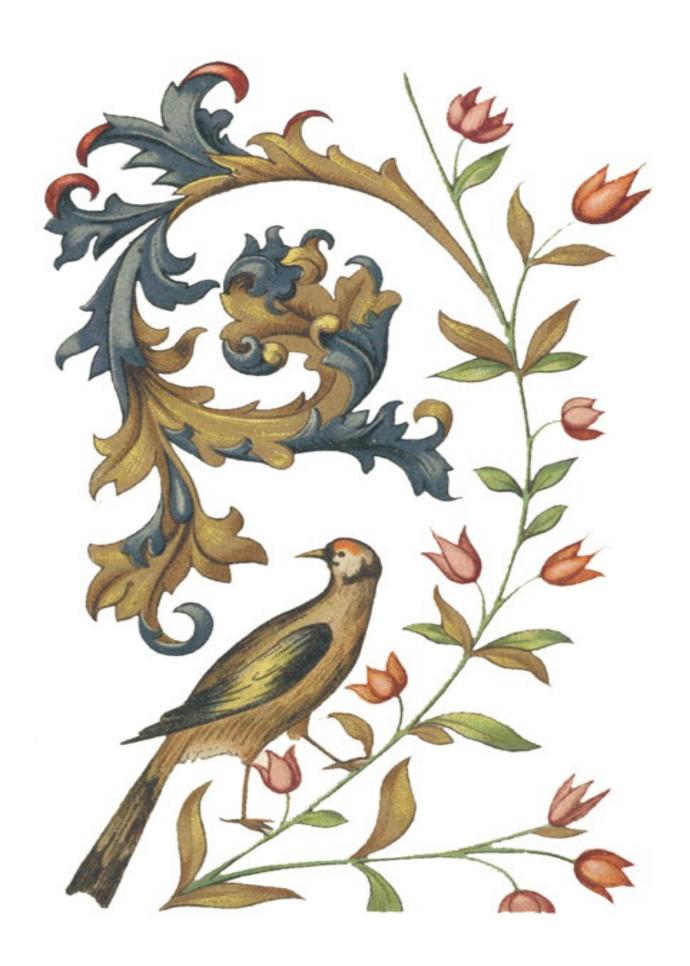
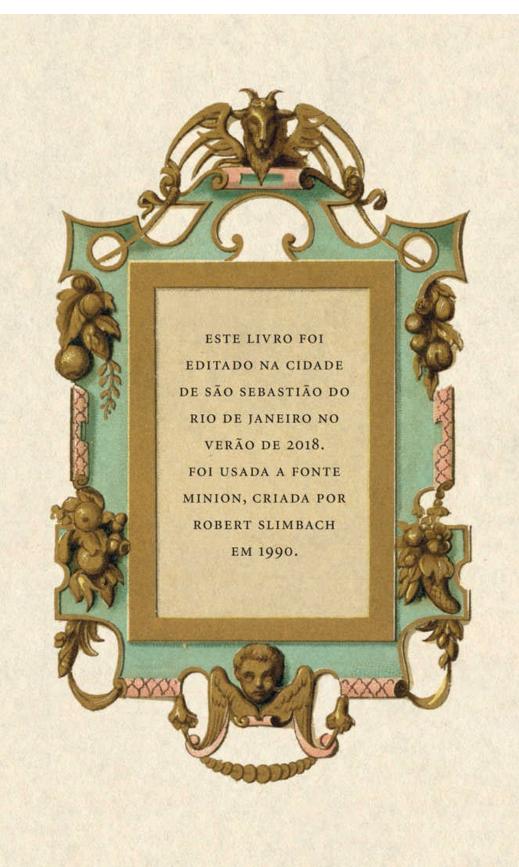
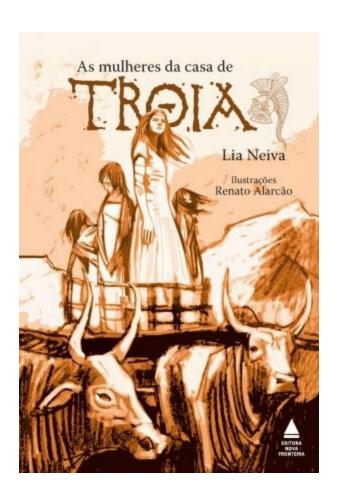
Por fim, voltou a reinar o silêncio. São Pedro veio abrir a porta e mandou entrar o pobre camponês. Este esperava que à sua entrada também se faria música e cantaria, porém, tudo permaneceu tranquilo.

Foi recebido, sim, com muito agrado, os anjos rodearam-no carinhosamente, mas ninguém cantou.

O camponês, magoado, perguntou a São Pedro a razão por que não cantavam para ele como tinham feito para o nobre, e se no céu reinava a injustiça como na terra.

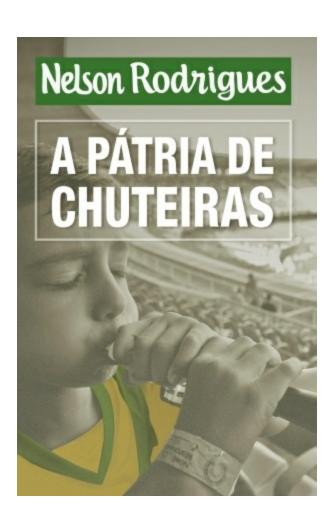
Então São Pedro explicou-lhe:

— Não, tu és tão caro para nós como todos os demais, e terá todas as delícias do céu como o nobre. Só que pobres camponeses como tu chegam todos os dias ao paraíso, ao passo que nobre tão rico chega um cada cem anos…

Sobre a
organizadora

Luciana Sandroni nasceu no Rio de Janeiro, em 1962. Formou-se em letras pela PUC do Rio de Janeiro e fez mestrado em comunicação e semiótica pela PUC de São Paulo. Já escreveu vários livros para crianças e jovens, como *Minhas memórias de Lobato*, que recebeu o prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil, e *Ludi na Revolta da Vacina*, laureado com o prêmio O Melhor para Crianças, da Fundação Nacional do Livro Infantil (FNLIJ). Foi indicada também para a lista de honra do Ibby, International Board on Books for Young People. Como roteirista, Luciana fez parte da equipe da nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, da Rede Globo.

ESTE LIVRO FOI
EDITADO NA CIDADE
DE SÃO SEBASTIÃO DO
RIO DE JANEIRO NO
VERÃO DE 2018.
FOI USADA A FONTE
MINION, CRIADA POR
ROBERT SLIMBACH
EM 1990.

As mulheres da casa de
TROIA
Lia Neiva
Ilustrações
Renato Alarcão
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE
CHUTEIRAS

Compre agora e leia

Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson
9788520938218
128 páginas

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

CLÁSSICOS ILUSTRADOS
LEON
TOLSTOI
O QUE É
ARTE?
A POLÊMICA
VISÃO
DO AUTOR DE
GUERRA
E PAZ
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

O que é arte?

Tolstói, Leon
9788520941188
248 páginas

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Compre agora e leia

Table of Contents